A expiação entre Deus e o Homem

ESTUDOS
NAS
ESCRITURAS

"O caminho dos justos é como a luz resplandecente, que brilha cada vez mais até o dia perfeito." SÉRIE V

A reconciliação entre Deus e o homem

"Há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus, que se entregou a si mesmo como o resgate por todos, para ser testemunhado no tempo devido." "Nós também nos regozijamos em Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, por quem agora recebemos a expiação." ***1º Timóteo 2:5,6***; ***Romanos 5:11***

Ao Rei dos Reis e Senhor dos Senhores

EM NOME

SEUS SANTOS CONSAGRADOS,

QUE AGUARDAM A ADOÇÃO,

—E DE—

“TODOS OS QUE, EM TODOS OS LUGARES, INVOCAM O SENHOR”, “A FAMÍLIA DA FÉ”,

—E DE—

A CRIAÇÃO QUE GEME, EM TRABALHO DE PARTO E À ESPERA DA MANIFESTAÇÃO DOS FILHOS DE DEUS,

ESTA OBRA É DEDICADA.

“Para que todos vejam qual é a comunhão do mistério que, desde o princípio do mundo, esteve oculto em Deus.” “No qual Ele nos abençoou abundantemente nós em toda a sabedoria e prudência, tendo-nos dado a conhecer o mistério da Sua vontade, segundo o Seu bom prazer, que Ele propôs em si mesmo; para que, na dispensação da plenitude dos tempos, Ele reunisse todas as coisas em Cristo." ***Ef 3,4-5.9; 1,8-10***

Escrito em 1899 pelo Pastor Russell

[Ei]

“**A reconciliação e e entre Deus e o** homem”

PREFÁCIO DO AUTOR

A PRIMEIRA EDIÇÃO deste volume foi publicada em 1899. Atualmente, ela está nas mãos de um grande número do povo de Deus, em várias línguas, por todo o mundo civilizado. Inúmeras cartas nos relatam a grande ajuda recebida de suas páginas na elucidação da Verdade Divina — na explicação da Bíblia. Alguns encontraram ajuda especial em um aspecto, outros em outro; e alguns em todos os aspectos. O capítulo intitulado “O Imaculado”, que trata da assunção de condições terrenas por nosso Senhor ao nascer como menino em Belém, atraiu atenção especial e foi considerado por muitos como um grande esclarecimento sobre diversos assuntos bíblicos e científicos.

Com um sistema de teologia que reconhece sua própria falibilidade e busca e espera orientação e iluminação divinas até o fim da jornada da Igreja, parece notável que este volume, escrito há 19 anos, exija poucas correções para estar em plena sintonia com as ideias mais recentes dos estudiosos da Bíblia a respeito dos ensinamentos da Palavra Divina.

O tema central deste volume é o preço do resgate. Aparentemente, essa doutrina, da qual irradiam todas as outras doutrinas relacionadas à nossa salvação, foi, em grande medida, perdida de vista e obscurecida desde o momento em que os apóstolos faleceram até hoje. Os estudiosos da Bíblia descobriram que o resgate é a chave que desvenda toda a Bíblia — que determina de imediato o que é verdade e o que é erro.

Não é surpreendente que, ao apreciarmos o assunto e estudá-lo tão cuidadosamente, nossos pontos de vista a respeito tenham se tornado cada vez mais claros. As declarações bíblicas a respeito do resgate não se alteraram de forma alguma, nem nossa confiança nelas mudou; mas elas estão mais claras; nós

[Eii]
como compreendemos melhor. Defendemos que as declarações bíblicas sobre o assunto são infalíveis, e que é justamente porque não somos infalíveis que nossas visões são passíveis de ampliação à medida que pesquisamos as Escrituras e somos guiados à compreensão delas, conforme prometido, pelo espírito santo. Não estamos contestando o Plano Divino de revelação gradual, mas nos regozijando nele. Não temos nada pelo que nos desculpar. O Resgate se apresenta diante de nós de forma cada vez mais grandiosa a cada novo raio de Luz Divina.

Agora vemos que nosso Senhor Jesus deixou a glória celestial para que pudesse realizar uma obra de resgate para Adão e sua raça. Vemos que Sua mudança de natureza, de um espírito para um ser humano, teve como objetivo capacitá-Lo a ser o preço do resgate — um homem perfeito por um homem perfeito — *Anti-lutron* — um preço correspondente. Agora vemos que Jesus se entregou para ser o preço do resgate por todos no momento de Sua consagração, aos trinta anos de idade, no Jordão. Ele continuou a dar o preço do resgate, isto é, a entregar Sua vida, o que, no tempo devido, constituiria o preço do resgate para o Pai Adão e sua raça. Ele concluiu essa obra de entregar Sua vida, de a render, de a sacrificar, de permitir que Lhe fosse tirada, quando, na cruz, clamou: "Está consumado!" Nada mais poderia ser entregue do que aquilo que ali foi entregue — o resgate, um preço correspondente, para o pai Adão. Mas esse preço não foi entregue como pagamento para saldar a dívida de Adão; caso contrário, Adão e toda a raça pecadora teriam sido entregues a Jesus naquele mesmo momento. O preço foi meramente depositado nas mãos da Justiça Divina como um depósito, a crédito daquele que havia morrido, para que Ele pudesse aplicá-lo posteriormente, em harmonia com o Plano Divino. Nosso Senhor Jesus foi ressuscitado dentre os mortos como um espírito de natureza divina, como recompensa por Sua fidelidade e lealdade a Deus ao entregar Sua vida terrena de forma sacrificial. "A Ele Deus exaltou soberanamente e deu um nome acima de todo nome."

Jesus não podia fazer uso algum do preço do resgate enquanto

[Eiii]
ainda estivesse na terra. Ele nem mesmo podia levar Seus discípulos à comunhão com o Pai. Por isso, declarou: "Subo para o meu Deus e para o vosso Deus, para o meu Pai e para o vosso Pai." Ele também declarou: "Se eu não for, o espírito santo não virá." Dez dias após a ascensão de nosso Senhor, Seus seguidores, tendo-se reunido conforme Sua orientação no cenáculo, receberam a bênção de Pentecostes — a evidência de que haviam sido aceitos pelo Pai por meio do mérito do sacrifício de Jesus. Jesus havia usado como *imputação* o mérito do resgate que Ele havia depositado nas mãos do Pai; mas Ele não o *concedeu* aos Seus discípulos. Não era para eles como uma posse, mas para o mundo — "um resgate para todos". Todos os discípulos de Jesus renunciaram à sua parte nas bênçãos do resgate que virão ao mundo na Segunda Vinda de nosso Senhor, para que possam ter parte com o redentor em uma bênção ainda maior — honra e imortalidade. O preço do resgate tem como objetivo trazer a Adão e à sua raça a vida terrena, os direitos e as honras terrenas que foram perdidos pelo pai Adão, quando, por desobediência, ele se tornou pecador, sendo que essa perda se estendeu a toda a sua família, a raça humana inteira. O momento de conceder os resultados do resgate, a saber, a restauração a Adão e à sua raça, será após a Segunda Vinda de nosso Senhor, quando Ele estabelecerá Seu Reino, destinado precisamente com o propósito de trazer de volta a raça rebelde à plena comunhão com o Pai e à vida eterna
— todos aqueles que assim o desejarem.

O chamado da Igreja não é para oferecer um preço de resgate adicional, nem para acrescentar algo ao que Jesus deu; pois o que Ele deu é suficiente. O convite da Igreja é demonstrar que seus membros têm o mesmo espírito e disposição que Jesus tinha, para fazer a vontade do Pai a qualquer custo — mesmo que isso signifique a morte; e aqueles que demonstrarem isso poderão ser aceitos pelo Pai como membros de um sacerdócio real, do qual Jesus é a Cabeça; como uma classe de Noiva, sendo Jesus o glorioso Noivo Celestial. É necessário que esses retornem a Deus sob uma aliança

igual ao que Jesus fez: “Reuni para Mim os Meus santos, aqueles que fizeram uma aliança comigo por meio do sacrifício.” ***Salmo 50:5***

Somente quando esses tiverem sido chamados, escolhidos, considerados fiéis e glorificados, chegará o tempo de Cristo e Sua classe da Noiva assumirem o controle do mundo para sua elevação; e somente então será apropriado que o Salvador transfira à Justiça Divina o mérito de Sua morte, que Ele colocou nas mãos do Pai como um depósito ao morrer, com as palavras: “Pai, nas Tuas mãos entrego o meu espírito” — minha vida e todos os seus direitos. Quando esse preço de resgate tiver sido formalmente entregue à Justiça no fim desta Era, ele não será mais um *depósito* à disposição do Salvador, mas terá sido trocado por Adão e sua raça, os quais serão imediatamente transferidos pelo Pai para o Filho, para que Seu Reino Milenar possa começar e todas as famílias da Terra sejam submetidas ao redentor, a fim de que Ele as eleve das condições de pecado e morte para tudo o que se perdeu em Adão — para tudo pelo que Jesus morreu a fim de recuperar para o homem.

Mas a classe da Igreja, em processo de seleção há quase dezenove séculos, não poderia constituir sacrifícios aceitáveis a Deus como o era seu redentor, Jesus, porque somente Ele era santo, inocente e imaculado — nós somos imperfeitos, pecadores, e Deus não aceita sacrifícios imperfeitos, manchados e pecaminosos. O que, então, poderia ser feito para nos tornar sacrifícios aceitáveis e permitir que nos associássemos a Jesus no plano espiritual? Foi feito o que era necessário — uma imputação do mérito de Jesus foi concedida pela Justiça Divina em favor de todos os que entrariam em uma aliança de sacrifício, e para os quais Jesus se tornaria o advogado ou o fiador. Essa imputação do mérito de Seu sacrifício à Igreja por parte de Jesus poderia ser comparada a uma hipoteca, ou a um ônus, sobre o sacrifício de resgate, o que impediria que ele fosse aplicado ao mundo até que sua aplicação à Igreja fosse concluída.

[Ev]

A aliança da Igreja consiste em sacrificar toda a sua vida e direitos terrenos, para que se tornem novas criaturas em Cristo e co-herdeiros com Ele no plano do espírito.

Foi com base nessa imputação de nossas futuras bênçãos da restauração e em nossa própria consagração pessoal ao Senhor que nosso Redentor, atuando como nosso grande Sumo Sacerdote e Advogado, nos trouxe para aquele relacionamento com o Plano do Pai que nos permitiu receber a geração do espírito santo e deixar de pertencer à família humana para nos tornarmos membros da família espiritual, da qual Jesus é a Cabeça. Toda a Igreja, portanto, participa com Jesus de uma obra de auto-sacrifício, na medida em que nos entregamos ao Senhor e Ele, como Sumo Sacerdote de Deus, nos oferece como parte de Seu próprio sacrifício. Assim, "completamos o que falta às aflições de Cristo". Assim, sofremos com Ele para que também possamos reinar com Ele. Somente quando todos os gerados pelo espírito tiverem passado à morte é que o mérito de Cristo — depositado nas mãos da Justiça quando Ele morreu e hipotecado em benefício da Igreja — será liberado dessa hipoteca e estará pronto para ser plenamente aplicado na redenção de Adão e de sua raça, nos termos da Nova Aliança.

Se estivéssemos escrevendo este volume novamente, faríamos aqui e ali pequenas alterações de expressão, em harmonia com o que aqui apresentamos. Pedimos aos nossos leitores que tenham isso em mente. As diferenças não são do tipo que nos permitam afirmar que as expressões no livro estejam erradas — simplesmente não são tão completas e claras quanto poderiam ter sido se a obra fosse escrita agora.

Para alguns comentários atualizados sobre a Nova Aliança, solicitamos aos novos leitores que consultem o prefácio do autor em "Estudos", Volume VI.

Seu servo no Senhor,
Charles T. Russell

Brooklyn, N.Y.,
1º de outubro de
1916

ÍNDICE ESTUDO I
O FATO E A FILOSOFIA

Ele constitui o fundamento da doutrina cristã do ponto de vista bíblico — Três visões sobre o assunto — A "visão ortodoxa", a "visão heterodoxa"; a visão bíblica, que une e harmoniza ambas — A teoria da evolução é antagônica à verdade sobre este assunto —A reconciliação da justiça divina já se cumpriu —A reconciliação da Igreja está em andamento —A reconciliação do mundo é futura —Os grandes resultados finais, quando o trono mediador e o reino forem desocupados 15

ESTUDO II
O AUTOR DA EXPIÇÃO

O Todo-Poderoso, Jeová — O Salvador dos pecadores, por meio de Cristo —"Digno é o Cordeiro"—"Aquele que existe por si mesmo"—O 'Eu Sou'—Uma tradição falsa—Baseada em falsificação—A unidade entre o Pai e o Filho demonstrada nas Escrituras—O uso bíblico da palavra Jeová e do título Senhor—A palavra Deus no Antigo Testamento—No Novo Testamento—O testemunho harmonioso da Bíblia—""Quem me viu, viu o Pai" — Ele não considerou roubo ser igual — "Para nós há um só Deus, o Pai, e um só Senhor, Jesus Cristo."..... 33

ESTUDO III
O MEDIADOR DA EXPIÇÃO, O UNIGÊNITO

"Quem é ele?" — O Logos, um Deus — O Unigênito de Jeová — O testemunho da Bíblia — "Aquele que era rico" — "Antes de Abraão existir, eu sou" — "O Primeiro e o Último" — "Jeová me possuía no princípio" — O Logos feito carne — não encarnado —Ele se humilhou — "Aquele que era rico por nossa causa tornou-se pobre" — Não há hipocrisia neste testemunho — A conduta de nosso Senhor não é enganosa — O Santo, Inocente, Imaculado, separado dos pecadores 83

ESTUDO III
O MEDIADOR DA EXPIÇÃO, O IMACULADO
Escrituras aparentemente conflitantes reconciliadas — A doutrina católica romana da Imaculada Conceição de Maria não se sustenta — O nascimento de Jesus separado dos pecadores é essencial para o desígnio divino — Caso contrário, nenhum resgate seria possível— As deduções mais recentes da ciência a respeito da união entre a vida e o protoplasma — O Logos feito carne — Nascido de uma mulher, mas imaculado — Como a mãe imperfeita pôde e de fato deu à luz o Imaculado — Esse mesmo princípio funcionando em outros aspectos do plano divino, conforme testificado pelas Escrituras.....97

ESTUDO V
O MEDIADOR DA EXPIÇÃO "FEITO SEMELHANTE AOS SEUS IRMÃOS" E "COMPASSIVO DE NOSSAS DEFICIÊNCIAS"
Quem são "seus irmãos" — Em que consistia essa semelhança — Como Ele foi tentado em todos os aspectos, assim como nós somos tentados, mas sem pecado — As tentações no deserto — Sua semelhança com as nossas — Algumas das quais "enganariam, se fosse possível, até mesmo os escolhidos"—Em que sentido nosso Senhor foi aperfeiçoado por meio dos sofrimentos — Embora fosse Filho, aprendeu a obediência — Como foi feito à semelhança da carne pecaminosa — Mas sem pecado — "Ele mesmo tomou sobre si nossas fraquezas" — Como foi "tocado".....107

ESTUDO VI
O MEDIADOR DA EXPIÇÃO: O FILHO DE DAVI E O SENHOR DE DAVI
Como o Filho de Davi — A genealogia de José por meio de Salomão — A genealogia de Maria por meio de Natã — Humilhar os altos, exaltar os humildes — De onde vem o título de Cristo como Senhor de Davi — Como Ele era tanto a raiz quanto o ramo de Davi — Significado de Seu título, "O Pai Eterno" — Como isso está garantido e como se aplica — Quem são os filhos de Cristo — A Igreja, Seus "irmãos"— Filhos do Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.....129

ESTUDO VII
O MEDIADOR DA EXPIÇÃO "O FILHO DO HOMEM"

O que esse título não significa — O que ele significa — Suas honras são indiscutíveis, não podem ser reivindicadas por ninguém mais — O Filho do Homem visto pelo mundo — A visão de Pilatos, a visão de Rousseau, a visão de Napoleão — Significado das afirmações: "Não havia nele beleza que nos fizesse desejá-lo"; e "Seu rosto estava tão desfigurado" — "O Mais Notável entre Dez Mil" — "Sim, Ele é Totalmente Amável." 149

ESTUDO VIII
O CANAL DA EXPIÇÃO: O ESPÍRITO SANTO DE DEUS

A ação do espírito santo — Agora e no milênio — Vários nomes descritivos do espírito santo: "Espírito do Amor", "Espírito da Verdade", etc. — Em contraste, o espírito profano: "Espírito do Erro", "Espírito do Medo", etc.—Pronomes pessoais aplicados—O significado da palavra espírito — "Deus é espírito" — "O espírito santo ainda não havia sido dado" — Dons do espírito — O poder transformador do espírito santo — O espírito em medida e sem medida
—"O Espírito do Mundo", o anticristo — A batalha entre este e o espírito santo — Lutas espirituais fora e dentro dos santos — O espírito que anseia pela inveja — Ensinados pelo espírito — O Paráclito, o Consolador — Ele os guiará a toda a verdade e à expiação plena — A supervisão do espírito permanece, mesmo após a cessação dos dons milagrosos 163

ESTUDO IX
O BATISMO, O TESTEMUNHO E O SELO DO ESPÍRITO DA RECONCILIAÇÃO

O batismo no espírito, único — em três partes — O significado desse batismo — "As chaves do Reino dos Céus" — Outro batismo no espírito prometido "sobre toda a carne" — Seu significado — Oração pelo espírito — O testemunho do espírito — Sua importância —Não há paz com Deus sem ele — Poucos sabem se o possuem ou não — "É algo que anseio saber" — Como reconhecer o testemunho do espírito — Diferenças na administração — O testemunho do espírito — "Santificados pelo espírito" — "Cheios do Espírito" — O selo do Espírito — "A promessa" que ele sela — Até o dia da libertação — A realização mais elevada a ser buscada — e mantida. 209

ESTUDO X
O ESPÍRITO DE UMA MENTE SÃ

O Espírito de Deus em Seu povo expulsa o espírito do medo — A humanidade em geral é desequilibrada mental e fisicamente — O sentido em que o espírito santo é o espírito de uma mente sã — As operações que produzem esse resultado — As evidências do espírito de uma mente sã. 249

ESTUDO XI
O ESPÍRITO SANTO DA RECONCILIAÇÃO: ANÁLISE DAS SUPOSTAS OBJEÇÕES

Passagens bíblicas aparentemente contraditórias examinadas — Não extingam o espírito — Não entristeçam o espírito santo — O espírito da verdade — O consolador — Cheios do espírito santo — Mentir ao espírito santo
—Tentar o espírito do Senhor — Pecado contra o espírito santo
—"O espírito disse" — "Pareceu bom ao espírito santo" — "Proibido pelo Espírito Santo" — "O Espírito Santo testifica" — "O Espírito Santo vos constituiu bispos" — O Espírito Santo como mestre — "Uma unção do Santo" — O Espírito intercede com gemidos — Como o Espírito repreende o mundo — "Nisto conhecereis o Espírito de Deus", distinguindo-o do "Espírito do anticristo"..... 263

ESTUDO XII
O ASSUNTO DA EXPIÇÃO — O HOMEM

O que é o homem? — A resposta "ortodoxa" — A resposta científica — A resposta bíblica — O corpo do homem — O espírito do homem — A alma humana — Confusão causada por traduções incorretas — A propagação das almas — O que é o "Sheol", o "Hades", para onde todas as almas vão, no intervalo entre a morte e a ressurreição? — As declarações bíblicas consideradas separadamente. 301

ESTUDO XIII
ESPERANÇAS DE VIDA ETERNA E A IMORTALIDADE GARANTIDAS PELA EXPIÇÃO

As sinceras expectativas ou esperanças da criação que geme — não são provas — As promessas e a realização da expiação, como provas
— Uma distinção e uma diferença — A alma humana é imortal, ou tem a esperança de se tornar imortal? — Os anjos são imortais? — Satanás é imortal? — A vida e a imortalidade reveladas pelo evangelho — As palavras gregas traduzidas como "imortal" e "imortalidade" nas Escrituras — Em que diferem a esperança da Igreja e a esperança para o mundo salvo 383

ESTUDO XIV
A NECESSIDADE DA EXPIÇÃO — A MALDIÇÃO
A "maldição" é um mal presente e não futuro — Onde e por que a desgraça se abateu sobre todos — Quando essa "ira" de Deus contra o pecado cessará — "Escapada" agora e no futuro — A expiação é necessária devido ao plano adotado por Deus — O homem como exemplo para os anjos e para as futuras criações 405

ESTUDO XV
"UM RESGATE PARA TODOS"
A ÚNICA BASE PARA A EXPIÇÃO
A expiação é impossível sem um resgate — Assegurada, mas não imposta — Tornar-se o Resgatador tornou-se um favor — O significado de "resgate" e "redimir" — Que resgate foi pago pelo homem? — A justificação pela fé, assim assegurada — "Vocês foram comprados por um preço" — Por quem? — De quem? — Com que propósito?—Como o amor cooperou com a justiça — O "resgate para todos" não foi revogado — Os direitos paternos do primeiro Adão foram adquiridos pelo segundo Adão — O resgate não é perdão — A morte do homem não é um resgate — Raciocínio falho das teorias universalistas — A justiça não é obrigada pelo resgate — O único nome — O método do mediador simbolizado em Moisés — O resgate, Substituição — Seria possível um plano diferente? 421

ESTUDO XVI
O MINISTÉRIO DA RECONCILIAÇÃO
OU DA EXPIÇÃO
Este ministério confiado ao sacerdócio real — Ungidos para pregar a expiação — Por que a boa nova não é apreciada — Os resultados deste ministério — Perseguição e glória — Como isso testa a fidelidade — Somente os fiéis poderão participar da obra futura da expiação 487

[E15]

ESTUDO I
O FATO E A FILOSOFIA DA
A expiação E

Ela está na base da doutrina cristã do ponto de vista bíblico — Três visões sobre o assunto — A "visão ortodoxa", a "visão heterodoxa"; a visão bíblica, que une e harmoniza ambas — A teoria da evolução é antagônica à verdade sobre este assunto
—A reconciliação da justiça divina já foi realizada—A reconciliação da Igreja está em andamento—A reconciliação do mundo no futuro—Os grandes resultados finais, quando o trono e o reino mediadores forem desocupados.

A doutrina da expiação constitui o próprio fundamento da religião cristã. Por ocupar, assim, o lugar mais importante na teologia, uma compreensão clara desse assunto é essencial, o que é geralmente reconhecido entre os cristãos. No entanto, a expiação, embora seja objeto de fé, é pouco compreendida; as diversas ideias e teorias a respeito dela são desconexas e vagas; e a fé construída sobre essas visões desconexas e vagas da doutrina fundamental deve, necessariamente, ser proporcionalmente instável, fraca e vaga. Ao contrário, se esse importante assunto for claramente compreendido, em toda a grandeza das proporções que lhe são atribuídas na Palavra de Deus, como o fundamento do plano divino de salvação, ele não apenas estabelecerá firmemente a fé, enraizando-a e fundamentando-a em princípios corretos, mas servirá como guia para distinguir entre verdade e erro em relação a todas as minúcias da fé. Quando o

[E16]
fundamento estiver bem estabelecido e claramente discernido, e cada elemento da fé construído sobre ele for mantido em exato alinhamento com o fundamento, toda a superestrutura da fé será perfeita. Como mostraremos mais adiante, toda doutrina e teoria pode ser submetida a essa pedra de toque, e sua proporção de ouro ou de escória será rapidamente determinada por meio dela.

Existem duas visões gerais da expiação:

(1) O que é conhecido como a visão ortodoxa, a saber, que o homem, como transgressor da lei divina, ficou sujeito à condenação divina — "sob a ira"; e que Deus, embora impedido pela Justiça de exonerar o pecador, providenciou uma redenção justa para ele e, assim, assegurou o perdão de seus pecados, por meio do sacrifício de Cristo. Toda essa obra de satisfazer as exigências da Justiça e tornar o pecador aceitável a Deus é denominada obra da expiação.

(2) O que é conhecido como a visão não ortodoxa da expiação (em certa época representada principalmente pelos unitaristas e universalistas, mas que recentemente vem se espalhando rapidamente e de maneira generalizada por todos os cantos da cristandade) aborda o assunto pelo lado oposto: ela pressupõe que não há exigência, por parte da justiça divina, de um sacrifício pela transgressão do pecador; ignora a ira de Deus representada em qualquer sentença especial de morte; ignora "a maldição". Defende que Deus busca e aguarda a aproximação do homem, sem colocar nenhum obstáculo no caminho, sem exigir a expiação pelo pecado do homem, mas exigindo meramente que o homem abandone o pecado e busque a justiça, e assim entre em harmonia com Deus — esteja *em união* com Deus. Por isso, essa visão é geralmente denominada *"Reconciliação*" e entende-se que significa harmonia com a justiça, independentemente dos métodos pelos quais a humanidade possa ser levada a esse estado: a expiação pelo pecado sendo considerada do ponto de vista da expiação pelo próprio pecador, ou então como perdão incondicional por parte de Deus. Desse ponto de vista, nosso Senhor Jesus e todos

[E17]
seus seguidores têm parte na reconciliação, no sentido de que ensinaram e exortaram a humanidade a se afastar do pecado e se voltar para a justiça, e não no sentido de oferta pelo pecado ou o resgate.

(3) A visão que aceitamos como bíblica, mas que tem sido amplamente ignorada pelos teólogos, abrange e combina ambas as visões acima mencionadas. A doutrina bíblica da expiação, como nos esforçaremos para mostrar, ensina claramente:

(a) Que o homem foi criado perfeito, à imagem de Deus, mas caiu desse estado por meio da desobediência deliberada e ficou sujeito à sentença da ira, "a maldição", e assim toda a raça humana tornou-se "filhos da ira". ***Ef 2:3***

(b) Embora Deus tenha executado com justiça contra sua criatura desobediente a sentença de sua lei — a morte — e isso sem misericórdia, por mais de quatro mil anos, ainda assim, misturado a essa justiça e fidelidade aos princípios da retidão, estava o espírito de amor e compaixão, que concebeu um arranjo substitutivo definitivo ou plano de salvação, pelo qual Deus ainda pudesse ser justo e cumprir suas leis justas contra os pecadores, e, ainda assim, ser o justificador de todos os que crêem em Jesus. (***Rom. 3:26***) Por meio desse plano, todos os condenados poderiam ser libertos da sentença sem qualquer violação da justiça, e com tal demonstração de amor, sabedoria e poder divinos que honraria o Todo-Poderoso e seria uma bênção para todas as suas criaturas, humanas e angelicais
— ao revelar a todos, de forma mais completa do que jamais se viu, a sabedoria e a graça de Deus, tão diversificadas. ***Efésios 3:10*** *Diaglott*

(c) Foi na execução desse programa de expiação perante a lei divina pela transgressão cometida pelo pai Adão que nosso querido redentor morreu, "como o resgate para todos, para ser testemunhado no tempo devido", ***1 Tim. 2:6***

(d) Mas o sacrifício pelos pecados não completa a obra da expiação, exceto no que diz respeito à satisfação da exigência da Justiça. Em virtude do resgate dado à Justiça, é feita uma transferência completa da conta do homem, e sua

[E18]
nesse caso, sua dívida, etc., é totalmente transferida para a conta do Senhor Jesus Cristo, que dá à Justiça a plena satisfação de suas reivindicações contra Adão e sua raça. Assim, Jesus, em virtude dessa "aquisição" com seu próprio sangue precioso, é agora, por consequência, o proprietário, o mestre, o "Senhor de tudo". ***Rom. 14:9***

(e) Um dos objetivos desse arranjo para Adão e sua raça foi a anulação de sua *sentença de morte*, a qual, enquanto permanecesse em vigor, impedia o Amor de qualquer esforço para recuperar os condenados, cujos privilégios de vida futura, sob quaisquer circunstâncias, estavam totalmente revogados — destruídos.

(f) Outro objetivo foi colocar a raça caída fora do alcance da Justiça divina e sob a supervisão especial de Jesus, que, como representante do plano do Pai, propõe-se não apenas a satisfazer as exigências da Justiça, mas também se encarrega da instrução, correção e restauração de tantos membros da raça caída quantos demonstrarem seu desejo de harmonia com a Justiça. Esses ele acabará por entregar à Justiça da lei divina, mas então tão aperfeiçoados a ponto de serem capazes de suportar suas exigências perfeitas.

(g) Embora, originalmente, a única influência separadora entre Deus e o homem fosse a *sentença* divina, agora, após seis mil anos de queda, degradação e afastamento de Deus por meio de obras perversas — e devido à ignorância, à superstição e às artimanhas do adversário — e porque o caráter e o plano divinos foram deturpados aos homens, constatamos que a mensagem de graça e perdão é ignorada. Embora Deus declare livremente, desde que o resgate foi aceito, que agora está pronto para receber os pecadores de volta à harmonia consigo mesmo e à vida eterna, por meio do mérito do sacrifício de Cristo, a maioria da humanidade, no entanto, demora a acreditar nas boas novas e, consequentemente, demora a aceitar as condições oferecidas. Alguns ficaram tão iludidos pelos sofismas de Satanás, pelos quais ele enganou todas as nações (***Apocalipse 20:3***), que não acreditam que exista um Deus; outros acreditam nele como um grande e poderoso adversário, sem amor nem compaixão, pronto e ansioso para atormentá-los

[E19]
por toda a eternidade; outros estão confusos pela confusão de relatos conflitantes que lhes chegaram, a respeito do caráter divino, e não sabem em que acreditar; e, buscando aproximar-se de Deus, são impedidos por seus medos e por sua ignorância. Consequentemente, na verdade, o número daqueles que até agora se valeram da oportunidade de aproximar-se de Deus por meio de Cristo é comparativamente pequeno — "um pequeno rebanho".

(h) No entanto, o sacrifício pelos pecados não foi para poucos, mas para os "muitos", "para todos". E faz parte do programa divino que aquele que redimiu a todos com seu próprio sangue precioso venha, por fim, a dar a conhecer a todos os homens, "a toda criatura", as boas novas de seu privilégio, sob a graça divina, de retornar à reconciliação com seu Criador.

(i) Até agora, apenas a Igreja tem sido beneficiada pela expiação, exceto indiretamente; mas o ensinamento das Escrituras é que essa Igreja constituirá um Reino sacerdotal, ou "sacerdócio real", tendo Cristo como o Sumo Sacerdote Real, e que, durante a Era milenar, essa classe do Reino Celestial, esse sacerdócio real, realizará plena e completamente para a humanidade a obra de remover a cegueira que Satanás, o erro e a degradação trouxeram sobre ela, e trará de volta à plena reconciliação com Deus todos aqueles que assim o desejarem, de todas as famílias da Terra.

(j) Em harmonia com isso está a afirmação do apóstolo de que nós, crentes, a Igreja, *recebemos* a expiação. A expiação foi realizada, no que diz respeito a Deus, há dezoito séculos, e isso para todos; mas somente os crentes a receberam no sentido de aceitar a oportunidade que a graça de Deus assim proporcionou — e o restante da humanidade está cego. "O deus deste mundo cegou as mentes dos que não crêem, para que a luz do glorioso evangelho de Cristo, que é a imagem de Deus, não lhes resplandeça." ***2 Coríntios 4:4***

(k) Em harmonia com esse pensamento está também a afirmação da

[E20]
Escritura, de que a primeira obra de Cristo em relação ao seu reinado milenar será amarrar, ou restringir, Satanás, para que ele não engane mais as nações durante mil anos (***Apocalipse 20:3***), bem como as numerosas declarações dos profetas, no sentido de que, quando o Reino de Deus for estabelecido na terra, o conhecimento do Senhor encherá toda a terra, como as águas cobrem o grande abismo, e ninguém precisará dizer ao seu próximo: "Conheça o Senhor" (***Hb 8,11***), bem como a súplica da Oração do Senhor: "Venha o teu Reino, seja feita a tua vontade na terra" — pois isso implica o que o Apóstolo declara expressamente: que Deus deseja que todos os homens sejam salvos e *cheguem ao conhecimento da verdade*. ***1 Tm 2,4***

(l) A expiação, em ambas as suas fases — a satisfação da Justiça e o restabelecimento da harmonia ou reconciliação com Deus de tantas de suas criaturas que, sob plena luz e conhecimento, se valerem dos privilégios e oportunidades da Nova Aliança — será concluída com o fim da Era Milenar, quando todos aqueles que, de forma deliberada e consciente, rejeitarem o favor divino, oferecido por meio de Cristo, "serão destruídos do meio do povo", com "uma destruição eterna, longe da presença do Senhor e da glória do seu poder" — uma destruição da qual não haverá esperança de recuperação por meio de futura ressurreição. ***Atos 3:23***; ***2 Tessalonicenses 1:9***

(m) Então, a grande obra da expiação estará concluída, e todas as coisas no céu e na terra estarão em harmonia com Deus, louvando-O por toda a Sua generosidade e graça por meio de Cristo; e não haverá mais morte nem mais gemidos, nem mais dor ali, porque as coisas anteriores terão passado — como resultado da obra da expiação, iniciada pela propiciação da Justiça por meio do sacrifício de nosso Redentor e concluída pela plena reconciliação de todos os que forem considerados dignos da vida eterna.

Por mais que se possa interpretar a palavra expiação, deve-se admitir que seu uso, no que diz respeito à relação entre Deus e o homem, implica

[E21]
uma dificuldade, uma diferença, uma oposição existente entre o Criador e a criatura — caso contrário, eles estariam em harmonia, e não haveria necessidade de uma obra de expiação, de nenhum dos dois pontos de vista. E é aqui, particularmente, que discernimos o conflito mortal que existe entre a Bíblia e a doutrina moderna da Evolução, a qual, especialmente nos últimos trinta anos, vem permeando a fé dos cristãos de todas as denominações e se manifesta de forma mais marcante nas escolas teológicas e nos principais púlpitos da cristandade.

A teoria da evolução nega a queda do homem; nega que ele alguma vez tenha sido à imagem e semelhança de Deus; nega que ele alguma vez tenha estado em condições adequadas para ser julgado perante o tribunal da Justiça rigorosa; nega que ele alguma vez tenha pecado nesse julgamento e que tenha sido condenado à morte. Ela afirma que a morte, longe de ser uma pena, não passa de mais um passo no processo de evolução; sustenta que o homem, em vez de cair da imagem e semelhança de Deus para o pecado e a degradação, vem elevando-se da condição de macaco para se tornar cada vez mais à imagem e semelhança de Deus. Os passos lógicos seguintes dessa teoria seriam, evidentemente, negar que pudesse haver qualquer justiça da parte de Deus em condenar o homem por ascender de um plano inferior para um superior e, consequentemente, negar que a Justiça pudesse aceitar uma oferta pelo pecado do homem, quando não havia pecado da parte do homem que exigisse tal oferta. Em consonância com esse pensamento, a teoria afirma que Cristo não foi uma oferta pelo pecado, nem um sacrifício pelos pecados — exceto no mesmo sentido, diriam eles, em que qualquer patriota poderia ser um sacrifício por seu país; ou seja, que Ele entregou sua vida para ajudar a elevar a raça humana a maiores liberdades e privilégios.

Mas constatamos que a Palavra de Deus contradiz de forma absolutamente categórica toda essa teoria, de modo que não é possível qualquer harmonia entre o ensinamento das Escrituras e o ensinamento da evolução — ciência falsamente chamada assim. Quem quer que acredite na teoria da evolução, nessa mesma medida descredita a teoria das Escrituras; e, no entanto, encontramos um número muito grande de cristãos

[E22]
lutando em vão e tentando harmonizar esses ensinamentos antagônicos. Na medida em que defendem a teoria da evolução, na mesma medida se afastam do único fundamento para a fé que Deus providenciou; na mesma medida estão preparados para novos erros, que o adversário certamente trará à sua atenção — erros apresentados com tanta força do ponto de vista da sabedoria mundana que, se fosse possível, enganariam até mesmo os escolhidos. Mas os próprios escolhidos terão "a fé que uma vez foi entregue aos santos"; os próprios escolhidos se apegarão à doutrina da expiação, conforme apresentada nas Escrituras; os próprios escolhidos estarão, assim, protegidos contra todos os aspectos e características da teoria da evolução: pois os próprios escolhidos serão instruídos por Deus, especialmente sobre essa doutrina da expiação, que constitui o próprio fundamento da religião revelada e da fé cristã.

As Escrituras testificam inequivocamente que Deus criou o homem à sua própria imagem e semelhança — mental e moralmente; que o homem, um ser terreno, era a imagem ou semelhança moral e intelectual de seu Criador, o espírito. Elas declaram sua comunhão com seu Criador no princípio; declaram que seu Criador o aprovou como sua obra e o declarou "muito bom", muito aceitável, muito agradável; mostram que a escolha entre a vida e a morte foi apresentada ao Adão perfeito e que, quando ele se tornou transgressor, foi um ato inteligente e deliberado, na medida em que se declara que Adão "não foi enganado". Elas declaram o início da execução da pena de morte. Registram o curso, ao longo dos séculos, da sentença de morte sobre a raça humana. Elas apontam como Deus revelou ao fiel Abraão seu propósito, sua intenção — não de imediato, mas mais tarde — de trazer uma bênção à raça que Ele declarou ter amaldiçoado com a sentença de morte. ***Gên. 1:31; 2:17; 3:23***; ***1 Tim. 2:14***; ***Gên. 12:3; 18:18; 3:17***

Como a maldição ou punição do pecado era a morte, as bênçãos prometidas implicavam vida após a morte, uma vida mais abundante: e a promessa feita a Abraão era de que, de alguma forma ainda não explicada, o Salvador que realizaria essa obra de bênção

[E23]
o mundo viria por meio da descendência de Abraão. As mesmas promessas foram, com maior ou menor clareza, reiteradas a Isaque, a Jacó e aos filhos de Israel. Os profetas também declararam que o Messias que viria seria um Cordeiro imolado, uma oferta pelo pecado, alguém que "derramaria sua alma até a morte", por nossos pecados, e não pelos seus próprios. E eles também retrataram o resultado de seu sacrifício pelos pecados, na glória e na bênção que se seguiriam; contando como, por fim, seu Reino prevalecerá e, como o Sol da Justiça, ele trará ao mundo o novo dia de bênção, vida e alegria, que dissipará as trevas, a melancolia e a tristeza da noite de pranto, que agora prevalece como resultado do pecado original, da queda e das tendências malignas herdadas. ***Isaías 53:10-12; 35; 60; 61***

O apóstolo Pedro, falando sob a inspiração do espírito santo, longe de nos dizer que o homem havia sido criado no nível de um macaco, que havia evoluído até seu atual grau de desenvolvimento e que, por fim, alcançaria a perfeição pelo mesmo processo de evolução, aponta, ao contrário, uma lição oposta, dizendo-nos que Cristo morreu por nossos pecados e que, como consequência da redenção realizada por seu sacrifício, chegarão, por fim, à humanidade, na segunda vinda de nosso Senhor, grandes tempos de renovação — os tempos da restauração de todas as coisas, que, ele declara, "Deus anunciou pela boca de todos os santos profetas desde o início do mundo". (***Atos 3:19-21***) Quem quer que pense que o apóstolo Pedro estava pregando uma doutrina da evolução, ao pregar o evangelho da restauração, deve ter fechado os olhos e suspendido o funcionamento de suas faculdades de raciocínio; pois se a condição original do homem fosse a de um macaco, ou se fosse qualquer coisa inferior à nossa condição atual, o apóstolo teria sido o mais tolo dos tolos ao apresentar, como uma grande esperança e perspectiva, *tempos de restauração*, já que restauração significa o retorno àquela condição que existia anteriormente.

Pelo contrário, as palavras do apóstolo estão totalmente em desacordo e em antagonismo com a teoria da evolução,

[E24]
e estão em estrita harmonia com a doutrina da expiação, da reconciliação e da restauração — em estrita harmonia com o ensinamento bíblico de que a humanidade foi vendida ao pecado, tornou-se escrava do pecado e sofreu a degradação do pecado, como resultado da desobediência original do pai Adão e de sua pena de morte. A restauração, as boas novas que Pedro pregou, implica que algo bom, grandioso e valioso foi *perdido*, e que foi *redimido* pelo precioso sangue de Cristo, e que será *restaurado*, como resultado dessa redenção, na segunda vinda de Cristo. E a referência do apóstolo aos profetas, declarando que esses tempos de restauração foram mencionados por todos os que eram santos, implica claramente que a esperança da restauração é a única esperança apresentada à humanidade por inspiração divina.*

Todos os apóstolos, da mesma forma, apontaram para o passado — para a queda da graça divina e para a cruz de Cristo como o ponto de reconciliação no que diz respeito à justiça divina — e para o futuro — para a Era milenar como o tempo em que toda a humanidade será abençoada com oportunidades de conhecimento e ajuda em *sua reconciliação com Deus*. Todos eles apontam a era atual como o tempo para a colheita da Igreja escolhida, a fim de se associar ao Messias (seu "sacerdócio real" e "povo peculiar") para cooperar com ele como sua "noiva", seu "corpo", na obra de conferir ao mundo as bênçãos da restauração asseguradas para eles pelo sacrifício consumado no Calvário.

Marcos as palavras do apóstolo Paulo nesse sentido: "Pela desobediência de um só homem, o pecado *entrou no* mundo" — e a morte como resultado do pecado; e assim a morte passou a todos os homens, pois [por causa do pecado herdado e das disposições pecaminosas] todos são pecadores. O apóstolo Paulo, evidentemente, não era mais evolucionista do que o apóstolo Pedro e os profetas. Observe a esperança que ele aponta como a própria essência do evangelho, dizendo: "Deus demonstra seu amor para conosco, em que, enquanto ainda éramos pecadores, Cristo *morreu por nós*; muito mais, então, estando agora *justificados pelo seu sangue*, seremos salvos da ira

[E25]
por meio dele." (***Rm 5,8-9***) Aqui está uma declaração específica de que a humanidade estava sob a ira divina; de que o poder salvador era o sangue de Cristo, o sacrifício que ele ofereceu em nosso favor; e de que esse sacrifício era uma expressão do amor e da graça divinos. O apóstolo prossegue mostrando a obra da expiação e a restauração que se seguirá como resultado, dizendo: "Assim como, por meio de uma única ofensa [a desobediência de Adão], a sentença recaiu sobre todos os homens para a condenação [a sentença de morte]; assim também, por meio de um único ato de justiça, o dom gratuito [a revogação da sentença] recaiu sobre todos os homens para a justificação da vida. Pois, assim como pela desobediência de um único homem [Adão] muitos se tornaram pecadores [todos os que estavam nele], assim também pela obediência de um único [Jesus] muitos [todos os que, em última instância, se valerão dos privilégios e oportunidades da Nova Aliança] serão constituídos justos." ***Rom. 5:12, 18, 19***

O mesmo apóstolo, em muitos outros de seus discursos magistrais e lógicos, apresenta a ideia de que a expiação, no que diz respeito a Deus, é algo do passado — concluída quando *"fomos reconciliados com Deus* pela morte de seu Filho", enquanto ainda éramos pecadores. (***Rom. 5:10***) Nisso, ele evidentemente não se referiu a uma obra realizada no pecador, reconciliando o pecador com Deus, pois ele afirma isso de maneira inversa e declara que foi realizada, não em nós, mas por Cristo por nós, *e enquanto éramos pecadores*. Observe também que, em vários de seus discursos eruditos e lógicos, ele aponta uma obra de bênção para o mundo, a ser realizada por meio da Igreja glorificada, sob Cristo, sua Cabeça divinamente designada, mostrando que ela consistirá em levar o mundo ao conhecimento da graça de Deus em Cristo, e que, *assim*, tantos dos redimidos do mundo quantos estiverem dispostos poderão retornar à reconciliação com seu Criador durante o Reino Milenar — uma restauração do favor divino perdido no Éden.

Como ilustração desse ponto, observe o argumento de ***Romanos 8:17-24***. Aqui, o apóstolo distingue claramente entre a salvação da Igreja e a subsequente salvação

[E26]
ou libertação do mundo, a "criação que geme". Ele chama a atenção para a Igreja como a futura co-herdeira com Cristo, que, se for fiel em sofrer com ele neste tempo presente, acabará por compartilhar de sua glória em seu Reino. Ele nos assegura que esses sofrimentos do tempo presente são insignificantes em comparação com a glória que será revelada em nós no futuro. E então ele prossegue dizendo que essa glória a ser revelada na Igreja após a conclusão de todos os seus sofrimentos é a base de todas as expectativas sinceras da criação que geme — cujos anseios e esperanças aguardam necessariamente a sua realização no tempo em que os filhos de Deus forem revelados ou manifestados.

Atualmente, os filhos de Deus não são revelados; o mundo não os conhece, assim como não conheceu o mestre; e embora o mundo, de fato, aguarde com uma vaga esperança uma era dourada de bênçãos, o Apóstolo ressalta que todas as suas sinceras expectativas devem aguardar o tempo em que a Igreja, os filhos de Deus, serão glorificados e se manifestarão como os reis e sacerdotes designados por Deus, que reinarão sobre a terra durante a Era Milenar, para a bênção de todas as famílias da terra, de acordo com as riquezas da graça divina, conforme revelado por Deus em sua promessa a Abraão, dizendo: "Na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra." ***Gálatas 3:8, 16, 29***

O apóstolo prossegue mostrando que a humanidade em geral, a criação terrestre inteligente, foi submetida à *fragilidade* ("vaidade") por hereditariedade, pela transgressão do pai Adão, de acordo com a providência divina; e, no entanto, não foi deixada sem esperança; pois, também sob o arranjo divino, foi providenciado um sacrifício pelos pecados, e foram tomadas medidas para que, em última instância, a humanidade em geral pudesse ser emancipada, libertada da escravidão do pecado e de sua pena, a morte, e pudesse alcançar a gloriosa liberdade (da doença, da dor, das tribulações, da tristeza), que é a liberdade de todos os que são filhos de Deus. Foi desse plano de filiação e dessa "liberdade" que a humanidade caiu por causa da desobediência, e para o mesmo

[E27]
plano de filiação humana ela terá o privilégio de retornar, como resultado da grande oferta pelo pecado no Calvário e da conclusão da obra da expiação nela, reconciliando-a com a lei divina pelo Redentor, como o Grande Profeta, o antítipo de Moisés. (***Atos 3:22,23***) O apóstolo também ressalta que a Igreja, que já recebeu a Expiação (aceitou o arranjo divino) e entrou em harmonia com Deus, e se tornou possuidora das primícias do espírito, no entanto, em razão das circunstâncias, também geme e aguarda sua parte na obra consumada da Expiação, em sua recepção completa do favor divino, a libertação do corpo de Cristo, a Igreja, na primeira ressurreição. ***Rom. 8:23-25***

Essas duas características da expiação — (1) a correção do erro e (2) a reconciliação dos separados — são demonstradas na proposta divina de uma Nova Aliança, cujo mediador é Cristo Jesus, nosso Senhor. Quando o pai Adão era perfeito, em completa harmonia com seu Criador e obediente a todos os seus mandamentos, havia uma aliança implícita entre eles, embora não formalmente expressa; o fato de que a vida em sua perfeição havia sido concedida ao pai Adão e que, além disso, lhe havia sido concedido domínio sobre todas as bestas, peixes e aves, e sobre toda a terra como território de seu domínio; e o fato adicional de que foi declarado que, se ele violasse sua fidelidade ao Grande Rei, Jeová, por meio da desobediência, perderia a vida e invalidaria todos aqueles direitos e bênçãos que lhe haviam sido conferidos — isso implicava, dizemos, uma aliança ou acordo por parte de Deus com sua criatura de que sua vida seria eterna, a menos que ele alterasse essa situação por meio da desobediência e atraísse sobre si uma sentença de morte.

A desobediência de Adão e sua pena de morte o deixaram totalmente desamparado, a não ser que o Todo-Poderoso providenciasse a recuperação da raça humana por meio da Nova Aliança; e a Nova Aliança, como o apóstolo ressalta, tem o mediador — Deus, de um lado, lida com o mediador, e não

[E28]
com o pecador; o pecador, por outro lado, lida com o mediador, e não com Deus. Mas antes que nosso Senhor Jesus pudesse se tornar o Mediador, Ele precisava realizar pela humanidade uma obra que, nesta figura, é representada como *o selamento* da Nova Aliança com seu próprio sangue precioso — "O sangue da Nova Aliança" (***Mt 26,28***; ***Marcos 14,24***; ***Hb 7,22; 9:15-20***). Ou seja, Deus, em justiça, não pode receber nem lidar com o pecador, seja diretamente, seja indiretamente por meio do mediador, a fim de conceder ao pecador a libertação da sentença de morte e a reconciliação com Deus, com a bênção que a acompanha, o dom da vida eterna — a menos que, primeiro, a Justiça divina seja lembrada e satisfeita. Foi por isso que nosso Senhor Jesus, ao pagar nossa pena com sua morte, tornou possível o selamento da Nova Aliança entre Deus e o homem, nos termos da qual todos os que se aproximam de Deus por meio dele, o mediador, são aceitos.

A reconciliação com Deus, a expiação com Ele, era impossível até que, primeiro, a redenção tivesse sido assegurada pelo precioso sangue, para que aquele que buscava a expiação pudesse aproximar-se de Deus, por meio do mediador da Nova Aliança: "Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim." (***João 14:6***) É por essa razão que o maior privilégio dos mais favorecidos da humanidade, antes do início do sacrifício de Cristo, era o de serem "servos" e "amigos" de Deus — a ninguém podia ser concedido o alto privilégio da filiação (com tudo o que isso implica de favor divino e vida eterna), e ninguém era assim reconhecido. (***João 1:12***; ***Mateus 11:11***) Assim, percebe-se que aqueles que ignoram os aspectos da expiação relacionados à oferta pelo pecado e à satisfação da justiça estão ignorando partes importantes e indispensáveis — aspectos primários e fundamentais. Mas não menos erram aqueles que, embora reconheçam o sacrifício de Cristo como o sacrifício da expiação para selar a Nova Aliança, ignoram uma obra de reconciliação para com os homens, pela qual estes devem ser trazidos, por meio da operação da Nova Aliança, de volta à harmonia com Deus.

[E29]

Nem essa obra da expiação, no que diz respeito à humanidade, pode ser realizada instantaneamente e pela fé. Ela pode começar em um instante e pela fé, e *a reconciliação* pode ser considerada realizada entre o pecador e o Todo-Poderoso por meio da fé; mas o alcance da reconciliação que Deus propõe é mais grandioso e mais elevado do que isso. Seu desígnio é que aqueles da raça humana que desejam retornar à reconciliação com Ele (e com Sua lei justa) sejam aceitos em termos teológicos por meio do mediador, mas não sejam plena e completamente recebidos (pelo Pai) enquanto forem de fato imperfeitos. Portanto, embora seja obra do mediador (Cabeça e "corpo") proclamar à humanidade o fato de que Deus providenciou uma oferta pelo pecado, por meio da qual Ele pode ser justo e, ainda assim, receber o pecador de volta à harmonia consigo mesmo, e que Ele agora está disposto a conferir a bênção da filiação e sua vida eterna e liberdade da corrupção, é também sua tarefa deixar claro para toda a humanidade que essa oferta de salvação é uma grande dádiva e deve ser prontamente aceita, e que seus termos nada mais são do que um serviço razoável; e, além disso, é tarefa do mediador, como representante do Pai, realizar a restauração efetiva — restituir a humanidade mental, moral e fisicamente — tantos quanto receberem seu ministério e lhe obedecerem. Assim, eventualmente, a obra do mediador resultará em uma *verdadeira reconciliação* entre Deus e aqueles a quem o mediador restaurará à perfeição.

Essa grande obra do mediador abrange toda a Era Milenar; é para esse propósito que o Reino do Messias será estabelecido na Terra, com todo o poder e autoridade: é para esse propósito que ele deve reinar, a fim de que possa suprimir toda influência maligna que impeça a humanidade de chegar ao conhecimento dessa verdade graciosa do amor e da misericórdia divinos; essa disposição sob a Nova Aliança, para que "quem quiser" possa voltar para Deus. Mas, enquanto o grande mediador assim receberá, abençoará e restaurará, nos termos da Nova Aliança, todos os que desejarem comunhão com Deus por meio dele,

[E30]
ele destruirá dentre o povo, com uma destruição eterna, todos aqueles que, sob as oportunidades favoráveis daquele Reino milenar, recusarem a oferta divina de reconciliação. ***Atos 3:23***; ***Mateus 25:41,46***; ***Apocalipse 20:9,14,15***;
Provérbios 2:21,22

O fim da era milenar chegará depois que ela tiver cumprido toda a obra de mediação para a qual foi concebida e designada. E ali cessará o ofício do mediador de Cristo, pois não haverá mais rebeldes, nem mais pecadores. Todos os que desejarem a harmonia com Deus a terão então alcançado em perfeição; e todos os pecadores obstinados, nessa altura, já terão sido excluídos da vida. Então se cumprirá a profecia de nosso Senhor de que todas as coisas no céu e na terra estarão louvando a Deus; e então se realizará a promessa divina de que não haverá mais morte, nem mais suspiros, nem mais choro, porque as coisas anteriores (condições) terão passado. ***Ap. 21:4***; ***Sal. 67***

Quando o grande Rei-Mediador entregar sua obra consumada ao Pai, cedendo seu ofício e seu reino, conforme explica o apóstolo (***1 Coríntios 15:24-28***), que resultados duradouros podemos esperar que a obra redentora do grande Mediador em favor da humanidade apresente?

Ela terá realizado:

(1) O selamento da Nova Aliança com seu próprio sangue precioso; tornando suas provisões graciosas acessíveis a toda a humanidade.

(2) A reconciliação, ou o restabelecimento da harmonia com Deus, de um "pequeno rebanho", um "sacerdócio real", zeloso pelas boas obras — disposto a dar a vida a serviço de Deus; que, por serem assim cópias de seu Salvador, terão, por disposição divina, o privilégio de ser seus co-herdeiros no Reino Milenar e participantes da natureza divina***.*** ***1 Pedro 2:9,10***; ***Tito 2:14***; ***Rom. 8:29***

(3) A reconciliação, a restauração plena, de uma Terra repleta de seres humanos perfeitos e felizes — toda a humanidade encontrada desejosa do favor divino nos termos divinos: esses o

[E31]
O mediador entrega ao Pai, não apenas plenamente restaurados, mas também plenamente instruídos em justiça e autocontrole, e cheios do espírito de lealdade a Deus, do espírito de santidade e dotados de seus frutos abençoados — mansidão, paciência, bondade, piedade — amor. Nessa condição, eles serão de fato irrepreensíveis e incensuráveis, e capazes de resistir a qualquer provação.

(4) A destruição de todos os demais da raça, por serem indignos de favor adicional — os que sobrecarregam a terra, cuja influência não poderia ser benéfica aos outros e cuja existência continuada não glorificaria seu Criador.

Assim, no final da Era Milenar, o mundo estará plenamente de volta ao favor divino, em plena união com Deus, assim como a humanidade estava representativamente em harmonia, em união com Deus, na pessoa de Adão, antes que a transgressão entrasse no mundo; mas, além disso, possuirá uma experiência extremamente valiosa com o mal; pois, por meio dela, terão aprendido uma lição sobre a pecaminosidade do pecado e sobre a sabedoria, o benefício e a conveniência da retidão. Além disso, também possuirão um aumento de conhecimento e o exercício mais amplo dos diversos talentos e habilidades que eram do homem originalmente na criação, mas em um estado subdesenvolvido. E essa lição será proveitosa, não apenas para o homem, mas também para os anjos santos, que terão testemunhado uma ilustração do equilíbrio entre a Justiça, o Amor, a Sabedoria e o Poder divinos, em uma medida que, de outra forma, não teriam podido conceber como possível. E a lição plenamente aprendida por todos, podemos presumir, permanecerá para sempre, aplicável a outras raças ainda não criadas em outros planetas do vasto universo.

E qual será o cerne dessa história, tal como será contada por toda a eternidade? Será a história do grande *resgate* consumado no Calvário e da expiação baseada no pagamento do preço correspondente, o que demonstrou que o Amor e a Justiça de Deus são exatamente iguais.

Tendo em vista a grande importância deste tema da expiação, e tendo em vista também o fato de que ele é compreendido de forma tão imperfeita pelo povo do Senhor, e tendo em vista,

[E32]
além disso, do fato de que erros cometidos em relação a outros assuntos impedem uma visão adequada desse importante tema, propomos, em sua discussão neste volume, abordar uma ampla gama de aspectos e investigar:

(1) Sobre Jeová, o Autor do plano da expiação.

(2) A respeito do mediador, por meio de quem o sacrifício da expiação foi realizado e por cuja intermédio todas as suas provisões graciosas devem ser aplicadas ao homem caído.

(3) A respeito do espírito santo, o canal ou meio por meio do qual as bênçãos da reconciliação com Deus são levadas à humanidade.

(4) A respeito da humanidade, em nome da qual esse grande plano de expiação foi concebido.

(5) No que diz respeito ao resgate, o centro ou ponto fulcral da expiação.

Ao abordar esses assuntos nesta ordem — que acreditamos ser a correta e lógica —, esperamos encontrar a declaração divina a respeito desses diversos temas tão clara, tão contundente e tão satisfatória a ponto de remover de nossas mentes grande parte da névoa, do mistério e dos equívocos que até agora obscureceram esse tema tão importante que é a expiação. Mas, para alcançar esses resultados desejáveis, não devemos abordar esses assuntos limitados por credos ou opiniões humanas. Devemos abordá-los livres de preconceitos, prontos, dispostos, sim, ansiosos por sermos ensinados por Deus; ansiosos por desaprender tudo o que até agora recebemos meramente por meio de nossas próprias conjecturas ou das sugestões de outros, que não esteja em harmonia com a Palavra do Senhor; ansiosos também por ter todo o conselho de Deus sobre cada aspecto desse assunto. A todos os que assim se aproximam, que assim buscam, que assim batem à porta, o grande Mestre abre o caminho, e “todos serão ensinados por Deus”. ***Isaías 54:13***

[E33]

ESTUDO II
O AUTOR DA EXPIÇÃO

O Todo-Poderoso, Jeová — O Salvador dos pecadores, por meio de Cristo

—"Digno é o Cordeiro"—"Aquele que existe por si mesmo"—O 'Eu Sou'—Uma tradição falsa—Baseada em falsificação—A unidade do Pai e do Filho demonstrada pelas Escrituras—O uso bíblico da palavra Je-hová e do título Senhor—A palavra Deus no Antigo Testamento—No Novo Testamento—O testemunho harmonioso da Bíblia—""Quem me viu, viu o Pai" — Ele não considerou roubo ser igual — "Para nós há um só Deus, o Pai, e um só Senhor, Jesus Cristo."

Jeová Deus reivindica para si a autoria do grande plano da expiação, que, como acabamos de ver, está em andamento; que teve início no Calvário e não se completará até o fim da Era Milenar, quando o Senhor Jesus Cristo, o mediador da expiação, entregará o domínio da Terra, restaurado e em plena subordinação ao Pai. Em harmonia com isso, há inúmeras declarações nas Escrituras; por exemplo: "Eu sou Jeová, teu Deus, o Santo de Israel, teu Salvador." Mais uma vez: "Eu sou Jeová e, além de mim, não há Salvador." E ainda: "Eu, Jeová, sou teu Salvador e teu redentor, o Santo de Jacó." E ainda: "Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, e não conhecerás outro Deus senão a mim; pois não há Salvador além de mim". Mais uma vez: "Ao único Deus sábio, nosso Salvador, seja glória e majestade, domínio e poder, tanto agora como para sempre. Amém". Mais uma vez: "Confiamos no Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens, especialmente dos que crêem." ***Isaías 43:3,11; 60:16***; ***Oséias 13:4***; ***Judas 25***; ***1 Timóteo 4:10***; ***Tito 1:3; 2:10***

Se esse pensamento fosse plenamente compreendido — de que o próprio Jeová, o Todo-Poderoso, é o Salvador, o Autor do grande plano de salvação e o executor do mesmo, por meio de seus

[E34]
e representantes —, isso livraria muitos de conceitos errôneos sobre a relação entre o Pai celestial e seu Filho celestial, no que diz respeito à salvação da humanidade. Isso não deixaria espaço para a visão quase blasfema da questão, defendida por um número considerável de cristãos professos; a saber, que o Pai celestial estava irado, buscando matar ou torturar o pecador humano, e que o Filho celestial, nosso Senhor Jesus, cheio de amor e misericórdia (que, segundo essa teoria, faltavam ao Pai), interveio e satisfez a malícia e a ira do Pai celestial ao receber o golpe da ira no lugar do homem; e que agora Jeová está apaziguado, meramente porque, sendo justo, não pode exigir das mãos do pecador, novamente, aquilo que já foi pago por meio do precioso sangue de Cristo. Quanto mais cedo essa terrível visão errônea da expiação for abandonada por aqueles que a defendem, melhores serão as perspectivas para seu progresso nas coisas espirituais — no conhecimento, na graça e no amor do Deus *verdadeiro*.

A visão correta do assunto nos mostra o Pai celestial perfeito em todos os atributos de nobreza de caráter: perfeito em sua justiça, de modo que a sentença justa de sua lei reta não pode ser infringida, nem mesmo por ele mesmo; perfeito em sabedoria, de modo que seu plano e disposição, não apenas no que diz respeito à criação do homem, mas também no que diz respeito à salvação do homem, à expiação, etc., fossem todos tão completos que nenhuma contingência ou falha pudesse surgir, nem qualquer necessidade de alteração do plano divino; como está escrito: "Eu sou o mesmo, não mudo, diz o Senhor", e: "Conhecidas são ao Senhor todas as suas obras, desde a fundação do mundo"; perfeito também em seu amor, maior do que o qual não poderia haver, e, ainda assim, esse amor em pleno equilíbrio e harmonia com os demais atributos divinos, de modo que só pudesse poupar o pecador em conformidade com o programa justo traçado pela sabedoria divina; perfeito também em poder, de modo que todos os seus bons propósitos, boas intenções, programa justo e desígnios amorosos, plenamente coordenados, sejam executados e tragam o

[E35]
resultado originalmente planejado; como está escrito: "A minha palavra que sai da minha boca não voltará para mim vazia; ela cumprirá o que me agrada e prosperará naquilo para que a enviei." ***Isaías 55:11***; ***Malaquias 3:6***; ***Atos 15:18***

Quando vemos, assim, do ponto de vista bíblico, que o próprio grande Jeová é o Autor da salvação que nos foi trazida por nosso Senhor Jesus, isso nos leva a honrar e amar de forma mais plena e adequada nosso Deus Todo-Poderoso, sem que isso diminua a honra, o amor e a estima com que devidamente reverenciamos nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo. Pois vemos no Filho Celestial a imagem do Pai Celestial e o reconhecemos como o "Mensageiro da Aliança", por meio do qual todas as bênçãos prometidas por Jeová devem ser trazidas à humanidade, e sem o qual nenhuma das bênçãos divinas é alcançável. Em harmonia com esse pensamento, de que nosso Senhor Jesus, em todas as questões, atua como *representante* do Pai, Jeová, na obra da salvação, observe as seguintes declarações das Escrituras:

"A bondade e o amor de *Deus, nosso Salvador,* para com os homens se manifestaram... Ele nos salvou pelo banho da regeneração e pela renovação do espírito santo, que derramou abundantemente sobre nós *por meio de* Jesus Cristo, nosso Salvador." ***Tito 3:4-6***

"*A Deus o exaltou* com a sua destra para ser Príncipe e Salvador, a fim de conceder arrependimento a Israel e o perdão dos pecados." ***Atos 5:31***

"Nós vimos e testemunhamos que o *Pai enviou o Filho* para ser o Salvador do mundo." ***1º João 4:14***

"Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, segundo a designação de *Deus, nosso Salvador,* e de Jesus Cristo, nossa esperança." ***1 Tim. 1:1***

"Isso é bom e agradável aos olhos de *Deus, nosso Salvador*... Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus." ***1 Timóteo 2:3,5***

Observe também as próprias palavras de nosso Senhor Jesus sobre esse assunto: "O Pai não enviou o Filho ao mundo para condenar

[E36]
o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por meio dele." ***João 3:17***

"Eu, por mim mesmo, nada posso fazer; como ouço, assim julgo."
João 5:30

"Assim como o Pai me enviou, assim também eu vos envio [discípulos]." ***João 20:21***

"Quanto àquele dia e àquela hora [em que o Reino dos céus será estabelecido], ninguém sabe, nem mesmo os anjos no céu, *nem o Filho*, mas somente meu Pai." ***Marcos 13:32***

"Os tempos e os momentos o Pai os reservou para si mesmo." ***Atos 1:7***

"As obras que faço em nome do meu Pai dão testemunho." ***João 10:25***

"Envio a promessa de meu Pai sobre vocês." ***Lucas 24:49***

"Eu vim em nome de meu Pai." ***João 5:43*** "Tudo o que eu digo, portanto, assim como o Pai me disse a mim, assim falo." ***João 12:50***

"Meu Pai é maior do que eu." ***João 14:28***

"Subo para meu Pai e vosso Pai, e para meu Deus e vosso Deus." ***João 20:17***

"Digno é o Cordeiro que foi imolado"

O próprio Senhor Jesus nos proporcionou, no último livro da Bíblia, "A revelação de Cristo, *que Deus lhe deu* para mostrar aos seus servos" (***Apocalipse 1:1***), uma imagem belíssima desse tema da expiação, ilustrando o plano geral da redenção do homem do pecado e de sua maldição. Isso se encontra em ***Apocalipse 5***. Lá, o Pai Celestial, o Ancião dos Dias, é mostrado sentado no trono celestial, e em sua mão um pergaminho escrito por dentro e por fora, selado com sete selos. Esse pergaminho, representando o plano divino, conhecido apenas pelo Pai, o próprio Jeová, foi mantido sob seu próprio poder — em sua própria mão — até que alguém se

[E37]
se mostrasse digno de conhecê-lo e se tornasse seu executor como agente e representante honrado de Jeová. A imagem simbólica prossegue mostrando que, até o momento em que nosso Senhor Jesus sofreu por nós no Calvário, "o justo pelos injustos, para que nos levasse a Deus", ninguém jamais havia sido considerado (provado) digno de assumir o plano divino e sequer compreender seu conteúdo.

Mas quando nosso Senhor Jesus *provou* sua lealdade ao Pai Celestial por meio de sua obediência — não apenas ao humilhar-se para assumir a condição humana a fim de sofrer a morte, mas também em sua obediência "até a morte" e, ainda mais, "até a morte [ignominiosa] na cruz" —, então e por meio disso ele se mostrou digno de toda confiança e fé. Como declara o apóstolo: *"Por isso* Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, tanto dos que estão nos céus como dos que estão na terra." (***Fil. 2:9-11***) É neste ponto que a imagem que estamos considerando (***Ap. 5:9-13***) mostra nosso Senhor Jesus como o Cordeiro que fora imolado, diante de quem se prestava reverência, e que foi proclamado: "Digno é o Cordeiro!" "Tu és digno de tomar o livro e de abrir os seus selos, porque foste imolado e, com o teu sangue, nos redimiste para Deus de toda tribo, língua, povo e nação." Assim nos é retratada a elevada exaltação do representante do Pai Celestial, o "Mensageiro [servo] da aliança". Por causa de sua humildade e completa submissão e obediência à vontade do Pai, ele é proclamado, a partir de então, o co-herdeiro do trono do Pai e, por disposição do próprio Pai, foi feita a proclamação por todas as hostes celestiais: "Digno é o Cordeiro que foi imolado *de receber* poder, riquezas, sabedoria, força, honra, glória e bênção"; e, finalmente, "toda criatura" compreenderá que Jeová exaltou grandemente seu Filho Unigênito, a ponto de associá-lo a si mesmo no Reino, e clamará em aprovação, dizendo:

[E38]
"A bênção, a honra, a glória e o poder sejam para Aquele que está sentado no trono [do universo — Jeová] e para o Cordeiro, para todo o sempre!" Não é de se admirar, então, que sejamos instruídos de que, a partir de então, todos os homens honrarão o Filho exaltado, assim como honram o Pai que assim o exaltou grandemente. ***João 5:23***

O apóstolo declara que a glorificação de Jesus fornece uma ilustração da lei divina: "Quem se humilha será exaltado". Mas observemos também, nessa imagem simbólica (v. 13), que a exaltação de nosso Senhor Jesus Cristo à glória, honra, poder e domínio não implica que o Pai Celestial abdique do trono do céu em seu favor, nem que o Pai e o Cristo sejam uma única pessoa, pois ambas as pessoas são reconhecidas, sendo ao Pai, como sempre, concedido o primeiro lugar em louvor e honra. E isso, mais uma vez, nos lembra as palavras de nosso Senhor: "Assim como o Pai me concedeu um reino, assim também eu concedo a vocês [meus discípulos] um reino." (***Lucas 22:29***) E novamente ele diz aos seus seguidores fiéis: "Ao que vencer, concederei que se assente comigo no meu trono, assim como eu também venci e me assentei com meu Pai no seu trono." ***Apocalipse 3:21***

Como mais uma evidência de que toda a obra da redenção é *do* Pai, embora por meio do Filho, observe a declaração do apóstolo de que Deus "nestes últimos dias nos falou por meio de seu Filho, a quem designou herdeiro de todas as coisas [prometidas], por meio de quem também criou os mundos, o qual...depois de ter purificado por si mesmo os nossos pecados, sentou-se à direita da Majestade nas Alturas [Jeová], tendo-se tornado muito superior aos anjos." E, novamente, ele declara a respeito dele: "Temos um Sumo Sacerdote assim, que está à direita do trono da Majestade dos Céus [Jeho-vá], ministro das coisas sagradas e do verdadeiro tabernáculo, que o Senhor [Jeová] ergueu, e não o homem". E novamente o mesmo apóstolo declara: "Este homem [nosso Senhor Jesus], depois de ter oferecido um único sacrifício pelos pecados para sempre, sentou-se à direita de Deus." (***Hb 1,2-4; 8,1; 10,12***) Mais uma vez ele nos exorta a continuar "olhando para Jesus, o

[E39]
Autor [iniciador] e consumador da nossa fé, que, pela alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e está sentado à direita do trono de Deus". Mais uma vez, ele nos exorta a considerar "*o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo*, o Pai da glória" e "qual é a grandeza incomparável do seu poder para conosco, que cremos, de acordo com a operação da força do seu poder, *que ele exerceu em Cristo*, quando o ressuscitou dentre os mortos e o colocou à sua direita nos lugares celestiais, muito acima de todo principado, potestade, poder, domínio e de todo nome que se nomeia, não apenas neste mundo, mas também no que há de vir, e submeteu todas as coisas aos seus pés". (***Hb 12,2***; ***Ef 1,17-22***) Mais uma vez, o apóstolo Pedro declara a respeito de nosso Senhor Jesus que ele "subiu ao céu e está à direita de Deus; anjos, autoridades e potestades lhe *estão sujeitos* [pelo Pai]". ***1 Pe 3,22***

Todas essas diversas passagens bíblicas indicam com a maior clareza a altíssima exaltação de nosso Senhor Jesus Cristo, como *recompensa do Pai* por sua maravilhosa obediência e manifestação do espírito de amor do Pai, no sacrifício de si mesmo em favor dos pecadores; mas elas não indicam que o Jesus fosse o Pai, nem que tenha sido exaltado para ocupar o lugar do Pai no trono celestial, ou no afeto e na adoração de suas criaturas inteligentes. Pelo contrário, elas mostram expressamente o Pai Celestial como superior em honra e poder, como o Benfeitor que, assim, glorificou e exaltou o Filho, colocando-o à sua direita — ou lugar de maior favor — e tornando-o participante do trono ou do domínio do reino celestial, com os anjos e todas as hostes do céu sujeitos a ele. De fato, tão forte é a linguagem às vezes empregada a respeito da elevada exaltação de nosso Senhor Jesus e da plenitude do poder que lhe foi concedido pelo Pai, que, em uma ocasião, o escritor inspirado considerou muito apropriado chamar a atenção para o fato de que nenhuma dessas afirmações sobre sua elevada exaltação implicava que ele fosse igual ao Pai nem superior a ele; por isso, ele diz, falando do reinado milenar de Cristo,

[E40]

"Ele [Cristo] deve reinar até que tenha subjugado todos os inimigos sob seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte. Pois ele [o Pai] colocou todas as coisas sob os pés dele [do Filho]. Mas quando ele [o Pai] diz: 'Todas as coisas estão sujeitas a ele [ao Filho]', *fica claro que ele [o Pai] está excluído, pois foi ele quem sujeitou todas as coisas a ele [ao Filho]*. E quando todas as coisas [terrenas] forem subjugadas a ele [o Filho], então o próprio Filho se sujeitará àquele [o Pai] que colocou todas as coisas sob ele [o Filho], para que Deus [o Pai] seja tudo em todos." ***1 Cor. 15:25-28***

"Aquele que existe por si mesmo"

O Deus Todo-Poderoso apropriou-se para si mesmo e declarou que seu nome é Jeová, o que significa "Aquele que existe por si mesmo" ou "O Imortal". Assim, lemos sua declaração a Moisés, dizendo: "Apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó com o nome de Deus Todo-Poderoso [o Deus superior ou mais poderoso], mas pelo meu nome Jeová não fui conhecido por eles." (***Êxodo 6:3***) Por esse nome, Jeová, Deus passou a ser reconhecido entre seu povo. O nome é usado centenas de vezes ao longo do Antigo Testamento, mas fica, em grande parte, oculto ao leitor em inglês devido a um erro dos tradutores, que o traduziram como "SENHOR". Ele pode, no entanto, ser reconhecido facilmente, pois é sempre impresso em letras maiúsculas pequenas quando usado para traduzir seu nome sagrado, Jeová.

Assim, no primeiro Mandamento dado a Israel, o Senhor disse: "Eu sou Jeová, teu Deus... não terás outros deuses [poderosos] diante de mim [meus iguais]... pois eu, Jeová, teu Deus, sou um Deus zeloso." ***Êxodo 20:2-5***

Mais uma vez, Moisés declara: "Ouve, ó Israel: Jeová, nosso Deus, é *um só* — Jeová; e amarás a Jeová, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças." (***Dt 6,4-5***) E esta é justamente a passagem das Escrituras que o próprio Jesus elogiou como a verdadeira

[E41]
essência da verdade. Quando questionado a respeito do maior mandamento, ele disse, citando essa passagem: "Amarás o Senhor [Jeová], teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente; este é o primeiro e maior mandamento." (***Mateus 22:37, 38***) Mais uma vez lemos: "Eu sou Jeová; esse é o meu nome; e a minha glória [honra] não darei a outro." (***Isaías 42:8***) E que o contexto não passe despercebido, pois essa declaração categórica de que o nome Jeová é exclusivamente o do "Pai das Luzes, em quem não há variação" segue-se imediatamente à sua proclamação profética do Messias como o Filho-servo honrado e escolhido de Jeová, dizendo:

"Eis o meu servo, a quem *sustento*; o meu escolhido, em quem a minha alma se deleita; sobre ele coloquei o meu espírito. Ele trará justiça às nações... Ele não falhará nem desanimará até que tenha estabelecido a justiça na terra; e as ilhas aguardarão a sua lei. Assim diz Deus, Jeová: Eu, Jeová, te chamei em justiça e te segurarei pela mão, e te guardarei, e te darei como aliança para o povo, como luz para as nações; para abrir os olhos dos cegos, para tirar os prisioneiros da prisão [morte] e os que estão nas trevas da casa de cativeiro. Eu sou o Jeová: ESTE É O MEU NOME." ***Isaías 42:1-8***

O Nome Jeová Aplicado Exclusivamente ao Pai da Glória

Às vezes, alega-se que o nome Jeová é aplicado nas Escrituras ao nosso Senhor Jesus e, portanto, que não é o nome distintivo e especial do Pai Celestial. Isso é um equívoco; mas, para o benefício de todos, examinaremos aqui as passagens que alguns supõem apoiar essa alegação. Mostraremos que elas não contradizem as escrituras anteriores, que declaram ser esse o nome próprio e especial do grande "EU SOU".

[E42]

(1) O texto principalmente invocado para provar que Jeová pode ser corretamente considerado o nome de Cristo Jesus diz: "Levantarei a Davi um Renovo justo, e um Rei reinará e prosperará, e executará juízo e justiça na terra. E este é o nome pelo qual ele será chamado:
O SENHOR, NOSSA JUSTIÇA". ***Jer. 23:5,6***

Evidentemente, trata-se de uma referência ao nosso Senhor Jesus e ao seu reinado milenar; e o nome em hebraico é *Jeová-Tsidkenu*. Qual é a explicação? Simplesmente esta: os tradutores, em seu zelo por encontrar um trecho em que o nome Jeová fosse associado a Jesus como um nome, nos deram uma tradução inadequada. Não haveria dificuldade alguma se tivesse sido traduzido como: "Este é o nome com o qual ele será chamado: *Nossa Justiça de Jeová*." E quão apropriado é esse nome para a obra e o ofício de nosso Senhor Jesus. Ele não se apresentou como o representante da justiça de Deus e sofreu a pena da justiça como o resgate do homem — para que Deus pudesse ser justo e, ainda assim, o justificador daquele que crê em Jesus? Certamente nenhum nome poderia ser mais apropriado.

Não se deve ignorar que esse mesmo nome, precisamente *Jeová Tsidkenu*, aparece novamente nos escritos do mesmo profeta. Mas nossos amigos nunca chamam a atenção para isso, e os tradutores, embora o traduzam pelas mesmas palavras em inglês, não colocam essas palavras em letras maiúsculas, como no outro caso. Por quê? Porque o contexto mostra que *Jeová Tsidkenu* será o nome de toda a Igreja, a Nova Jerusalém; "E este é o nome com que ela será chamada [*Jeová Tsidkenu*], nossa Justiça de Jeová." ***Jer. 33:16***

E que esse nome será apropriado para a Igreja glorificada, todos podem ver facilmente: ela não apenas compartilha dos sofrimentos de seu Senhor pela justiça, "completando o que falta às aflições de Cristo" (***Col. 1:24***; ***1 Pe. 5:9***), mas também tem a promessa de participar de todas as glórias de seu Senhor, assim como uma esposa compartilha das honras e *do nome* do marido: da mesma forma que a Igreja leva o nome de Cristo como membros do corpo de Cristo. ***Ap. 3:12; 19:7; 21:9***

[E43]

E esses não são os únicos casos em que o nome Jeová é usado para formar *outro* nome. Observe que o monte no qual Abraão ofereceu Isaque e onde Deus lhe providenciou um carneiro para sacrifício em substituição a Isaque foi chamado por ele de Monte da Providência de Jeová — *Jeová-Jiré*. (***Gênesis 22:14***) Moisés batizou um altar que construiu *de Jeová-Nissi,* ou Bandeira de Jeová. (***Êxodo 17:15***) Gideão construiu um altar e o chamou de *Jeová-Shalom* — A Paz de Jeová. (***Juízes 6:23, 24***) Ezequiel profetizou sobre uma cidade que viria, cujo nome seria *Jeová-Shammá* — A Maravilha de Jeová — ***Ezequiel 48:35***.

(2) Sugere-se que, quando se registra que Jeová apareceu a Abraão (***Gênesis 18:1***) e, novamente, a Moisés (***Êxodo 3:3-15***), deve ter sido Cristo Jesus em sua condição pré-humana; e, portanto, que o nome seria o dele. Respondemos que tal raciocínio é infundado: que, se o nome fosse aplicado a outra pessoa, isso indicaria apenas que tal servo era altamente estimado por Jeová e realmente tratado, para a ocasião, como um administrador ou representante — comissionado a exercer poder divino também. Em ***Êxodo 3:2***, somos claramente informados de que aquele que representava Jeová e usava seu nome mais distinto, "Eu sou", era "o *anjo* [mensageiro] de Jeová". Que esse *mensageiro* honrado era "o Verbo" de ***João 1:1***, nosso Senhor Jesus em sua condição pré-humana, não questionamos nem por um momento. Mas o mensageiro mais elevado e honrado não deve ser confundido com aquele a quem ele representa, em cujo nome ele fala e cujo poder ele exerceu e conferiu a Moisés.

(3) ***Isaías 40:3*** refere-se à missão de João Batista: "Preparai o caminho de Jeová"; e nos pedem para considerar isso uma prova de que Jesus é apenas outro nome para Jeová. Mas, mais uma vez, respondemos: Não é assim! Jesus foi, de fato, o servo honrado de Jeová e seu *representante* entre os homens no sentido mais pleno; mas ele mesmo declara: "O Pai me enviou"; "Como ouço, assim julgo"; "Por mim mesmo nada posso fazer"; "O Pai é maior do que eu". E devemos acreditar

[E44]
no mensageiro. O fato é que, como já demonstramos*, João Batista apenas prenunciou um Mensageiro maior, a saber, toda a Igreja Cristã na carne; a qual, por sua vez, dará as boas-vindas ao Cristo, cabeça e corpo, em glória espiritual, e a obra desse Cristo glorificado ainda será mais um passo na mesma grande obra de preparar o caminho do Senhor e tornar glorioso o lugar dos seus pés. E essa obra, quando concluída no final do milênio, será o cumprimento pleno dessa profecia. Veja ***1 Coríntios 15:24-28***; ***João 6:57; 5:30; 10:28***.

(4) Nosso Senhor Jesus é mencionado pelo apóstolo como "o Senhor da Glória" (***1 Coríntios 2:8***), e nos pede-se que consideremos isso uma prova de que ele é o Pai, Jeová, porque este último, em ***Salmos 24:7-10,*** é chamado de "Rei da glória". Respondemos que argumentos tão frágeis como esse provam apenas a fraqueza da teoria que pretendem sustentar. Nosso Senhor Jesus será de fato majestoso, um Rei da Glória, quando, durante a Era Milenar, ele empunhar o cetro da terra em nome e poder de Jeová: mas o mesmo apóstolo inspirado mostra claramente, na mesma epístola em que declara Jesus como "o Senhor da glória", que, quando seu Reino atingir seu mais alto grau de glória, ele será entregue ao Pai, "que colocou todas as coisas sob ele [o Filho], para que ele [o Pai] seja tudo em todos".

(5) Em duas das descrições proféticas do Reino Milenar de Cristo, está declarado: "Nos últimos dias acontecerá que o monte [reino] da casa de *Jeová* será estabelecido no cume dos montes [superepondo-se a outros reinos]... e muitos povos dirão: Vinde, subamos ao monte [reino] de Jeová...e ele nos ensinará os seus caminhos, e andaremos nas suas veredas... E ele julgará entre as nações." ***Isaías 2:2-4***; ***Miqueias 4:1-3***.

Considera-se que, uma vez que Cristo reinará, julgará e possuirá o Reino durante o milênio, o nome Jeová

---

*Vol. II, Cap. 8.

[E45]
aqui deve ser considerado como o nome de Cristo. Nós respondemos: Não é assim! Não se deve esquecer que todas as bênçãos provêm do Pai, embora todas sejam *por* meio do Filho. (***1 Coríntios 8:6***) E assim nosso Senhor Jesus nos ensinou, em sua oração modelo, a dizer: "Pai nosso que estás nos céus... Venha *o teu Reino*, seja feita *a tua vontade,* assim na terra como no céu." (***Mt 6:10***) Isso também é demonstrado nas passagens (***Miqueias 4:8***) em que o Cristo ("cabeça" e "corpo" — a Nova Jerusalém) é referido como a "Torre do rebanho", a quem caberá o primeiro domínio — perdido por Adão no Éden, redimido por Jesus no Calvário.

(6) "Belém Efrata... de ti sairá para mim aquele que será governante em Israel; cujas origens são *desde os tempos antigos, desde a eternidade*." (***Miqueias 5:2***) Essas palavras nos são apresentadas como provas de que Jesus era Jeová — desde a eternidade até a eternidade — porque Moisés declarou: "Jeová... desde a eternidade até a eternidade, tu és Deus." ***Salmos 90:1,2***

Respondemos que isso equivale a exigir que se tire uma inferência irracional — contraditória não apenas em relação às centenas de ocorrências do uso do nome Jeová em outras escrituras, mas também em relação ao contexto em que essas palavras se encontram. Continuando a leitura até ***Miqueias 5:4***, encontramos esta afirmação sobre o Messias: "Ele se levantará e apascentará [o rebanho de Jeová — ***Salmo 23:1***] na força de Jeová; *na majestade do nome de Jeová, seu Deus*."

Nada poderia ser mais explícito sobre o assunto. O que, então, significam as palavras de ***Miqueias 5:2***? Respondemos que elas podem ser bem compreendidas assim: "Cujas origens foram [preditas] desde a antiguidade, desde a eternidade [sua vinda e sua condição de Messias foram planejadas e providenciadas no plano divino]".

(7) Somos remetidos à profecia do Reino Milenar em ***Isaías 25:6-9*** e convidados a considerar isso uma prova de que o nome *Jeová* é aplicável ao nosso Senhor Jesus: pois ali está declarado que — "No monte [reino], *Jeová* dos Exércitos preparará para todos os povos um banquete de iguarias

[E46]

... Ele destruirá a morte para sempre; e meu Senhor *Jeová* enxugará as lágrimas de todos os rostos."

Não, respondemos. Isso está longe de ser uma prova disso. Devemos observar, de fato, que nosso Senhor, o Cristo glorificado, é apresentado como o orador, e sua obra na era milenar é resumida brevemente no primeiro versículo deste capítulo: "Ó Jeová, meu Deus; eu te exaltarei [honrarei], louvarei o teu nome". Esse será o resultado do reinado milenar e, ao seu término, todas as coisas estarão novamente sujeitas a Jeová, cujo poder, operando em Cristo, colocará todas as coisas sob ele. O Messias vem à Terra como o poderoso servo e vice-regente de Jeová, Emanuel, "Deus conosco". Essa visão é corroborada de forma absoluta pelo apóstolo Paulo, que, após citar essa profecia e apontar para seu cumprimento na destruição da morte adâmica durante o milênio, diz: "Graças a *Deus, que nos dá a vitória* [libertação — triunfo] *por meio de* nosso Senhor Jesus Cristo." ***1 Coríntios 15:57***

(8) Pede-se que consideremos como prova de que o nome Je-hová pertence propriamente ao nosso Senhor Jesus o fato de que ele é chamado de — Maravilhoso, Conselheiro [ou guia, ou modelo milagroso], Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz. ***Isaías 9:6***

Examinaremos o significado completo dessa passagem mais adiante, limitando-nos a observar, neste contexto, que nada nela nos justifica a aplicar o nome Jeová ao nosso adorável Senhor e Mestre, Jesus. Observe, no entanto, que, se tal tivesse sido a intenção, não se poderia ter encontrado lugar melhor do que este para acrescentar o nome Jeová entre os outros títulos. Mas, pelo contrário, o versículo seguinte declara: "O zelo de Jeová dos Exércitos cumprirá isso [a profecia]".

Versículo 7

(9) "Diga às cidades de Judá: Eis o seu Deus! Eis que o meu Senhor [*Adonai*] Jeová virá com mão forte; e o seu braço governará por ele... Ele apascentará o seu rebanho como um pastor." ***Isaías 40:9, 10, 11***

Dizem-nos que aqui certamente há uma passagem em que nosso

[E47]
O redentor é chamado pelo grande nome Jeová. Mas respondemos: Não — ele é aqui chamado de "braço" de Jeová, assim como em outros lugares: o poderoso Braço de Jeová "*governará por* ele", até que tenha subjugado toda autoridade e poder que se opõem a Jeová e à sua lei justa — até que tenha levado o julgamento à vitória: até que tenha tornado glorioso o lugar dos pés de Jeová (a terra, seu escabelo) — e tenha entregado o Reino a Deus, o próprio Pai. ***1 Coríntios 15:24-28***; ***Mateus 12:20***

Outros exemplos em que nosso Senhor Jesus é profeticamente representado como o "braço direito" ou a força de Jeová são:

"Quem creu na nossa pregação? E a quem foi revelado o BRAÇO de Jeová? [Poucos reconhecem o Braço do Senhor nesta era — 'não muitos grandes', etc.] Ele é
desprezado e rejeitado pelos homens." ***Isaías 53***; ***João 12:38***

"As ilhas esperarão em mim, e no meu BRAÇO confiarão." ***Isaías 51:5,9***

"Jeová revelou seu BRAÇO santo aos olhos de todas as nações [ao estabelecer seu Reino]; e todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus." ***Isaías 52:10***

"Seu [de Jeová] BRAÇO trouxe salvação para ele, e
o redentor virá a Sião e àqueles que se afastam da impiedade em Jacó, diz Jeová." ***Isaías 59:15-20***

(10) Em ***João 12:41*** lemos: "Essas coisas disse Isaías [em grego, Isaías], quando viu a sua glória e falou dele." Pede-se que admitamos que isso provavelmente se aplica a ***Isaías 6:1***. Respondemos que acreditamos que sim: mas observe que a palavra hebraica traduzida como *"Senhor"* nesse versículo não é *Je-hová,* mas *Adonai*; nossa argumentação atual é que o nome Je-hová não se aplica propriamente a ninguém, exceto ao Pai Celestial — embora possa ser aplicado aos seus mensageiros especiais enquanto eles falam ou agem por ele representativamente em seu nome.

Tampouco contestamos que *Adonai* seja, às vezes, usado como um dos muitos títulos do Pai Celestial. Afirmamos que, neste texto, ele não se aplica ao Pai, mas ao Filho. Da mesma forma

[E48]
a mesma palavra *Adonai* é usada ao se referir a Cristo e ao seu reino milenar no ***segundo Salmo (4-9)***: "O Senhor [*Adonai*] zombará deles. Então lhes falará em sua ira e os perturbará em seu profundo descontentamento... O Senhor [**Jeová**] me disse: 'Tu és meu Filho; hoje eu te gerei'."

Mas alguém talvez possa alegar que *Adonai,* de ***Isaías 6:1,*** deve se referir à mesma pessoa que *Jeová,* dos versículos 3 e 5. Respondemos: Não é assim: o "Mensageiro da Aliança", o representante de Jeová, poderia muito bem ser saudado com louvor em nome do Pai a quem ele representava. Observe novamente que, no versículo 8, não é *Jeová* quem transmite a mensagem, nem quem pronuncia o julgamento, mas *Adonai*; pois o Pai "confiou todo o julgamento ao Filho". ***Mateus 23:34, 36, 38***; ***João 5:22, 27***

Podem ser citados outros exemplos de referências ao nosso Senhor Jesus em *estreita conexão com* o nome *Jeová*, bem como outra palavra usada no hebraico, mas traduzida também como *"Senhor"* em nossas Bíblias da Versão Comum. Observe a declaração de Malaquias: "Eis que enviarei o meu mensageiro, e ele preparará o caminho diante de mim; e o Senhor [*Adon*, da mesma raiz que *Adonai*], a quem buscais, virá de repente ao seu templo, sim, o Mensageiro da aliança, em quem vos deleitais; eis que ele virá, diz o Senhor [Jeová] dos Exércitos...Ele purificará os filhos de Levi e os refinará como ouro e prata, para que possam oferecer ao Senhor [*Jeová*] uma oferta de justiça." ***Ml 3,1-4***

Outra referência conhecida desse tipo é encontrada no nobre Salmo Messiânico, que declara: "Tu és mais belo do que os filhos dos homens; a graça transborda dos teus lábios; por isso Deus te abençoou para sempre...Teu trono, ó Deus, é para todo o sempre; o cetro do teu reino é um cetro de justiça. Tu amas a justiça e odeias a iniquidade; por isso Deus, *o teu Deus*, te ungiu com o óleo da alegria acima dos teus companheiros." Em seguida, a Igreja é referida como a filha do Pai e como a noiva, a esposa do Cordeiro, e é exortada a reverenciar o

[E49]
como seu Senhor — "Assim o Rei desejará grandemente a tua beleza; pois ele é *o* teu *Senhor* [*Adon* — não Jeová] e adora-o." ***Salmos 45:2-11***; ***Hebreus 1:8,9***; ***1 Coríntios 11:3***; ***Efésios 5:23***; ***João 5:23***

(11) Pede-se que consideremos a declaração de Isaías (***8:13, 14***) como prova de que o nome Jeová é adequadamente aplicável ao nosso Senhor Jesus. Ela diz: "Santificai o próprio Jeová dos Exércitos; e que ele seja o vosso temor, e que ele seja o vosso pavor." A ênfase é colocada no versículo seguinte, que, sem especificar *quem*, declara: "Ele será uma pedra de tropeço e uma rocha de escândalo para ambas as casas de Israel". Não podemos admitir isso como prova; pois, muito pelo contrário, o contexto mostra uma terceira parte (além de Jeová e do Profeta), a saber, nosso Senhor Jesus, que diz: "Guardai o testemunho, selai a lei entre meus discípulos. E eu esperarei no **Senhor**... Eis que eu e os filhos que o Senhor me deu." ***Isaías 8:16-18***; compare com ***Hebreus 2:13***.

(12) ***O Salmo 110*** é citado como prova de que nosso Senhor Jesus é chamado de *Jeová* nas Escrituras. Respondemos que nenhum argumento poderia ser mais forçado ou mais falso. Pelo contrário, ele prova exatamente o contrário. *"Jeová* disse a *Adonai*: 'Senta-te à minha direita, até que eu faça dos teus inimigos o escabelo dos teus pés... *Adonai,* à tua [de Jeová] direita, ferirá", etc. Mais uma vez: *"Jeová* jurou e não se arrependerá: 'Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque'***". Salmo 110:1, 4, 5***

Quem não consegue perceber que aquele a quem se refere foi exaltado à direita de Jeová — ou à posição de maior favor — e feito sacerdote de uma nova ordem, certamente está *cego* por seu preconceito. Remetemos, no entanto, tais pessoas à própria interpretação e aplicação que nosso Senhor fez dessas palavras a si mesmo, revelando-se como o *Adon*, o Senhor de Davi, exaltado por seu Senhor, Jeová. ***Mateus 22:44, 45***

O apóstolo Pedro, falando sob a influência do espírito santo no Pentecostes, fez a mesma aplicação dessas palavras. E o apóstolo Paulo também se refere a elas com significado semelhante. ***Atos 2:34***; ***Hb 1:13; 10:12,13***

[E50]

(13) Visto que nosso Senhor Jesus é reconhecido como o Grande Mestre, alega-se que ele cumpriu a profecia — "Todos os teus filhos serão ensinados por *Jeová*." (***Isaías 54:13***) Em resposta e por contradição, remetemos às próprias palavras de nosso Senhor Jesus. Ele citou exatamente essas palavras do Profeta em seu discurso e mostrou claramente que não era nem afirmava ser o Jeová dessa profecia. Suas palavras foram: "Está escrito nos profetas: 'E todos serão ensinados por Deus. Todo aquele, portanto, que ouviu e *aprendeu do Pai*, vem a mim." ***João 6:45***

O próprio Pai, o grande Jeová, não é apenas o grande legislador, mas também o Grande Mestre de sua própria lei. Seu próprio grande plano para a salvação humana ainda será visto por todos os seus filhos inteligentes como contendo as mais grandiosas exemplificações possíveis de Justiça, Amor e Sabedoria em combinação, e ainda assim cada uma perfeita e inviolável.

Nosso Senhor Jesus foi e ainda é o Grande Mestre dos homens por designação do Pai Celestial, o grande mestre acima de todos. E isso é precisamente o que nosso querido Redentor afirmou e ensinou. Não declarou ele publicamente que seus ensinamentos eram sobre coisas que já havia aprendido com o Pai?, dizendo: "Falo o que vi junto ao meu Pai." "Minha doutrina [ensino] não é minha, mas daquele que me enviou. Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá se a doutrina é de Deus ou se eu falo por mim mesmo... Aquele que busca a glória *daquele que o enviou*, esse é verdadeiro." "A palavra que ouvís não é minha, mas do Pai que *me enviou*." "Eu lhes dei a *tua* palavra." "Eles guardaram a *tua* palavra." "Santifica-os na *tua* verdade; a *tua* palavra é a verdade." ***João 7:16-18; 8:38; 14:24; 17:6, 14, 17***

Da mesma forma, nosso Senhor designou mestres especiais sob sua autoridade, os apóstolos; e ainda outros na igreja para serem mestres e subpastores do rebanho do Senhor, instruindo-os: "Pastoreiem minhas ovelhas"; "pastoreiem meus cordeiros". "Cuidem de si mesmos e de todo o rebanho, sobre o qual o espírito santo os constituiu bispos, para apascentarem a Igreja de Deus, que ele adquiriu com o sangue do seu próprio [Filho Amado]."

[E51]
(***Atos 20:28***) No entanto, nenhum desses mestres deveria ensinar doutrinas *próprias*, que seriam apenas "sabedoria deste mundo". Todo o povo de Deus deveria ser instruído por *Jeová*, e ninguém pode ser verdadeiro mestre a não ser que apresente aos homens as palavras, o plano e o caráter de Jeová como padrões de verdade e excelência. Ao fazer isso, eles necessariamente chamam a atenção para "as doutrinas de Cristo" e "as doutrinas dos apóstolos", todas as quais não passavam de expressões e inculcações da grandiosa e eterna lei do Pai.

Ao contrário de alguns que hoje se autodenominam mestres, nem nosso Senhor Jesus nem seus apóstolos tentaram ou alegaram *originalidade*. Observe as humildes palavras de nosso Senhor Jesus, das quais nada poderia ser mais belo: "Eu nada faço por mim mesmo, mas, *assim como meu Pai me ensinou*, assim falo." (***João 8:28***) Podemos nos surpreender que alguém tão humilde e tão leal a Jeová pudesse receber e tenha recebido uma honra e um poder tão grandes — tendo sido tão altamente exaltado à direita do Pai? E de que as lições assim *ensinadas* a nosso Senhor Jesus foram bem *aprendidas* por ele, temos o testemunho inspirado: "Embora fosse Filho, *aprendeu* a obediência pelas coisas que sofreu." ***Hb 5:8***; ***Fp 2:8***

Além disso, o Senhor mostrou, por meio dos profetas, que Jesus, o Grande Mestre designado pelo Mestre dos Mestres, Jeová, seria ele próprio instruído por Jeová; e para que pudesse tornar-se "um Sumo Sacerdote misericordioso e fiel" para a humanidade, e fosse considerado digno de ser "o Capitão da nossa salvação", era necessário que ele fosse *aperfeiçoado em experiências* por meio das coisas que sofreu. (***Hb 2:9, 10***) Observe com que clareza as seguintes profecias declararam, muito antes, que nosso Senhor seria *instruído* por Jeová, *aprenderia* bem as lições e manifestaria amor pela lei e obediência ao Legislador:

"Meu Senhor Jeová [*Adonai Jeová*] me deu a língua do sábio [instruído], para que eu soubesse falar uma palavra oportuna ao que está cansado; ele desperta-me manhã a manhã, desperta meu ouvido para ouvir como o sábio [instruído]. Meu Senhor Jeová [*Adonai Jeová*] abriu meu ouvido, e eu não fui rebelde, nem

[E52]
me desviei [de seus ensinamentos]. Entreguei minhas costas aos que me feriam e minhas bochechas aos que me arrancavam os cabelos; não escondi meu rosto da vergonha e dos cuspes." ***Isaías 50:4-10***; ***Mateus 26:67; 27:26,30***; ***Isaías 53:11***

Ouça ainda sobre este assunto a palavra do testemunho do Senhor a respeito da preparação de nosso Senhor Jesus para o grandioso ofício de Sumo Sacerdote Real para a humanidade:

"O espírito de Jeová repousará sobre ele — o espírito de sabedoria e entendimento, o espírito de conselho e de poder, o espírito de conhecimento e de temor [reverência] a Jeová; e o tornará perspicaz no temor [reverência] a Jeová: de modo que ele não julgará segundo o que vêem os seus olhos"; pois ele foi tocado por um sentimento de nossas fraquezas e, portanto, está mais apto a socorrer todos os que se aproximam de Deus por meio dele — sua Igreja agora, e mais tarde o mundo, durante seu Reino milenar. ***Isaías 11:1-10***; ***Hebreus 2:18***

Mais uma vez, profeticamente, o Messias é representado dizendo: "Tu *me mostrarás* [farás com que eu tenha conhecimento do] caminho da vida." "Abençoarei *a Jeová*, que me deu conselho." Essas expressões ocorrem em passagens citadas pelos apóstolos como aplicáveis ao nosso Salvador, "o homem Cristo Jesus". (***Salmos 16:7-11***) Assim se confirma, por meio da profecia, a afirmação do evangelista: "E a criança [Jesus] crescia e se fortalecia no espírito [mente], *cheia de sabedoria*; e a graça [bênção] de Deus estava sobre ela... Jesus **crescia em** *sabedoria*, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens." ***Lucas 2:40, 52***

Tendo examinado os textos bíblicos mais contundentes apresentados sobre o assunto, estamos confiantes de que as Escrituras não autorizam o uso do grande nome Jeová como apelativo para qualquer outro ser que não seja nosso Pai Celestial: estamos confiantes de que elas restringem seu uso e proíbem sua aplicação a outro.

Todos podem ver a adequação da decisão do Todo-Poderoso de que Ele seja reconhecido como o centro da autoridade, da sabedoria, da justiça, do amor e do poder; pois essa é a verdade, e qualquer outra coisa seria falsidade e, nessa medida, maligna e prejudicial.

[E53]
E vimos, nas citações anteriores das próprias palavras de nosso Senhor, e das palavras dos Apóstolos, a quem Ele instruiu especialmente de boca a boca e inspirou após o Pentecostes com o espírito santo, que nenhum deles jamais deu a entender que o Pai Celestial e o Filho Celestial fossem uma única *pessoa*, nem que fossem iguais em glória e em poder — como é declarado, sem autoridade divina, nos credos e catecismos dos homens.

No entanto, o Pai Celestial não demonstrou ciúme da grandeza de seu grande Servo Principal, o "Mensageiro da Aliança em quem vós vos deleitais"; pelo contrário, Ele o exaltou grandemente para que fosse o segundo a Ele em dignidade e em poder. Escutai as palavras do próprio Senhor Jesus: "O Filho nada pode fazer por si mesmo, a não ser o que vê o Pai fazer; pois tudo o que o Pai faz, isso também o Filho faz da mesma forma. Pois o Pai ama o Filho e lhe mostra tudo o que ele mesmo faz; e lhe mostrará obras maiores do que estas, para que vos maravilheis. Pois, assim como o Pai ressuscita e dá vida aos mortos, assim também o Filho dá vida a quem quer. Pois o Pai não julga a ninguém, mas entregou todo o julgamento ao Filho: para que todos honrem o Filho, *assim como honram o Pai*. Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou." ***João 5:19-23***

Somente quando tivermos bem clara em mente a declaração bíblica a respeito do grande Autor do plano da expiação, Jeová, e percebermos a distinção entre ele e seu honrado Servo, "o Unigênito do Pai", seu "Filho Amado", na obra da expiação, é que estaremos devidamente preparados para compreender a filosofia da expiação. É em grande parte devido à confusão de pensamento a respeito do Pai e do Filho que muitos cristãos estão profundamente confusos quanto à expiação e, portanto, correm o risco de perder a fé nessa doutrina fundamental e da maior importância da revelação divina.

O apóstolo Paulo apresenta a questão da relação

[E54]
entre o Pai e o Filho no que diz respeito à nossa redenção de forma muito clara e contundente, dizendo: "Não há outro Deus senão um só. Para nós, há apenas um Deus, o Pai,
de quem provêm todas as coisas, e nós n'Ele; e um único Senhor, Jesus Cristo, *por meio de* quem provêm todas as coisas, e nós *por meio* dele." (***1 Cor. 8:4,6***) Ou seja, existe apenas o único Deus eterno e Todo-Poderoso, o Autor e a Fonte de todas as coisas, a quem pertencemos, e existe apenas o único Senhor, Jesus Cristo, por meio de quem o Pai Celestial funciona no que diz respeito a todos os diversos aspectos de seu plano, e por quem e somente por quem obtivemos a remissão dos pecados, por meio da fé em seu sangue, e acesso ao Pai, e à graça na qual estamos firmes, regozijando-nos na esperança da glória de Deus. ***Rm 5,1***

Uma tradição dos Padres apoiada por uma falsificação — uma interpolação

Deixaremos para os próximos capítulos a análise da grandeza e da dignidade de nosso Senhor Jesus Cristo, *por meio de quem* toda a obra da expiação foi e será realizada — bem como a grande honra que lhe foi concedida, não apenas por ter redimido o mundo, mas também a grande honra e dignidade que lhe pertenciam antes de se tornar o redentor do mundo. Buscamos agora distinguir claramente algo a respeito do grande Autor do plano: mas, na medida em que o pensamento geral da cristandade está profundamente perplexo com o que é conhecido como "A doutrina da Trindade" — uma doutrina que seus advogados mais veementes admitem *não entender* e não conseguir compreender ou explicar —, é, portanto, apropriado que examinemos aqui os textos das Escrituras que supostamente dão algum fundamento ou apoio a essa confusa *doutrina dos homens*, para a qual não se encontra autoridade alguma na Palavra de Deus. Já chamamos a atenção para várias passagens das Escrituras que afirmam enfaticamente que há apenas *um* Deus Todo-Poderoso — não dois, nem três, nem mais. Agora chamamos a atenção para o fato de que a palavra "Trindade" não aparece nas Escrituras; nem aparece ali qualquer palavra de significado equivalente; nem há qualquer

[E55]
afirmação que pudesse, mesmo *que* de forma irracional, ser interpretada como significando tal coisa. De fato, aqueles que defendem a doutrina da Trindade, ao tentarem explicar seu próprio pensamento, se enredam irremediavelmente, assim como seus ouvintes. Eles afirmam, de uma só vez, que existe apenas *um* Deus (porque as Escrituras enfatizam esse ponto de forma tão categórica que ele não pode ser ignorado), mas, na mesma frase, afirmam que existem três Deuses (porque estão comprometidos com essa teoria por meio das "tradições dos pais" transmitidas desde os primórdios do papado).

Mas como poderia haver *três* Deuses e, ao mesmo tempo, apenas *um* Deus? Se há três Deuses, "*iguais* em poder e em glória", como declaram os catecismos, então é falso afirmar que há apenas *um* Deus. Se há apenas "Um Deus, o Pai, de quem provêm todas as coisas", como afirma São Paulo; e se, como Jesus declarou, o Pai é *maior* do que seu Filho honrado; e se o Pai ressuscitou seu Filho Amado dentre os mortos, e *o exaltou nas alturas*, honrou-o e lhe designou um Reino; e se, em última instância, o Filho entregará novamente o Reino ao Pai, para que o Pai seja tudo em todos; então não pode ser verdade que existam *vários deuses de igual poder*. No entanto, mostraremos de forma conclusiva no capítulo seguinte que nosso Senhor Jesus Cristo é *um Deus*, mas que, embora deva ser honrado assim como o Pai é honrado, e que, ao honrá-lo, honramos o Pai que o exaltou, ainda assim a voz unânime das Escrituras afirma de forma enfática que há apenas um Deus Todo-Poderoso, o Pai de todos. Como declara o apóstolo: "O homem é a *cabeça* da mulher; Cristo é a *cabeça* do homem; e Deus é a *cabeça* de Cristo." ***1 Coríntios 11:3***

Há uma única afirmação nas Escrituras, e apenas uma, que parece, no mínimo, sugerir a doutrina de uma Trindade de Deuses; e essa passagem é hoje reconhecida por todos os estudiosos como espúria — uma interpolação. Por isso, ela foi omitida da Versão Revisada do Novo Testamento, embora os tradutores dessa Versão Revisada, tanto quanto sabemos, fossem todos trinitaristas. Embora eles gostassem de manter essa passagem, como

[E56]
único apoio bíblico (e, mesmo assim, muito imperfeito na formulação), não puderam mantê-la em boa consciência.

Os tradutores da nossa Versão Comum da Bíblia também não foram culpados por inserir essa interpolação, pois, na época daquela tradução, era impossível saber de seu caráter espúrio. Desde a tradução, centenas de manuscritos gregos antigos foram encontrados, mas nenhum deles, de data anterior ao século VII, contém essa cláusula, que favorece a Trindade. Portanto, não é negado pelos estudiosos, independentemente de suas tendências denominacionais, que as palavras espúrias foram inseridas para dar apoio à doutrina da Trindade, numa época em que a discussão sobre essa doutrina era intensa na Igreja e em que os advogados da doutrina da Trindade se viam perplexos diante de seus oponentes, pois não possuíam evidências bíblicas para fundamentar sua teoria. As palavras espúrias foram, sem dúvida, interpoladas por algum monge excessivamente zeloso, que se sentia seguro da doutrina e pensava que o espírito santo havia cometido um erro ao não abordar o assunto nas Escrituras: sua intenção, sem dúvida, era ajudar a Deus e à verdade a sair de uma dificuldade cometendo uma fraude. Mas todas essas sugestões, no sentido de que Deus não nos deu um Apocalipse completo, "suficiente para que o homem de Deus esteja plenamente equipado", e de que ela precisa ser complementada, provêm do adversário, assim como essa sugestão de que seria correto cometer um erro, uma falsificação, com o intuito de fazer o bem e corrigir o erro do Todo-Poderoso. O monge-escriba ou sacerdote que cometeu essa falsificação, aparentemente por volta do início do século VII, tem muito a responder por sua adição à Palavra de Deus e pela influência maligna que ela exerceu sobre o povo de Deus, que, buscando a verdade sobre esse assunto, foi enganado por sua falsificação.

A interpolação espúria encontra-se em ***1º João 5:7*** e consiste nas palavras: *"no céu, o Pai, o Verbo e o espírito santo, e esses três são um. E há três que dão testemunho na terra*". Essas palavras, quando omitidas do texto, deixam-no

[E57]
simples e fácil de ser compreendido, e em plena concordância com todo o restante das Escrituras; mas com essas palavras no texto, tal como permaneceram por séculos, produz-se confusão; pois afirma-se um absurdo. Por exemplo, com essas palavras permanecendo no texto, o sentido seria que o Pai, o Filho e o espírito santo concordavam em dar um único testemunho no céu, a saber, que Jesus é o Cristo. Que absurdo! Quem há no céu que ignore o fato de que Jesus é o Cristo? A quem, portanto, seria necessário que o Pai, o Filho e o espírito santo prestassem esse testemunho? A ninguém. Mas era um ponto conveniente para o adversário introduzir sua obra de corrupção da verdade, e ele encontrou um servo disposto a servi-lo.

Não só a Versão Revisada omite esse versículo, mas também todas as traduções modernas — a Emphatic Diaglott, a tradução da Bíblia de Young, a tradução da União Bíblica Americana, a Versão Melhorada. Esta última diz:

"Este texto referente às Testemunhas Celestiais não está contido em nenhum manuscrito grego escrito antes do século V. Não é citado por nenhum dos escritores eclesiásticos gregos; nem por nenhum dos primeiros padres latinos, mesmo quando os assuntos que tratavam naturalmente os teriam levado a recorrer à sua autoridade: é, portanto, evidentemente espúrio."

O Comentário Crítico de Lang, referindo-se a essa passagem espúria, diz:

"As referidas palavras estão ausentes em todos os códices gregos; também no Codex Sinaiticus [o mais antigo manuscrito grego conhecido] e em todas as versões antigas, incluindo a latina, até o século VIII; e [em manuscritos redigidos] desde então, elas são encontradas em três variações. Apesar das controvérsias trinitárias, elas não são mencionadas por nenhum Padre Grego, nem por nenhum dos antigos Padres da Igreja Latina."

A Concordância Grega e Inglesa de Hudson afirma:

"As palavras não são encontradas em nenhum manuscrito grego anterior ao século XV ou XVI, nem em nenhuma versão antiga."

A passagem é considerada uma interpolação pelos seguintes estudiosos da Bíblia de reconhecida competência — Sir Isaac Newton,

[E58]
Benson, Clark, Horne, Griesbach, Tischendorf, Tregelles, Lachman e Alford. Este último afirma:

"A menos que se siga puro capricho na crítica do texto sagrado, não há a menor razão para supor que sejam genuínas."

O Dr. Constantine Tischendorf afirma:

"Considero uma impiedade que essa adição espúria continue a ser publicada como parte da Epístola."

O Prof. T. B. Wolsey questiona:

"A verdade e a honestidade não exigem que tal passagem seja suprimida de nossas Bíblias em inglês — uma passagem que Lutero não incluiria em sua tradução e que só se infiltrou na Bíblia alemã quase cinquenta anos após sua morte?"

O Dr. Adam Clarke, ao comentar essa passagem, diz:

"É provável que este versículo não seja autêntico. Ele está ausente em todos os manuscritos desta epístola escritos antes da invenção da imprensa, com uma única exceção — o Codex Montfortii, no Trinity College, em Dublin. Os demais manuscritos que omitem este versículo somam cento e doze. Ele está ausente tanto na versão siríaca quanto em todas as versões árabes, etíopes, coptas, sahádicas, arminianas, eslavas etc.; em suma, em todas as versões antigas, exceto na Vulgata; e mesmo nessa versão, muitas das cópias mais antigas e corretas não o contêm. Está ausente também em todos os antigos Padres da Igreja grega e na maioria dos latinos."

João Wesley, o fundador do metodismo, esforçou-se por defender a doutrina da Trindade; no entanto, em um de seus sermões baseados nesse texto, ele citou as palavras de Serveto: "Tenho escrúpulos em usar as palavras 'trindade' e 'pessoas', pois não encontro esses termos na Bíblia" — e a essa citação Wesley acrescentou: "Insistiria apenas nas palavras diretas, sem explicações, tal como constam no texto." Ele se empenhou em provar a doutrina da Trindade, pois acreditava que essa passagem espúria fosse genuína, já que informações confiáveis provenientes dos antigos manuscritos da Bíblia haviam sido obtidas recentemente. Por exemplo, na época da elaboração da nossa Bíblia King James, ou Versão Comum (1611 d.C.), os tradutores contavam com apenas oito manuscritos gregos, e nenhum deles era anterior ao século X. Atualmente, porém, existem cerca de setecentos manuscritos, alguns dos quais, especialmente o

[E59]
Manuscrito do Sinai e o Manuscrito do Vaticano nº 1209, são muito antigos, remontando a cerca de 350 d.C.

O Ensinamento das Escrituras a Respeito ao Pai e ao Filho e à Sua Unidade

Deve-se fazer uma distinção nítida entre uma confissão de fé na Trindade e uma confissão de fé na Unidade do Pai celestial, Jeová, do Filho celestial, nosso Senhor Jesus Cristo, e do espírito santo. A doutrina da Trindade sustenta que o Pai, o Filho e o espírito santo "são um em pessoa, iguais em glória e em poder", conforme declarado nos credos da Igreja. A Bíblia, embora mostre a *unidade* absoluta entre o Pai, o Filho e o espírito santo nas várias etapas do grande plano de salvação, contradiz de forma muito clara a ideia de que o Pai e o Filho sejam um em pessoa, nega que sejam iguais em majestade e em poder, exceto conforme já demonstrado: que o Pai glorificou o Filho, o exaltou grandemente e lhe deu um nome acima de todos os outros, exceto o seu próprio, tornando-o seu agente e representante no exercício de "todo o poder no céu e na terra". Todas as diversas escrituras concordam em suas afirmações de que o Pai *enviou o Filho* ao mundo; e que o Filho, pela alegria que lhe foi proposta pelo Pai, suportou a cruz e desprezou a vergonha; e que ele era o Filho unigênito do Pai celestial; e que, depois de ter cumprido a obra que o Pai lhe deu para realizar, ele entregará o Reino da Terra, no fim da Era milenar, ao Pai; e as afirmações adicionais já mencionadas, nas quais o Filho reconhece de bom grado e plenamente que "veio do Pai", que "não veio para fazer a sua própria vontade", mas a vontade do Pai; e que o poder que ele usou não era o seu próprio poder, mas o poder do Pai; também sua afirmação: "O Pai é maior do que eu", e a declaração da profecia de que ele é o Mensageiro ou servo da aliança, e não o Estabelecedor da

[E60]
Aliança; juntamente com as repetidas declarações das Escrituras do Novo Testamento, de que ele é o mediador da Nova Aliança — o único mediador *entre* Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, que se entregou como o resgate por todos." Todas essas diversas passagens bíblicas ensinam, de maneira consistente e harmoniosa, uma distinção de pessoa, glória e poder entre o Pai celestial e o Filho celestial; mas uma unidade absolutamente absoluta e profunda de plano, vontade e propósito: pois o Filho era *digno* de ser o executor do grande plano de Jeová, *porque* não tinha vontade própria, mas renunciou à sua própria vontade para que pudesse ser preenchido com o espírito do Pai e fazer a vontade Dele em todos os aspectos. ***João 6:38,39***

Além disso, as próprias palavras "Pai" e "Filho" implicam uma diferença e contradizem os conceitos da Trindade e da unidade de pessoa, pois a palavra "Pai" significa *aquele que dá a vida*, enquanto a palavra "Filho" significa *aquele que recebeu a vida* de outro. O Pai celestial não recebeu vida de ninguém; ele é a fonte, a origem da vida, não apenas para nosso Senhor Jesus, seu Filho *unigênito*, mas, por meio dele, a fonte de vida para todas as demais criaturas. E tudo isso está em plena concordância com a passagem bíblica que encabeça este capítulo, na qual o apóstolo nega claramente que o Pai e o Filho sejam um na pessoa ou no poder, dizendo: "Para nós há um só Deus, o Pai, *de* quem provêm todas as coisas... e um só Senhor, Jesus Cristo, *por meio de* quem existem todas as coisas."

O leitor atento reconhecerá imediatamente a harmonia bíblica e a simplicidade da visão aqui apresentada, enquanto todos admitirão que a doutrina da Trindade é impossível de ser compreendida ou explicada de forma razoável. Seus advogados mais fervorosos admitem isso e, em vez de se esforçarem para realizar a tarefa impossível de explicá-la, evitam a discussão, alegando que se trata de "um grande mistério", inexplicável. Mas, por mais estranho que pareça, essa doutrina de três Deuses em um só Deus, que não só carece de fundamento bíblico, como é contestada pelas Escrituras, de Gênesis a Apocalipses, tanto direta quanto indiretamente, e que é tão contrária à razão a ponto de ser irracional, é, no entanto, uma doutrina fortemente arraigada

[E61]
entre os cristãos, inclusive entre os protestantes — aqueles que professam fé na Bíblia e se opõem a quaisquer ensinamentos que nela não sejam encontrados. Por que isso acontece? Respondemos que se trata de um dos *mistérios obscuros* pelos quais Satanás, por meio do papado, obscureceu a Palavra, o caráter e o plano de Deus. Como está escrito: "O deus deste mundo cegou as mentes dos que não crêem, para que a luz do glorioso evangelho de Cristo, que é a imagem de Deus, não lhes resplandeça." ***2 Coríntios 4:4*** Ele impôs ao pobre mundo cegueira total e véus doutrinários, obscurecendo o conselho e falsificando os mistérios, para impedir que aqueles que encontraram o Senhor cheguem a um *conhecimento claro da verdade*.

Mas como Satanás se interessaria em aumentar o brilho da glória da glória de nosso Senhor Jesus Cristo? Não seria antes sua obra diminuir a glória de Cristo? Respondemos que sempre foi política de Satanás deturpar a verdade, deturpar a Bíblia e fazer com que seus ensinamentos pareçam irracionais e contraditórios, a fim de impedir a humanidade de ver a grande beleza, a racionalidade e a harmonia inerentes ao plano divino e à Palavra. Quanto mais absurdos Satanás conseguir entrelaçar nas visões do homem a respeito do Criador, melhor ele terá sucesso em afastar do serviço a Deus aqueles que possuem uma mente razoável e lógica; e, proporcionalmente, quanto mais irracionais ele conseguir tornar os credos dos homens, mais ele destrói a fé verdadeira entre aqueles que são os advogados desses credos e mais ele favorece a mera credulidade, em vez da fé genuína.

Assim, há séculos o grande adversário vem trabalhando com grande sucesso para livrar a Igreja de todos os que têm disposição mais racional e para reunir nela a classe mais crédula, supersticiosa e irracional. Ele encobriu e escondeu algumas das verdades mais preciosas sob os erros mais enganosos e repulsivos, e o progresso do povo do Senhor tem sido, consequentemente, lento. Mas, graças a Deus, vivemos agora em uma época em que o véu da ignorância está se dissolvendo e em que o povo do Senhor está aprendendo a

[E62]
desviar o olhar dos credos criados para escravizá-los durante a Idade das Trevas e a olhar diretamente para a própria Palavra de Deus. Mas, infelizmente, isso chega tarde demais para muitos, especialmente para os que são "sábios" do mundo: eles já associaram tanto os credos à Bíblia que, ao rejeitar os primeiros, rejeitam também a segunda; e, em vez de buscar a verdadeira luz na Palavra de Deus, estão mais inclinados a ignorá-la ou rejeitá-la e a se apoiar em seu próprio entendimento — nas filosofias humanas.

É por isso que a Crítica Superior, a Evolução, a Ciência Cristã, a Teosofia e outras teorias que negam a Bíblia estão hoje avançando rapidamente; enquanto os antigos credos estão se desintegrando ou sendo abandonados. Apenas um número relativamente pequeno aprendeu que o erro não está na Bíblia, mas nos credos, e está buscando os "caminhos antigos" e "a fé que uma vez foi entregue aos santos". ***Jer. 6:16***; ***Judas 3***

Mas como a doutrina da Trindade poderia ter se tornado tão difundida entre os cristãos, se não fosse o ensinamento da Igreja primitiva? Não é uma das doutrinas mais antigas da Igreja, que remonta ao século III? Sim, respondemos: a doutrina da Trindade teve seu *surgimento*, seu pequeno início, nos séculos II e III. Deve ficar muito evidente para qualquer pessoa que examinar as Escrituras com uma mente imparcial que a doutrina da Trindade não foi aceita de forma alguma durante o primeiro século, pois isso é claramente demonstrado pelos escritos dos apóstolos no Novo Testamento. A doutrina da Trindade surgiu de maneira muito natural — a princípio por meio da combatividade.

Os apóstolos, em seus ensinamentos durante o primeiro século, afirmavam com grande ênfase a respeito de Cristo, não que ele fosse o Pai, nem que fosse Jeová, mas que ele era o Filho de Jeová, o Messias, enviado ao mundo para abençoá-lo, para estabelecer o Reino de Deus e, por fim, para trazer ordem à atual condição de pecado e desordem. A afirmação de que ele era o Filho de Deus foi recebida com contra-argumentos: alguns alegavam que Jesus era um *impostor*; outros, que ele era meramente um *homem bom*; outros ainda, que ele teve um nascimento milagroso

[E63]

, mas *nunca tivesse tido uma pré-existência*; e outros defendiam a verdade, a saber, que ele tinha pré-existência como Filho de Deus no plano espiritual, que se tornou o Filho de Deus no plano humano, a fim de ser o redentor da humanidade, e que agora está altamente exaltado, de modo que todos são ordenados a honrar "o Filho assim como honram o Pai". Mas, como é bem sabido, a disposição para combater leva ao exagero das afirmações; e foi por isso que muitos daqueles que tentaram negar as várias visões falsas a respeito de nosso Senhor caíram no outro extremo, alegando que ele era o Pai, o próprio Jeová.

O Dicionário Religioso, do qual o Rev. Dr. Lyman Abbott, um trinitarista declarado, foi um dos compiladores e editores, diz na página 944:

"Foi somente no início do século IV que a visão trinitária começou a ser *elaborada* e formulada como uma doutrina, e **se fez** *um esforço* **para conciliá-la com a crença da Igreja em um único Deus**. Da tentativa de resolver esse problema surgiu a dou-
da Trindade... A Trindade é uma característica muito marcante no hinduísmo e é perceptível nas mitologias persa, egípcia, romana, japonesa, indiana e na mais antiga mitologia grega."

A ideia de mais de uma divindade era muito comum nos tempos antigos, em todas as nações, exceto uma: Israel. Como todos sabem, a mitologia grega está repleta de divindades, muitas das quais possuem praticamente o mesmo poder; e, diante disso, a ideia judaica de um único Deus parecia ridícula e sugeria uma escassez de deuses. Portanto, parece que a visão trinitária encontraria pronta aceitação entre os convertidos gentios: era um compromisso entre a visão geral do mundo, chamada politeísmo (a crença em mais de um deus), e o monoteísmo (a doutrina de um único Deus) defendida por Israel. A ideia de professar *três* deuses e, ao mesmo tempo, afirmar que os três eram apenas *um único* Deus foi, sem dúvida, considerada um golpe de mestre na teologia, por meio do qual as visões de muitos crentes convertidos de entre os judeus poderiam ser aproximadas dos sentimentos gerais dos gentios, aos quais se desejava agradar e trazer para a Igreja. Da mesma forma, a mariolatria — a adoração da Virgem Maria — foi introduzida para atender, para satisfazer

[E64]
e se ligar à superstição que há muito prevalecia entre os pagãos em relação a Ísis, Diana e outras deusas, que contavam com milhões de adoradores. Deve-se lembrar que, na época da introdução dessas doutrinas, os líderes da Igreja haviam abandonado sua esperança na segunda vinda do Senhor para estabelecer seu Reino e haviam adquirido uma nova esperança, a saber, a esperança de converter o mundo e, assim, *estabelecer* a Igreja terrena como uma Hierarquia, ou Reino de Deus, na qual um representante, ou papa, reinaria no lugar de Cristo, como seu *vice-regente*.*

A aceitação geral da doutrina da Trindade e a tenacidade com que ela é defendida baseiam-se no medo supersticioso inculcado pelo clero romano e, posteriormente, também pelo clero protestante, sob a ameaça implícita de que quem nega a Trindade está trilhando o caminho direto para a tortura eterna. Ao mesmo tempo, admite-se que a doutrina é *incompreensível* e, portanto, que ninguém realmente acredita nela, pois ninguém pode, no sentido verdadeiro, acreditar em algo incompreensível. E várias doutrinas e práticas, não apenas do protestantismo, mas também do catolicismo, negam a doutrina da Trindade: observe, por exemplo, que todos os protestantes rezam ao Pai, *"em nome* de Jesus", "pelo amor de Jesus", etc., reconhecendo assim o fato de que se trata de duas pessoas distintas, e não de uma única pessoa. Os católicos romanos, da mesma forma, reconhecem a distinção de pessoas: pois rezam aos santos de menor hierarquia para que intercedam por eles junto a Maria, para que ela interceda junto a Jesus, e para que Jesus interceda por eles junto ao Pai.

Tão firmemente arraigada está essa falsa doutrina — recebida pelos protestantes do papado durante a Idade das Trevas e ainda mantida com tenacidade — que a crença nessa doutrina incompreensível, irracional e contrária às Escrituras é considerada um teste de ortodoxia. Quem quer que não acredite nisso é declarado herege, não apenas pela Igreja de Roma, mas

---

*Ver Estudos das Escrituras, vol. II, cap. 9; vol. III, cap. 4.

[E65]
pela maior autoridade entre os protestantes — a Aliança Evangélica. A verdade é poderosa e, no fim das contas, prevalecerá; no entanto, enquanto isso, as condições que Deus permitiu são tais que servem de provação de caráter e de lealdade a Deus e à Sua Palavra entre aqueles que professam ser Seu povo e ser ensinados por Deus. Cabe, portanto, a todo buscador da verdade lidar honestamente consigo mesmo e com a Palavra do Pai celestial, que, por si só, é capaz de nos tornar sábios para a salvação. Lembremo-nos de que somente a verdade santifica e que o erro, ao contrário, sempre tende ao mal.

Deus Pai e Deus Filho

Este talvez seja o momento adequado para apresentar e examinar algumas passagens bíblicas que supostamente favorecem a doutrina da Trindade, embora não a afirmem explicitamente.

(1) Alega-se que nosso Senhor Jesus é mencionado como Deus, que há apenas um Deus e que, portanto, Deus Pai e Deus Filho devem ser dois nomes para uma única pessoa. Examinemos essa questão à luz da Palavra divina, sem dar nada como certo, mas comprovando cada passo de nosso caminho. Enfrentamos a desvantagem de que quase todos os tradutores do Antigo Testamento não foram *exatos* nem *uniformes* em suas traduções dos diversos apelativos da divindade.* Por exemplo:

Nomes da Divindade no Antigo Testamento

(1) O nome *Jeová* é traduzido corretamente apenas quatro vezes, nos casos em que parecia impossível fazer o contrário (***Êxodo 6:3***; ***Salmos 83:18***; ***Isaías 12:2; 26:4***); ele é traduzido *como Deus* 298 vezes e *como Senhor* mais de 5.000 vezes.

---

*Parece que os trinitaristas que traduziram nossa Bíblia na Versão Comum temeram traduzir o nome Jeová como nome próprio em todas as instâncias, para que as pessoas não percebessem o fato que a teologia nega — que o título Jeová pertence apenas ao grande “Eu

[E66]

(2) O título *Adonai*, geralmente traduzido corretamente como *"Senhor"*, é traduzido uma vez como *"Deus*".

(3) O título *Adon* é traduzido como *"Senhor", "o mestre" e "Senhor*".

(4) A palavra *elohim*, com suas variações *eloah, elah* e *el*, ocorre mais de 2.500 vezes. Na maioria das vezes, ela se refere a Jeová; mas, em muitos casos, é aplicada a outros com evidente adequação: por isso, o contexto deve determinar a *quem* se refere. Apresentaremos exemplos das Escrituras que deixarão a questão perfeitamente clara e provarão, sem sombra de dúvida, que *"elohim"* significa *"poderoso*". É corretamente aplicado a Jeová, pois ele é *o Todo-Poderoso*, onipotente. É corretamente aplicado a qualquer anjo, pois eles são poderosos e, em suas visitas aos homens registradas no Antigo Testamento, eram especialmente *poderosos* por serem representantes de Jeová, o Todo-Poderoso. Homens grandes e influentes também eram corretamente descritos como *elohim — poderosos*. Assim como nossa palavra em inglês "sheep" (ovelha), *elohim* é usado tanto no singular quanto no plural, conforme a ocasião exigir.

Esses são fatos, e nossas citações da Bíblia na Versão Comum irão comprová-los completamente; e, assim, demonstrarão a adequação e a consistência bíblicas em se referir ao nosso Senhor Jesus Cristo como *Deus* [*elohim*], como *Adon* [o mestre, o Senhor] e como *Adonai* [meu Senhor], mas nunca como Jeová.

"AM", o Pai. Da mesma forma, a tradução em inglês de Leeser, feita para os judeus, omite a palavra; possivelmente por receio de que alguns judeus pudessem tropeçar em alguns dos poucos usos da palavra analisados anteriormente.

Os judeus preferem e usam a palavra "Senhor", possivelmente na esperança de que seus correligionários reconheçam a palavra "Senhor" como aplicável *apenas* a Je-hová e, portanto, sintam ressentimento em relação àqueles que se referem a Jesus como "nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" — considerando isso uma blasfêmia.

Os tradutores trinitários provavelmente preferiram usar a palavra "Senhor" em vez de "Jeová", para que os cristãos acostumados a usar a palavra "Senhor" como título para nosso Salvador, Jesus, pudessem, ao ler o Antigo Testamento, pensar que é a ele — e não ao Pai, Jeová — que se refere normalmente.

[E67]

Elohim [Poderoso] traduzido como “anjos”

Salmo 8:5 — “Tu [Jeová, ***v. 1***] o fizeste um pouco menor do que os *anjos [elohim] e o coroaste de glória e honra*.”

Que essa é uma tradução adequada de *elohim* é comprovado pelo fato de que o apóstolo inspirado traduziu assim para o grego, *angelos* — quando, referindo-se à forma como nosso Senhor se humilhou, ele diz: “Tu o fizeste um pouco menor do que *os anjos*”. ***Hb 2:7, 9***

Elohim [Poderoso] traduzido como “deuses”

Ao se referir aos falsos deuses dos pagãos, a palavra *elo-him* [poderosos] é usada 196 vezes; e de forma bastante adequada, aliás, pois eles eram *poderosos* ou influentes para seus devotos.

Jeová, o [Todo-Poderoso] Elohim, em contraste com outros Elohim [Poderosos]

Salmo 86:6-8 — “Dá ouvidos, ó Jeová, à minha oração... Entre todos os deuses [*elohim* — os poderosos], não há ninguém como tu.”

Salmo 95:3 — “Jeová é um grande Deus [*el* — o poderoso] e um grande Rei acima de todos *os deuses* [*elohim* — os poderosos].”

Salmo 50:1 — “O Deus poderoso [lit. *Deus* dos *deuses* — *el elohim* — o poderoso entre os poderosos], Jeová, falou.” ***Salmo 29:1*** — “Dai a Jeová, ó *poderosos* [*el* — deuses], atribuí a Jeová glória e força. Dai a Jeová a honra do seu nome; e adorai a Jeová na beleza da santidade.”

Gênesis 17:1 — “Jeová apareceu a Abraão e disse-lhe: ‘Eu sou o *Deus* Todo-Poderoso [*el*]’.”

Êxodo 15:11 — “Quem é semelhante a ti, ó Jeová, entre os *deuses* [*el* — os poderosos]?” Veja a nota de rodapé.

Gênesis 14:22 — “Abraão disse: ‘Levantei minha mão para Jeová, o Deus Altíssimo [*el*], possuidor do céu e da terra’.”

[E68]

Salmo 96:4 — "Jeová é grande e digno de grande louvor; é a ser temido acima de todos *os deuses* [*elohim* — os poderosos]."

Esses exemplos são suficientes: outros podem ser encontrados por quem desejar e os buscar.

Elohim Aplicado a Homens

Nas 196 traduções mencionadas anteriormente, em que *"elohim"* foi traduzido pela palavra *"deuses"*, provavelmente metade delas se refere a homens — os poderosos — reis, príncipes, nobres etc., mas agora observamos alguns exemplos em que *"elohim"* é aplicado ao povo do Senhor.

Gênesis 23:6 — Abraão é chamado de *"elohim"*, palavra traduzida como *"poderoso"* em nossa Bíblia da Versão Comum. "Tu és um príncipe *poderoso* [*elohim*] entre nós."

Êxodo 7:1 — Moisés é denominado o *"deus"* [*elohim*] do Faraó. "Eu te fiz um *deus* [*elohim*] para o Faraó."

Êxodo 21:6 — Os juízes [governantes, *poderosos*] de Israel eram chamados de *elohim*. "O mestre o levará aos *juízes* [*elohim*]."

Êxodo 22:8,10 — "Se o ladrão não for encontrado, então o mestre da casa será levado perante os *Juízes* [*elohim*]... Ambas as partes comparecerão perante os *Juízes* [*elo-him*]; e aquele que os *Juízes* [*elohim*] condenarem pagará o dobro ao seu vizinho."

Êxodo 22:28 — "Não insultarás *os deuses* [*elohim* —nota de rodapé: Juízes]." Observe a aprovação do apóstolo a essa tradução. ***Atos 23:5***

Os santos chamados de Elohim

Salmo 82:6,7 — "Eu disse: 'Vós sois *deuses* [*elohim* — os poderosos], todos vós, filhos do Altíssimo; contudo, todos vós morrereis como [outros] homens, caindo como um dos príncipes [cabeças]'". Todos os santos devem morrer, mas, como Cristo Jesus, sua "cabeça", de forma sacrificial, e não como Adão por seu próprio pecado.

Essa passagem foi citada por nosso Senhor Jesus e aplicada àqueles que receberam a palavra de Deus de seus lábios — aqueles

[E69]
que têm ouvidos "para ouvir": e ainda se aplica à mesma classe.* "Amados, agora somos filhos de Deus", em sentido figurado, esperando, pela graça divina, "tornar-nos participantes da natureza divina". ***João 10:34, 35***; ***1º João 3:2***; ***2 Pedro 1:4***

Elohim traduzido como "Grande", "Forte", etc.

Essa palavra é, às vezes, traduzida como *forte, poder, grande* etc., em relação a coisas inanimadas; como *"Grandes* [*elohim* —poderoso] tremores" (***1 Samuel 14:15***); *"Grandes* [*elohim* — poderosos] lutas" (***Gênesis 30:8***); *"Grandes* [*el* — poderosos] montanhas" (***Salmos 36:6***); "O *forte* [*el*] entre os poderosos" (***Ezequiel 32:21***); "Está no *poder* [*el*] da minha mão." ***Gên. 31:29***

"Deus" e "Senhor" no Novo Testamento

No Novo Testamento, a questão é simplificada pelo uso de menos palavras; mas pode-se dizer que nada, absolutamente nada, nas *palavras* utilizadas distingue o Pai do Filho no

---

*Todo este ***Salmo (82)*** parece se referir ao nosso Senhor Jesus como o Libertador e Juiz da cristandade, divinamente designado, agora, no tempo de sua *parousia*. A Ele aplicamos as palavras: "Deus [*elohim*, Cristo designado pelo Pai para julgar o mundo agora] está na assembleia dos poderosos [entre os príncipes financeiros, políticos e eclesiásticos]; ele julga entre [esses] *deuses* [*elohim* — os poderosos]". Ele é retratado, em primeiro lugar, repreendendo esses príncipes e clamando por justiça, mas "Eles não dão ouvidos, nem compreendem; continuam caminhando nas trevas [quanto ao que será o resultado de sua política]: todos os fundamentos da terra [o mundo social] estão fora de curso"; essa é a sua decisão: é inútil tentar remendar as instituições atuais; todas devem ser "dissolvidas", para que os novos céus e a nova terra — o novo mundo social — possam surgir em seu lugar. Em seguida, ***os versículos 6 e 7*** são dirigidos ao seu fiel "pequeno rebanho". Quando estiverem reunidos — quando toda a Igreja "escolhida", ao morrer, tiver passado para além do véu — então Cristo será invocado: "Levanta-te, ó Deus [*elohim*], julga a terra; pois herdaste todas as nações". Será para estabelecer seu Reino que ele desatará os julgamentos que, em "um grande tempo de angústia, como nunca houve desde que existe uma nação", humilharão os orgulhosos e exaltarão os humildes, dando início aos "tempos de restauração" há muito prometidos por todos os santos profetas. ***Atos 3:19-23***

[E70]
palavras traduzidas como Senhor e Deus. A questão é deixada inteiramente a critério do leitor e indicada apenas pela construção da frase — exceto quando a palavra *Theos* é usada duas vezes na mesma oração, caso em que o *artigo preposicional* grego é às vezes empregado, de modo a dar o efeito de *"o Deus"* em contraste com *"um Deus*". Um exemplo disso é encontrado em ***João 1:1*** — "O Verbo estava com *o* Deus [*ho theos*] e o Verbo era *um* Deus [*theos*]". Mas o estudante atento (livre de preconceitos) geralmente não terá dificuldade em determinar o pensamento do apóstolo. De fato, a linguagem é tão explícita que o surpreendente é que tenhamos ignorado isso por tanto tempo.

A palavra "Deus" em nosso Novo Testamento, seja ao se referir ao nosso Pai Celestial, ao seu Filho Celestial, nosso Senhor Jesus, ou a falsos deuses, é quase invariavelmente a tradução da palavra grega *"Theos*". As exceções são: a palavra *"kurios"* é traduzida uma vez *como "Deus",* quando deveria ter sido traduzida como "Senhor" ou "o mestre", a saber, em ***Atos 19:20***; e, em ***Atos 17:18***, *"daimonion"* é traduzido *como "deuses"*, quando deveria ser *"demônios*".

O título "Senhor", seja aplicado a Jeová, a Cristo, ao homem ou aos anjos, é geralmente a tradução da palavra grega *"kurios"*, que significa "o mestre" ou "o Senhor". É frequentemente traduzido *como "Senhor"* e *"o mestre*". As exceções são que, em cinco passagens, "Senhor" é a tradução de *"despotes"*, onde teria sido melhor traduzir como *"Soberano"* ou *"Autocrata*". Os casos são:

(1) ***Lucas 2:29*** — "Senhor [*despotes*], agora deixas que teu servo parta em paz."

(2) ***Atos 4:24*** — "Senhor [*despotes*], tu és o Deus que criou o céu e a terra... Os governantes se reuniram contra o Senhor [*kurios*] e contra o seu Cristo. Pois, na verdade, contra o teu santo Filho Jesus, a quem ungiste, [...] se reuniram."

(3) ***2 Pedro 2:1*** — "Heresias, chegando até a negar o Senhor [*despotes*] que os resgatou."

(4) ***Judas 4*** — "Negando o único Senhor [*despotes*], Deus, e nosso Senhor Jesus Cristo."

[E71]

(5) ***Apocalipse 6:10*** — "Até quando, ó Senhor [*despotes*], santo e verdadeiro, não julgarás e não vingarás o nosso sangue?"

Rabboni [*o mestre*] é traduzido uma vez *como Senhor*. ***Marcos 10:51*** *Kurieno* [*ser senhores*] é traduzido uma vez *como senhores*. ***1 Tim. 6:15***

A Divindade

Os tradutores do nosso Novo Testamento tiveram grande infelicidade ao selecionar e usar a palavra "divindade" três vezes para traduzir três palavras diferentes — nenhuma das quais tem o significado que essa palavra evoca na mente do leitor comum de inglês: a saber, um Deus com vários corpos e apenas uma cabeça. Suas ocorrências são:

(1) *Ho Theios* é traduzido *como "Divindade"* em ***Atos 17:29***, quando deveria ser *"a Divindade*" — "Não devemos pensar que a *Divindade* [*ho Theios* — a Divindade] seja semelhante ao ouro, à prata ou à pedra". A mesma palavra é traduzida como *"divino"* nas únicas duas outras ocorrências em que aparece no Novo Testamento; a saber, ***2 Pedro 1:3,4***.

(2) *Theiotes* é traduzido *como "Divindade"* em ***Romanos 1:20***; quando, na verdade, deveria ser traduzido como *"Divindade*" — "Deus lhes revelou [...] o seu poder eterno e *a sua divindade* [*Theiotes* — Divindade]". Esta é a única ocorrência dessa palavra no Novo Testamento.

(3) *"Theotes"* é traduzido *como "Divindade"* em ***Colossenses 2:9***; ao passo que deveria ser traduzido *como "Deidade*" — "Pois nele habita corporalmente toda a plenitude da Deidade [*Theotes* — Deidade]". Esta é a única ocorrência dessa palavra no Novo Testamento.

No Cristo glorificado, que é a cabeça da Igreja, habita toda a plenitude; a plenitude da sabedoria, da graça e do poder, não apenas para guiar todos os assuntos da Igreja, seu corpo, mas também como representante do Pai para fazer tudo o que for necessário a fim de levar adiante, até a conclusão bem-sucedida, o grande plano divino confiado aos seus cuidados.

[E72]

“Adorarás o Senhor, teu Deus, e a ele somente servirás.”
—Mateus 4:10—

Alguns afirmam que o fato de nosso Senhor Jesus ter recebido adoração sem repreensão significa que ele é Jeová. Supõe-se que as palavras de nosso Senhor citadas acima impliquem que seria errado qualquer ser, exceto Jeová, receber adoração. Respondemos: Não é assim! Interpretar essas palavras dessa forma é atribuir-lhes um significado que elas não contêm e torná-las contraditórias aos ensinamentos de outras escrituras. O decreto de Jeová a respeito de Cristo: “Tu és *meu Filho*, hoje eu te gerei”, já havia sido registrado por meio dos profetas; assim como seu decreto: “Que todos os anjos de Deus *o adorem*.” (***Sal. 2:7; 97:7***; ***Hb. 1:5, 6***) Nosso Senhor Jesus sabia disso. Ele também sabia que os mensageiros angelicais de Jeová haviam sido *adorados* no passado *como representantes de Jeová*; e que ele próprio era o mensageiro principal, o Filho Unigênito, o “Mensageiro da Aliança”, a quem o Pai havia santificado e enviado ao mundo: ele sabia, consequentemente, que quem o honrasse honraria também o Pai.

De fato, suas próprias palavras foram: “Quem não honra o Filho, não honra o Pai que o enviou.” ***João 5:23***; ***Ml 3:1***

A palavra grega traduzida como *“adoração”* no Novo Testamento é *proskuneo*, que significa *“beijar* a mão”, da mesma forma que um cão lambe a mão do mestre. O significado é *reverência*.

A palavra hebraica traduzida como *“adoração”* no Antigo Testamento é *shaw-kaw* e significa *“prostrar-se*”. O significado é reverência. A palavra ocorre 170 vezes e apenas cerca de metade desse número se refere à adoração a Deus. Mas esse fato fica oculto ao leitor em inglês, pois, em 74 ocasiões, foi traduzida *como “curvar-se”, “curvou-se”, “prestou reverência”, “fez vossa reverência*”, etc., quando se referia à homenagem a grandes seres terrenos. Apresentaremos alguns exemplos:

[E73]

Abraão *"se curvou* [*shaw-kaw*] até o chão e disse: 'Meus senhores [*Adonai*]... tragam um pouco de água para lavar os pés de vocês e descansem debaixo da árvore'". Essas palavras e atos ocorreram enquanto ele pensava que se tratava meramente de "três homens". ***Gênesis 18:2-4***

Ló "*se curvou* [*shaw-kaw*]" diante de dois desses mesmos três.

Gênesis 19:1

Abraão *"se curvou* [*shaw-kaw*]" diante do povo de Canaã. ***Gênesis 23:7,12***

Isaac abençoou Jacó, dizendo: "Que as nações *se curvem* [*shaw-kaw*] diante de ti;... e que os filhos de tua mãe *se curvem* [*shaw-kaw*] diante de ti." ***Gênesis 27:29***

"Davi se abaixou e *se prostrou* [*shaw-kaw*] até o chão" diante do rei Saul. ***1 Samuel 24:8***

Abigail "prostrou-se [*shaw-kaw*] até o chão" diante de Davi; e novamente diante dos representantes de Davi. ***1 Samuel 25:23,41*** A mulher de Tecoa "caiu com o rosto em terra... e *fez uma reverência* [*shaw-kaw*]" ao rei Davi. E Joabe e Absalão fizeram o mesmo, traduzido como *"prostrou-se* [*shaw-kaw*]". ***2 Sam. 14:4,22,33***

"Quando Mefibosete... chegou a Davi, prostrou-se com o rosto em terra *e prestou reverência* [*shaw-kaw*]". ***2 Sam. 9:6***

A partir dessas evidências, ficará claro para todos que a proibição do Primeiro Mandamento — "Não *te prostrarás* [*shaw-kaw*] diante deles nem os servirás" — não era entendida, nem pretendia ser entendida, como uma proibição de *reverência, homenagem* etc. aos honrados ou àqueles que ocupavam posições de honra entre os homens. Nem os judeus erraram ao prestar *reverência* [*shaw-kaw*] aos anjos que vinham com mensagens em nome de Jeová e o reconheciam. E tal reverência era aprovada — nunca repreendida. O Mandamento adverte contra a adoração de imagens ou qualquer adoração a deuses *rivais*. Isso Jeová não pode tolerar. Portanto, não havia nada de impróprio em qualquer judeu que reconhecesse Jesus como o "Enviado de Deus" prestar-lhe *reverência e obediência*; e muito mais apropriado é isso para todos aqueles que reconhecem nosso Senhor Jesus de acordo com suas *afirmações* — como o Filho de Deus.

[E74]

De fato, podemos ter certeza de que aqueles fariseus que pegaram pedras para matar nosso Senhor porque ele se declarou o *Filho* de Deus teriam ficado fora de si, e não apenas apedrejariam nosso Senhor Jesus, mas também seus *adoradores*, alegando idolatria, caso tivessem, como povo, alimentado qualquer pensamento extremo de adoração, reverência (*proskuneo*), como o que é defendido por aqueles cujas visões extremas a respeito dessa palavra estamos combatendo e provamos ser errôneas.

Exceções a essa liberdade ocorreriam nos casos em que o *homem* a quem se presta *reverência, obediência* ou *adoração* fosse o *representante* reconhecido de um deus falso — como um pseudocristo ou falso Cristo — o anticristo. A homenagem aos papas, acreditamos, se enquadraria nessa categoria de adoração falsa ou errada; pois, em seu ofício, ele afirma falsamente ser o "Vicegerente de Cristo". Foi com base nisso que nosso Senhor Jesus se recusou a reconhecer Satanás e seu grande poder no mundo. Era um poder *ativamente maligno*, deliberadamente oposto às leis de Jeová. Por isso, a proposição de que, ao não se opor ao mal, ao respeitar ou *reverenciar* costumes malignos já estabelecidos sob o regime de Satanás, Satanás cooperaria com nosso Senhor no estabelecimento de seu reino, foi imediatamente rejeitada, e a resposta foi clara: estou em total concordância com Jeová Deus e, portanto, em total concordância com a declaração profética: "*Reverenciarás* a Jeová, teu Deus, e a ele servirás" — e, visto que você é seu oponente obstinado, não posso prestar *reverência* a você nem aos seus métodos, nem poderia servir à sua causa ou cooperar com você. Nossas causas são distintamente separadas. Não terei nada a ver com você. Compare ***Mateus 4:10***; ***Deuteronômio 10:20, 21***.

Se nosso Senhor Jesus tivesse se colocado como *rival* de Jeová, em vez de como seu Filho e servo, qualquer homenagem a ele teria significado desrespeito ao Pai e teria sido pecaminosa — idólatra. Pelo contrário, porém, ao aceitar homenagem *e reverência* como Filho de Deus, ele declarou de forma muito clara e pública: "O Pai é maior do que eu", e ensinou seus discípulos a fazerem suas súplicas ao Pai, dizendo: "Tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, ele vos concederá." ***João 16:23***

[E75]

“Eu e meu Pai somos um.”

—João 10:30—

Esse texto é considerado uma prova de que nosso Senhor Jesus tem direito ao nome Jeová — de que ele era tanto o Pai quanto o Filho; ou de que ele não tinha Pai e não era um Filho.

Com pensamentos vagos e misteriosos a respeito da “trindade”, um número notavelmente grande de pessoas, que de resto são inteligentes, parece esquecer que *existe* qualquer outro tipo de unidade além da unidade *pessoal*. Pelo contrário, porém, em *todos* os *outros* usos da palavra, o conceito é o de *harmonia* — unidade de plano, propósito, vontade e mente. O quanto uma teoria pode nos cegar é bem ilustrado pelo fato de que a própria explicação e ilustração de nosso Senhor sobre a maneira pela qual ele e o Pai são *um* são, de modo geral, ignoradas. Ele disse em oração ao Pai —

“Não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, pois são teus... nem rogo somente por estes, mas também por aqueles que crêem em mim por meio da palavra deles; *para que todos sejam* UM, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles sejam UM EM NÓS... para *que sejam* UM, *assim como nós somos* UM: eu neles e tu em mim, para que sejam PERFEITOS EM UM.” ***João 17:9, 20-23***

Aqui, a unidade da Igreja, pela qual o Senhor orou, é expressamente descrita como sendo exatamente a mesma que a unidade entre o Pai e o Filho. Não há necessidade de discutir que a unidade da Igreja é *uma unidade de espírito* e *não uma unidade pessoal*. Evidentemente, o pensamento na mente do redentor era a unidade de coração, a unidade de propósito, a unidade de vontade entre seus seguidores; e *essa unidade era idêntica à unidade entre o Pai e ele mesmo*. E essa unidade deveria ser *alcançada* pela Igreja exatamente da mesma maneira que a unidade entre o Pai e o Filho foi *alcançada*. O Filho estava em unidade com o Pai porque aceitou plenamente como sua *a vontade do Pai*, dizendo: “Não seja feita a minha vontade, mas a tua”. Assim, cada membro da Igreja deve entrar em perfeita harmonia com o Pai e com o Filho, não fazendo a própria vontade, mas deixando de lado suas

[E76]
próprias vontades e aceitando a *vontade de Cristo*, que é a *vontade do Pai*. Assim, e somente assim, a Igreja alcançará a *unidade* pela qual nosso Senhor orou aqui, e à qual ele se refere como sendo da mesma natureza que a *unidade* entre o Pai e ele mesmo. Como é estranho que alguém tente usar indevidamente e distorcer essas palavras de nosso Senhor, para fazê-las apoiar a doutrina irracional e contrária às Escrituras da Trindade — três Deuses em *uma única pessoa*. Pelo contrário, quão bela e razoável é a *unidade* bíblica do espírito do Pai, do Filho e da Igreja.

"Quem me viu, viu o Pai"

Depois que nosso Senhor declarou ser o Caminho, a Verdade e a Vida, e que ninguém poderia chegar ao Pai a não ser por meio dele, e que quem o conhecesse conheceria também o Pai, Filipe disse a nosso Senhor Jesus: "Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta". Jesus respondeu-lhe: "Estou há tanto tempo convosco, e ainda não me conheceste, Filipe? Quem me viu, viu o Pai; e como, então, dizes: 'Mostra-nos o Pai'? Não crês que eu estou no Pai e o Pai em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que habita em mim, é quem realiza as obras." ***João 14:7-10***

Pede-se que aceitemos essa afirmação de nosso Senhor Jesus como prova de que ele é Jeová (e não o Filho de Jeová) e que, como tal, o nome Jeová se aplica corretamente a ele. Mas todos devem observar que todo o contexto mostra uma distinção entre o Pai e o Filho, tal que nenhuma pessoa sensata faria se desejasse dar a impressão que os trinitários procuram extrair dela. A questão, portanto, é: o que nosso Senhor desejava que entendêssemos com suas palavras: "Quem me viu, viu o Pai"? Respondemos: ele queria que entendêssemos que é impossível para o homem (um ser carnal e terreno) ver Deus, um

[E77]
o espírito. Assim, o apóstolo João testificou: "Ninguém jamais viu a Deus; o Deus Unigênito — aquele que existe no seio do Pai — é quem o revelou." (***João 1:18*** — *Tradução de Rotherham*) Ele queria que eles compreendessem o que o Senhor declarou a Moisés: "Ninguém pode ver a minha face e viver"; e, portanto, que, se o Pai se revelasse à humanidade, isso só poderia ocorrer ou abrindo milagrosamente os olhos do homem para discernir a glória espiritual (expondo assim o homem à morte), ou então por *meio da manifestação de Deus em um corpo de carne* — de tal maneira que os homens pudessem discernir algo de seu caráter por meio do contato e da convivência.

E não foi exatamente isso que Deus fez? A mente de Deus, a vontade de Deus, estava *plenamente representada* em seu Filho Unigênito, nosso Senhor, quando ele se fez carne e habitou entre os homens. Ele, portanto, era a melhor, a mais íntima e a mais positiva representação de Deus que era — ou jamais seria — *possível oferecer à humanidade*. Ao ver e conhecer o Senhor Jesus intimamente, Filipe e os outros apóstolos conheceram o Pai no sentido mais absoluto possível para a humanidade conhecê-lo. Eles o conheceram no sentido mais absoluto possível para o Pai se *revelar* à humanidade. Nunca houve, nunca haveria, nunca poderia haver uma manifestação mais clara, mais absoluta e mais completa de Deus ao homem do que na pessoa do Senhor Jesus Cristo; pois, ao "se fazer carne", ele era "Deus manifestado [grego: *tornado visível*] na carne". (***1 Tim. 3:16***) Da mesma forma, o apóstolo declara a respeito da Igreja, os membros fiéis de Cristo: somos entregues à morte, "para que também a vida de Jesus se manifeste [grego: *torne-se aparente*] EM NOSSA CARNE MORTAL". ***2 Cor. 4:11***

O homem perfeito é uma *imagem perfeita* do Deus invisível e, portanto, a melhor concepção ou ilustração que poderia ser apresentada. Da mesma forma, durante o milênio, os antigos dignos *aperfeiçoados* serão os melhores representantes entre os homens do Pai Celestial, do Filho Celestial e da Noiva Celestial de Cristo. Quem quer que os veja verá Deus manifestado na

[E78]
carne — *a semelhança* de Deus na carne. E será a essa condição sublime que toda a criação que geme terá o privilégio de alcançar, se assim o desejar, sob a orientação do Sacerdote Real e de seus "irmãos", os sub-sacerdotes, ministrando por meio dos antigos dignitários que, como representantes carnais do Reino, serão os "príncipes" da Terra. ***Salmos 45:16***

O Abençoado e Único Potentado, o Rei dos Reis e Senhor dos Senhores, o Único que possui a imortalidade

—1 Tim. 6:15,16—

Muitos consideram que essa passagem significa que, em sua aparição, em seu segundo advento, nosso Senhor Jesus exibirá ou tornará conhecida ao mundo a grandeza do Pai Celestial. Mas, embora essa visão tenha alguns aspectos razoáveis, inclinamo-nos, em geral, a aplicar a declaração à glória e honra de Cristo — a partir do início da era milenar. É verdade que ele fará com que todos os que aceitarem seu caminho também reconheçam Jeová Deus, mas isso não ocorrerá em sua aparição, e sim no fim de seu reinado, quando ele "entregará o Reino a Deus, o Pai". ***1 Cor. 15:24-28***

Aplicar essa passagem ao Pai seria negar que nosso Senhor possui imortalidade, enquanto as Escrituras ensinam explicitamente que ele e todos os que participam da Primeira Ressurreição alcançam, por meio dela, a imortalidade e que, assim, o Pai, que possui *vida inerente* (autoexistência — imortalidade), *concedeu* ao Filho que ele tivesse *vida inerente* (autoexistência
—a imortalidade). ***1 Coríntios 15:42-44, 53, 54***; ***João 5:26***

Mas aplicar essa passagem ao Filho parece se encaixar perfeitamente em todas as condições e, de modo algum, ignora o Pai, Jeová — nem prova que nosso Senhor Jesus seja o Pai, Jeová — pois, em todos esses casos, devemos lembrar-nos da regra invariável

[E79]
regra estabelecida pelo apóstolo inspirado — a saber, que em comparações, honras etc., mencionadas a respeito do Filho, o Pai é *sempre excluído* por estar inexprimivelmente acima de todas as comparações. Suas palavras são: "É manifesto que ele [o Pai] *está* excluído", e não deve ser considerado inferior ou sujeito a nosso Senhor Jesus e aos diversos poderes que o Pai lhe conferiu. Pois quando o Filho tiver subjugado o pecado no mundo, "então também o próprio Filho se sujeitará àquele [o Pai] que lhe [ao Filho] sujeitou todas as coisas". ***1 Cor. 15:27***

Outra declaração muito semelhante sobre a glória do reino de nosso Senhor Jesus, concedido a ele pelo Pai, é que "Ele está à frente de todo principado e potestade" (***Colossenses 2:10***). A resposta a isso é a mesma. O governo e a autoridade do Pai nunca são *contrastados* com os do Filho; pois este último é *um* com o primeiro e é seu representante.

"Não considerou roubo ser igual a Deus"

Em ***Filipenses 2:6,*** nossa versão comum em inglês apresenta o apóstolo Paulo fazendo a declaração surpreendente de que Cristo, "sendo na forma de Deus, não considerou roubo ser igual a Deus". Deve-se observar, antes de tudo, que essa passagem certamente não ensina a doutrina da Trindade, nem que nosso Senhor Jesus *é* o Pai, Jeová: pois, se assim fosse, onde haveria espaço para meditar sobre um *roubo* ou considerar uma *igualdade*? Essas palavras "roubo" e "igual" ensinam categoricamente que o Pai e o Filho não são *uma única pessoa*, mas duas. Mas como parece estranho que as palavras do apóstolo sejam tão diferentes das de nosso Senhor sobre esse assunto. Ele declara: "O Pai é maior do que eu"; "Por mim mesmo nada posso fazer". Perguntamos: será que nosso Senhor Jesus perdeu sua humildade a ponto de, mais tarde, concluir que era *igual* a Deus, o Pai?

Mas, em segundo lugar, percebemos o quanto tal visão entra em conflito

[E80]
com a lição que o apóstolo procurava incutir. O apóstolo estava buscando que a Igreja aspirasse e buscasse a honra do Pai ou a honra uns dos outros? Certamente que não! Pelo contrário, ele adverte contra a vaidade e defende a humildade de espírito, e que cada um considere o outro *melhor do que a si mesmo*. Ele assegura a seus leitores que essa humildade de espírito era a disposição de nosso Senhor Jesus e diz: "Tenham em vocês o mesmo espírito que havia em Cristo Jesus". Se a mente que havia em Cristo Jesus fosse buscar a glória e a honra do Pai, e não considerar isso um roubo, então a mesma mente na Igreja do Senhor significaria que cada um de nós deveria buscar toda a glória e honra possíveis de serem alcançadas, e deveria considerar isso o caminho correto, e que, assim, teríamos a mente ou a disposição que Cristo manifestou.

Mas tudo isso está errado: a culpa é da tradução. É uma tradução péssima, que transmite exatamente o oposto do que o apóstolo quis dizer. A palavra grega *harpagmos*, aqui traduzida como "roubo", ocorre apenas uma vez no Novo Testamento e está associada à ideia de roubo ou aquisição ilegal; porém, o significado do apóstolo é exatamente invertido pela disposição incorreta da frase. Seu pensamento poderia ser traduzido com quase as mesmas palavras, mas com um significado oposto, assim: "Que não considerou o roubo como um meio de se igualar a Deus". A conduta de nosso Senhor Jesus é, assim, contrastada com a de Satanás, que tentou usurpar a posição e a honra de Deus. (***Isaías 14:12-14***) Isso é claramente demonstrado pelo contexto anterior e posterior — que nada seja feito por vaidade — que Cristo era *de espírito* muito *humilde* e que nós também devemos ser *humildes* e, assim, seguir seus passos. Observe as seguintes traduções da palavra *harpagmos*, preferidas por estudiosos eminentes de várias denominações:

"Não considerou isso algo a ser ardentemente desejado." *Clarke*. "Não pensou em reter avidamente." *Wakefield*

"Não considerou... como um objeto de desejo ansioso." *Stewart*

[E81]

"Que, subsistindo na forma de Deus, *não* considerou como *algo a ser agarrado* o fato de ser igual a Deus." *Rotherham*

"Que, estando [margem, *originalmente*] na forma de Deus, não considerou um prêmio [*margem*, algo a ser agarrado] estar em igualdade com Deus." *Versão Revisada*

"Que, existindo na forma de Deus, *não considerou* o fato de ser igual a Deus *como algo a ser agarrado*." *Comitê de Revisão Americano*

Comitê

"Não considerou... algo a ser alcançado." *Sharpe*

"Não se agarrou avidamente." *Neeland*

"Não se esforçou violentamente."

Dickenson "Não meditou em uma usurpação." *Turnbull*

A última definição parece se encaixar melhor no contexto e é a tradução preferida e apresentada no *Emphatic Dia-glott*, que traduz toda a passagem da seguinte forma:

"Que, embora existisse na forma de Deus, não planejou uma usurpação para ser semelhante a Deus, mas se despojou de si mesmo, assumindo a forma de um servo."

Essa tradução é coerente, não apenas com os fatos do caso, mas também com o argumento do Apóstolo, do qual faz parte. Sua afirmação, ampliada, é que, quando nosso Senhor Jesus era um ser espiritual, quando possuía forma e natureza semelhantes às de Deus, ele não estava tomado por um espírito ambicioso nem pelo desejo de usurpar autoridade, poder, glória e homenagem divinos — ele não tinha o espírito de Satanás, que se esforçava para se exaltar, dizendo: "Serei como o Altíssimo". Pelo contrário, embora ocupasse a posição mais elevada, logo após o Pai Celestial, ele era tão humilde que, em obediência à vontade do Pai, despojou-se das glórias e da majestade de sua condição do espírito, trocando essa natureza e glória superiores por uma condição inferior, uma condição humana, "um pouco inferior aos anjos". O apóstolo prossegue então para mostrar que não apenas essa humildade se manifestou, mas que, posteriormente, uma humildade ainda maior foi demonstrada, na medida em que nosso Senhor Jesus, como o homem Cristo Jesus, se sujeitou à morte, até mesmo à morte ignominiosa da cruz. E toda essa humilhação de si mesmo, declara o apóstolo,

foi em obediência à vontade divina, a vontade do Pai. Em seguida, o apóstolo destaca o resultado disso, dizendo: "Por isso [*por essa razão*, devido à sua demonstração de lealdade, humildade e obediência até a morte] Deus [o Pai] o exaltou grandemente e lhe deu um nome que está acima de todo nome, para que, ao nome de Jesus, todo joelho se dobre e toda língua confesse...para a glória de Deus, o Pai." ***Hb 2,7.9***; ***1 Tm 2,5.6***; ***Fp 2,11***

Visto dessa forma, este texto, longe de ser um apoio ou um conforto para a doutrina da Trindade, opõe-se veementemente a ela e se coloca em plena harmonia com toda a Palavra de Deus, bem como com o bom senso e a razão santificados.

Encerramos esta parte de nosso tema com uma apreciação ainda maior das longitudes, larguras, alturas e profundidades da grandeza do Pai Celestial — em sua pessoa, caráter e plano — e com uma estima maior do que nunca por seu grande Filho, cujo maravilhoso amor, lealdade e confiança na sabedoria, graça e poder do Pai foram tão generosamente recompensados; regozijando-nos, de fato, em "honrar o Filho *assim como* honramos o Pai". E, após um exame completo e explícito da revelação que nos foi dada na Palavra de Deus, concordamos plenamente com o testemunho inspirado do apóstolo Paulo: "Para nós, há apenas um [supremo] Deus, o Pai, *de* quem provêm todas as coisas e nós *existimos para* ele, e um Senhor Jesus Cristo, *por meio de* quem existem todas as coisas e nós**,** *por meio* dele." ***1 Coríntios 8:6***

"Graça e paz a vocês, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais, em Cristo: conforme nos escolheu nele... tendo-nos predestinado para a adoção de filhos *por meio de* Jesus Cristo **para** si mesmo...O Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai glorioso, conceda a vocês o espírito de sabedoria e de revelação no conhecimento dele." ***Efésios 1:2-18***

[E83]

ESTUDO III
O MEDIADOR DA EXPIÇÃO: O UNIGÊNITO

"Quem é Ele?" — O Logos, um Deus — O Unigênito de Jeová — O testemunho da Bíblia — "Aquele que era rico" — "Antes de Abraão, eu sou" — "O Primeiro e o Último" — "Jeová me possuía no princípio" — O Logos feito carne — não encarnado —Ele se humilhou — "Aquele que era rico por nossa causa tornou-se pobre" — Não há hipocrisia neste testemunho — A conduta de nosso Senhor não é enganosa — O Santo, Inocente, Imaculado, separado dos pecadores.

"Há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, que se entregou a si mesmo como o resgate." ***1 Tim. 2:5,6***

NA MESMA PROPORÇÃO em que valorizamos a obra da expiação — nossa reconciliação com Deus e o sacrifício pelo pecado por meio do qual ela se realiza — na mesma proporção estimaremos aquele a quem o Pai Celestial designou para ser a propiciação pelos nossos pecados, nosso Restaurador e Doador de Vida. Portanto, ao abordarmos a questão: "Quem é esse Grande Ser a quem Jeová Deus honrou tão grandemente e que, pela graça de Deus, é nosso redentor e Salvador?", convém que reconheçamos, antes de tudo, nossa própria ignorância sobre o assunto e nossa incapacidade de chegar a uma conclusão, a não ser que a Palavra divina nos instrua. Em segundo lugar, convém, logo no início de nossa investigação, que nos lembremos do testemunho do Apóstolo a respeito da grandeza desse Mediador e da honra que lhe é devida. Ele diz: "A Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho." Está escrito também: "Para que todos honrem o Filho, assim como honram o Pai." ***Filipenses 2:9***; ***João 5:23***

Ao examinarmos cuidadosamente as Escrituras para observar exatamente o que elas dizem — e o que não dizem — a respeito de nosso Senhor Jesus,

[E84]
descobrimos que seu testemunho é muito explícito, harmonioso e satisfatório. Primeiramente, exporemos, de forma sinótica, o que consideramos ser o ensinamento bíblico, cujas provas apresentaremos mais adiante.

(1) Nosso redentor existia como um ser do espírito antes de se tornar carne e habitar entre os homens.

(2) Naquela época, assim como posteriormente, ele era corretamente conhecido como "um deus" — um ser poderoso. Como chefe dos anjos e segundo apenas ao Pai, ele era conhecido como o Arcanjo (o anjo ou mensageiro mais elevado), cujo nome, Miguel, significa "Aquele que é como Deus" ou representante de Deus.

(3) Assim como era o mais elevado de toda a criação de Jeová, ele também foi o primeiro, a criação direta de Deus, o "Unigênito"; e então, como representante de Jeová, no exercício do poder de Jeová e em seu nome, criou todas as coisas — anjos, principados e potestades, bem como a criação terrestre.

(4) Quando se fez carne para ser nosso redentor, não foi por coação, mas por vontade própria, resultado de sua completa harmonia com o Pai e de sua alegre aceitação em cumprir cada aspecto da vontade divina — que ele havia aprendido a respeitar e amar, como a própria essência da Justiça, da Sabedoria e do Amor.

(5) Essa humilhação à condição humana não se destinava a ser perpétua. Ela cumpriu seu propósito quando nosso Senhor se entregou, como ser humano, como nosso *resgate*, ou "preço correspondente". Portanto, sua ressurreição não foi na carne, mas, como declara o apóstolo: "Ele foi morto na carne, mas vivificado no espírito". ***1 Pedro 3:18***

(6) Sua ressurreição não apenas restaurou nele uma natureza do espírito, mas, além disso, conferiu-lhe uma honra ainda maior e, como recompensa do Pai por sua fidelidade, tornou-o participante da *natureza divina* — a mais elevada das naturezas do espírito,* dotada da imortalidade.

---

*Vol. I, Cap. x

[E85]

(7) É esse Grande Ser, que foi assim altamente exaltado e honrado por Jeová, a quem nos deleitamos em honrar, adorar e servir, como um só com o Pai Celestial, em palavra, em obra, em propósito e no espírito.

Testemunho das Escrituras a respeito do Filho de Deus

Consideremos agora as evidências bíblicas que fundamentam essas posições. Começamos pelo primeiro capítulo do Evangelho de João. Aqui, nosso Senhor, em sua existência pré-humana, é referido como "O Verbo" (em grego, *Logos*). "No princípio era o *Logos*." O Dr. Alexander Clarke afirma, a respeito dessa palavra *Logos*: "Esse termo deve ser deixado sem tradução pela mesma razão que os nomes *Jesus* e *Cristo* são deixados sem tradução. Assim como cada apelativo do Salvador do mundo descrevia algumas excelências em sua pessoa, natureza ou obra, também o epíteto *Logos* — que significa palavra, palavra proferida, discurso, eloquência, doutrina, razão ou a faculdade da razão — é aplicado a ele de maneira muito adequada." O evangelista, em sua epístola, usa novamente o mesmo título em relação ao nosso Senhor, denominando-o "a Palavra da vida" ou o *"Logos* da vida". ***1º João 1:1***

O título "Palavra de Deus" — "Logos de Deus" — é muito adequado para descrever a importante obra ou função de nosso mestre, antes de sua vinda ao mundo. O *Logos* era a *expressão* direta do Pai celestial na criação, enquanto todas as expressões subsequentes da sabedoria, do poder e da bondade divinas foram feitas por meio do *Logos*. Diz-se que, nos tempos antigos, certos reis faziam discursos aos seus súditos por meio de um representante: o rei ficava sentado atrás de uma tela, enquanto sua "palavra" — ou porta-voz — permanecia diante da tela e se dirigia ao povo em voz alta sobre assuntos que lhe eram sussurrados pelo rei, que não era visto; e tal porta-voz era denominado "O *Logos* do Rei". Seja verdadeira ou não a lenda, ela ilustra bem o uso da palavra "Logos" em relação à existência pré-humana de nosso Senhor e Mestre e ao seu próprio

[E86]
alto cargo como representante do Pai, que as Escrituras, neste contexto e em outros lugares, apontam como tendo sido sua função.

Note-se que o Apóstolo, escrevendo sob inspiração, nos diz que "O *Logos* estava no princípio com *o* Deus, e o *Logos* era *um* Deus". Essa é a tradução literal do grego, como pode ser facilmente confirmado por qualquer pessoa, seja ela estudiosa de grego ou não. O artigo grego *ho* precede a primeira palavra "Deus" neste versículo e não precede a segunda palavra "Deus", indicando assim intencionalmente Deus Pai e Deus Filho, em um caso em que, sem o artigo, o leitor ficaria confuso. Da mesma forma, o artigo precede a palavra "Deus" no segundo versículo. O versículo completo, portanto, diz:

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com [*ho theos*] o Deus, e o Verbo era [*theos*] um Deus. Este estava no princípio com [*ho theos*] o Deus." ***João 1:1***

A que "*princípio*" se refere aqui? Certamente não ao princípio da existência de Jeová, o Deus, o Pai; pois ele é "desde a eternidade até a eternidade" e nunca teve um princípio. (***Sal. 41:13; 90:2; 106:48***) Mas a obra de Jeová teve um princípio, e é a isso que se faz referência aqui — o princípio da criação. A afirmação, assim entendida, implica que nosso Senhor Jesus, em sua existência pré-humana, como o *Logos*, estava com o Pai no próprio princípio da criação. Isso confirma a afirmação inspirada de que o próprio *Logos* era "o princípio da criação de Deus": essa é a afirmação precisa do apóstolo, que nos assegura que nosso Senhor não é apenas "a Cabeça do corpo, a Igreja" e "o primogênito dentre os mortos", mas também o *princípio* de toda a criação — *"para que em todas as coisas ele tenha a preeminência*". Suas palavras são: "Ele é a imagem do Deus invisível — *o primogênito de toda a criação*; pois por meio dele foram criadas todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam senhorios, sejam governos, sejam autoridades: todas as coisas foram criadas por meio dele e para ele, e ele precede todas as coisas, e nele todas as coisas

[E87]
foram firmadas para sempre." (***Col. 1:15-18***) Ouça também a palavra profética a respeito do Unigênito, que não apenas declara sua futura exaltação como Rei dos reis terrestres, mas o descreve como já sendo *o primogênito* de Jeová, dizendo: "Eu o farei, meu primogênito, mais elevado do que os reis da terra." (***Sal. 89:27***) Observe também que nosso Senhor (referindo-se à sua própria origem) declara ser "a testemunha fiel e verdadeira, *o princípio da criação de Deus*". ***Ap. 3:14***

Em harmonia com esse pensamento da preeminência de nosso Senhor desde o início, como o "primogênito de toda a criação", e em harmonia com o pensamento de que ele era o *Logos*, ou Expressão do Pai Celestial, em relação a todas as coisas, está a seguinte afirmação do relato do evangelista, a saber: "Todas as coisas vieram a existir por meio dele; e sem ele não veio a existir nem mesmo uma única coisa que tenha vindo a existir." (***João 1:3***, *tradução de Rotherham*.) Que pensamento grandioso isso nos transmite a respeito da majestade do Filho Unigênito de Deus, o *Logos*! Desse ponto de vista de sua grandeza e preeminência originais, temos uma visão mais clara do que de qualquer outro da importância das palavras do apóstolo: "Aquele que *era rico*, por nossa causa tornou-se pobre, para que, por meio de sua pobreza, nos tornássemos ricos." (***2 Coríntios 8:9***) Desse ponto de vista, podemos ver quão rico ele era na honra e na glória das quais ele mesmo fez menção em oração, dizendo: "Pai, glorifica-me junto a ti, *com a glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse*." (***João 17:5***) Embora tudo o que se relaciona com o plano divino de redenção seja maravilhoso, surpreendente em suas manifestações de amor divino, misericórdia e compaixão pelos homens caídos, ainda assim, desse ponto de vista, tudo é razoável — coerente com o caráter e a declaração divinos.

Aqueles que defendem que nosso Senhor Jesus nunca existiu até nascer como um bebê em Belém têm uma visão muito limitada do plano divino para o socorro do homem; e ficam sem saber como interpretar as muitas passagens bíblicas citadas acima, e outras, relativas à glória de nosso Senhor junto ao Pai antes da criação do mundo, relativas à sua grande abaixação, na qual ele se humilhou

[E88]
a si mesmo para assumir uma natureza um pouco inferior à angelical, deixando, portanto, uma natureza que estava acima da dos anjos. E a visão bíblica nos livra de todas as teorias irracionais e falaciosas dos homens, pelas quais, ao tentarem honrar o Filho, eles foram além da Palavra de Deus e desonraram a Palavra do Senhor e dos apóstolos, que declaram que ele era o Filho ou descendente de Deus, e que o Pai é maior do que o Filho. A visão falsa envolveu seus milhões de adeptos em dificuldades inextricáveis em todas as direções.

Somente a verdade é razoável. "—verdade:

> Ela satisfaz nossos anseios como nada mais consegue fazer."

Essas afirmações a respeito de nosso Senhor Jesus — de que ele foi o princípio da criação de Deus e que, portanto, já existia muito antes de vir ao mundo como homem para ser o nosso redentor — são plenamente confirmadas por várias passagens das Escrituras, sendo uma delas a seguinte: "Deus enviou seu Filho unigênito ao mundo para que tenhamos vida por meio dele." (***1º João 4:9***) Aqui, a afirmação mais categórica é que ele era o Filho de Deus antes de vir ao mundo e que, como Filho de Deus, recebeu uma missão a cumprir no mundo. Também não se deve ignorar que aqui, como em muitos outros casos, o *Logos* é designado como "o Filho Unigênito" de Deus. O pensamento transmitido por essa expressão é que o *Logos* era, em si mesmo, a *única* criação direta ou geração do Pai Celestial, enquanto todos os outros filhos de Deus (tanto anjos quanto homens) eram sua criação indireta por meio do *Logos*. Daí a adequação e a veracidade da afirmação de que ele é o Filho Unigênito de Deus.

Veja-se outro exemplo: "Deus não enviou seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por meio dele." (***João 3:17***) Aqui, mais uma vez, sua existência pré-humana está implícita no envio e na missão. E essas afirmações a respeito do *Logos* estão em plena concordância

[E89]
com a história do assunto, apresentada a nós pelo evangelista, que declara: "Ele estava no mundo, e *o mundo foi feito por meio dele*, e o mundo não o conheceu." E ainda: "O *Logos* se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade; e nós contemplamos a sua glória, uma glória como a de um unigênito vindo do Pai." (***João 1:10, 14***) As próprias declarações de Nosso Senhor a respeito de sua pré-existência são indiscutíveis. Ele nunca reconheceu José como seu pai; nem jamais reconheceu que sua vida terrena fosse o início de sua existência.

Pelo contrário, observe que ele se referia continuamente a Jeová como seu Pai. Lembre-se de suas palavras: "Dizem vocês daquele que o Pai santificou e *enviou ao mundo*: 'Tu blasfemas', porque eu disse: 'Eu sou *o Filho de Deus*'?" (***João 10:36***) A Maria, sua mãe terrena, ele disse: "Não sabiam vocês que eu devo ocupar-me dos negócios *de meu Pai*?" (***Lucas 2:49***) Aos seus discípulos, ele declara: "Eu desci do céu." "Eu sou o pão da vida que desceu do céu." (***João 6:38, 51***) Muitos em sua época não acreditaram nisso, e muitos ainda não acreditam, mas a verdade permanece. Alguns dos que ouviram disseram: "Como isso pode ser?" E alguns de seus discípulos, ao ouvirem isso, disseram: "Essa palavra é dura; quem pode aceitá-la?" "Quando Jesus percebeu em seu íntimo que seus discípulos murmuravam a respeito disso, disse-lhes: 'Isso os escandaliza? E se vós virdes o Filho do homem *subir para onde estava antes*?" "Mas, a partir daquele momento, muitos dos discípulos se afastaram e não andavam mais com ele"; por causa dessa afirmação de origem celestial e existência pré-humana. ***João 6:60-66***

Ouçam-no novamente diante dos fariseus, proclamando a mesma verdade, dizendo: "Eu sei de onde vim e para onde vou... Eu sou do alto... Não sou deste mundo... Eu procedi e vim de Deus; nem vim por mim mesmo, mas ele me enviou. ... É meu Pai quem me ouve, e se eu dissesse que não o conheço, seria um mentiroso." Então os judeus lhe disseram: "És maior do que nosso pai Abraão?" Jesus respondeu: "Vosso pai Abraão se alegrou ao ver o meu dia; e ele o viu e se alegrou." (Abraão

[E90]
viu o dia de Cristo com os olhos da fé; acreditando na promessa divina a respeito do Messias. Ele pode ter visto seu dia de sacrifício, simbolizado na oferta de Isaque, seu único filho, mas, de qualquer forma, ele viu o dia da glória vindoura do Messias, o Milênio, e suas bênçãos sobre todas as famílias da terra, por meio dessa Semente prometida. E não é de se admirar que essa perspectiva o tenha alegrado. Com os olhos da fé, ele contemplou a cidade celestial, a Nova Jerusalém, a Igreja glorificada, a classe do Reino, e contemplou da mesma forma a pátria celestial — o mundo abençoado por esse Reino. (***Hb 11:10, 16; 12:22; 13:14***)

"Então os judeus disseram-lhe [a Jesus]: 'Ainda não tens cinquenta anos e já viste Abraão?' [Abraão já estava morto há dois mil anos.] Jesus disse-lhes: 'Em verdade, em verdade vos digo que, *antes que Abraão existisse, eu sou*.'" ***João 8:14, 23, 42-58***

Não pode haver dúvida quanto ao significado dessas palavras. Nosso Senhor afirma que *existia* antes de Abraão. Nem as Escrituras, em nenhum lugar, sugerem que a existência do Unigênito tenha cessado em algum momento desde o início — como "o princípio da criação de Deus" — até que cessou no Calvário por três dias; após o que ele ressuscitou dentre os mortos para nunca mais morrer, não tendo a morte mais domínio sobre ele. (***Rom. 6:9***) O fato de seu nascimento como ser humano, "um pouco inferior aos anjos", com o propósito de ser o sacrifício pelo pecado do homem, não envolveu uma morte da natureza do espírito anterior ao nascimento como bebê humano, mas meramente uma transferência de sua vida de uma natureza superior ou do espírito para uma natureza inferior ou humana. Portanto, as palavras de nosso Senhor: "Antes que Abraão existisse, eu sou", significam que não houve interrupção de sua existência em nenhum momento nesse intervalo, e identificam positivamente Jesus, o Filho de Deus, na carne, com o *Logos*, o primogênito de toda a criação. É claro que o testemunho de nosso Senhor não foi aceito por muitos que o ouviram, nem tem sido aceito por muitos desde então. Parece haver uma perversidade de disposição, que leva a humanidade a rejeitar as declarações simples e claras da Palavra do Senhor e a preferir considerar nosso Senhor ou como um membro pecador da raça caída

[E91]
raça, ou então como seu próprio pai. Somente os mansos estão prontos para "receber com mansidão a palavra enxertada, que é capaz de tornar verdadeiramente sábios", e somente a esses se destina o testemunho da Palavra de Deus. (***Isaías 61:1***; ***Tiago 1:21***) Assim como aqueles que ouviram o mestre e rejeitaram seu testemunho levantaram pedras contra ele, da mesma forma alguns que ouvem a verdade e a rejeitam agora estão prontos para apedrejar, figurativamente, todos os que aceitam e ensinam as palavras do mestre, em sua simplicidade. E agora, como naquela época, a razão é que eles não conhecem nem o Pai, nem o Filho, como deveriam conhecê-los — tal como eles se revelam.

As palavras de Nosso Senhor ainda se aplicam ao caso, a saber: "Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; nem ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar." (***Mt 11,27***) O mundo não o conheceu: não sabia de sua elevada origem nem de sua grande humilhação em favor dele; e quando nos lembramos de que provavelmente houve um longo período de tempo entre o início da criação na pessoa de nosso Senhor e o momento em que ele se fez carne, e quando, além disso, nos lembramos de que, durante todo esse período, ele esteve com o Pai, "sendo diariamente o seu deleite, regozijando-se sempre diante dele", não podemos nos surpreender que o Filho conhecesse o Pai, enquanto seus discípulos e o mundo não o conheciam — assim como estamos aprendendo a conhecê-lo por meio de sua Palavra de revelação e do desdobramento de seu maravilhoso plano das eras. Ouça-o declarar novamente: "Ó Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheci." ***João 17:25***

A chave para esse maravilhoso conhecimento das coisas celestiais está na afirmação: "Quem é da terra é terreno e fala da terra; quem vem do céu está acima de tudo, *e do que viu e ouviu, disso testifica*." (***João 3:31,32***) Não é de se admirar, então, que até mesmo seus oponentes perguntassem: "De onde vem a sabedoria deste homem?" (***Mateus 13:54***) E foi seu conhecimento das coisas celestiais, sua íntima e longa convivência com o Pai, gerando fé absoluta nas promessas do Pai, que o capacitou, como homem perfeito, a vencer o mundo, a carne e o diabo, e a apresentar um sacrifício aceitável por nossos pecados.

[E92]
Assim estava escrito de antemão por meio do Profeta: "Pelo seu *conhecimento,* o meu servo justo justificará a muitos, e ele levará as iniquidades deles." ***Isaías 53:11***

Ora, somente aqueles que andam pela fé, à luz da Palavra divina, podem conhecer o Pai ou o Filho, ou apreciar de forma clara e correta a grande obra de expiação que ambos, em união, estão realizando pela humanidade. Mas, em breve, após a conclusão da seleção da Igreja, depois que a Noiva, a esposa do Cordeiro, tiver sido unida ao seu Senhor na glória, e o Reino tiver chegado — então o conhecimento do Senhor encherá toda a terra, e o poder do Pai, que, por meio do *Logos*, criou todas as coisas, será exercido por meio dele, como Salvador, na restauração e no aperfeiçoamento daqueles que, ao terem o privilégio de conhecê-lo, se submeterão às suas justas exigências, de modo que, por fim, o poder de nosso Senhor, como agente de Jeová na criação, será plenamente igualado e exemplificado em seu poder, como agente de Jeová na restauração e na bênção do mundo; e assim se cumprirá a profecia do salmista: "Tu tens o orvalho [frescor, vigor] da tua juventude." ***Salmo 110:3***

Escutem as palavras de nosso Senhor a Nicodemos, que buscava conhecer algo das coisas celestiais, mas a quem foi negado esse conhecimento, porque ele ainda não havia crido nas coisas terrenas. Nosso Senhor, ao explicar-lhe seu conhecimento das coisas celestiais, diz: "Ninguém subiu ao céu, senão aquele que desceu do céu, o Filho do Homem."* Nosso Senhor então passa a mostrar a Nicodemos a provisão que Deus fez para o mundo, para que as pessoas não pereçam, mas tenham a vida eterna, declarando: "Deus amou tanto o mundo que deu *o* seu *Filho Unigênito*, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna." ***João 3:13,16***

O *Logos*, o princípio da criação de Deus, chamado também por Isaías de Maravilhoso, Conselheiro, Deus Poderoso, etc. (***Isaías 9:6***), é descrito por Salomão e representado

---

*As palavras "que está no céu" são espúrias — não se encontram nos manuscritos antigos

[E93]
sob o nome de Sabedoria, mas com todos os detalhes que harmonizam a afirmação com o relato dado por João, o Evangelista (***João 1:1,18***), da seguinte forma:

"Jeová me possuía no início de seu caminho, antes de seus caminhos de outrora. Fui estabelecida desde a eternidade, desde o princípio, antes mesmo de a terra ser [formada]. Quando ainda não havia profundezas [mares], fui gerada; quando ainda não havia fontes abundantes de água. Antes que as montanhas fossem erguidas e as colinas formadas, fui gerada; quando ele ainda não havia feito a terra, nem os campos, nem a parte mais elevada do pó do mundo. Quando ele preparou os céus, eu estava lá; quando ele traçou um compasso sobre a face do abismo; quando ele estabeleceu as nuvens no alto; quando ele fortaleceu as fontes do abismo; quando ele deu ao mar o seu decreto, para que as águas não ultrapassassem o seu comando; quando ele designou as fontes da terra; então eu estava ao seu lado, *como alguém criado com ele; e eu era diariamente o seu deleite, regozijando-me sempre diante dele*." ***Provérbios 8:22-30***

Além do que aqui observamos a respeito do *Logos* — que ele não foi apenas o princípio da criação de Deus e o primogênito, mas também seu Filho Unigênito, e que todas as outras criações foram feitas por meio dele —, encontramos uma bela declaração corroborativa nas próprias palavras de nosso Senhor, que diz: "Não temais; eu sou o *primeiro* e o *último*; eu sou aquele que vive e esteve morto, e eis que estou vivo para todo o sempre." E ainda: "Isto diz o *primeiro* e o *último*, aquele que esteve morto e está vivo." (***Apocalipse 1:17; 2:8***) Em nenhum outro sentido ou forma, a não ser como a "ún*ica*" criação direta de Deus, por meio da qual tudo o mais foi criado, nosso Senhor poderia ser o primeiro e o último da criação de Deus. Qualquer outra visão, portanto, seria incorreta e entraria em conflito com todas as escrituras acima mencionadas.

"O Logos se fez carne e habitou entre nós"
—***João 1:***14—

O pensamento comum a respeito da manifestação de nosso Senhor na carne é geralmente expresso pela palavra *encarnação*.

[E94]
Acreditamos que essa concepção comum seja totalmente incorreta e contrária às Escrituras. A teoria *da Encarnação* sustenta que o corpo humano de nosso Senhor, nascido de Maria, era meramente um *invólucro*, uma *cobertura* para o corpo espiritual. A ideia, portanto, associada à vida terrena de nosso Senhor, de acordo com essa teoria, é que nosso Senhor, durante sua vida terrena, continuava sendo um ser do espírito, exatamente como antes, exceto que usava a carne nascida de Maria — conhecida como o homem Cristo Jesus — como seu véu ou meio de comunicação com a humanidade, à maneira como os anjos haviam aparecido em forma humana em épocas anteriores — a Abraão, a Manoá, a Ló e a outros. (***Gênesis 18:1,2; 19:1***; ***Juízes 13:9-11,16***) Devido a essa premissa incorreta, muitas ideias confusas e contrárias às Escrituras surgiram a respeito dos vários incidentes da vida e morte de nosso Senhor: por exemplo, essa teoria pressupõe que o cansaço de nosso Senhor não era real, mas fingido; pois ele, como o espírito, não poderia sentir cansaço. A lógica dessa teoria implicaria também que as orações de nosso Senhor fossem fingidas, pois, segundo essa teoria, ele era o próprio Deus, e orar seria orar a si mesmo; por isso, argumenta-se que suas orações eram meramente *formais*, para causar impressão nos discípulos e naqueles que estavam por perto. A mesma teoria é obrigada a supor que a morte de nosso Senhor foi meramente uma aparência de morte, pois argumentam que Jesus era Deus Pai, que, sendo de toda a eternidade a toda a eternidade, não pode morrer: daí que a aparente agonia e o clamor: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”, bem como a morte, tenham sido meramente *formais*, para causar impressão nas mentes daqueles que ouviram e viram. O argumento lógico dessa teoria, portanto, é que não houve morte real pelos pecados do homem, mas meramente uma aparência dela, um efeito espetacular, um espetáculo dramático, uma representação cinematográfica, *um engano* produzido com um bom propósito — para influenciar favoravelmente a compaixão e a sensibilidade da humanidade.

Tudo isso está errado e se opõe violentamente à verdade sobre o assunto, conforme apresentada na Palavra de Deus. A declaração bíblica não é que nosso Senhor *assumiu* um corpo

de carne como um revestimento para um corpo espiritual, como fizeram os anjos anteriormente; mas que ele de fato deixou de lado, ou, como diz o grego, "despiu-se de", suas condições pré-humanas, e *de fato assumiu nossa natureza*, ou, como declara nosso texto acima, "o *Logos* se *fez carne*". Não houve fraude, nem fingimento nisso: não foi que ele meramente parecesse se humilhar, enquanto na verdade retinha sua glória e poder; não foi que ele parecesse tornar-se pobre por nossa causa, mas na verdade permanecesse rico na posse da natureza espiritual superior o tempo todo; não foi que ele meramente vestisse as roupas, o traje, de um servo. Não, mas ele realmente se tornou *um homem* — "o homem Cristo Jesus, que se entregou como o resgate por todos". ***1 Tim. 2:5***

Veremos posteriormente, quando passarmos a considerar especificamente o aspecto do resgate em sua obra, que era absolutamente necessário que ele fosse um homem — nem mais nem menos do que um homem perfeito — porque foi um homem que pecou, o homem que deveria ser redimido, e a lei divina exigia que a vida de um homem pagasse o preço da redenção pela vida de um homem. "Assim como por meio de um *homem* veio a morte, também por meio de um *homem* veio a ressurreição dos mortos." (***1 Cor. 15:21***) Mas que ninguém nos interprete mal, pensando que isso significa que nosso redentor se tornou um homem como nós, cheio de imperfeições e falhas herdadas. Muito pelo contrário: a própria Palavra de Deus declara que ele era "santo, inocente, *separado dos pecadores*". ***Hb 7:26, 28***; ***Lucas 1:35***

Sua separação dos pecadores é um dos pontos mais difíceis para muitos. Como ele poderia ser um homem e, ainda assim, estar livre da mancha hereditária que afeta toda a família humana? Esperamos ver exatamente como isso poderia ser e como foi realizado no âmbito do plano divino; mas precisamos, antes de tudo, ter bem gravado em nossas mentes o fato de que um homem imperfeito, um homem imperfeito, alguém que, por hereditariedade, fazia parte da linhagem de Adão e cuja vida estava, portanto, ligada à nossa, *não poderia ser nosso redentor*. Havia muitos homens pecadores no mundo, sem que Deus precisasse enviar seu Filho para ser mais um deles. Havia muitos desses homens imperfeitos que estavam dispostos a dar a vida para a realização

[E96]
da vontade do Pai. Isso é plenamente atestado pelo relato de ***Hebreus 11***, no qual fica claramente demonstrado que muitos "não consideraram a própria vida como algo precioso", em sua fidelidade ao Senhor. Mas o que era necessário não era meramente *um sacrifício* pelos pecados, mas *um sacrifício sem pecado*, que assim pagasse a pena do pecador. E visto que "todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus", e visto que "não há justo, nem um sequer", *portanto*, como as Escrituras novamente declaram: "Ninguém podia dar a Deus o resgate por seu irmão." (***Rom. 3:10, 23***; ***Salmo 49:7***). Foi porque o Senhor contemplou e viu que não havia homem capaz de redimir o mundo que Ele colocou a ajuda sobre aquele que é poderoso para salvar — capaz de salvar plenamente todos os que se aproximam do Pai por meio dele. ***Salmo 89:19***; ***Isaías 63:1; 59:16***; ***Hebreus 7:25***

Em seguida, queremos, se possível, ver claramente como nosso Senhor Jesus se uniu à nossa raça e se tornou membro dela, por meio de sua mãe Maria, sem compartilhar, em nenhum grau, de sua depravação, sem herdar a mancha do pecado, sem que a maldição da morte se apoderasse dele; pois, se de alguma forma ou em algum grau ele participasse da *vida* de Adão, teria sido também participante da sentença de morte sobre a vida de Adão, e, assim, teria ficado sujeito à *sentença de morte*; e, se assim se tornasse imperfeito e estivesse sujeito à sentença de morte, não teria *direitos à vida* para oferecer como preço de resgate do homem, pelo qual resgatar o pai Adão e sua raça da sentença de morte imposta pela Justiça divina. Propomos examinar essa questão em nosso próximo capítulo. Esperamos provar ali que nosso Senhor não se contaminou, de forma alguma nem em grau algum, com o pecado ou a imperfeição por meio de sua mãe.

[E97]

ESTUDO IV
O MEDIADOR DA EXPIÇÃO: O IMACULADO

Escrituras aparentemente conflitantes reconciliadas — A doutrina católica romana da Imaculada Conceição de Maria não se sustenta — O nascimento de Jesus separado dos pecadores é essencial ao desígnio divino — Caso contrário, nenhum resgate seria possível— As deduções mais recentes da ciência a respeito da união entre vida e protoplasma — O Logos feito carne — Nascido de uma mulher, mas imaculado — Como a mãe imperfeita pôde e de fato deu à luz o Imaculado — Esse mesmo princípio funcionando em outros aspectos do plano divino, conforme testemunhado pelas Escrituras.

"Quem pode tirar algo puro do impuro? Ninguém." ***Jó 14:4***

"Ele se manifestou para tirar os pecados, e nele não há pecado." "Um Sumo Sacerdote assim era adequado para nós — santo, inocente, imaculado, *separado* dos pecadores." ***1º João 3:5***; ***Hb 7:26***

AQUI estão declarações das Escrituras aparentemente em conflito: a primeira afirma, em harmonia com nossa experiência, que toda a posteridade de Adão é afetada pelo vírus do pecado proveniente da fonte envenenada; a segunda afirma que nosso Senhor Jesus, como homem, era diferente dos outros homens — sem mancha, imaculado, puro. E, visto que toda a teoria da expiação, apresentada nas Escrituras, exige que, necessariamente, nosso redentor deva ser um homem sem mancha — *de* nossa raça e, ainda assim, *separado* dela —, isso se torna um ponto muito importante para as mentes das pessoas que refletem sobre o Senhor. Como Deus realizou, no caso de nosso Senhor Jesus, o que é impossível ao homem, de acordo com toda a experiência humana e com o testemunho de Jó? Dar ampla prova de como o desígnio divino realizou essa coisa desejada, mas aparentemente impossível, de produzir um membro da raça, mas separado de suas imperfeições, para ser o *resgate* — dar

[E98]
um preço correspondente pelo primeiro *homem perfeito,* cujo pecado e sua maldição corrompem a raça — essa é a agradável tarefa do presente capítulo.

Não que o conhecimento da *maneira* como isso ocorreu seja essencial nem para a fé nem para a salvação do verdadeiro discípulo instruído por Deus; mas, à luz da crítica destrutiva atual (razoável e irracional), é conveniente que essa verdade, tão intimamente identificada com a expiação — o próprio centro e fundamento do verdadeiro cristianismo —, seja solidamente reforçada, com o intuito de que a fé do povo do Senhor seja capaz de resistir aos ataques do adversário contra a doutrina do resgate — seja no púlpito, na imprensa ou nos bancos da igreja. A afirmação bíblica sobre a impecabilidade de nosso Senhor foi, graças a Deus, bastante suficiente para os santos durante séculos; mas agora, como "alimento na época certa" para a família, surge o atestado científico e filosófico da possibilidade de tudo o que é afirmado na Palavra divina sobre esse assunto — em plena harmonia com "as leis da natureza".

A Igreja Católica Romana, em sua doutrina da "Imaculada Conceição" de Maria, tenta estabelecer a fé na mãe de nosso Senhor como imaculada, sem mancha, perfeita; e, assim, provar que Jesus poderia nascer puro e separado dos pecadores: mas essa não é a nossa afirmação. Admitimos que a mãe de nosso Senhor era um membro da raça de Adão, no mesmo sentido que todos os outros membros dela — que sua vida derivava da linhagem adâmica, que ela herdou as fraquezas e imperfeições humanas e, inevitavelmente, estava, como todos os outros, sob a sentença de morte. Afirmamos que "o *homem* Cristo Jesus" foi uma exceção — a única exceção.

E é bom que não nos esqueçamos de que o cuidado providencial de Deus para com os filhos dos homens se manifesta frequentemente nas *exceções* da natureza. Por exemplo, é regra da natureza que o calor cause expansão, enquanto o congelamento causa contração: mas quão afortunada é a humanidade por a água ser uma exceção a esse princípio — que a água, contrariamente à regra geral, se expande ao congelar. Se ela seguisse a lei habitual da natureza e se contraísse ao congelar, isso teria o efeito de tornar o gelo mais pesado do que a água não congelada,

[E99]
e faria com que ele afundasse até o leito dos rios; consequentemente, nossos rios se tornariam gelo sólido, que nem mesmo o calor do verão conseguiria derreter. Que sorte, também, que o antimônio, entre os minerais, seja uma exceção a essa lei da natureza: caso contrário, seria impossível para nós obter bordas bem definidas em nossos tipos de impressão, garantidas pela mistura desse metal, que se contrai, com outros metais que se expandem sob o calor. Assim, a única exceção à contaminação em nossa raça era sua única esperança — seu resgate, sua salvação sob a providência divina. Com esses pensamentos, passamos a examinar como o *Logos* "*se fez carne*", "nasceu de uma mulher", "da semente de Abraão" e, ainda assim, permaneceu imaculado, podendo, portanto, ser um resgate adequado e aceitável para Adão e sua raça.

As Escrituras apresentam a ideia de que toda *a existência, energia viva ou ser*, provém do pai e não da mãe. A mãe recebe o esperma ou semente da vida do pai, fornece-lhe um núcleo celular a partir do qual se produz uma forma ou corpo, e nutre o germe do ser até que ele seja capaz de manter uma existência independente; ou seja, até que seja capaz de se apropriar, para sua manutenção, dos elementos vitais que a terra e o ar fornecem — então ele nasce.

A palavra *"pai"* tem o significado de *"doador de vida*". Assim, Deus era o "*Pai*", ou doador de vida, enquanto a terra era a mãe de Adão e, portanto, da raça humana. (***Lucas 3:38***) A forma ou o organismo de Adão era da *terra* e proveniente *dela* (que, portanto, serviu como sua mãe); mas sua centelha de vida, que o constituía como homem, veio de Deus (que, assim, era seu Pai ou doador de vida): e, desde então, no homem da espécie humana reside o poder de transmitir essa centelha de vida ou semente viva à prole.

Em harmonia com esse princípio, fala-se das crianças como sendo *de* seus pais e geradas *por* suas mães. (***Gênesis 24:47***) Assim, os filhos de Jacó, contados por meio de seus filhos, eram setenta quando ele desceu ao Egito. Diz-se expressamente que todas essas setenta almas ou seres saíram dos lombos de Jacó. (***Gênesis 46:26,27***; ***Êxodo 1:5***) Da mesma forma, a respeito de Salomão, diz-se que ele saiu dos lombos de Davi.

[E100]
(***1º Reis 8:19***; ***2 Crônicas 6:9***) Da mesma forma, o apóstolo Paulo e os israelitas em geral afirmavam que todos haviam saído dos lombos de Abraão; e, a respeito de Levi, está escrito que "ele ainda estava nos lombos de seu *pai* quando Melquisedeque o encontrou". ***Hb 7:5,10***

Assim também toda a raça estava em Adão, seu *pai*, e dele provinha, por meio da mãe Eva, mas não dela. E assim está escrito que "todos em ADÃO morrem", mas não todos em Eva. Como a raça provinha de Adão, foi submetida à provação *dele*, condenada por *seu* fracasso e incluída em *sua* sentença.

Isso, que as Escrituras ensinam, é a dedução mais recente da ciência sobre esse assunto da procriação, tal como se aplica à humanidade e a todos os mamíferos. Os cientistas encontram na natureza provas abundantes e conclusivas de que *a vida* ou o ser provém sempre do macho. A forma mais simples de ilustração é o ovo de galinha: por si só, ele originalmente não contém vida, mas é meramente um germe celular com seu suprimento de nutrientes, pronto para formar um *organismo* assim que for vivificado, fecundado ou impregnado com o germe da vida ou a semente da vida proveniente do pássaro macho.

O ovo contém não apenas a célula germinativa, mas também os elementos nutritivos adequados, na proporção correta, adaptados ao minúsculo organismo gerado nele pelo espermatozoide ou semente da vida; e, sob condições adequadas, esse organismo se desenvolve. A célula germinativa, ou "gema formativa", ou protoplasma, recebe o germe da vida, ou espermatozoide, e este se torna o embrião do pintinho, que utiliza para seu próprio desenvolvimento a "gema nutritiva" e a clara, até que rompa a casca e seja capaz de se sustentar por meio da absorção de elementos nutricionais mais rudimentares. Os princípios aqui envolvidos são os mesmos nos seres humanos e em outros animais.

Tendo em vista esses testemunhos harmoniosos da Bíblia e da ciência, é uma dedução razoável que, se o pai fosse perfeito, a criança seria perfeita. Mesmo em condições moderadamente favoráveis, um espermatozoide perfeito, ou semente de vida, ao se unir à célula germinativa feminina, produziria um embrião vivo tão vigoroso e saudável a ponto de ser capaz de assimilar os elementos nutritivos adequados e de eliminar, rejeitar ou neutralizar os inadequados. E o ser perfeito assim produzido

[E101]
possuiria igualmente o poder de neutralizar ou repelir, por meio de suas funções perfeitas e sem dano ou inconveniente para si mesmo, todos os elementos não benéficos. Pelo contrário, na medida em que o espermatozoide ou semente de vida for imperfeito, o embrião vivo será fraco e incapaz de vencer as condições desfavoráveis de seu ambiente, e absorverá tudo o que sua mãe lhe fornecer — bom ou ruim —, tornando-se presa de doenças. Por ser imperfeito, ele é incapaz de rejeitar totalmente os elementos tóxicos, e a consequência é a fraqueza e a doença.

O antigo provérbio "O que é alimento para um é veneno para outro" baseia-se no princípio aqui enunciado. Uma pessoa dotada de boa capacidade digestiva pode comer e extrair nutrientes e força de alimentos que rapidamente adoeceriam e, eventualmente, matariam outra pessoa com capacidade inferior. O mais resistente extrai o que é bom e evita os elementos nocivos; o mais fraco é incapaz de fazer isso e fica realmente envenenado, frequentemente a ponto de adoecer. No entanto, lembremo-nos de que nenhum membro de nossa raça é nem de longe perfeito — nenhum é capaz de defender seus sistemas imperfeitos contra as miríades de inimigos que atacam por meio dos alimentos, das bebidas e do ar. Consequentemente, ninguém nasce perfeito e ninguém consegue evitar as investidas da doença por muito tempo. Ela ataca primeiro os órgãos mais fracos e logo todos entram em colapso.

Desse ponto de vista, conclui-se que, se apenas a mãe Eva tivesse pecado, a raça não teria perecido; pois, se Adão tivesse permanecido perfeito, com sua vida intacta e imaculada, sua descendência teria nascido sem mácula. E mesmo que a sentença de morte tivesse sido proferida contra a mãe Eva, trazendo imperfeições a ela, essas imperfeições não teriam prejudicado sua descendência; sendo *perfeitos*, eles teriam assimilado os elementos bons e neutralizado, eliminado ou expelido naturalmente e sem danos quaisquer elementos nocivos da nutrição que lhes fossem fornecidos.

Por outro lado, suponha-se que Adão tivesse pecado e Eva tivesse permanecido sem pecado: a condenação e a morte de Adão teriam afetado toda a posteridade da mesma forma. Por mais perfeitas que fossem as células germinativas e a nutrição

[E102]
fornecidos pela mãe Eva, apenas seres imperfeitos e mortais poderiam ser produzidos a partir do esperma doente ou da semente de vida de Adão. Daí a adequação da afirmação bíblica de que "Todos em Adão morrem" e "Pela desobediência *de* um só *homem*... a morte passou a todos". ***1 Cor. 15:22***; ***Rom. 5:12,19***

Quão maravilhosa é a correspondência aqui entre o primeiro e o segundo Adão e suas noivas. Assim como a *morte* da raça humana não dependia de Eva, mas inteiramente de Adão, e ainda assim ela participou de sua vinda, da mesma forma a *vida* restaurada da raça redimida não depende de forma alguma da noiva de Cristo, mas de Jesus, o redentor, embora, por favor divino, esteja estabelecido que sua noiva participe da restauração do "que se perdeu".

A fonte, Adão, tendo-se contaminado pelo pecado e pela morte, nenhum de seus descendentes pode estar livre da contaminação; pois: "Quem pode tirar algo puro do impuro? Ninguém." A referência aqui deve ser entendida como aplicável ao homem, e não à mulher: ninguém que venha da fonte contaminada pode ser puro. Por isso, "Não há justo, nem um sequer"; ninguém pode resgatar a própria vida, muito menos dar a Deus o resgate por seu irmão. ***Rom. 3:10***; ***Sal. 49:7***

É um fato amplamente reconhecido que a mente de uma mãe, durante o período de gestação, exerce uma influência importante sobre o caráter e a disposição de seus filhos, para o bem ou para o mal. Há muitos casos de "marcas de nascença" tanto mentais quanto físicas. Se, de fato, um embrião perfeito, gerado a partir de um germe de vida perfeito, pode ser prejudicado por uma *mente* perversa na mãe — e *em que medida* isso ocorreria —, seria impossível para a humanidade, nas condições atuais, determinar; pois não temos oportunidade de obter provas nesse sentido. Tampouco é necessário para nosso argumento determinar essa proposição, pois não foi nessas condições que o *"homem* Cristo Jesus" nasceu. As Escrituras indicam explicitamente: (1) Que o Senhor escolheu como mãe de Jesus uma mulher santa, "abençoada entre as mulheres", que havia "encontrado graça diante de Deus" (***Lucas 1:28, 30, 42***); (2) Maria estava cheia de fé e da alegria do Senhor, para ser um instrumento em seu plano; e (3) sem se preocupar com o medo da

[E103]
censuras de José ou do mundo, ela vivia regozijando-se em Deus, dizendo: "Minha alma exalta a Jeová; meu espírito se regozija em Deus, meu Salvador." (***Lucas 1:45-47***) Assim, percebemos que a mente da mãe de Jesus, em vez de ser antagônica ao seu desenvolvimento perfeito, cooperou para esse resultado.

Conclui-se, então, que o único obstáculo à geração de um homem perfeito a partir de uma mãe imperfeita, imperfeita, mas bem-intencionada, é a falta de um pai perfeito para fornecer *espermatozoides perfeitos*. E daí a coerência do ensinamento das Escrituras, de que, no caso de Jesus, uma *vida perfeita* (não proveniente da fonte adâmica) foi *transferida* por poder divino de uma condição pré-existente para a condição embrionária humana, tendo-se nascido "santo" (puro e perfeito), embora de uma mãe imperfeita. (***Lucas 1:35***) O fato de Jesus não ter sido, assim, contaminado pelas imperfeições — mentais, morais ou físicas
— as quais sua mãe, assim como toda a raça humana, compartilhava — é inteiramente razoável e, como acabamos de ver, está em perfeito acordo não apenas com as Escrituras, mas também com as mais recentes descobertas e deduções científicas.

Outro fato que os cientistas estão comprovando por si mesmos, e que parece concordar com o testemunho das Escrituras, é que, embora a vida ou o ser venha do pai, *a forma* e *a natureza* vêm da mãe. As provas científicas disso são mais abstrusas e menos facilmente compreendidas pela mente comum; e isso porque, em sua sabedoria, Deus não apenas separou os vários *tipos* ou *naturezas*, mas, em grande medida, os limitou, de modo que não possam se misturar ou se fundir além de certos limites sem perder os poderes de fecundação. Uma ilustração comum disso é a mula, um híbrido que não pode se reproduzir.

A antiga ideia de que a forma e a natureza provinham do homem foi abandonada pelos estudiosos modernos da natureza, que agora concordam que a mulher fornece tanto *o organismo* quanto *o sustento* — na verdade, fornece tudo, exceto a semente da vida, ou esperma, que provém do pai, ou do doador da vida. Tome-se como ilustração bíblica das afirmações anteriores a união imprópria entre "as filhas dos homens" e aqueles anjos que não mantiveram

[E104]
sua devida posição ou condição. (***Gênesis 6:2,4***; ***Judas 6***; ***2 Pedro 2:4***) Os anjos, ao assumirem forma humana, sendo perfeitos em vitalidade, geraram filhos muito superiores à raça de Adão — então profundamente decaída — tanto em perspicácia mental quanto em poderes físicos, de modo que o registro diz: "esses eram homens de renome". Esses homens maravilhosos, lembremos, nasceram de mães imperfeitas e mortais, mas foram gerados por pais vigorosos e sem deficiências.

A raça moribunda de Adão teria tido mestres severos naqueles *Nefilim* superiores (em hebraico, *"os caídos*"), que nunca foram reconhecidos por Deus, nem por meio de uma prova para a vida, nem por uma condenação à morte. Foi, de fato, uma misericórdia que, ao não ter autorizado sua existência, os tenha eliminado do mundo no dilúvio e poupado Noé e sua família como um novo começo para a raça, com o comentário: "Ora, Noé era perfeito em sua geração", o que implica que a maioria da posteridade de Adão havia se tornado grandemente *contaminada* e, de certa forma, uma nova raça por associação com os anjos em forma humana. Dizemos "uma *nova* raça" por causa de sua nova vida e vigor provenientes de novos pais.

Tão grande era a fama desses "*Nefilim*" que o temor a eles ainda pode ser encontrado, com maior ou menor clareza, nas mitologias pagãs até os dias de hoje; e centenas de anos após sua destruição no dilúvio, o boato *falso* de que alguns deles ainda estavam vivos causou pânico entre os israelitas, que estavam eufóricos com a vitória em batalhas recentes. (Ver ***Núm. 13:33; 14:36, 37***.) Sem dúvida havia alguns homens de grande estatura em Canaã, como mostram outras escrituras, mas nunca, exceto nesse "relato maligno", eles são chamados *de nefilim*.

Outra ilustração desse princípio de que a vida (vitalidade) provém do pai e o organismo (natureza) da mãe é encontrada no fato de que Jeová, ele próprio de natureza divina, gerou *filhos* de várias naturezas. Ele é o pai ou *doador de vida* para aqueles filhos de natureza angelical (***Jó 2:1; 38:7***; ***Hb 2:9***), assim como dos filhos de natureza humana (***Lc 3:38***) e também das *"novas* criaturas" que, na primeira ressurreição, se tornarão participantes da sua própria natureza *divina*. (***2 Pe 1:4***) O espírito ou *a energia* de Jeová, funcionando sobre

[E105]
substâncias espirituais produziu e desenvolveu os anjos; o mesmo espírito ou energia, funcionando sobre substâncias terrenas, produziu o homem e os animais inferiores. (***Gên. 2:7***; ***1 Cor. 15:47***) E quando Deus quis nos dar uma concepção clara da geração das novas criaturas para a natureza divina, Ele as representou como *geradas* de sua palavra de promessa no *ventre da aliança* que fez com Abraão, aliança essa simbolizada por uma mulher, Sara, dizendo-nos que, *assim como* Isaque era o herdeiro de Abraão e filho da promessa (por Sara), *assim* também nós, como ou à semelhança de Isaque, somos filhos de Deus, sendo filhos da promessa, ou da aliança de Sara**.** Veja ***Gálatas 4:23-31***; ***1 Pedro 1:3,23***; ***2 Pedro 1:4***.

O mesmo princípio é ilustrado pelo fato de que, na dispensação judaica *típica*, anterior à era cristã, uma criança herdava as bênçãos e os privilégios de seu pai, de acordo com o favor e a posição de sua mãe, declarando assim, mais uma vez, que a natureza, os direitos, os privilégios e as liberdades da mãe se transferiam para a criança, embora não necessariamente os do pai. Veja ***Gênesis 21:10***; ***Êxodo 21:4***; ***Gálatas 4:30***.

Os argumentos acima são reforçados pelo fato de que nosso Senhor Jesus nasceu de uma mulher. A "coisa santa" nascida de uma mulher participava da natureza da mulher, ou seja, da natureza humana — "da terra, terrena". Embora mantivesse toda a pureza e perfeição do estado pré-existente (espiritual), o germe do ser transferido (em harmonia com esta lei que estamos examinando) participava da natureza da mãe e "se *fez carne*" ao "nascer de uma mulher". No entanto, a "coisa pura" não provém da raça impura, mas "procedia e vinha de Deus" e foi meramente desenvolvida e nutrida em Maria. ***João 8:42***; ***Gálatas 4:4***

Está ainda mais em harmonia com esse mesmo princípio o fato de que, embora nosso Senhor Jesus tenha sido, desde então, altamente exaltado à *natureza divina* e não seja mais humano, declara-se a respeito dele que será o *doador de vida* ou "pai" de toda a raça humana, ao mesmo tempo em que se mostra que sua obra para a raça consiste em *restaurar* a perfeição da *natureza humana*, que foi perdida para todos por causa do pecado de Adão. Assim, enquanto seu "pai" ou doador de vida estará no plano divino, seus filhos estarão no

[E106]
plano humano, nascidos de uma Aliança de restauração, ilustrada por Quetura, a terceira esposa de Abraão.

Revisitando nosso assunto, percebemos que o nascimento "milagroso" de nosso Senhor Jesus, perfeito e imaculado, de uma mãe imperfeita, não foi contrário ao procedimento habitual dos arranjos do Criador, mas em plena harmonia com eles: vemos que, da mesma forma, o pai Adão nasceu perfeito porque nasceu *de* Deus, embora sua mãe (a terra) ainda fosse imperfeita, exceto o Jardim do Éden, especialmente preparado. A garantia bíblica, portanto, de que nosso Senhor teve uma existência pré-humana, cujo princípio de vida foi transferido para o ventre de Maria e de quem nasceu "santo", é garantia abundante de que ele era, como as mesmas Escrituras declaram, "santo, inocente, *imaculado, separado dos pecadores*". Justamente alguém assim "se tornou adequado para nós" ou era adequado às necessidades do nosso caso — alguém que pudesse ser aceito pela Justiça como nosso *preço de resgate*; e, então, ao ser constituído Sumo Sacerdote da humanidade nas coisas relativas a Deus, seria capaz de ter compaixão pelos fracos e sobrecarregados — tendo sido tocado por um sentimento de fraquezas humanas quando ele mesmo, com compaixão, tomou sobre si nossas enfermidades. ***Mt 8:16, 17***; ***Hb 7:26***

Passamos agora a considerar como ele poderia ser assim, sem pecado, e ainda assim ser "feito semelhante aos seus irmãos".

[E107]

ESTUDO V
O mediador da expiação, "assemelhado a seus irmãos" e "compassivo" DE NOSSAS DEFICIÊNCIAS"

Quem são "seus irmãos" — Em que consistia essa semelhança — Como Ele foi tentado em todos os aspectos, assim como nós somos tentados, mas sem pecado — As tentações no deserto — Sua semelhança com as nossas — Algumas das quais "enganariam, se fosse possível, até mesmo os escolhidos"—Em que sentido nosso Senhor foi aperfeiçoado por meio dos sofrimentos — Embora fosse Filho, aprendeu a obediência — Como foi feito à semelhança da carne pecaminosa — Mas sem pecado — "Ele mesmo tomou sobre si nossas fraquezas" — Como foi "tocado".

"Em todas as coisas convinha que ele se tornasse semelhante aos seus irmãos, para que fosse um Sumo Sacerdote misericordioso e fiel nas coisas relativas a Deus — a fim de fazer reconciliação pelos pecados do povo." ***Hb 2:17***

AS DUAS linhas de pensamento populares, porém opostas, se encontram e entram em conflito no que diz respeito a todas as diversas declarações bíblicas que afirmam a relação de nosso Senhor com a humanidade; e somente a terceira linha — a da verdade — é capaz de conciliar as diversas escrituras ou de satisfazer a razão santificada. Das duas teorias falsas, porém populares, uma afirma que nosso Senhor Jesus era o Deus Todo-Poderoso, Jeová, que simplesmente se revestiu de carne humana, sem realmente ter sensibilidade efetiva às provações, tentações e circunstâncias da humanidade. A outra teoria afirma que ele era um homem pecador, partícipe das imperfeições de nossa raça, assim como os demais, mas mais bem-sucedido do que os outros em combater e resistir aos impulsos do pecado. Estamos nos empenhando em mostrar que ambas as teorias são errôneas e que a verdade se encontra entre elas, no fato de que o *Logos*, "sendo na forma de Deus" — o espírito —, quando *"se fez* carne", era realmente *um homem*, "o *homem* Cristo Jesus", mas "*separado* dos pecadores", um homem *perfeito* preparado para ser o "preço correspondente" pelo primeiro homem perfeito cuja queda envolveu nossa raça, e cuja redenção também envolve a raça.

[E108]

É, portanto, bastante apropriado, neste contexto, ao buscarmos estabelecer a visão biblicamente correta sobre este assunto, que examinemos várias passagens das Escrituras que foram distorcidas e mal utilizadas para provar que nosso Senhor era imperfeito e sujeito às mesmas paixões da raça caída. Defendemos que, se ele estivesse nessa condição, teria sido tão impossível para ele quanto é impossível para nós cumprir de forma absoluta e perfeita todas as exigências da Lei Divina. A Lei Divina é a medida plena da capacidade do homem *perfeito* e está além da medida e da capacidade de qualquer homem que não seja perfeito. Portanto, o próprio fato de que em nosso Senhor não havia pecado, o próprio fato de que ele era agradável ao Pai e aceitável como oferta pelo pecado, como preço do resgate por Adão (e pela raça perdida nele), prova indiretamente sua perfeição, conforme sustentamos que as Escrituras ensinam em toda parte.

Mas os "irmãos" de nosso Senhor não eram imaculados, não estavam separados dos pecadores. Como, então, ele poderia ser "feito semelhante aos seus irmãos" e, ainda assim, estar separado dos pecadores? A resposta a essa pergunta encontra-se no reconhecimento do fato de que o mundo da humanidade, os pecadores em geral, não são aqueles a quem se refere como "seus irmãos". O homem Adão, de fato, era um filho de Deus no momento de sua criação e até o momento de sua transgressão (***Lucas 3:38***), mas não posteriormente. E toda a sua raça é designada nas Escrituras como "filhos da ira". (***Ef 2:3***) Somente aqueles que "escaparam da condenação que recai sobre o mundo" e que voltaram a estar em harmonia com Deus, por meio de Cristo, estão biblicamente autorizados a se considerarem filhos de Deus. (***Jo 1:12***) Quanto aos demais, nosso Senhor declara: "Vós sois de vosso pai, o diabo, pois fazeis as obras dele." (***Jo 8:44***) Nosso Senhor Jesus nunca se considerou um dos filhos do diabo, nem um dos "filhos da ira", mas declarou que "proveio e veio de Deus". Tampouco reconheceu como "seus irmãos" nenhum daqueles que ainda eram "filhos da ira". Os únicos reconhecidos como "irmãos do Senhor" são aqueles que, tendo escapado da condenação que recai sobre o mundo, foram

[E109]
aproximados do Pai por meio do sangue de Cristo e receberam "o espírito de adoção" na família de Deus, bem como a promessa da plena "adoção como filhos" no estabelecimento do Reino. (***Rom. 8:15, 23***; ***Gál. 4:5***) É porque esses estão *justificados*, considerados livres da culpa adâmica, considerados justos, por meio do sangue de Cristo, que são, em qualquer sentido da palavra, semelhantes ao nosso Senhor Jesus, "seus irmãos", em uma posição semelhante de favor divino e separação do mundo. Sobre os consagrados dessa classe, nosso Senhor diz: "Eles não são do mundo, assim como eu não sou do mundo." "Eu vos escolhi do mundo." (***João 15:19; 17:16***) Desse ponto de vista, pode-se ver facilmente que nosso Senhor *foi* "feito semelhante aos seus irmãos" — *exatamente*, em todos os detalhes. Não que seus "irmãos" estivessem nessa condição na época em que ele se humilhou e se fez carne — ele não tinha irmãos naquela época, exceto na medida em que essa classe era *pré-conhecida* por Deus. (***Ef 1:5, 11***; ***Rm 8:29***) Mas o arranjo divino era tal que Deus previu que poderia ser justo e, ainda assim, justificar aqueles da raça pecadora que aceitassem a graça divina por meio de Cristo, e cujos pecados fossem, por essa razão, cobertos, não imputados a eles, mas imputados àquele que "levou nossos pecados em seu próprio corpo sobre o madeiro". Deus previu e conheceu de antemão seu propósito de chamar a Igreja do evangelho para ser "o co-herdeiro com Jesus Cristo, nosso Senhor", da herança incorruptível, imaculada e que não se desvanece, reservada nos céus. E foi em vista desse plano pré-estabelecido que todos os que constituirão essa classe foram mencionados antecipadamente, por meio dos profetas, como os "irmãos" de Cristo. Profeticamente, nosso Senhor é representado dizendo ao Pai: "Anunciei o teu nome aos *meus irmãos*; no meio da Igreja cantei o teu louvor." (***Sal. 22:22***; ***Hb. 2:12***) Visto que este era o programa divino
— de que nosso Senhor não fosse apenas o redentor do mundo, mas também um *modelo* para os "irmãos" que seriam seus co-herdeiros —, portanto, ao cumprir esse programa divino, era apropriado que ele, em todas as suas provações e experiências, fosse "tornado semelhante aos seus irmãos".

[E110]

“Ele foi tentado em todos os aspectos como nós, mas sem pecado”

—Hb 4:15—

Notar-se-á que essa afirmação não significa que nosso Senhor foi tentado em todos os aspectos como o mundo é tentado, mas como nós, seus seguidores, somos tentados. Ele não foi tentado no sentido de apetites depravados por coisas pecaminosas, recebidos por hereditariedade, de uma ascendência terrena; mas, sendo santo, inocente, imaculado e separado dos pecadores, Ele foi tentado da mesma forma que Seus seguidores da era evangélica — que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito; e que não são julgados de acordo com as fraquezas de sua carne, mas de acordo com o espírito de suas mentes — de acordo com suas novas vontades, novos corações. ***Rom. 8:4***; ***2 Cor. 5:16***; ***João 8:15***

Isso fica muito claro em relação às tentações de nosso Senhor no deserto, que se seguiram imediatamente à sua consagração e ao seu batismo no Jordão***. Mt 4:1-11***

(1) A primeira foi a sugestão de Satanás de que ele usasse o poder divino que acabara de receber no Jordão para satisfazer suas próprias necessidades, transformando as pedras em pão. Essa não foi, de forma alguma, uma tentação atribuível à hereditariedade ou à imperfeição. Nosso Senhor havia passado quarenta dias sem comer, estudando o plano divino, buscando determinar, sob a influência iluminadora do espírito santo, que acabara de receber, qual seria o caminho correto a seguir na vida para cumprir a grande missão pela qual havia vindo ao mundo, a saber, a redenção do mundo. A sugestão de que Ele usasse o poder espiritual que Lhe fora conferido — e que Ele sabia possuir — para suprir as necessidades de Sua carne pareceria, à primeira vista, razoável; mas nosso Senhor percebeu imediatamente que tal uso de Seu dom espiritual seria errado, seria um uso indevido, um uso para o qual não se destinava; e, por isso, rejeitou a sugestão, dizendo: “Está escrito: O homem não viverá só de pão, mas de toda

[E111]
palavra que sai da boca de Deus." Os "irmãos" do Senhor às vezes enfrentam tentações semelhantes do adversário, sugestões para usar dons espirituais em prol de interesses temporais. Sugestões desse tipo são insidiosas e são os canais por meio dos quais o povo consagrado de Deus, não raro, é desviado pelo adversário para um uso indevido cada vez maior das bênçãos divinas.

(2) O adversário sugeriu ao nosso Senhor métodos de faquir para apresentar sua missão ao povo — que ele saltasse do pináculo do templo para o vale abaixo, à vista da multidão; de modo que, ao vê-lo sobreviver ileso, isso lhes servisse de prova de seu poder sobre-humano, o que os levaria imediatamente a aceitá-lo como o Messias e a cooperar com ele na obra que tinha pela frente. Mas nosso Senhor percebeu imediatamente que tais métodos estavam totalmente em desacordo com o desígnio divino, e mesmo a interpretação errônea de uma passagem das Escrituras pelo adversário (*aparentemente* a favor do que era errado) não o desviou dos princípios da retidão. Ele respondeu imediatamente, afirmando que tal procedimento de sua parte seria uma tentação à providência divina, totalmente injustificada e, portanto, a não ser considerada nem por um momento. Onde o dever chamava ou havia perigo, o mestre não hesitava, mas confiava na capacidade do Pai de zelar por todos os interesses; porém, a verdadeira confiança em Deus não envolve uma exposição imprudente ao perigo, sem ordem divina, e meramente para se exibir, e com o espírito de fanfarronice.

Os irmãos do Senhor também enfrentam tentações nesse sentido e precisam se lembrar dessa lição e do exemplo dado a eles pelo Capitão da nossa Salvação. Não devemos nos precipitar em perigos sem sermos chamados e nos considerar, assim, valentes soldados da cruz. "Ações temerárias" podem não parecer fora de lugar para os filhos do diabo, mas são totalmente impróprias para os filhos de Deus. Estes últimos têm uma batalha que exige coragem ainda maior. São chamados a realizar serviços que o mundo não aplaude, nem

[E112]
nem mesmo valoriza, mas muitas vezes os persegue. Eles são chamados a suportar a ignomínia e as zombarias do mundo; sim, e a permitir que os incircuncisos de coração "digam todo tipo de mal" contra eles falsamente, por causa de Cristo. Nesse aspecto, os seguidores do Capitão da nossa Salvação trilham o mesmo caminho e seguem os passos de seu Capitão. E é preciso mais coragem para ignorar a vergonha e a ignomínia do mundo, no serviço menosprezado a Deus, do que para realizar algum feito grandioso e maravilhoso, que levaria o homem natural a se maravilhar e admirar.

Uma das principais batalhas daqueles que trilham este caminho estreito é contra a obstinação; submeter plenamente a própria vontade à vontade do Pai Celestial e mantê-la assim; governar o próprio coração, esmagando as ambições emergentes que são naturais até mesmo para uma humanidade perfeita; extinguindo esses fogos que se acendem e apresentando seus corpos e todos os interesses terrenos como sacrifícios vivos a serviço do Senhor e de sua causa. Essas foram as provações nas quais nosso Capitão conquistou sua vitória e seus louros, e essas também são as provações de seus "irmãos". "Maior é aquele que domina o próprio espírito [colocando-o em plena subordinação à vontade de Deus] do que aquele que toma uma cidade": maior também é esse do que aquele que, com uma concepção falsa da fé, saltaria do pináculo de um templo ou faria alguma outra loucura. A verdadeira fé em Deus não consiste em credulidade cega e suposições extravagantes a respeito de seu cuidado providencial: consiste, ao contrário, em uma confiança serena em todas as promessas grandiosas e preciosas que Deus fez, uma confiança que capacita o fiel a resistir aos diversos esforços do mundo, da carne e do diabo para distrair sua atenção, e que segue cuidadosamente as linhas de fé e obediência traçadas para nós na Palavra divina.

(3) A terceira tentação de nosso Senhor foi a oferta de domínio terreno e sucesso imediato no estabelecimento de seu reino, sem sofrimento nem morte, sem a cruz, sob a condição de um acordo com o adversário. O adversário alegou — e sua alegação não foi contestada — que ele

[E113]
detinha o controle do mundo e que, por meio de sua cooperação, o Reino da Justiça — que nosso Senhor havia vindo instituir — poderia ser rapidamente estabelecido. A sugestão de Satanás era de que ele havia se cansado de conduzir o mundo ao pecado, à cegueira, à superstição e à ignorância e que, portanto, simpatizava com a missão de nosso Senhor, que era ajudar a raça humana pobre e caída. O que ele desejava manter, no entanto, era uma influência de liderança ou controle no mundo; e, portanto, o preço por ele conduzir o mundo a um curso justo, o preço de sua cooperação com o Senhor Jesus em uma bênção restauradora do mundo, era que este último o reconhecesse, a Satanás, como o governante do mundo, em sua condição reconstruída — que, assim, nosso Senhor lhe prestasse homenagem.

Devemos lembrar que a rebelião de Satanás contra o governo divino foi instigada pela ambição de se tornar ele próprio um monarca — "como o Altíssimo" (***Isaías 14:14***). Recordamos que esse foi o motivo principal de seu ataque bem-sucedido contra nossos primeiros pais no Éden — para que pudesse afastá-los ou separá-los de Deus e, assim, escravizá-los a si mesmo. Podemos facilmente supor que ele preferiria ser monarca de súditos mais felizes do que da "criação que geme": ele preferiria súditos dotados de vida eterna. Parece que, mesmo agora, ele ainda não reconhece o fato de que a vida eterna e a verdadeira felicidade são impossíveis, a não ser em harmonia com a lei divina. Satanás estava, portanto, disposto a se tornar um reformador em todos os aspectos, exceto um — sua ambição deveria ser satisfeita — ele não poderia deixar de ser o governante entre os homens; e ele já não era "o Príncipe deste mundo" — e assim reconhecido nas Escrituras Sagradas? (***João 14:30; 12:31; 16:11***; ***2 Coríntios 4:4***) Não que ele tivesse qualquer missão divina para ser "o príncipe deste mundo", mas que, ao tomar posse da humanidade por meio da ignorância e da deturpação do falso como verdadeiro, das trevas como luz, do errado como certo, ele havia confundido, desorientado e cegado o mundo a tal ponto que facilmente ocupava a posição de mestre ou "deus deste mundo, que agora atua nos corações dos filhos da desobediência" — a grande maioria.

[E114]

A tentação peculiar da sugestão de Satanás, portanto, era que ela parecia oferecer uma nova solução para a questão da recuperação do homem de sua condição de pecado. E mais do que isso, parecia implicar pelo menos um arrependimento parcial por parte de Satanás e a possibilidade de sua recuperação para um caminho de retidão, desde que lhe fosse garantido o sucesso contínuo de sua ambição de ser um governante sobre súditos mais felizes e mais prósperos do que seria possível para eles enquanto mantidos sob suas ilusões e escravizados pelo pecado, o que era a única maneira pela qual ele poderia reter a lealdade do homem: porque, na medida em que a humanidade rejeita o pecado e valoriza a santidade, nessa mesma medida ela se torna deseosa de servir e adorar a Deus.

Nosso Senhor Jesus não hesitou por muito tempo. Ele tinha confiança absoluta de que a sabedoria do Pai havia adotado o melhor e único plano adequado. Portanto, ele não apenas não consultou a carne e o sangue, como também não negociaria com o adversário por *cooperação* na obra de elevação do mundo.

Aqui também vemos uma das investidas especiais do adversário contra os "irmãos" do Senhor. Ele conseguiu tentar a Igreja nominal, logo no início de sua trajetória, a abandonar o caminho da cruz, o caminho estreito da separação do mundo, e a entrar em aliança com o poder civil, tornando-se assim, gradualmente, influente na política mundial. Por meio da cooperação com "os príncipes deste mundo", fomentada e auxiliada secretamente pelo adversário, ela buscou estabelecer o reinado de Cristo na Terra, por meio de um representante, um papa, sobre o qual se afirmava que ele era o vice-regente de Cristo. Vimos quais influências nefastas resultaram disso: como esse falso Reino de Cristo tornou-se, na verdade, um reino do diabo, pois servia à obra dele. Vimos o resultado na "Idade das Trevas" e que o Senhor denomina esse sistema de "o anticristo".*

E embora a Reforma tenha começado com ousadia, constatamos que o adversário novamente apresentou a mesma tentação diante dos reformadores, e vemos que eles resistiram a ela apenas

---

*Ver Vol. II, Cap. IX.

[E115]
em parte, pois estavam dispostos a comprometer a verdade em prol da proteção e da ajuda dos "reinos deste mundo", e na esperança de que os reinos deste mundo se tornassem, de alguma forma, o Reino de nosso Senhor. Mas vemos que a combinação da influência da Igreja com a do mundo, tal como representada no protestantismo, embora menos nefastos em seus resultados do que a combinação do papado, é, no entanto, muito prejudicial e um grande obstáculo para todos os que se submetem à sua influência. Vemos que o conflito constante dos "irmãos" consiste em vencer essa tentação do Adversário e permanecer firmes na liberdade com a qual Cristo nos libertou — não do mundo, mas separados dele.

Além disso, constatamos que, embora a mesma tentação se apresente a todos os "irmãos", ela surge de tempos em tempos de forma ligeiramente modificada, e que o grande adversário, com muita astúcia, em todos os casos, tenta fazer conosco o que fez com o Senhor, a saber: apresentar-se como um líder na linha da reforma que defende — aparentando ter sincera simpatia pela obra de abençoar o mundo. Sua mais recente tentação nesse sentido surge na forma da sugerida "melhoria social", que ele está conseguindo colocar na mente de muitos dos "irmãos". Ele sugere agora que, por mais necessário que tenha sido outrora trilhar o "caminho estreito", o caminho da cruz, isso não é mais necessário; mas que agora chegamos a um ponto em que toda a questão pode ser facilmente e rapidamente resolvida, e o mundo em geral elevado a um alto patamar de posição social, intelectual, moral e religiosa. Mas os planos que ele sugere sempre envolvem uma aliança com ele: no caso presente, trata-se da sugestão de que todos os que desejam ser colaboradores na elevação social se unam a movimentos *sociais* e *políticos*, os quais levarão ao fim almejado. E ele se tornou tão ousado e tão confiante no apoio da maioria que não finge mais defender a reforma na linha da conversão individual do pecado e da salvação da condenação, e da reconciliação com o Pai, por meio de uma fé pessoal e a consagração ao Senhor Jesus Cristo: sua proposta é uma elevação social, que ignorará

[E116]
as responsabilidades e os pecados individuais, e se limitar a considerar as condições sociais e tornar a sociedade aparentemente "pura". Ele quer que ignoremos o ensinamento do Senhor, segundo o qual somente aqueles que vêm ao Pai por meio dele são "filhos de Deus" e seus "irmãos"; em vez disso, ele quer que acreditemos que todos os homens são irmãos, e que Deus é o Pai de toda a humanidade, que ninguém é "filho da ira" e que é criminalmente anticristão e pouco caridoso acreditar nas palavras de nosso Senhor de que alguns são de seu "pai, o diabo". Ele quer, assim, sem sempre expressá-lo em termos específicos, que ignoremos e neguemos *a queda* do homem *no pecado*, e que ignoremos e neguemos o *resgate do pecado* e toda a obra de expiação; sob o lema enganoso e ilusório de "a Paternidade de Deus e a Fraternidade do homem" e a Regra de Ouro.

Essa tentação do adversário diante dos "irmãos" hoje está enganando muitos e, provavelmente, ainda enganará a todos, exceto "os escolhidos" (***Mt 24:24***). Esses "irmãos" escolhidos são aqueles que seguem de perto os passos do mestre e que, em vez de dar ouvidos às sugestões do adversário, dão ouvidos à Palavra do Senhor. Esses "irmãos" escolhidos, em vez de se apoiarem em seu próprio entendimento e nos sofismas de Satanás, têm fé na sabedoria superior de Jeová e em seu plano divino para as eras. Portanto, todos esses são "ensinados por Deus" e, por meio disso, sabem que a obra da era atual é a seleção dos "irmãos" de Cristo, seu teste e, finalmente, sua glorificação com o Senhor no Reino, como a semente de Abraão, para abençoar o mundo; e que, na próxima era, chegará o "tempo determinado" de Deus para a elevação do mundo — mental, moral e física. Portanto, os próprios escolhidos não podem ser enganados por nenhum dos argumentos enganosos ou sofismas de seu astuto inimigo. Além disso, os "irmãos" não ignoram suas artimanhas, pois foram previamente advertidos a esse respeito e estão com os olhos fixos em Jesus, que não apenas é o Autor de sua fé, por meio do sacrifício de si mesmo, mas também será o seu consumador, quando lhes conceder uma parte na primeira ressurreição e

[E117]
torná-los participantes de sua excelente glória e natureza divina.

Esses são os pontos de tentação para os "irmãos", e esses foram os pontos de tentação para seu Capitão. Ele foi *"tentado em todos os aspectos como* nós" *somos* tentados; e ele sabe como socorrer aqueles que são tentados e que estão dispostos a receber o socorro que ele oferece, da maneira como ele o oferece — por meio dos ensinamentos de sua Palavra e de suas promessas grandiosas e preciosas. As fraquezas que nos vêm por hereditariedade não faziam parte da tentação de nosso Senhor. Ele não tinha o apetite de um bêbado; não tinha a paixão de um assassino, nem a avareza de um ladrão; ele era santo, inocente, separado dos pecadores. Nem seus "irmãos" têm essas tentações como parte de suas provações. Aqueles que se tornaram seus "irmãos" por meio da fé, da consagração e da regeneração pelo espírito santo da adoção perderam a disposição que busca causar dano aos outros e, em vez disso, receberam a nova mente, a mente de Cristo, o espírito de Cristo, o espírito de uma mente sã, o espírito santo
— o espírito do amor; que busca, em primeiro lugar, a vontade do Pai e, em segundo lugar, procura fazer o bem a todos os homens, sempre que houver oportunidade, especialmente à família da fé. ***Gálatas 6:10***

E embora permaneça na carne dessas "novas criaturas", dotadas da nova mente ou da nova vontade, uma fraqueza hereditária, uma tendência à paixão ou à contenda, de modo que possam precisar continuamente manter-se em guarda contra elas e possam, ocasionalmente, ser surpreendidas por uma falha, contrária à sua vontade, no entanto essas fraquezas não intencionais não lhes são imputadas como pecados, nem como atos da "nova criatura", mas meramente como defeitos que pertencem à velha natureza, os quais, enquanto a nova natureza se opuser a eles, são considerados cobertos pelo mérito do resgate — a grande oferta pelo pecado feita pelo Capitão da nossa Salvação. É somente a "nova criatura" que está sendo provada, testada, aperfeiçoada, polida e preparada para a co-herança com Cristo em seu Reino, e não o corpo de carne, que, nesse sentido, é considerado morto.

[E118]

"Aperfeiçoado por meio do sofrimento"

"Convenia àquele [o Pai], para quem são todas as coisas e por quem são todas as coisas, ao levar muitos filhos à glória, aperfeiçoar o Capitão da salvação deles por meio de sofrimentos." ***Hb 2:10***

Tendo em mente o exposto, será fácil perceber que nosso Senhor *não* foi *aperfeiçoado como homem* por meio das coisas que sofreu como homem; nem sofreu nada antes de se tornar homem. O sentido desta passagem bíblica é que nosso Senhor, quando estava no mundo, já sendo perfeito como homem — a própria imagem do Pai na carne, santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores —, alcançou, por meio de suas experiências e sofrimentos, outra perfeição: uma perfeição em outro plano de existência, conquistada a partir daquele momento. Uma coisa era o *Logos* ser perfeito quando estava com o Pai antes da criação do mundo — perfeito em seu ser e em seu coração ou vontade — perfeitamente leal ao Pai; outra coisa era que, quando voluntariamente se humilhou para se tornar carne e assumir nossa natureza — uma natureza inferior —, ele fosse perfeito como homem — separado dos pecadores; e ainda é uma terceira coisa que ele seja *agora perfeito* em sua condição atual altamente exaltada, participante da natureza divina. É a este último aspecto que nosso texto se refere. Uma exaltação tão elevada à "glória, honra e imortalidade" da "natureza divina" tornou apropriado, na sabedoria divina, que certas *provações* fossem aplicadas, cuja superação *tornaria perfeito* o título do Filho Unigênito de Deus de compartilhar todas as riquezas da graça divina, e "para que todos os homens honrassem o Filho assim como honram o Pai".

Devemos lembrar que foi em conexão com essas *provas* de sua obediência ao Pai que lhe foi apresentada uma certa alegria ou perspectiva, conforme está escrito: "Pela *alegria* que lhe estava proposta, ele suportou a cruz, desprezando a vergonha." (***Hb 12:2***) Essa alegria que lhe estava proposta, podemos razoavelmente supor, era:

(1) A alegria de prestar um serviço que fosse aceitável ao Pai.

[E119]

(2) A alegria de redimir a humanidade e tornar possível seu resgate do pecado e da morte.

(3) Uma alegria ao pensar que, pela realização dessa redenção, ele seria considerado digno pelo Pai de ser o poderoso governante e abençoador, Rei e Sacerdote do mundo; de revelar ao mundo o conhecimento do plano divino e de elevar do pecado à graça divina todo aquele que aceitasse os termos da Nova Aliança.

(4) Uma alegria que o Pai lhe havia prometido; não apenas um retorno à glória do espírito que ele possuía com o Pai antes da criação do mundo, mas uma glória ainda mais excelente — ser exaltado muito acima dos anjos, principados e potestades, e de todo nome que se nomeia, e tornar-se um parceiro no Reino do Universo, ao lado do Pai — à direita da majestade nas alturas; e participante da natureza divina, com sua vida inerente ou imortal.

Mas toda essa alegria colocada diante de nosso Senhor estava condicionada ou dependia de sua total obediência à vontade do Pai. É verdade que ele sempre fora obediente ao Pai e se deleitava nos caminhos do Pai, mas nunca antes havia sido submetido a um teste como aquele. Até então, tinha sido prazeroso e honroso fazer a vontade do Pai; agora, o teste consistia em saber se ele faria ou não essa vontade em condições que seriam angustiantes, dolorosas, humilhantes — condições que o levariam, por fim, não apenas à morte, mas até mesmo à morte ignominiosa na cruz. Ele resistiu a essa provação e nunca vacilou, nunca hesitou, mas manifestou, em todos os detalhes e ao máximo, fé na Justiça, no Amor, na Sabedoria e no Poder do Pai, e suportou sem hesitação todas as oposições e contradições dos pecadores contra si mesmo, juntamente com todas as outras tentações do adversário; e, por meio disso; por meio do sofrimento, ele "*aperfeiçoou*" seu direito a todas as alegrias que lhe foram apresentadas e, em consequência, foi aperfeiçoado como um ser da mais elevada ordem, a saber, "da natureza divina". Assim, era verdade, a respeito do Unigênito do Pai, que:

[E120]

“Embora fosse Filho,
Ainda assim aprendeu a obediência pelas
coisas que sofreu
e, tendo-se aperfeiçoado, tornou-se o autor da
salvação eterna
para todos aqueles que Lhe obedecem.”
—Hb 5:8-10—

O apóstolo inspirado explica assim que nosso Senhor, já imaculado, perfeito, já um “Filho”, já plenamente obediente ao Pai em condições favoráveis, *aprendeu* o que significava ser obediente nas condições mais adversas e, tendo sido assim provado e declarado digno da perfeição no plano mais elevado do ser, a natureza divina, foi aperfeiçoado nela quando o Pai o ressuscitou dentre os mortos para a excelente glória que lhe estava proposta — para ser, em primeiro lugar, o Libertador da Igreja, que é o seu corpo, e depois, “no tempo devido”, de todos aqueles que, tendo sido levados ao conhecimento da Verdade, lhe obedecerão.

Observe a harmonia entre isso e o testemunho do apóstolo Pedro — “O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus, Ele
“Deus o exaltou com a sua mão direita, para ser Príncipe e Salvador.” ***Atos 5:31***

Assim, nosso Senhor Jesus demonstrou diante do Pai, diante dos anjos e diante de nós, seus “irmãos”, sua fidelidade ao Pai e aos princípios do governo do Pai. Assim, ele engrandeceu a lei do Pai e a tornou honrosa: demonstrando que ela não era excessivamente exigente, que não estava além da capacidade de um ser perfeito, mesmo nas condições mais adversas. Nós, seus seguidores, podemos muito bem nos regozijar com toda a criação obediente e inteligente de Deus, dizendo: “Digno é o Cordeiro que foi imolado de *receber* poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e bênção.” ***Apocalipse 5:12***

E, como nosso Senhor glorificado é o Capitão da nossa Salvação, isso implica que todos os que desejam ser soldados da cruz, seguidores desse Capitão e co-herdeiros com ele no

[E121]
Reino, devem igualmente ser *aperfeiçoados* como "novas criaturas" por meio de provações e sofrimentos. E assim como os sofrimentos pelos quais o Capitão foi aperfeiçoado como a nova criação foram as provações que ele suportou diante da oposição do mundo, da carne e do diabo, e por meio da submissão de sua própria vontade à vontade do Pai, o mesmo ocorre conosco: nossos sofrimentos não são os sofrimentos comuns de dor, tais como os que a "criação que geme" compartilha, e dos quais participamos em certa medida, como membros do mundo. Os sofrimentos que contam no desenvolvimento da "nova criatura" são aquelas provações *voluntárias* e *assumidas* por causa do Senhor, da Palavra do Senhor e do povo do Senhor — as dificuldades que suportamos, como bons soldados do Senhor Jesus Cristo, enquanto buscamos não fazer nossa própria vontade, mas que a vontade de nosso Capitão, a vontade de nosso Pai Celestial, seja aperfeiçoada em nós. Assim, devemos seguir seus passos, percebendo seu cuidado, e valer-nos, diante do trono da graça celestial, de suas ajudas ao longo do caminho; e confiar em sua promessa de que todas as coisas cooperarão para o nosso bem, e que ele não permitirá que sejamos tentados além do que podemos suportar, mas, com toda tentação, nos proporcionará uma saída; e que, em toda provação, ele concederá graça suficiente — para todo momento de necessidade. Assim, seus "irmãos" também estão agora sendo provados e sendo *aperfeiçoados* como novas criaturas em Cristo — "tornados aptos para a herança dos santos na luz". ***Col. 1:12***

"À semelhança da carne pecaminosa"

O que a Lei não pôde fazer, por ser impotente devido à carne [pois toda a carne estava depravada por causa da queda e incapaz de prestar obediência absoluta à Lei], Deus realizou enviando seu próprio Filho à semelhança da carne da humanidade [que havia ficado sob o domínio do pecado], por meio de uma oferta pelo pecado, a qual, embora condenasse o pecado na carne, abriu um novo caminho de vida sob o qual a justiça da Lei pudesse ser cumprida por nós [que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito]. Para tais pessoas, portanto, não há agora condenação, pois a Lei do espírito da vida em Cristo Jesus [sob o precioso sangue] nos libertou da aliança da Lei, que considerava todos os imperfeitos como pecadores e os condenava à morte. ***Rm 8,1-4***, paráfrase.

[E122]

Aqueles mais ou menos dispostos a considerar nosso Senhor um pecador, um membro da raça caída, se apoderaram dessa passagem bíblica e tentaram distorcê-la, colocando-a em desacordo com a razão e com as demais escrituras, a fim de sustentar sua teoria: provar que Cristo foi feito exatamente como a "carne pecaminosa", e não como a carne que não havia pecado — a saber, Adão antes de sua transgressão. Mas, a partir da paráfrase acima do texto, acreditamos que o pensamento do apóstolo seja claramente apresentado à mente do leitor em inglês. Nosso Senhor deixou a glória da natureza do espírito e "se fez carne", assumindo a mesma natureza da raça que foi redimida — a raça cuja natureza, ou carne, havia ficado sob o jugo do pecado, que foi vendida ao pecado por meio da desobediência de seu primeiro progenitor, Adão. Nada aqui sugere, exceto na interpretação dada pela tradução, que o próprio nosso Senhor fosse um pecador. De fato, é uma das proposições mais simples que se possa imaginar: se ele fosse um pecador, ou de alguma forma partícipe da maldição que recaía sobre a família humana, ele não poderia ter sido nossa oferta pelo pecado, pois um pecador não poderia ser uma oferta por outro pecador. Segundo a lei divina, "o salário do pecado é a morte". Nosso Senhor, se tivesse sido, em qualquer sentido ou grau, um pecador, teria, por isso, perdido a própria vida e seria inútil como *preço de resgate* para Adão ou para qualquer outro pecador.

"Ele mesmo tomou sobre si nossas enfermidades"
—Mateus 8:17—

"Certamente ele tomou sobre si as nossas dores e carregou os nossos pesares; contudo, nós o consideramos ferido, castigado por Deus e afligido. Mas ele foi ferido por causa das nossas transgressões; foi moído por causa das nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz recaiu sobre ele; e pelas suas chagas fomos curados." ***Isaías 53:4,5***

A perfeição é o oposto da enfermidade, e o fato de nosso Senhor ter tido enfermidades poderia, logicamente, ser argumentado como prova de que ele não era perfeito — de que havia herdado algumas das imperfeições da raça caída. Vale lembrar que, na noite de sua agonia no Jardim do Getsêmani, nosso

[E123]
Senhor suou "como se fossem grandes gotas de sangue", e isso é considerado por algumas autoridades médicas como uma doença que, embora muito rara, já afetou outras pessoas da família humana. Isso era indício de grande tensão nervosa e fraqueza. Além disso, a tradição diz que, a caminho do Gólgota, nosso Senhor foi obrigado a carregar a cruz, que desmaiou sob o peso dela e que, por esse motivo, Simão, o cireneu, foi obrigado a carregar a cruz pelo restante do trajeto. (***Mt 27,32***) Afirma-se ainda que a morte de nosso Senhor na cruz, ocorrida muito mais cedo do que o habitual, foi causada por uma ruptura literal do coração, a ruptura de seus músculos, e que isso é indicado pelo jorro de sangue e água da ferida de lança em seu lado após a morte. De qualquer forma, nosso Senhor não manifestou aquela plenitude de vigor que se manifestou em Adão, o primeiro homem perfeito, cuja vitalidade era tal que ele viveu novecentos e trinta anos. Surge a pergunta: essas evidências de fragilidade por parte de nosso Senhor não indicariam imperfeição — ou seja, que, seja por hereditariedade ou de alguma outra forma, ele carecia das capacidades de um homem perfeito e era, portanto, um homem imperfeito?

À primeira vista, a questão parece ser essa, e somente sob a orientação da Palavra divina somos capazes de explicar satisfatoriamente para nós mesmos ou para os outros a coerência entre esses fatos e a garantia bíblica de que nosso redentor era "santo, inocente, imaculado, *separado* dos pecadores". A chave para essa questão é fornecida na passagem bíblica em análise. O profeta declara o que naturalmente pareceria para nós ou para os outros, a saber, que nosso Senhor, como todo o restante da humanidade, foi ferido, estava sob sentença de morte, foi ferido por Deus e afligido — tão sujeito à sentença de morte quanto o restante da humanidade; mas, em seguida, ele mostra que o que assim parece ou se apresenta não é a verdade, explicando que foi por nossos pecados, e não por seus próprios pecados, que ele sofreu; suas enfermidades foram o resultado de suportar nossas dores e carregar o fardo de nossa tristeza; sua morte foi consequência de ele ter assumido nosso

[E124]
lugar diante da lei divina e de ter sofrido, “o justo pelos injustos, para que nos levasse a Deus”. Falando em nome do Israel carnal na primeira vinda, o Profeta diz: “Nós o considerávamos *ferido, castigado e afligido por Deus*”; e, explicando que tal visão era incorreta, ele declara: “Mas foi por causa de nossas transgressões que ele foi ferido”; foi por causa de nossas iniquidades que ele foi moído: nossa paz com Deus foi assegurada pelo castigo pelo pecado que ele suportou; nossa cura foi assegurada pelo castigo que ele sofreu por nós.

Mateus chama a atenção para o cumprimento dessa mesma profecia, declarando: “Trouxeram-lhe muitos possuídos por demônios; e ele expulsou os espíritos com sua palavra e curou todos os que estavam doentes: para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta Isaías, dizendo: ‘Ele mesmo tomou nossas enfermidades e carregou nossas doenças’”. ***Mt 8,16-17***

A conexão entre a cura de doenças, por parte de nosso Senhor, e o fato de Ele ter tomado sobre si as enfermidades não é muito evidente para a maioria dos que leem o relato. Supõe-se geralmente que nosso Senhor simplesmente exerceu um poder de cura que nada lhe custou — que Ele possuía um poder inesgotável proveniente de uma fonte espiritual, invisível, que permitia todo tipo de milagre, sem o menor comprometimento de sua própria força, de sua própria vitalidade.

Não questionamos que “o poder do Altíssimo”, concedido ao nosso redentor sem medida, Lhe teria permitido realizar muitas coisas inteiramente sobrenaturais e, portanto, sem qualquer esgotamento de si mesmo; nem questionamos que nosso Senhor tenha usado esse poder sobre-humano — por exemplo, ao transformar a água em vinho e ao alimentar milagrosamente as multidões. Mas, a partir do relato das Escrituras, compreendemos que a cura dos enfermos, tal como realizada por nosso Senhor, não se deu por meio do poder sobre-humano à sua disposição, mas que, pelo contrário, ao curar os enfermos, ele gastou neles uma parte de *sua própria vitalidade*; e, consequentemente, quanto maior o número de curados, maior era a perda de vitalidade e força de nosso Senhor. Como prova de que assim era,

[E125]
Lembrem-se da história daquela pobre mulher que "há doze anos sofria de hemorragia, havia passado por muitas provações com muitos médicos, gastara tudo o que possuía e não havia melhorado em nada, antes pelo contrário, piorara", etc. Lembrem-se de como, com fé, ela se aproximou do Senhor e tocou a barra de sua vestimenta, dizendo consigo mesma: "Se eu puder tocar apenas em suas vestes, ficarei curada". O relato diz que "naquele mesmo instante, a fonte de seu sangramento secou, e ela sentiu em seu corpo que estava curada daquela aflição. E Jesus, percebendo imediatamente em seu íntimo que uma força [*vitalidade*] havia saído dele, virou-se no meio da multidão e disse: Quem tocou em minhas vestes? E os discípulos lhe disseram: 'Tu vês a multidão te apertando e ainda assim pergunta: "Quem me tocou?"' E ele olhou ao redor para ver aquela que havia feito isso e disse-lhe: 'Filha, tua fé te curou; vai em paz e fica curada da tua doença'". ***Marcos 5:25-34***

Observe também o relato de Lucas (***6:19***), que declara: "E toda a multidão procurava tocá-lo, pois saía dele uma virtude [*vitalidade*] que curava a todos." Esse, então, foi o sentido em que nosso querido redentor assumiu as enfermidades da humanidade, levando sobre si nossas doenças. E o resultado de, assim, dia após dia, doar sua própria vitalidade para a cura dos outros, não poderia ser outro senão um efeito debilitante sobre sua própria força, sua própria vitalidade. E devemos lembrar que essa obra de cura, que consumia generosamente sua vitalidade, estava ligada à sua pregação e às suas viagens — o trabalho quase contínuo de nosso Senhor durante os três anos e meio de seu ministério.

Isso também não nos parece tão estranho quando consideramos nossas próprias experiências: quem, de natureza profundamente compassiva, não já testemunhou, às vezes e em certa medida, o fato de que é possível a um amigo compartilhar as angústias de outro, e, com compaixão, aliviar em parte aquele que está abatido, além de, até certo ponto, transmitir-lhe maior vitalidade e leveza do espírito? Mas tal influência benéfica e tal sensibilidade às fraquezas alheias dependem, em grande parte, do grau de *compaixão* que inspira aquele que

[E126]
visita os doentes e os aflitos. Não só isso, mas sabemos que certos animais possuem graus variados de empatia; a pomba, por exemplo, sendo uma das mais gentis e solidárias, foi uma das representantes típicas de nosso Redentor sob a dispensação mosaica. Por ter se mostrado útil em muitos casos, as pombas são às vezes levadas para o quarto dos doentes e revelam-se benéficas para os que sofrem. A pomba, talvez devido à sua natureza solidária, assume uma certa parcela da doença e transmite uma certa parcela de sua própria vitalidade. Isso se manifesta no fato de que as aves adoecem (ficam com os membros encolhidos, como no reumatismo, etc.), enquanto o paciente obtém alívio proporcional.

Quando nos lembramos de que nossos amores e nossa compaixão são apenas o que sobreviveu à queda de seis mil anos, e quando nos lembramos de que nosso querido redentor era perfeito e que, portanto, nele essa qualidade de amor compassivo abundava em maior medida, podemos perceber, vagamente, como "ele foi tocado pelo sentimento de nossas fraquezas". Sua compaixão foi tocada, porque sua natureza era nobre, perfeita, sensível — não dura, nem endurecida pelo egoísmo e pelo pecado, seja por hereditariedade, seja por aquisição pessoal. Mais uma vez, lemos a respeito dele que foi "movido pela compaixão", e novamente: "Ele teve compaixão da multidão", e ainda, quando viu os judeus chorando, e Marta e Maria chorando, foi movido pela compaixão, e "Jesus chorou". Longe de indicar fraqueza de caráter, essas manifestações de compaixão indicam exatamente o contrário; pois o verdadeiro caráter do homem, à imagem e semelhança do Criador, não é duro, sem coração e insensível, mas terno, gentil, amoroso e compassivo. Portanto, todas essas coisas nos mostram que aquele que falou "como nenhum homem jamais falou" também se compadecia, como ninguém da raça caída poderia se compadecer, das condições de queda, das tribulações e das aflições da humanidade.

Não apenas isso, mas devemos lembrar o próprio objetivo pelo qual nosso Senhor veio ao mundo. Esse objetivo não era

[E127]
simplesmente manifestar poder sem custo para si mesmo, mas, como ele mesmo explicou, o Filho do Homem veio para ministrar aos outros e para *dar a sua vida* como o resgate por muitos. É verdade que o salário do pecado não era o sofrimento, mas a morte; e, portanto, o sofrimento por parte de nosso Senhor, por si só, não pagaria o salário do pecado por nós; era absolutamente necessário que ele "*provasse a morte* por todos os homens". Por isso lemos: "Cristo *morreu pelos nossos pecados*, conforme as Escrituras". (***1 Cor. 15:3***) No entanto, era apropriado que, ao *tomar o lugar do pecador,* nosso Senhor experimentasse tudo o que estava implícito na maldição — a pena de morte; e, na medida em que a família humana tem morrido, por um processo de perda gradual da vida, por meio da fraqueza, da doença e da enfermidade, era igualmente apropriado que nosso querido redentor também passasse por essa experiência. E, visto que ele próprio não era o pecador, todas as penalidades do pecado que poderiam recair sobre ele deveriam ser resultado de ter *assumido* o lugar do pecador e de *ter suportado por nós* o golpe da Justiça.

Nosso Senhor fez isso, no que diz respeito à doença, à dor e à fraqueza, da melhor e mais proveitosa maneira, a saber, derramando voluntariamente sua vida, dia após dia, durante os três anos e meio de seu ministério, doando sua vitalidade àqueles que não apreciavam seu motivo — sua graça, seu amor. Assim, como está escrito: "Ele derramou sua alma [ser, existência] até a morte"; "Ele fez de sua alma [ser] uma oferta pelo pecado". (***Isaías 53:10, 12***) E podemos ver claramente que, desde o momento da sua consagração, quando tinha trinta anos e foi batizado por João no Jordão, até o Calvário, ele estava constantemente *derramando* sua alma: a vitalidade saía continuamente dele para o socorro e a cura daqueles a quem ministrava. E embora tudo isso *não fosse suficiente* como preço pelos nossos pecados, ainda assim foi parte do processo de morte pelo qual nosso querido Redentor passou, que culminou no Calvário, quando ele clamou: "Está consumado", e a última centelha de vida se apagou.

Parece ter sido igualmente necessário que nosso Senhor se sacrificasse dessa forma, gastasse suas forças vitais e fosse

[E128]
contate com as experiências de nosso processo de morte, assim como mais tarde, quando na cruz, ele fosse obrigado a vivenciar, mesmo que por um momento, a posição do pecador de *completa separação* do Pai Celestial e a retirada de toda ajuda sobrenatural, no momento em que clamou: "Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?" Como *substituto* do pecador, ele deveria suportar a pena do pecador em todos os seus detalhes, e somente quando tudo isso foi cumprido é que sua missão sacrificial se completou; somente depois de ter suportado tudo isso fielmente é que ele passou por todas as provações consideradas pelo Pai como necessárias para que se tornasse "o Capitão da nossa Salvação" e fosse exaltado muito acima de todos os anjos, principados e potestades, para ser o companheiro do Pai no trono do Universo.

Todas essas *experiências* pelas quais o Pai Celestial fez com que seu Filho Amado passasse antes de exaltá-lo à sua própria direita de majestade e de confiar a ele a grande obra de abençoar todas as famílias da terra não foram meramente *provações* da fidelidade do Unigênito, o *Logos*: as Escrituras nos asseguram que elas também foram necessárias para capacitar nosso Senhor a ter compaixão daqueles que ele assim redimiu, para que pudesse ter compaixão e "socorrer" aqueles que retornariam à plena comunhão com Deus por meio dele — a Igreja durante esta era, o mundo durante a Era milenar: "Para que fosse um Sumo Sacerdote misericordioso e fiel nas coisas relativas a Deus"; "em todos os aspectos tentado como nós"; alguém capaz de ter compaixão pelos ignorantes e pelos que se desviaram; pois ele próprio também estava cercado de fraquezas." "Por isso, ele também é capaz de salvar totalmente aqueles que por meio dele se aproximam de Deus." Em verdade, "Tal Sumo Sacerdote era adequado para nós — santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores e exaltado acima dos céus." ***Hb 2:17,18; 4:15,16; 5:2; 7:25,26***

[E129]

ESTUDO VI
O MEDIADOR DA EXPIÇÃO: O FILHO DE DAVI E O SENHOR DE DAVI

Como o Filho de Davi — A genealogia de José por meio de Salomão — A genealogia de Maria por meio de Natã — Humilhar os altos, exaltar os humildes — De onde vem o título de Cristo como Senhor de Davi — Como Ele era tanto a raiz quanto o ramo de Davi — Significado de Seu título, "O Pai Eterno" — Como isso foi garantido e como se aplica — Quem são os filhos de Cristo — A Igreja, Seus "irmãos"— Filhos do Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

"Jesus lhes perguntou, dizendo: 'O que pensais a respeito do Cristo? De quem ele é filho?' Eles lhe responderam: 'Do filho de Davi'. Ele lhes disse: 'Como, então, Davi, movido pelo espírito [por inspiração], o chama de Senhor, dizendo: "O Senhor [Jeová] disse ao meu Senhor [*adon*, o mestre, o governante]: Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos como escabelo dos teus pés"? Se, então, Davi o chama de Senhor [*adon*, o mestre], como pode ele ser seu Filho?" ***Mateus 22:42-45***

DEVE-SE observar, antes de tudo, que a discussão dessa questão não se refere à pré-existência de nosso Senhor, mas meramente à sua relação com a família humana. Ele passou a ter vínculo com a família humana, como vimos, ao assumir nossa natureza por meio de sua mãe Maria. A genealogia de Maria, conforme traçada por Lucas, remonta a Davi, por meio de seu filho Natã (***Lucas 3:***31*), enquanto a genealogia de José, conforme apresentada por Mateus, também remonta a Davi, por meio de seu filho,

---

*José é aqui denominado "filho de Heli", ou seja, filho de Eli, pai de Maria, por casamento ou legalmente; ou, como diríamos, genro de Eli. Por nascimento, José era filho de Jacó, conforme declarado em ***Mateus 1:16***.

[E130]
Salomão. (***Mateus 1:6,16***) Tendo José aceitado Maria como sua esposa e adotado Jesus, seu filho, como se fosse seu próprio filho, essa adoção daria a Jesus o direito de ser incluído na genealogia de José; mas tal ligação com a família de Davi não era necessária, pois, como vimos, sua mãe também descendia de Davi, por outra linhagem.

Mas, note-se que a reivindicação de nosso Senhor ao trono de Israel não se baseia no parentesco de sua mãe com José, como alguns inferiram. Pelo contrário, se ele fosse filho de José, teria sido privado de qualquer direito ancestral ao trono de Davi, pois, embora os sucessores de Davi no reino viessem pela linhagem de seu filho Salomão, e não pela linhagem de seu filho Natã, certas passagens das Escrituras indicam claramente que o grande herdeiro do trono de Davi não deveria vir pela linhagem real de Salomão. Se demonstrarmos isso, será uma refutação eficaz das alegações feitas por alguns de que nosso Senhor deve ter sido filho de José, assim como de Maria. Examinemos, portanto, cuidadosamente essa questão.

A proposição divina, claramente enunciada, era, em primeiro lugar, que, de forma inequívoca e inquestionável, o grande herdeiro do trono do mundo, o grande Rei de Israel, deveria provir da linhagem de Davi. Em segundo lugar, também foi declarado que ele deveria provir da linhagem de Salomão, da família reinante, somente sob certas condições. Se essas condições fossem cumpridas, ele viria dessa linhagem; se não fossem cumpridas, ele viria de alguma outra linhagem, mas, em qualquer caso, deveria provir da linhagem de Davi e ser tanto filho de Davi quanto Senhor de Davi.

Observe a declaração bíblica:

"O Senhor jurou em verdade a Davi; não se desviará dele: 'Do fruto do teu corpo colocarei sobre o teu trono. *Se teus filhos* guardarem a minha aliança e o meu testemunho que lhes ensinarei, *seus filhos* também se assentarão sobre o teu trono para sempre'." ***Salmos 132:11,12***

"E, de todos os meus filhos (pois Deus me deu muitos filhos), ele escolheu Salomão, meu filho, para sentar-se no trono do

[E131]
Reino do Senhor sobre Israel. E ele me disse: ‘Salomão, teu filho, edificará a minha casa... Além disso, estabelecerei o seu reino para sempre, *se ele for constante* em cumprir os meus estatutos e os meus juízos, como hoje’.” ***1 Crôn. 28:5-7***

“Se teus filhos prestarem atenção ao seu caminho, para andarem diante de mim em verdade, com todo o seu coração e com toda a sua alma, não te faltará [não será cortado de ti, do trono — *nota de rodapé*] um homem no trono de Israel.” ***1º Reis 2:4***

A promessa do Reino Messiânico na linhagem de Salomão e na linhagem de sua posteridade segundo a carne é, assim, claramente e especificamente *condicionada*, dependendo de uma certa fidelidade ao Senhor; e, segundo todas as regras de interpretação da linguagem, a implicação disso é que a infidelidade ao Senhor certamente impediria a posteridade de Salomão e sua linhagem de ocupar o trono de Israel, no que se refere ao Reino Messiânico, segundo a carne. Surge, portanto, a questão: Salomão e seus sucessores no trono de Israel “tiveram cuidado com o seu caminho, para andar diante de mim [Deus] em verdade, com todo o seu coração e com toda a sua alma?” Se não o fizeram, estão impedidos de pertencer à linhagem ancestral do Messias, segundo a carne.

Devemos recorrer às Escrituras para determinar a resposta a essa pergunta. Lá encontramos, de forma inequívoca, que Salomão e sua linhagem real deixaram de seguir os preceitos divinos. Por isso, sabemos com certeza que essa linhagem foi cortada e excluída de ser a linhagem messiânica, e que ela deve vir por meio de outra linhagem ancestral, a partir de Davi. Ouça a palavra do Senhor:

“E tu, Salomão, meu filho, conhece o Deus de teu pai e serve-o com um coração perfeito... Se tu o buscares, ele se deixará encontrar por ti; mas, se tu o abandonares, ele te rejeitará para sempre.” ***1 Crôn. 28:9***

“E o Senhor se irou contra Salomão, porque seu coração se desviou do Senhor, Deus de Israel. Por isso,
o Senhor disse a Salomão: ‘Visto que agiste assim e não guardaste a minha aliança nem os meus estatutos que te ordenei, certamente arrancarei o reino

[E132]
de ti... Contudo, durante os teus dias não o farei — por causa de Davi, teu pai; mas o arrancarei das mãos de teu filho. No entanto, não arrancarei todo o reino, mas darei uma tribo a teu filho, por causa de Davi, meu servo, e por causa de Jerusalém, que eu escolhi." ***1º Reis 11:9-13***

Em consonância com isso, o relato indica que as dez tribos foram arrancadas da linhagem de Salomão, logo após a morte deste — dez das tribos nunca reconheceram lealdade a Roboão, filho e sucessor de Salomão. Mas prestemos atenção à palavra do Senhor a respeito da tribo de Judá e de sua aliada Benjamim, que permaneceram por algum tempo leais à linhagem de Salomão e, assim, aparentemente associadas ao Reino antitípico prometido e ao Messias, o grande Rei. Os três últimos reis da linhagem de Salomão que se assentaram em seu trono foram Jeoiaquim, seu filho Jeoiaquim (também chamado de Jeconias e Conias) e Zedequias, irmão de Jeoiaquim. Observemos o testemunho da Palavra do Senhor contra esses homens e Sua garantia de que nenhum de seus descendentes jamais mais se assentaria no trono do Reino do Senhor — seja ele real ou típico. Lemos:

"Vivo eu, diz o Senhor, que, mesmo que Conias, filho de Jeoiaquim, rei de Judá, fosse o selo na minha mão direita, ainda assim eu te arrancaria daqui... Será que este homem, Conias, é um ídolo desprezado e quebrado? É ele um vaso em que não há prazer? Por que razão são eles expulsos (ele e sua descendência) e lançados em uma terra que não conhecem? Ó terra, terra, terra, ouve a palavra do Senhor: assim diz o Senhor: Escrevei que este homem não terá filhos, um homem que não prosperará em seus dias; pois nenhum homem de sua descendência prosperará, sentando-se no trono de Davi e governando mais em Judá." ***Jer. 22:24-30***

"Assim diz o Senhor a respeito de Jeoiaquim, rei de Judá: ele não terá ninguém que se assente no trono de Davi." ***Jer. 36:30***

A respeito de Zedequias, lemos:

"Ó príncipe profano e ímpio de Israel, cujo dia está chegando, quando a iniquidade terá fim: Assim diz o Senhor Deus: Retira a diadema e tira a coroa; esta

[E133]
não será mais o mesmo: exalta o que é humilde e humilha o que é altivo. Eu o derrubarei, derrubarei, derrubarei; e não existirá mais até que venha aquele a quem pertence por direito; e eu o darei a ele." ***Ez. 21:25-27***

Aqui é declarada a derrubada completa da linhagem salomônica: era a linhagem que havia sido exaltada e que, doravante, seria humilhada, enquanto a linhagem humilhada ou obscura de Natã, que nunca havia feito qualquer pretensão ao trono, seria exaltada no tempo devido em seu representante, o Messias, nascido de Maria, segundo a carne.

Quem poderia pedir testemunho mais positivo do que este, de que não se poderia esperar o Messias por meio da linhagem de Salomão — tendo todos os direitos e reivindicações dessa linhagem, sob promessas e condições divinas, sido perdidos por causa da maldade e da rebelião contra Deus? Assim, a alegação de que nosso Senhor deveria ter sido filho de José e, portanto, ter herdado seus direitos e reivindicações por meio de José, revela-se totalmente falsa, pois nenhum homem dessa linhagem jamais se assentará no trono do Senhor.

Essa mudança do reino, do ramo de Salomão para outro ramo da casa de Davi, está claramente predita em outras passagens das Escrituras, como lemos: "Eis que vem o dia, diz o Senhor, em que *levantarei a Davi* UM RAMO JUSTO, e um rei reinará e prosperará...Em seus dias, Judá será salva e Israel habitará em segurança; e este é o nome que Jeová lhe proclamará: 'Nossa Justiça'". ***Jer. 23:6*** — Veja *a Tradução de Young*.

Maria, a mãe de Jesus, parece ter compreendido esse pensamento correto, ou então foi movida pelo espírito santo a falar profeticamente, quando entoou o notável cântico de ação de graças citado por ***Lucas (1:46-55)***: "Ele [Deus] dispersou os orgulhosos na imaginação de seu coração; *derrubou os poderosos* de seus tronos e exaltou os *humildes*. Encheu de bens os famintos e mandou os ricos embora de mãos vazias." Aqui, a família privilegiada da linhagem de Salomão é contrastada com a família mais humilde da linhagem de Natã. A diadema e a coroa foram

[E134]
retirados de Zedequias e da linhagem de Salomão, para serem entregues àquele a quem cabe esse direito — o Renovo Justo da raiz davídica.

Vimos como nosso Senhor é o ramo, ou descendente, ou filho de Davi, e a linhagem por meio da qual sua genealogia deve ser corretamente traçada, bem como a plena concordância das Escrituras com isso: vejamos agora em que sentido ele era o Senhor de Davi. Como Jesus poderia ser ao mesmo tempo o Filho e o Senhor de Davi?

Respondemos que ele não é o Senhor de Davi por causa de qualquer coisa que ele fosse como espírito antes de se "fazer carne" e habitar entre nós — não mais do que ele era o Renovo ou Filho de Davi em sua existência pré-humana. Nosso Senhor Jesus *tornou-se* o Senhor ou superior de Davi, bem como "Senhor de todos" (***Atos 10,36***), em virtude da grande obra que realizou como o mediador da expiação. *"Para isso* Cristo morreu, ressuscitou e voltou à vida, *a fim de ser Senhor* tanto dos mortos quanto dos vivos." ***Rom. 14,9***

É verdade que o *Logos* poderia ter sido corretamente chamado *de* Senhor, alguém de alta autoridade, assim como é chamado *de* Deus, alguém poderoso ou influente.* Da mesma forma, o homem Cristo Jesus, antes de sua morte, poderia ser corretamente chamado de Senhor, e era assim tratado por seus discípulos, como lemos: "Vocês me chamam de Senhor e do mestre, e fazem bem, pois assim eu sou." (***João 13:13***) Como o mensageiro especial da aliança, a quem o Pai havia santificado e enviado ao mundo para ser o redentor do mundo, e a quem o Pai honrou de todas as maneiras, testificando: "Este é o meu Filho amado, em quem me agrada" — era eminentemente apropriado que todos os que contemplassem sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e verdade, o reverenciassem, o ouvissem, lhe obedecessem e o adorassem — prestassem-lhe homenagem — como representante do Pai. Mas, conforme indicado pelo apóstolo no texto acima

---

*É importante lembrar que não estamos discutindo agora a palavra "Jeová", tão frequentemente traduzida como "Senhor" no Antigo Testamento. Estamos discutindo outras palavras traduzidas como "Senhor", como no texto citado acima. "O Senhor [Jeová] disse ao *meu Senhor* [*adon* — o meu mestre]: 'Senta-te à minha direita'", etc.

[E135]
citado, havia um sentido *específico* e diferente no qual nosso Senhor Jesus *se tornou* um Senhor ou o mestre em virtude de sua morte e ressurreição.

Esse sentido específico em que o Cristo ressuscitado era "Senhor de todos" — "Senhor tanto dos mortos quanto dos vivos" — está intimamente ligado à sua grande obra como mediador da expiação. Foi exatamente com esse propósito que ele se tornou homem. A humanidade, em sua condição depravada, "vendida ao pecado" por meio da desobediência do pai Adão, estava desamparada — sob o domínio do Pecado e a sentença de morte; e sua libertação desses males, em harmonia com a lei divina, exigia que a pena imposta a Adão e estendida à sua família fosse plenamente cumprida. A raça precisava ser *resgatada* do pecado, e Cristo tornou-se seu redentor, seu proprietário
— "Senhor de tudo". Exatamente para esse propósito, ele deixou a glória de sua condição pré-humana e tornou-se *o homem* Cristo Jesus. E a declaração bíblica é que ele "se entregou como o resgate" — um *preço de compra* — pela raça condenada em Adão. Assim, o mundo inteiro foi *"comprado* por um preço, a saber, o precioso sangue [vida] de Cristo".

Mas, embora, em virtude de ter *resgatado a raça humana*, Ele tenha se tornado, aos olhos da Justiça, seu *proprietário*, seu *mestre*, "Senhor de tudo", Ele não a resgatou com o propósito de escravizá-la, mas com o objetivo exatamente oposto: libertar do pecado e da morte todos aqueles que aceitarem o dom gracioso de Deus por meio Dele. E o próprio objetivo do estabelecimento do Reino Messiânico é que, por meio dele, sejam concedidos à família humana os direitos e privilégios dos filhos de Deus — perdidos no Éden, redimidos e comprados por um preço no Calvário. Foi para obter esse *direito de libertar* o homem que nosso redentor se tornou o comprador, o proprietário, o Senhor de tudo. Assim, por meio de sua morte, o Messias tornou-se o Senhor de Davi, pois Davi era um membro da raça comprada com seu precioso sangue.

"A Raiz e a Descendência de Davi"
—Apocalipse 22:16—

Grande parte desse mesmo pensamento é apresentada nestas nossas

[E136]
palavras de nosso Senhor à Igreja. Segundo a carne, nosso Senhor Jesus era, por meio de sua mãe, o filho, o ramo, o rebento ou descendente de Davi. Foi em virtude do sacrifício de sua vida imaculada que ele se tornou a "raiz" de Davi, bem como seu Senhor: pois o conceito sugerido pela palavra "raiz" difere um pouco daquele transmitido pela palavra "Senhor". A "raiz" de Davi significa a *origem*, a fonte de vida e o desenvolvimento de Davi.

As Escrituras declaram que Davi era "um *rebento* de Jessé": seu pai, portanto, era sua raiz, de acordo com a geração natural. Quando e como Cristo se tornou a raiz ou o pai de Davi? Respondemos: Não antes de ele "se fazer carne" — foi quando se fez carne que, como o homem Jesus, ele se tornou parente da raça de Adão por meio de sua mãe. (***Hb 2:14-18***) E nessa relação com a raça e com Davi, ele era um "ramo", não uma "raiz". Como e quando ele se tornou a "raiz"? Respondemos: Pelo mesmo meio e no mesmo momento em que se tornou o Senhor de Davi: o *meio* foi sua morte, pela qual ele redimiu os direitos *à vida* de Adão e de toda a sua raça, incluindo a de Davi; o *momento* foi quando ele ressuscitou dentre os mortos, como o redentor de Adão, o redentor da raça e, portanto, o redentor de Davi.

Portanto, não foi o *Logos* pré-humano, nem o homem Jesus, que era o Senhor de Davi e a Raiz de Davi; mas o Messias ressuscitado. Quando Davi, em espírito (ou seja, falando sob o espírito ou influência profética), chamou Jesus de Senhor, dizendo: "Jehová disse ao meu Senhor [Jesus]: 'Senta-te à minha direita'", etc., a referência não era ao que se sacrificava, "o homem Cristo Jesus", que ainda não havia concluído seu sacrifício, mas ao Jesus vitorioso, o Senhor da vida e da glória, "o primogênito dentre os mortos, o príncipe dos reis da terra". (***Apocalipse 1:5***) Foi a respeito desse que Pedro disse: "A quem Deus ressuscitou ao terceiro dia... Ele é o Senhor de todos." (***Atos 10:36, 40***) A respeito desse também Paulo declarou que, na sua segunda vinda, ele se manifestará como "Rei dos reis e Senhor dos senhores".* ***1 Timóteo 6:15***

---

*Veja a página 78.

[E137]

"O Segundo Adão"

O primeiro "ancestral" ou pai da raça humana, Adão, falhou, por causa da desobediência a Deus, em gerar sua família à sua própria semelhança, à imagem de Deus; ele não apenas falhou em dar à sua posteridade a vida eterna, mas perdeu seu próprio direito a ela e legou à sua descendência um legado, uma herança de pecado, fraqueza, depravação e morte. O *Logos* se fez carne, tornou-se o homem Cristo Jesus, a fim de que pudesse ser o Segundo Adão e tomar o lugar do primeiro Adão, para que pudesse desfazer a obra do primeiro Adão e conceder a ele e à sua raça (ou a tantos deles quantos a aceitem nos termos divinos) *a vida mais abundante* — a vida eterna —, sob suas condições favoráveis, perdida por causa da desobediência.

É um grande erro de alguns, no entanto, supor que *"o homem* Cristo Jesus" fosse o Segundo Adão. Oh, não! Como declara o Apóstolo (***1 Cor. 15:47***): "O segundo Adão é o Senhor do Céu" — o Senhor que virá do céu e, em sua segunda vinda, assumirá o ofício e os deveres de um pai para com a raça de Adão, que Ele redimiu com seu próprio sangue precioso no Calvário. A redenção da raça de Adão da sentença da Justiça era necessária antes que fosse possível ao nosso Senhor Jesus ser o Doador da Vida ou o Pai da raça; e somente essa grande obra foi realizada por nosso Senhor em sua primeira vinda. Ele virá, em sua segunda vinda, para elevar a humanidade por meio de processos de restauração e para conceder a vida eterna, bem como todos os privilégios e bênçãos perdidos por causa do primeiro Adão. O período intermediário é dedicado, de acordo com o programa do Pai, à seleção, dentre o mundo redimido, de uma classe cujas qualificações foram predestinadas — para que todos fossem "imagens do Filho amado de Deus". (***Rom. 8:29***) Essa classe é chamada de várias maneiras: sub-sacerdotes do sacerdócio real, o corpo ou Igreja de Cristo, a Noiva de Cristo, a esposa do Cordeiro e o co-herdeiro com ele de todas as honras, bênçãos e serviço de seu Reino.

[E138]

Assim, a obra do futuro, a obra da Era Milenar, o grande objetivo para o qual o Messias reinará, é expressa pela palavra *regeneração*. O mundo foi gerado uma vez por meio do pai Adão, mas não conseguiu obter vida; foi gerado apenas para o pecado e sua sentença, a morte. Mas o novo Pai da raça, o segundo Adão, propõe uma regeneração geral. O tempo dessa regeneração, quando se tornar disponível para o mundo, é claramente indicado pelas palavras de nosso Senhor aos seus discípulos como sendo a Era Milenar. Ele disse: "Vós que me seguistes, na regeneração vos assentareis em doze tronos, julgando as doze tribos de Israel", etc. O fato de que a Igreja, selecionada durante a era evangélica, passa por uma regeneração, é geralmente reconhecido pelos estudiosos da Bíblia; porém, muitos têm ignorado o fato de que outra regeneração, distinta e separada, é proposta e foi providenciada para a humanidade como um todo: não que todos venham a experimentar a regeneração plena, mas que todos tenham uma oportunidade que, se bem utilizada, levaria à regeneração plena e completa.

É bom, a esse respeito, observar mais detalhadamente a ampla distinção entre a regeneração da Igreja e a regeneração do mundo: no caso da Igreja, muitos são chamados para a regeneração oferecida durante a era evangélica, e poucos são escolhidos — poucos experimentam a regeneração plena para a qual são convidados — a saber, tornar-se novas criaturas em Cristo Jesus, participantes da natureza divina. A regeneração prevista para o mundo, como já vimos, não é para uma nova natureza, mas para uma restauração ou restituição da natureza humana em sua perfeição.

E assim está escrito: "O primeiro Adão foi feito uma alma viva [um ser animal], o último Adão, o espírito vivificante. Contudo, o espiritual não veio primeiro, mas o animal — depois, o espiritual." (***1 Cor. 15:45-47*** — Ver *Diaglott*.) Em verdade, nosso Senhor Jesus, nos dias de sua carne, assumiu ou se identificou com o *primeiro Adão e sua raça*, por meio da semente de Abraão (***Hb 2:16***), e foi feito "inferior aos anjos, para sofrer a *morte*... a fim de que, pela

[E139]
graça de Deus pudesse provar a morte *por* todos os homens". Mas, tendo cumprido esse objetivo, ele foi ressuscitado dentre os mortos como participante da natureza divina, o redentor da família humana, mas não mais parte dela — não mais "da terra, terreno", mas o Senhor celestial — o Segundo Adão, um *espírito vivificante*.

O primeiro Adão foi a "raiz" original da qual toda a família humana foi produzida e, portanto, nosso Senhor Jesus na carne, filho de Maria, filho de Davi, filho de Abraão, era, no mesmo sentido, um rebento ou ramo de Adão (mas dotado, como vimos, de uma vida intacta vinda do alto, que ainda o mantinha separado dos pecadores). Foi seu *sacrifício* de si mesmo como *homem* (em obediência ao plano do Pai) que não apenas garantiu sua própria exaltação à natureza divina, mas também lhe adquiriu toda a raça de Adão e o direito de Adão como pai ou "raiz" da raça. Assim, ao adquirir o lugar e os direitos de Adão, nosso Senhor é o Segundo Adão. Assim como deu sua própria vida humana em troca da de Adão, assim também sacrificou as possibilidades de uma raça que poderia ter gerado de forma natural, em favor dos filhos de Adão — para que, no tempo devido, pudesse aceitar "quem quer que queira" da família de Adão como seus próprios filhos, regenerando-os e concedendo-lhes vida eterna em termos razoáveis. Não mais um "ramo" da raiz de Jessé e Davi, nosso Senhor é uma nova raiz, preparada para dar *nova* vida e sustento à humanidade — Adão, Abraão, Davi e todos os demais membros ou ramos da família humana arruinada pelo pecado que a aceitarem nos termos da "Aliança Selada por Juramento".

Assim como a *primeira* obra do Senhor para sua Igreja nesta era será sua obra para toda a humanidade que a aceitar durante a Era Milenar. Sua *primeira* obra para a sua Igreja agora é *a justificação* para a vida (vida humana) em harmonia com Deus, em comunhão com Deus: a mesma desfrutada pelo homem perfeito Jesus, antes da sua consagração à morte no batismo; e a mesma desfrutada pelo homem perfeito Adão antes de transgredir — exceto que a deles era *real*, enquanto a nossa é meramente uma perfeição de vida *considerada como tal*. (Daí a afirmação de que somos "*justificados — pela fé*".)

[E140]

Nosso Senhor representa a si mesmo e à sua Igreja como uma videira; e isso nos fornece uma boa ilustração da proposição *do ramo* e *da raiz*. Adão e sua raça eram a videira e os ramos originais, atacados pelo vírus do pecado, produzindo frutos ruins e morte. Nosso Senhor Jesus tornou-se um novo ramo, foi enxertado na videira adâmica e produziu um tipo diferente de fruto. É uma peculiaridade da videira que seus *ramos* possam ser enterrados e se tornarem *raízes*. Assim, nosso Senhor, o ramo enxertado no tronco adâmico, foi enterrado, deixou de ser um *ramo* e tornou-se uma *raiz*. Sua Igreja, durante esta era, é composta de "ramos" nele e, da mesma forma, tem seu "fruto para *a* santidade" (***Rm 6,22***), sendo a nova vida extraída dele. Mas todos os ramos desta era devem não apenas "dar muito fruto" como ramos, assim como ele fez, mas também, como ele, acabar sendo enterrados e, com ele, tornar-se partes da *raiz* que, durante a Era Milenar, revigorará e sustentará a raça humana *regenerada*.

A raiz caída, Adão (com a primeira Eva, sua companheira), gerou a família humana em cativeiro ao pecado e à morte; o Segundo Adão, Cristo (com sua Noiva e companheira), tendo resgatado os direitos do primeiro, bem como os dele próprio e de sua raça, estará preparado para regenerar todos os que estiverem dispostos e forem obedientes. Isso é denominado "a restauração" (***Atos 3:19-23***) — devolver aos dignos os privilégios e bênçãos terrenas perdidos no primeiro Adão, para que, como a videira do Senhor, a humanidade restaurada possa dar muito fruto para o louvor de Deus. Mas note-se que esse privilégio de se tornar a "raiz" está restrito a Cristo, Cabeça e corpo, "os escolhidos segundo a presciência de Deus, por meio da santificação do espírito e da fé na verdade" durante a era evangélica. (***1 Pe. 1:2***) Davi e outros dignos do passado (que morreram antes que o "ramo" fosse sepultado e se tornasse a "raiz") nunca poderão tornar-se partes da raiz; nem os fiéis da era milenar. Todos, no entanto, ficarão *satisfeitos* quando alcançarem sua *semelhança*, seja ela a terrena ou a celestial. A humanidade terá o privilégio de alcançar sua semelhança como o *homem* perfeito Cristo Jesus, o santo "ramo", enquanto a Igreja, sua

[E141]
"noiva", seu "corpo", seus fiéis sub-sacerdotes — que agora completam o que falta dos sofrimentos de Cristo e estão "plantados com ele na semelhança de sua morte" —, terá sua imagem celestial. ***1 Cor. 15:48,49***; ***Hb. 11:39,40***

"O Pai Eterno"

"Seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Poderoso, Pai Eterno, Príncipe da Paz." ***Isaías 9:6***

Já observamos a adequação do título "O Deus Poderoso" quando aplicado a nosso Senhor Jesus; e poucos contestarão que ele é, de fato, o Maravilhoso de toda a família do Pai Celestial; ninguém contestará que ele é um grande Conselheiro ou Mestre; ou que, embora seu Reino venha a ser introduzido por um período de tribulação e turbulência, inerente ao fim das atuais instituições malignas, nosso Senhor é, no entanto, o Príncipe da Paz — que estabelecerá uma paz segura e duradoura sobre a única base adequada — a justiça — a conformidade com o caráter e o plano divinos. Chegamos agora à análise do título "O Pai Eterno" e o consideramos tão apropriado e significativo quanto os demais.

Ele não contradiz, como alguns supuseram, as inúmeras passagens das Escrituras que declaram que Jeová é o Pai eterno — "o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo", como expressa Pedro. (***1 Pe. 1:3***) Pelo contrário, as Escrituras mostram claramente um sentido específico no qual esse título se aplicará ao nosso Senhor em seu segundo advento — que ele será o Pai da raça humana regenerada durante o Milênio. De fato, esse título é meramente equivalente aos que acabamos de considerar — o novo "Senhor" de Davi e da humanidade, a nova "Raiz", o Segundo Adão, significa simplesmente o Pai Eterno — o Pai que concede vida eterna.

Visto que nosso Senhor resgatou a humanidade ao custo de sua própria vida, e visto que é em virtude desse resgate

[E142]
que ele se tornou seu Senhor, seu Restaurador, seu Doador de Vida, e visto que o próprio pensamento central da palavra *"pai"* é *o de doador de vida*, nosso Senhor não poderia assumir nome ou título mais apropriado do que "Pai Eterno" para representar sua relação com o mundo prestes a ser regenerado — renascido dentre os mortos por meio dos processos de restauração e da ressurreição. A vida do mundo virá diretamente do Senhor Jesus, que, como veremos em breve, por arranjo divino, o *resgatou* e pagou à Justiça o preço total por ele. No entanto, o mundo restaurado, após a conclusão do processo de restauração, reconhecerá Jeová como a grande fonte original de vida e bênção, o autor do grande plano de salvação executado por nosso Senhor Jesus — o Grande Pai e Senhor Supremo de Tudo. ***1 Cor. 15:24-28; 3:23***; ***Mt. 19:28***

Em total concordância com o que acabamos de ver está a declaração profética que, por séculos, tem deixado perplexos os sábios e os ignorantes, os estudiosos e os comentaristas, bem como os estudantes; a saber:

Em vez de "Teus pais serão teus filhos, a quem tu farás príncipes em toda a terra"
— *Salmo 45:16* —

Os patriarcas e profetas, e especialmente aqueles que faziam parte da linhagem genealógica da qual nosso Senhor se originou, por meio de sua mãe Maria, foram por muito tempo honrados com o título de "pais", progenitores do Messias; assim como os textos citados anteriormente declaram que Davi é a raiz da qual o Messias, o Renovo justo, brotaria; e que o Messias seria filho de Davi. Mas tudo isso mudará quando a Igreja, o corpo de Cristo, estiver completa e unida a Jesus, a Cabeça, na glória, e, como Pai Eterno da humanidade, iniciar a regeneração do mundo. Aqueles que antes eram os pais serão então os filhos. Abraão, Isaque, Jacó, Davi — nenhum deles tinha *vida*, no sentido próprio da palavra: todos eram membros da raça condenada à morte. E quando Jesus assumiu nossa humanidade,

[E143]
e se identificou com a descendência de Abraão e de Davi, e realizou a obra da redenção, isso se aplicou não apenas ao mundo em geral, mas também a esses, seus progenitores segundo a carne. Ele resgatou a todos, e ninguém pode obter *a vida* (completa, perfeita, eterna) a não ser por meio dele. "Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho não verá a vida." (***João 3:36***) Portanto, Abraão, Isaque, Jacó, Davi e todos os profetas, bem como todo o restante do mundo, devem receber a vida futura e eterna de Cristo, ou não a receberão de forma alguma; e fora dele há apenas condenação. Portanto, é verdade que, quando, no tempo determinado por Deus, eles forem despertados da morte, isso será feito pelo grande Doador de Vida, Jesus, que será, assim, seu Pai ou Doador de Vida.

Nesse contexto, é bom observar também que as Escrituras apontam claramente o Pai Celestial como o gerador na regeneração da Igreja, a Noiva de Cristo. Como prova disso, observe as declarações bíblicas sobre esse assunto. O apóstolo Pedro declara: "O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo... *nos gerou*." (***1 Pe. 1:3***) O apóstolo João também declara que *somos "gerados por Deus"*. (***1º João 5:18***) O apóstolo Paulo também declara: "Para nós há um só *Deus, o Pai*". (***1 Cor. 8:6***) Ele enviou seu espírito aos nossos corações, pelo qual somos capacitados a *clamar a ele*: "Abba, Pai". (***Rom. 8:15***) Nosso Senhor Jesus testificou a mesma coisa, dizendo, após sua ressurreição: "Subo para meu Pai e para o Pai de vocês, para meu Deus e para o Deus de vocês". (***João 20:17***) O evangelho de João testifica o mesmo, dizendo: "A todos quantos o receberam, deu-lhes o direito de se tornarem filhos de Deus", e declara que tais pessoas são "geradas, não do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus". (***João 1:12,13***) O apóstolo Tiago declara, a respeito do Pai das luzes, que "por sua própria vontade *ele nos gerou* pela Palavra da verdade, para que fôssemos uma espécie de primícias das suas criaturas". ***Tiago 1:18***

De fato, tudo o que diz respeito à Igreja indica que os fiéis da era evangélica não são filhos de Cristo, mas filhos de seu Pai, gerados pelo espírito do Pai

[E144]
e à natureza do Pai, e destinados a ser "herdeiros de Deus, *co-herdeiros com* Jesus Cristo, nosso Senhor, desde que soframos com ele, para que também sejamos glorificados juntamente com ele". ***Rm 8:17***

Nosso relacionamento com nosso Senhor Jesus, ao contrário, é específica e repetidamente indicado como sendo o de irmãos, e não de filhos. Falando da Igreja, o Apóstolo diz: "Ele não se envergonha de chamá-los de irmãos", como havia sido profeticamente declarado: "Anunciarei o teu nome aos meus irmãos; no meio da tua igreja te cantarei louvores"; e ainda: "Eis que eu e os filhos [de Deus] que Deus me deu". Esses são os "muitos filhos" que o Pai está levando à glória, sob a liderança do Capitão da sua Salvação, Cristo Jesus; e, no que diz respeito a esta Igreja, afirma-se novamente que nosso Senhor Jesus, em sua ressurreição, foi "o primogênito entre muitos *irmãos*". ***Rom. 8:29***; ***Hb. 2:10-13***

Essa grande obra de dar vida ao mundo em geral é adiada até que o Corpo do Doador de Vida esteja completo, até que os "irmãos", com seu Senhor e Redentor, sejam recebidos como filhos da glória e iniciem a obra da restauração. Mesmo no caso daqueles do mundo (os antigos homens de mérito), cuja fé e lealdade à vontade divina já foram provadas e aprovadas, não poderá haver doação de vida até que o corpo do grande Moisés antitípico (a Igreja) tenha sido plenamente completado (***Atos 3:22, 23***), conforme está escrito: "Sem nós [os vencedores da era evangélica, o Corpo do Ungido], eles não serão aperfeiçoados" — não herdarão as coisas boas terrenas que lhes foram prometidas. ***Hb 11:39, 40***

Desse ponto de vista da redenção que está em Cristo Jesus, e tendo em vista a autoridade ou senhorio sobre a terra perdida por Adão e, portanto, redimida por Cristo, adquirida por seu precioso sangue, vemos o direito de Cristo ao ofício de Doador de Vida e Pai de toda a raça de Adão que aceitará as bênçãos da restauração nos termos da Nova Aliança; e somente desse ponto de vista podemos ver como nosso Senhor Jesus poderia ser tanto a Raiz quanto a

[E145]
Descendente de Davi, ao mesmo tempo Filho de Davi e Pai de Davi, Senhor de Davi.

Nesse contexto, talvez seja oportuno perguntar: como é que a Igreja da era evangélica, parte do mundo, "filhos da ira, assim como os demais" (***Ef 2:3***), e que precisa experimentar, tanto quanto os demais, o perdão dos pecados por meio do mérito da grande expiação, seja, em qualquer sentido *justo*, separada e distinta do mundo, de modo que seus membros sejam designados "filhos de Deus", enquanto o mundo seja designado como filhos do Doador da Vida, o Cristo?

A distinção reside no fato de que o mundo não apenas teve seus direitos à vida humana resgatados pelo Senhor Jesus, mas os obedientes da humanidade terão essa *vida resgatada restaurada a eles* por ele, por meio dos processos graduais da Era milenar. A Igreja, ao contrário, não recebe a *restauração* da vida humana que seu Senhor resgatou para ela. A vida da restauração é meramente *imputada* aos crentes da era evangélica, na medida em que são justificados (ou tornados perfeitos, restaurados como seres humanos) *pela fé* — não de fato. E essa perfeição humana imputada pela fé tem um propósito específico: a saber, que tais pessoas possam *sacrificar* a vida humana imputada e seus direitos e privilégios no serviço divino e, em *troca,* receber a esperança de participar da *natureza divina*.

A vida terrena e as bênçãos terrenas foram perdidas por Adão, e foram exatamente essas — e nenhuma outra — que nosso Senhor redimiu para os homens; e é essas — e nenhuma outra — que ele acabará por conceder durante os tempos da restauração. Mas a Igreja, o corpo, a Noiva de Cristo, é chamada primeiro dentre a humanidade, uma classe especialmente "escolhida", chamada para um "chamado celestial", um "chamado elevado" — para ser o co-herdeiro de Jesus Cristo, seu Senhor e Redentor. Assim como Jesus ofereceu seu sacrifício perfeito, "o homem Cristo Jesus", e foi recompensado com a natureza divina, assim também os crentes da era evangélica têm permissão para oferecer a si mesmos, em sua imperfeição (justificados ou considerados perfeitos pelo mérito do precioso sangue de Jesus), no altar de Deus; e, ao fazer isso, são gerados pelo espírito para se tornarem "novas criaturas", "filhos do Altíssimo", aceitos como irmãos de Cristo — membros do "sacerdócio real" do qual ele é o Sumo Sacerdote.

[E146]

Esses são atraídos pelo Pai, não pelo Filho, como será o caso do mundo durante o milênio. (Compare ***João 6:44*** e ***12:32***.) Aqueles que o Pai atrai para Cristo, Ele, como o ancião, recebe como "irmãos" e os ajuda a seguir seus passos no caminho estreito do auto-sacrifício, até a morte. Assim, eles poderão morrer com ele e ser considerados co-sacrificadores com ele, e, dessa forma, também serem considerados dignos de serem co-herdeiros com ele no Reino e na obra que abençoará o mundo e dará vida eterna a todos quantos a receberem. A esses, nos é dito claramente, cabe "completar o que falta às aflições de Cristo" — "sofrer com ele, para que também possam reinar com ele". (***Col. 1:24***; ***2 Tim. 2:12***) Assim, a posição da Igreja é particularmente diferente da do mundo em geral, assim como seu chamado é um chamado elevado, um chamado celestial, e assim como sua recompensa é a natureza divina. ***2 Ped. 1:4***

Este é o grande "mistério" ou segredo que, como declara o apóstolo, é a chave, sem a qual é impossível compreender as promessas e profecias da Palavra divina. (***Col. 1:26***) O Pai celestial propôs em si mesmo a criação de uma raça humana, um pouco inferior aos anjos, terrena na terra e adaptada à terra em sua condição paradisíaca; mas ele também previu o resultado da queda e a oportunidade que ela representaria para manifestar a justiça divina, o amor divino, a sabedoria divina e o poder divino. Assim como Ele pré-determinou que Seu Filho Unigênito, o *Logos*, tivesse a oportunidade de provar Sua fidelidade ao Pai e aos princípios da justiça, tornando-Se o redentor do homem e, assim, herdeiro de todas as riquezas da graça divina e chefe sobre tudo, ao lado do Pai, para que em todas as coisas Ele tivesse a preeminência, assim, Ele também planejou que, antes que o mundo da humanidade em geral fosse elevado por seu redentor, Ele fizesse uma seleção, de acordo com o caráter e de acordo com a fidelidade, de um "pequeno rebanho", para ser o co-herdeiro com o Unigênito e seu companheiro no Reino, muito acima dos anjos, dos principados e das potestades, e de todo nome que se nomeia.

[E147]

Assim, o apóstolo declara que somos "escolhidos segundo a presciência de Deus, o Pai, por meio da santificação do espírito" (***1 Pe. 1:2***). O apóstolo Paulo corrobora esse pensamento, dizendo: "A quem ele previu de antemão, também o *predestinou para ser conforme à imagem de seu Filho*, a fim de que ele fosse o primogênito entre muitos irmãos." Além disso, ele desejou que os olhos do nosso entendimento fossem iluminados, para que "possamos conhecer qual é a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da sua herança entre os santos, e qual a imensa grandeza do seu poder para conosco, os que cremos". Ele declara que essa misericórdia para conosco veio sem que tivéssemos feito nada para merecê-la; Deus, "quando estávamos mortos em pecados, *nos vivificou juntamente com Cristo*, e nos ressuscitou juntamente com ele, e nos fez sentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus: para que, nas eras vindouras, ele mostrasse as riquezas incomparáveis da sua graça, em sua bondade para conosco, por meio de Cristo Jesus...Pois somos obra sua, criados em Cristo Jesus para boas obras." ***Ef 1,17-19; 2,4-10***

[E148]

DÁ-NOS FORÇA, ABENÇOADO SALVADOR

“Não buscamos, Senhor, línguas de fogo,
nem a ajuda mística do poder de cura;
Mas o poder de proclamar o teu evangelho —
O bálsamo para as feridas que o pecado causou.

“Sopra sobre nós, Senhor; derrama o teu
esplendor Sobre todas as maravilhas da
página
onde se esconde o conhecimento celestial
Que abençoou nossa juventude e guia nossa
maturidade.

“Concede-nos habilidade para traçar cada tema
sagrado, Com voz amorosa e língua
ardente,
Como quando, diante de tuas palavras de graça,
As multidões maravilhadas, extasiadas, ficavam
penduradas.

“Concede-nos fé que atravesse as
profundezas tempestuosas Se apenas
tua voz a chamar;
E zelo, que escala a montanha íngreme, Para
buscar e trazer o errante de volta para casa.

"Dá-nos força, abençoado Salvador, em teu poder;
Ilumina nossos corações, e nós,
transformados à tua imagem resplandecente,
Ensinaremos, amaremos e viveremos como tu.”

[E149]

ESTUDO VII
O MEDIADOR DA EXPIÇÃO "O FILHO DO HOMEM"

O que esse título não significa — O que ele significa — Suas honras são indiscutíveis e não podem ser reivindicadas por nenhum outro — O Filho do Homem visto pelo mundo — A visão de Pilatos, a visão de Rousseau, a visão de Napoleão — Significado das afirmações: "Não havia nele beleza que nos fizesse desejá-lo" e "Seu rosto estava tão desfigurado" — "O Mais Notável entre Dez Mil" — "Sim, Ele é Totalmente Amável."

ENTRE os muitos títulos atribuídos ao nosso Senhor, e um dos mais frequentemente usados por ele mesmo, está "O Filho do Homem". Alguns têm se inclinado a considerar isso uma concessão da parte de nosso Senhor de que ele era filho de José; mas isso é totalmente errado: ele nunca reconheceu José como seu pai. Pelo contrário, notar-se-á que esse título que ele aplica a si mesmo é usado, não apenas no que diz respeito à sua vida terrena, mas também no que se refere à sua condição e glória atuais. E, a partir desse fato, alguns passaram ao outro extremo e afirmam que isso indica que nosso Senhor é agora *um homem* no céu — que ele ainda mantém a natureza humana. Isso, como nos esforçaremos para mostrar, é um pensamento totalmente sem fundamento, um equívoco quanto ao título "O Filho do Homem". Mas, enquanto isso, observemos que tal pensamento está em total desacordo com toda a orientação do ensino das Escrituras. A afirmação das Escrituras é muito enfática: a humilhação de nosso Senhor à natureza humana não foi perpétua, mas serviu apenas para efetuar a redenção do homem, pagar a pena do homem e, assim, incidentalmente, provar sua própria fidelidade ao Pai; por causa disso, ele foi imediatamente

[E150]
em seguida altamente exaltado, não apenas à glória que possuía com o Pai antes da criação do mundo, mas a uma glória mais excelente, muito acima dos anjos, principados e potestades — à natureza divina e à direita, lugar de graça, junto à Majestade nas alturas.

Observe cuidadosamente alguns dos usos desse título por nosso Senhor, conforme segue:

"O Filho do Homem enviará seus anjos", na colheita da era evangélica. ***Mateus 13:41***

"Assim será na presença do Filho do Homem", na colheita, o fim desta era. ***Mateus 24:27, 37***

"Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele." ***Mateus 25:31***

"Dele se envergonhará o Filho do Homem, quando vier na glória do Pai." ***Marcos 8:38***

"E se virdes o Filho do Homem subir para onde estava antes?" ***João 6:62***

"Aquele que desceu do céu, o próprio Filho do Homem." ***João 3:13 ****

Essas passagens bíblicas identificam "O Filho do Homem" com o Senhor da glória, com o homem Cristo Jesus, que se entregou, e com o *Logos* pré-humano, que desceu do céu e se fez carne. E, evidentemente, os judeus não pensavam que o título "O Filho do Homem" significasse o filho de José ou, no sentido comum, o filho de um homem, que receberia a vida de um pai humano: isso fica demonstrado pelo fato de que eles perguntaram, dizendo: "Ouvimos na Lei que o Cristo permanece para sempre; e como dizes tu: 'O Filho do Homem deve ser levantado'? Quem é esse Filho do Homem?" (***João 12:34***) Os judeus, evidentemente, identificavam a expressão "Filho do Homem" com o Messias que esperavam, sem dúvida baseando suas esperanças, em grande parte, na declaração de ***Daniel (7:13)***: "Vi nas visões noturnas, e eis que alguém semelhante ao Filho do Homem vinha com as nuvens do céu, e chegou-se ao Ancião de Dias, e eles

---

*"Que está nos céus" foi omitido pelos manuscritos mais antigos.

[E151]
trouxeram-no perante ele, e foi-lhe dado domínio, glória e um reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e seu reino não será destruído." Nosso Senhor identificou-se com essa descrição em seu ***Apocalipse (14:14)***, onde se apresenta como alguém "semelhante ao Filho do Homem, com uma coroa de ouro na cabeça e uma foice afiada na mão" — o Ceifador da colheita da era evangélica.

No entanto, mesmo estando assegurados de que esse título, de forma alguma, se refere ao filho de José, e embora as evidências sejam conclusivas de que a natureza humana, assumida para esse propósito, foi *sacrificada para sempre*, e de que agora ele é um ser do espírito vivificante da mais alta ordem (***Hb 2:9, 16***; ***1 Pe. 3:18***; ***Jo. 6:51***; ***Fp. 2:9***), ainda surge a pergunta: Por que nosso Senhor escolheu tal nome, tal título? Não temos motivos para suspeitar que deve haver alguma razão específica para isso, caso contrário esse título específico não seria usado, já que cada um dos títulos de nosso Senhor tem um significado peculiar, quando compreendido?

Há uma razão de suma importância para o uso desse título. É um título de grande honra, pois constitui uma lembrança perpétua de sua grande Vitória — de sua obediência fiel e humilde a todos os desígnios do Pai Celestial, até a morte, até mesmo a morte na cruz, pela qual ele garantiu o direito a toda a sua honra e glória, dignidade e poder, presentes e futuras, bem como à natureza divina. Por meio desse título, "O Filho do Homem", tanto os anjos quanto os homens são diretamente remetidos à grande demonstração de humildade por parte do Unigênito do Pai e ao princípio subjacente do governo divino — aquele que se exalta será humilhado, e aquele que se humilha será exaltado. Assim, toda vez que esse nome é usado, ele transmite uma valiosa lição a todos os que serão ensinados por Deus e que desejam honrá-Lo e fazer aquilo que Lhe agrada.

No mesmo sentido em que nosso Senhor foi feito "da descendência de Davi" e "da descendência de Abraão, Isaque e Jacó", ele

[E152]
também era da descendência de Adão, por meio de sua mãe Eva — porém, como vimos, "imaculado, *separado* dos pecadores". "A descendência da mulher" é referida como sendo a antagonista da descendência da serpente; no entanto, não há qualquer indício de que Eva tivesse qualquer descendência além de seu marido, Adão. E, no mesmo sentido em que é correto pensar e falar de nosso Senhor como a semente de Davi, é igualmente correto pensar nele como a semente de Adão, por meio de Eva. E este, acreditamos, é o pensamento subjacente a este título — "O Filho do Homem".

Adão, como cabeça da raça humana e seu designado doador de vida, falhou em conceder vida eterna à sua posteridade, devido à sua desobediência; no entanto, a promessa divina antecipava o tempo em que o Messias, identificado com a raça de Adão, redimiria Adão e toda a sua posteridade. Adão era *o homem* por excelência, na medida em que era o cabeça da raça humana, e nele residia o direito sobre a terra e seu domínio. Observe a referência profética a Adão: "Que é o homem, para que te lembres dele, ou o filho do homem, para que o visites? Tu o fizeste um pouco menor que os anjos e o coroaste de glória e honra. Tu lhe deste domínio sobre as obras das tuas mãos; colocaste todas as coisas debaixo dos seus pés: todas as ovelhas e bois, sim, e as bestas do campo, as aves do céu, os peixes do mar e tudo o que percorre os caminhos do mar." ***Salmo 8:4-8***

Esse direito terreno, a realeza, o domínio, entrou em desordem e se perdeu por causa da queda, mas era parte integrante daquilo que foi redimido pela grande oferta pelo pecado. Como está escrito profeticamente a respeito de nosso Senhor: "A ti virá, ó Torre do rebanho, *o primeiro domínio*." (***Miqueias 4:8***) Assim, vemos que a esperança do mundo, sob o arranjo divino, repousava na vinda de um grande filho e herdeiro de Adão, um grande filho de Abraão, um grande filho de Davi, um grande filho de Maria. Isso também não implica que a *vida* desse filho viesse por meio de Adão, Abraão, Davi ou Maria. Como já vimos, um genro, sob

[E153]
o desígnio divino, é considerado membro da família, capaz de ser o redentor e retomar uma posse perdida. No caso de nosso Senhor, vimos claramente que sua *vida* não provinha de parentesco terreno, mas apenas de seu organismo físico — que a *vida* emanava e vinha de Deus, e que, originalmente, ele era conhecido como o *Logos*.

E quanto mais investigamos esse assunto, mais evidente tudo o que foi exposto acima se torna; pois o estudante de grego pode facilmente constatar que, em todas as instâncias em que nosso Senhor faz uso do termo "Filho do Homem", ele o utilizava de forma enfática, o que não é distinguível na tradução para o inglês e que, para ser apreciado nessa língua, precisaria ser expresso com ênfase nas duas palavras "o" — *"o* Filho do Homem". E o direito de nosso Senhor a esse título é indiscutível. Assim como somente Adão era perfeito, e todos os demais de sua raça degeneraram, exceto este único Filho que se uniu à raça de Adão para ser o *Redentor* de todas as suas posses perdidas, da mesma forma, quando ele estava no ato de redimir a raça, e uma vez que a redimiu da maldição ou sentença de morte, o título de "Filho do Homem" passou a ser sua posse de forma legal e indiscutível.

E não apenas esse título lhe pertenceu de fato durante o período em que Ele ofereceu o grande "resgate por todos", mas também lhe pertence de fato durante a era evangélica, enquanto a seleção de seus colaboradores no grandioso programa de restauração está em andamento. E muito mais ainda esse título pertencerá de fato ao nosso Senhor durante o período de seu Reino milenar, quando ele, como *o* (agora altamente exaltado e transformado) Filho do homem (Adão), prosseguirá a obra de restauração, "a redenção [*libertação*] da posse adquirida". ***Ef 1:14***; ***Rute 4:1-10***

"O Homem Cristo Jesus", na visão dos incrédulos

Não foram apenas os seguidores devotos do Senhor Jesus Cristo que reconheceram sua sabedoria e graça, e observaram que ele

[E154]
estava "cheio de toda a plenitude de Deus", mas até mesmo seus oponentes o reconheciam como alguém muito acima do comum da nossa raça, conforme lemos: "E todos lhe davam testemunho e se maravilhavam das palavras graciosas que saíam de sua boca." (***Lucas 4:22***) Outros diziam: "Nunca um homem falou como este homem." (***João 7:46***) E Pilatos, relutante em tirar a vida do judeu mais nobre que já havia visto, esforçou-se, como último recurso, por apaziguar a malevolência da multidão, percebendo que ela era instigada pelos escribas e fariseus, que invejavam e tinham ciúmes da popularidade de nosso Senhor. Pilatos finalmente mandou que Jesus fosse trazido à presença de seus acusadores, evidentemente com a ideia de que um olhar sobre suas nobres feições afastaria o ódio e a malícia deles. Ao apresentá-lo, Pilatos exclamou: "Eis *o* Homem!", com uma ênfase nas palavras que não fica evidente em nossa tradução para o português, a menos que a palavra "o" seja lida com ênfase — "Eis *o* Homem!". Como se ele tivesse dito: O homem que vocês estão me pedindo para crucificar não é apenas *o* judeu acima de todos os outros judeus, mas *o* Homem acima de todos os outros homens. E foi a respeito da humanidade de nosso Senhor que João declara: "O *Logos* se fez carne... e nós contemplamos a sua glória, a glória do unigênito do Pai — cheio de graça e de verdade." ***João 1:14; 19:5***

E, a esse respeito, lembremo-nos do frequentemente citado e bem conhecido elogio a "O Filho do Homem" e aos seus ensinamentos, feito por Rousseau, o célebre francês, da seguinte forma:

"Quão insignificantes são os livros dos filósofos, com toda a sua pompa, comparados aos evangelhos! Será possível que escritos ao mesmo tempo tão sublimes e tão simples sejam obra de homens? Será que aquele cuja vida eles narram não passa, ele próprio, de um homem? Há algo em seu caráter que o caracterize como um entusiasta ou um sectário ambicioso? Que doçura, que pureza em seus modos, que graça comovente em seus ensinamentos! Que elevação em suas máximas! Que sabedoria profunda em suas palavras! Que presença de espírito, que delicadeza e perspicácia em suas respostas! Que domínio sobre suas paixões! Onde está o

[E155]
homem, onde está o sábio que sabe agir, sofrer e morrer sem fraqueza, sem ostentação? Meus amigos, os homens não inventam coisas assim; e os fatos relativos a Sócrates, dos quais ninguém duvida, não são tão bem atestados quanto os relativos a Jesus. Aqueles judeus jamais poderiam ter adotado esse tom ou concebido essa moralidade. E o evangelho possui características de veracidade tão grandiosas, tão marcantes, tão perfeitamente inimitáveis, que seus inventores seriam ainda mais maravilhosos do que aquele a quem retratam."

O seguinte elogio ao Filho do Homem é atribuído ao renomado Napoleão Bonaparte:

"Do início ao fim, Jesus é o mesmo; sempre o mesmo — majestoso e simples, infinitamente severo e infinitamente gentil. Ao longo de uma vida passada sob os olhos do público, ele nunca dá motivo para críticas. A prudência de sua conduta nos impõe admiração por sua união de força e gentileza. Tanto na fala quanto na ação, ele é esclarecido, coerente e sereno. Diz-se que a sublimidade é um atributo da divindade: que nome, então, daremos àquele em cujo caráter se uniram todos os elementos do sublime?

"Conheço os homens, e digo-lhes que Jesus não era um homem. Tudo nele me surpreende. É impossível compará-lo a qualquer outro ser no mundo. Ele é verdadeiramente um ser à parte. Suas ideias e seus sentimentos, a verdade que ele anuncia, sua maneira de se expressar, tudo isso está além do humano e da ordem natural das coisas. Seu nascimento e a história de sua vida; a profundidade de sua doutrina, que supera todas as dificuldades e é a solução mais completa para elas; seu evangelho; a singularidade daquele ser misterioso e sua aparência; seu império, sua trajetória ao longo de todos os séculos e reinos; tudo isso é para mim um prodígio, um mistério insondável. Não vejo aqui nada de humano. Por mais que eu me aproxime, por mais que eu examine de perto, tudo permanece acima de qualquer comparação — grandioso com uma grandeza que me esmaga. É em vão que reflito — tudo permanece inexplicável! Desafio-vos a citar outra vida como a de Cristo."

Sim, a verdade é mais estranha do que a ficção, e o homem perfeito

[E156]
Cristo Jesus, ungido com o espírito do Altíssimo, era tão diferente da raça imperfeita da qual ele se apegou, para sua redenção, que o mundo certamente tem desculpa para questionar se ele não era mais do que um homem. Certamente ele era mais, muito mais do que um *mero* homem — muito mais do que um homem pecador: ele estava separado dos pecadores e, como homem perfeito, era a própria imagem e semelhança do Deus invisível.

"Não havia nele beleza que nos fizesse desejá-lo"

"Sim, ele cresceu como um rebento diante dele, e como uma raiz que brota de terra seca; não tem forma nem beleza que nos atraia; e, quando o observamos, não há nele aparência que nos faça desejá-lo. Ele é desprezado e rejeitado pelos homens; homem de dores e que sabe o que é sofrer; e, como que, escondemos de ele o nosso rosto." ***Isaías 53:2,3*** — Compare as traduções *de Young* e *de Leeser*.

Alguns sugeriram que essas passagens indicam que a aparência pessoal de nosso Senhor era inferior à de outros homens e, por isso, consideraram isso uma prova de que ele não estava separado dos pecadores, mas era participante do pecado e de sua pena de degeneração. Discordamos disso, no entanto, por ser contrário à tendência geral do testemunho bíblico, e inclinamo-nos, ao contrário, a interpretar essa afirmação de modo a harmonizá-la com o testemunho geral das Escrituras sobre o assunto, se isso puder ser feito sem violar os princípios adequados de interpretação; e acreditamos que isso pode ser feito e demonstrado.

Existem vários tipos de honra, beleza e graciosidade — os ideais dos diversos povos, e do mesmo povo em diferentes circunstâncias, são notavelmente diferentes. O ideal de beleza que agrada aos bárbaros é repulsivo para os mais civilizados. O guerreiro indígena, pintado de vermelho e amarelo, adornado com conchas e penas tingidas, e com um cinto de escalpos ensanguentados, seria o ideal desejável na mente de certos selvagens. O pugilista no ringue, sem roupa para a luta, é o ideal de forma viril no que é conhecido como "a arte viril" — para alguns. Para outros, o

[E157]
matador, ou toureiro, é o grande ideal de desenvolvimento viril, que conquista a admiração e os aplausos da multidão. E assim os ideais variam, de acordo com as épocas, as circunstâncias e as condições. Visto que esta passagem bíblica trata de nosso Senhor Jesus em sua primeira vinda, deve-se entender que ela significa que ele não correspondia ao ideal judaico. Isso é muito evidente, já que justamente aquele de quem Pilatos exclamou: "Eis o Homem!", foi o mesmo de quem os judeus gritaram com ainda mais veemência: "Crucifica-o! Crucifica-o! Não temos outro rei senão César!"

Devemos lembrar que, na época da primeira vinda, a nação judaica estava subjugada, sob o jugo romano; e que havia sido "pisoteada pelos gentios" por mais de seiscentos anos. Devemos lembrar também das esperanças de Israel, geradas pelas promessas divinas feitas a Abraão, Isaque e Jacó, e reiteradas por todos os profetas, no sentido de que, no tempo determinado por Deus, Ele lhes enviaria o seu Ungido, um legislador maior do que Moisés, um general maior do que Josué e um rei maior do que Davi ou Salomão. Devemos lembrar que, justamente nessa época, Israel aguardava o Messias de acordo com seus ideais: conforme está registrado, todos os homens estavam na expectativa do Messias. Mas quando Jesus foi anunciado como o Messias, sua apresentação foi tão diferente de tudo o que eles esperavam que seus corações orgulhosos se envergonharam dele; e, por assim dizer, esconderam o rosto dele — deram-lhe as costas — especialmente os líderes e notáveis daquela nação, cuja orientação o povo comum seguia. ***Lucas 3:15***

Eles esperavam um grande general, um grande rei e um grande legislador, tudo em um, cheio de dignidade, cheio de altivez, cheio de ambição, cheio de orgulho, cheio de obstinação — altivo e dominador em palavras e em atos. Esse era *o ideal* deles do que constituiria as qualificações necessárias do Rei que conquistaria o mundo e tornaria Israel a nação líder. Eles viam o orgulho, a insolência e a arrogância de Herodes, nomeado pelo imperador romano para ser seu rei; viam algo dos generais e governadores Romanos, dos centuriões etc.; imaginavam que o imperador romano fosse ainda

[E158]
ainda mais acentuado em todas essas diversas características, levando-o à predominância no império; e, inspirando-se nisso, esperavam que o Messias possuísse muitas dessas qualidades de forma ainda mais marcante, como representante da dignidade, honra e glória ainda maiores da Corte Celestial e de sua autoridade transferida para a Terra.

Não é de se admirar, então, que, com tais expectativas, não estivessem preparados para aceitar o manso e humilde nazareno, que acolhia em sua companhia publicanos e pecadores, e cuja única arma para conquistar o mundo era "a espada de sua boca". Não é de se admirar que, quando foi anunciado como a esperança de Israel, o Rei dos Judeus, o Messias, eles lhe tenham virado as costas. Não é de se admirar que, com suas falsas expectativas há muito acalentadas, tenham ficado profundamente decepcionados. Não é de se admirar que tenham tido vergonha de reconhecer "Jesus, o Rei dos Judeus", e tenham dito: "Ele não é o tipo de beleza, honra e dignidade que desejávamos; ele não é o nosso ideal de soldado, estadista e rei adequado às necessidades de nossa nação ou capaz de realizar suas esperanças há muito acalentadas". Ah, sim! Assim como um grupo semelhante hoje que aguarda a segunda vinda do Messias, eles deram como certo que suas expectativas, baseadas nas "tradições dos anciãos", estavam corretas e, consequentemente, negligenciaram a busca honesta e sincera nas Escrituras, o que os teria tornado "sábios para a salvação".

Parece evidente que o profeta se referia justamente a *essa* aparência indesejável e à falta da "honra" (beleza) que eles buscavam. Seria inconsistente traduzir e interpretar a *profecia* de forma incompatível com os *fatos históricos* reconhecidos como seu cumprimento; e também incompatível com a lógica das repetidas declarações de sua pureza, como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo
— santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores.

"Seu rosto estava tão desfigurado"
— *Isaías 52:14,15* —

Aqui, mais uma vez, uma tradução incorreta deu origem a

[E159]
respeito à aparência de nosso Senhor; e, no entanto, mesmo os leitores mais descuidados, que já viram rostos de seres humanos gravemente desfigurados pela devassidão, pela doença ou deformados por acidente, acharam impossível acreditar que o rosto ou a aparência de nosso Senhor "estivesse mais desfigurado do que o de qualquer homem, e sua forma mais do que a dos filhos dos homens". *Evidentemente*, há algo de errado nessa afirmação, pois não seria alguém assim que Pilatos apresentaria ao povo, dizendo: "Eis *o* homem!" Não seria alguém assim que o povo comum aclamaria como o Filho de Davi e pensaria em tomar à força para torná-lo rei. Além disso, não temos a garantia de que nenhum osso dele foi quebrado? Mas quão melhor essa afirmação profética se torna — quão mais consistente com os fatos da história bíblica e com as deduções lógicas de sua santidade e pureza — quando traduzida assim:

"Assim como muitos se espantaram contigo (tão desfigurada estava sua aparência pelos homens, e sua forma pelos filhos dos homens), assim ele espantará muitos povos." Assim como o povo de sua época ficou surpreso por ele se submeter aos abusos daqueles que o coroaram com espinhos, o golpearam, cuspiram nele, o crucificaram e o traspassaram, assim também outros de todas as nações, agora e no futuro, ao ouvirem falar da resistência a "tanta contradição dos pecadores contra si mesmo" (***Hb 12,3***), se maravilharam e se maravilharão com tanta paciência e tanta mansidão.

"Diante dele, os reis calarão a boca; pois o que não foi registrado [sobre outros], eles verão [exemplificado nele]; o que nunca antes ouviram, compreenderão." Os grandes da terra nunca ouviram falar de nenhum rei que se submetesse voluntariamente a tais indignidades nas mãos de seus súditos, e a fim de que pudesse fazer-lhes o bem. Em verdade, "Seu é um amor que vai além do amor de um irmão". Não é de se admirar que todos fiquem surpresos "no tempo devido".

Sem dúvida, também o rosto de nosso querido redentor apresentava marcas de tristeza, pois, como vimos, seu coração profundamente compassivo foi *"tocado*" por um sentimento de nossas fraquezas; e, sem dúvida,

[E160]
essas marcas se intensificaram até o fim de seu ministério no Calvário. Devemos lembrar que, quanto mais refinado for o organismo e mais delicadas forem suas sensibilidades, mais suscetível ele é à dor. Podemos facilmente perceber que cenas de angústia, doença, dor e depravação, às quais nos tornamos mais ou menos acostumados por nossa própria participação na queda e pelo contato contínuo com o sofrimento humano, seriam questões muito mais graves para o Perfeito — santo, inocente, imaculado e separado dos pecadores.

Encontramos o mesmo ilustrado, em certa medida, em nossas próprias experiências. Aqueles com sensibilidade relativamente apurada, acostumados ao luxo, ao requinte, à beleza e a ambientes favoráveis, se visitarem as favelas de uma grande cidade e observarem a degradação, as condições desfavoráveis, os maus odores, os sons incongruentes e as visões miseráveis de miséria, certamente ficarão com o coração apertado: involuntariamente, o rosto se contrai, e surge o pensamento: Como a vida seria terrível nessas circunstâncias; que alívio seria a morte. No entanto, talvez, enquanto soliloquia assim, o olhar se depare com crianças brincando alegremente, e talvez a lavadeira, em meio à sua tarefa, entoe um trecho de uma canção, ou se veja um homem lendo um jornal com satisfação, ou se ouça um menino tentando tocar música com um instrumento velho. Essas coisas indicam que aqueles que se acostumaram a tais imagens, sons, cheiros e condições gerais são muito menos influenciados por eles do que aqueles que, desde a infância, estão acostumados ao requinte.

E essa lição ilustra, em uma medida muito pequena, a disparidade entre a visão de nosso Senhor sobre a condição pecaminosa e lamentável da Terra e a nossa. Como um ser perfeito, que havia deixado as cortes da glória celestial e se humilhou para tornar-se partícipe do sofrimento do homem, seu solidário e seu redentor, ele certamente sentiu muito mais do que nós as misérias da "criação que geme". Que surpresa, então, se o peso de nossas tristezas lançasse uma sombra sobre as belezas gloriosas de seu rosto perfeito! Que surpresa se o contato com as tribulações da Terra,

[E161]
e sua participação voluntária nas fraquezas e doenças humanas (no fim de sua própria vida, de sua própria vitalidade, como vimos), tenha marcado profundamente o rosto e *a* forma do Filho do Homem! E, no entanto, não podemos, nem por um momento, duvidar de que sua comunhão com o Pai, sua comunhão com o espírito santo e a aprovação de sua própria consciência — o fato de que ele sempre fez aquilo que era agradável aos olhos do Pai — devem ter conferido ao rosto de nosso redentor uma expressão serena, que o tornaria uma combinação de alegria e tristeza, de angústia e paz. E seu conhecimento do plano do Pai Celestial deve tê-lo capacitado a regozijar-se nas coisas que sofreu, percebendo como elas em breve resultariam, não apenas em bênção para si mesmo, mas também em "salvação até os confins da terra". Se, portanto, as tristezas dos homens ensombravam seu rosto, podemos ter certeza de que sua fé e esperança também se refletiam em sua expressão facial, e que a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardava seu coração e lhe permitia regozijar-se sempre, em meio às maiores contradições dos pecadores contra ele mesmo.

"O Primeiro entre Dez Mil"

Para o coração pecaminoso, invejoso e odioso da natureza caída, tudo o que se assemelha à beleza, à bondade, à verdade e ao amor é repugnante; não há beleza nisso, nada de desejável — é uma repreensão. Nosso Senhor expressou essa questão com veemência quando disse: "As trevas odeiam a luz, e os que são das trevas não vêm para a luz, porque a luz manifesta as suas trevas." (***João 3:19,20***) Vemos uma ilustração adicional desse fato — de que um coração maligno pode, às vezes, odiar e desprezar um rosto glorioso, um rosto cheio de amor — não apenas no fato de que nosso querido redentor foi assim desprezado por aqueles que clamavam: "Crucifica-o!", mas também nos casos dos demais. Observe os diversos relatos de martírio em nome da Verdade e observe quão pequena foi a influência comovente dos rostos daqueles que conseguiam erguer o olhar

[E162]
de seus sofrimentos pessoais e orar por bênçãos sobre seus perseguidores. O testemunho a respeito do primeiro mártir cristão — Estêvão — indica que seu rosto era radiante e belo, a ponto de ser comparável ao rosto de um anjo. "Todos os que estavam sentados no conselho, olhando fixamente para ele, viram seu rosto como se fosse o rosto de um anjo." (***Atos 6:15***) E, no entanto, devido à dureza de seus corações, longe de amar seu rosto angelical — que certamente era muito menos angelical do que o do mestre — e em vez de dar ouvidos às suas palavras maravilhosas — que eram muito menos maravilhosas do que as do Grande Mestre —, "eles se lançaram sobre ele de comum acordo... e apedrejaram Estêvão", da mesma forma que clamaram a Pilatos para que o Senhor da glória fosse crucificado.

"Sim, ele é totalmente amável."

* * *

"Os céus proclamam a tua glória, Senhor; por todos os reinos do espaço sem limites.

A mente que se eleva pode vagar pelo mundo, E ali traçar teus poder e sabedoria.

"Autor das maravilhosas leis da natureza,
Preservador de sua gloriosa graça,

Nós te saudamos como a grande Causa Primeira, E aqui nos deleitamos em seguir teus caminhos.

"Pela fé, vemos agora a tua glória,

Compreendemos tua sabedoria, amor e graça;
Curvamo-nos em louvor e adoração,

E ansiamos por ver teu rosto glorioso.

"Em Cristo, quando todas as coisas estiverem completas — as coisas na terra e as coisas no céu —

Os céus e a terra estarão repletos De teus louvores elevados, sempre oferecidos."

[E163]

ESTUDO VIII
O CANAL DA EXPIAÇÃO: O ESPÍRITO SANTO DE DEUS

A ação do espírito santo — Agora e no milênio — Vários nomes descritivos do espírito santo: "Espírito do Amor", "Espírito da Verdade", etc. — Em contraste, o espírito profano: "Espírito do Erro", "Espírito do Medo", etc.—Pronomes pessoais aplicados—O significado da palavra "espírito"—"Deus é espírito"—"O espírito santo ainda não havia sido dado"—Dons do espírito—O poder transformador do espírito santo—O espírito em medida e sem medida
—"O Espírito do Mundo", o anticristo — A batalha entre este e o espírito santo — Lutas espirituais fora e dentro dos santos — O espírito que se deleita na inveja — Instruídos pelo Espírito — O Paráclito, o Consolador — Ele os guiará a toda a verdade e à expiação plena — A supervisão do Espírito permanece, mesmo após a cessação dos dons milagrosos.

"Pois todos os que são guiados pelo espírito de Deus são filhos de Deus. Vocês receberam o espírito de adoção, pelo qual clamamos: 'Abba,
Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus." ***Rm 8,14-16***

"E acontecerá, depois disso, que derramarei o meu espírito sobre toda a carne." ***Joel 2:28***

A GRANDE obra da expiação não poderia ser devidamente considerada, nem claramente compreendida, se a obra do espírito santo, em conexão com ela, fosse negligenciada ou ignorada. O espírito santo tem muito a ver com a apresentação da expiação — tornando manifesto ao crente o perdão divino, bem como guiando-o à plena reconciliação do coração com Deus. Foi sob a influência geradora do espírito santo, recebida por nosso Senhor Jesus em seu batismo, no início de seu ministério, que seu coração consagrado foi capacitado a ver clara e distintamente a vontade do Pai, o caminho correto, o caminho estreito do sacrifício, e a apreciar as promessas extremamente grandes e preciosas, cujo cumprimento se encontrava além de sua humilhação, ignomínia e

[E164]
morte no Calvário. Pelo espírito santo, portanto, nosso Redentor foi capacitado a realizar sua grande obra, sendo guiado por ele a fazer o que era agradável e aceitável diante do Pai, e o que proporcionou o resgate para toda a humanidade. Da mesma forma, o espírito santo é identificado com a Igreja: todos os que aceitaram os méritos da grande oferta pelo pecado, que se aproximaram do Pai por meio do mérito do sacrifício do Filho e que se apresentaram como sacrifícios vivos, em harmonia com o alto chamado à natureza divina oferecido a tais pessoas durante a era evangélica, precisaram e receberam a ajuda do espírito santo. Somente na medida em que alguém recebe o espírito santo de Deus é que se torna capaz de entrar em comunhão adequada com o Pai e com o Filho, de modo a poder "provar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" e cumpri-la. Somente pelo espírito santo somos guiados além da mera letra do testemunho divino, para uma verdadeira apreciação das "coisas profundas de Deus" e de todas aquelas coisas que Deus reservou para aqueles que o amam, as quais o olho humano não viu, o ouvido humano não ouviu, nem sequer entrou no coração humano para compreender e apreciar. ***1 Cor. 2:9,10***

A função do espírito santo será igualmente importante durante a Era Milenar, ao trazer a humanidade de volta à harmonia com Deus, nos termos da Nova Aliança, por meio dos méritos do sacrifício do querido redentor. Assim, por meio do profeta ***Joel (2:28, 29)***, o Senhor chamou a atenção para esse fato, ressaltando que, embora derramará Seu espírito apenas sobre Seus servos e servas durante a era evangélica, *"depois* disso" Seu espírito santo será derramado sobre toda a humanidade, "toda a carne".* Durante a Era Milenar, então, a

---

*A ordem dessa bênção é invertida na declaração profética; muito provavelmente, a fim de ocultar o assunto até o tempo apropriado e, assim, esconder parte do comprimento, da largura, da altura e da profundidade do plano divino, até o tempo devido para que ele seja conhecido e apreciado.

[E165]
o progresso do mundo estará em plena harmonia com o espírito santo; e, na medida em que os homens entrarem em plena harmonia com esse espírito santo, qualquer um deles se tornará elegível para as condições eternas de vida, alegria e bênção que se encontram além da era milenar. O fato de que o espírito santo cooperará com a Igreja glorificada na bênção de todas as famílias da terra também é atestado por nosso Senhor. Depois de nos retratar as glórias do milênio e seu abundante suprimento de verdade como um poderoso rio da água da vida, límpida como cristal, ele diz: "E o espírito e a Noiva dizem: Vinde! E quem quiser, venha e beba gratuitamente da água da vida." ***Apocalipse 22:17***

Mas esse assunto do espírito santo, seu ofício e sua operação, tem sido gravemente mal interpretado por muitos do povo do Senhor ao longo dos séculos; e somente à luz do Sol da Justiça que nasce — à luz da *parousia* do Filho do Homem — esse assunto está se tornando totalmente claro e razoável, como evidentemente era para a Igreja primitiva, e em harmonia com todos os diversos testemunhos bíblicos a ele referentes. A doutrina da Trindade, que, como vimos, começou a surgir no século II e atingiu um grande desenvolvimento no século IV, é responsável, em medida considerável, por grande parte da escuridão que se mistura com a verdade sobre esse assunto na mente de muitos cristãos, para seu grande prejuízo — confundindo e mistificando todas as convicções religiosas.

Há consistência no ensinamento das Escrituras de que o Pai e o Filho estão em plena harmonia e *unidade* de propósito e ação, como acabamos de ver. E igualmente consistente é o ensinamento das Escrituras a respeito do espírito santo — de que ele não é outro Deus, mas o espírito, a influência ou o poder exercido pelo único Deus, nosso Pai, e por seu Filho Unigênito — em unidade absoluta, portanto, com ambos, que também estão *em união* ou em pleno acordo. Mas quão diferente é essa *unidade* do Pai, do Filho e do espírito santo daquela defendida e ensinada sob o nome de doutrina trinitária, que

[E166]
na linguagem do Catecismo (Perguntas 5 e 6) declara: “Existem três pessoas no Único Deus — o Pai, o Filho e o Espírito Santo: ‘estas *três* são *um só* Deus, *iguais em substância*, iguais em poder e glória’”. Essa visão se adequava bem à “Idade das Trevas”, que ela ajudou a produzir. O período em que *os mistérios* eram adorados em vez de desvendados encontrou nesta teoria uma opção de primeira ordem, que é tão contrária às Escrituras quanto irracional. Como os *três* poderiam *ser um em pessoa*, em essência? E se fossem apenas *“um* em essência”, como poderiam ser “iguais”? Não sabe toda pessoa inteligente que, se Deus é *um* em pessoa, Ele não pode ser *três*? E que, se *forem três* em pessoa, só pode haver um sentido em que os três poderiam ser *um*, e isso não em pessoa, mas em propósito, em mente, em vontade, em cooperação? Em verdade, se não fosse pelo fato de que esse absurdo trinitário nos foi incutido desde a mais tenra infância, e pelo fato de que ele é ensinado com seriedade em seminários teológicos por professores de cabelos grisalhos, aparentemente sábios em muitos outros aspectos, ninguém lhe daria um momento sequer de consideração séria. Como o grande adversário conseguiu impô-la ao povo do Senhor para confundi-lo e mistificá-lo, tornando grande parte da Palavra de Deus sem efeito, é o verdadeiro mistério que provavelmente não será resolvido até que “conheçamos como somos conhecidos”, na glória.

O estudante atento dos capítulos anteriores encontrou testemunho abundante nas Escrituras de que existe apenas um Deus Todo-Poderoso — Jeová; e que Ele exaltou grandemente Seu Filho Primogênito, Seu Filho Unigênito, à Sua própria natureza e ao Seu próprio trono do universo; e que, em seguida a eles na ordem de hierarquia, estará a Igreja glorificada, a Noiva, a esposa do Cordeiro e o co-herdeiro — também denominada seus “irmãos”. Estes serão tornados sócios de sua glória, assim como, na era atual, são chamados a ser sócios em seus sofrimentos. Os estudantes também observaram que todas as escrituras se harmonizam e concordam com o testemunho acima; e, além disso, que não há nenhuma escritura que, direta ou indiretamente, de fato ou aparentemente,

[E167]
entrem em conflito com essas conclusões. Surge então a pergunta: Quem, Onde, O que é o espírito santo?

Sigamos, a respeito dessa questão, o mesmo caminho de investigação seguido nas outras. Recorramos à Lei e ao testemunho de Deus para todas as nossas informações. Não recorramos ao homem. Não aceitemos as dúvidas e especulações de pessoas de bem que já faleceram, nem de pessoas de bem que ainda vivem, nem mesmo as nossas próprias. Lembremo-nos da declaração do apóstolo de que a Palavra do Senhor é dada com a intenção de que "o homem de Deus seja perfeito, plenamente preparado para toda boa obra" (***2 Tim. 3:17***). Coloquemos nossa confiança inteiramente no Senhor e busquemos conhecer o significado do que Ele declara a respeito do espírito santo, harmonizando todos os testemunhos das Escrituras; certos de que a verdade, e somente ela, resistirá a tal exame minucioso. Ao fazermos isso, em espírito de oração e com cuidado, nossos esforços serão recompensados. Àquele que bater, a porta do conhecimento será aberta; àquele que buscar, o conhecimento do espírito santo será revelado. ***Isaías 8:20***; ***Mateus 7:7,8***

O espírito santo é definido de diversas maneiras nas Escrituras e, para compreender corretamente o assunto, essas diversas definições devem ser consideradas em conjunto, de modo que possam esclarecer-se mutuamente. Observe que o espírito santo é designado de diversas maneiras — "O espírito de Deus", "O espírito de Cristo", "O espírito de Santidade", "O espírito da Verdade", "O espírito de uma Mente Sã", "O espírito da Liberdade", "O espírito do Pai", "O espírito santo da Promessa", "O Espírito da Mansidão", "O Espírito do Entendimento", "O Espírito da Sabedoria", "O Espírito da Glória", "O Espírito do Conselho", "O Espírito da Graça", "O Espírito da Adoção", "O Espírito da Profecia".

Esses diversos títulos, repetidos muitas vezes e usados de forma intercambiável, nos dão a plena e adequada certeza de que todos se referem ao mesmo espírito santo — de fato, frequentemente a palavra "santo" é acrescentada, combinada, como, por exemplo, "O espírito santo de Deus", "O espírito santo da Promessa", etc. Nós

[E168]
devemos buscar uma compreensão do assunto que não rejeite nenhuma dessas denominações, mas que as harmonize todas. É impossível harmonizar essas diversas afirmações com a *ideia comum de um terceiro Deus*; mas é inteiramente consistente com cada uma delas entender essas diversas expressões como descritivas do espírito, da disposição e do poder de um único Deus, nosso Pai; e também do espírito, da disposição e do poder de nosso Senhor Jesus Cristo, pois ele é *um* com o Pai — e também, até certo ponto, é o espírito ou a disposição de todos os que verdadeiramente pertencem ao Senhor, sejam anjos ou homens, na medida em que tenham alcançado a unidade ou a harmonia com ele.

Pode ser útil para alguns observar que há outro espírito mencionado com frequência ao longo das Escrituras, e em termos opostos, a saber: "O Espírito do Medo", "O Espírito da Escravidão", "O Espírito do Mundo", "O Espírito do Erro", "O Espírito da Adivinhação", "O Espírito do Anticristo", "O Espírito do Sonolência". Ninguém pensa que essas várias definições, se consideradas em conjunto, justificariam a ideia de que existem *dois* ou mais Satãs. Todos reconhecem, de forma natural e adequada, o significado desses termos, que designam, em geral, o *espírito errado* — o espírito, a disposição ou o poder que tem sua principal manifestação em Satanás; o espírito que se manifesta em todos aqueles que estão em harmonia com o pecado e com Satanás. Da mesma forma, ninguém pensa neles como espíritos pessoais. Da mesma forma, ninguém deve considerar as diversas aplicações da palavra "espírito" em sentido positivo como significando diferentes seres espirituais, nem como significando, de forma unificada, *outro* Deus. Esses termos, considerados em conjunto, representam várias características do caráter, da disposição e do Espírito do nosso Deus, Jeová, e, proporcionalmente, o espírito ou a disposição de todos os que receberam o seu Espírito, tornaram-se participantes de sua disposição e entraram em harmonia com a mente divina.

Certas ideias não bíblicas — e, portanto, falsas — a respeito do espírito do homem, que serão examinadas no

[E169]
próximo capítulo, estão intimamente ligadas à base da visão não bíblica e falsa do espírito santo, hoje tão generalizada. E os pensamentos errôneos a respeito do espírito de Deus e do espírito do homem foram intensificados e aprofundados pelo fato de que os tradutores da nossa Bíblia em inglês, a Versão Comum, utilizaram noventa e duas vezes a expressão "Holy Ghost" sem a menor autoridade — sendo a palavra original em grego *pneuma*, ou seja, o espírito. E a palavra "fantasma", para os menos instruídos, tem um significado muito vago, que, no entanto, é identificado de forma muito positiva com a noção de *personalidade*. Vale a pena notar que, na Versão Revisada do Novo Testamento, vinte e uma dessas ocorrências da palavra "fantasma" foram alteradas para "espírito", e que o Comitê de Revisão Americano registrou seu *protesto* em relação ao uso da palavra "fantasma" nas setenta e uma ocorrências restantes. E, no entanto, tanto o Comitê Inglês quanto o Americano eram compostos por trinitaristas convictos.

Não há absolutamente nenhum fundamento para pensar ou falar do espírito santo como outro Deus, distinto em personalidade do Pai e do Filho. Muito pelo contrário, observe o fato de que foi o espírito do Pai que foi comunicado a nosso Senhor Jesus, conforme está escrito: "O *espírito* do Senhor Deus está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar o evangelho." (***Lucas 4:18***) Voltando-nos para a profecia da qual essa citação é extraída, lemos ali, em hebraico: "O *espírito do* Senhor Jeová está sobre mim, porque Jeová me ungiu para proclamar boas novas aos humildes." (***Isaías 61:1***) E, no mesmo sentido, lemos novamente: "E o *espírito de* Jeová repousará sobre ele, o *espírito de* sabedoria e entendimento, o *espírito de* conselho e poder, o *espírito de* conhecimento e de reverência a Jeová." (***Isaías 11:2,3***) Da mesma forma, o mesmo espírito em Cristo é referido como "o espírito de Cristo", a mente de Cristo — "Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, nosso Senhor." ***Filipenses 2:5***

[E170]

Alguns argumentam que a referência de nosso Senhor ao espírito santo, registrada em ***João 14:26***, prova que o espírito santo é uma pessoa, pois nossa Versão Comum traduz essa passagem da seguinte forma: "Mas o Consolador, que é o espírito santo, *a quem* o Pai enviará em meu nome, *ele* vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que eu vos disse." Mas uma rápida olhada no texto grego dessa passagem mostra que os tradutores foram influenciados por seus preconceitos sobre o assunto, pois não há fundamento para o uso das palavras "a quem" e "ele". A *Diaglott* traduz esse versículo assim: "Mas o ajudador, o espírito santo *que* o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar das coisas que eu vos disse."

A mesma crítica se aplica ao versículo 17 do mesmo capítulo, que, em nossa Versão Comum, diz: "O espírito da verdade, *a quem* o mundo não pode receber, porque não *o* vê nem *o* conhece; mas vós *o* conheceis, pois *ele* habita convosco e estará em vós." Aqui, a expressão "Espírito da verdade" é evidentemente usada em contraste com o "espírito do erro". A passagem não faz nenhuma referência a uma pessoa, mas à influência da verdade e ao efeito dessa influência sobre o povo do Senhor. A tradução *Diaglott* desse versículo diz: "O espírito da verdade, *que* o mundo não pode receber, porque não *o* vê nem *o* conhece; mas vós *o* conheceis, porque *ele* funciona convosco e estará em vós."

Veja outro exemplo: "Quando vier o espírito da verdade, *ele* vos guiará a toda a verdade; pois não falará por *si mesmo*, mas tudo *o que* ouvir, isso falará; e vos anunciará as coisas que hão de vir. *Ele* me glorificará, pois receberá do que é meu e vo-lo anunciará." (***João 16:13,14***) Nesta passagem, a palavra grega *heautou* é traduzida como "ele mesmo", embora a mesma palavra seja frequentemente traduzida corretamente como "isso mesmo". Em nossa Versão Comum, essa palavra *heautou* é traduzida nos gêneros masculino, feminino, comum e neutro. Por exemplo, no texto acima, ela é

[E171]
traduzida no masculino;* em ***1 Coríntios 11:5***, aparece no gênero feminino — "desonra a *sua* cabeça"; da mesma forma, em ***Apocalipse 2:20*** — "que *se* diz profetisa"; e novamente em ***1 Coríntios 13:5*** — "O amor não busca *o seu* próprio interesse." Em ***1 Coríntios 11:31***, é traduzido no gênero comum — "julgá-los-íamos *a nós* mesmos"; da mesma forma, em ***1 Coríntios 16:15*** — "se entregaram"; novamente, ***em Lucas 22:17*** — "dividam-no entre *vocês*"; e ainda, ***em João 6:53*** — "vocês não têm vida em *si mesmos*". Como exemplos da tradução da palavra *heautou* na forma neutra, em nossa Versão Comum, observe o seguinte:

"Que o amanhã se preocupe com as coisas que *lhe dizem respeito*."
Mateus 6:34

"Se um reino estiver dividido contra *si mesmo*."
Marcos 3:24 "Se uma casa estiver dividida contra *si mesma*." ***Marcos 3:25***

"Assim como o ramo não pode dar fruto por *si mesmo*."
João 15:4 "Não há nada impuro por *si mesmo*." ***Rom. 14:14***

"Todo o corpo... contribui para o crescimento do corpo, para a edificação de *si mesmo* em amor." ***Efésios 4:16***

"A fé, se não tiver obras, está morta, sendo *por si só*." ***Tiago 2:17***

Da mesma forma, a palavra *ekinos*, traduzida como "ele" na passagem em questão, poderia, com igual propriedade, ser traduzida como "aquele", "este", "aqueles", "o mesmo", "ela", "isso"; e em nossa Bíblia em inglês, a Versão Comum, ela é traduzida em todas essas formas diferentes, e *com mais frequência* do que pelos pronomes masculinos "ele", "seu", "a ele". Qualquer pessoa cética a respeito desse assunto pode facilmente se convencer consultando uma Concordância Grego-Inglesa do Novo Testamento, que mostra as diversas traduções dessas palavras. Apresentaremos um exemplo de cada uma dessas traduções da palavra *ekinos*:

"Será mais tolerável naquele dia para Sodoma do que para *aquela* cidade." ***Lucas 10:12***

---

*O pronome segue o substantivo aqui, Consolador (grego *masculino*, mas arbitrariamente, independentemente do sexo — como no alemão, que considera fogão e mesa masculinos; garfo, feminino; mulher, de gênero neutro).

[E172]

"Ela, supondo que fosse o jardineiro, disse." ***João 20:15***

"Mas saibam *isto*: se o dono da casa..." ***Mateus 24:43***

"Não digo que devais orar por *isso*." ***1º João 5:16***

"Num *desses* dias, enquanto ensinava." ***Lucas 20:1***

"Naquele mesmo dia era sábado." ***João 5:9***

"A criança ficou curada *naquela* mesma hora." ***Mateus 17:18***

Não é raro, porém, atribuir a uma virtude ou qualidade o gênero da pessoa ou coisa a que ela pertence; assim, por exemplo, como o Pai celestial é designado como masculino, seria apropriado que seu poder, seu espírito, toda a sua influência e características fossem igualmente designados na forma masculina. Também não é raro que coisas que são neutras por si mesmas sejam designadas como masculinas ou femininas, conforme sejam fortes e ativas, ou passivas e delicadas. Assim, por exemplo, o sol é universalmente referido como "ele", e a lua como "ela". Portanto, se não fosse pelo equívoco geral sobre o assunto e pela ideia predominante de que o espírito santo é uma pessoa (e não meramente o espírito divino, a influência ou o poder — o *espírito* do Pai), não haveria crítica alguma ao uso dos pronomes masculinos em relação ao espírito santo; pois Deus é reconhecido como masculino, como o Autor e a fonte da vida e da bênção. Portanto, não deixemos de considerar o fato de que o uso dos pronomes pessoais não prova que o espírito santo de Deus seja outra pessoa além do Pai e do Filho — outro Deus. O espírito santo ou influência é o espírito ou influência do Pai e também do Filho, pois ambos são um em propósito e influência.

O Significado da Palavra "Espírito"

Surge, então, a pergunta: quais sentidos ou significados estão associados às palavras "o espírito santo", tal como são usadas nas Escrituras?

[E173]
Que qualidades ou características do caráter ou poder divino são representadas pela palavra "espírito"? A resposta será melhor encontrada examinando-se, em primeiro lugar, o significado estrito da palavra "espírito" e, em seguida, analisando-se todos os diferentes modos de seu uso ao longo das Escrituras.

(1) A palavra "espírito", no Antigo Testamento, é a tradução da palavra hebraica *ruach*, cujo significado primário ou raiz é *vento*. A palavra "espírito" no Novo Testamento provém da palavra grega *pneuma*, cujo significado primário ou raiz também é *vento*. Mas que ninguém conclua precipitadamente que estamos prestes a tentar provar que o espírito santo é um vento sagrado, pois nada poderia estar mais distante de nosso pensamento. Desejamos, porém, apresentar esse assunto obscuro de maneira que seja útil tanto para os eruditos quanto para os leigos: por isso, começamos pelo significado fundamental reconhecido dessas palavras, para que possamos determinar *como* e *por que* elas foram utilizadas nesse contexto.

Como o vento é *invisível* e *poderoso*, essas palavras, *ruach* e *pneuma*, gradualmente assumiram significados muito mais amplos e passaram a representar qualquer poder ou influência *invisível*, boa ou má. E, como o poder divino é exercido por meio de canais e por agentes que estão além da visão humana, essa palavra "espírito" passou a ser cada vez mais aplicada a todas as ações do Senhor. Naturalmente, também passou a ser comumente usada em relação a influências humanas invisíveis; por exemplo, para representar o *sopro* da vida, o *poder* pelo qual o homem vive, que é *invisível*, designado como "o espírito" ou "sopro da vida"; e também para o *poder* da mente, que é *invisível*, chamado de "o espírito da mente". A própria vida é um poder e é invisível; por isso, também era chamada de espírito pelos antigos. Algumas ilustrações desses diversos usos da palavra hebraica *ruach* e da palavra grega *pneuma* podem ser úteis.

Ruach, no Antigo Testamento, é traduzida como "rajada" 4 vezes, "sopro" 28 vezes, "mente" 6 vezes, "cheiro" 8 vezes, "vento" e "ventoso" 91 vezes. Em todos os casos, o conceito por trás

[E174]
palavra é um *poder* ou *influência invisível*. Exemplos dessas traduções de *ruach* são os seguintes:

"Com o *sopro* de tuas narinas, as águas se reuniram." ***Êxodo 15:8***

"Toda a carne em que há *sopro* de vida." ***Gênesis 6:17; 7:15***

"Em cuja mão está o... *sopro* de toda a humanidade." ***Jó 12:10***

"Todos têm um mesmo *sopro*; de modo que o homem não tem preeminência." ***Eclesiastes 3:19***

"O que foi motivo de *tristeza* para Isaque." ***Gênesis 26:35*** "O Senhor *sente* um aroma agradável." ***Gênesis 8:21*** "Eles têm nariz, mas não *cheiram*." ***Salmos 115:6***

"Deus fez passar um *vento* sobre a terra." ***Gênesis 8:1***

"Tu sopraste com *o* teu *vento*." ***Êxodo 15:10*** *"Vento* tempestuoso cumprindo a sua palavra." ***Salmos 148:8***

"As árvores da floresta são agitadas pelo *vento*." ***Isaías 7:2***

Pneuma no Novo Testamento é traduzido (além de "fantasma" e "espírito") "vida", "espiritual", e "vento", da seguinte forma:

"Para dar *vida* à imagem da besta." ***Apocalipse 13:15*** "Visto que vocês são zelosos pelos dons *espirituais*." ***1 Coríntios 14:12***

"O *vento* sopra onde quer e ouves a sua voz." ***João 3:8***

E não nos esqueçamos de que todas essas diversas traduções foram feitas por trinitaristas. Não nos opomos a essas traduções — elas são bastante adequadas; mas chamamos a atenção para elas como provas de que as palavras *ruach* e *pneuma*, traduzidas como "o espírito", *não significam personalidade*, mas sim *poder ou influência invisíveis*.

"Deus é o espírito"

(2) "Deus é o espírito"; ou seja, ele é um ser poderoso, mas invisível; da mesma forma, os anjos são chamados de espíritos, porque também eles, em sua condição natural, são invisíveis aos

[E175]
homens, exceto quando revelados por poder milagroso. Nosso Senhor Jesus, enquanto era homem, não era designado como um ser do espírito, mas, desde sua exaltação, está escrito a respeito dele: "Agora, o Senhor é esse espírito" — ele é agora um ser poderoso e invisível. À Igreja da era evangélica foi prometida uma mudança de natureza, à semelhança de seu Senhor, conforme está escrito: "Seremos semelhantes a ele, pois *o veremos* como ele é". Fala-se da Igreja como sendo espiritual, na medida em que ela está em harmonia com o Senhor e é declarada como tendo nascido de novo pelo Espírito para uma nova natureza, uma *natureza do espírito*, com a certeza de que aquilo que é gerado pelo Espírito, na ressurreição, nascerá do Espírito. Esse uso da palavra "espírito", como se percebe, está relacionado à personalidade — seres espirituais. ***2 Coríntios 3:17***; ***1º João 3:2***; ***João 3:6***

(3) Outro uso da palavra "espírito" é no sentido de poder gerador ou fecundidade, como em ***Gênesis 1:2***: "E o espírito de Deus *se movia* sobre a face das águas" — ou seja, o poder de Deus, seu veículo de energia, fecundou as águas, ou as tornou frutíferas, prolíficas. Da mesma forma, "os homens santos da antiguidade falaram e escreveram *movidos* pelo espírito santo"; a influência ou o poder sagrado de Deus fecundou suas mentes, levando-os a produzir pensamentos tais como Deus desejava que fossem expressos. (***2 Pedro 1:21***) Da mesma forma, os artesãos habilidosos que Moisés selecionou para preparar os utensílios do Tabernáculo foram colocados sob a influência do poder divino, para a energização ou vivificação de suas faculdades naturais, sem afetá-los em nenhum sentido moral, assim como as águas do grande abismo não foram afetadas em sentido moral. Assim está escrito:

"O Senhor chamou pelo nome a Bezaleel... e o encheu do *espírito* de Deus, em sabedoria, em entendimento, em conhecimento, em toda sorte de obra, e para conceber obras engenhosas; para trabalhar em ouro, em prata e em bronze; e no encaixe de pedras, para as engastar; e na talha de madeira, para fazer toda sorte de obra engenhosa. E colocou em seu coração que ele ensinasse, tanto ele

[E176]
quanto a Aoliab... a ambos Ele encheu de sabedoria de coração para realizar todo tipo de obra, tanto a do gravador quanto a do artesão habilidoso e a do bordador." ***Êxodo 35:30-35; 28:3; 31:3,4***

Da mesma forma, somos informados de que Jeová Deus colocou sobre Moisés e os anciãos de Israel *o seu espírito*, com poder especial para julgar os assuntos de Israel, preservar a ordem etc. (***Nm 11:17-26***). Da mesma maneira, o espírito de Deus estava com os reis de Israel, enquanto eles lhe fossem leais. Observe, por exemplo, o caso de Saul (***1 Samuel 11:6***); e que esse espírito de sabedoria ou de julgamento, relativo ao governo de Israel, se afastou de Saul e foi conferido a Davi, cuja discrição, a partir de então, é especialmente destacada. (***1 Samuel 16:13,14***) A partir de então, em vez do Espírito de sabedoria, coragem e confiança, como servo do Senhor, Saul passou a ter um espírito maligno — mais literalmente, um espírito de tristeza, de desânimo e perda de confiança — ao perceber que não era mais reconhecido como representante do Senhor no trono. E diz-se que esse espírito de desânimo, que se alimentava de calamidades, provinha do Senhor — provavelmente no sentido de que resultou das ações do Senhor, ao retirar de Saul seu reconhecimento, seu poder de sustentação e sua orientação nos assuntos de Israel.

"O espírito santo ainda não havia sido concedido"

Mas nenhuma manifestação do espírito de Deus, antes da primeira vinda de nosso Senhor Jesus, foi exatamente igual à manifestação e à ação do espírito do Senhor sobre nosso Senhor Jesus, desde o momento de seu batismo até sua crucificação, e sobre a Igreja de Cristo desde o dia de Pentecostes até agora — até o fim da era evangélica e a conclusão da trajetória da Igreja na primeira ressurreição. Em harmonia com isso, lemos: "O espírito santo ainda não havia sido dado [exceto ao nosso Senhor Jesus], porque Jesus ainda não havia sido glorificado." ***João 7:39***

A atuação do espírito de Deus durante a era evangélica é

[E177]
muito diferente de sua operação em épocas anteriores; e essa diferença é expressa nas palavras "Espírito de adoção", "Espírito de filiação", "Espírito de santidade", "Espírito de verdade" e expressões semelhantes. Como já vimos, após a queda de Adão, nenhum de seus descendentes foi aceito como *filho* de Deus antes do primeiro advento: o título mais elevado concedido ao pai dos fiéis, Abraão, foi o de amigo: "Abraão foi chamado de amigo de Deus". Mas, como explica o apóstolo João, quando o *Logos* se fez carne, ele se apresentou ao seu próprio povo, Israel, e a todos quantos o receberam (naquela época e desde então) *concedeu o poder* (privilégio, oportunidade) *de se tornarem filhos de Deus*; e estes, declara ele, foram *gerados* por Deus — gerados pelo espírito, pois "o que é nascido do espírito é espírito". ***João 1:12,13; 3:3-8***

O espírito santo, nesse sentido da palavra, é garantido apenas à casa dos filhos; e a casa dos filhos era desconhecida até que o Filho Amado se manifestou na carne e *redimiu* o mundo, concedendo àqueles que o aceitam a oportunidade de receber a adoção como filhos. (***Gálatas 4:5***; ***Efésios 1:5***) Essa adoção, como nos informa o apóstolo, era principalmente herança de Israel; mas, como não havia em Israel um número suficiente de pessoas prontas para completar o número predestinado a ser adotado, portanto, após aceitar o remanescente de Israel, "Deus visitou os gentios, para tirar dentre eles um povo para o seu nome", a fim de que fossem filhos de Deus, co-herdeiros com Cristo, e isso foi pré-conhecido e predito pelos profetas. ***Rom. 9:4,29-33***; ***Atos 15:14***

Mas em que aspectos essa manifestação do poder, da influência ou do espírito divino, durante a era evangélica, difere da manifestação dos tempos anteriores? O apóstolo Pedro responde a essa pergunta, assegurando-nos que os antigos homens de virtude, embora altamente honrados por Deus e movidos pelo seu espírito santo, falavam e escreviam coisas que não compreendiam. Deus os usou como seus servos para escrever coisas que não lhes cabia compreender, mas que, no tempo devido, seriam reveladas a nós, a casa dos filhos, pela ação do mesmo espírito santo ou poder santo de Deus

[E178]
sobre aqueles gerados pelo seu espírito. No passado, a operação do espírito era principalmente *mecânica*; para nós, sua operação é principalmente *explicativa* e solidária, expondo o plano divino por meio de apóstolos e mestres especialmente "estabelecidos na Igreja" de tempos em tempos, com o objetivo de capacitar os filhos "a compreender, juntamente com todos os santos, a extensão, a largura, a altura e a profundidade" da sabedoria e da bondade divinas, conforme exemplificadas no plano divino e em sua revelação. De fato, pela linguagem do Apóstolo, fica evidente que nem mesmo os anjos (que às vezes eram utilizados pelo Senhor como seus canais na comunicação com os profetas, os meios de seu espírito santo) tinham permissão para compreender o significado de suas comunicações, assim como os profetas que escreveram as Apocalipses para nosso benefício. Observe as palavras do Apóstolo:

"Sobre essa salvação, os profetas investigaram e pesquisaram diligentemente, os quais profetizaram a respeito da graça que viria *a vocês*: investigando em que [tempo] ou de que maneira [literal ou simbólica] o espírito de Cristo, que estava neles, se referia ao testemunhar de antemão os sofrimentos de Cristo e a glória que se seguiria. Aos quais foi revelado que *não para si mesmos,* mas para nós, eles ministravam as coisas que agora vos são anunciadas por aqueles que vos pregaram o evangelho com o espírito santo enviado do céu; coisas essas que também os anjos desejam contemplar." ***1 Pedro 1:10-12***; ***2 Pedro 1:21***

Dons do mesmo espírito, do mesmo Senhor, do mesmo Deus

"Há diversidade de dons, mas *o mesmo espírito*; assim como há diversidade de ministérios, mas *o mesmo Senhor*; há diversas operações, mas é *o mesmo Deus* que funciona tudo em todos. Mas a cada um [na Igreja] é dada uma manifestação do espírito para o proveito comum. Pois a um é dada, pelo

[E179]
Espírito, a palavra de sabedoria; a outro, a palavra de conhecimento, pelo mesmo espírito; a outro, fé, pelo mesmo espírito; a outro, os dons de cura, pelo mesmo espírito; a outro, o poder de realizar milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a outro, diversos tipos de línguas; a outro, a interpretação de línguas; mas tudo isso é operado por um único e mesmo espírito, distribuindo a cada um separadamente como ele quer." ***1 Cor. 12:4-11***

Aqui estão enumerados alguns dos *dons* concedidos pelo espírito santo à Igreja, mas devemos distinguir claramente entre o próprio espírito santo e esses dons ou manifestações concedidos na Igreja primitiva. Assim como não deviam entender que espíritos diferentes estavam funcionando nos diferentes membros da Igreja, devido às diferenças de seus dons, também não deviam entender que era um Senhor ou o mestre diferente que concedia esses dons; mas tudo devia ser identificado como proveniente da única influência santa derramada pelo único Senhor, o representante do único Deus sobre tudo, Jeová; e explicado como "*diferenças de administração*" ou de operação. Não apenas isso, mas o espírito de Deus, o espírito santo, variou sua administração na Igreja: de modo que, enquanto os "dons" do tipo aqui mencionado eram comuns na Igreja primitiva, chegou o dia — como o Apóstolo explicou que viria — em que a profecia cessaria, as línguas cessariam e as inspirações especiais de conhecimento desapareceriam. (***1 Cor. 13:8***) Todos esses "*dons*" eram evidentemente necessários na inauguração da Igreja, no início da nova era, mas tornaram-se desnecessários depois que a Igreja foi estabelecida e o cânone dos escritos inspirados foi completado. Estes, declara o apóstolo, são suficientes "para que o homem de Deus seja plenamente equipado para toda boa obra". ***2 Tim. 3:17***

É verdade que nem todos esses dons desapareceram ou cessaram; nem a cessação daqueles que foram descontinuados prova que o Senhor tenha menos poder hoje do que tinha há dezoito séculos; nem prova que o

[E180]
povo do Senhor seja menos digno ou menos favorecido por Ele. Pelo contrário, indicam uma "diversidade de manifestações" e sugerem que o povo de Deus não tem mais necessidade desses métodos mais rudimentares de instrução e provas de sua aceitação pelo Senhor. Agora, em vez de receberem tais dons de forma milagrosa, a ação do espírito ou do poder de Deus parece estar sobre cada um de seus filhos consagrados — em parte na proporção de suas qualificações naturais e, em parte, na proporção de seu zelo pelo serviço a Ele. E, por isso, constatamos que o apóstolo, nesse contexto e em epístolas posteriores, exorta a Igreja a buscar *desenvolver* dons espirituais, poderes e habilidades, no e para o serviço do Senhor, de seu povo e de sua Verdade.

Esses dons *desenvolvidos pessoalmente* devem ser mais valorizados do que aqueles *concedidos milagrosamente*; e, por isso, o Apóstolo diz: "Eu vos mostro um caminho ainda mais excelente"; "buscai o amor e desejai [cultivai] os dons espirituais, especialmente para que possais profetizar [expor publicamente]". (***1 Cor. 12:31; 14:1***) O apóstolo ressalta que o falar em línguas servia apenas como "um sinal", para que a atenção dos incrédulos fosse atraída para a Igreja e seus métodos. (***1º Coríntios 14:22***) E esse dom, portanto, que era altamente estimado por alguns dos coríntios, ele aponta como sendo um dos menos espirituais — menos adequado ao desenvolvimento da Igreja espiritual e útil principalmente em relação ao mundo não regenerado. Esse dom, e outros de uma classe um tanto semelhante, desapareceram rapidamente da Igreja depois que ela se firmou e obteve reconhecimento no mundo.

Ao contrário, os "*frutos* do Espírito" devem ser incentivados e cultivados cada vez mais, para que possam produzir o fruto pleno e perfeito do amor a Deus, uns aos outros e do amor solidário para com o mundo. Esses frutos do Espírito são designados pelo Apóstolo como "amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, domínio próprio". (***Gálatas 5:22, 23***) A palavra "fruto", como se pode

[E181]
transmite um duplo significado: que se trata de um *dom*, mas de desenvolvimento e amadurecimento graduais, e resultado de esforço. Assim também com os dons do Espírito: "Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm do nosso Pai", mas tais frutos não são dons milagrosos, e sim dons graduais e indiretos, inspirados pelas promessas de nosso Pai e pelas instruções de nosso Senhor por meio dos apóstolos e profetas. Eles são desenvolvidos em nós na medida em que entramos em harmonia e obediência de pensamento, palavra e ação com o espírito de nosso Pai, pelo qual somos gerados e, se obedientes, desenvolvemos cada vez mais os frutos da santidade — ou frutos do espírito santo —, ou seja, uma disposição à semelhança do amado Filho de Deus, nosso Senhor e redentor. Assim, sob o ministério do espírito santo da verdade, os fiéis estão sendo preparados para "nascer do espírito" na primeira ressurreição, como seres espirituais; assim como foram gerados pelo espírito no momento da consagração. Assim aperfeiçoada como seres espirituais, a Igreja será herdeira de Deus, co-herdeira com Jesus Cristo, nosso Senhor, na plenitude da unidade e da comunhão com o Pai e com o Filho, completa nele, que é a cabeça de todos os principados e potestades, e o colaborador do Pai no Reino, e cheia do espírito santo do Pai e do Filho — o espírito santo.

Ficará claro, a partir das visões gerais acima expostas sobre o assunto, que o mesmo espírito ou poder do Pai celestial, Jeová, que atuou na criação do mundo e que atuou de maneira diferente sobre seus servos do passado, funciona, durante a era evangélica, de maneira ainda diferente, para o desenvolvimento da Igreja, para levá-la à harmonia com Deus e para aperfeiçoá-la e prepará-la como o "Corpo de Cristo" para uma participação conjunta no Reino. E será o mesmo espírito santo ou influência de Deus que funcionará de maneira ainda diferente durante a Era Milenar, por meio de Cristo e da Igreja glorificada, para levar o mundo à harmonia e à unidade com os princípios da justiça e com o Rei dos reis e Senhor dos senhores.

[E182]
Nada relacionado a essa obra, em qualquer sentido ou grau, torna necessário outro Deus. Muito pelo contrário. O fato de ser o único Deus quem está funcionando sob diversas circunstâncias e condições, e por diversos meios, para a realização de seu único propósito, nos dá ainda mais certeza de que todos os seus bons propósitos serão realizados e de que, como ele declara: "A palavra que sai da minha boca não voltará para mim vazia, mas prosperará naquilo para que eu a enviei." ***Isaías 55:11***

Vontade Divina, Influência, Poder, o espírito

Pelo exposto acima, percebemos que uma definição ampla das palavras "Espírito de Deus" ou "espírito santo" seria: a *vontade*, *a influência* ou *o poder* divinos, exercidos em qualquer lugar e para qualquer propósito em harmonia com a vontade divina, o que, por ser uma vontade santa, implica que os passos e as operações do espírito santo estarão em harmonia com a santidade. Deus exerce Seu espírito ou energia de muitas maneiras, utilizando diversos meios para alcançar resultados variados. Tudo o que é realizado pelo Senhor por meio de meios mecânicos ou inteligentes é tão verdadeiramente obra Sua quanto se Ele fosse o agente direto, uma vez que todos esses meios são de Sua criação. Assim como, entre os homens, o empreiteiro pode não estar trabalhando efetivamente em todas as partes da construção, mas cada operário é seu representante e está sob seu controle: a obra, como um todo, é obra do empreiteiro, embora ele talvez nunca tenha empunhado uma ferramenta nela. Ele a realiza com seus materiais e por meio de seus representantes e agentes.

Assim, por exemplo, quando lemos: "Jeová Deus criou os céus e a terra" (***Gênesis 2:4***), não devemos supor que ele tenha lidado pessoalmente com os elementos. Ele utilizou vários agentes — "Ele falou e assim se fez [ele deu ordens e elas foram prontamente executadas]; ele ordenou, e tudo se firmou." (***Salmos 33:6,9***) A criação não surgiu instantaneamente em ordem; pois lemos que levou tempo — seis dias ou épocas. E embora sejamos claramente informados de que "Todas as

[E183]
coisas provêm do Pai" — por meio de sua energia, sua vontade, seu espírito —, essa energia, como vimos anteriormente, foi exercida por meio de seu Filho, o *Logos*.

O poder transformador do espírito santo de Deus, ao funcionar durante esta dispensação do evangelho para levar seu povo à plena *reconciliação* consigo mesmo, é uma operação mais abstrusa, menos facilmente compreendida, do que o exercício de seu poder mencionado em ***Gênesis 1:2***. Trata-se de um assunto mais elevado — da mente e do livre arbítrio, em vez da matéria inanimada.

À luz das Escrituras, podemos entender que o espírito santo significa:

(a) O poder de Deus exercido de qualquer maneira, mas sempre de acordo com os princípios da justiça e do amor e, portanto, sempre um poder santo.

(b) Esse poder pode ser uma energia de vida, um poder fisicamente criativo, ou um poder do pensamento, criando e inspirando pensamentos e palavras, ou um poder vivificante, como se manifestou na ressurreição de nosso Senhor e se manifestará novamente na ressurreição da Igreja, seu corpo.

(c) O poder ou influência geradora ou transformadora do conhecimento da Verdade. Nesse aspecto, é designado como "O Espírito da Verdade". Deus rege seu próprio curso de acordo com a verdade e a retidão; por isso, a Palavra de Deus, a revelação de seu curso, é chamada de Verdade — "Tua palavra é a Verdade". Da mesma forma, todos os que se colocam sob a influência do plano de Deus de Verdade e justiça são corretamente considerados como estando sob a influência do espírito ou da disposição da Verdade: são corretamente descritos como gerados pela Verdade para uma vida renovada.

O Pai atrai os pecadores a Cristo por meio de uma iluminação geral da mente, uma convicção do pecado e de sua necessidade de um redentor. Aqueles que aceitam Cristo como seu Salvador e advogado, e chegam ao ponto de plena consagração a Deus, por meio de Cristo, são considerados *gerados* por Deus, "gerados pela palavra da verdade", gerados pelo

[E184]
O espírito de Deus para uma vida renovada. Ou seja, tendo-se harmonizado com as condições e normas divinas, Deus aceita essa atitude consagrada como a correta e, ignorando ou cobrindo a fraqueza da carne com o manto da justiça de Cristo — a justificação pela fé —, Ele aceita tais pessoas como "novas criaturas em Cristo Jesus", cujo desejo é ser guiadas pelo Seu Espírito a toda a verdade e ser conduzidas por essa disposição santa, ou Espírito, à obediência plena, a ponto do auto-sacrifício, até mesmo à morte. Diz-se que tais pessoas receberam "o espírito de adoção", pois, a partir de então, Deus, por meio de Cristo, estabelece uma aliança especial com elas como filhos. E o Pai, por meio do Capitão da sua Salvação, garante a tais pessoas que, se permanecerem no *Espírito da Verdade,* Ele fará com que todos os assuntos e acontecimentos da vida contribuam para o seu bem — para o desenvolvimento, nelas, de cada vez mais do espírito de justiça, verdade, paz e alegria; elas terão cada vez mais do espírito santo, à medida que progredirem na obediência ao Espírito da Verdade. Daí a exortação a esses: "Sede cheios do Espírito", "andai no espírito", "deixai que o espírito de Cristo habite em vós ricamente e abunde, e isso fará com que não sejais nem estéreis nem infrutíferos". O espírito santo, que funciona no crente desde o momento da sua plena consagração ao Senhor, é o mesmo espírito santo ou disposição do Pai que funcionou em nosso Senhor Jesus Cristo; por isso, também é chamado de "o espírito de Cristo", e temos a certeza de que "se alguém não tem o espírito de Cristo, esse não é dele". ***Rm 8,9***

O espírito "com medida" e "sem medida"

Nosso Senhor Jesus foi gerado pelo espírito santo em seu batismo, sua consagração; e, da mesma forma, os membros de seu corpo, sua Igreja, como vimos, são "gerados" em seu "batismo na morte de Cristo", no momento de sua consagração plena: mas há uma distinção que deve ser sempre lembrada;

[E185]
ou seja, que nosso Senhor Jesus, o Cabeça da Igreja, recebeu o espírito santo *sem medida*, de forma ilimitada (***João 3:34***), enquanto seus seguidores o recebem com medida, ou de forma limitada — uma medida do espírito é concedida a cada pessoa (na Igreja). (***1 Coríntios 12:7***; ***Romanos 12:3***) A razão para essa diferença é que nosso Senhor era um homem perfeito, enquanto nós, seus seguidores, embora aceitos como considerados perfeitos (justificados pela fé), somos, na verdade, muito imperfeitos. O homem perfeito, como a própria imagem de Deus, podia estar em plena harmonia com Deus e com seu espírito de santidade, em todos e cada um dos aspectos; mas, na proporção da degradação causada pela queda, nossa harmonia com Deus e com seu espírito de santidade foi prejudicada, embora seja dever e privilégio de cada um buscar profundamente conhecer e fazer a vontade do Senhor e não ter vontade alguma em oposição à dele; no entanto, nenhum membro da raça caída é capaz de receber o espírito do Senhor em sua plenitude — de estar em harmonia absoluta com Deus em todos os aspectos. E, portanto, entre aqueles que crêem, que se consagram e que recebem o espírito santo da adoção, constatamos que ele é possuído em diferentes graus, dependendo esses graus do grau de nosso afastamento da imagem divina e do grau de graça e fé alcançados desde que entramos no corpo de Cristo. E a rapidez com que podemos adquirir cada vez mais do espírito santo, alcançando um conhecimento e uma concordância cada vez mais plenos com cada aspecto do plano divino, depende em grande parte da nossa compreensão de nossas próprias imperfeições e do grau de nossa consagração ao Senhor — ao estudo de Sua vontade, em Sua Palavra, e à prática da mesma nos assuntos da vida.

Na medida em que os crentes consagrados se entregam ao Senhor e, ignorando suas próprias vontades e preferências, buscam andar em Seu caminho, eles são "guiados pelo Espírito", "ensinados pelo Espírito" e podem "servir ao Senhor em *novidade de Espírito*". Para permanecerem sob essa orientação e instrução, eles devem ter um "Espírito de mansidão" (***Gálatas 5:22, 23; 6:1***), para que o "Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória", possa lhes conceder o *"Espírito de sabedoria e revelação*,

[E186]
no conhecimento dele; sendo iluminados os olhos do seu entendimento, para que saibam qual é a esperança do seu chamado e quais são as riquezas da glória da sua herança entre os santos". ***Ef 1:17,18***

Nessas diversas apresentações da obra do espírito santo, e em muitas outras que chamarão a atenção dos estudiosos da Bíblia, nada pode ser encontrado que exija *a existência de outro* Deus. Muito pelo contrário: uma concepção correta do único Deus mostra que seu poder onipotente e seus recursos são abundantemente suficientes, e que aquele que disse a Israel: "Ouve, ó Israel: Jeová, teu Deus, é um só", não necessita de assistência. De fato, para serem coerentes, aqueles que afirmam que outro Deus é necessário para cuidar dos assuntos referidos como a operação do espírito santo de Deus poderiam, com igual coerência, alegar a existência de muitos deuses espirituais — um espírito de adoção, espírito de mansidão, espírito de Cristo, espírito do Pai, espírito de amor, espírito de justiça, espírito de misericórdia, espírito de santidade, espírito de verdade, espírito de paciência, espírito de glória, espírito de conhecimento, espírito de graça — um Deus distinto para cada domínio. Mas, como explica o apóstolo, todas essas variações de ação pertencem ao único Espírito do único Jeová onipotente.

O Espírito do Mundo — O Espírito do Anticristo

O espírito do mundo é o oposto do Espírito de Deus. Visto que o mundo inteiro se encontra em uma condição decaída e está sob as influências cegantes e sedutoras do Adversário, seu espírito ou disposição está necessariamente em constante conflito com o espírito santo, verdadeiro, justo e amoroso de Deus: em conflito, portanto, com o espírito santo recebido por seu povo por meio de sua Palavra e com todas as suas influências santas exercidas de diversas maneiras sobre eles. Assim como o espírito de Satanás — de egoísmo, ódio, inveja e contenda — atua nos filhos deste mundo e os controla em grande parte, assim também o espírito santo de Deus,

[E187]
o Espírito de amor, mansidão, humildade, paciência, bondade e amor fraternal, atua nos filhos de Deus e os controla em grande parte. E esses dois espíritos ou disposições — um de amor e bondade, o outro de egoísmo e maldade — estão em conflito contínuo e são totalmente irreconciliáveis.

As Escrituras se referem a esse espírito que atua no mundo em oposição ao espírito santo como "o espírito do anticristo" — o espírito ou disposição que se opõe a Cristo. Primeiro, ele deseja ignorá-Lo completamente, contestar que Ele alguma vez tenha vindo ao mundo; depois, se não tiver sucesso nisso, alegará que nosso Senhor Jesus era um mero homem, um homem pecador; se essa posição for refutada, ainda alegará que, de qualquer forma, Ele não realizou nada, ou que foi meramente um exemplo, e não o redentor. Por isso, as Escrituras nos exortam a examinar, a provar, a testar os espíritos (as doutrinas que se apresentam a nós, alegando ser do espírito da verdade). Devemos testá-los, não apenas por sua aparência externa e suas alegações, mas pela Palavra de Deus. "Amados, não creiais em todo espírito, mas provai os espíritos, para ver se são de Deus... e conhecei o Espírito da verdade e o espírito do erro." ***1º João 4:1,6***

Influências Santas e Profanas em Conflito

As perfeições do caráter de Deus são os *padrões* de santidade, justiça e verdade para todas as suas criaturas. Tudo e todos os seres que se opõem a esses padrões ou não estão em plena conformidade com eles são profanos, falsos e injustos. Essas influências adversas são, por vezes, atribuídas a Satanás, pois ele é o arqui-inimigo de Deus e foi o primeiro conspirador contra a justiça — o originador do erro, "o pai da mentira" e dos enganos. Mas devemos distinguir entre *seres* espirituais malignos e *influências* espirituais malignas, assim como fazemos entre *seres* espirituais do espírito santo e *influências* espirituais santas. A tendência do pensamento evolucionista entre pessoas instruídas que negligenciam a Bíblia (incluindo os chamados "críticos superiores") é ignorar

[E188]
a *personalidade* de Satanás e de seus espíritos malignos associados em posições elevadas (***Ef 6,12***), e afirmar que não existe influência maligna *em si*, e que o homem simplesmente luta contra sua própria ignorância e o desvio de suas próprias qualidades positivas. Da mesma forma, outros, ainda mais avançados (no erro), ainda mais instruídos (na falsidade) e ainda mais munidos de filosofias (falsamente chamadas assim), estão chegando à conclusão de que não existe *um Deus pessoal*, mas apenas influências boas que, segundo eles, são inerentes ao homem e estão gradualmente evoluindo para a perfeição.

Mas estamos prestando atenção ao oráculo de Deus, a sua Palavra, que o Apóstolo nos assegura ser capaz de tornar sábios para a salvação, e que descobrimos conter uma fonte de vida, luz e o espírito santo da verdade, com a qual as teorias e luzes humanas não se comparam. Ela nos mostra que Deus é o espírito santo (*ser*) e que seu espírito santo (*influência*) é sempre exercido em harmonia com a justiça, e que todos os que estão em harmonia com Deus e em *reconciliação* com ele devem ter seu espírito de santidade— o Filho Unigênito, em quem habita a plenitude do espírito santo — os anjos santos, que não têm outra vontade senão a santa vontade ou o espírito santo do Pai — a Igreja dentre os homens, que possuem alguma medida da mente ou do espírito santo de seu Cabeça (caso contrário, não são dos Seus), e que buscam ser cada vez mais cheios desse espírito santo de santidade e despojados de toda disposição e influência profana. Da mesma forma, a Palavra ensina que Satanás é um espírito (ser) e possui um espírito, uma mente e uma disposição profanas; e exerce um espírito ou influência profana por meio de vários canais e agentes. Os anjos caídos, também seres espirituais, caíram ao perderem seu espírito de santidade e devoção a Deus e aos seus padrões de justiça, e agora possuem o espírito santo ou uma disposição profana, exercendo uma influência ou espírito maligno sempre que têm oportunidade.* E a humanidade, tendo caído por meio de Adão, tornou-se serva do pecado: alguns pecam voluntariamente em busca dos prazeres do pecado; outros

---

**"O que dizem as Escrituras sobre o Espiritismo?*" Dirija-se aos editores.

[E189]
involuntariamente, embora "buscando a Deus", e cegados e enganados pelo adversário, e controlados pelo espírito do erro.

A humanidade — as mentes ou os "corações" dos homens — é o campo de batalha no qual o espírito santo da luz, do amor, da justiça, da verdade, da santidade, o Espírito de Jeová e de seu Filho, o Redentor do homem, luta contra o espírito maligno de Satanás, do pecado, das trevas, da falsidade, do ódio, da inveja, da malícia, etc. Vendida ao pecado por nosso primeiro pai, Adão, sua família tornou-se "escrava do pecado" "por causa da fragilidade", devido à fraqueza da hereditariedade. (***Rom. 5:12, 21; 6:16-23; 7:14; 8:20, 21***) Nessa condição de cativeiro, eles foram cegados pelo deus (governante) deste mundo (condição) maligno, que lhes apresenta o mal como bem e as trevas como luz (***2 Cor. 4:4***; ***Ef. 6:12***; ***Isaías 5:20***), e tendo assim pervertido a grande maioria, tornando fácil praticar o mal e difícil praticar o bem, e tendo colocado todas as vantagens do tempo presente do lado do mal e tornado impossível alcançá-las, a não ser que se conformem ao seu espírito profano, que é "o espírito do mundo", ele exerce controle geral: primeiro sobre as massas por meio da ignorância e, em segundo lugar, sobre os mais inteligentes por meio do orgulho, do egoísmo etc.

A *batalha* só começou com a primeira vinda de nosso Senhor; pois o espírito da Verdade desceu primeiro sobre nosso Senhor Jesus e, no Pentecostes, sobre sua Igreja.* O mundo estava nas trevas quando nosso Senhor Jesus apareceu nele, cheio do espírito de Deus, a luz da verdade divina, o que o constituiu como "A Luz do mundo"; e imediatamente a *batalha* começou; a verdadeira luz, o espírito santo, desde o Pentecostes, sendo representada, não pelas igrejas nominais, mas pelos verdadeiros membros de Cristo

---

*A *batalha* da Lei da Justiça limitou-se a uma única pequena nação, Israel, e, como Deus previu, "A Lei não *aperfeiçoou* nada" — ninguém da raça caída poderia vencer, nem se esperava que vencesse, nessa luta. Na verdade, o objetivo era manifestar Cristo Jesus, o único que cumpre a Lei, como o canal da misericórdia divina; e, incidentalmente, disciplinar um povo e preparar "um remanescente" dele para a Dispensação do Espírito e seus conflitos, apontando-o para Cristo.

[E190]
corpo, possuidores do espírito santo de seu Cabeça. A batalha não poderia começar antes, pois ninguém da humanidade (sendo todos pecadores) poderia ser canal do espírito santo de Deus, seus representantes, embaixadores da justiça e da verdade, soldados da cruz. *A expiação pelo pecado do homem* deveria primeiro ser feita antes que houvesse qualquer missão a ser cumprida pelo espírito santo — antes que houvesse algo *pelo qual lutar*. A humanidade foi condenada à morte — à destruição eterna, como inimiga da justiça: por que lutar pelos condenados? Por que tentar influenciá-los a seguir a justiça, quando não havia esperança de recompensa por seus esforços? Portanto, corretamente, o *resgate* veio primeiro; e foi como resultado da aceitação desse resgate pelo Pai que o espírito santo foi concedido àqueles adotados em sua família como filhos por meio de Cristo.

Mas alguém pode observar que a *batalha*, desde que começou, parece ser contra o espírito santo e a favor do espírito do mal — já que os servos do pecado hoje, devido ao crescimento natural da população, são muitas vezes mais numerosos do que eram quando a batalha começou, e continuam aumentando muito mais rapidamente do que até mesmo o cristianismo nominal, embora a *batalha* esteja em andamento há quase dezenove séculos.

Além disso, o espírito do mal, da malícia e do erro triunfou contra o espírito santo em nosso Senhor a ponto de crucificá-lo; e, da mesma forma, triunfou contra todos os membros fiéis do corpo de Cristo — deturpando-os, caluniando-os e tratando-os com maldade, de diversas maneiras, conforme o tempo, o lugar e as circunstâncias. O objetivo desses ataques do espírito do mal e de seus servos contra o Espírito da santidade e seus fiéis é sempre o mesmo — minar a influência do Espírito da verdade; fazer com que o santo pareça profano; fazer com que os puros e altruístas pareçam egoístas e impuros; substituir a luz pelas trevas. Nem sempre os servos da impureza percebem o que fazem: imbuídos do espírito do mal, o

[E191]
espírito do ódio, da malícia, da inveja e da contenda os cega de tal forma que "não sabem o que fazem" e, muitas vezes, evidentemente, "pensam sinceramente que estão prestando serviço a Deus". Por que essa derrota do Espírito da Santidade? Será que sempre será assim?

Respondemos que essa derrota do Espírito da santidade é meramente uma derrota aparente e não real. Na verdade, o Espírito da santidade vem triunfando desde que a batalha começou. Sua dupla missão durante a era evangélica foi bem cumprida.

(1) Era para estar *no povo de Deus* de acordo com o grau de sua consagração e zelo para com Deus e sua justiça; e, em razão da prevalência e do poder do espírito do mal no mundo ao seu redor, isso serviria como um teste para seus caracteres, já que as condições atuais exigem que quem quiser *viver piedosamente* neste tempo presente deva sofrer perseguição— deve estar disposto a ter "todo tipo de mal" falsamente atribuído contra si e, ainda assim, aceitá-lo com paciência, como fez o mestre, continuando, no entanto, fiel ao Senhor e à sua causa a qualquer custo — não considerando suas vidas terrenas como algo precioso para si. ***2 Tim. 3:12***; ***Mt 5:11***; ***1 Pe 2:23***; ***Atos 20:24***

(2) A luz do Espírito de santidade *no* povo de Deus deveria brilhar de tal forma *sobre* o mundo que atraísse todos aqueles que não estivessem completamente cegos pelo espírito perverso do Adversário. Ela deveria brilhar na escuridão do pecado *de forma repreensiva* — testemunhando contra toda injustiça; despertando assim a consciência até mesmo dos cegos para a compreensão da responsabilidade perante Deus e de um futuro dia de julgamento. Assim, nosso Senhor instruiu seus seguidores que, após receberem o espírito santo, deveriam *testemunhar* a Verdade entre todas as nações — quer as pessoas ouçam, quer se recusem a ouvir.

O espírito santo triunfou em ambos os objetivos para os quais foi enviado. Ele selecionou um "pequeno rebanho" fiel de "vencedores", seguidores do caminho da justiça — Jesus, o Capitão, e seu fiel grupo de soldados da cruz, todos

[E192]
consagrados "até a morte"; e a quem a recompensa do Reino será concedida em breve — quando os últimos membros tiverem sido plenamente provados e aperfeiçoados por meio de sofrimentos em nome da justiça. Ele também triunfou no que diz respeito ao *testemunho* perante o mundo. Nosso Senhor predisse que o efeito desse testemunho seria convencer o mundo do pecado, da justiça e de um dia vindouro de julgamento justo, no qual as más ações da vida presente terão uma retribuição justa, de acordo com o grau de luz de que o transgressor desfrutou.

Esse testemunho se espalhou por toda parte, e hoje o mundo como um todo reconhece esses três aspectos que o espírito de santidade na Igreja colocou diante dele — pecado, justiça e julgamento. É verdade que o mundo não tem ideias claras e corretas sobre a justiça, nem sobre o pecado, nem compreende o caráter e o objetivo do julgamento vindouro — nem que será um dia de mil anos; tampouco o mundo compreende claramente o chamado da Igreja durante esta era, para escapar do julgamento com o mundo e tornar-se seus juízes naquele dia de julgamento, *sacrificando* agora *voluntariamente* os interesses terrenos em nome da justiça — seguindo os passos do Redentor. Não é necessário que o mundo conheça esses detalhes — eles não dizem respeito a ele. Essas estão entre "as coisas profundas de Deus", que ninguém pode apreciar, a não ser que se torne sinceramente obediente ao chamado do Senhor à justiça, e, ao se consagrar, receba o espírito do Pai, e, como filhos, seja assim familiarizado com as minúcias do plano divino. ***1 Cor. 2:10,11***

Em resposta à pergunta: "Será sempre assim?", respondemos: Não. Assim que esta era tiver desenvolvido o "pequeno rebanho", chamado para ser o co-herdeiro de Cristo, ela cessará. A próxima operação do espírito santo ou poder de Jeová será o estabelecimento desse Reino; e, com seu estabelecimento, a operação do espírito santo seguirá as diretrizes do Reino
— estabelecendo juízo e justiça na terra. O juízo será aplicado com precisão e a justiça com rigor, e a falsidade e o engano de todo tipo darão lugar a

[E193]
conhecimento claro da Verdade. Em vez de continuar testemunhando ao mundo um "*julgamento que está por* vir", testemunhará que o julgamento já teve início e que toda transgressão receberá prontamente uma recompensa justa na forma de castigo. Em vez de testemunhar à Igreja: "Não julguem nada *antes do* tempo", testemunhará o contrário: que eles, como instrumentos de Deus, foram especialmente capacitados para julgar o mundo com um julgamento justo. Em vez de aqueles que estão em harmonia com Deus e possuidores de seu espírito de justiça e verdade serem obrigados a sofrer por causa da justiça, eles serão coroados reis e sacerdotes da justiça e comissionados a reinar sobre a terra para sua bênção e restauração à perfeição, à justiça e à "exclusão da vida", na "destruição eterna" de todos os que rejeitam deliberadamente as oportunidades do abençoado dia do julgamento, garantidas pelo amor de Deus por meio do resgate dado por nosso Senhor Jesus. Assim, o grande Jeová e seu Espírito de santidade, bem como todos os que se aliam a eles, triunfarão finalmente; e o pecado, Satanás e o espírito do mal serão extintos para sempre, e não haverá mais maldição. ***Isaías 28:17***; ***1 Coríntios 4:5; 6:2***; ***Atos 3:23***; ***2 Tessalonicenses 1:9***; ***Apocalipse 22:3***

Lutas do Espírito Fora e Dentro dos Santos

Consideramos a batalha como um todo: vamos dar uma olhada em algumas de suas fases atuais. Embora possa ser considerada como o conflito da Igreja, trata-se, no entanto, de um conflito *individual* contra o pecado. Embora a Igreja saia vitoriosa, ela será composta apenas de vencedores individuais. E, assim como a vitória na Igreja é uma vitória do espírito santo de Deus, do seu poder ou influência contra o espírito do mal e da injustiça, o mesmo ocorre nos santos individualmente.

A maioria dos cristãos (cristãos nominais, incluindo até mesmo os chamados "lutadores do espírito", "santificacionistas", etc.) sabe pouco sobre as verdadeiras batalhas do espírito e vitórias, porque a maioria nunca fez a devida

[E194]
a consagração adequada e nunca receberam o espírito santo da Verdade. Alguns se consagraram a uma seita e receberam um espírito sectário de amor pela seita, devoção à seita, serviço e sacrifício pela seita, etc. Outros reconheceram um ou mais princípios morais e se consagraram a nunca violar essas moralidades: esses recebem o espírito das moralidades, um espírito de auto-satisfação, um espírito de hipocrisia. Outros escolheram alguma virtude que veneram e cujo espírito recebem — por exemplo, a paciência — e ficam plenamente satisfeitos quando alcançam um bom grau de paciência e seu espírito. Outros se consagraram ao "trabalho" para Jesus e parecem satisfeitos apenas quando estão no meio de uma agitação de atividades emocionantes; pouco lhes importa que tipo de trabalho seja, desde que não seja servir abertamente a Satanás e que haja trabalho em abundância e que eles tenham um lugar de destaque: não são tanto os resultados que buscam, mas o trabalho em si; e, por isso, ficam bastante contentes em "bater no ar", na esperança de que, no final, descubram que não causaram muito dano. Para essas pessoas, dedicar tempo para estudar a Palavra de Deus e determinar o tipo de obreiro que Ele busca, bem como o tipo de trabalho que Ele deseja que seja realizado, seria para elas uma violação de sua aliança de consagração — pois se consagraram ao trabalho e só ficam satisfeitas de coração quando estão em meio a uma agitação fervorosa. Outros, mais sábios, mas também não verdadeiramente sábios, se consagram a um tipo específico de serviço a Deus e ao homem — o serviço que, em *sua* opinião, mais precisa deles. Se se *consagram* à "obra da temperança", recebem o espírito dessa obra e todas as bênçãos que dela advêm. Ou, se se *consagram* à obra de reforma social, recebem o espírito da reforma social e suas bênçãos.

Todas essas consagrações, e os espíritos ou disposições resultantes, têm influências tanto boas quanto más. Qualquer uma delas é muito melhor do que uma consagração ao mal e ao seu espírito maligno. Qualquer uma delas é muito melhor até mesmo do que a consagração a si mesmo e ao espírito de egoísmo que a acompanha. Qualquer uma delas é muito melhor até mesmo do que uma vida sem rumo, consagrada a nada. Mas

[E195]
nenhuma delas se compara, em nenhum sentido, à consagração ensinada nas Escrituras e exemplificada em nosso Senhor Jesus Cristo, o redentor do mundo, o modelo de seu corpo, a Igreja. Somente esta, a verdadeira consagração, traz ao coração o espírito santo, o espírito da verdade, que o mundo não pode receber.

Essa verdadeira e adequada consagração difere de todas as outras. Ela tem apenas um único santuário diante do qual se curva: curva-se à vontade de Jeová, entregando o eu e a vontade própria como um sacrifício vivo no altar do Senhor, um serviço razoável. Ela não faz estipulações nem reservas. A linguagem do Sumo Sacerdote é a de cada membro do "sacerdócio real": "Não vim para fazer a minha própria vontade, mas a vontade daquele que me enviou." "Eis que venho (como está escrito a meu respeito no rolo do livro) para fazer a tua vontade, ó Deus." Tais pessoas tornam-se participantes do espírito santo.

Aqueles que realizaram a consagração de suas vontades e aceitaram sem reservas a Palavra e a vontade de Deus, por meio de Cristo, são considerados celestiais ou *de mente espiritual*. Estes estão tão transformados, tão inteiramente diferentes do que eram em sua condição terrena anterior, que são chamados de novas criaturas, e esse nome não seria inadequado para eles se significasse nada mais do que a mudança radical de coração ou de vontade que experimentaram. Mas significa mais do que isso; significa que aqueles que agora estão sendo selecionados do mundo pelo espírito santo da Verdade e que se aproximam de Deus pelo caminho novo e vivo que foi aberto pelo grande sacrifício pelos pecados são, na verdade, novas criaturas em estado embrionário, cuja perfeição na natureza divina aguarda apenas a transformação da ressurreição, no fim desta era, condicionada inteiramente à sua fidelidade, como novas criaturas, à orientação do espírito santo.

No entanto, essa nova criação mental, ou mente transformada, o embrião da nova criatura, que se tornará plenamente real na ressurreição, ainda está identificada com um corpo humano; e, por isso, o apóstolo diz a respeito dessa classe: "Temos esse tesouro [a nova mente, a nova natureza] em vasos de barro

[E196]
." (***2 Cor. 4:7***) Falando da mesma coisa, o apóstolo nos assegura que, quando a morada terrena for dissolvida, sacrificada, morta com Cristo, teremos, no entanto, um edifício de Deus, uma nova morada, um corpo glorioso, em harmonia com a nova mente e seu espírito de santidade e, em todos os aspectos, adequado para a habitação dela (***2 Cor. 5:1***), se formos dos vencedores fiéis que perseveram até o fim da peregrinação pelo caminho estreito, seguindo os passos do nosso Capitão.

A palavra *"santo"* deriva da palavra *"inteiro"* e significa completude; portanto, o espírito santo é um espírito inteiro ou completo. E assim vemos, sem surpresa, que aqueles que receberam o espírito santo, ou o espírito completo, em qualquer medida adequada, ficam, por meio disso, aperfeiçoados em todos os aspectos de seu caráter — mais equilibrados do que nunca em seus julgamentos —; eles têm "o Espírito de uma mente sã", por mais que o espírito inimigo e cego do mundo possa declarar a respeito deles: "Tu tens um demônio e estás louco"; porque vivem para, trabalham por e desfrutam das coisas ainda invisíveis, eternas nos céus. ***2 Tim. 1:7***; ***João 10:20; 6:27***

Considerado individualmente, um dos inimigos mais graves daqueles que foram gerados para a santidade de espírito por meio dos conselhos e promessas divinas é o espírito maligno do medo. Ele procura nos persuadir de que provavelmente há algum engano: ou que Deus não inspirou as promessas extremamente grandes e preciosas, ou que elas não são para nós, ou que, por alguma razão, nunca poderemos alcançá-las. Todo o povo de Deus está sujeito ao ataque desse espírito errado de dúvida e medo — uns com mais persistência, outros com menos; e todos precisam combater esse espírito maligno com coragem e destruí-lo, para que ele não mate os frutos do espírito santo e, por fim, os extinga
—expulsá-lo de nós por completo.

No entanto, "o espírito do medo" não é nem um espírito divino nem um espírito diabólico que tenha entrado em nossos corações: é simplesmente uma influência mental natural a todo ser humano caído de mente humilde. Ele nasce da percepção da imperfeição pessoal e da indignidade diante dos favores divinos. O antídoto para

[E197]
esse espírito de medo é o espírito santo da Verdade, e suas instruções aceitas e mantidas com plena certeza de fé. O Espírito da Verdade nos diz que havia boas razões para alimentarmos o espírito do medo; mas que essas razões não existem mais, uma vez que nos tornamos novas criaturas em Cristo. Ele nos afasta de nossa fraqueza involuntária e nos direciona para a grande expiação realizada por nosso Senhor Jesus, e nos remete às palavras do apóstolo inspirado:

"Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou o seu próprio Filho, mas o entregou [à morte] por todos nós, como não nos dará também com ele todas as coisas [necessárias]? Quem acusará aqueles que Deus escolhe? É Deus quem justifica. Quem poderá condená-los? É Cristo quem morreu [pagando a pena deles
— suprindo todas as suas deficiências], sim, antes aquele [Cristo glorificado e altamente exaltado que] ressuscitou, que está à direita de Deus, e que também intercede por nós." ***Rom. 8:31-34***

Se o "Espírito da fé", uma das manifestações ou ações do "Espírito da santidade", o "Espírito da Verdade", assim se manifestar e for aceito e apoiado pela nova criatura, a vitória sobre o espírito do medo é rapidamente conquistada, resultando em paz e alegria no espírito santo da fé, do amor e da confiança em Deus. No entanto, essas batalhas devem ser travadas repetidamente na experiência de todo cristão. E, de fato, o "espírito do medo" pode se tornar um valioso *servo* da nova criatura, embora não possa ser tolerado como o mestre, nem como amigo e morador do coração. Transforme-o em cão de guarda e coloque-o em um canil logo à porta do coração, e ele poderá servir a um propósito muito útil ao chamar a atenção para ladrões e assaltantes que se aproximam furtivamente para nos roubar nossos tesouros de santidade, alegria, paz, amor e comunhão com nosso Pai e com os irmãos. Como o Apóstolo exorta: "Temos de temer" os ataques vindos de fora depois de nos termos colocado em paz com Deus, expulsando todas as influências contrárias e recebendo o Seu espírito em nossos corações. Temos de temer para que, como aqueles que estão prontos para sair com o Noivo

[E198]
de madrugada, algum de nós tenha que vencer um espírito de preguiça, um espírito de descuido, um espírito de sonolência e, assim, como as "virgens insensatas", esteja despreparado para o grande evento — "as bodas" — para o qual todos os nossos preparativos foram feitos.

Lembremo-nos, então, de que, por mais útil que seja como servo, o espírito do medo não é de Deus e nunca deve ser admitido dentro do castelo do coração cristão, que deve ser totalmente entregue à ocupação dos diversos membros da família do espírito santo — amor, alegria, paz, etc., pois o amor perfeito expulsa o medo, assim como todos os membros da família do espírito profano — ira, malícia, ódio, inveja, medo, descontentamento, orgulho, ambições mundanas, etc. O apóstolo declara: "Deus não nos deu o espírito de temor, mas o Espírito de força sobre-humana, de amor e de moderação." ***2 Tim. 1:7***

Às vezes, o ataque vem pela retaguarda e não pela frente — medo pelos amigos, medo pelo mundo, etc., uma relutância em confiar em Deus pelos outros, embora se esteja disposto a confiar nele por si mesmo. Isso também é um assunto sério; pois afasta em grande parte o espírito de paz e alegria e desvia as energias. O *"espírito do medo*" diz: "É um grande erro pensar que Cristo morreu por todos; e é uma grande presunção acreditar que todos acabarão por obter alguma bênção de oportunidade para a vida, como resultado do resgate". Ou, se o medo não conseguir nos conquistar, seu companheiro maligno, o *"espírito do* erro", pode tentar nos conduzir na direção oposta, para nos levar a acreditar na salvação universal para a vida eterna — sugerindo orgulho da parte de Deus, o que o impediria de destruir os perversos obstinados.

O "espírito do erro" presume ser mais sábio do que a Palavra de Deus e sugere à razão humana que ela julgue a Deus de acordo com seus próprios padrões, em vez de corrigir seus próprios padrões pela Palavra da revelação divina. Assim, de várias maneiras, o espírito do erro, o espírito do medo e o espírito da escravidão — que são todos elementos do espírito do adversário, o Espírito profano — desmentem as declarações

[E199]
do Espírito da Verdade, que declaram que "Cristo Jesus, pela graça de Deus, provou a morte por todos os homens", e que a abençoada oportunidade de entrar em harmonia com Deus, sob as condições da Nova Aliança, será, em última instância, estendida a todas as criaturas; e que, quando cada um é levado ao conhecimento da Verdade, é julgado por ela e, ou aprovado para a vida eterna, ou condenado à destruição eterna, a segunda morte. "Por isso discernimos o Espírito da Verdade do espírito do erro." ***1º João 4:5,6***; ***Atos 3:23***

O Espírito de Deus, o Espírito de santidade, é um espírito de alegria e paz em todos os que o recebem, na medida em que o recebem — na medida em que entram em harmonia com o Pai celestial e com o redentor, que tem a mesma mente ou disposição. O Espírito do Senhor conduz à fé nas promessas de Deus; o espírito do erro conduz na direção contrária, à incredulidade nas promessas de Deus, e às especulações humanas, à credulidade e à superstição — à crença em coisas que Deus não falou e que são irracionais para aqueles que têm o "espírito santo", "o espírito de uma mente sã". O Espírito da Verdade conduz à atividade e à energia na causa divina, valorizando o privilégio de ser um colaborador de Deus em qualquer medida; o espírito do erro, ao contrário, é um "espírito de sonolência" e de descuido nas coisas celestiais, e de cuidado com as coisas terrenas — de descuido para com a verdadeira Igreja e seu vínculo de amor, e de cuidado com as organizações humanas e seus laços de credo. ***Rom. 11:8***

O espírito que Anseia pela Inveja

Como já observado, os filhos consagrados de Deus — "novas criaturas" *geradas pelo espírito* — são, atualmente, seres *duais*; o novo, ainda não plenamente desenvolvido, ainda não "nascido" e sem um corpo adequado, vive no antigo corpo de carne considerado morto — capturado pela vontade renovada para seu uso e serviço durante o

[E200]
período de seu desenvolvimento. (Isso, no entanto, não implica que os cristãos tenham duas *naturezas*, pois tal pensamento é contrário à ciência da Bíblia.) Somente o novo espírito, a mente de Cristo, a disposição ou vontade santa, é reconhecido por Deus e deve ser reconhecido exclusivamente pelos "santos irmãos, participantes do chamado celestial"; no entanto, há uma batalha contínua entre essa nova disposição gerada pela Palavra de Deus e a velha vontade, espírito ou disposição de nossa carne caída. Às vezes, nas Escrituras, a vontade ou disposição contrária da nossa carne é mencionada como nosso espírito, como quando lemos: "Achais que a Escritura diz em vão: 'O espírito que habita em nós ['Na nossa carne não habita nada perfeito.'] deseja com inveja?'" ***Tiago 4:5***

O novo espírito, a nova criatura, gerada pelo espírito santo do amor, não inveja; como está escrito: "O amor não inveja, não se ensoberbece, etc." (***1 Coríntios 13:4***) Sempre que, portanto, percebermos que o espírito da inveja, do ódio, da contenda ou da vaidade, em qualquer grau, está controlando nossas ações, palavras ou pensamentos, isso é um sinal claro de que nosso antigo espírito maligno está obtendo uma vitória sobre nós, como a nova criatura. E, na mesma medida em que conseguimos e nos livramos de tudo isso e somos preenchidos com os elementos do espírito santo — gentileza, bondade, mansidão, bondade fraternal, amor —, estamos crescendo à imagem de Cristo, que é a imagem do Pai; nessa mesma proporção, estamos sendo preenchidos com o espírito santo. Não cheios de uma *pessoa espiritual*, mas cheios do espírito, da influência ou da vontade de uma pessoa, a saber, de nosso Pai Jeová — o mesmo espírito que estava e ainda está no Filho Unigênito.

O apóstolo Paulo também escreve a respeito dessa mesma batalha entre o espírito, a disposição ou a mente da nossa carne e o novo espírito, disposição ou mente para o qual fomos regenerados. Mas ele aborda o assunto do ponto de vista *teórico* — como se nossa carne não fosse mais nós, mas nossos inimigos, e reconhecêssemos apenas, como novas criaturas, o espírito santo como nosso único espírito ou disposição. Ele diz: "Isto, pois, digo: Andai no Espírito e não cumprireis os desejos da carne. Pois a carne deseja contra o

[E201]
O espírito, e o espírito contra a carne: e estes são contrários um ao outro: de modo que não podeis fazer as coisas que vós [as novas criaturas] quereis" — sendo a oposição contínua e a astúcia da carne um obstáculo às *obras* perfeitas, embora, pela graça de Deus, isso não impeça nossa aceitação diante de Deus como "novas criaturas", cujos corações, espíritos e intenções são santos e aceitáveis ao Pai no Amado. ***Gálatas 5:16,17***

Instruídos por Deus por meio do espírito

A partir do que aprendemos a respeito do espírito do Senhor e de sua ação sobre o seu povo — por meio de sua influência iluminadora sobre as mentes, da remoção de erros e da iluminação da Palavra, que revela a verdade viva —, estamos preparados para compreender e apreciar as palavras do apóstolo: "O que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem subiu ao coração do homem [o homem natural], são as coisas que Deus reservou para aqueles que o amam. Mas Deus nos revelou essas coisas por meio do seu espírito; pois o espírito sonda todas as coisas, sim, até mesmo as profundezas de Deus." (***1 Cor. 2:9,10***) Ou seja, tendo submetido nossa vontade ao Senhor, para que possamos ser ensinados por ele e andar em seu caminho, entramos em harmonia com sua vontade, sua mente e seu espírito; e estamos preparados, a partir desse novo ponto de vista — o ponto de vista de uma nova mente, corretamente orientada — para ver as coisas sob uma nova luz — todas as coisas se tornam novas para nós. A nova mente, a nova vontade, nos leva a investigar as coisas profundas de Deus, a estudar a Palavra de Deus, para que possamos conhecer e cumprir a sua vontade, como filhos obedientes. Tendo a mente ou o espírito de nosso Pai, daremos atenção às suas instruções, em cada detalhe, e buscaremos andar em harmonia com ele. "Pois quem conhece as coisas [mente, vontade, plano] de um homem, senão o espírito [mente] do homem que nele está? Assim também ninguém conhece as coisas de Deus, a não ser o Espírito de Deus." (***1 Cor. 2:11***) Ou seja, assim como ninguém pode conhecer a mente e o plano de outro homem, a não ser

[E202]
quando lhe forem reveladas, assim também ninguém pode compreender a mente e o plano divinos, a menos que entre em harmonia com a mente divina — receba o espírito santo.

"Agora, recebemos o espírito [mente, disposição ou vontade] de Deus, para que possamos *conhecer* as coisas que nos são dadas gratuitamente por Deus... mas o homem natural não recebe as coisas de Deus, pois elas são loucura para ele, nem pode conhecê-las, porque são discernidas espiritualmente." Elas são compreendidas apenas por aqueles que têm o espírito ou a mente de Deus, o espírito de seu plano, o espírito da Verdade. Todos esses devem ter disposições em harmonia com a retidão e a verdade, na medida em que compreendem esses princípios, e devem buscar diariamente conhecer mais da mente de Deus, da vontade de Deus, e ter mais do seu Espírito, da sua disposição. Tais filhos obedientes ficam cada vez mais "cheios do Espírito" da Verdade e do espírito de obediência a ela. Mas eles não alcançam essa condição comparando coisas espirituais com coisas naturais, como o homem natural tende a fazer, mas seguindo o conselho divino e "comparando coisas espirituais com coisas espirituais". (***1 Cor. 2:13***) "O que é espiritual [aquele que recebeu a mente santa ou o espírito santo] julga todas as coisas [é capaz de compreender e avaliar adequadamente tanto as coisas humanas quanto as espirituais à luz do plano divino], mas ele próprio não é julgado por ninguém." Nenhum homem natural pode compreender ou julgar corretamente os motivos que levam a "nova criatura" de mente espiritual a sacrificar voluntariamente coisas valiosas para o homem natural, em troca de esperanças e perspectivas que, para este último, parecem irreais e irracionais. Por isso, os seguidores do Senhor são "considerados tolos" pelos de mente mundana, por aqueles que têm o espírito do mundo. ***1 Cor. 2:12-16; 4:10***

O Parakletos, o Consolador

Parakletos é traduzido como Consolador em ***João 14:16,26***; mas o sentido geralmente transmitido pela palavra consolo (ou seja,

[E203]
acalmar, pacificar) não é, neste caso, o correto. O conceito correto é o de ajuda, encorajamento, assistência, fortalecimento. Assim, a promessa de nosso Senhor implicava que o espírito santo, que o Pai enviaria em nome de Jesus e como representante de Jesus, estaria próximo de seus seguidores, uma ajuda presente em todo momento de necessidade — o poder sagrado pelo qual Ele guiaria e dirigiria seu povo e os capacitaria a "andar pela fé e não pela visão". De fato, nosso Senhor nos faz entender que todos os ministérios do espírito são os seus próprios ministérios, dizendo: "Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós" (***v. 18***): ele, assim, identifica o espírito santo consigo mesmo. "Se alguém não tem o espírito de Cristo, não é dele" — e não tem o *parakletos*, o auxílio divino.

Esse poder de Deus está com toda a Igreja; contudo, cada um recebe sua parcela da influência sagrada pessoalmente — por meio de uma conexão individual com os canais do espírito. A própria Verdade é o principal canal do espírito da Verdade; mas todos os que estão intimamente ligados à Verdade e possuem seu espírito são, nessa medida, também canais por meio dos quais o espírito auxilia e influencia os outros.

O poder ou o espírito de Deus é invisível aos homens; mas seus efeitos são tangíveis e visíveis. Isso pode ser ilustrado pela corrente elétrica no fio de cobre; ela é invisível, mas no momento em que o bonde, devidamente equipado com um motor, toca o fio com seu braço ou "trole", o poder se manifesta no movimento do bonde. A mesma corrente, por meio de outro arranjo, ilumina o vagão; por meio de outro dispositivo, fornece-lhe calor; e, por meio de um dispositivo ainda diferente, permite a comunicação por telégrafo ou telefone. Todas essas são suas bênçãos sob condições favoráveis; no entanto, ela pode ser configurada de modo a se tornar uma influência letal, como na cadeira de eletrocussão. Assim, o espírito santo é a energia ou o poder espiritual de Deus — ele move, ilumina, aquece e instrui todos aqueles que, possuindo as condições adequadas em si mesmos, são colocados em conexão com ele por meio de seus canais apropriados; e pode trazer a morte — a Segunda Morte — a todos os pecadores obstinados. Quão necessário é, então, que cada um do povo do Senhor tenha o

[E204]
equipamento adequado e as *conexões* adequadas para que seja cheio do espírito e torne-se ativo para todas as boas obras!

Nada relacionado a essa referência ao espírito santo como outro consolador, ajudador ou fortalecedor implica que se trate de outro Deus ou de outra *pessoa* de uma trindade de Deuses. As conexões mostram, ao contrário, que o espírito santo consolador e fortalecedor é o espírito do Pai e o espírito do Filho. Nos ***versículos 18 e 23,*** o Pai e o Filho são mencionados como aqueles que fortalecem, guiam e consolam a Igreja — por meio do espírito santo. Assim, mais uma vez, nosso Senhor declarou: "Eis que estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos" — pelo espírito santo, não em carne.

Deve-se lembrar que as palavras *"ele", "a ele"*, *"ele mesmo*", usadas para se referir ao *Paráclito*, poderiam, com igual propriedade, ser traduzidas como *"ela", "a ela*", *"ela mesma*" ou *"isso", "isso mesmo*". *Heautou*, traduzido *como "ele mesmo"* neste contexto, é traduzido *como "isso mesmo"* nove vezes em nossas Bíblias da Versão Comum. *Ekinos*, traduzido como *"ele"* neste contexto, é traduzido com muito mais frequência *como "aquilo"* e *"aqueles*". *Ekinos* é traduzido *como "isso"* em ***1º João 5:16*** — "Não digo que oreis por *isso* [o pecado que leva à morte]".

"Ele vos guiará a toda a verdade"

Nosso Senhor indicou o canal por meio do qual esse poder de Deus, "o Espírito da Verdade", chegaria ao seu povo, dizendo: "As *palavras* que eu vos falo são o espírito e são vida." Ou seja, minhas palavras expressam a mente, a vontade e o Espírito de Deus. Por isso, temos continuamente diante de nós, como algo necessário para nossa vitória, o estudo da Palavra da Verdade. Ouvimos a exortação de nosso Senhor: "Examinai as Escrituras". Ouvimos o apóstolo Paulo elogiando a conduta nobre dos bereanos, pois "eles examinavam as Escrituras diariamente". Ouvimo-lo novamente dizer que "devemos prestar mais atenção às palavras que ouvimos"; e temos sua exortação a Timóteo, que nos assegura que "a Palavra de Deus é útil, para que o homem

[E205]
de Deus seja plenamente equipado para toda boa obra". Ouvimos também o apóstolo Pedro insistindo que "temos uma palavra de profecia [de revelação divina] mais segura, à qual bem fazemos em prestar atenção". ***João 5:39***; ***Atos 17:11***; ***Hb 2:1***; ***2 Tim 3:17***; ***2 Pe 1:19***

A promessa de ser "cheio do espírito" ou da mente de Deus não é para aqueles que simplesmente possuem a Palavra de Deus, nem para aqueles que simplesmente a leem, mas é para aqueles que a examinam com fervor, buscando compreendê-la; e que, ao compreendê-la, estão dispostos — ou melhor, ansiosos — a obedecê-la. Se quisermos ser *cheios* do espírito de Deus, devemos beber profundamente da fonte da Verdade — a Sua Palavra. E, como nossos vasos de barro são imperfeitos e apresentam fugas, é fácil deixar escapar as coisas espirituais (***Hb 2,1***); nesse caso, o espírito do mundo, que nos cerca constantemente, rapidamente se precipita para preencher o vácuo. De fato, há uma *pressão* constante do espírito do mundo sobre o povo do Senhor, tendendo a deslocar o novo espírito, a nova mente, o Espírito ou a disposição de santidade. Portanto, cabe a todas as novas criaturas fiéis do Senhor viverem bem próximas da fonte da Verdade, o Senhor, e bem próximas de sua Palavra, para que o espírito de Deus não seja extinto e nós, em vez disso, sejamos preenchidos com o espírito do mundo.

Parece conveniente alertar alguns de que, embora o conhecimento da Verdade, o conhecimento das Escrituras, seja importante e essencial para possuir o espírito da Verdade, é possível, no entanto, ter *muito* conhecimento da Palavra de Deus sem possuir *nada* do seu espírito. Receber o *espírito* da Verdade é entrar em harmonia de coração com a Verdade, entrar em concordância mental e cooperação com a vontade divina expressa na Palavra. Essa condição pode ser alcançada de uma única maneira: primeiro, aceitando o Senhor Jesus como nosso redentor e justificador; e, em segundo lugar, consagrando-nos sem reservas para buscar conhecer e fazer a sua vontade.

Mas esse "espírito da verdade", esse "espírito santo" ou mente em harmonia com Deus e sua justiça, não deve ser

[E206]
confundido com os "*dons* do espírito", nem com os "*frutos* do espírito", embora sua posse sempre produza estes últimos: "os frutos pacíficos da justiça", mansidão, paciência, gentileza, bondade fraternal, amor. O espírito da Verdade deve ser nosso *antes* que possa produzir tais frutos em nossa vida cotidiana; e, para alguns, o período de desenvolvimento de frutos maduros, de bom tamanho e sabor, é mais longo do que para outros; mas cada um deve lembrar-se das palavras de nosso Senhor: "Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto — assim sereis meus discípulos". Devemos lembrar-nos também de sua parábola da Videira, na qual os ramos representam, individualmente, seus discípulos consagrados. A respeito deles, ele declara: "Todo ramo que está em mim e que dá *fruto*, o Pai o poda, para que dê mais fruto; e todo ramo que não dá fruto, ele o corta." ***João 15:2***

O cristão é um ramo desde o momento de sua consagração e participa da seiva que vem da raiz, participa do espírito santo; contudo, não se deve esperar que ele produza instantaneamente todos os frutos do espírito, nem qualquer deles em sua perfeição. As primeiras evidências do relacionamento com a Videira-Igreja serão a associação com os outros ramos, a conexão com a raiz e sinais de vida. Em seguida, surgirão os tentáculos ou gavinhas, por meio dos quais o progresso será buscado e alcançado. Em seguida virão as folhas, ou profissões; e o que se deve esperar a seguir é a flor e, mais tarde, o fruto. Mas o fruto é extremamente pequeno no início e azedo; requer tempo para desenvolver uvas de tamanho e sabor aceitáveis ao grande Lavrador. Tais são "os frutos do espírito" de Cristo esperados em cada "ramo" da Videira — em cada membro do corpo de Cristo, a Igreja. A menos que, no tempo devido, esses frutos do espírito — mansidão, gentileza, paciência, bondade fraternal, fé, esperança, amor — apareçam, o ramo deixará de ser considerado um ramo e, como um "rebento indesejado", será cortado de qualquer afiliação e privilégio futuros.

Já vimos que "*os dons* do espírito", concedidos no início da era evangélica, para o estabelecimento da

[E207]
Igreja, diferiam dos "*frutos* do espírito". Os "dons" eram conferidos pela imposição das mãos dos apóstolos: eles surgiam espontaneamente apenas em casos excepcionais (***Atos 2:4; 10:45***): Simão, o Mago, embora batizado e tivesse recebido um dom para seu próprio uso, era incapaz de conferir os dons a outros e foi repreendido por Pedro por oferecer dinheiro para obter esse poder puramente *apostólico*. (***Atos 8:13-21***) E o mesmo relato deixa claro que mesmo Filipe, o evangelista, embora capaz de realizar "sinais e grandes milagres", não podia conferir os *dons* do espírito, mas foi obrigado a mandar buscar os apóstolos para que fizessem isso por seus convertidos. Tudo isso concorda plenamente com a afirmação do apóstolo Paulo de que muitos dos dons "cessariam", "desapareceriam": era inevitável que assim fosse, uma vez que, com a morte de todos os apóstolos, todos aqueles a quem eles haviam conferido esses "dons" também morreram. Os *dons* da fé, da esperança e do amor, que o apóstolo declarou que permaneceriam, não eram dons milagrosos, mas frutos *de crescimento* — "frutos", como ele os descreve em outra passagem. ***1 Coríntios 13:8***; ***João 15:16***

Entre os dons do espírito, o apóstolo especifica:
(1) apóstolos, (2) profetas, (3) mestres. Ainda temos conosco o dom dos apóstolos, na medida em que possuímos seus ensinamentos no Novo Testamento, tão plenos e completos que não requerem nenhum acréscimo; e, portanto, os doze apóstolos não têm sucessores, nem precisam deles, uma vez que há apenas "doze apóstolos do Cordeiro"; eles são "as doze estrelas", a coroa da Igreja; são os "doze fundamentos" da Igreja glorificada, a Nova Jerusalém. (***João 6:70***; ***Apocalipse 12:1; 21:14***) Temos também ainda, na Igreja, os dons dos profetas ou exegetas e dos mestres, servos de Deus e de sua Igreja que falam várias línguas; mas o espírito já não os concede instantânea e milagrosamente, sem educação e sem talentos, pela imposição das mãos apostólicas. Tais milagres não são mais necessários e não são mais empregados — certamente não na mesma medida que antes. Em vez disso, o Senhor geralmente escolhe alguns que, por qualificações naturais e formação, são aptos para o seu serviço: no entanto, devemos lembrar que a condição do

[E208]
coração é muito mais importante aos olhos do Senhor do que todas as outras qualificações combinadas; e que Ele é plenamente capaz de usar aqueles que escolhe (por estarem cheios do Seu espírito) para serem Seus servos e embaixadores especiais: Ele pode, providencialmente, fornecer-lhes assistência de qualquer maneira que Lhe aprouver; como, por exemplo, a Moisés — Seu servo especial que era lento no falar — Ele deu Arão para ser seu porta-voz.

O povo do Senhor não deve esquecer que, embora a administração ou o método tenham mudado, o mesmo Senhor, por meio do mesmo espírito santo, ainda está guiando os assuntos de sua Igreja — de forma menos manifesta, menos perceptível externamente, mas não menos real, não menos cuidadosamente e em todos os detalhes de seus assuntos. E todo o rebanho do Senhor, guiado pelo seu espírito e instruído pela sua Palavra, deve julgar com discernimento aqueles que parecem ser mestres e evangelistas, apresentando-se como tal. O povo do Senhor não deve receber como tal todos os que professam ser mestres e evangelistas, mas apenas aqueles que discernirem como marcados pelo Senhor por possuírem esses dons; e um dos critérios está em relação à sua fidelidade à Palavra de Deus — que não preguem a si mesmos, mas a Jesus Cristo, e a ele crucificado — o poder de Deus e a sabedoria de Deus para todo aquele que crê. Se alguém vier até nós com qualquer outro evangelho, estamos especificamente instruídos a não recebê-lo como mestre da Verdade, mas a considerá-lo um servo do erro, seja conscientemente ou por ignorância.

Assim, o espírito ou a influência de Deus, o espírito santo ou a influência da Verdade, instrui seu povo, guiando-o (direta ou indiretamente) ao conhecimento de Deus. Assim, ele é o canal de reconciliação agora para a Igreja e, de certa forma semelhante, será o canal de reconciliação para o mundo na era vindoura, quando “o espírito e a Noiva [a Igreja glorificada] dirão: Vinde, tomai de graça a água da vida”. ***Apocalipse 22:17***

[E209]

ESTUDO IX
O BATISMO, O TESTEMUNHO E O SELO DO ESPÍRITO DE RECONCILIAÇÃO

O Batismo no Espírito, Único — em Três Partes — O Significado desse Batismo — "As Chaves do Reino dos Céus" — Outro Batismo no Espírito Prometido "Sobre toda a carne" — Seu Significado — Oração pelo Espírito — O Testemunho do Espírito — Sua Importância
—Não há paz com Deus sem isso—Poucos sabem se a possuem ou não—"É algo que anseio saber"—Como reconhecer o testemunho do espírito—Diferenças na administração—O testemunho do espírito—"Santificado pelo espírito"—"Cheios do Espírito" — O selo do Espírito — "A promessa" que ele sela — Até o dia da libertação — A realização mais elevada a ser buscada — e mantida.

"Quando chegou o dia do Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar, de comum acordo. E, de repente, veio do céu um som como o de um vento impetuoso, que encheu toda a casa onde estavam sentados. E apareceram-lhes línguas como de fogo, que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. E todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem." ***Atos 2:1-4***

O DIA de Pentecostes foi um dos mais notáveis na história da Igreja do Evangelho. Ele indicava que nosso redentor havia se apresentado na presença de Deus por nós, como nosso grande Sumo Sacerdote; que Ele havia oferecido diante do Pai os méritos de Seu sacrifício, consumado no Calvário cinquenta dias antes; que o Pai havia aceitado plenamente o sacrifício; e, consequentemente, que os apóstolos e os crentes que haviam aceitado Jesus e que desejavam aproximar-se do Pai,

[E210]
e se tornassem *filhos* de Deus (***João 1:12***), eram agora reconhecidos como tal — o espírito santo, assim, testemunhando sua aceitação: por isso é denominado o "Espírito de adoção" na família de Deus. Era apropriado que um assunto tão importante fosse claramente demonstrado: não era apenas importante que os apóstolos e os crentes recebessem o espírito santo, o espírito do favor divino, em seus corações, mas que tivessem uma manifestação externa que fosse uma prova satisfatória, não apenas para si mesmos, mas para todos os crentes subsequentes, de que Deus havia aceitado plenamente a Igreja como filhos e co-herdeiros com Cristo.

Mas nada relacionado a essa narrativa, em qualquer sentido da palavra, exige a ideia de um espírito santo pessoal, separado do Pai e do Filho. Muito pelo contrário: o fato de o espírito santo ter sido recebido por todos eles, por si só, implica que o espírito santo não é uma pessoa, mas uma influência, um poder exercido por uma pessoa — o poder ou a influência de Deus exercido em e sobre seus filhos recém-adotados. Isso é ainda mais evidenciado pelo fato de que os diversos poderes e talentos dos apóstolos foram dinamizados, vivificados e ampliados por essa influência. O apóstolo explica que foi aqui que nosso Senhor Jesus "conferiu dons aos homens" — dons espirituais. (***Sal. 68:18***; ***Ef. 4:8***) O grande dom de sua própria vida já havia sido concedido e constituía o *preço do resgate* para o mundo inteiro — e uma parte das miríades resgatadas, um pequeno rebanho, tendo sido especialmente entregue a Cristo para ser seus co-herdeiros e companheiros no Reino, e já tendo começado a seleção desse pequeno rebanho, representada naqueles que aguardavam a bênção do Pentecostes, havia chegado o momento de seu reconhecimento. Foi o Pai quem ali reconheceu a Igreja de Cristo, no sentido de que a concessão de seu espírito santo, como influência e poder, implicava a reconciliação dos crentes; de modo que eles não eram mais tratados como pecadores e estrangeiros, nem mesmo como servos; agora, como filhos, foram tornados "participantes do dom celestial". Somos informados de que esse espírito santo, essa influência santa, esse poder santo, que emana

[E211]
de sua fonte, o Pai, foi derramado, no entanto, de maneira apropriada pelo honrado representante de Deus, por meio do qual toda bênção de Deus veio e virá, a saber, Cristo Jesus, nosso Senhor e Cabeça.

O apóstolo Pedro, falando sob a influência inspiradora do espírito santo, explicou o assunto, afirmando que era *do* Pai e *pelo* Filho, dizendo: "Jesus — tendo sido exaltado à direita de Deus e tendo recebido do Pai a promessa do espírito santo — derramou isto que agora vedes e ouvis." (***Atos 2:33***) Assim, nunca é demais enfatizar esse batismo no espírito santo, visto que ele marca a aceitação da Igreja e que, sem ele, não teríamos prova da aceitação do sacrifício de nosso Senhor e da nossa justificação.

No entanto, devemos nos opor com a maior veemência à ideia comum, mas errônea e totalmente contrária às Escrituras, que prevalece entre muitos cristãos muito sinceros, de que batismos frequentes no espírito santo devem ser esperados e buscados. Tal expectativa não só não é justificada por nenhuma promessa que nos foi dada na Palavra de Deus, como também está em total desacordo com o arranjo divino nela estabelecido. Deve-se observar que as Escrituras mencionam apenas três batismos do espírito santo; e a necessidade de cada um deles, e de nenhum outro, é manifesta — sendo os três partes ou divisões do único batismo. (1) O batismo de nosso Senhor Jesus. (2) O batismo no Pentecostes.
(3) O batismo de Cornélio, o primeiro gentio convertido aceito como "filho". Examinemos esses batismos do espírito nessa ordem.

(1) O batismo do espírito santo de nosso Senhor não foi necessário apenas para si mesmo, para que pudesse ser participante do poder divino; como agente divino e como garantia de sua herança, sua geração para a natureza divina; mas também era apropriado que houvesse tal manifestação ou reconhecimento externo dele que permitisse aos outros conhecê-lo como o Ungido de Deus. A manifestação consistiu em uma pomba descendo e pousando sobre ele. Também não nos é dado

[E212]
a entender que o povo em geral tenha testemunhado essa manifestação do favor divino; o entendimento, ao contrário, é que João Batista, que na época realizava uma obra reformadora em Israel e era reconhecido como profeta, um servo do Senhor, foi o único a testemunhar a descida do espírito sobre nosso Senhor, e ele prestou testemunho desse fato. A declaração é: "E João *prestou testemunho*, dizendo: Eu vi o espírito descendo do céu, como uma pomba, e repousando sobre ele; e eu não o conhecia [não sabia que ele era o Messias]; mas aquele que me enviou para batizar com água, esse mesmo me disse: Sobre quem tu vires o espírito descendo e permanecendo, esse é aquele que batiza com o espírito santo. E eu vi e dei testemunho de que este é o Filho de Deus." ***João 1:33***

(2) O batismo da Igreja no Pentecostes, como João explica aqui, deveria ser realizado por Cristo, "aquele que batiza com o espírito santo". Pedro confirma isso, como vimos, declarando que Cristo derramou seu espírito santo. Somente Ele pode batizar dessa forma, porque o mundo foi redimido, todos foram comprados com seu precioso sangue; e porque ninguém vem ao Pai senão por meio dele, e porque o Pai não julga ninguém, mas confiou todo o julgamento ao Filho; e porque o Filho, altamente exaltado, atua como representante do Pai, para introduzir em plena comunhão com o Pai aqueles que vêm ao Pai por meio dele. Já vimos que esse batismo da Igreja com o espírito santo era necessário, como testemunho, da mesma forma que era necessário que o batismo do espírito sobre nosso Senhor Jesus fosse testemunhado e atestado.

O vento impetuoso que encheu o local e as "línguas de fogo" que "repousaram sobre cada um deles" (provavelmente apenas os onze apóstolos — designando-os como representantes especiais do Senhor e porta-vozes do espírito santo — ver ***versículo 14***), não eram o espírito santo, mas meramente *manifestações* aos seus sentidos, representando o invisível. Da mesma forma, a pomba que João viu não era o espírito, mas uma manifestação

[E213]
aos seus sentidos. A pomba, emblema da paz e da pureza, representava adequadamente a plenitude do espírito de amor de Jeová em Jesus; assim como as línguas de fogo representavam adequadamente a missão dos futuros apóstolos de, sob a orientação do espírito santo, testemunhar como *"testemunhas*". ***Atos 2:32; 3:15; 5:32; 10:39,41; 13:31***

(3) Era necessária uma manifestação especial do poder divino em conexão com a aceitação de Cornélio, o primeiro convertido gentio; pois, até então, os gentios haviam sido marginalizados, inaceitáveis a Deus até mesmo como servos; consequentemente, não ocorreria aos crentes judeus que os gentios fossem aceitos na elevada posição de *filhos* de Deus, a menos que alguma manifestação clara do favor divino nesse sentido fosse concedida.

Como já visto, não fazia parte do plano divino que quaisquer gentios fossem aceitos até o fim das "setenta semanas" de favor especial aos judeus, três anos e meio após o Pentecostes;* por isso, o fato de que os convertidos dentre os gentios seriam co-herdeiros (em igualdade) com os convertidos dentre os judeus não poderia ser indicado no batismo no Espírito no Pentecostes. E, tendo em vista os preconceitos profundamente enraizados dos apóstolos, bem como de outros judeus, era o mais apropriado que a aceitação de Cornélio fosse *manifestada* aos sentidos do apóstolo pelas *mesmas* evidências dadas no Pentecostes. Também não é necessário supor que as "línguas de fogo" tenham repousado sobre Cornélio: assim como os convertidos do judaísmo, ele provavelmente recebeu alguns dos "dons" que recairam sobre *todos* no Pentecostes.

De que outra forma poderíamos ter sabido que os gentios eram aceitos pelo Senhor? Se o batismo do Espírito e as bênçãos do Pentecostes tivessem recaído apenas sobre os crentes que eram descendentes naturais de Abraão, isso poderia ter nos deixado em dúvida durante toda a era evangélica quanto à posição do povo do Senhor que, por descendência natural, eram gentios. Mas, ao derramar o batismo do espírito santo sobre Cornélio, o Senhor tornou plenamente manifesto

---

*Ver ESTUDOS DAS ESCRITURAS, Vol. II, Cap. 7.

[E214]
o fato de que não havia mais nenhuma diferença entre judeu e gentio, escravo e livre, homem e mulher, no que diz respeito à aceitação diante dele em Cristo. Ninguém é aceitável por si mesmo, em sua própria injustiça — portanto, somente aqueles que vêm ao Pai por meio do Amado são aceitos nele. ***1 Cor. 12:13***

Além desses três batismos do espírito santo, não há outra referência ao assunto nas Escrituras: consequentemente, a ideia de muitos do povo do Senhor de que devem esperar, se empenhar e orar por outro batismo do espírito santo ou por batismos repetidos é totalmente infundada. Tais batismos são totalmente desnecessários, pois o único batismo no Pentecostes, complementado pelo que ocorreu sobre Cornélio, satisfaz todos os requisitos. Esses batismos não recairam meramente sobre os indivíduos que desfrutaram da bênção, mas, de forma representativa, foram para e sobre a Igreja, o Corpo de Cristo, como um todo. O fato de que essa obra representativa para a Igreja tenha sido realizada em duas partes — sobre os primeiros crentes judeus no Pentecostes e sobre os primeiros crentes gentios na casa de Cornélio — está em perfeita harmonia com a declaração de nosso Senhor a Pedro sobre o assunto, antes de sua crucificação, quando disse: “Eu te darei as chaves do Reino dos Céus.” (***Mt 16,19***) Uma chave significa poder para destrancar, para abrir; e chaves, no plural, implicam que mais de uma porta deveria ser aberta. Na verdade, havia apenas duas portas e apenas duas chaves; e o apóstolo Pedro usou ambas as chaves — realizando a obra de abertura tanto para judeus quanto para gentios, conforme o Senhor havia predito. Ele usou a primeira chave no Pentecostes, onde foi o primeiro, o principal e o mais importante orador, que apresentou a nova dispensação do espírito aos três mil que, de imediato, creram e entraram pela porta. (***Atos 2:37-41***) Mais uma vez, quando chegou o tempo certo para que o evangelho fosse pregado aos gentios, o Senhor, de acordo com sua escolha, enviou Pedro para realizar essa obra, dizendo a Cornélio que mandasse buscar Pedro e dizendo a Pedro que fosse até Cornélio e falasse as palavras do evangelho a ele e à sua família. Nessa ocasião, Pedro usou a segunda chave,

[E215]
abrindo a porta do evangelho diante dos gentios, sendo Deus testemunha desse fato por meio das manifestações milagrosas do seu espírito santo sobre Cornélio e os outros crentes consagrados dentre os gentios que estavam com ele.

O conceito correto a respeito do batismo no espírito santo é o de um derramamento, uma efusão, uma unção, que, no entanto, é tão completa (*abrangendo* cada membro do corpo) a ponto de ser corretamente designada como *imersão*, ou "batismo". E essa mesma unção ou batismo continua sobre a Igreja ao longo dos tempos — cobrindo, permeando, santificando, abençoando, ungindo, desde então até agora, cada um que *entra* no "corpo" ungido. E isso continuará até que o último membro tenha sido recebido e plenamente ungido. O apóstolo João, falando também desse batismo, chamando-o de unção, diz: "A unção que recebestes dele permanece em vós." (***1º João 2:27***; ***Salmo 133:2***) Ele não diz: "as numerosas unções que recebestes", mas *"a* unção", a única unção, pois mais do que isso seria supérfluo e estaria em desacordo com o arranjo divino.

Do ponto de vista divino, toda a Igreja é reconhecida como uma só — como um todo, pois "assim como o corpo é um, mas tem muitos membros, assim também Cristo Vós sois membros particular do corpo de Cristo." (***1 Coríntios 12:12, 27***) Em harmonia com esse pensamento, a apresentação bíblica do assunto é que, embora o Senhor nos considere individualmente e, em muitos aspectos, lide conosco individualmente, nossa posição diante do Pai não é tanto como unidades, mas como membros ou partes de uma unidade, cuja unidade é Cristo, cabeça e corpo. Por isso, somos informados de que, depois de termos crido, nosso próximo passo é entrar no corpo de Cristo — ser batizados em seu corpo.

Não discutiremos aqui o tema do batismo em geral, deixando isso para uma análise futura, mas observamos o fato de que os crentes são convidados a serem batizados em Cristo, a fim de que possam entrar ou estar sob o seu batismo no espírito santo. Não sendo o espírito santo uma pessoa, mas um espírito santo

[E216]
O espírito ou poder possuído pela Igreja, todos os que desejam receber essa bênção devem estabelecer um relacionamento com *essa Igreja*, o corpo de Cristo. Não há outra maneira de obtê-la. Nem queremos dizer com isso a filiação a uma Igreja terrena — um corpo metodista, um corpo presbiteriano, um corpo luterano, um corpo católico romano ou qualquer outro corpo de organização humana. Referimo-nos à filiação na *ecclesia*, cujos membros só podem ser reconhecidos com certeza pela posse do espírito santo do amor — atestada por seus diversos frutos e testemunhada como vimos anteriormente.

Quem se une verdadeiramente a Cristo e, assim, se une verdadeiramente a todos os membros do corpo de Cristo, não precisa orar por bênçãos do Pentecostes presentes ou futuras, mas pode olhar para trás com alegria e confiança para a bênção do Pentecostes original e a bênção sobre Cornélio, como as evidências que o Pai deu, por meio de Cristo, de sua aceitação da Igreja como um todo; e com o arranjo divino todos devem estar plenamente satisfeitos. Não dizemos que nosso Senhor esteja irado com aqueles que, com pensamentos equivocados, pedem, contrariamente à sua vontade, por numerosos Pentecostes: ao contrário, suporemos que Ele terá compaixão de sua ignorância e de suas orações mal direcionadas e, sem alterar Seus próprios planos e disposições, derramará sobre eles uma bênção — tanta bênção quanto suas expectativas errôneas e a negligência de Sua Palavra permitirem — aceitando os gemidos de seus espíritos em busca da comunhão celestial.

É estranho que esses queridos amigos, que oram continuamente por batismos no espírito, nunca tenham percebido que os apóstolos não oravam por futuros Pentecostes, nem instruíram a Igreja a orar dessa forma. Será que tais amigos se consideram mais sábios do que os apóstolos inspirados, ou mais santos do que eles, ou mais ansiosos por serem cheios do espírito? Confiamos que eles não tenham tais imaginações egocêntricas e presunçosas, e que seus sentimentos sejam meramente os de crianças ignorantes, que, de forma irrefletida e às vezes mal-humorada, importunam pais indulgentes por bênçãos e misericórdias desnecessárias e não prometidas, que não lhes podem ser concedidas.

[E217]

O Batismo Geral do Espírito

"Depois disso, derramarei o meu espírito sobre toda a carne." ***Joel 2:28***

O espírito santo será o canal de reconciliação entre o Todo-Poderoso e a raça dos pecadores redimidos pela preciosa vida de Cristo. Assim como o objetivo do sacrifício de Cristo era abrir o caminho pelo qual Deus pudesse ser justo e, ainda assim, ser o justificador de todos os que nele crêem e que buscam chegar ao Pai por meio dele, assim também sua obra, como o mediador glorificado, é trazer de volta à plena comunhão com Deus tantos membros da raça redimida quantos estiverem dispostos a retornar quando lhes for concedido pleno conhecimento e oportunidade. Vimos que essa obra de trazer de volta os membros da raça caída à harmonia com Deus se divide em duas partes: (1) a Igreja da era evangélica, e (2) quantos quiserem, do restante da humanidade, durante a vinda era milenar.

Vimos que a base da harmonia não é que Deus tolere o pecado, o desculpe e nos permita retornar ao seu favor como pecadores, mas que os pecadores devem abandonar seus pecados, aceitar de todo o coração o padrão divino de justiça e voltar à plena harmonia com Deus; de modo que busquem e alcancem, por meio dos canais designados e sob a supervisão de Cristo, o espírito santo, a mente, a vontade e a disposição do Pai celestial — recebendo-os como sua própria mente, vontade ou disposição e, assim, sejam transformados pela renovação de suas mentes. Isso, que vimos ser o programa de Deus para a Igreja, também é declarado como sendo o programa de Deus, por meio de Cristo, para a reconciliação do mundo consigo mesmo durante a próxima era. Nem um iota da lei divina será modificado; o pecado e a imperfeição não serão desculpados nem considerados como perfeição e justiça.

O mundo da humanidade estará nas mãos de Cristo para reforma e restauração à imagem de Deus, perdida por meio do pai Adão devido à transgressão; e, como parte dos meios para trazer o mundo de volta à harmonia

[E218]
com Deus, a influência de Satanás, que agora paira sobre o mundo, aprisionando e cegando a humanidade, será removida (***2 Cor. 4:4***; ***Ap. 20:2***), e, a partir de então, em vez de o mundo estar sob a influência ou o espírito do engano, do erro, da ignorância e da superstição, estará sob a influência ou o Espírito da verdade, da justiça e do amor. Em vez de influências externas exercerem pressão sobre o coração dos homens, enchendo-os de ira e malícia, ódio, contenda e egoísmo, essa influência ou o espírito será contido e, por fim, destruído, e a influência contrária — o Espírito da justiça, da bondade, da misericórdia, da compaixão e do amor — será desenvolvida. Assim, por meio de Cristo, o espírito santo de Deus será derramado sobre a humanidade — primeiro, para lhes dar iluminação; em segundo lugar, para lhes dar ajuda, assistência e força para vencer suas próprias tendências herdadas; e, em terceiro lugar, para instruí-los e conduzi-los de volta à imagem e semelhança de Deus, perdidas por causa da desobediência do pai Adão.

Embora esses privilégios e bênçãos futuros para o mundo sejam gloriosos e alegrem nossos corações muito além de qualquer coisa que o povo do Senhor tenha visto no passado, eles, no entanto, não oferecem nenhum consolo aos inimigos do Senhor, nem àqueles que, quando têm a oportunidade, se recusam a receber o seu espírito santo e a ser cheios por ele. Ele será derramado sobre toda a humanidade, mas será necessário que aqueles que desejam desfrutá-lo e ser beneficiados por ele façam uso de seus privilégios: assim como é necessário que os crentes da era evangélica, que desejam estar sob a influência do espírito santo e ser abençoados por ele, façam uso dos meios; que se consagrem e se alimentem da verdade, para que possam ter "o espírito da verdade". Quando o grande Profeta e Doador de Vida, o grande Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (Cristo, cabeça e corpo, completo), se apresentar para abençoar o mundo, isso significará uma bênção para todos os que receberem as palavras desse profeta, obedecerem a elas e obtiverem a bênção da vida eterna por meio da obediência; e significará a destruição pela Segunda Morte para todos aqueles que se recusarem a ouvi-lo, pois

[E219]
está escrito: "Toda alma que não ouvir [obedecer] a esse Profeta será exterminada do meio do povo." ***Atos 3:23***

Notar-se-á que a profecia de Joel é apresentada na ordem inversa à de seu cumprimento; a bênção para toda a humanidade é mencionada primeiro, e a bênção sobre a Igreja, por último.

Sem dúvida, essa ordem de exposição foi parte do desígnio do Senhor, a fim de encobrir ou ocultar algumas das características gloriosas dessa grande promessa, até que chegasse o "tempo determinado" para que ela fosse compreendida. (***Dn 12:9,10***) Embora tenha sido lida ao longo de séculos, ela não pôde revelar todo o seu maravilhoso tesouro até que chegasse o "tempo determinado" de Deus. Ao longo da era evangélica, o Senhor derramou seu espírito apenas sobre seus servos e servas; e abençoada tem sido a experiência de todos aqueles que o receberam — todos os que foram imersos no corpo de Cristo e tornaram-se participantes de sua unção como filhos; e foi a essa característica que o apóstolo Pedro se referiu em seu discurso no Pentecostes. Ele citou ambas as partes da profecia, mas, sob a orientação do espírito santo, não expôs nem esclareceu a primeira parte; porque ainda não havia chegado o tempo para que ela fosse compreendida. Portanto, em vez de explicar a *diferença* entre o espírito santo sobre os servos e as servas durante a era evangélica ("naqueles dias") e o espírito santo sobre toda a carne "*depois*", na próxima era, ele simplesmente diz, referindo-se ao espírito santo sobre si mesmo e os outros crentes: *"Isto* é o que foi dito pelo profeta Joel" — uma parte disso, o início do que foi dito. Tudo isso só estará completo com o derramamento do espírito sobre toda a carne, o que ainda não aconteceu. Além disso, o profeta menciona outras coisas que ainda não se cumpriram. Ele se refere ao escurecimento do sol e da lua e à vinda do grande e notável dia do Senhor, que são eventos agora iminentes — o grande dia da ira, que se interpõe e separa o derramamento do espírito santo sobre a Igreja, "os servos e as servas", nestes dias, e "toda a carne", depois.

[E220]

Como vimos, não haverá diferença entre o Espírito de Deus, tal como virá sobre o mundo na próxima era, e o Espírito de Deus tal como vem sobre a Igreja nesta era, pois é o *mesmo* espírito da verdade, espírito da justiça, espírito da santidade, espírito da santificação, espírito da harmonia com Deus — o espírito ou influência que Deus exercerá em favor da justiça, da bondade e da verdade. No entanto, isso não significará exatamente a mesma coisa em todos os aspectos naquela época do que significa agora. Receber o espírito santo de Deus agora e viver em harmonia com ele significa necessariamente um conflito com o espírito do mundo, que abunda por toda parte. Por essa razão, aqueles que recebem o espírito santo agora e que andam em harmonia com ele são instruídos a esperar perseguição e oposição de todos os que não têm o espírito — a grande maioria.

Receber o espírito santo no futuro não significará perseguição, porque a ordem, a organização e o governo da próxima era serão muito diferentes dos atuais: enquanto o príncipe deste mundo é Satanás, o príncipe do mundo ou da era vindoura será Cristo; e enquanto a maioria da humanidade está agora sob a influência de Satanás, voluntária ou involuntariamente, consciente ou inconscientemente, na próxima era o mundo inteiro estará sob a influência de Cristo e de seu governo justo. E a Verdade será então tornada livre e comum a todos, do menor ao maior. Visto que a lei da próxima era será a lei da justiça, da verdade e da bondade, e que *ela governará* — como o Reino de Deus —, aqueles que entrarem em harmonia com esse governo e sua lei, e que possuírem o Espírito da Verdade, não sofrerão perseguição por causa disso, mas, pelo contrário, experimentarão favor e bênçãos e progredirão na medida em que receberem desse Espírito de santidade.

A posse do espírito santo, durante a Era Milenar, não significará — como nesta era — um *renascimento* do espírito para uma natureza espiritual, nem significará uma aceitação como co-herdeiros com Cristo no Reino. Essa promessa

[E221]
pertence exclusivamente à era evangélica, à classe dos servos e das servas, que recebem o espírito santo e são movidos por ele durante esta era, quando, em consequência da prevalência atual do mal, são obrigados a *sofrer por causa da justiça*; e sobre os quais, portanto, "repousa o espírito da *glória* e de Deus". ***1 Pedro 4:14***

A posse do espírito santo durante a Era Milenar significará simplesmente que o destinatário entrou em harmonia com Cristo, o mediador, e está, nessa medida, em harmonia com Deus e alinhado com as bênçãos que Deus providenciou para a humanidade em geral; bênçãos essas que não constituem uma *mudança* de natureza para a divina, mas uma *restauração* de tudo o que foi perdido devido à falha do primeiro Adão. (***Atos 3:19-21***) A posse do espírito santo por tais pessoas será uma evidência de que a obra de regeneração pelo segundo Adão, para a perfeição da natureza humana "adquirida" para elas pela grande oferta pelo pecado, já teve início nelas; e que, se continuada, trará, em última instância, a perfeição da restauração à semelhança humana do Pai divino.

Devemos lembrar que as bênçãos que Cristo concederá ao mundo durante a Era Milenar, como regenerador do mundo, são as bênçãos que ele comprou para eles por meio do sacrifício de si mesmo. Assim como ele se entregou, como "o homem Cristo Jesus", como preço correspondente pelo homem Adão, sobre quem recaiu a condenação, assim também foram a humanidade, os direitos, os privilégios, a vida e o reino de Adão que foram adquiridos pelo grande sacrifício pelos pecados; e essas coisas adquiridas são as que devem ser *restauradas* ao mundo regenerado, por meio de seu regenerador ou pai, Cristo Jesus, nosso Senhor, o segundo Adão. ***Ef 1:14***; ***Atos 3:19-23***

O fato de que nosso Senhor Jesus não era o segundo Adão enquanto estava na carne, mas é o segundo Adão como ser do espírito (desde a sua ressurreição), não implica que ele, como segundo pai da raça humana, concederia à humanidade vida do espírito ou natureza do espírito em sua regeneração. Pelo contrário, devemos lembrar que o conceito transmitido pela palavra "pai"

[E222]
é *meramente* "aquele que dá vida", sem levar em conta a natureza. Assim, na criação do pai Adão, ele é chamado de filho de Deus, por ter sido criado à semelhança moral e à imagem de Deus, e não no sentido de que tenha sido criado na natureza divina; pois sabemos que ele era da terra, terreno, enquanto Deus é o espírito. Os princípios subjacentes a esse poder, pelo qual Deus, como doador de vida, tornou-se o Pai de toda a criação, por meio de seu agente ativo, nosso Senhor, são apresentados mais detalhadamente em um capítulo anterior, sob o título "O Imaculado": limitamo-nos a chamar a atenção para o assunto aqui, a fim de evitar equívocos. O propósito de Deus em relação à criação do mundo, ao homem como seu habitante e senhor, e aos animais inferiores como seus súditos, não foi alterado em virtude da desobediência e da queda permitidas: o plano original permanece como no início. Depois que o mal tentado pelo adversário for definitivamente eliminado, o plano divino, tal como originalmente concebido, será plenamente realizado por meio de Cristo. A Igreja desta era evangélica, que, como vimos, será altamente exaltada e glorificada como a Noiva e o co-herdeiro de Cristo, é uma exceção à restauração da humanidade: ela foi chamada ou selecionada para um propósito especial e é particularmente provada e testada, capacitada e preparada para a alta exaltação, a co-herança com Cristo — uma transformação da natureza humana para uma natureza superior à natureza angelical — "muito acima dos anjos, principados e potestades", participantes da natureza divina.

Mas, embora não devamos orar por novos *batismos* do espírito santo que não tenham sido prometidos, somos ensinados de forma muito positiva a buscar e orar pelo espírito como uma porção satisfatória.

Orar pelo espírito santo

"Se, então, vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais o Pai celestial dará o espírito santo àqueles que lho pedirem." ***Lucas 11:13***

Embora "todas as coisas sejam pelo Filho", ainda assim, aqui como em toda parte

[E223]
Ele atribui a glória e a honra, como fonte de bênçãos, ao Pai. Toda a obra de redenção e reconciliação é obra do Pai — por meio do Filho. E nosso Senhor declara que é do agrado do Pai que tenhamos cada vez mais do seu espírito santo. Ele nos exorta a buscar e pedir isso, como a grande e suprema bênção. Quanto às bênçãos terrenas, nosso redentor nos diz que nosso Pai Celestial sabe do que precisamos — ele sabe melhor do que nós quais bênçãos terrenas serão úteis e quais seriam prejudiciais para nós. Não precisamos, portanto, como fazem os não regenerados e os pagãos, pensar e orar por bênçãos terrenas; mas, ao contrário, como aqueles que entraram na relação de filhos e que têm plena confiança na provisão do Pai, podemos esperar que Ele nos dê o que há de melhor, e podemos descansar contentes nessa promessa e nessa fé.

O Pai Celestial se agrada de que desejemos e peçamos cada vez mais do espírito santo — uma disposição cada vez mais em plena harmonia com o seu espírito; e todos os que assim desejarem, pedirem e buscarem o obterão; o Pai se agradará de ordenar os assuntos de tais pessoas de modo que os obstáculos ao espírito, sejam eles dentro delas ou em seu ambiente, sejam vencidos, para que o seu espírito amoroso possa abundar nelas — para que sejam cheias do espírito. Mas nisso não há qualquer sugestão de necessidade de novos batismos no espírito santo: o batismo ocorreu no início, e agora tudo o que resta fazer é abrir as comportas em todas as direções, de modo a permitir que o espírito santo do amor e da verdade penetre e permeie cada ação, palavra e pensamento de nosso ser. Precisamos da ajuda divina, da ação da sabedoria e da providência do Senhor, para nos mostrar o que obstrui as comportas e para nos ajudar a remover os obstáculos.

O espírito de santidade em abundância só pode ser recebido por aqueles que o desejam sinceramente e o buscam por meio da oração e do esforço. A mente ou o espírito do mundo devem ser expulsos de nossos corações, na medida em que quisermos que eles sejam preenchidos com o espírito santo, sua mente e sua influência. A obstinação também deve ceder

[E224]
espaço. E como é na medida em que nos esvaziamos de todas as outras coisas que estamos prontos para receber de sua plenitude, por isso o Senhor deseja que cheguemos a essa condição de desejo sincero de sermos preenchidos com seu espírito de santidade, para que estejamos dispostos e ansiosos a substituir e erradicar toda e qualquer influência e vontade contrárias.

Este é, evidentemente, o pensamento do Apóstolo, em sua oração pela Igreja de Éfeso, para que "Cristo [o espírito de Cristo] habite em vossos corações pela fé [para que, figurativamente, Ele reine como rei, governante e diretor de cada pensamento, palavra e ação]; para que, estando emraizados e alicerçados no amor [o espírito santo ou disposição], sejais capazes de compreender, juntamente com todos os santos, qual é a largura, o comprimento, a profundidade e a altura, e de apreciar o amor de Cristo, que excede todo o conhecimento, para que sejais cheios de *toda a plenitude de Deus*." (***Ef 3,19***) Aquele que está cheio do espírito de Cristo e tem plena apreciação do amor que Ele manifestou terá o espírito do Pai em plena medida.

Nada na passagem bíblica em análise pode, de forma alguma, ser interpretado como sugerindo que o Pai Celestial se agradaria de que seus filhos Lhe pedissem outro Deus — uma terceira pessoa de uma trindade de Deuses coiguais. Tal pensamento é repugnante à passagem e ao seu contexto; e aqueles que nutrem tal visão errônea devem, necessariamente, estar cegos a tal ponto para a verdadeira beleza e força desta promessa. Seria realmente estranho se um membro de uma trindade de Deuses coiguais se referisse a outro como capaz e disposto a dar ao terceiro*, da mesma forma que* pais terrenos dão pão, peixe e ovos a seus filhos. (Veja os versículos anteriores.) A passagem inteira só faz sentido quando o espírito santo é corretamente entendido como a mente ou influência divina concedida de diversas formas para o conforto e a edificação espiritual dos filhos de Deus.

Nosso texto estabelece uma comparação entre pais terrenos bondosos que dão alimento natural a seus filhos e nosso bondoso

[E225]
Pai celestial, que concede seu espírito santo àqueles que Lhe pedem. Mas, assim como o pai terreno coloca o alimento ao alcance de sua família, sem, porém, forçá-la a comê-lo, também nosso Pai celestial colocou ao alcance de sua família espiritual as boas provisões de sua graça, mas não as impõe a nós. Devemos ter fome e sede delas, devemos buscá-las, não com dúvida, mas com fé na disposição Dele de nos conceder bons dons. Quando, portanto, oramos pelo espírito santo e para sermos cheios do espírito do Senhor, devemos olhar ao nosso redor e encontrar a provisão que Ele preparou para a resposta a essas orações, as quais Ele assim inspirou e orientou.

Encontramos essa provisão na Palavra da verdade; mas não basta encontrar *onde* ela está: se desejamos ser cheios, devemos comer; certamente devemos participar do banquete, ou não experimentaremos a satisfação que o ato de comer foi destinado a proporcionar. Aquele que não comer de uma mesa farta ficará vazio e faminto, tão verdadeiramente quanto se não houvesse comida. Assim como pedir uma bênção sobre a comida não nos saciará, mas depois disso precisamos nos alimentar dela, da mesma forma a posse da Palavra de Deus e a apresentação de nosso pedido para sermos cheios do espírito não nos bastarão; precisamos nos alimentar da Palavra de Deus, se quisermos receber o espírito Dele por meio dela.

Nosso mestre declarou: "As *palavras* que eu vos digo são o espírito e são vida" (***João 6:63***); e, para todos os que estão cheios do espírito, é verdade, conforme disse o profeta: "Tuas palavras foram encontradas, e *eu as comi*" (***Jeremias 15:16***; ***Apocalipse 10:9***). É absolutamente inútil orarmos: "Senhor, Senhor, dá-nos o espírito", se negligenciarmos a Palavra da verdade que esse espírito nos forneceu para nos preencher. Se nos limitarmos a orar pelo espírito e não usarmos os meios adequados para obter o espírito da verdade, continuaremos sendo, no máximo, apenas "bebês em Cristo", buscando sinais externos como prova de nosso relacionamento com o Senhor, em vez do testemunho interior, por meio da Palavra da verdade, que Ele nos proporcionou.

[E226]

O Testemunho do Espírito Santo

"O próprio espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus." ***Rm 8,16***

Poucas doutrinas são mais importantes para o povo de Deus do que esta; pois dela depende, em grande medida, a posse da "paz de Deus, que excede todo o entendimento" (***Fil. 4:7***). Como eles podem ter "plena certeza da fé" (***Hb 10:22***) se lhes falta o testemunho do Espírito atestando sua filiação — sua adoção na família de Deus? No entanto, quão poucos têm a menor noção do que significa essa expressão "testemunho do Espírito", ou que tipo de experiências devem ser esperadas e buscadas como constituindo o testemunho do Espírito quanto à nossa filiação.

A questão é, portanto, de grande importância — Como o espírito santo nos testifica a respeito de nossa reconciliação com o Pai — de que nos tornamos filhos de Deus e de que, sob a providência divina, estamos sendo preparados para as coisas gloriosas que Deus reservou para aqueles que O amam e que serão co-herdeiros com Jesus Cristo, nosso Senhor, no Reino milenar? Poucos assuntos têm causado mais inquietação aos cristãos em geral do que este — o testemunho do espírito. Por não saberem o que é o testemunho do espírito, muitos dos melhores do povo do Senhor precisam confessar que não sabem se o possuem ou não. Outros, mais cheios de convicção do que de conhecimento, afirmam que possuem o testemunho do espírito santo e apontam seus *sentimentos* de felicidade como prova. Mas, mais cedo ou mais tarde, tais pessoas, se forem sinceras, terão de confessar que o "testemunho" no qual confiam é extremamente insatisfatório: ele falha nos momentos de maior necessidade. Quando todos falam bem deles, quando a saúde está boa, quando estão financeiramente prósperos, quando têm muitos amigos, sentem-se felizes; mas, na medida em que algumas ou todas essas condições se invertem, sentem-se infelizes: perdem o que supõem ser o "testemunho do espírito" e clamam em angústia da alma:

[E227]

"Onde está a bem-aventurança que eu
conhecia, quando encontrei o
Senhor pela primeira vez?"

Essas pessoas são enganadas e desviadas por seus sentimentos: sentem-se mais felizes e pensam estar se aproximando de Deus em momentos em que, na verdade, sob a influência do adversário, estão caminhando diretamente para as tentações. Isso explica algumas das frequentes e repentinas "quedas da graça" que alguns experimentam e que surpreendem tanto a si mesmos quanto a seus amigos. Enganados por um "testemunho" não confiável, sentiram-se seguros, baixaram a guarda e tornaram-se presas fáceis da tentação justamente no momento em que se sentiam "tão felizes no Senhor" (?). Além disso, as provações e decepções da vida, destinadas a nos aproximar de nosso Pai e a nos fazer apreciar ao máximo a simpatia e o cuidado amorosos de nosso Salvador, são parcialmente perdidas para essa categoria de pessoas; pois, ao perderem o testemunho de seus sentimentos — que consideram erroneamente como o testemunho do espírito —, sentem-se tão desamparados e tão famintos e sedentos pelo retorno desses bons sentimentos, que perdem muitas lições preciosas que só podem ser obtidas quando se apoiam com confiança no seio do Senhor e comungam com Ele, enquanto atravessam os Getsêmanis da vida.

Outra categoria de cristãos, ao perceber a falta de confiabilidade do "testemunho" dos *sentimentos,* parece concluir que Deus negou (pelo menos a eles) qualquer evidência confiável de seu favor — qualquer "testemunho" seguro sobre o fato de serem aceitos como "filhos" em sua família. Suas dúvidas são expressas no conhecido hino:

"É uma questão que anseio saber — muitas
vezes me causa pensamentos ansiosos:
"Será que amo o Senhor ou não? Pertenço
a Ele ou não?"

Essa incerteza decorre, em parte, também de uma compreensão equivocada da doutrina da eleição; e, no entanto, esses amigos estão totalmente corretos ao concluir que seus

[E228]
não poderiam ser um critério adequado para julgar sua filiação. Outros, por causa do que as Escrituras declaram: "Tu darás paz perfeita àquele cuja mente está firme em ti", julgam sua filiação pela paz de espírito; mas, quando olham para os pagãos e para os mundanos e veem que muitos deles aparentemente também têm paz de espírito, sua visão do testemunho do Espírito revela-se insuficiente para sustentar suas esperanças ou para lhes dar certeza. Então chega a hora sombria, e eles dizem: "Como é fácil ser enganado", e ficam atormentados com o receio de terem entristecido o espírito — pois "o medo atormenta".

Pessoas de grande credulidade (erroneamente chamada de *fé*) imaginarão que ouvem o "sussurro" do espírito em um ouvido interior e se congratulam com isso — mesmo que posteriormente descubram que a informação "sussurrada" era absolutamente falsa. Outros cristãos de mente mais lógica, que não conseguem se iludir dessa forma, ficam perplexos ao ver que seus amigos afirmam com tanta confiança o testemunho do espírito, enquanto eles próprios não têm tal certeza.

A dificuldade reside, em grande parte, na visão errônea de que o espírito é uma pessoa, e que busca atribuir personalidade aos seus testemunhos. Quando se reconhece o fato de que o espírito de Deus é qualquer poder ou influência que Deus se agrade exercer, o assunto fica esclarecido e o "testemunho do espírito" torna-se algo fácil de distinguir. Será uma bênção para aqueles que possuem esse testemunho saber disso com certeza; e será uma bênção para aqueles que não o possuem constatar sua falta; para que possam cumprir as condições e obter o testemunho, sem o qual ninguém está autorizado a se considerar filho de Deus, em posição aceitável perante o Pai.

Mas que alegria e paz divinas advêm àqueles que possuem o verdadeiro testemunho — àqueles que têm as experiências corretas e que aprenderam a interpretá-las! Para eles, isso é, de fato, alegria na tristeza, luz nas trevas, consolo na aflição, força na fraqueza. E as orientações completas e explícitas sobre

esse assunto, assim como em todos os assuntos, encontram-se naquele livro maravilhoso, a Palavra de nosso Pai — a Bíblia. Nela e por meio de seus testemunhos, o Espírito de Deus testifica com nossos espíritos.

> "Quão firme é o alicerce, ó os santos do Senhor,
> que foi lançado para a vossa fé em Sua excelente Palavra.
> O que mais Ele poderia dizer além do que já lhes disse: Vocês que buscaram refúgio em Jesus!"

Como conhecer o testemunho do espírito

A mente ou o espírito de um homem pode ser conhecido por suas palavras e conduta; e assim podemos conhecer a mente ou o Espírito de Deus por suas palavras e ações. O testemunho de sua Palavra é que todo aquele que vem a ele (pela fé e pela reforma das más obras e das obras mortas, por meio de Jesus) é aceito. (***Hb 7,25***) Portanto, as perguntas que aqueles que buscam um testemunho do espírito a respeito de sua filiação devem fazer a si mesmos são:

Alguma vez fui atraído a Cristo? — para reconhecê-lo como meu redentor, por cuja justiça, e somente por ela, eu poderia ter acesso ao Pai celestial e ser aceito por Ele?

Se a resposta for afirmativa, a próxima pergunta seria:

Será que alguma vez me consagrei plenamente — minha vida, meu tempo, meus talentos, minha influência, tudo o que tenho — a Deus?

Se essa pergunta também puder ser respondida afirmativamente, o questionador pode ter plena certeza de que foi aceito pelo Pai, no Amado, e reconhecido por Ele como filho. E se, ao examinar minuciosamente os desejos e sentimentos de seu próprio coração, ele constatar que este ainda confia no mérito de Jesus e ainda está consagrado a fazer a vontade do Senhor, poderá permitir que a doce confiança e a paz que esse pensamento de harmonia e relacionamento com a divindade traz tomem posse plena de seu coração. Essa convicção da graça do Senhor para conosco em Cristo, construída a partir de fatos de nossa própria experiência, alicerçada no caráter inalterável e na Palavra de Deus, não é

[E230]
mutável, nem passível de mudança, como seria se fosse construída sobre as areias movediças dos sentimentos. Se dúvidas ou medos se intrometerem em algum momento sombrio, basta pegarmos a "Lâmpada" (a Palavra de Deus) e examinar novamente os fatos e o fundamento; e, se nossos corações ainda forem leais ao Senhor, a fé, a alegria e a paz retornarão instantaneamente a nós; se percebermos que nossa fé no "sangue precioso" está se desintegrando, ou que nossa consagração está se esvaindo, conheceremos a verdadeira situação das coisas e poderemos, de imediato, fazer os reparos necessários e, assim, restabelecer nossa "plena certeza da fé". (***Hb 10,22***) Mas observe-se que todo aquele que deseja ter essa *certeza* deve "confirmar com seu selo que Deus é verdadeiro" (***Jo 3,33***): que nosso Senhor não muda, mas é "o mesmo ontem, hoje e para sempre". O povo do Senhor pode, portanto, ter certeza de que, uma vez alcançadas as condições do favor divino, poderá permanecer nessas condições enquanto seus corações forem leais a Deus e seus desejos estiverem em harmonia com a vontade Dele: enquanto forem, no íntimo, obedientes aos mandamentos divinos — resumidos na palavra Amor — para com Deus e para com os homens***. Hb 11:6; 13:8***

Quem quer que tenha dado os passos especificados tem a certeza, o "testemunho" da Palavra de Deus, de que é um filho de Deus; e isso, durante a era evangélica, significa que é um ramo da videira verdadeira, um membro probatório da verdadeira Igreja. (***João 15:1***) A esses, a Palavra de Deus *testifica* que se uniram à verdadeira Igreja, que é o corpo de Cristo. Esse testemunho é dado ao seu espírito, à sua mente, pelo Espírito de Deus, que testifica por meio de sua Palavra. E o mesmo espírito da Verdade assegura a tais pessoas que, se seus corações permanecerem fiéis ao Senhor até o fim de seu período de prova — se, de boa vontade e com alegria, tomarem a cruz diariamente, buscando, da melhor maneira possível, seguir os passos do mestre —, sua filiação probatória na Igreja de Cristo será em breve transformada em filiação efetiva — depois que tiverem concluído sua jornada e se tornarem participantes de sua ressurreição, a primeira ressurreição. ***Filipenses 3:10***

No entanto, o espírito de Deus, por meio de sua Palavra, testifica

[E231]
com igual clareza que é possível que aqueles que já se tornaram ramos da Videira verdadeira sejam cortados, caso sejam infiéis — caso deixem de produzir os frutos adequados do espírito de amor. "Todo ramo em mim que não dá fruto, ele [o Pai] o corta; e todo ramo que dá fruto, ele o poda, para que dê mais fruto." O espírito de Deus, por meio de sua Palavra, testifica-nos, assim, a regra com que nosso Pai celestial lida com seus filhos — castigos, poda, remoção das impurezas e o desenvolvimento das qualidades que levam à produção de frutos. Portanto, ter essas experiências, depois de nos termos identificado com a "Videira", é ter o testemunho do espírito de que ainda estamos na "Videira" e ainda somos reconhecidos como "ramos" dela — ainda sob o cuidado e a disciplina de nosso Senhor. Pelo contrário, se alguém não passar por essas disciplinas, podas etc., depois de ter se identificado com a Videira, ele carece desse "testemunho do espírito" e, consequentemente, tem motivos para duvidar de sua aceitação pelo Senhor. ***Hb 12:7***

Se todos nós fôssemos perfeitos, absolutamente perfeitos, e tivéssemos sido comprovados como tal por provações, o caso seria diferente; Deus então nos amaria por nossa perfeição e harmonia com ele mesmo; então, o castigo e as experiências amargas seriam sinais de seu desagrado. Mas, na realidade, todos sabemos que todos somos imperfeitos, que todos ficamos muito aquém do padrão divino; e que nossos novos corações, nossas novas vontades, nossas mentes ou espíritos transformados, por si só, são aceitáveis diante de Deus — e isso por meio do mérito de Cristo, e em um sentido probatório, com vistas ao nosso teste, desenvolvimento e aperfeiçoamento final. Somente na medida em que aprendemos a apreciar as perfeições divinas e nossas próprias deficiências, podemos valorizar as muitas e importantes lições a serem aprendidas e a necessidade das experiências difíceis pelas quais somos obrigados a passar, a fim de desenvolver em nós a semelhança divina.

As Escrituras nos informam que o Pai Celestial está preparando um glorioso Templo espiritual, no qual e por meio do qual o mundo da humanidade terá o privilégio de chegar

[E232]
à reconciliação consigo mesmo. Vemos nas Escrituras o ideal do grande Arquiteto a respeito desse templo — que o ideal do todo fosse representado na pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo, sua pedra angular principal e "pedra do topo", "colocada no céu". Podemos ver melhor o que é exigido de todos aqueles que serão aceitáveis a Deus como as "pedras vivas" desse Templo — para serem edificados juntamente com Cristo, a Cabeça, "para habitação de Deus pelo seu espírito". E discernimos nossa própria aspereza por natureza, nossa desarmonia com as linhas graciosas do Templo, delineadas em sua "pedra do topo". Podemos discernir prontamente que muito trabalho com o cinzel e muito polimento são absolutamente necessários para nós, se quisermos ser aptos e preparados para o lugar neste Templo ao qual, pela graça de Deus, aspiramos. E, portanto, aqueles que percebem que não estão recebendo os golpes do martelo e do cinzel do Senhor carecem desse "testemunho" que o espírito de Deus, por meio de sua Palavra, atesta que deve chegar a todas as pedras vivas de seu Templo: e do qual nem mesmo a grandiosa pedra angular escapou. Se a providência divina não nos traçar um "caminho estreito" com uma certa dose de dificuldade e adversidade — se simplesmente nos for permitido descansar sem aflições, provações etc. —, então podemos ter certeza de que Deus não está lidando conosco como com as pedras vivas que farão parte do Templo — os filhos
—porque nos falta esse "testemunho" de nossa aceitação e preparação. A constatação de que tal é a nossa condição deve nos levar imediatamente ao Senhor para perguntar *por que* não temos tribulações e adversidades, e para "examinar a nós mesmos" se ainda estamos na fé (***2 Cor. 13:5***); e se ainda estamos nos esforçando para andar fielmente nos passos do nosso mestre, em plena consagração à vontade do Pai. Mas, se tivermos esse "testemunho" de lapidação, polimento, poda, disciplina e castigo, aceitemo-los com paciência, alegria e gratidão, como evidências do amor de nosso Pai, essenciais para alcançarmos nosso alto chamado
— em plena concordância com o testemunho do espírito — de que somos filhos de Deus, "herdeiros de Deus, co-herdeiros com Jesus

[E233]
Cristo, nosso Senhor, [somente] *se for para que soframos com ele*, para que também sejamos glorificados juntamente com ele." ***Rm 8,17***

As "Diferenças de Administração" do espírito

"A quem o Senhor ama, ele castiga, e açoita todo filho que recebe. Se, portanto, não sois castigados, sois bastardos e não filhos." (***Hb 12:8***) Aflições e tribulações vêm sobre o mundo, assim como sobre os santos do Senhor, mas estas *não* são *sinais de filiação*, exceto para aqueles plenamente consagrados à vontade e à obra do Pai. O espírito e a Palavra de Deus "testificam" apenas a seus filhos. Nem as podas e os castigos na família do Senhor são sempre os mesmos. Assim como os filhos terrenos requerem diferentes tipos e graus de disciplina, o mesmo ocorre com os filhos de Deus: para alguns, um *olhar* de desaprovação é suficiente; para outros, uma palavra de repreensão é necessária, enquanto outros ainda precisam ser açoitados, e alguns repetidamente. Um pai terreno se alegra mais com o filho obediente e prontamente submisso, para quem a palavra ou o olhar de repreensão são suficientes para podar o mal; e assim também nosso Pai Celestial declara sua aprovação àqueles que "tremem diante de sua palavra". ***Isaías 66:5***

Esses cooperam com Deus no desenvolvimento de seu próprio caráter, percebendo seus próprios defeitos e buscando corrigi-los — atentos à voz do Pai, que lhes dá orientação, instrução ou repreensão amorosa, e sempre buscando seu sorriso de aprovação: seus sentimentos são bem descritos pelas palavras do poeta:

"Sol da minha alma, meu querido Pai,
Não conheço noite quando estás perto.
Ó, que nenhuma nuvem terrena se levante,
Para te esconder dos olhos do teu servo."

Essa é a classe sobre a qual o Apóstolo escreve, que se julga a si mesma e que, portanto, precisa de menos correção do Senhor. (***1 Cor. 11:31***) Pertencer a essa classe requer plenitude de

[E234]
a consagração; e estes são e serão os vencedores, que serão considerados dignos de serem co-herdeiros com Cristo Jesus, seu Senhor, em seu Reino. A essa classe, obediente e vigilante, o Senhor diz: "Eu te guiarei com o meu olho", "Tu me guiarás com o teu conselho e, depois, me receberás na glória." Aqueles que só podem ser guiados por castigos contínuos não pertencem à classe dos que vencem e não serão considerados dignos de fazer parte da Noiva do Senhor, nem de receber tal "testemunho" do Senhor por meio do espírito da Verdade. ***Salmos 32:8; 73:24***; compare ***com Apocalipse 7:9, 14***.

Nem as correções são sempre provas de falhas, ou um "testemunho" da desaprovação do Senhor. Pelo contrário, assim como aconteceu com nosso Senhor, também com seus seguidores fiéis a providência divina conduz os fiéis e obedientes ao caminho do sofrimento e da abnegação, não como castigo por uma vontade contrária, mas como provações, por meio do auto-sacrifício, da medida do amor e da devoção à vontade do Pai e à causa da justiça. Assim como nosso Senhor foi castigado por nossas transgressões, e não pelas suas próprias, quando levou sobre si os pecados de muitos, também seus seguidores, em muitos aspectos, sofrem, não por suas próprias transgressões, mas por causa das transgressões alheias, pois são chamados, como declara o Apóstolo, a "completar o que falta às aflições de Cristo, em favor do seu corpo, que é a Igreja". ***Col. 1:24***

O que o espírito santo testifica

À luz do exposto, que cada um dos filhos professos do Senhor examine a si mesmo para ver se possui ou não "o testemunho do espírito" de que é um dos filhos de Deus; e que repitamos esse exame com frequência, para assim "vigiar" e nos mantermos no amor de Deus, regozijando-nos no testemunho do seu espírito.

Estamos sendo podados continuamente? Estamos passando por experiências, grandes ou pequenas, que estão removendo

[E235]
de nós, mais ou menos rapidamente, as tendências carnais que guerreiam contra a alma — ira, malícia, ódio, inveja, contenda, egoísmo, grosseria e todas as coisas contrárias à lei do espírito da vida em Cristo Jesus — o espírito do amor? Se for assim, na medida em que pudermos perceber essa obra de poda em andamento, sem dúvida seremos capazes de reconhecer o crescimento na direção correta — em mansidão, paciência, gentileza, bondade fraternal, amor. Quem, após um exame cuidadoso nesse sentido, traçado na Palavra do Senhor, puder perceber tais experiências em andamento, poderá ter certeza de sua aceitação contínua diante de Deus, pois possui *esse testemunho do espírito*.

Mais uma vez, o espírito testifica que "Todo aquele que é nascido [gerado] de Deus não peca." (***1º João 5:18***) O filho de Deus pode ser dominado por sua velha natureza (considerada *morta*, mas não totalmente, de fato); ele pode ser surpreendido por uma falha, pode errar no julgamento ou na palavra, mas nunca transgredirá *voluntariamente* a lei divina. Portanto, se nossos corações puderem responder que nos deleitamos em fazer a vontade de Deus e que não a violaríamos voluntariamente nem nos oporíamos a ela de forma alguma — que preferiríamos que a vontade de Deus fosse feita e seu plano cumprido, mesmo que isso destruísse nossas mais queridas esperanças e rompesse todos os laços afetuosos —, então temos esse testemunho de que nosso espírito ou mente concorda com o testemunho do Espírito da Verdade aqui registrado: e este é um testemunho, não apenas de que já fomos aceitos na família de Deus, mas de que ainda estamos nela.

O Espírito testifica, por meio da Palavra de Deus, que aqueles que são o povo do Senhor estão separados do mundo — que suas esperanças, seus objetivos e seu espírito e disposição em geral são diferentes. "Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que é seu; mas, porque não sois do mundo, por isso o mundo vos odeia." "Sim, e todos os que quiserem viver piedosamente em Cristo Jesus sofrerão perseguição." ***João 15:19***; ***2 Tim. 3:12***

Nossos corações podem testemunhar que essas palavras representam adequadamente nossa experiência de vida? Se sim, o Espírito (mente) de Deus está, assim, mais uma vez testemunhando com nosso espírito (mente) que somos Seus. Tampouco devemos esquecer que o mundo de que fala nosso Senhor

[E236]
inclui todos os que têm mentalidade mundana, nos quais o espírito do mundo tem espaço. Nos dias de nosso Senhor, isso se aplicava à Igreja judaica nominal: de fato, todas as suas perseguições vieram de professos religiosos. Portanto, não devemos nos surpreender se todos os que seguem os passos de nosso Senhor tiverem uma experiência igualmente decepcionante e descobrirem que o espírito do mundo, em sua forma mais antagônica, se manifestará justamente onde menos esperaríamos — entre aqueles que professam ser filhos de Deus. Foram os principais líderes religiosos da época de nosso Senhor que o chamaram de Belzebu, um príncipe dos demônios. E o espírito santo testifica por meio da Palavra de nosso Senhor, dizendo: "Se chamaram Belzebu ao mestre da casa, quanto mais chamarão assim aos de sua casa." (***Mt 10,25***) Se, portanto, temos sido caluniados por causa de nossa identificação com a Verdade e de nosso serviço a ela, temos nisso uma evidência ou testemunho adicional do espírito de que estamos no caminho certo.

Se nosso Senhor Jesus tivesse se aliado aos líderes populares da Igreja judaica e se abstido de falar a verdade em amor, abstido-se de apontar as falsas doutrinas de sua época, ele não teria sido "odiado" nem "perseguido"; pelo contrário, provavelmente teria sido "muito estimado entre os homens". Mas, como ele mesmo declarou, muito do que é "altamente estimado entre os homens é uma abominação aos olhos de Deus". ***Lucas 16:15***

Se nosso Senhor simplesmente tivesse ficado calado e se abstido de expor as hipocrisias, as farsas, as longas orações e os falsos ensinamentos dos escribas e fariseus, eles, sem dúvida, o teriam deixado em paz, não o teriam perseguido; e ele não teria sofrido por causa da Verdade. O mesmo se aplica aos seus seguidores: por pertencerem a uma classe semelhante, a Verdade e aqueles que possuem o espírito da Verdade, e que seguem as instruções do Senhor, deixando que sua luz brilhe, agora incorrerão em ódio e perseguição. E se alguns, por essas razões, e enquanto fazem o possível para falar a verdade em amor, sofrerem por isso,

[E237]
Felizes são eles, pois, como disse o Apóstolo: "O espírito da glória e de Deus repousa sobre vós". Eles têm esse testemunho do espírito de sua fidelidade no caminho estreito. ***1 Pedro 4:14***

Mais uma vez, o espírito santo testifica, por meio do testemunho de nosso Senhor, que quem se envergonhar do redentor e da Verdade que Ele ensinou, desse o Senhor se envergonhará quando vier para reunir suas joias. (***Marcos 8:38***) Quem, portanto, tem o coração tão apaixonado pelo Senhor e pela Sua Palavra a ponto de se deleitar, em toda ocasião oportuna, em reconhecer Jesus como seu redentor e mestre, e em apresentar fielmente a Palavra do seu testemunho, esse tem nisso mais um testemunho do espírito santo de que é filho de Deus e herdeiro do Reino. Esses têm motivos para se alegrar com a promessa do mestre de que são exatamente o tipo de pessoas que Ele terá prazer em confessar diante de Seu Pai e diante dos santos anjos. Mas se alguém não tiver esse testemunho — se, ao contrário, seu coração testemunhar que tem vergonha do Senhor, vergonha de se confessar Seu seguidor, vergonha de reconhecer Seus "irmãos", os membros de seu corpo, e de confessar as doutrinas que ele ensinou — qualquer um que tenha essas experiências tem o testemunho do espírito de que, se essa situação não for alterada, o Senhor terá vergonha deles na sua segunda vinda e não os confessará perante o Pai e seus santos mensageiros.

Além disso, o espírito santo testifica que: "Todo aquele que é nascido [gerado] de Deus *vence* o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: *a* vossa *fé*." (***1º João 5:4***) Examinemos nossos corações, nossos espíritos, nossas mentes, à luz desse testemunho do espírito santo. Somos vencedores, de acordo com esse padrão? O padrão é que, para pertencermos ao Senhor, devemos estar em desarmonia com o mundo, em conflito com ele — com seus objetivos, suas esperanças, suas ambições. A ideia de conflito está contida na expressão "vence o mundo". E podemos ver facilmente que ninguém pode vencer o mundo se estiver em simpatia e afiliação

[E238]
com ele e com seu espírito geral de egoísmo, orgulho, ambição etc.

Antes de decidirmos definitivamente se estamos vencendo o mundo ou não, observemos que não devemos vencer o mundo por meio de lisonjas, nem unindo-nos a ele em suas loucuras e tentando dar a elas um tom religioso; tampouco devemos vencer o mundo envolvendo-nos em algum trabalho moral ou religioso, como dar aulas na escola dominical, ajudar os pobres ou filiar-se a uma igreja sectária. Em nenhuma dessas formas o Senhor indica ou "testemunha" que podemos vencer o mundo. Sua afirmação é clara: a vitória que vence o mundo é *a* nossa *fé*. O espírito, assim, testemunha que, para sermos vencedores, devemos "andar pela *fé*, e não pela vista". Não devemos olhar para as coisas que se veem — popularidade, ostentação mundana, grandeza denominacional etc. —, mas sim para as coisas que não se veem — as coisas espirituais e eternas. (***2 Cor. 4:18***) Devemos ter a fé expressa pelas palavras do poeta:

> "Prefiro caminhar na escuridão com Deus, do
> que seguir com a multidão na luz."

Além disso, o espírito santo nos testifica, por meio da Palavra, que, se somos filhos de Deus, não seremos ignorantes das coisas presentes nem das "coisas *que hão de* vir", pois seremos iluminados e ensinados por Deus, por meio da Palavra de sua graça — a Palavra de seu espírito. À medida que amadurecemos, "crescemos na graça", desejaremos, buscaremos e obteremos, além do leite da Palavra, o "alimento sólido" que o apóstolo declara ser para aqueles que estão em um estágio mais avançado de desenvolvimento. (***1 Pe. 2:2***; ***Hb. 5:13,14***) O desenvolvimento nas graças do espírito — fé, fortaleza, conhecimento, autocontrole, paciência, piedade, bondade fraternal e amor — nos levará a uma comunhão mais íntima com o Pai e com Jesus, de modo que Jesus poderá e estará disposto a nos comunicar cada vez mais claramente o conhecimento de seus planos graciosos, bem como de seu próprio caráter gracioso.

[E239]

Referindo-se a esse crescimento, o apóstolo Pedro diz: "Se essas coisas estiverem em vocês e abundarem, farão com que vocês não sejam nem estéreis nem infrutíferos no *conhecimento* do Senhor Jesus Cristo; mas aquele que carece dessas coisas é cego *e não consegue ver ao longe*. Pois, se vocês praticarem essas coisas, nunca cairão;
pois assim vos será concedida, em abundância, a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo." ***2 Pedro 1:5-11***. Compare com ***João 16:12, 15***.

Cada um deve perguntar a si mesmo se possui ou não esse testemunho do espírito, essa confirmação de seu crescimento como nova criatura em Cristo Jesus, e se está ou não desenvolvendo e amadurecendo o tipo de fruto aqui especificado. Lembremo-nos também de que nosso crescimento no amor e em todos os frutos do espírito depende em grande parte de nosso crescimento no conhecimento; e nosso crescimento no conhecimento das coisas divinas depende também de nosso crescimento nos frutos do espírito. Cada passo no conhecimento traz um passo correspondente de dever e obediência, e cada passo de dever e obediência dado será seguido por um novo passo no conhecimento, pois assim, *como o espírito testifica*, será a experiência de todos aqueles que forem ensinados por Deus na escola de Cristo. Se temos esse testemunho do espírito de crescimento, tanto na graça quanto no conhecimento, regozijemo-nos nisso e sigamos adiante no mesmo caminho até que ele nos conduza, sob orientação divina, à perfeição, tanto no conhecimento quanto na graça.

O Futuro Testemunho do Espírito Santo

O espírito santo testificará ao mundo reconciliado da humanidade na próxima era, de maneira muito semelhante, mas com fatos muito diferentes. Aqueles que possuírem o espírito não serão mais os poucos servos e servas especiais, mas, como declara o profeta Joel, "toda a carne". (***Joel 2:28***) O "testemunho" do espírito não será mais "quem quiser viver piedosamente sofrerá perseguição"; pois nenhuma perseguição será então permitida.

[E240]
Ele não mais "testemunhará" sobre um "caminho estreito" de sacrifício, pois o dia do sacrifício terá passado: "Haverá ali uma estrada larga" e ela estará livre de pedras de tropeço. (***Isaías 35:8; 62:10***) Ele "testemunhará" que "os malfeitores serão exterminados; mas aqueles que esperam no Senhor herdarão a terra". (***Atos 3:23***; ***Salmos 37:7-11***) Ele "testemunhará" bênçãos para os que praticam o bem e castigos e destruição para os malfeitores obstinados. É o mesmo espírito de Deus, mas sob diferentes formas de administração.

Tendo aprendido *como* o espírito santo "testemunha" e *quais* são alguns de seus testemunhos por meio da santa Palavra de Deus, de fato consideramos isso muito mais satisfatório do que todas as dúvidas e medos inspirados por condições mentais e físicas — sentimentos, falsamente chamados por alguns de testemunho do espírito santo. No entanto, devemos chamar a atenção para o fato de que nem todos os cristãos podem ter os mesmos testemunhos do espírito de Deus em seus espíritos ou mentes. Todos os cristãos com ampla experiência e desenvolvimento devem ter testemunho sobre *todos* esses pontos e sobre outros pontos expostos nas Escrituras; mas há cristãos jovens que ainda não progrediram o suficiente para ter todos esses testemunhos; alguns, talvez, possam ser verdadeiramente gerados pelo Senhor e, até o momento, tenham apenas alguns deles. O grande Lavrador não espera frutos — nem verdes, nem mesmo os desenvolvidos e maduros — do broto fresco e tenro de um ramo.

O primeiro testemunho que os recém-gerados podem ter é o de que são aceitos pelo Senhor; que são ramos jovens na Videira verdadeira; e que o espírito da Videira está neles — o desejo de crescer e de ser como a Videira, e de produzir frutos. Nem deve demorar muito, depois que o ramo brotar pela primeira vez, para que o sinal das folhas e os botões que prometem frutos se tornem visíveis. O bebê recém-nascido na família espiritual manifesta seu relacionamento com os membros mais velhos e mais desenvolvidos da família, não por comer a comida forte, que poderia sufocá-lo, mas pelo desejo pelo leite fortalecedor, para crescer por meio dele. ***1 Pedro 2:2***

[E241]

Aqueles que se virem dotados de qualquer um dos testemunhos do espírito mencionados acima devem se alegrar de acordo com isso; e devem se empenhar em cultivar e desenvolver cada aspecto que lhes falte, para que, por fim, possam ter o testemunho do espírito a seu favor em todos os pontos do testemunho bíblico a respeito do caminho e das experiências do povo fiel do Senhor. Esses não precisarão mais cantar: "É um ponto que anseio saber". Pelo contrário, eles saberão, terão plena certeza da fé e estarão enraizados, alicerçados, edificados e firmados na fé. Este é o caminho divinamente traçado: escapamos totalmente do medo — do "Castelo da Dúvida" — pois nossa confiança repousa firmemente nas promessas divinas, que nunca falham. Isso é tão verdadeiro em tempos de provação, adversidade e trevas quanto quando estamos desfrutando mais plenamente da luz do sorriso de nosso Pai celestial. O poeta expressa o pensamento correto, dizendo:

> "Quando a escuridão parece velar seu
> rosto, eu descanso em sua graça
> imutável.
> Seu juramento, sua aliança, seu sangue,
> me sustentam na torrente avassaladora.
> Quando tudo ao redor da minha alma
> desmorona, Ele então é toda a minha
> esperança e meu refúgio."

Santificados pelo Espírito

"Mas vós fostes lavados, mas vós fostes santificados, mas vós sois santos, em nome do Senhor Jesus e pelo Espírito do nosso Deus." ***1 Cor. 6:11***

A santificação significa um *apartamento* ou separação. Todos os que são santificados, apartados, totalmente consagrados a Deus, devem primeiro ser lavados ou *justificados* — seja efetivamente purificados do pecado, seja considerados purificados — "justificados *pela fé*". A justificação real será o caminho de aproximação a Deus por parte do mundo durante o milênio, sob a orientação e a ajuda do grande mediador, e como parte do processo da expiação. A justificação considerada, isto é, a justificação

[E242]
pela fé — é o arranjo que funciona durante a era evangélica, pelo qual nós, que somos pecadores por natureza e em cuja carne não habita perfeição, somos considerados puros, santos, justificados e aceitáveis a Deus por meio de nossa aceitação de Cristo como nosso redentor. Acreditamos no testemunho das Escrituras de que "Cristo morreu pelos nossos pecados, conforme as Escrituras"; e, acreditando nisso e desejosos de escapar do pecado, somos aceitos por Deus como se fôssemos perfeitos, sem pecado, justificados pelo mérito do precioso sangue. Sendo assim justificados pela fé, temos paz com Deus, podemos nos aproximar dele, seremos recebidos por ele e podemos começar a *realizar obras aceitáveis* ao Pai, por meio do mérito de nosso Senhor Jesus Cristo. A evidência que temos de nossa justificação e santificação nos chega por meio da Palavra e é chamada de "selo" e "testemunho" do espírito em nós.

O *poder* que nos capacita a viver de acordo com nossos votos de consagração é o espírito santo, ou a mente santa de Deus, que recebemos como resultado de nossa fé em Cristo e de nossa consagração para estarmos "mortos com ele". O Espírito da Verdade, que obtemos por meio do estudo da Palavra de nosso Pai, em nosso espírito de obediência a ela, nos fornece a força necessária para vencer o mundo e nossos próprios apetites pervertidos. Assim, o texto em consideração declara que toda a purificação que experimentamos, toda a nossa justificação, todo o nosso apartamento para a justiça e nossa separação do pecado — todas as vitórias e bênçãos nessas áreas nos chegaram por meio do mérito de nosso Senhor Jesus e pelo canal do espírito santo, o espírito de Deus, que recebemos.

Outras passagens bíblicas estão em plena harmonia com essas conclusões. O mesmo apóstolo Paulo orou pela Igreja: "O próprio Deus da paz vos santifique totalmente" (***1 Tess. 5:23***). Ele não está aqui contradizendo a afirmação anterior, de que é o espírito santo de Deus que santifica. É Deus quem santifica, e o meio, método ou canal é o seu espírito santo, e não outra pessoa.

[E243]

O apóstolo Pedro declara que a Igreja é "os escolhidos [escolhidos] por meio da santificação [separação] do espírito para a obediência" (***1º Pedro 1:2***). A ideia aqui é que aqueles a quem Deus agora reconhece como seus escolhidos, e que são exortados a tornar segura sua vocação e eleição, são escolhidos, não arbitrariamente, mas de acordo com princípios fixos, a saber: se o espírito santo de Deus (a influência da Verdade), funcionando sobre eles, os levar à condição de plena obediência (a santificação) à vontade, ao plano e à providência do Pai, então eles constituirão os escolhidos.

O apóstolo Paulo, em outra de suas epístolas (***Ef 5,26***), atribui esse poder de santificação e purificação na Igreja à Palavra de Deus, dizendo: "Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, para *santificá-la* e purificá-la com o banho de água pela Palavra". Não devemos supor que o apóstolo esteja aqui contradizendo sua afirmação anterior, no sentido de que *Deus* santifica a Igreja, nem contradizendo sua outra afirmação, de que é o *espírito* santo de Deus que santifica a Igreja. De forma clara e inequívoca, seu pensamento em todos os casos é que é o espírito santo de Deus, que funciona por meio da Palavra de sua verdade, que Ele destinou a produzir em nós purificação, justificação e santificação.

Assim também nosso Senhor Jesus orou: "Santifica-os na tua verdade; a tua Palavra é a verdade." (***João 17:17***) Assim, vemos que as diversas passagens bíblicas sobre o assunto, consideradas em conjunto, ensinam que a santificação da Igreja é realizada pelo Espírito da Verdade, transmitido aos consagrados por meio da Palavra de Deus, que Ele providenciou exatamente para esse propósito.

Todos os que são assim santificados são, a partir de então, "*novas criaturas em Cristo Jesus*" e são chamados de "os que são santificados em Cristo" (***1 Coríntios 1:2***). No entanto, a santificação em Cristo não ocorre à margem do Espírito de Deus, nem à margem da Palavra de Deus; pois é em virtude de nossa aceitação do plano e da provisão divinos, em virtude de chegarmos ao ponto da

[E244]
a santificação pelo Espírito, que nos tornamos um com Cristo, nosso Senhor. E isso é ainda mais demonstrado pela Escritura que diz: "Tanto aquele que santifica quanto aqueles que são santificados são todos de um só [de um só espírito, de uma só mente, gerados pelo Espírito da Verdade]; por essa razão, ele não se envergonha de chamá-los de irmãos." (***Hb 2,11***) Assim, é que somos "lavados, santificados, justificados, em nome de nosso Senhor Jesus e pelo espírito de nosso Deus" — o espírito da Verdade.

Sede Cheios do Espírito

"Enchei-vos do Espírito; falando entre vós com Salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e entoando melodias em vosso coração ao Senhor; dando graças sempre." ***Efésios 5:18-20***

A sugestão dessa passagem é que o povo do Senhor pode ter um grau maior ou menor de plenitude do seu espírito. Para pertencerem a ele, devem ter um pouco do seu espírito, pois "se alguém *não tem* o espírito de Cristo, não é dele". (***Rm 8:9***) Depende em grande parte de nós mesmos, do uso que fazemos dos meios que Deus providenciou, o quanto podemos ser cheios de seu Espírito e de sua disposição, de sua influência — o espírito ou a influência de sua Verdade, que ele revelou com o propósito específico de santificar nossos corações e nossas vidas, e de nos separar daqueles que têm o espírito do mundo.

Nada neste e em textos semelhantes sugere a ideia de um espírito santo pessoal: muito pelo contrário. Se se tratasse de uma pessoa, seria inconsistente exortar o destinatário a um enchimento maior ou menor. Somente a pessoa que pudesse entrar teria relação com o enchimento; se ela for grande, encherá mais; se for pequena, encherá menos. O espírito santo concebido como uma pessoa, parte de uma trindade de Deuses, igual ao Altíssimo, não poderia ser suposto entrar no pequeno espaço de um homem imperfeito e, mesmo assim, nem mesmo preencher aquele pequeno coração. Mas, quando se compreende a concepção correta do poder e da influência divinos, a exortação do apóstolo torna-se totalmente

[E245]
razoável. Devemos continuar buscando ser preenchidos com a mente ou disposição sagrada de nosso Deus, tão belamente exemplificada na pessoa e na obediência de nosso querido redentor, seu Filho Unigênito.

E essa ideia de sermos *cheios* do espírito santo está em harmonia com a sugestão do Apóstolo em outro trecho, de que nossos corpos mortais são como vasos com vazamentos, rachados e danificados, que Deus permite que sejam cheios do seu espírito santo. A sugestão do Apóstolo é que, tendo em vista o que sabemos sobre nossas próprias imperfeições e nossa propensão a deixar escapar de nós a influência sagrada, inspirada por Deus por meio do evangelho, devemos prestar atenção ainda mais sincera para não deixarmos essas coisas escaparem de nós, pois "temos esse tesouro [o espírito santo, a mente renovada em harmonia com Deus] em vasos de barro". (***Hb 2:1***; ***2 Co 4:7***) Cabe a todos os que desejam seguir os passos de nosso mestre, que desejam participar dos sofrimentos de Cristo e da glória que se seguirá, buscar, à maneira do Senhor, ser *cheios do seu espírito*. Para isso, precisamos permanecer próximos ao Senhor e aos demais membros de seu corpo — próximos em solidariedade, em amor, em cooperação; e precisamos também permanecer próximos à Palavra, que é a fonte da influência santificadora para toda a Igreja. "Santifica-os na tua verdade; a tua Palavra é a verdade."

É em vão que buscamos ser cheios do espírito santo se não dermos atenção ao arranjo divino providenciado exatamente para esse propósito. Se negligenciarmos a Palavra de Deus, estaremos negligenciando esse poder santificador; se negligenciarmos a oração, estaremos negligenciando outro privilégio e a ajuda que ela traz. Se negligenciarmos nos reunir com aqueles que são o povo do Senhor e nos quais vemos o "selo" desse espírito, deixaremos de obter os benefícios e auxílios que "cada articulação fornece" — incluindo os auxílios que Deus prometeu à Igreja como um todo, por meio de vários membros que Ele coloca no corpo para a exposição de Sua Palavra e a obtenção, a partir dela, de seu poder santificador ou espírito. ***1 Cor. 12:25-28***; ***Ef. 4:16***

[E246]

A exortação, portanto, "Sede cheios do espírito", implica muito: implica que devemos fazer uso dos diversos arranjos e provisões que o Senhor fez para o nosso desenvolvimento espiritual. Embora não possamos ter contato pessoal com o Senhor, podemos ter comunhão por meio da oração, dos membros do seu corpo e das Escrituras. Embora não possamos ter contato real com os apóstolos, podemos ter contato com suas palavras. Se não podemos ter contato real e comunhão pessoal com os membros da Igreja, podemos manter contato com eles por meio do correio e da palavra impressa. Se desejamos ser *cheios* do espírito do Senhor, devemos obedecer a essas Suas instruções.

O Selo do Espírito

"Em quem [Cristo] também vocês creram, depois de terem ouvido a palavra da Verdade, o evangelho da sua salvação; em quem também, depois de terem crido, foram *selados* com o espírito santo da promessa, que é o penhor da nossa herança." ***Ef 1,13-14***

Nos tempos antigos, os selos eram usados para diversos fins. (1) Como um selo ou assinatura, uma marca de atestado ou reconhecimento. (2) Para manter em segredo, para proteger contra invasões — como em ***Mt 27,66***; ***Ap 10,4; 20,3***.

É no primeiro desses sentidos que se diz que o povo do Senhor foi "selado com o espírito santo da promessa". O apóstolo não diz, como alguns parecem supor, que fomos selados pelo espírito santo como uma pessoa, a chamada terceira pessoa de uma trindade de Deuses coiguais: ele declara que fomos selados *"com* o espírito santo *da* promessa"; um pensamento bem diferente, como todos perceberão. O espírito santo provém do Pai: ele realiza o selamento por meio de Cristo *com* o espírito santo, que é, em si mesmo, o *selo*. Isso é atestado pelo apóstolo (***Atos 2:33***) e está em plena concordância com o relato a respeito de nosso Senhor Jesus, que foi o primeiro da casa dos filhos a ser assim selado. Lemos: "A ele Deus, o Pai, selou" — *com* o espírito santo. ***João 6:27***

[E247]

A expressão "Espírito *da* promessa", assim como outros termos usados em referência à santa influência de Deus, tais como o "Espírito de santidade" e "o Espírito da Verdade", é descritiva: ela mostra que há uma conexão entre esse selamento e a *promessa* que Deus nos deu. É uma evidência ou atestado antecipado da aliança de Deus com o "selado", de que "as promessas grandíssimas e preciosas" das "coisas que Deus reservou para aqueles que o amam [supremamente]" são verdadeiras; e de que ele herdará essas bênçãos prometidas depois de ter suportado fielmente as *provações* de seu amor e devoção que Deus lhe aplicará.

O apóstolo se refere a esse mesmo selamento mais adiante na mesma epístola e, ali, identifica a "promessa" com o "dia da libertação". (***Ef 4:30***) Em outras palavras, então, o selo do espírito da promessa até o dia da libertação não passa de outra forma de expressar o pensamento — nós (a Igreja) "temos a *primícia* do espírito" — o adiantamento, por assim dizer, que sela o contrato ou a aliança entre o Senhor e nós, e nos assegura que, se não desfalecermos, herdaremos a promessa em sua plenitude.

Esse selo da relação de aliança, de filiação e herança, não é um sinal externo em nossas testas; nem é uma marca ou manifestação do favor de Deus nos assuntos terrenos, na prosperidade mundana; nem é agora, nem jamais foi, os "dons" de cura ou de falar em línguas, etc., pois muitos que possuíam esses "dons" milagrosos careciam do selo e do testemunho do espírito. ***Atos 8:13-23***; ***1 Coríntios 13:1-3***

O selo ou garantia do espírito santo está no coração daquele que é selado e, por isso, ninguém o conhece, a não ser aquele que o recebe (***Apocalipse 2:17***), a menos que outros possam ver os frutos disso em sua vida cotidiana. "Aquele que nos confirma com vocês em Cristo e nos ungiu é Deus; o qual também nos selou e deu a garantia do espírito em nossos corações." ***2 Coríntios 1:21,22***

Essa garantia ou selo de filiação é o espírito de amor que está em união com o Pai e com todos os seus santos desígnios, clamando: "Abba, Pai; delicio-me em fazer a tua vontade, ó meu

[E248]
Deus. Aquele que possui esse selo ou marca de filiação é aquele que não apenas busca fazer a vontade do Pai, mas, ao fazê-la, descobre que ela "não é pesada", mas sim agradável. ***1º João 5:3***

O espírito de adoção ou selamento como filhos, a posse das primícias ou do penhor da herança vindoura, é, portanto, um dos "testemunhos" mais avançados do espírito — a verdadeira essência das experiências cristãs na vida presente. Antes de alcançarmos esse estágio de experiência, devemos receber nossa parte da *unção* ao entrarmos no corpo ungido de Cristo, a Igreja, ao sermos *gerados* pelo Espírito da Verdade para a santificação de nossos espíritos, a fim de conhecer e cumprir a vontade do Senhor. Essa experiência surge depois que fomos *vivificados* pelo espírito para o serviço da justiça: é uma evidência, por assim dizer, de que passamos da condição embrionária para uma em que Deus pode nos considerar filhos e nos selar como tal.

Assim como todos os crentes devem buscar estar sob a unção e a influência geradora do espírito santo de Deus, o espírito da verdade — assim também todos aqueles que foram gerados pelo espírito para a filiação devem buscar alcançar aquela posição de plena harmonia com o Pai, que Ele possa reconhecer e selar. E, tendo alcançado essa posição, que todos tenham o cuidado de não manchar ou obscurecer o selo — de não apagar ou extinguir esse tesouro precioso — de não transformar esse espírito de amor e alegria no espírito santo de comunhão e união em um espírito de peso, trevas e tristeza. Não estragar esse selo, mas mantê-lo sempre brilhante e renovado, deve ser o esforço constante de todos os que o recebem.

ESTUDO X
O ESPÍRITO DE UMA MENTE SÃ

O Espírito de Deus em Seu povo expulsa o espírito do medo — A humanidade em geral é mental e fisicamente desequilibrada — O sentido em que o espírito santo é o espírito de uma mente sã — As operações que produzem esse resultado — As evidências do espírito de uma mente sã.

"Deus não nos deu o espírito de temor, mas de poder, de amor e de uma mente sã." ***2 Tim. 1:7***

POR TODAS as leis da linguagem, o espírito de temor é aqui colocado em contraste com outro espírito. Se o Espírito de amor, poder e de uma mente sã for uma pessoa, ou três pessoas, então, por toda a lógica, o espírito de temor deveria ser considerado outra pessoa. A falácia de tal argumento é tão evidente que nada mais é necessário do que uma mera afirmação para refutá-lo.

Na medida em que o povo do Senhor é preenchido com seu espírito santo ou influência, e é cada vez mais expandido e ampliado por ele, menos do espírito de temor possui. O espírito de temor em um cristão é o espírito da dúvida e denota falta de fé, falta do espírito santo. O espírito de medo é uma fonte fértil de mal em questões espirituais, em todos os aspectos do crescimento cristão, individualmente e como Igreja; e também está intimamente ligado à fraqueza física e às incapacidades. O filho de Deus que está cheio do espírito santo é um gigante em comparação com seu próprio eu natural; pois seus medos são subjugados, seu coração está firme, sua fé está

[E250]

enraizada e firmada, e sua alma está ancorada de forma segura e inabalável, por trás do véu. Assim, ele é protegido de ser levado contra as rochas do desastre, quando os ventos tempestuosos das tribulações prevalecem. O espírito santo é, portanto, um poder para aqueles que o possuem, o que muitas vezes causou espanto aos seus inimigos. Não é nossa afirmação que o evangelho de Cristo se apegue aos de mente e corpo fortes e que, portanto, aqueles que são seus sejam fortes; muito pelo contrário, sustentamos, tanto como fato quanto como testemunho bíblico, que o evangelho de Cristo geralmente se apega aos mais fracos, que sentem sua fraqueza e que percebem, mais do que os mais fortes, sua necessidade de ajuda. No entanto, tal é a influência transformadora do espírito santo sobre aqueles que O recebem, que, em sua fraqueza, são fortalecidos. As coisas fracas deste mundo tornam-se poderosas por meio de Deus (por meio do espírito, o poder de Deus) para derrubar as fortalezas do erro e do pecado e para perseverar na boa luta como bons soldados do Senhor Jesus Cristo, para grande surpresa daqueles que, por natureza, são seus superiores. ***1 Cor. 1:27***; ***2 Cor. 10:4***; ***2 Tim. 2:3,4***

Isso era verdade no passado, quando os fracos do mundo abraçaram a causa de Cristo e permaneceram firmes até o fim da vida, como mártires, suportando inabalavelmente provações e dificuldades diante das quais os mais fortes do mundo se acovardavam. E o mesmo ainda se aplica a essa mesma classe, pois, embora as características específicas da perseguição tenham mudado muito, ainda assim é necessário "suportar as dificuldades como bons soldados" e "dar a vida pelos irmãos"; e as coisas fracas do mundo, sim, aquelas que são nada, que Deus escolheu, ainda estão confundindo a sabedoria e o poder deste mundo. ***1 Cor. 1:27,28***

Esse espírito de Deus em nós não é apenas um espírito de poder, mas um espírito de amor, diz o Apóstolo. O amor aqui mencionado não é o amor natural que, em certa medida, toda a humanidade possui, e até mesmo os animais — em grande parte, um espírito de egoísmo. Naqueles que recebem o espírito santo do amor, esse amor natural deve se intensificar, ampliar-se,

[E251]
aprofundado e deve, cada vez mais, perder suas características egoístas, tornando-se um amor generoso, um amor abnegado, baseado não no egoísmo, mas nos princípios da justiça, da verdade, da bondade e, em geral, na posse do espírito e da disposição de Deus. E esse espírito de amor deve continuar, aumentando e abundando cada vez mais, até que o que é perfeito chegue e o que é em parte seja abolido. ***1 Coríntios 13:10***

Não há manifestação mais maravilhosa do espírito santo no povo do Senhor do que aquela que o apóstolo, em nosso texto, denomina "o espírito de uma mente sã". O povo do Senhor, por natureza, não é mais são de mente do que as pessoas do mundo. Muito pelo contrário. Como já vimos, a tendência do evangelho é atrair os mais imperfeitos, que reconhecem sua própria impotência e sua necessidade de graça e força do alto, em vez de influenciar aqueles que têm mentes mais fortes e sãs — os quais, comparando-se aos outros, possuem um espírito ou mentalidade presunçosa e hipócrita.

Mas sempre que a Verdade é recebida em corações bons e honestos e produz seus frutos legítimos, e o povo do Senhor se torna participante do espírito santo — sejam naturalmente fortes ou fracos —, eles, assim, obtêm o "espírito de uma mente sã": seus julgamentos tornam-se mais claros, mais verdadeiros e mais confiáveis do que antes; porque têm em mente, antes de tudo, como orientações explícitas da Palavra do Senhor a respeito do que devem fazer e do que não devem fazer — orientações que abrangem quase todos os aspectos e objetivos da vida. Aqueles que aceitaram o Senhor como seu instrutor e mestre, e que possuem o espírito de obediência à vontade do Pai, têm o "Espírito de uma mente sã", pois não confiam meramente em seu próprio julgamento, nem apenas em seu próprio entendimento, mas, pela obediência às orientações do Senhor, são preservados nas vicissitudes da vida das armadilhas e dificuldades que se abatem sobre aqueles que não têm a orientação e a direção da sabedoria supra-humana.

Como resultado da queda de nossa raça no pecado e de sua

[E252]
condenação, a morte, o mundo inteiro está doente, tanto mental quanto fisicamente — mas em graus variados, de acordo com as circunstâncias e a hereditariedade. Assim como alguns são fisicamente menos saudáveis do que outros, também alguns são mentalmente menos saudáveis do que outros; no entanto, todos estão doentes, como declaram as Escrituras: "Não há ninguém justo [perfeito, saudável, seja na mente ou no corpo], nem mesmo um." (***Rom. 3:10***) Figurativamente, todos estão cobertos de feridas, contusões e úlceras em decomposição — mentais e físicas. (***Isa. 1:5,6***) A maldição do pecado lançou sua mão pesada sobre o homem inteiro — mente e corpo.

É um fato amplamente reconhecido que o sofrimento em um membro do corpo causa mal-estar a todo o corpo, incluindo a mente. A mente não poderia estar perfeitamente sã enquanto for sustentada e nutrida por um corpo doente. O estômago perturbado de um dispéptico tem um efeito direto sobre sua mente, assim como sobre todo o seu sistema físico. A pessoa cujos pulmões estão doentes não pode evitar um grau correspondente de comprometimento mental; da mesma forma, quando outros órgãos — o coração, o fígado, os rins — estão doentes e desempenham suas funções de maneira imperfeita, o efeito é, sem dúvida, sangue desequilibrado e um sistema nervoso desequilibrado, cujo centro é o cérebro. Da mesma forma, o cérebro que é atormentado pela dor, mal nutrido devido à desnutrição ou febril devido à falha na ação dos órgãos secretores, certamente terá todas as suas diversas funções prejudicadas: ele não consegue pensar e raciocinar de forma tão correta e lógica quanto se estivesse em perfeitas condições. Os distúrbios mentais são tão comuns que a palavra "distúrbio" só é aplicada em casos bastante extremos de desequilíbrio e instabilidade acima da média. Mas ninguém com bom senso e experiência questionará essas conclusões.

Surge a pergunta: como ou de que maneira a concessão do espírito santo ao cristão serve para restaurar seu julgamento e se tornar para ele o espírito de uma mente sã? Respondemos que a mente divina é perfeita, "sã" e, consequentemente, na medida em que os cristãos forem capazes de deixar de lado suas próprias mentes ou julgamentos, em qualquer ou em todas as questões,

[E253]
e aceitar, em vez disso, a mente, a vontade e o julgamento divinos para o controle de suas vidas, nessa mesma medida terão o *espírito* ou a disposição de uma mente sã — a mente de Deus. Não queremos dizer com isso que o cérebro dos cristãos sofra uma mudança ou uma inversão da ordem natural em seu funcionamento, mas que, sob a orientação do espírito santo, o espírito da verdade, eles aprendam gradualmente a *corrigir os erros* de seus próprios julgamentos em relação a todas as diversas questões que lhes são apresentadas, a fim de se harmonizarem com o ensino do espírito santo por meio da Palavra de Deus. Para ilustrar: suponhamos que tivéssemos um relógio, um relógio impreciso e sem meios de ajuste; suponhamos também que tivéssemos acesso frequente a um cronômetro de precisão absoluta, que nos mostrasse que nosso relógio atrasava trinta minutos a cada vinte e quatro horas; aprenderíamos a corrigi-lo, reajustando-o a cada vinte e quatro horas. Além disso, aprenderíamos também a estimar seu erro em qualquer momento do dia. O mesmo ocorre com nossos julgamentos e com as diversas questões e assuntos da vida: quando os medimos com o padrão perfeito, descobrimos que somos muito rápidos ou muito lentos, muito fracos ou muito fortes em nossas emoções mentais e físicas. E embora sejamos totalmente incapazes de alterar nossos métodos de pensamento e ação de modo a torná-los perfeitos e em plena harmonia com os de nosso Senhor Jesus, nosso padrão, somos, no entanto, capazes de regular nossos pensamentos e nossos julgamentos de acordo com o padrão que está diante de nossas mentes, de uma maneira e em um grau que aqueles que não possuem esse padrão perfeito, ou que não buscam ser regulados por ele, não apreciarão nem serão capazes de imitar.

Quem nunca percebeu em seus amigos e vizinhos (assim como em si mesmo) evidências abundantes de tal desequilíbrio mental que os torna incapazes de administrar seus próprios assuntos de maneira credível e que, no entanto, causam grande incômodo com suas tentativas de administrar os assuntos alheios? Por presunção, eles julgam os outros, são fofoqueiros intrometidos nos assuntos alheios, embora demonstrem total incapacidade para administrar seus próprios assuntos. Não é essa uma evidência

[E254]
de mente perturbada — um grau de insanidade? Não constatamos que o mesmo princípio, levado a um extremo ainda maior, é perceptível nos casos de todos aqueles cujo julgamento é tão distorcido que se veem obrigados a ser internados em um manicômio? Sem dúvida, a presunção, a necessidade de aprovação e o medo são as bases dos distúrbios mentais na maioria dos que estão internados em manicômios — sendo que muitos dos demais sofrem de obsessão demoníaca. Se entrarmos em um manicômio, encontraremos alguns dos internos sofrendo com a ilusão de que são muito ricos, ou de que são reis, rainhas, nobres ou príncipes, e, consequentemente, cheios de orgulho e suscetibilidade, e facilmente ofendidos. Outros sofreram injustiças imaginárias e acreditam que não são suficientemente valorizados, e que seus amigos estão tentando afastá-los, por medo de sua influência, ou para esconder suas habilidades, ou para impedi-los de conquistar uma fortuna. Outros, por medo, imaginam que todos estão tentando matá-los, que o mundo inteiro está louco e que somente eles são sensatos; ou que Deus está contra eles e que seu destino é o tormento eterno, porque cometeram pecados imperdoáveis, etc.

Todas essas não passam de *extremos* de condições e características mentais que o observador pode perceber ao seu redor todos os dias, em todas as esferas da vida. A tendência do mundo e o espírito do mundo, com suas ambições e orgulho, suas superstições, erros e medos, tendem a intensificar essas condições naturais; e, como resultado, constatamos que a insanidade, em sua forma extrema, está aumentando rapidamente em todo o mundo civilizado.

O que essas pessoas precisam — o que nós e toda a humanidade precisamos — são mentes sãs: mas o tempo para a cura geral das doenças mentais e físicas do mundo pelas mãos do Grande Médico é a Era Milenar, quando for plenamente introduzida; porém, essa era não pode ser introduzida, e seu alívio e bênção não podem vir, até que chegue o tempo devido. Entretanto, porém, a Igreja do Evangelho, que foi chamada para fora, recebe, por meio de seu Senhor e de sua Palavra, o espírito santo — o espírito de *sua*

[E255]
mente sã, que é a mesma que a mente ou o espírito do Pai. E, na medida em que cada membro utilizar seus privilégios nesse sentido, ele receberá ajuda para superar as dificuldades mentais e físicas naturais que nos afligem em comum com toda a humanidade. A Palavra do Senhor, por meio do Apóstolo, nos orienta assim: "Digo... a cada um de vós que não pense de si mesmo mais do que deve pensar; mas que pense com moderação [não segundo a carne, mas segundo sua nova natureza], conforme Deus repartiu a cada um a medida da fé." (***Rom. 12:3***) Para muitos, é uma tarefa para toda a vida vencer a autoestima excessiva e alcançar o espírito de uma mente sã no que diz respeito aos próprios talentos; mas eles são auxiliados nessa obra de corrigir seu orgulho pelas palavras do mestre, que dizem: "Bem-aventurados os mansos, pois eles herdarão a terra." Eles também são auxiliados pelas palavras do Apóstolo, que declaram que "Deus resiste aos orgulhosos, mas dá graça [favor] aos humildes". "Humilhai-vos, pois, sob a poderosa mão de Deus, para que ele vos exalte no tempo oportuno." ***Mt 5,5***; ***Tg 4,6***; ***1 Pe 5,5-6***

Mas, na verdade, Deus não escolheu muitos grandes, nem muitos sábios, segundo os padrões deste mundo e segundo a própria avaliação que fazem de sua sabedoria; mas, ao contrário, escolheu os pobres deste mundo, ricos em fé — que não confiam em sua própria sabedoria, nem em sua própria justiça, mas aceitam Cristo como sua sabedoria, sua justificação, seu tudo.

Da mesma forma, também aqueles que têm o "espírito de temor" são ajudados a combatê-lo pelo "Espírito da verdade", o "Espírito do amor", se o receberem — pois "o amor perfeito expulsa o temor". (***1º João 4:18***) À medida que aprendem a conhecer a Deus por meio de Sua Palavra e do plano gracioso das eras nela exposto, isso remove de suas mentes o grande pesadelo do medo e do pavor que atormenta tantos. Em vez do medo, lhes dá esperança
— uma esperança que não envergonha, porque o amor de Deus é derramado em seus corações por meio do espírito santo — o espírito de uma mente sã.

Assim também aqueles que são humildes demais (que carecem demais de autoconfiança

[E256]
confiança) para jamais realizarem algo na vida, são encorajados, edificados e tornados úteis a si mesmos e aos outros, pelo mesmo espírito da verdade que repreende e corrige aqueles que são excessivamente confiantes, assertivos, autoconscientes e presunçosos. Os primeiros são encorajados pelas garantias da ajuda de Deus; os segundos são contidos, moderados, submetidos e ensinados o que agrada a Deus e é útil para si mesmos: como diz o Apóstolo: "Se alguém [com confiança] pensa que sabe alguma coisa [por sua própria sabedoria], ainda nada sabe como deveria saber." (***1 Cor. 8:2***) Mas as transformações de caráter, lembremos, não vêm de dizer: "Senhor, Senhor", nem de possuir uma Bíblia; nem de se filiar a uma organização humana chamada igreja; mas de se unir a Cristo e receber dele o espírito de sua Palavra, o espírito da verdade, o espírito da santidade, o espírito de uma mente sã — seu espírito santo e o do Pai.

O homem que, pela graça de Deus e por sua própria aceitação dessa graça, passou a possuir o espírito de uma mente sã, tem grande vantagem em todos os aspectos sobre o restante da humanidade; pois o espírito de uma mente sã é um espírito de sabedoria. Tal pessoa valoriza com mais precisão do que os outros as coisas desta vida — riqueza, fama, posição social, etc. A partir de seu novo ponto de vista, ele percebe aspectos relacionados a tudo isso que os outros não notam. Sua mente, instruída pela Palavra do Senhor, percebe que, mesmo que acumulasse toda a riqueza do mundo, ele não poderia levar nada disso consigo quando morresse. Ele vê que a fama é algo muito vazio e muito passageiro, e que, na agitação da vida, os mortos são logo esquecidos. Ele percebe que a sociedade é superficial, e que suas demonstrações de estima, etc., costumam ser insinceras, e que seu entusiasmo se esvai com a morte — se não antes, em um desastre financeiro. Eles percebem, na linguagem do mundo, que — "O jogo [de azar pela fama, riqueza e prazer terrenos] não compensa o esforço". E, de fato, do ponto de vista do homem e da mulher comuns do mundo, a vida não passa de um

[E257]
jogo de cartas — insatisfatório em seus resultados, pois, mesmo para os mais bem-sucedidos, significa comparativamente nada no final.

Por outro lado, os filhos de Deus, agora gerados pelo espírito santo para o "alto chamado" da era evangélica, têm algo oferecido a eles que afasta suas mentes das futilidades e ilusões que cativam e muitas vezes enlouquecem as mentes da humanidade em geral. As suas são alegrias mais elevadas, ambições mais elevadas — por uma posição social mais elevada, por maiores riquezas e por um Reino — por riquezas celestiais e um Reino celestial e eterno. As ambições inspiradas por essas promessas celestiais são ambições *sagradas*, cheias de misericórdia e bons frutos, e funcionam segundo os princípios do amor, enquanto as ambições terrenas funcionam segundo os princípios do egoísmo.

O homem ou a mulher cujo objetivo se eleva acima desses brinquedos, vaidades e ambições terrenas, e se volta para o celestial, certamente tem oportunidades muito melhores de exercer um julgamento sensato em relação a todos os assuntos desta vida presente — porque os encara de um ponto de vista comparativamente desinteressado. Ele está no mundo e é obrigado a viver; para isso, deve prover o que é necessário, decente e honesto aos olhos de todos os homens; mas, estando livre de ambições desmedidas em relação às coisas mundanas, ele fica proporcionalmente aliviado da pressão da avareza, da cobiça, do orgulho etc., e mais apto a pensar e agir com justiça, bem como a demonstrar simpatia benevolente para com todos. Esse espírito de uma mente sã, ou melhor, o bom senso do cristão experiente, não é considerado uma correção ou reparação de sua mente terrena ou carnal, mas uma *nova* mente ou disposição, gerada nele do alto pelas promessas extremamente grandes e preciosas da Palavra do Senhor. (***2 Pe. 1:4***) Ele é, assim, auxiliado em virtude de sua nova disposição, o espírito ou disposição de uma mente sã, o espírito santo do Senhor. E sua mente será sã na medida em que ele receber e for preenchido com o espírito santo. E isso ocorrerá

[E258]
rápido ou lento na medida em que seu amor pelo Senhor e Sua justiça for fervoroso ou frio.

Foi o mestre quem perguntou: "Pois o que um homem trocará por sua alma [seu ser — sua existência]?" (***Mateus 16:26***) Um homem com uma mente sã não trocaria a coisa mais valiosa que possui (seu ser) por nada — riqueza, fama ou cargo. E na medida em que alguém receber o espírito de uma mente sã, essa será sua avaliação. Pelo contrário, vemos o mundo de hoje fazendo o oposto e, assim, comprovando sua insanidade mental. Aqueles que são conhecidos como os homens mais sábios do mundo estão dedicando seu trabalho àquilo que não satisfaz — ao acúmulo de riqueza; à luta por honra, posição social e promoção; à ostentação vaidosa e aos prazeres do pecado. Mesmo que não houvesse vida futura, todos os que possuem o espírito de uma mente sã podem perceber que tais condutas são imprudentes; pois a maioria passa a vida presente se preparando para o prazer e, então, deita-se na morte, percebendo que não obteve o que buscava — e que a riqueza ou a fama que deixam para trás logo se dispersarão ou, se não se dispersarem, permanecerão como um monumento de sua tolice, avareza e desequilíbrio mental.

A vida do mundo, desprovida de objetivos e ambições razoáveis, é o que o Apóstolo chama de "vossa *vã* [infructuosa] conduta [vida], herdada por costume de vossos pais" (***1 Pe. 1:18***). O costume de se empenhar por objetivos indignos é hereditário; os homens não param para refletir sobre o assunto, mas simplesmente seguem os caminhos trilhados por seus pais. Mas o apóstolo ressalta que nossa mudança de rumo se deve ao fato de termos aprendido que fomos *redimidos* pelo precioso sangue de Cristo. Descobrimos, por meio da Palavra da graça, que o curso do mundo é vão e que todos seguem esse curso vão por causa da depravação — a desorientação da mente causada pela queda — e, tendo tomado conhecimento da grande redenção,

[E259]
consagramos de bom grado àquele que nos redimiu e recebemos do seu espírito — o espírito de uma mente sã.

Quando a vida presente é vista do ponto de vista do espírito santo, apresentado na Palavra Sagrada, percebe-se que ela não passa de um período de aprendizado, uma preparação para uma vida futura, para todos os que enxergam esse prêmio e ouvem o "chamado". No entanto, somente aqueles cujos olhos estão abertos e que enxergam de *dentro* podem perceber quão imprudente é o caminho da maioria, que, longe de refrear suas próprias propensões egoístas e de cultivar os elementos mais nobres e verdadeiros de sua natureza caída, em muitos casos está minando o caráter e deixando o mundo, ao morrer, com um caráter mais fraco do que quando nasceram nele, muitas vezes deixando também um legado de fraqueza para seus descendentes.

Por outro lado, embora a Palavra de Deus e o espírito santo dessa Palavra refreiem nossas ambições por riquezas terrenas e nos assegurem que o "amor ao dinheiro é a raiz de todo o mal" (***1 Tim. 6:10***), eles nos protegem do extremo oposto da preguiça e da indolência — instruindo que cada um deve prover o que é honesto aos olhos de todos os homens e, especialmente, para as necessidades de sua própria família. Eles nos exortam a "não sermos preguiçosos no trabalho, mas fervorosos no espírito, servindo ao Senhor" (***Rm 12,11***). Assim, aqueles que têm o Espírito do Senhor estão protegidos contra a insensatez daqueles que passam a vida como o "vassourão de lixo" de Bunyan, acumulando para si tesouros sem valor real; eles também estão protegidos contra a insalubridade da indolência e são exortados a serem enérgicos em todos os bons serviços, que serão úteis à humanidade e que encontrarão a aprovação divina, sendo aceitos como um serviço "prestado ao Senhor", o qual terá sua recompensa abundante na vida eterna.

O espírito de uma mente sã vê na vida presente oportunidades para alcançar riquezas de caráter, riquezas de graça e para acumular tesouros que nem

[E260]
a traça nem a ferrugem consumirão, mas que serão duradouras — alegrias eternas. Não que o espírito de uma mente sã nos leve a viver no futuro, negligenciando o presente; ao contrário, ele nos faz viver sabiamente no presente, mantendo o futuro em memória.

O espírito de uma mente sã amplia e aprofunda o caráter em todas as suas vertentes positivas; ele não apenas ajuda seu portador a ter uma visão correta de si mesmo, mas também a ter uma visão correta de seus semelhantes em situação de degradação, e amplia sua capacidade de compaixão. Ele percebe o comprometimento de sua própria mente e corpo em decorrência da queda, e sua própria necessidade de misericórdia e correção benéfica, bem como o desequilíbrio semelhante de toda a humanidade e a necessidade geral de compaixão e ajuda para a correção. À medida que aprende a corrigir as deficiências e desigualdades de sua própria mente, ele simpatiza ainda mais com aqueles que carecem desse princípio regulador, desse espírito de uma mente sã, e que são impedidos de aceitá-lo devido à oposição do adversário, "o deus deste mundo", que cega as mentes dos que não crêem, para que a gloriosa luz da bondade divina, no rosto de Jesus Cristo, não brilhe em seus corações e lhes traga o espírito de uma mente sã. ***2 Coríntios 4:4***

Na medida em que ele se desenvolve nesse espírito santo de sua adoção, como a "nova criatura em Cristo Jesus", torna-se, por meio de sua ação, gradualmente mais paciente, mais solidário, mais generoso, mais amoroso — mais semelhante a Deus. E essas qualidades benevolentes de caráter afetarão não apenas os atos externos de sua vida, mas também suas palavras e seus pensamentos. Na medida em que o espírito santo reprova uma ação desonrosa ou desonesta, na mesma medida reprova uma palavra desonrosa ou desonesta, seja em relação a um amigo, vizinho ou inimigo; e, da mesma forma, reprova a menor injustiça ou falta de bondade de pensamento para com qualquer um deles.

O espírito de uma mente sã tornará, portanto, de forma gradual, mas segura, o marido um marido melhor, o pai um

[E261]
pai, o filho, um melhor filho, a esposa, uma melhor esposa, a mãe, uma melhor mãe, e a filha, uma melhor filha. Ele fará isso porque a base do pensamento, da palavra e da conduta mudou do egoísmo para o amor. Aquele que possui esse espírito de mente sã, o espírito santo, o espírito de amor, será, na medida em que for adquirindo-o, menos sensível em relação aos seus próprios direitos, privilégios e preferências, e mais atencioso com os direitos, sentimentos e preferências dos outros. A vontade do Senhor deve, é claro, estar em primeiro lugar, mas, em seguida a agradar ao Senhor, ele terá prazer em agradar aos outros com quem possa entrar em contato, especialmente aqueles de sua própria família; e, em harmonia com esse desejo de servir e agradar primeiro ao Senhor, depois à família do Senhor e a todos os homens, conforme tiver oportunidade, seus pensamentos funcionarão, suas palavras serão guiadas e reguladas, e sua conduta se moldará.

Isso não significa que o homem ou a mulher que recebeu o espírito de uma mente sã será, por isso, o melhor marido, a melhor esposa, o melhor irmão, a melhor irmã, o melhor pai, a melhor mãe, em todos os aspectos; porque, como já sugerimos, a missão do evangelho de Cristo, em seu efeito sobre o mundo civilizado, é tomar as coisas humildes deste mundo e as coisas que não têm [valor], e elevá-las na medida em que são consagradas ao Senhor e recebem o espírito de uma mente sã. Pelo contrário, algumas pessoas de origem muito mais nobre, em um plano mais elevado, tendem mais à hipocrisia e a recusar a ajuda que o Senhor oferece. Esses podem ser maridos nobres, esposas nobres, filhos nobres, pais nobres, por serem de nascimento mais nobre, por terem herdado, por meio de pais cristãos, mentes de maior equilíbrio e sabedoria. Mas, a menos que aceitem o Salvador e a oferta da nova mente, certamente degenerarão, e sua bondade, gentileza etc. tornar-se-ão mais uma questão de aparência externa, encobrindo um egoísmo interior, que

[E262]
mais cedo ou mais tarde se manifestará em sua posteridade, levando-a, por sua vez, a um plano inferior.

O pensamento que desejamos transmitir é que, em qualquer nível de decadência mental, imoralidade ou falta de sabedoria que a verdade e a graça de Deus alcancem um homem ou uma mulher, elas o elevarão e o tornarão mais nobre, mais puro, mais bondoso, mais gentil e mais atencioso para com os outros — na medida em que ele ou ela receber essa nova mente, o espírito de uma mente sã.

A falta de equilíbrio da mente humana em geral é ilustrada na questão da propagação imprudente da raça humana. Ela progride quase sem levar em conta as leis da saúde, e quase sem provisão para a sustentação adequada da prole, e em total violação das leis da natureza, reconhecidas na reprodução de animais inferiores, gado, ovelhas, cavalos e cães. Não é de se admirar que o Apóstolo exorte os crentes a exercerem uma mente sã no uso do mais elevado poder natural do homem, a procriação, dizendo: "Maridos, tratem suas esposas com *sabedoria*." (***1 Pe. 3:7***) Se esse conselho fosse seguido, se o espírito de uma mente sã prevalecesse, quanta mais consideração seria demonstrada para com esposas delicadas e sobrecarregadas por maridos que as amam verdadeiramente — tratando-as com sabedoria.

Mas somente os servos e as servas do Senhor receberam até agora o espírito santo de Deus — o espírito de sanidade mental. Graças a Deus, está próximo o tempo em que, por meio dos ministérios desses servos e servas, glorificados e capacitados pelo Rei da glória, todo o mundo será abençoado e o Senhor derramará seu espírito santo, o espírito de sanidade mental, "sobre toda a carne".

[E263]

ESTUDO XI
O ESPÍRITO SANTO DA RECONCILIAÇÃO: OBJEÇÕES SUPOSTAS CONSIDERADAS

Escrituras Aparentemente Contraditórias Examinadas — Não apagueis o espírito — Não entristeçais o espírito santo — O espírito da verdade — O consolador — Cheios do espírito santo — Mentir ao espírito santo
—Tentar o espírito do Senhor — Pecado contra o espírito santo
—"O espírito disse" — "Pareceu bom ao espírito santo" — ""Proibido pelo Espírito Santo" — "O Espírito Santo testifica" — "O Espírito Santo vos constituiu bispos" — O Espírito Santo como mestre — "Uma unção do Santo" — O Espírito intercede com gemidos — Como o Espírito repreende o mundo — "Nisto conhecereis o Espírito de Deus" em contraste com "O Espírito do anticristo".

EM CONSEQUÊNCIA de a tradução das Escrituras ter sido feita por trinitaristas (tanto a Versão Comum quanto a Revisada), muitas passagens receberam um viés ou uma interpretação distorcida que causa uma aparente discordância entre algumas delas e o que vimos anteriormente ser a visão bíblica, bem como a visão razoável, do assunto em discussão— de que o espírito santo do Pai e pelo Filho é, no povo do Senhor, o espírito de reconciliação. Abordaremos, portanto, agora uma variedade de passagens bíblicas — todas aquelas que consideramos suscetíveis de causar confusão na mente de muitos. Vamos examiná-las juntos, com nossos corações totalmente leais à Palavra de Deus e desejosos de sermos guiados pelo Espírito da Verdade; então, passaremos a outras facetas do assunto, que não podem ser bem compreendidas até que essas supostas objeções sejam removidas.

[E264]

“Não extingam o espírito”
1 Tess. 5:19

Apagar significa extinguir, como quando apagamos um fogo ou extinguimos uma luz. A palavra grega aqui traduzida como “apagar” ocorre oito vezes no Novo Testamento e, em todos os outros casos, refere-se a apagar fogo ou luz. Levando esse pensamento em consideração, lembremo-nos de que, por possuirmos o espírito santo ou a mente de Deus, que nos ilumina, somos chamados de “a luz do mundo” (***Mt 5,14***): assim, vemos que o apóstolo quis dizer que, se fôssemos seduzidos à mundanidade pelo espírito do mundo, o efeito seria extinguir ou apagar a luz da mente santa ou do Espírito de Deus em nós, e que brilha de nós para os outros. Em harmonia com isso está a expressão de nosso Senhor: “Se a luz que há em ti se tornar trevas [for extinta], quão grandes serão essas trevas.” ***Mateus 6:23***

“Não entristeçais o espírito santo de Deus, pelo qual fostes selados para o dia da redenção”
Efésios 4:30

Selar significa marcar ou designar. Os filhos deste mundo podem ser distinguidos por certas marcas, e os filhos de Deus, as novas criaturas em Cristo, por outras marcas ou características. A marca de uma classe é o espírito (mente, disposição, vontade) do mundo; na outra classe, o selo ou marca é do Espírito (mente, disposição, vontade) de Deus. A partir do momento da verdadeira consagração a Deus, a evidência, as marcas ou o selamento podem ser observados nas palavras, nos pensamentos e na conduta. Essas marcas tornam-se cada vez mais distintas à medida que a nova mente cresce em graça, conhecimento e amor. Em outras palavras, o Espírito (mente) de Deus torna-se *nossa* mente ou espírito, na medida em que renunciamos à nossa vontade ou espírito humano e nos submetemos em todas as coisas à vontade ou ao Espírito de Deus. Assim, somos exortados a permitir ou *deixar* que a mesma mente

[E265]
esteja em nós, a mesma que também estava em Cristo Jesus, nosso Senhor — uma mente ou disposição para fazer somente a vontade do Pai. Portanto, nossa *nova* mente ou o espírito são santos ou guiados por Deus. No texto em análise, o Apóstolo insiste para que não façamos nada que constitua uma violação de nossa aliança — que não façamos nada que cause tristeza à nossa nova mente ou remorso de consciência por negligência do dever — nada que ferisse nossa consciência, como uma nova criatura em Cristo. Não entristeçam o espírito santo, a mente de Deus, que está em vocês, o qual é o selo de sua filiação divina.

"O espírito da Verdade"

"O espírito da Verdade... não falará por si mesmo, mas tudo o que ouvir, isso falará, e vos anunciará as coisas que hão de vir." ***João 16:13***

Essa passagem bíblica já foi analisada na página 170, mas alguns aspectos adicionais requerem consideração aqui. Os discípulos, como judeus e homens naturais, vinham encarando as coisas de um ponto de vista terreno, esperando uma libertação humana e um reino terreno nas mãos de homens caídos. Nosso Senhor havia falado com eles a respeito do Reino de Deus, mas só agora explicou que precisava morrer, deixá-los e ir para uma terra distante, a fim de receber a autoridade do Reino e retornar para estabelecer seu Reino e glorificar seus fiéis, tornando-os co-herdeiros com ele nesse Reino. (***Lucas 19:12***) Consolando-os, diante da decepção causada por sua declaração, ele lhes assegura que não serão deixados totalmente sozinhos, mas que, assim como o Pai o enviou para realizar uma obra, também, durante sua ausência, o Pai enviaria outro Consolador, em seu nome, ou como seu representante por enquanto. Eles não devem ter a ideia de que o Consolador que virá será outro Messias ou um mestre diferente; por isso ele diz: "Ele não falará por si mesmo"; ele não ensinará de forma independente e em desacordo com o meu ensinamento, que vocês já receberam; "mas tudo o que ele ouvir, isso ele falará".

[E266]

Ou seja, esse Consolador será meramente um canal de comunicação entre o Pai e eu, por um lado, e vocês, meus fiéis seguidores, por outro: o Espírito da Verdade, como meu representante, irá aprofundar e trazer à vossa atenção, de forma mais específica, várias verdades que já vos expus, mas que ainda não estais preparados para compreender claramente — as quais, de fato, não é apropriado que compreendais até que eu tenha pago o vosso resgate, ascendido à presença do Pai e o tenha apresentado diante dele em vosso nome. Então, em harmonia com o plano do Pai, serei capaz, por meio desse Consolador, de comunicar-lhes as coisas espirituais para as quais vocês ainda não estão preparados e às quais, por ainda não terem feito a expiação, vocês não têm direito. E à medida que as coisas futuras se tornarem passíveis de compreensão por parte de vocês, este espírito do Pai, meu espírito, enviado em meu nome e como resultado da minha obra redentora, os guiará passo a passo à plena compreensão de tudo o que for necessário e apropriado para que vocês compreendam — "Ele [o espírito santo, a influência ou o poder do Pai] me glorificará, pois receberá do que é meu e lhes mostrará. Tudo o que o Pai tem é meu [seus planos e os meus estão em perfeita união]; por isso eu disse que ele tomará do que é meu e vos mostrará."

Vocês não devem, portanto, esperar um novo ensinamento que subverta o meu, mas sim um aprofundamento e uma instrução nos moldes do meu ensinamento: pois todos os ensinamentos do Consolador que virá estarão em harmonia com os meus e terão o objetivo de mostrar-lhes mais plenamente que eu sou o Messias. Tampouco precisam duvidar da verdade dos ensinamentos desse Consolador, pois ele é o próprio Espírito da Verdade e procede do Pai. Esse Espírito da Verdade será meu mensageiro para comunicar-lhes minhas doutrinas e lhes mostrará as coisas que estão por vir. ***João 16:13***

E assim tem sido: o espírito da Verdade tem revelado à Igreja, ao longo da era evangélica, cada vez mais a respeito dos sofrimentos de Cristo e da necessidade de cada membro de seu "corpo" compartilhá-los, bem como o caminho que devemos seguir ao seguir nosso redentor

[E267]
e Senhor: mostrando-nos também a magnitude da glória de sua recompensa e nosso privilégio de nos tornarmos "herdeiros de Deus, co-herdeiros com Jesus Cristo, nosso Senhor, desde que soframos com ele, para que também sejamos glorificados juntamente com ele". Jeová, o Pai de todos, é o Autor de toda essa verdade e, portanto, tudo o que recebemos ao longo desta era provém dele, de quem vem todo bem e toda dádiva perfeita. Ele enviou tudo isso por meio de canais há muito preparados — por meio dos ensinamentos proféticos e típicos do passado, revelados a nós pelas palavras inspiradas de nosso Senhor Jesus e de seus apóstolos inspirados; e, ao recebermos o espírito santo em nossos corações e ao conduzirmos nossa vida em harmonia com a Palavra e o plano do Pai, somos capacitados a apreciar as coisas que Deus reservou para aqueles que o amam e a andar pela fé e não pela visão.

"Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome"
—João 14:26—

Já examinamos essa palavra enganosa "o fantasma" (página 169), mas agora observamos a afirmação de que o espírito santo será enviado pelo Pai, o que indica que se trata de uma influência ou poder totalmente sob o controle do Pai; e não de outro ser igual em poder e glória, como os credos dos homens afirmam falsamente. Todos os poderes de Deus estão plenamente sob seu próprio controle, assim como nossos poderes estão sob nosso controle; daí a declaração de que o Pai *enviaria* seu espírito ou, como o profeta expressou: "Porei o meu espírito dentro de ti". Além disso, afirma-se que o espírito santo foi enviado em *nome* de Jesus — assim como um servo é enviado em nome de seu mestre e não em seu próprio nome. Aqui temos outra contradição da teoria não bíblica de três Deuses de igual poder e glória. Aqui a superioridade do Pai é claramente afirmada: o espírito santo é o espírito, o poder e a influência do Pai, enviado a pedido e em nome de nosso redentor, Jesus. Por que em nome de Jesus? Porque

[E268]
toda a obra de redenção e restauração dos pecadores, toda a obra da expiação, foi confiada ao Filho, e o espírito santo do Pai é o canal pelo qual o Filho funciona ao conferir as bênçãos adquiridas por seu precioso sangue.

Quando o espírito santo do Pai desceu sobre nosso Senhor Jesus em seu batismo e na consagração, foi de fato um consolo, uma grande bênção, mas, mesmo assim, significou para ele o sacrifício de todos os objetivos e esperanças terrenas na execução do plano divino. Se nosso Senhor tivesse uma disposição diferente, teimosa e egoísta, a orientação do espírito santo, em vez de ser reconfortante para ele, teria sido inquietante; seu coração estaria cheio de insatisfação, descontentamento e rebelião. E assim acontece com o povo do Senhor: quanto mais o homem natural consegue discernir da mente do Senhor, mais infeliz e desconfortável ele se torna, porque isso entra em conflito com seu espírito, mente ou vontade, e o repreende. Mas a "nova criatura em Cristo", cuja própria vontade está morta e que busca conhecer a vontade do Pai e cumpri-la — para ela, a compreensão clara da vontade e do plano do Pai e a orientação da providência divina, em conexão com a instrução da Palavra divina, são de fato reconfortantes — trazendo paz, alegria e satisfação, mesmo em meio a tribulações e perseguições. Em harmonia com esse pensamento está a declaração do Apóstolo a respeito da Palavra da verdade, cujo espírito deve ser recebido e apreciado para que traga consolo. Ele diz: "Tudo o que foi escrito antigamente foi escrito para nossa admoestação, a fim de que, pela paciência e pelo consolo das Escrituras, tenhamos esperança." ***Rom. 15:4***

"Cheios do Espírito Santo"

"Todos ficaram cheios do espírito santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o espírito lhes concedia que falassem." ***Atos 2:4***

Este texto descreve uma dupla ação do espírito santo:

(1) Era a mente, a disposição, o espírito de Deus, funcionando *em*

[E269]
os discípulos, como o espírito de adoção, levando seus corações a uma proximidade de compaixão e contato com o Pai e com o redentor glorificado. (2) O espírito santo de Deus, ou seu poder ou influência, agiu também *sobre* eles, conferindo dons milagrosos especiais para servir de testemunho ao mundo e para o estabelecimento da Igreja. Embora fosse extremamente irracional pensar em um Deus entrando pessoalmente em um único homem, e ainda mais irracional pensar em Deus entrando pessoalmente em cem, mil ou um milhão de homens, não há a menor irracionalidade na ideia de que o poder do Altíssimo, o poder e a influência de Jeová, pudessem estar em e sobre centenas, milhares ou milhões sem, de forma alguma, interferir na presença pessoal de Jeová no trono do universo.

Mentindo ao espírito santo

"Pedro disse: 'Ananias, por que Satanás encheu o teu coração, a ponto de mentires ao espírito santo e retiveres parte do valor do terreno?'" ***Atos 5:3***

Satanás encheu o coração de Ananias da mesma maneira que Deus enche os corações de seu povo — por meio do seu espírito, de sua influência. O Espírito de Satanás é de cobiça e egoísmo, que não hesita em recorrer ao engano para alcançar seus fins. Pedro, que havia recebido um "dom especial de discernimento dos espíritos", era capaz de ler o coração, de ler a mente e, assim, pôde perceber que Ananias e Safira estavam agindo desonestamente, fingindo fazer o que, na verdade, não estavam fazendo. Nesse contexto, nota-se que o apóstolo usa as palavras "Deus" e "o espírito santo" de forma intercambiável, dizendo, no versículo 3, que eles mentiram ao espírito santo, e, no versículo 4, que mentiram a Deus. O pensamento é o mesmo. O espírito santo de Deus, agindo por meio dos apóstolos, era o representante de Deus, de forma muito enfática; e, consequentemente, ao mentirem para os apóstolos que representavam Deus e seu espírito santo, Ananias e Safira estavam mentindo para Deus, mentindo para o espírito santo de Deus, cujo agente e representante era Pedro.

[E270]

Tentando o espírito santo

"Então Pedro disse a ela [Safira]: 'Como é que vocês combinaram entre si para tentar o espírito do Senhor?'" ***Atos 5:9***

Isso deve ser entendido da mesma forma que o anterior, mas o mesmo espírito é aqui referido como sendo "o espírito do Senhor", com o que o apóstolo provavelmente se referia a Jesus. Podemos ver facilmente a razoabilidade disso também. O espírito do Pai, o espírito santo, estava especialmente na Igreja, como representante do Senhor ou Cabeça da Igreja — funcionando por meio da mente de seu "corpo" —, neste caso, seu apóstolo inspirado e movido pelo espírito.

O Pecado Contra o Espírito Santo

"Quem falar contra o espírito santo, não lhe será perdoado, nem neste mundo, nem no mundo vindouro." ***Mt 12,32***

A conclusão geralmente tirada dessa afirmação por aqueles que consideram o espírito santo um Deus pessoal, separado e distinto do Pai e do Filho, é que o espírito santo é uma figura muito mais importante do que o próprio Pai ou o próprio Filho. Mas, como já vimos, as Escrituras em nenhum lugar reconhecem mais do que um Deus, o Pai, de quem provêm todas as coisas, e que é superior a tudo; e um único Senhor, Jesus Cristo, por meio de quem todas as coisas existem, e que está ao lado do Pai, exaltado a essa posição pelo poder do Pai. O espírito santo provém do Pai e *pelo* Filho e, portanto, não poderia ser superior a eles, se fosse uma pessoa; mas vimos que não há personalidade associada ao espírito santo; trata-se, antes, do espírito de uma pessoa ou ser, o espírito do Senhor, sua influência, seu poder e, nesse sentido da palavra, o próprio Senhor, representante de toda a sua sabedoria, majestade, poder e amor. Vejamos, então, o que a passagem significa.

Pelo contexto, percebemos que nosso Senhor Jesus acabara de usar esse poder divino, ou o espírito santo, conferido a

[E271]
ele pelo Pai, para expulsar um demônio. Os fariseus, que viram o milagre e não puderam negá-lo, tentaram minimizar sua importância alegando que ele havia sido realizado por poder satânico. Em resposta a eles, nosso Senhor negou categoricamente que o poder que usara fosse próprio e afirmou que se tratava de poder ou influência divina, dizendo: "Eu expulso demônios pelo espírito de Deus". Em seguida, repreendeu os fariseus por serem tão *maliciosos* a ponto de atribuir a uma fonte maligna aquilo que não podiam negar ser uma boa obra, e que não era acompanhada de nenhuma evidência de pecado, egoísmo ou mesmo ambição. Ele os chamou de geração de víboras, tão apegados às tradições de sua igreja que suas mentes estavam cegas para as verdades mais simples e manifestas. Era claramente evidente que o poder ou a influência que possuía o afligido era diabólico, maligno; e que qualquer poder que o expulsasse deveria estar em desacordo com essa disposição maligna, de modo que esses mestres eram inexcusáveis quando alegavam, sem qualquer motivo, que o milagre havia sido realizado pelo poder de Satanás.

Nosso Senhor ressaltou ainda que, embora eles não tivessem blasfemado intencionalmente contra Jeová, nem tivessem blasfemado especificamente contra ele mesmo, haviam blasfemado contra o *poder* sagrado ou o espírito santo que funcionava nele. Para eles, terem compreendido mal e deturpado o Deus invisível teria sido uma ofensa muito mais leve; e terem falado mal de nosso Senhor Jesus e terem interpretado erroneamente seus motivos, alegando que ele estava meramente tentando usurpar um trono e exaltar-se no poder, também teria sido uma ofensa comparativamente leve — medindo seus motivos à luz de sua própria ambição egoísta e orgulho. Mas a conduta deles foi pior: depois de terem testemunhado a manifestação do poder divino ao realizar uma boa ação para libertar um de seus semelhantes do poder do diabo — blasfemar contra esse poder sagrado significava um grau de maldade e animosidade no coração muito mais profundo do que qualquer uma das outras ofensas teria implicado.

Nosso Senhor lhes mostrou que, em sua ignorância

[E272]
e cegueira, eles poderiam tê-lo interpretado erroneamente — a ele, suas palavras, seus esforços; e, com cegueira semelhante, poderiam ter interpretado erroneamente muitos dos desígnios de Deus e falado mal deles; mas, uma vez que o poder de Deus lhes fora *testemunhado*, em contraste direto com o poder do diabo, o fato de terem falado mal dele implicava, de forma inequívoca, que seus corações se encontravam em uma condição extremamente profana. Os pecados cometidos por ignorância podem ser perdoados aos homens — serão perdoados aos homens — porque a ignorância surgiu por causa da queda, e o resgate foi pago por todos os que participaram da queda e de sua maldição. Mas os pecados contra manifestações claras da graça divina não podem ser atribuídos à fraqueza da carne e à hereditariedade, mas devem ser devidamente imputados como maldade *deliberada* do coração, o que é imperdoável.

O mal deliberado e intencional nunca terá perdão — nem nesta era, nem na era vindoura. A proposta de Deus não é forçar os homens a entrarem em harmonia com Ele; mas, após redimi-los, Ele proporcionará a todos a oportunidade de chegar ao conhecimento da verdade e testemunhar a bondade de Deus por meio da ação do espírito santo: quem, então, continuar em desarmonia com o arranjo divino prova ser um pecador deliberado, um oponente consciente do poder santo de Deus — para tais, o Senhor não tem mais provisões de graça.

Não podemos julgar se os escribas e fariseus chegaram ou não a uma compreensão suficientemente clara do poder santo de Deus a ponto de torná-los passíveis da Segunda Morte, por reprová-lo como um poder maligno. Não somos capazes de julgar, porque não podemos ler seus corações e porque nosso Senhor não expôs plenamente a questão a esse respeito. Se tivéssemos certeza de que pecaram contra a luz clara, pecaram *plenamente* contra o poder de Deus, não teríamos mais esperança para eles, mas deveríamos simplesmente esperar que perecessem na Segunda Morte, como rejeitadores deliberados da graça de Deus. Mas se eles não receberam luz e conhecimento suficientes, nem contato suficiente com o poder santo de Deus, para que isso constituísse para eles um julgamento completo, eles devem, em última instância, chegar a tal *julgamento completo*, antes que possam sofrer a *pena completa* — a Segunda Morte.

[E273]

Mas *todo* pecado contra o espírito santo, contra a luz clara e o conhecimento do poder divino, é *imperdoável*, por ser deliberado. Se for um pecado deliberado contra uma medida de luz, então "chicotadas", ou seja, castigo, serão inevitáveis; se for um pecado deliberado contra uma medida maior de luz e um favor maior em conexão com o poder sagrado de Deus, então haverá uma medida maior de açoites; mas se a transgressão envolver uma concepção plena e clara do certo e do errado, e oposição plena e consciente ao poder sagrado de Deus, isso significaria destruição eterna, a Segunda Morte, o salário completo do pecado. O *perdão* dos pecados garantido pelo resgate abrange os pecados de ignorância ou fraqueza resultantes da queda, e não os pecados pessoais, deliberados e intencionais contra a luz. Não devemos esquecer, no entanto, que muitos pecados que contêm uma medida de deliberação se misturam com uma medida de fraqueza ou de ignorância dos princípios corretos, ou de ambos. Na proporção de sua ignorância e fraqueza, qualquer pecado é *perdoável* por meio da graça de Deus em Cristo — por meio da fé e da aceitação de sua expiação; e na proporção em que qualquer pecado foi deliberado e intencional, ele é imperdoável — deve ser *expiado* por meio de punição — "chicotadas", desde que alguma qualidade perdoável esteja inerente ao pecado; morte e destruição, quando nenhuma qualidade perdoável puder ser encontrada no pecado.

Assim visto, todo pecado deliberado é pecado contra a luz, pecado contra o espírito santo da verdade — e tal pecado nunca tem *perdão*.

"O espírito disse a Filipe:
'Aproxima-te e junta-te a esta carruagem'"
—Atos 8:29—

Nada associado a essas palavras, nem ao contexto, parece sugerir a necessidade de outro Deus. Pelo contrário, todos os requisitos são atendidos, e a harmonia com o restante das Escrituras é mantida, quando compreendemos que o Senhor, por meio de seu espírito, influência e poder, orientou e instruiu Filipe a se aproximar da carruagem do eunuco. Não nos é informado de que maneira Filipe foi orientado pelo espírito santo, e seria imprudente especular sobre isso.

[E274]
Nosso Deus tem à sua disposição meios ilimitados para comunicar seus desejos ao seu povo. Compare com ***o versículo 39***.

"O espírito lhe disse: 'Eis que três homens te *procuram'"—Atos 10:19*

A mesma resposta se aplica a esta objeção, assim como à anterior. É totalmente irrelevante para nós *saber como* o poder, a influência ou o espírito de Deus se dirigiu a Pedro, dando-lhe essa informação. Basta sabermos que o Senhor realmente orientou o apóstolo, e de tal maneira que ele discerniu isso claramente e com precisão, conforme demonstrado pelo desdobramento da narrativa.

"O Espírito Santo disse: 'Separa-me Barnabé e Saulo para a obra para a qual eu os chamei" — ***Atos 13:2***

Aqui, assim como em outros casos, o espírito santo usa a forma pessoal e masculina de expressão, conforme nosso texto. Certamente não há como objetar a isso, já que Deus usa em toda parte a forma pessoal e masculina de expressão ao se referir a si mesmo. Não é menos apropriado aqui, ao se falar do poder de Jeová e da informação que Ele deu. Não nos é informado de que maneira o espírito santo comunicou, "disse" ou indicou a separação de Paulo e Barnabé. Sabemos, no entanto, que todo o povo consagrado do Senhor é chamado por seu espírito para ser ministro ou servo da verdade e, de acordo com suas habilidades e oportunidades, deve ser um servo fiel e ativo. O espírito diz a todos esses, por meio do chamado geral: "Por que estais aqui ociosos?... Ide também para a vinha". E habilidades especiais e oportunidades favoráveis devem ser reconhecidas como um chamado especial do Senhor para um trabalho mais público a serviço da verdade. Mas, embora os talentos possuídos por Paulo e Barnabé devam ser considerados como uma ênfase ao chamado geral do espírito santo para que

[E275]
prestar serviços para os quais possuíam talentos especiais, é bastante provável que o espírito santo, naquele momento, tenha feito uso de um dos "dons" que então funcionavam na Igreja — o dom da profecia — para indicar a vontade do Senhor a respeito de Paulo e Barnabé, pois lemos: "Havia, porém, na Igreja que estava em Antioquia certos profetas." ***Atos 13:1***

Devemos lembrar, no entanto, as palavras do apóstolo aos ***Gálatas (1:1)*** a respeito de seu chamado para o ministério. Ele declara que sua autoridade veio do Pai e do Filho, mas ignora totalmente o espírito santo como outro Deus co-igual, dizendo: "Paulo, apóstolo, não dos homens, nem por meio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus, o Pai, que o ressuscitou dentre os mortos." Se o espírito santo fosse uma pessoa, se fosse *o* Deus cuja providência especial consiste em designar os ministros da verdade (e essa é a afirmação geral), tal omissão em mencionar o espírito santo seria totalmente inconsistente e irracional; mas quando temos a visão correta do espírito santo, a saber, que ele é o espírito, a influência, o poder ou a autoridade do Pai e do Filho, ou de ambos em conjunto, porque seus propósitos são um só, então tudo se torna harmonioso e razoável.

"Pareceu bem ao espírito santo e a nós" — ***Atos 15:28***

Os apóstolos se reuniram em uma conferência para responder às questões da Igreja de Antioquia a respeito das obrigações para com a aliança Judaica ou da Lei por parte daqueles que não eram judeus de nascimento. A decisão tomada, segundo nos é assegurado, não foi meramente o julgamento dos próprios apóstolos; mas, além disso, seu julgamento foi corroborado de alguma forma pelo Senhor, e eles tinham a evidência de que sua decisão era a mente do Senhor, o espírito do Senhor, a vontade do Senhor.

O apóstolo Tiago, o principal orador do concílio, dá uma pista sobre como a vontade ou a intenção de Deus foi então determinada: e constatamos que é o mesmo método recomendado a toda a

[E276]
Igreja e utilizado pelos fiéis hoje; a saber, por meio da investigação das Escrituras à luz da Providência divina. Ele deduz a vontade do Senhor sobre o assunto, reexaminando a orientação providencial especial de Pedro — ao enviá-lo a Cornélio, o primeiro convertido gentio — e, em seguida, recorre a uma profecia ainda não cumprida, da qual cita um trecho. A conclusão tirada disso foi aceita por ele e por toda a Igreja como o ensinamento do espírito santo. Examine ***Atos 15:13-18***.

"Impedidos pelo Espírito Santo de pregar a Palavra na Ásia" — *Atos 16:6*

A forma de expressão aqui parece sugerir a ideia comum de que o espírito santo é uma pessoa, e que falou e proibiu, etc. No entanto, um exame desse texto à luz de seu contexto mostra que ele está em total concordância com tudo o que vimos sobre o assunto: corroborando a ideia de que o espírito santo é a influência ou o poder sagrado de Jeová Deus e de nosso Senhor Jesus Cristo, por meio do qual a vontade do Pai e do Filho é levada ao conhecimento dos consagrados — seja qual for o processo. Não nos é informado especificamente como o apóstolo e seus companheiros foram impedidos de prosseguir com a obra de pregação na Ásia, mas, aparentemente, eles foram impedidos ou não receberam permissão para entrar na Ásia — devido a circunstâncias desfavoráveis. Mas, independentemente *de como* foram impedidos, a lição é que o próprio Deus estava guiando sua obra, e que a direção e o curso dos apóstolos estavam sob supervisão divina; eles eram guiados pelo espírito do Senhor; ele usou poder invisível para orientá-los como seus servos.

De qualquer forma, podemos ter certeza de que a orientação do Senhor foi mais do que uma mera impressão mental para o apóstolo. Uma ilustração de uma das maneiras como o espírito conduz em tais assuntos é fornecida pelo contexto: Uma visão apareceu a Paulo durante a noite. Ali estava um homem da Macedônia, que lhe suplicou, dizendo: "Venha para a Macedônia e ajude-nos"; e, depois que ele teve a visão, imediatamente eles se empenharam

[E277]
para irem à Macedônia, *tendo certeza de que o Senhor os havia chamado para pregar o evangelho a eles*. (***Versículo 9***) Essas diversas maneiras de agir nos mostram que os métodos pelos quais Deus ensinava e guiava naqueles dias não eram tão diferentes daqueles que Ele emprega hoje na orientação de Seus servos. E todas essas instruções indiretas e não pessoais são corretamente descritas como provenientes do espírito santo, da influência ou do poder do Senhor. Se um anjo tivesse transmitido a mensagem, como aconteceu com Pedro na prisão (***Atos 5:19; 12:7***), ou se nosso Senhor tivesse se dirigido pessoalmente a Paulo, como fez quando ele estava a caminho de Damasco (***Atos 9:4***; ***1 Coríntios 15:8***), isso *não* seria atribuído ao espírito santo ou ao poder do Senhor, mas ao próprio Senhor ou ao anjo.

"O Espírito Santo testifica em todas as cidades,
dizendo que me aguardam prisões e aflições"
—*Atos 20:*23—

Nada aqui exige a ideia da personalidade do espírito santo. Pelo contrário, como ilustração dos meios pelos quais a santa vontade de Deus ou o espírito informou Paulo sobre as prisões que o aguardavam em Jerusalém, observe o relato de uma dessas ocasiões de testemunho em Cesareia. Na igreja daquele lugar havia um homem chamado Ágabo, que possuía o dom de profecia, comum naquela época. O relato diz: "Quando ele chegou até nós, pegou o cinto de Paulo, amarrou suas próprias mãos e pés e disse: 'Assim diz o Espírito Santo: assim os judeus em Jerusalém amarrarão o homem a quem pertence este cinto e o entregarão nas mãos dos gentios'". (***Atos 21:11***) Os amigos da causa tentaram, a princípio, dissuadir o apóstolo de ir a Jerusalém, mas ele decidiu que de modo algum interferiria no plano do Senhor a seu respeito; declarando, pelo contrário, que não só estava pronto para ser preso, mas também para morrer em Jerusalém, pelo nome de Jesus. (Deve-se notar que o apóstolo não se referiu ao espírito santo — que ele estaria disposto a morrer pelo nome do espírito santo.)

[E278]

Quando os amigos em Cesareia perceberam a firmeza do apóstolo, disseram: "Que se faça a vontade do Senhor". Assim, em todos os casos, o testemunho do espírito santo era aceito pela Igreja primitiva como sendo simplesmente a vontade de nosso Senhor Jesus, cuja vontade era também a vontade do Pai. ***Atos 21:10-14***

O Espírito Santo Nomeou Alguns Supervisores

"Cuidem, pois, de si mesmos e de todo o rebanho, sobre o qual o Espírito Santo os constituiu bispos, para apascentarem a Igreja de Deus." ***Atos 20:28***

Essas palavras foram dirigidas aos anciãos da Igreja em Éfeso. O apóstolo chama aqui a atenção para o fato de que a posição deles na Igreja, como servos da verdade, não era meramente uma auto-nomeação, nem meramente uma nomeação ou reconhecimento pela Igreja: mas que o Senhor havia agido por meio do espírito santo na questão de sua seleção. Ele queria que eles compreendessem que toda a virtude de seu ofício residia no fato de que este contava com o reconhecimento divino, e que eles eram servos da Igreja, por designação do Senhor, por meio de seu espírito santo ou de sua influência, que havia guiado, dirigido e presidido no processo de sua seleção. Assim, em outro trecho, o apóstolo diz, dirigindo-se à Igreja, e não ao mundo: "A manifestação do espírito é dada a cada um [em Cristo] para o proveito comum... *Deus estabeleceu* alguns na Igreja: em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres... E há diversidade de ministérios, mas é o mesmo Deus que funciona em [entre] todos." ***1 Cor. 12:6, 7, 28***

Nessa declaração, o apóstolo mostra que a designação de todos os servos da Igreja é de Deus, por meio da manifestação de seu espírito santo — e não uma obra do espírito santo separada e independente do Pai e do Filho. Deus em Cristo supervisiona os assuntos de seu próprio povo, a Igreja, por meio de *seu espírito* — seu santo poder que funciona de forma onipotente e onisciente — em todo o seu universo. Isso contradiz a ideia de que o espírito santo seja outra pessoa,

[E279]
e mostra que a obra foi realizada pelo Senhor por meio de seu espírito santo. Aqueles anciãos da Igreja haviam-se consagrado ao serviço do Senhor e foram escolhidos para serem ministros, mestres e anciãos da Igreja, em virtude de aptidão e talento especiais sob a direção do espírito santo — de acordo com a vontade, ou espírito, ou mente, ou propósito de Deus. E, embora chamados ao cargo por meio de instrumentos humanos, eles haviam aceitado o serviço como uma orientação e designação de Deus e deviam considerar as responsabilidades de seu cargo de acordo com isso.

O espírito santo, um Mestre

"Deus nos revelou essas coisas por meio de seu espírito; pois o espírito sonda todas as coisas, sim, as coisas profundas de Deus... coisas essas que também falamos, não com palavras que a sabedoria humana ensina, mas com as que o espírito santo ensina." ***1 Coríntios 2:10, 13*** e contexto.

Essa passagem bíblica, como já sugerimos, prova que o espírito santo, ou a mente de Deus, quando recebido por seus filhos, prepara ou capacita suas mentes para compreender seu plano. Somente ao entrarmos em plena harmonia com Deus, por meio de sua Palavra de verdade e do espírito ou significado real dessa Palavra, somos capacitados a compreender as coisas profundas de Deus. Aqui, o apóstolo, como se pode notar, contrasta "o espírito que é de [proveniente de] Deus", que funciona em nós, com "o espírito do mundo", que habita no homem natural e o influencia. Quão claro é que o espírito do mundo não é uma pessoa, mas uma mente, disposição ou influência mundana! Da mesma forma, o espírito de Deus em seu povo não é uma pessoa, mas a mente, a influência ou a disposição sagrada de Deus neles.

"As Coisas do Espírito de Deus"

"Mas o homem natural não recebe as coisas do espírito de Deus, pois elas são loucura para ele. Nem pode ele conhecê-las, porque elas são discernidas espiritualmente." ***1 Cor. 2:14***

Essa é uma afirmação muito contundente e está em plena harmonia

[E280]
com tudo o que vimos. O homem que está cheio do espírito mundano está proporcionalmente despreparado para ver e apreciar as coisas profundas, ocultas e gloriosas de Deus — "as coisas que Deus reservou para aqueles que o amam". Essas coisas profundas, ou, como nosso Senhor as designa, "pérolas", não são para os porcos, os egoístas, cheios do espírito deste mundo; mas para aqueles que são purificados pelo banho da água por meio da Palavra, que são aproximados do Senhor por meio da fé no precioso sangue e santificados, totalmente consagrados ao Senhor. A esses, Deus tem prazer em revelar suas coisas profundas, sim, todas as riquezas de sua graça, passo a passo — à medida que os diversos aspectos da verdade se tornam "alimento na época certa".

Este é um teste muito crucial, como todos podem discernir. Ele distingue nitidamente entre o homem caído e a nova criatura, o espiritual. Quem quer que seja cego às verdades espirituais mais profundas certamente carece do *testemunho* ou da evidência aqui mencionada como prova de sua filiação, de seu relacionamento com o Pai celestial e de sua fidelidade nesse relacionamento. Aqueles que são indiferentes às questões que o Apóstolo aqui menciona — "as coisas que Deus reservou para aqueles que o amam" — têm, nessa afirmação, uma sugestão de que a razão de sua indiferença é a falta do espírito do Senhor. E, no entanto, conhecemos professores professos na igreja que não apenas admitiram sua própria ignorância sobre essas coisas, mas que se vangloriaram dessa ignorância. Com isso, eles proclamam que não têm a mente de Deus, não conhecem seus planos e, portanto, não podem ter muito do seu espírito, o espírito da verdade — e, proporcionalmente, não podem ter muito da verdade. Aqui é dado o teste de nossa posse do espírito e de nossa capacidade de discernir e apreciar as coisas de Deus, que estão ocultas aos mundanos — *"Deus as revelou a nós pelo seu espírito*".

Uma unção do Santo

> "Vocês têm a *unção* do Santo e conhecem todas as coisas." "A *unção* que vocês receberam dele permanece em vocês, e vocês

[E281]
não precisais que ninguém vos ensine; mas, assim como a mesma *unção* vos ensina todas as coisas e é verdade e não é mentira, e assim como ela vos ensinou, permanecereis nele." ***1º João 2:20, 27***

Essas palavras — *unção* e *ungir* — despertam nos estudiosos inteligentes da Bíblia lembranças do óleo sagrado de unção derramado sobre a cabeça de cada sucessor nos ofícios de Sumo Sacerdote e Rei em Israel. Assim como o povo de Israel era um tipo do "verdadeiro Israel de Deus", seus sacerdotes e reis eram um tipo de Cristo, o grande Sumo Sacerdote e Rei antitípico. E assim como seus sacerdotes e reis eram ungidos com o "óleo sagrado de unção" como cerimônia de posse no cargo, assim também nosso Senhor Jesus foi ungido com o espírito santo no momento da sua consagração. Ele tornou-se, assim, o Cristo — o ungido de Jeová.

A igreja escolhida deve ser um "sacerdócio real" (reis-sacerdotes) sob seu Senhor e Cabeça — "membros do corpo do Ungido [o Cristo]". O espírito santo da unção, que desceu sobre nosso Senhor Jesus em seu batismo no Jordão, e com "todo o poder no céu e na terra", quando ele foi ressuscitado dentre os mortos pelo espírito santo ou pelo poder do Pai (***Mt 28:18***; ***Ef 1:19,20***), ele, com a aprovação do Pai, "derramou" ou espalhou como o óleo de unção antitípico sobre os representantes de sua Igreja no Pentecostes. Ali (tendo em mente o tipo), o óleo da unção passou da "Cabeça" para o seu "corpo", a Igreja, e, a partir de então, os fiéis, que permaneciam no corpo, foram reconhecidos na Palavra divina como "os próprios escolhidos" de Deus, ungidos por Ele (em Cristo) para governar e abençoar o mundo, após terem sido primeiro "instruídos por Deus" sob a orientação do espírito da unção.

O significado de *unção* (e de seu original grego *chrisma*) é suavidade, oleosidade, lubrificação. Por costume, a palavra passou a conter também a ideia de fragrância, perfume. Quão bela e vigorosamente essa palavra representa o efeito da *influência* de Deus em direção à bondade, sobre aqueles que se submetem a essa unção antitípica — santidade, mansidão, paciência, bondade fraternal — amor! Que perfume doce e puro essa unção do espírito santo do amor

traz consigo a todos os que a recebem! Por mais desajeitado, grosseiro, rude ou ignorante que seja o homem exterior, "o vaso de barro", com que rapidez ele participa da influência adocicante e purificadora do tesouro do "novo coração", a nova vontade interior — ungida pelo espírito santo e harmonizada com "tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável!" ***Fil. 4:8***

Essas palavras "unção" e "ungir" estão em total concordância com a visão correta do espírito santo — de que se trata de uma *influência* de Deus, um poder invisível de Deus exercido por meio de seus preceitos, suas promessas ou de qualquer outra forma que pareça boa ao Onisciente e Onipotente. Essas palavras certamente não transmitem a ideia de uma *pessoa*. Como poderíamos ser ungidos por uma pessoa?

Mas talvez alguém sugira que, na expressão "uma unção do Santo", não é a *unção*, mas o *Santo* que representa o espírito santo. Respondemos: Não; o Santo é o Pai. Pedro, ao descrever a bênção do Pentecostes, declara que ela foi "derramada" — como óleo de unção, mas não da maneira como se diria que uma pessoa foi enviada. Ele diz, falando de Jesus: "Tendo recebido do Pai o espírito santo prometido [em Joel], ele *derramou* isto que vós vedes e ouvis" — esse poder ou influência milagrosa que se manifesta-se de diversas formas, em pensamentos acelerados, em línguas de fogo e em diversas línguas proferidas por homens incultos. Mais uma vez, a profecia de Joel foi: "*Derramarei* o meu espírito". Alguém poderia afirmar que essa seria uma linguagem apropriada para se usar em relação a qualquer *pessoa*? Que ele foi *dado* pelo Pai ao Filho, e que foi derramado ou espalhado e visto e ouvido como *"isso*"? Certamente que não. E certamente tal linguagem seria desrespeitosa, se aplicada a uma terceira pessoa de uma trindade de Deuses "iguais em poder e glória". O ponto, porém, que mais surpreende a todos é que aqueles que têm essa unção *"sabem todas as coisas*". Quantos do povo do Senhor já se sentiram absolutamente certos de que não "sabiam todas as coisas" e, portanto,

[E283]
duvidaram se haviam recebido a unção do espírito santo! Como a questão se simplifica quando traduzida assim: "Vós tendes a unção do espírito santo e todos vós o sabeis!"* Sim, de fato; todos os verdadeiros filhos de Deus conhecem muito bem a diferença entre a mente, o coração ou a vontade naturais e o novo coração, a nova mente, a nova disposição, controlados pelo amor e pela justiça.

E quantos dos melhores e mais humildes filhos de Deus leram com espanto as palavras: "A unção que recebestes dele permanece em vós, e *não precisais que nenhum homem vos ensine*!" Ai de nós! disseram eles, não recebemos tal unção, pois temos muita necessidade de que algum homem nos ensine e sabemos muito pouco do que não nos chegou, direta ou indiretamente, por meio de instrumentos humanos. E essas almas humildes se sentiriam profundamente abatidas e desanimadas por causa de sua honestidade de pensamento, se não vissem que os melhores santos de seu círculo de conhecidos também precisam e valorizam os mestres humanos. Por outro lado, alguns dos menos honestos, menos sinceros e menos santos se esforçam para enganar a si mesmos e aos outros, alegando que nada aprenderam dos homens, mas que tudo o que sabem lhes foi ensinado por inspiração direta do espírito santo. Eles não percebem que, ao fazer isso, estão reivindicando infalibilidade para seus pensamentos e palavras, no sentido mais absoluto. Também não percebem que seus *erros* de pensamento, palavra e ação, alegadamente sob a inspiração plena do espírito santo, refletem negativamente sobre o espírito santo de Deus, como se Ele fosse o autor de seus erros e loucuras.

Tomando essa passagem exatamente como está, ela contradiz o testemunho geral das Escrituras. O apóstolo Paulo não menciona, entre os *dons* do espírito para a Igreja, apóstolos, profetas [oradores], pastores, mestres e evangelistas? E por que conceder esses dons se a Igreja não tivesse necessidade de que nenhum homem a ensinasse? O que diz o apóstolo sobre a *razão* para estabelecer esses dons especiais na Igreja? Ouça-o: "Para o aperfeiçoamento

---

*As palavras "todas as coisas" são omitidas nos manuscritos gregos mais antigos.

[E284]
dos santos para a obra do ministério, para a edificação do corpo de Cristo: até que todos cheguemos à unidade da fé e ao conhecimento do Filho de Deus." (***Ef 4,11-13***) Compare com ***1 Cor 12,28-31***.

Não é plausível que o apóstolo João estivesse contradizendo o apóstolo Paulo e os demais apóstolos — todos eles mestres que instruíram a Igreja a buscar os pastores, mestres e supervisores escolhidos pelo espírito, e a honrar aqueles que, assim, exerciam "autoridade" sobre a Igreja e que deviam zelar pelos interesses das almas, como aqueles que terão de prestar contas ao Senhor. (***Hb 13:17***) Estava, sem dúvida, em total concordância com o conselho do apóstolo Paulo que a Igreja precisava selecionar como seus servos homens "aptos para o ensino", "capazes, por meio da sã doutrina, tanto de exortar quanto de convencer os contraditores" e, quando necessário, de "repreender severamente para que se tornem sãos na fé". Deviam reconhecer subpastores que não "se impusessem sobre a herança de Deus", mas que *"pastorassem* o rebanho" com alimento na época certa — evitando mestres cujos ouvidos ansiassem por popularidade e bajulação. ***1 Pedro 5:2-4***; ***1 Timóteo 3:2***; ***2 Timóteo 2:25***; ***Tito 1:9,13***

Além disso, o próprio João era um mestre e, nesta mesma epístola, ensinava o que ele e nós apreciamos como sã doutrina — necessária para ser ensinada. Certamente ninguém que lesse os escritos de João poderia concluir que ele os destinava meramente como cartas sociais, desprovidas de doutrina ou ensino. Ele não abre a epístola dizendo: "O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos [*ensinamos*], para que também vós tenhais comunhão conosco?" (***1:3***) Mais uma vez ele diz: "Estas coisas vos escrevo [para ensinar-vos] para que não pequeis." (***2:1***) Mais uma vez: "Um novo mandamento [*ensino*] vos escrevo." (***2:8***) Mais uma vez: "Filhinhos, que ninguém vos engane [mas dai ouvidos *ao* meu *ensinamento*]: quem pratica a justiça é justo." (***3:7***) Mais uma vez: "Nós somos de Deus; quem conhece a Deus nos ouve [obedece às nossas instruções, aos nossos ensinamentos]." (***4:6***) Mais uma vez: "Estas coisas eu vos escrevi... para que saibais [seja ensinado]." (***5:13***) Ele encerra sua epístola com

[E285]
um *ensinamento* muito importante, dizendo: "Filhinhos, guardai-vos dos ídolos [não permitais que nenhuma pessoa ou coisa suplantem o próprio Deus em vossos afetos e reverência]".

Visto que o apóstolo não pode ser interpretado como querendo dizer que a Igreja não tem necessidade de mestres humanos — visto, ao contrário, que ele reconhecia os mestres humanos como os instrumentos empregados pelo espírito santo, especialmente "colocados na Igreja" para esse mesmo serviço —, o que ele quer dizer com estas palavras: "Não tendes necessidade de que alguém vos ensine" e "a mesma unção vos ensina todas as coisas"? A resposta adequada a essa indagação será facilmente percebida ao examinar o contexto à luz dos fatos já discutidos.

Supõe-se, segundo os estudiosos, que esta epístola tenha sido escrita no ano 90 d.C. Nessa época, o cristianismo já havia alcançado considerável proeminência no mundo. Ele havia reunido o "remanescente" do Israel carnal e atraído sobre si o ódio e a perseguição da vasta maioria cega daquele povo, tendo-se espalhado por todo o mundo civilizado da época. Muitos aspectos do cristianismo o tornavam atraente aos filósofos gregos da época, que buscavam se unir a ele para se tornarem cristãos filosóficos e filósofos cristãos — mantendo, ainda assim, suas filosofias que o apóstolo Paulo aponta como "falsamente chamadas assim". (***1 Tim. 6:20***) Esses filósofos estavam dispostos a reconhecer Jesus como um homem bom e um mestre sábio, mas não como o Filho de Deus que, deixando uma natureza do espírito, "uma forma de Deus", "se fez carne" para, assim, tornar-se o redentor do homem e o autor da vida eterna para todos os que lhe obedecem. Eles, no entanto, ensinavam uma vida futura e eterna e ficavam contentes ao ver que os cristãos ensinavam o mesmo: a diferença era que os filósofos (Platão e outros) ensinavam que a vida eterna é uma qualidade humana, um poder inerente à humanidade — a ausência de morte, a imortalidade —, enquanto os cristãos ensinavam que a vida eterna não era inerente ao homem, mas *um dom* de Deus por meio de Cristo, destinado apenas àqueles que o aceitam. ***Rom. 2:7; 5:15,21; 6:23***; ***2 Cor. 9:15***

Esses filósofos praticamente disseram aos cristãos:

[E286]
Estamos felizes em encontrar um povo tão respeitável, sensato e livre. Seu grande mestre, Jesus, certamente os *libertou* de muitos dos costumes e superstições dos judeus, e nós os parabenizamos por isso. Mas vocês ainda se encontram, em certa medida, em cativeiro: quando tiverem investigado nossas filosofias, terão ainda *mais liberdade* e descobrirão que ainda têm muito em comum com os judeus — suas esperanças de um reino messiânico, suas ideias peculiares sobre um único Deus e suas ideias peculiares de que seu Mestre, Jesus, era o único Filho de Deus, etc. Essas coisas vocês logo superarão, com a ajuda de nossa filosofia. ***2 Pedro 2:19***; ***Judas 4***

A epístola de João foi escrita para fortalecer os cristãos contra essas doutrinas subversivas. Ele os exorta neste capítulo (***2:24***) a se apegarem aos ensinamentos que ouviram desde o início e a considerarem esses ensinamentos filosóficos como mentiras, e a todos esses falsos mestres como representantes do Anticristo, cuja manifestação na Igreja eles já haviam ouvido tantas vezes que ocorreria. (***2 Tess. 2:3-7***; ***1º João 2:18***) Ele diz: "Estas coisas vos escrevi a respeito daqueles que [procuram] seduzi-los [para longe de Cristo]". ***Versículo 26***

Em seguida, vem a linguagem peculiar do ***versículo 27***, agora em discussão, que parafraseamos assim:

Mas, amados, os verdadeiros filhos de Deus não podem ser seduzidos por tais filosofias: para nós, nenhuma filosofia pode tomar o lugar de Cristo em nossos corações — nenhuma teoria poderia nos levar a questionar a plenitude e a veracidade da grande mensagem que recebemos como o evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo — o Amado do Pai, o Ungido do Pai. Além da *razoabilidade* da "fé que uma vez por todas foi entregue aos santos", considerem o efeito maravilhoso dessa mensagem sobre vocês: ela foi acompanhada por "dons" milagrosos de "línguas", "milagres", etc., que esses filósofos afirmam serem reproduzidos pelos faquires do Oriente; mas, além disso, vocês têm outro testemunho em seus próprios corações renovados — na unção que transformou e renovou suas mentes, produzindo em sua vida cotidiana *frutos* do espírito de

[E287]
santidade que os faquires não conseguem reproduzir e que os filósofos que tentam seduzi-los não podem negar.

Sobre esses fundamentos de nossa santa religião — que Cristo Jesus não foi um impostor, mas o próprio Filho de Deus e nosso redentor; e que a vida eterna só pode ser alcançada por meio da união vital com ele — vocês não precisam de instrução, nem desses falsos mestres nem de mim. E enquanto tiverem esse espírito santo de amor habitando em vocês, ele servirá como proteção contra todas essas teorias blasfemas e anticristãs. Enquanto vocês se lembrarem de que "a paz de Deus, que excede todo o entendimento", chegou aos seus corações por meio da aceitação de Jesus como o Filho de Deus e o único poder de Deus para a salvação, enquanto isso o espírito os manterá firmes e inabaláveis nesse ponto. E vocês descobrirão que esse mesmo teste (de lealdade ao espírito santo do amor recebido por meio do Pai e do Filho) é útil para provar todas as questões: pois tudo o que contradiz ou ignora esse espírito do amor é um espírito profano — um falso ensinamento. E lembrem-se de que seu ensinamento é que, se quisermos receber qualquer recompensa, devemos "permanecer nele" — abandonar Cristo é abandonar tudo.

Gemidos que não podem ser expressos

"O próprio espírito intercede por nós com gemidos que não podem ser expressos; e aquele que sonda os corações sabe qual é a intenção do espírito." ***Rm 8:26,27***

Essa expressão, destinada a transmitir ao povo de Deus uma compreensão do amor e do cuidado do Pai celestial para com eles, tem sido, infelizmente, mal interpretada por muitos. Dizem-nos que o espírito santo geme por eles diante do Pai; e alguns tentam dar voz audível a esses gemidos; e há quem suponha que a intensidade dos gemidos que eles emitem, de alguma forma, ajude o espírito santo nessa questão, compensando os gemidos que Ele não pode expressar — embora não consigam entender exatamente como. Seria de fato estranho se o espírito santo fosse uma pessoa e, como afirmam os catecismos, "igual em poder" ao Pai e ao

[E288]
Filho, que ele achasse necessário dirigir-se ao Pai e ao Filho em nome do povo do Senhor, com gemidos indizíveis. Nosso Senhor Jesus disse que podemos nos dirigir diretamente a ele e que podemos nos dirigir diretamente ao Pai, assegurando-nos: "O próprio Pai vos ama". No entanto, a partir desta passagem bíblica em análise, alguns chegaram à conclusão de que precisamos necessariamente nos dirigir ao Pai e ao Filho por meio do espírito santo como mediador, que gemeria por nós e intercederia por nós, para que fôssemos aceitos pelo Pai e pelo Filho. Isso está em consonância com a confusão predominante de pensamento a respeito do espírito santo e de seu ofício.

O erro dessa interpretação torna-se ainda mais evidente quando consideramos que, se os gemidos não pudessem ser proferidos, eles nem seriam gemidos; pois o que não é proferido não é um gemido. Mas essa passagem pareceria igualmente estranha e inconsistente se a interpretássemos no sentido de que o espírito santo, a influência ou o poder do Jeová Todo-Poderoso, é incapaz de se expressar de forma inteligível. Sabemos que, em épocas passadas, a mente, a vontade e o espírito de Deus encontraram expressão abundante por meio das palavras e dos atos dos profetas, e não podemos supor que Ele tenha menos poder ou capacidade hoje. O que, então, pode significar esta passagem da Escritura: "O próprio espírito intercede por nós, com gemidos que não podem ser expressos"?

O erro está em supor que é o Espírito de Deus que suplica. Pelo contrário, o Espírito que intercede por nós é *o nosso próprio espírito*, o espírito dos santos, que suplica a Deus e muitas vezes não consegue se expressar adequadamente. Uma rápida olhada no texto, com suas conexões, tornará evidente a adequação dessa interpretação. O apóstolo acabara de escrever sobre a humanidade oprimida pelo pecado, gemendo em suas correntes. Ele nos assegura que a liberdade dessa escravidão será concedida quando a Igreja, os "filhos de Deus", sob o Capitão de sua Salvação, tiverem sido glorificados. (***Versículos 19-21***) Em seguida, ele passa dos *gemidos* do mundo para a condição atual da Igreja, na qual *nós gememos*: "Nós mesmos também, que temos a primícia do

[E289]
Espírito, até nós gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção, ou seja, a libertação do nosso corpo." ***Versículo 23***

A mente ou o espírito renovado ou transformado na Igreja, outrora mundano, é agora santo e espiritual; mas nossos corpos ainda são humanos e apresentam as imperfeições adâmicas. Por isso, nós, como novas criaturas, somos oprimidos pela carne e *gememos* pela libertação prometida, para nos tornarmos semelhantes a Cristo na primeira ressurreição. O Apóstolo explica que podemos, pela fé, considerar o corpo terreno como morto e nos ver como novas criaturas aperfeiçoadas, e assim nos reconhecer *salvos agora — "salvos pela esperança*". (***Versículo 24***) Então, tendo mostrado como podemos nos considerar, ele nos explica que, do ponto de vista divino, somos considerados seres "novos", "santos" e "espirituais": ele mostra que Deus, ao nos ver desse ponto de vista, não reconhece a carne e suas fraquezas e imperfeições — mas o espírito, a mente, as intenções, a vontade, a "nova criatura", dedicada ao seu serviço. Deus sabe quando nosso espírito santo (nova mente) está disposto e a carne é fraca, e ele não nos julga segundo a carne, mas segundo o espírito.

Foi o nosso renascimento pelo Espírito, a nossa adoção de uma nova vontade, totalmente consagrada ao Senhor, que nos levou a um novo relacionamento com Deus e a essas novas esperanças nas quais nos regozijamos; e assim "da mesma forma, o espírito [nossa nova e santa mente] também auxilia [compensa] nossas fraquezas [corporais]". Pois não sabemos [nem mesmo] o que devemos pedir em oração como devemos [muito menos somos sempre capazes de fazer o que gostaríamos]; mas o próprio espírito [nossa mente santa] intercede [por nós
—omitido pelos manuscritos mais antigos] com gemidos que não podem ser expressos [em palavras]. E aquele que sonda os corações [Deus] sabe qual é a intenção [grego *phronema* — inclinação] do [nosso] espírito, pois ele [ou ele — nosso espírito] intercede pelos santos de acordo com a vontade de Deus."

Em outras palavras, agrada a Deus aceitar os desejos do coração de seu povo, tanto na oração quanto no serviço, apesar da imperfeição de sua carne — seus vasos de barro. E ele realmente aceita esses desejos do coração.

[E290]

Que sorte a nossa, em nossa ignorância e fraqueza, que nosso Pai celestial aceite as intenções de nossos corações em vez de nossas palavras; pois, com frequência, seu povo tem pedido coisas erradas com toda a seriedade! Pensamos nisso sempre que ouvimos o povo de Deus orar para que Deus os batize com o espírito santo e com fogo. A oração é feita com boa consciência e com o desejo exclusivo de receber uma bênção; mas, por não compreender a passagem das Escrituras que cita, o orante, na verdade, pede uma bênção seguida de uma maldição. A profecia de que Cristo batizaria com o espírito santo e com fogo foi feita por João Batista. A parte da bênção se cumpriu sobre a Igreja que aguardava, no Pentecostes, e posteriormente sobre todo o "remanescente" fiel de Israel, mas sua última parte se cumpriu sobre a nação judaica rejeitada — no batismo de fogo, destruição e tribulação, que destruiu totalmente sua organização política no ano
70 d.C. Mas, com grande misericórdia, Deus não responde às orações de seu povo de acordo com o que pedem, mas de acordo com as intenções do orante — concedendo-lhes apenas bênçãos.

Alguns já passaram pela experiência de serem surpreendidos por uma falha e apanhados pelo adversário por meio de alguma fraqueza da natureza humana caída: sentiram-se quase desanimados ao se aproximarem do trono da graça celestial em oração. Não tinham palavras para expressar-se, mas apenas gemiam no espírito a Deus, *"sendo oprimidos*". Mas o Pai celestial não insistiu que eles formulassem a súplica em linguagem exatamente adequada para que Ele os ouvisse: em vez disso, Ele atendeu graciosamente aos desejos de seus corações, aos gemidos não expressos de seus corações, que buscavam Seu perdão, Sua bênção e Seu conforto. Ele atendeu às orações não proferidas, concedeu força e bênção, com a abençoada compreensão do perdão.

Esse é o argumento do apóstolo em todo esse contexto, e observará-se que ele resume o argumento dizendo: "O que diremos, então? [Tendo em vista que Deus tomou todas as providências em nosso favor, ignorando nossas fraquezas e imperfeições, que são contrárias à

[E291]
nossa vontade, e não as considerando como nossas ações — e ignorando a imperfeição de nossas súplicas e nossa incapacidade de expressar nosso desejo, e, ao contrário, tomando providências para nos abençoar de acordo com o espírito de nossas mentes, já que somos incapazes até mesmo de dar voz aos nossos gemidos em nossas orações imperfeitas, concluiremos —] Se Deus é [assim] por nós, quem poderá ser contra nós?" ***Versículo 31***

Como o espírito repreende o mundo

"Quando ele [o espírito da verdade] vier, repreenderá o mundo quanto ao pecado, à justiça e ao juízo." ***João 16:8***

Já consideramos o fundamento sobre o qual o pronome masculino é aplicado ao espírito da verdade — porque ele representa a Deus, que é masculino. Examinaremos agora este texto, usado por alguns como prova de que o espírito santo funciona *nos* pecadores para a sua reforma. Defendemos que tal visão é totalmente incorreta — que as Escrituras, corretamente compreendidas, ensinam que o espírito santo é concedido apenas aos crentes consagrados; que não é dado aos incrédulos e, consequentemente, não poderia funcionar neles, da maneira geralmente alegada. Muito pelo contrário, os filhos deste mundo têm o espírito do mundo; e somente os filhos de Deus têm o Espírito de Deus, o espírito santo, seja em termos de mente, disposição ou vontade. "O espírito do mundo", ou "a mente carnal", é inimizade contra Deus. Da mesma forma, os que têm a mente carnal não podem conhecer as coisas do Espírito de Deus, porque elas são discernidas espiritualmente — só podem ser discernidas por aqueles que possuem o espírito santo. Por isso, onde quer que o encontremos, o espírito santo, em harmonia com Deus e em obediência à sua vontade e providência, evidencia a regeneração, gerando uma nova vida. Em consonância com isso, lemos as palavras do apóstolo: "Se alguém não tem o espírito de Cristo, esse não é dele". Aqueles que não têm o espírito de Cristo e que não são dele constituem o mundo em geral — eles não são de Cristo, porque *não receberam* o espírito do Pai.

O espírito de Deus, por meio de seus frutos e de seu testemunho

[E292]
por meio da Palavra, é a prova de que fomos regenerados. É evidente para todos que o espírito santo de Deus, que está na Igreja, não é o mesmo espírito que está nos mundanos — que o espírito de Deus não está, de forma alguma, nos mundanos, de mente carnal, que, consequentemente, nas Escrituras são designados como "filhos da ira", "filhos deste mundo" e "filhos de seu pai, o diabo". No entanto, não devemos esquecer que o "Espírito da verdade", o "Espírito do amor", modificou, em grande medida, o espírito do mundo; de modo que, embora ainda seja um espírito de trevas, um espírito de egoísmo, um espírito carnal, o mundo, até certo ponto, está imitando, de maneira formal e exterior, algumas das graças do espírito santo. Seria estranho, de fato, se as belezas do espírito de santidade, representadas na mansidão, na bondade e na paciência, não causassem nenhuma impressão nos não regenerados.

Algumas pessoas do mundo cultivam essas graças do espírito porque são consideradas parte das amenidades da vida, sinais de boa educação, etc., e muitos cujos corações estão totalmente em desarmonia com os princípios do Espírito de santidade imitam essas graças como um verniz ou um dourado superficial, para encobrir o metal inferior de uma natureza depravada — não regenerada, não santificada, egoísta, em desarmonia com o Senhor e com o Espírito de sua santidade. Devemos, portanto, distinguir cuidadosamente entre aqueles que douram a superfície de sua conduta e aqueles cujos corações foram transformados pelo espírito do Senhor. Somente estes últimos são os filhos de Deus, que têm o seu favor e que em breve serão abençoados e glorificados.

Surge então a pergunta: se o espírito do Senhor é comunicado apenas àqueles que são Seus, por meio da fé em Cristo e da consagração, o que nosso Senhor quis dizer com a afirmação acima, de que o espírito da verdade repreenderia o mundo quanto ao pecado, à justiça e ao juízo vindouro?

O significado das palavras de nosso Senhor se tornará facilmente discernível quando nos lembrarmos de sua declaração de que seus seguidores, sobre os quais seu espírito viria e nos quais ele

[E293]
habitaria abundantemente, na proporção de sua fé e obediência, seriam a *luz* do mundo. É essa luz da verdade que resplandece da Igreja verdadeiramente consagrada sobre o mundo e sobre os de mentalidade mundana da igreja nominal, que tende a repreender as trevas deles. Nosso Senhor disse a respeito de si mesmo, depois de ter sido ungido com o espírito de Deus: "Eu sou a luz do mundo", e novamente: "Enquanto estiver no mundo, sou a luz do mundo". (***João 8:12; 9:5***) E, dirigindo-se à sua Igreja da era evangélica, santificada pelo mesmo espírito santo, ele disse: "Vós sois a luz do mundo... Brilhe a vossa luz diante dos homens." ***Mateus 5:14-16***

O apóstolo Paulo, dirigindo-se ao mesmo corpo de Cristo, diz: "Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz". (***Efésios 5:8***; ***1 Tessalonicenses 5:5***) Mais uma vez ele diz: "Pois Deus [o espírito de Deus, o espírito da verdade] resplandeceu *em nossos corações*, para dar a luz do conhecimento da glória de Deus." (***2 Coríntios 4:6***) Assim, vemos que é a luz da verdade de Deus, o espírito santo, a mente ou disposição, resplandecendo em nossos corações, que brilha *sobre o mundo*; e daí a exortação: "Fazei tudo sem murmurações nem contendas, para que sejais irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus, sem culpa, no meio de uma geração torcida e perversa, entre a qual brilhais como luzes no mundo." ***Fil. 2:14,15***

Assim, vemos que o espírito santo resplandece sobre o mundo — não diretamente, mas por reflexo. Não é o espírito de Deus comunicado a eles e funcionando neles, mas o espírito santo de Deus funcionando em seu povo, que é selado por ele, que resplandece sobre as trevas do mundo.

O apóstolo nos dá uma pista sobre como o mundo deve ser repreendido pelo espírito de santidade na Igreja consagrada, dizendo: "Andai como filhos da luz [...] e não vos associeis às obras infrutíferas das trevas, mas antes *repreendei*-as. [...] Todas as coisas que são repreendidas são manifestadas [reveladas como erradas] pela *luz*." (***Ef 5,8.11.13***) A luz da verdade de Deus, que é a manifestação de

[E294]
sua mente ou o espírito, ao brilhar por meio de uma vida santificada, é o espírito santo, repreendendo as trevas do mundo, mostrando àqueles que a veem o que é *o pecado*, em contraste com *a justiça*. E dessa iluminação lhes virá a convicção de um julgamento vindouro, quando a justiça receberá alguma recompensa e o pecado, algum castigo. Uma vida piedosa é sempre uma repreensão aos ímpios, mesmo onde nenhuma palavra de verdade seja possível ou apropriada.

É porque o espírito santo no povo de Deus repreende o espírito profano e egoísta daqueles que os rodeiam que o Apóstolo exorta os santificados a lembrarem-se de que são epístolas vivas, conhecidas e lidas por todos os homens. (***2 Cor. 3:2***) A Igreja justificada e santificada, seguindo os passos de Cristo, sempre foi uma luz no mundo, mesmo que sua luz nem sempre tenha tido tanta influência quanto desejava. Assim também foi com nosso Senhor, que declarou que todos os que eram do espírito das trevas o odiavam ainda mais porque seu espírito das trevas era repreendido pelo seu Espírito de luz. Por essa razão, não apenas o Senhor, o grande Portador da Luz, foi perseguido até a morte, mas, da mesma forma, todos os portadores da luz que seguem seus passos devem também compartilhar de sua perseguição e sofrimento. ***João 16:3***; ***Rom. 8:17,18***

Embora a missão principal da Igreja tenha sido seu próprio desenvolvimento, "edificando-vos sobre a vossa santíssima fé", etc. (***Judas 20***), ela sempre teve uma missão secundária: a de testemunhar a verdade, deixar a luz brilhar e repreender o mundo. E essa repreensão tem sido necessariamente mais dirigida aos professos nominais do que aos abertamente mundanos, assim como, nos dias de nosso Senhor, sua luz incidiu sobre os que se professavam piedosos e santos, repreendendo suas trevas. E nosso Senhor nos adverte sobre a necessidade de deixar nossa luz brilhar *continuamente*, dizendo: "Se a luz que há em ti for [se tornar] trevas, quão grandes serão essas trevas!", tanto para a alma individual em que a luz se apagou quanto para o mundo, de quem a luz é assim obscurecida. Satanás não alcança triunfo maior do que quando seduz uma alma que outrora foi iluminada e santificada pela verdade. A influência de tal pessoa para o mal é mais do que duplicada.

[E295]
"Quem pensa que está firme, cuide-se para não cair", e lembre-se de que colocar sua "luz debaixo do alqueire" é um passo certo em direção às trevas.

"Nisto conhecereis o espírito de Deus" — Do espírito do anticristo
—*1º João 4:2,3*; *2º João* 7—

"Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus, e todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; e este é o espírito do anticristo."

Nada deveria ser mais claro para qualquer mente inteligente do que o fato de que o apóstolo não está se referindo a uma pessoa, mas a uma influência, doutrina ou ensinamento. O contexto (***versículos 1 e 3***) mostra, sem sombra de dúvida, que o que o apóstolo quer dizer é que o povo do Senhor deve distinguir entre as doutrinas que lhes são apresentadas como verdade — eles devem "examinar os espíritos", para saber se são santos ou malignos, de Deus ou do Maligno — o Espírito da verdade ou o espírito do erro. Ambos são introduzidos por profetas ou mestres. Nosso Senhor, os apóstolos e outros seguidores de passos semearam a verdade ou a semente do "trigo", gerando crentes consagrados para a novidade de vida e a santidade do espírito. O inimigo e seus servos semearam o erro ou a semente do "joio", o que trouxe para a igreja nominal (ou campo de trigo) multidões de "joios" — que não possuem o espírito santo de Cristo, mas um "espírito do mundo" modificado e adocicado. Portanto, todo aquele que se apresenta como mestre e afirma ser um servo da verdade e possuir santidade do espírito santo deve ser julgado e provado para se determinar se está pregando a verdade ou o erro — inculcando o Espírito da verdade ou o espírito do erro. A Palavra de Deus deve ser o padrão pelo qual cada um deve ser aceito como verdadeiro mestre ou rejeitado como falso mestre: "pois muitos falsos profetas têm surgido".

O apóstolo aponta um *teste* geral a respeito da fé verdadeira e falsa, dos mestres verdadeiros e falsos — o espírito da verdade

[E296]
e o espírito do erro — o espírito santo de Cristo, que guia para toda a verdade, e o espírito profano do anticristo, que conduz a todo o erro, destrutivo para a fé que uma vez foi entregue aos santos e que leva à negação de que o Senhor nos *comprou* com seu próprio sangue precioso. (***2 Pe. 2:1***) Esse *teste* consistia na afirmação ou na negação de que o Messias havia vindo em carne. E este foi e ainda é um teste seguro — o *teste do resgate*, expresso em uma de suas formas: toda doutrina que o *nega* é uma oponente ativa da verdade, é anti-Cristo; toda doutrina que o *ignora* está gravemente equivocada, não é de Deus, por mais que haja algo de bom misturado nela; é perigosa; toda doutrina que o *confessa* é fundamentalmente correta — "de Deus", tendendo na direção certa.

Desde muito cedo, o adversário começou a atacar a verdadeira fé estabelecida pelo Senhor e pelos apóstolos a partir de dois pontos de vista, ambos negando que Ele tivesse vindo *em carne*.

(1) As filosofias pagãs (contra as quais o apóstolo Paulo também advertiu, ***1 Tim. 6:20,21***) afirmavam que Jesus era de fato um grande profeta, um grande mestre, e o colocavam no mesmo nível de seus próprios filósofos; mas insistiam que ele não era mais o Filho de Deus do que os outros — não era o Messias dos judeus, cujas esperanças e profecias elas atribuíam à estreiteza de visão, ao orgulho nacional e à ambição de se considerarem a nação divinamente favorecida. Assim, negavam a existência pré-humana de nosso Senhor — negavam que ele *tivesse vindo* em carne — negavam que ele fosse outra coisa senão um membro da raça caída, embora admitissem que ele fosse um exemplar brilhante dela.

(2) De acordo com seu costume habitual, o adversário começou cedo a opor um extremo de erro a outro extremo, para que, na guerra entre os dois erros, a verdade entre eles ficasse desprotegida e fosse esquecida. Por isso, ele deu início ao outro erro extremo sobre esse assunto, cuja alegação era — e ainda é — que o Messias não era de forma alguma um homem — que ele era o próprio Deus, o Pai, que apenas fingiu ser carne por um tempo, enquanto na verdade mantinha todos os seus poderes divinos — usando o corpo de carne como um disfarce ou

[E297]
disfarce para ocultar sua glória e permitir que parecesse chorar, sentir fome, sede e morrer. Essa visão também nega que o Messias tenha vindo em carne — que "ele se *fez carne*". ***João 1:14***

Ao olharmos ao nosso redor hoje, podemos muito bem nos surpreender ao constatar que a maioria dos cristãos adere a uma ou outra dessas falsas doutrinas, contrárias ao espírito da verdade
— do espírito do anticristo; e os demais estão, em geral, bastante confusos — desorientados — não enxergam claramente a verdade sobre esse assunto e, consequentemente, não estão firmemente fundamentados no resgate. Pois todos aqueles que não conseguem ver claramente que "o Verbo [*Logos*] se *fez carne*", tornou-se "o homem Cristo Jesus", são tão incapazes de compreender o resgate [*preço correspondente*] quanto aqueles que veem Jesus como um homem imperfeito, gerado da carne por um pai terreno. Assim, vemos que o teste simples estabelecido pelo espírito santo por meio do apóstolo ainda é um teste de doutrinas — se elas são de Deus e do espírito santo, ou de Satanás e do espírito do anticristo.

Ao considerarmos esses textos, observaremos uma objeção levantada contra a tradução de nossas Bíblias da versão comum para mostrar que ela não é válida — que a tradução é boa; que a falha está no crítico, que evidentemente não possui conhecimento suficiente das regras gramaticais gregas sobre sintaxe para tentar fazer uma crítica. Sua alegação é:

(1) Que as palavras gregas nesses dois textos traduzidas como *"veio*" significam *"vir*".

(2) Que, com essa alteração, as palavras do apóstolo significariam que qualquer ensinamento que negue que a *segunda vinda* de nosso Senhor será *na carne* é o espírito do anticristo.

Respondemos a essa alegação:

(1) É verdade que a palavra *erchomai*, cuja raiz dá origem *a eleluthota* (***1º João 4:2***) e *erchomenon* (***2º João 7***), significa *"vir"* ou *"chegada"*; mas se a *vinda* a que se refere é um evento passado ou futuro deve ser determinado pela construção da frase, assim como podemos usar nossa palavra em inglês "coming" ao nos referirmos a assuntos passados e futuros

[E298]
e dizemos: "A fé na primeira *vinda* de nosso Senhor é comum entre os cristãos, mas não é tão comum a fé em sua segunda *vinda*". O contexto prova, sem sombra de dúvida, que se trata de um acontecimento do passado, pois o texto diz: "muitos enganadores *já saíram*" ou "saíram"; e as duas afirmações referem-se, evidentemente, à mesma coisa.

(2) Essa alegação é apresentada por alguns que têm o objetivo de afirmar que o texto se refere a um evento futuro — eles alegam que nosso Senhor não foi "transformado" na natureza divina, que ele ainda é *carne* e que continuará a ser um homem, um ser humano carnal, e a carregar as cicatrizes de seus sofrimentos humanos por toda a eternidade. Eles negam, ou pelo menos ignoram, as muitas declarações bíblicas no sentido de que "Deus o exaltou grandemente"; "Ora, o Senhor é o espírito" e "Embora tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, [contudo] doravante já não o conhecemos [assim]". (***Fil. 2:9***; ***2 Cor. 3:17; 5:16***) Seu desejo de encontrar algumas afirmações bíblicas para apoiar sua posição irracional e contrária às Escrituras os engana no que diz respeito a essas passagens. De fato, podemos dizer que a grande maioria dos cristãos sustenta essa visão errônea, entre eles quase todos aqueles que já tiveram alguma relação com a tradução das Escrituras.

Mas reforçaremos nossa posição citando as críticas a esses textos feitas pelo Prof. J. R. Rinehart, Ph.D., professor de Línguas no Waynesburg College (Presbiteriano de Cumberland). Após citar o texto de ***1º João 4:2*** e ***2º João 7***, o Prof. Rinehart diz:

"(1) As citações acima são extraídas da *Emphatic Diaglott*, de Wilson, que alega basear-se no texto grego original do Novo Testamento. A palavra *eleluthota* é o acusativo, singular masculino, do segundo particípio perfeito do verbo *erchomai*, tendo a mesma relação com esse verbo que qualquer outro particípio perfeito tem com o seu verbo. Ela acompanha o verbo *homolegei* no discurso indireto e representa um tempo finito e perfeito, de acordo com a sintaxe grega comum. *Gramática Grega de Goodwin*, n.º 1588, 1288

"A tradução a seguir da primeira citação está,

[E299]
portanto, essencialmente correta. ‘Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus.’

"(2) A palavra *erchomenon* na segunda citação é o acusativo, singular, masculino, do particípio presente do verbo *erchomai* e está sujeita às mesmas regras sintáticas que a palavra acima. Sua relação com *eiselthon* por meio de *homologountes*, bem como o contexto, justifica sua tradução como referindo-se ao tempo passado. *Ibid*., n.º 1289

“A tradução da segunda citação, portanto, deve ser apresentada corretamente da seguinte forma: ‘Pois muitos enganadores saíram pelo mundo — aqueles que não confessam que Jesus Cristo veio em carne.’“

Acreditamos que nenhum estudioso do grego jamais contradirá essa definição, mesmo que defenda a segunda vinda de nosso Senhor na carne e, portanto, possa ter uma preferência por uma interpretação favorável às suas concepções.

Por fim, observamos que, como a confissão de que Cristo veio em carne em sua primeira vinda é essencial para uma crença correta no resgate, e a negação desse fato significa a negação do resgate (pois, de outra forma, ele não poderia dar um *preço correspondente* pelo homem), portanto, todos os que acreditam que Cristo é um *homem* desde sua ressurreição e que Ele virá uma segunda vez como *homem* estão, com isso, negando o resgate — pois, se nosso Senhor ainda é um *homem*, ou Ele não entregou sua humanidade como nosso resgate, ou, tendo-a entregue por três dias, *a retomou*
— recuperou o *preço* da redenção e, assim, invalidou a aquisição. Mas, pelo contrário, a aquisição foi definitiva; a humanidade de nosso Senhor nunca foi recuperada: Deus o exaltou grandemente e lhe deu um nome e uma natureza muito acima dos anjos, dos principados e dos poderes e de todo nome que se nomeia (com exceção apenas do nome do Pai). Ele não é mais um homem nem, em nenhum sentido, semelhante a nós: nós, se formos fiéis, seremos “transformados” e tornados semelhantes a ele e “o veremos como ele *é*”. ***1º João 3:2***

[E300]

Ele é totalmente adorável

Uma doçura majestosa reina sobre a
testa do Salvador;
Sua cabeça, coroada de glórias radiantes,
Seus lábios transbordam de graça.

Ninguém mais poderia se comparar a
ele entre os filhos dos homens;
Ele é mais belo ainda do que
todos os belos Que compõem a
comitiva celestial.

Ele viu os homens mergulhados em
profunda angústia, E correu em seu
socorro;
Por nós, Ele carregou a cruz
vergonhosa, E levou toda a nossa
dor.

As promessas de Deus, infinitamente
grandes, Ele nos garante;
Sim, nesta rocha nossa fé pode
repousar, inabalável, segura.

Ó! As ricas profundezas do amor
divino, Um tesouro ilimitado de
graça!
Querido Salvador, já que sou teu, não
posso desejar mais nada.

ESTUDO XII
O ASSUNTO DA EXPIÇÃO — O HOMEM

O que é o homem? — A resposta "ortodoxa" — A resposta científica — A resposta bíblica — O corpo do homem — O espírito do homem — A alma humana — Confusão causada por traduções incorretas — A propagação das almas — O que é o "Sheol", o "Hades", para onde todas as almas vão, no intervalo entre a morte e a ressurreição? — As declarações bíblicas consideradas separadamente.

"O que é o homem, para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites? Pois tu o fizeste um pouco menor do que os anjos, e o coroaste de glória e honra. Tu lhe deste domínio sobre as obras das tuas mãos; colocaste todas as coisas debaixo dos seus pés: todas as ovelhas e bois, sim, e as bestas do campo, as aves do céu e os peixes do mar." ***Salmo 8:4-8***

QUE ser grandioso é o homem, para que o Criador do universo tenha se interessado tanto pelo seu bem-estar a ponto de providenciar uma reconciliação tão generosa — inclusive por meio do sacrifício de seu Filho? Devemos conhecer a fundo, na medida do possível, esta criatura terrena, a mais elevada de Deus; e, no entanto, tão limitadas são nossas faculdades de julgamento e tão restrito nosso conhecimento que, sobre esse assunto, dependemos quase inteiramente do que nosso amoroso Criador nos revelou em Sua Palavra. Embora tenha se tornado proverbial a expressão de que "o maior estudo da humanidade é o homem", ainda assim, por mais estranho que pareça, há poucos assuntos sobre os quais a humanidade esteja mais confusa do que este: o que é o homem? Existem duas visões gerais sobre o assunto, nenhuma das quais, em nossa opinião, é a correta, a bíblica. Embora ambas tenham certos elementos de verdade associados a elas, ambas estão gravemente equivocadas e são enganosas; de modo que mesmo aqueles que não estão totalmente iludidos por elas são, no entanto, tão influenciados

[E302]
e confundidos por esses erros a ponto de muitas verdades serem privadas de sua força e peso, e muitas falácias receberem uma aparência de verdade. Nosso assunto, portanto, é importante para todos aqueles que desejam conhecer a verdade e desfrutar plenamente de seus benefícios em sua influência sobre seus corações e vidas. O assunto reveste-se de especial importância em relação ao tema em discussão: a expiação. Aquele que não tem uma concepção clara do que é o homem terá dificuldade, se não for impossível, compreender claramente os ensinamentos bíblicos relativos à expiação pelo pecado do homem — sua operação e seus resultados.

Consideraremos aqui a visão geral e a chamada visão ortodoxa da questão: "O que é o homem?", em seguida, a visão estritamente científica e, por fim, a visão bíblica, que, em nossa opinião, é diferente de ambas, muito mais razoável do que qualquer uma delas e o único fundamento para uma harmonia adequada entre as duas.

A Visão Ortodoxa do Homem

A pergunta "O que é o homem?", se respondida a partir de um ponto de vista chamado "teológico ortodoxo" (que contestamos), seria mais ou menos a seguinte: O homem é um ser composto de três partes: corpo, espírito e alma; o corpo nasce da maneira usual do nascimento animal, exceto que, no momento do nascimento, Deus intervém e, de alguma maneira insondável, implanta no corpo um espírito e uma alma, que são partes de si mesmo; e, por serem partes de Deus, são indestrutíveis e nunca podem morrer. Essas duas partes, espírito e alma, a "ortodoxia" é incapaz de separar e distinguir e, por isso, usa os termos de forma intercambiável conforme lhe convém. Entende-se que ambos os termos (espírito e alma) significam o *homem verdadeiro*, enquanto a carne é considerada meramente o invólucro exterior do homem verdadeiro, no qual ele habita durante os anos de sua vida terrena, como em uma casa. Na morte, dizem eles, o homem verdadeiro é libertado dessa prisão que é a carne e se encontra em uma condição muito mais agradável.

Em outras palavras, a "ortodoxia" afirma que o homem verdadeiro não é um ser terreno, mas o espírito totalmente inadequado

[E303]
à Terra, exceto por meio de suas experiências no corpo carnal. Quando se liberta do corpo pela morte, teoriza-se que uma grande bênção foi experimentada, embora o homem, enquanto viveu, tenha feito todos os esforços para continuar a viver na morada carnal, recorrendo a medicamentos, viagens e todos os aparelhos e invenções higiênicas para prolongar a vida na carne, a qual, teoricamente, alega-se ser mal adaptada aos seus usos e prazeres. A "libertação" chamada "morte" é considerada mais um passo no processo evolutivo: e, na mente de muitos, tal evolução futura das condições terrenas para as celestiais, das condições animais para as espirituais, é considerada uma proposição razoável e um desfecho lógico da conclusão científica de que o homem não foi criado como homem, mas evoluiu, ao longo de longas eras, do protoplasma dos tempos pré-históricos para o micróbio; do micróbio, por meio de vários estágios e jornadas prolongadas, para o macaco; e do macaco, finalmente, para a humanidade. Alega-se ainda que a humanidade, em seu estágio mais primitivo, era muito inferior à humanidade da atualidade, que a evolução vem levando a humanidade adiante e que o próximo passo para todo ser humano é uma transformação ou evolução para condições do espírito, como anjos e deuses ou como demônios.

Tudo isso é muito lisonjeiro para o orgulho do século XIX, pois, embora, por um lado, reconheça uma ascendência da inteligência mais baixa, reivindica para si hoje as conquistas mais elevadas, bem como uma exaltação futura. Essa visão também não se limita aos povos das terras civilizadas: de maneira geral, todos os povos pagãos, até mesmo os selvagens, têm praticamente o mesmo pensamento a respeito do homem, exceto que geralmente não remontam sua origem tão longe. Essa visão encontra apoio em todas as filosofias pagãs e, em grande medida, é endossada pelos teóricos científicos da atualidade, que, embora definam o assunto de maneira bem diferente, adoram, no entanto, entregar-se à esperança de uma vida futura nos moldes da evolução e experimentam uma gratificação de sua vaidade de formas que não se coadunam de modo algum com suas próprias deduções científicas a respeito da centelha de vida no homem.

[E304]

O Homem Visto pela Ciência

A resposta científica à pergunta "O que é o homem?", expressa em linguagem simples, seria: o homem é um animal do tipo mais elevado já desenvolvido e conhecido. Ele possui um corpo que difere dos corpos de outros animais, na medida em que representa o desenvolvimento mais elevado e nobre. Sua estrutura cerebral corresponde à dos animais inferiores, mas é de uma ordem mais desenvolvida e refinada, com capacidades adicionais e maiores, o que constitui o homem, por natureza, o senhor, o rei da criação inferior. O sopro ou o espírito de vida do homem é semelhante ao das outras bestas. O organismo e a centelha de vida do homem provêm de seus progenitores, da mesma forma que as bestas recebem sua vida e seus corpos de seus progenitores.

A ciência reconhece cada homem como uma alma ou ser sensível; mas, quanto ao futuro, à eternidade do ser humano, a ciência não tem nenhuma sugestão a oferecer, não encontrando nada em que basear uma conclusão, nem mesmo uma hipótese razoável. A ciência, no entanto, embora não especule, espera por um futuro nos moldes da evolução, que acredita poder traçar no passado. A ciência se orgulha das referidas etapas evolutivas já realizadas por seu deus, a lei natural, e tem esperança de que as mesmas operações da lei natural (sem um Deus pessoal) acabem por levar a humanidade a condições ainda mais divinas e majestosas do que as atuais.

O homem do ponto de vista bíblico

A visão bíblica, embora concorde com ambas as visões anteriores em alguns aspectos, as contesta de forma absolutamente categórica em alguns de seus pontos mais importantes. A Bíblia não especula, mas, como voz ou revelação de Deus, fala com autoridade e ênfase, declarando o início, o presente e o futuro do homem. A visão bíblica é a única coerente e, portanto, a única visão *verdadeiramente* científica e ortodoxa sobre esse assunto. Mas a apresentação da Bíblia

[E305]
não cede ao orgulho humano; não faz do homem seu próprio criador, nem atribui isso a um deus da natureza, que não é Deus. A visão bíblica a respeito do homem dá a Deus a glória por sua criação original (Adão), à imagem divina; e atribui ao homem a culpa pelo fracasso em manter essa imagem, pela queda no pecado e por todas as consequências do pecado — o empobrecimento mental, físico e moral até a morte. A visão bíblica honra a Deus mais uma vez, ao nos revelar Sua misericórdia e magnanimidade para com o homem em seu estado decaído, na provisão para a redenção do homem e para sua restauração à sua condição original, pelas mãos do seu redentor, durante o milênio.

Uma fonte prolífica de confusão na mente dos cristãos, ao estudarem a natureza do homem e, particularmente, ao tentarem obter as visões bíblicas sobre o assunto, é sua incapacidade de distinguir entre a humanidade em geral e a Igreja, o pequeno rebanho, que Deus está selecionando dentre os homens durante a era atual e capacitando e preparando para condições novas e sobre-humanas — condições espirituais. Ao deixarem de "dividir corretamente a palavra da verdade", eles aplicam a todos os homens as declarações e promessas das Escrituras, especialmente do Novo Testamento, que se dirigem exclusivamente à classe da Igreja e que não têm qualquer relação com as esperanças de restauração oferecidas a toda a humanidade. Essas "promessas grandiosas e preciosas" são, proporcionalmente, tão falsas para o mundo quanto são verdadeiras para a Igreja. Assim, por exemplo, as palavras do apóstolo: "O corpo está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida por causa da justiça" (***Rom. 8:10***), que se aplicam apenas à Igreja — ou seja, às condições especiais e peculiares do chamado da Igreja durante a era evangélica —, são interpretadas como significando o mesmo em relação a toda a humanidade. Aqui, as palavras "morto" e "vida" são usadas em sentido relativo, referindo-se àqueles que, após serem justificados pela fé, pela graça de Deus, são imediatamente considerados livres da condenação à morte, com o propósito de que possam apresentar seus corpos como sacrifícios vivos, considerando seus corpos e tratando-os como mortos, no

[E306]
no que diz respeito aos direitos e interesses terrenos; e considerando-se não mais como seres carnais ou humanos, mas como "novas criaturas", geradas para uma nova natureza por meio das promessas de Deus. Como tais, os crentes justificados e santificados (a Igreja) reconhecem-se, do ponto de vista divino, como tendo obtido um novo espírito de vida por meio da operação da fé em Cristo e da obediência a ele. Mas tais usos das palavras "morto" e "vida" em relação ao mundo seriam totalmente inadequados, pois o mundo não possui outra natureza além da natureza humana; ele não foi, em nenhum sentido da palavra, *regenerado*.

Outro texto frequentemente aplicado erroneamente ao mundo, que na verdade pertence ao povo consagrado do Senhor, diz: "Temos esse tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós." (***2 Cor. 4:7***) Aqui se refere-se exclusivamente à Igreja — aqueles que receberam o tesouro da nova mente, da nova natureza. Eles têm esse tesouro, ou nova natureza, no corpo natural, que é considerado morto e aqui denominado "vaso de barro". A ilustração é bastante correta para a classe a que se aplica, a Igreja; mas é totalmente incorreto aplicá-la à humanidade em geral e supor que todo ser humano tenha um tesouro celestial ou uma nova natureza e que, portanto, todo corpo humano seja um vaso de barro ou receptáculo para tal nova natureza. O mundo tem apenas uma natureza — a natureza humana: não possui nenhuma nova natureza, seja como tesouro ou em qualquer outro sentido; nem há qualquer promessa de que algum dia a terá. Muito pelo contrário, a mais elevada aspiração possível que alguma vez será revelada à humanidade, de acordo com a Palavra divina de promessa, é a "restauração" — ser restaurado à plena perfeição da natureza humana, perdida no Éden, redimido no Calvário. ***Atos 3:19-23***

Da mesma forma, poderíamos discutir dezenas de declarações do Novo Testamento, que não se aplicam à humanidade em geral, mas meramente à Igreja consagrada, gerada de novo pelo espírito santo para uma nova natureza espiritual. Será proveitoso para todos observar com atenção as saudações com as quais os apóstolos introduzem suas diversas epístolas. Elas

[E307]
não são dirigidas, como muitos supõem, à humanidade em geral, mas à Igreja, "os santos", a "família da fé".

Lembre-se, portanto, de que, ao discutirmos "O que é o homem?" neste capítulo, não estamos discutindo o que é a Igreja, a "nova criatura" em Cristo Jesus, nem o que é a natureza do espírito à qual a Igreja já foi gerada pelo Espírito e, se for fiel, será feita participante, em toda a sua plenitude, da primeira ressurreição. Pelo contrário, estamos discutindo o primeiro Adão e seus filhos. Queremos saber quem e o que somos por natureza, como raça — O que é *o homem*? Assim, poderemos compreender melhor *de* que o homem caiu, *em* que o homem caiu, *de* que o homem foi redimido e *para* que o homem será restaurado, além de outros assuntos relacionados.

O homem — corpo, espírito, alma

Aceitando a definição padrão da palavra "animal" — "um organismo vivo e sensível" —, não precisamos hesitar em classificar o homem como um dos animais da Terra, e como o principal e rei sobre eles; e, até aqui, as Escrituras estão em total concordância com as deduções da ciência. Observe o texto que introduz este capítulo: nele, o profeta Davi destaca particularmente que o homem, em sua natureza, é inferior aos anjos, mas é rei e cabeça sobre todas as criaturas terrestres, o representante de Deus para todas as ordens inferiores de seres sensíveis.

As Escrituras em nenhum lugar declaram, seja diretamente ou por implicação, que uma parte, um fragmento ou uma centelha do ser divino seja transmitida a cada criatura humana. Trata-se de uma suposição infundada por parte daqueles que desejam construir uma teoria, mas carecem de material para tal. E essa hipótese infundada, de que há uma porção de Deus transmitida a cada ser humano no nascimento, serviu de base para muitas doutrinas falsas, que denegrem grosseiramente o caráter divino — desrespeitando a sabedoria, a justiça, o amor e o poder divinos.

É essa suposição, de que uma centelha do ser divino é

[E308]
comunicada desde o nascimento a cada ser humano, o que exigiu a teoria de um inferno de tormento eterno. A sugestão é que, se o homem tivesse sido criado da mesma forma que os outros animais, ele poderia ter morrido como os outros animais morrem, sem medo de uma eternidade de tortura; mas, como Deus conferiu ao homem uma *centelha de sua própria vida*, o homem é, portanto, eterno, porque Deus é eterno; e, por isso, é impossível que Deus destrua sua criatura, mesmo que tal destruição se tornasse desejável. E se o homem não pode ser destruído, sustenta-se que ele deve existir por toda a eternidade em algum lugar; e, uma vez que a grande maioria é reconhecidamente má, e apenas um "pequeno rebanho" é santo e agradável a Deus, sustenta-se que os ímpios devem ter um futuro de tormento proporcional ao futuro de bem-aventurança concedido aos poucos santos. Caso contrário, admite-se que seria mais do interesse do homem, mais para a glória de Deus e mais para a paz e a prosperidade do universo, se todos os ímpios pudessem ser *destruídos*. A alegação é que Deus, tendo o poder de criar, não tem o poder de destruir o homem, sua própria criação, porque uma centelha de vida divina estava, de alguma maneira inexplicável, ligada a ele. Esperamos demonstrar que toda essa proposição é falaciosa: que não só carece de fundamento bíblico, mas que é uma invenção da Idade das Trevas, categoricamente contradita pelas Escrituras.

As Escrituras reconhecem o homem como composto de dois elementos: corpo e espírito. Esses dois formam a alma, o ser sensível, a inteligência, o próprio homem, o ser ou a alma. O termo "corpo" se aplica meramente ao organismo físico. Ele não se refere nem à vida que o anima, nem ao ser sensível que é o resultado dessa animação. Um corpo não é um homem, embora não pudesse haver homem sem um corpo. O espírito de vida não é o homem; embora não pudesse haver humanidade sem o espírito de vida. A palavra "espírito" provém, nas Escrituras do Antigo Testamento, da palavra hebraica *ruach*. Seu significado primário é *"sopro"*; e, por isso, temos a expressão "*sopro* de vida" ou *"espírito* de vida", pois a centelha da vida, uma vez acesa, é sustentada pela respiração.

[E309]

As palavras "o espírito da vida", no entanto, significam mais do que meramente respiração; elas se referem à própria centelha da vida, sem a qual a respiração seria impossível. Essa centelha da vida recebemos de nossos pais, sendo ela nutrida e desenvolvida por meio de nossas mães.* É totalmente falso que a centelha da vida humana seja transmitida de maneira milagrosa, assim como não o é a centelha da vida animal. Os animais inferiores — o cavalo, o cão, o gado etc. — são gerados pelos machos e nascem das fêmeas de seus respectivos gêneros, exatamente da mesma maneira que a espécie humana é produzida, e nada nas Escrituras sugere o contrário. É uma invenção puramente humana, destinada a sustentar uma teoria falsa, que alega a intervenção divina no nascimento da prole humana. Supor que Deus seja o criador direto de cada bebê humano que nasce no mundo é supor o que as Escrituras contradizem, pois, assim, Ele seria o autor do pecado, da confusão e da imperfeição, ao passo que as Escrituras declaram: "Sua obra é perfeita." (***Dt 32:4***) Não, não! Os que apresentam defeitos e deformações mentais, físicas e morais não são obra de Deus. Eles estão muito distantes, muito afastados da condição de seus progenitores perfeitos, Adão e Eva, pela criação dos quais somente Deus assume a responsabilidade. Aqueles que afirmam que Deus cria diretamente cada ser humano dão a entender que Deus é responsável por toda a idiotice, insanidade e imbecilidade do mundo; mas tanto a ciência quanto as Escrituras declaram que os filhos herdam de seus progenitores seus vícios e suas virtudes, suas fraquezas e seus talentos. O Apóstolo declara de forma muito explícita: "Pela desobediência de um único homem, o pecado entrou no mundo e, pelo pecado, a morte; e assim a morte passou a todos os homens, pois todos se tornaram pecadores [por hereditariedade]". O Profeta se refere à mesma coisa quando declara: "Os pais comeram uvas verdes [pecado] e os dentes dos filhos ficaram sensíveis" — todos estão depravados. ***Rm 5,12***; ***Jr 31,29-30***; ***Ez 18,2***

---

*Veja a página 98.

[E310]

Mas alguém perguntará: Não seria possível que Deus tivesse implantado uma centelha de sua divindade imortal em nossos primeiros pais e que, assim, essa centelha se transmita, *quer queiramos quer não,* à posteridade? Examinemos o que as Escrituras dizem a respeito desse assunto e, ao fazê-lo, lembremos que não há outra revelação além do relato das Escrituras acessível a qualquer outra pessoa; portanto, podemos saber tudo o que há para ser sabido sobre o assunto por qualquer um. O que encontramos no relato de Gênesis? Encontramos, de fato, que a criação do homem é mencionada de forma específica, enquanto a dos animais não é mencionada de maneira tão específica. Constatamos, no entanto, que as afirmações feitas são em linguagem muito simples e que não contêm qualquer sugestão de que tenha sido transmitida alguma centelha sobre-humana de existência. A superioridade do homem sobre as bestas, de acordo com o relato apresentado no Gênesis, não consiste em possuir um tipo diferente de sopro ou espírito, mas em possuir uma forma mais elevada, um corpo superior, um organismo mais refinado
— dotado de um organismo cerebral que lhe permite raciocinar em planos muito acima e além da inteligência dos animais inferiores, a criação animal. Constatamos que é nesses aspectos que o homem foi criado à semelhança carnal de seu Criador, que é um ser do espírito. ***João 4:24***

O Espírito do Homem

Como já vimos*, a palavra "espírito" em nossas Bíblias da Versão Comum traduz a palavra hebraica *ruach* e a palavra grega *pneuma*; e, portanto, para apreciar corretamente a palavra *espírito* na Palavra de Deus, devemos ter sempre em mente o significado atribuído aos originais, que ela traduz. Como vimos, "o espírito" significa, em primeiro lugar, *vento* e, em segundo lugar, passou a ser aplicado a qualquer *poder invisível*. Em relação a Deus, vimos que isso significa que Ele é *poderoso,* mas *invisível*; e, quando usado em referência à influência e à ação de Deus, implica que elas ocorrem por meio de um poder invisível. É aplicado à *mente* porque se trata de um poder invisível e intangível; *palavra*

---

*Veja a página 172.

[E311]
também são invisíveis, mas poderosas; *a vida*, embora seja de suma importância e onipresente, é um poder ou qualidade invisível, como a eletricidade: por isso, a palavra "espírito" é aplicada a todas essas diversas coisas. Como resultado, temos as Escrituras falando do espírito de nossas mentes, o poder invisível da mente; do espírito de um homem, os poderes mentais e a vontade de um homem; do espírito da vida, o poder de viver, que move nossos corpos e toda a criação; o Espírito de Deus, o poder ou influência que Deus exerce, seja sobre coisas animadas, seja sobre coisas inanimadas; o espírito de sabedoria, uma mente sábia; o espírito de amor, uma mente ou disposição movida pelo amor; um espírito do mal e da malícia, uma mente ou disposição movida pela malícia; o espírito da verdade, a influência ou poder exercido pela verdade; o espírito do mundo, a influência ou poder que o mundo exerce. Da mesma forma, os seres celestiais são descritos como seres do espírito, ou seja, seres invisíveis, dotados de poder, inteligência etc. Isso se aplica não apenas a Deus, o Pai, de quem nosso Senhor Jesus disse: "Deus é o espírito", mas também a nosso Senhor Jesus desde sua ressurreição, pois a respeito dele está declarado: "Agora, o Senhor é esse espírito". Isso se aplica também aos anjos e à Igreja, à qual é assegurado que, na primeira ressurreição, cada vencedor terá um corpo do espírito. Nas Escrituras, isso se aplica também a Satanás e seus associados, seres espirituais, invisíveis, mas poderosos.

O espírito em relação à nova natureza no Novo Testamento

Ao considerarmos o uso da palavra *"espírito"* em relação ao homem, observamos:

(1) As palavras "espírito" e "espiritual" no Novo Testamento são frequentemente usadas para se referir a (a) a *vontade*, especialmente à *nova mente* dos "santos", gerada pela Palavra e pelo Espírito de Deus. As "novas criaturas em Cristo" são chamadas a uma mudança de natureza, da humana para a espiritual, e lhes é prometido que, se forem fiéis, terão na ressurreição (b) *corpos espirituais* semelhantes ao corpo ressuscitado de Cristo e à pessoa gloriosa do Pai celestial. Diante disso, sua perspectiva futura, a esperança da Igreja, é designada como

[E312]

(c) *espiritual* e *celestial*, em contraste com as esperanças e promessas das quais o mundo da humanidade se tornará herdeiro durante o milênio. O termo "espírito" também é usado (d) para se referir aos anjos, que, por natureza, são seres *espirituais* — e não seres *de carne e osso*. Mas a ideia de *invisibilidade* está sempre associada às palavras "espírito" e "espiritual", sempre que e onde quer que sejam usadas.

Seguem-se alguns exemplos desses usos das palavras:

(a) "Paulo propôs-se no *espírito* [*pneuma* — mente, vontade]... ir a Jerusalém." ***Atos 19:21***

(a) "*O espírito* de Paulo [*pneuma* — mente, sentimentos] se agitou nele quando viu a cidade totalmente entregue à idolatria." ***Atos 17:16***

(a) "Paulo, impelido pelo *espírito* [*pneuma* — na mente, ele estava mentalmente energizado], testificou aos judeus que Jesus é o Cristo." ***Atos 18:5***

(a) "[Apolo] havia sido instruído no caminho do Senhor; e, sendo fervoroso no *espírito* [*pneuma* — de mente ardente], falava e ensinava diligentemente." ***Atos 18:25***

(a) "Deus é minha testemunha, a quem sirvo com meu *espírito* [*pneuma* — minha nova mente, meu novo coração, minha vontade renovada] no evangelho de seu Filho." ***Romanos 1:9***

(a) "Glorificai a Deus em vosso corpo e no *espírito* [*pneuma,* mente], que pertencem a Deus." ***1 Coríntios 6:20***

(a) "Na verdade, estando ausente no corpo, mas presente no *espírito* [*pneuma* — mentalmente], já julguei como se estivesse presente." ***1 Coríntios 5:3***

(a) "O *espírito* manso e tranquilo [*pneuma* — mente, disposição]." ***1 Pedro 3:4***

(b) "É semeado um corpo animal, é ressuscitado um corpo *espiritual* [*pneumatikos*]." ***1 Coríntios 15:44***

(b) "Há um corpo animal e há um corpo *espiritual* [*pneumatikos*]." ***1 Coríntios 15:44***

(b) "O que é *espiritual* [*pneumatikos*] não foi o primeiro." ***1 Cor. 15:46***

(b) "Depois, o que é *espiritual* [*pneumatikos*]." ***1 Coríntios 15:46***

[E313]

(c) "Ter a mente voltada para *o espiritual* [*pneuma* — ter uma mente controlada pelo espírito santo ou pela vontade de Deus] é vida e paz."
Rom. 8:6

(c) "Vós, que sois *espirituais* [*pneumatikos* — gerados pelo Espírito e dotados da nova mente], restaurai tal pessoa com o *espírito* [*pneuma* — disposição] de mansidão." ***Gálatas 6:1***

(c) "O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo nos abençoou com todas as bênçãos *do espírito* [*pneumatikos* — bênçãos de natureza espiritual] nos privilégios celestiais em Cristo." ***Efésios 1:3***

(c) "Enchei-vos do *Espírito* [*pneuma* — o espírito santo de Deus], falando entre vós em salmos, hinos e cânticos *espirituais* [*pneumatikos* — cânticos em harmonia com o vosso novo espírito]." ***Efésios 5:18-19***

(c) "Para que sejais cheios do conhecimento da vontade de Deus, em toda a sabedoria e compreensão *espiritual* [*pneumatikos* — compreensão de todas as questões relacionadas ao seu novo relacionamento espiritual com Deus e ao seu plano]." ***Colossenses 1:9***

(c) "Vocês são edificados como uma casa *do espírito* [*pneumatikos* — uma família ou casa de natureza espiritual]." ***1 Pedro 2:5***

(d) "Uma moça possuída por um *espírito* [*pneuma* — um poder invisível] de adivinhação" — por meio da comunhão com os seres espirituais caídos. ***Atos 16:16***

(d) "Paulo... voltou-se e disse ao *espírito* [*pneuma* — o ser espiritual maligno que possuía a mulher]: 'Eu te ordeno... que saias dela'." ***Atos 16:18***

(d) "Os *espíritos* malignos [*pneuma*] saíram deles." ***Atos 19:12, 13***

(d) "E o *espírito* maligno [*pneuma*] respondeu e disse."
Atos 19:15

(d) "Os saduceus dizem que não há... nem anjo nem *o espírito* [*pneuma* — ser espiritual]." ***Atos 23:8***

(d) "Se um *espírito* [*pneuma*] ou um anjo lhe falou, não lutemos contra Deus." ***Atos 23:9***

[E314]

O espírito no Antigo Testamento

(2) A palavra "espírito" é usada para se referir à humanidade em geral, especialmente no Antigo Testamento; mas sempre com referência a (e) *o espírito da vida*, a centelha vivificante que Deus acendeu pela primeira vez em Adão e que, a partir daí (enfraquecida), passou para toda a sua descendência — o que é um *poder* ou qualidade *invisível*; ou (f) o *espírito da mente*, a vontade — um poder invisível que controla a vida.

Ruach, Pneuma — um poder vivificante

Ao se falar da criação do homem, entende-se o *espírito da vida* — o sopro da vida. As Escrituras mostram claramente que esse espírito da vida é comum a todas as criaturas de Deus e não é possuído exclusivamente pelo homem, como as seguintes citações das Escrituras demonstrarão claramente.

(e) "Toda a carne em que há *sopro de vida* [*ruach* — o *o espírito* ou *sopro* de vida de toda a carne]." ***Gênesis 6:17; 7:15***

(e) "Tudo em cujas narinas havia o sopro do *espírito da* vida [nota de rodapé: *ruach* — o *espírito* ou *poder* da vida]". ***Gênesis 7:22***

(e) "O *espírito* de Jacó, seu pai, reviveu [*ruach* — os *poderes* vitais de Jacó reviveram]." ***Gênesis 45:27***

(e) "E quando ele [Sansão] bebeu, seu *espírito* [*ruach*] voltou e ele reviveu [sua força, vigor e energia retornaram a ele]." ***Juízes 15:19***

(e) "Nas mãos de quem está... *o fôlego* [*ruach*] de toda a humanidade. [O *espírito de vida* de toda a humanidade está no poder divino]." ***Jó 12:10***

(e) "Ó Deus, Deus dos *espíritos* [*ruach* — poder da vida, espírito da vida] de TODA A CARNE, se um homem pecar, irás tu te irritar contra toda a congregação?" ***Números 16:22***

A teoria de que a distinção entre o homem e a besta consistia em um espírito de vida diferente, um tipo diferente de vida, e que, com a morte, um subia e o outro descia

[E315]
parece ter sido muito antiga entre os filósofos do mundo; pois encontramos Salomão, o sábio, questionando:

(e) "Quem sabe [quem pode provar] que o *espírito* [*ru-ach* — espírito de vida] do homem sobe e que o *espírito* [*ruach* — espírito de vida] da besta desce à terra?" (***Ecl. 3:19-21***) Salomão expõe sua própria compreensão logo antes, dizendo:

(e) "O que acontece aos filhos dos homens [a morte] acontece às bestas; a mesma coisa lhes acontece: assim como um morre, assim morre o outro; sim, todos têm um mesmo *sopro* [*ruach* — o espírito de vida, sopro de vida]; de modo que o homem não tem preeminência sobre a besta" — nesse aspecto, no que diz respeito a ter um tipo diferente de vida — sua preeminência deve ser buscada e encontrada em outro lugar, como veremos.

(e) "Nas tuas mãos entrego *o* meu *espírito* [*ruach* — o espírito de vida ou energia vital]." ***Salmo 31:5***

Essa foi a declaração profética das últimas palavras de nosso Senhor Jesus. Ele havia recebido o espírito de vida do Pai como um dom: ele havia, em obediência ao plano do Pai, tornado-se homem para ser o redentor da humanidade; e, ao entregar seu *espírito de vida* ou energia vital, declarou sua confiança na promessa de Deus de devolver o *espírito de vida* por meio da ressurreição.

A humanidade recebeu o *espírito de vida* de Deus, a fonte da vida, por meio do pai Adão. Adão perdeu seu direito ao poder ou espírito de vida por desobediência e, gradualmente, abriu mão dele — morrendo lentamente ao longo de novecentos e trinta anos. Então, o corpo voltou ao pó, como era antes da criação, e o espírito de vida — o privilégio de viver, o poder ou a permissão para viver — voltou a Deus, que concedeu esse privilégio ou poder: assim como qualquer privilégio ou favor condicional retorna ao doador se suas condições não forem cumpridas. (***Ecl. 12:7***) Nada neste texto sugere que o espírito da vida "voe de volta para Deus", como alguns gostariam de representar; pois o espírito da vida não é uma inteligência, nem uma pessoa, mas meramente um *poder* ou *privilégio* que foi

[E316]
perdido e, portanto, reverte para o doador original desse poder ou privilégio. A ideia é que o homem, tendo pecado, não tem mais direitos à *vida*: o retorno de seus direitos à vida, que foram perdidos, a Deus, e o retorno de sua carne ao pó, reduzem sua condição exatamente ao que era antes de ele ter sido criado.

Mas, assim como nosso Senhor Jesus tinha esperança na promessa divina de um retorno de seu "espírito de vida" — ou poderes e direitos de vida — sob o arranjo divino, assim também, em virtude do sacrifício redentor de nosso Senhor, certas esperanças e promessas são abertas a toda a humanidade por meio de "Jesus, o mediador da Nova Aliança" (***Hb 12:24***). Por isso, os crentes "não se entristecem como os outros que não têm esperança". Nosso Redentor *redimiu* o espírito dos direitos de vida que o pai Adão havia perdido para si mesmo e para toda a sua família. Agora, portanto, os crentes podem, por si mesmos (e, pelo conhecimento do plano de Deus, também pelos outros), entregar seus espíritos (seus poderes de vida) às mãos de Deus, assim como fez nosso Senhor e como fez Estêvão — cheios de fé de que a promessa de Deus da *ressurreição* seria cumprida. A ressurreição significará para o mundo uma reorganização do corpo humano e sua vivificação ou revitalização com energia vital, o espírito de vida (em hebraico, *ruach*; em grego, *pneuma*). Para a Igreja do Evangelho, participantes da "primeira [principal] ressurreição", isso significará a transmissão do espírito de vida ou da energia vital (em hebraico, *ruach*; em grego, *pneuma*) a um corpo espiritual. ***1 Coríntios 15:42-45***

Na imagem vívida da ressurreição terrena que nos é apresentada na profecia de Ezequiel (***37:5-10, 13, 14***), a relação entre o corpo e o espírito de vida, *"o sopro*", é claramente apresentada. Não importa que o profeta use isso meramente como um *símbolo*; mesmo assim, isso mostra (prova) que um organismo humano não tem vida até que receba o *ruach* — o sopro da vida
— que, como demonstrado em outros trechos, é comum a todos os animais, nenhum dos quais pode viver sem ela. Observemos as afirmações de Ezequiel com espírito crítico, da seguinte forma:

(e) "Farei com que *o sopro* [*ruach* — o espírito da vida, energia vital] entre em vocês, e vocês viverão."

(e) "E eu... farei crescer carne sobre vocês, e os cobrirei

[E317]
vocês com pele, e colocarei *sopro* [*ruach* — o espírito da vida, energia vital] em vocês, e vocês viverão."

(e) "E quando olhei, eis que os tendões e a carne se formaram sobre eles, e a pele os cobriu por cima; mas não havia *fôlego* [*ruach* — o espírito de vida, energia vital] neles."

(e) "E ele me disse: Profetiza ao *vento* [*ru-ach* — o espírito de vida, energia vital — nota marginal, sopro] e diz ao *vento* [*ruach* — o espírito de vida, sopro de vida]: Assim diz o Senhor Deus: Vem dos quatro *ventos* [*ruach*], *ó sopro* [*ruach* — sopro ou o espírito de vida], e sopra sobre estes mortos, para que vivam."

(e) "Então profetizei como ele me ordenou, e *o sopro* [*ruach* — o espírito de vida, sopro de vida, energia vital] entrou neles, e eles ganharam vida."

(e) "E sabereis que eu sou o Senhor, quando eu abrir vossos túmulos, ó meu povo, e vos tirar de vossos túmulos, e colocar meu *espírito* [*ruach* — o espírito de vida, sopro de vida] em vós, e vós vivereis."

Esse *espírito* de vida ou *poder* de vida concedido a Adão por seu Criador, ele teria o privilégio de *conservar* para sempre, caso fosse obediente. Ele perdeu esse direito por causa da desobediência, e o *direito à vida* reverteu para o grande Doador; não como uma pessoa, nem como uma coisa, mas como um direito ou privilégio, o espírito de vida retorna ou reverte para Deus, que concedeu esse direito ou privilégio condicionalmente, e cujas condições foram violadas. ***Ecl. 12:7***

(e) "Nenhum homem tem poder sobre o *espírito* [*ruach* — espírito de vida, centelha de vida] para reter o *espírito* [*ruach* — espírito de vida], o sopro da vida." ***Ecl. 8:8***

Pela graça de Deus, esses direitos ou privilégios de vida perdidos, que cada homem entrega a Deus na morte, foram todos resgatados com o precioso sangue, e o resgatador é anunciado como o novo Doador de Vida, regenerador ou pai da raça humana, que dará vida, e isso mais abundantemente, a todos os que, no fim, o receberem.

Citaremos apenas um exemplo do Novo Testamento:

(e) "O corpo sem o *espírito* [*pneuma* — centelha de vida, sopro de vida] está morto." ***Tg 2,26***

[E318]

Ruach, Pneuma — a Mente, a Vontade

Como a mente ou a vontade é um *poder* ou influência *invisível*, ela é representada pelas mesmas palavras nas línguas hebraica e grega, como mostrarão os exemplos a seguir:

(f) "Ana respondeu e disse: Não, meu senhor, sou uma mulher do *espírito* aflito [*ruach* — mente, disposição]." ***1 Samuel 1:15***

(f) "O tolo manifesta tudo o que tem *na mente* [*ruach* — planos, pensamentos, mente, propósito]." ***Provérbios 29:11***

(f) "Meu *espírito* [*ruach* — mente, coragem] ficou oprimido." ***Salmos 77:3***

(f) "*O* meu *espírito* [*ruach* — mente] procurou diligentemente."
Salmos 77:6

(f) "Aquele que tem um *espírito* fiel [*ruach* — disposição, mente]." ***Provérbios 11:13***

(f) "Todos os caminhos do homem são puros aos seus próprios olhos; mas o Senhor pesa os *espíritos* [*ruach* — a mente, os pensamentos, os motivos]." ***Prov. 16:2***

(f) "O orgulho precede a destruição, e o *espírito* altivo [*ruach* — disposição, vontade, mente] precede a queda." ***Provérbios 16:18***

(f) "Melhor é ter um *espírito* humilde [*ruach* — mente, disposição]." ***Provérbios 16:19***

(f) "Vaidade e aflição do *espírito* [*ruach* — mente]." ***Ecl. 6:9***

(f) "Paciente no *espírito* [*ruach* — mente, disposição]... orgulhoso no *espírito* [*ruach* — mente, disposição]... precipitado no teu *espírito* [*ruach* — mente, disposição]." ***Ecl. 7:8,9***

Algumas ilustrações do Novo Testamento:

(f) "A criança [João] crescia e se fortalecia no *espírito* [*pneuma* — mente, caráter]." ***Lucas 1:80***

(f) "Não preguiçoso nos negócios, fervoroso no *espírito* [*pneuma*
—mente, disposição, caráter], servindo ao Senhor." ***Rm 12,11***

(f) "Ora, vocês não receberam o *espírito* [*pneuma* — disposição, mente] do mundo." ***1 Coríntios 2:12***

(f) "Não tive descanso em meu *espírito* [*pneuma* — mente]." ***2 Coríntios 2:13***

[E319]

(f) "Renovai-vos no *espírito* [*pneuma* — caráter, disposição] da vossa mente." ***Ef 4,23***

(f) "O ornamento do *espírito* manso e tranquilo [*pneuma* — mente, disposição]." ***1 Pedro 3:4***

Esses usos bíblicos dessas palavras originais mostram que nossa palavra *"espírito"* em português é um bom equivalente, pois não falamos apenas do espírito da vida, mas também de um espírito manso, um espírito bom, um espírito ou humor irado, um espírito amargo e um espírito ardente; e também usamos essas expressões tanto em relação aos animais inferiores quanto ao homem. O fato que estamos comprovando é amplamente demonstrado — a saber, que o *espírito* não é o homem real, nem outro homem, mas que essa palavra, quando usada em referência à criação do homem, significa simplesmente a centelha da vida ou o poder da vida, que é comum a todos os animais.

Neshamah — o Sopro da Vida

Embora a palavra *ruach* seja às vezes traduzida como "sopro", os Hebreus tinham outra palavra para sopro, a saber, *neshamah*. Ela ocorre vinte e seis vezes, e em dezenove dessas ocorrências é traduzida como "sopro" — "inspiração" uma vez, "o espírito" duas vezes, "almas" uma vez, "rajada" três vezes. Como exemplos do significado dessa palavra, e para comprovar que ela significa simplesmente poder vital e, em nenhum sentido, transmite qualquer ideia de vida eterna ou de imortalidade, observe os seguintes usos da palavra:

"O Senhor Deus formou o homem do pó da terra e *soprou* [*naphach* — inflou, soprou] em suas narinas o *sopro* [*neshamah*] da *vida* [*caiyah*]." ***Gênesis 2:7***

"Morreu toda a carne que se movia sobre a terra: tanto as aves, quanto o gado, tanto as bestas, quanto tudo o que rastejava sobre a terra, e todos os homens; tudo em cujas narinas havia o *fôlego* [*neshamah*] de *vida* [*caiyah*] — tudo o que havia na terra seca morreu." ***Gênesis 7:21,22***

Essas duas primeiras ocorrências da palavra *neshamah* na Bíblia são amplamente suficientes para provar nossa tese de que a palavra não se refere à imortalidade, nem a um

[E320]
, mas simplesmente à vitalidade, ao poder da vida. Esse poder da vida, segundo nos é dito, foi concedido a Adão, e o mesmo poder da vida, conforme o segundo texto citado, é declarado como tendo estado em todos os animais da terra firme — aves, gado, bestas e répteis —, bem como no homem; e, quando privados desse sopro de vida, a declaração é de que todas essas almas ou seres morreram como resultado — tanto o homem quanto as criaturas inferiores. Todos morreram da mesma forma, exceto que há um propósito divino em relação ao homem, o qual, no tempo devido, providenciou o resgate e, mais adiante, no tempo devido, proporcionará a libertação prometida do poder da morte por meio da ressurreição do ser, da alma.

Una Alma Humana

Muitos, ao lerem o relato da criação em Gênesis, notaram o fato de que, quando Deus formou o homem do pó da terra e lhe comunicou o espírito (sopro) de vida, o registro diz: "O homem tornou-se uma *alma vivente*". Essa afirmação, para o leitor comum, quando considerada em conjunto com seu equívoco geral sobre o significado da palavra "alma" — tal como lhe foi deturpada por aqueles que deveriam tê-lo instruído adequadamente e que deveriam ter compreendido o assunto por si mesmos —, é suficiente para deixá-lo perplexo e levá-lo a pensar que, de alguma forma, há uma base para o erro predominante que ele não compreende, mas que supõe que seus professores teológicos escolhidos tenham investigado e comprovado sem sombra de dúvida.

Por não compreenderem o significado da palavra *"alma"*, muitos sentem-se à vontade para usá-la de maneira imprudente e, por isso, invertem a afirmação bíblica: em vez de falar do homem como *sendo* uma alma, falam do homem como *tendo* uma alma, o que é um pensamento muito diferente. É necessário, portanto, que cada buscador da verdade, na medida do possível, liberte sua mente de preconceitos sobre o assunto, especialmente no que diz respeito a coisas e características que ele admite *não compreender*; pois é tendência natural atribuir

[E321]
e poderes àquilo que é misterioso e não compreendido. Assim, a ideia geral da alma é que ela é maravilhosamente inteligente, dotada de poderes maravilhosos, que é indestrutível, intangível e incompreensível.

Atribui-se a um bispo metodista a seguinte definição de alma, que certamente se coaduna bem com as chamadas teorias "ortodoxas", mesmo que seja absurda quando analisada minuciosamente: "Ela não tem interior nem exterior, nem corpo, forma ou partes, e seria possível colocar um milhão delas em uma casca de noz". Essas diversas características são atribuídas à alma para ajudar a sustentar uma teoria que é totalmente errônea. A teoria é que a alma é o ser real, uma centelha da divindade, dotada de qualidades divinas e vida inteligente, etc., separada e distinta do corpo; e que ela habita o corpo humano por um tempo, usando-o como morada, e, quando o corpo se desgasta ou fica incapacitado, a abandona. Visto que ninguém jamais viu uma alma entrar em um corpo, e visto que uma alma não pode ser encontrada enquanto está no corpo, nem mesmo mediante o exame mais minucioso e com todos os aparelhos aprimorados do microscópio, da fotografia e dos raios "X", supõe-se, portanto, que ela seja "sem corpo, sem forma e sem partes"; e, como se supõe que seja tão pequena que não pode ser distinguida por um microscópio, poderia muito bem dizer-se que caberiam cinquenta milhões delas em uma casca de noz. Na verdade, o bispo deu uma excelente definição do *nada*; e todos concordarão que cem milhões de nada caberiam na menor das cascas de noz e ainda sobraria espaço.

Mas que fundamento há para tal especulação descabida? Respondemos: é totalmente infundada. É o resultado de o homem adotar sua própria teoria sobre uma vida futura e rejeitar a teoria e o plano divinos. A teoria humana diz: "Deve haver algo que nunca morre; caso contrário, não pode haver vida futura". A teoria divina diz: "O mesmo Deus que criou no princípio é capaz de realizar a ressurreição dos mortos". Esse é o conflito entre a Palavra de Deus e todas as teorias humanas da Terra, tanto entre os civilizados quanto entre

[E322]
os bárbaros: todas as teorias humanas ensinam que o homem não morre e, portanto, não precisa de um Doador de Vida nem da ressurreição. A teoria bíblica é que o homem morre e que, sem o Doador de Vida e sem a ressurreição, a morte de fato acabaria com tudo, e não haveria vida futura.

É para sustentar essa teoria que o mundo e todos os seus livros religiosos (incluindo, lamentamos dizer, a maioria das obras sobre escatologia escritas por cristãos professos) ensinam a doutrina da imortalidade da alma — de que existe uma alma no homem, dotada de uma vida separada do corpo, e que ela é imortal, indestrutível e, portanto, destinada a uma eternidade de dor ou prazer. Chegamos, então, à indagação:

O que é a alma?

Ao examinar essa questão do ponto de vista bíblico, descobriremos que o homem *tem* um corpo e o espírito, mas *não é* a alma. A ciência concorda com as Escrituras nesse ponto. De fato, uma das ciências, a frenologia, se propõe a tratar os crânios dos homens e dos animais inferiores como índices e a ler neles os traços e características naturais de seus donos: e não é verdade que todos os homens possuem alguma capacidade de julgar o caráter fisiologicamente? Todos conseguem distinguir entre o intelectual e o idiota, entre o bondoso e benevolente e o cruel e brutal. Aqueles que não aprenderam que *o organismo* (a forma corporal) está indissoluvelmente ligado à natureza, ao caráter e à disposição fizeram mau uso das lições da vida e não estão preparados para julgar nosso tema ou qualquer outro.

A palavra "alma", tal como aparece nas Escrituras, significa *ser sensível*; isto é, um ser dotado de faculdades sensoriais e de percepção sensorial. Com mentes livres de preconceitos, vamos aplicar essa definição ao relato do Gênesis sobre a criação do homem e observar que (1) o organismo ou *corpo* foi formado; (2) o *espírito* de vida, chamado de "sopro de vida", foi transmitido; (3)

[E323]
resultou *uma alma viva*, ou ser sensível. Isso é muito simples e fácil de entender. Mostra que o corpo não é a alma, nem o espírito ou sopro de vida é a alma; mas que, quando esses dois foram unidos pelo Senhor, a qualidade ou condição resultante foi o homem vivo, o ser vivo — uma alma viva, dotada de poderes de percepção. Não há nada de misterioso nisso — nenhuma sugestão de que uma centelha de divindade tenha sido infundida na humanidade, mais do que nos animais inferiores. De fato, embora a criação dos animais inferiores seja ignorada e não descrita especificamente, podemos saber que, também no caso deles, o processo deve ter sido de certa forma semelhante. Sabemos que não poderia haver um cão sem um organismo ou corpo de cão, nem sem o espírito ou sopro de vida nesse corpo. O corpo do cão que nunca tivesse sido animado não seria um cão; é necessária, primeiro, a infusão da centelha da vida, o sopro da vida; só então começa a essência canina. O mesmo se aplicaria a todos os animais.

Em total concordância com isso, chamamos agora a atenção para um fato que surpreenderá muitos; a saber, que, de acordo com o relato bíblico, todo cão é uma alma, todo cavalo é uma alma, toda vaca é uma alma, todo pássaro e todo peixe são almas. Ou seja, todas essas são criaturas *sencientes*, dotadas de poderes de percepção sensorial. É verdade que alguns deles se encontram em um plano mais elevado e outros em um plano mais baixo do que os demais; mas a palavra *"alma",* de forma correta e bíblica, aplica-se tanto às criaturas nos planos mais baixos quanto ao homem, o mais elevado e nobre — aos peixes, répteis, pássaros, bostas e ao homem. Todas são almas. Observe que não dizemos que elas *têm* almas, no sentido comum e equivocado desse termo; contudo, todas elas *têm* almas, no sentido de possuírem *vida, ser, existência — são* almas vivas. Vamos provar isso:

Nos ***capítulos primeiro, segundo e nono de Gênesis***, as palavras "alma viva" são aplicadas, na língua hebraica, aos animais inferiores nove vezes; mas os tradutores (como se estivessem preocupados em proteger o falso, porém comum, equívoco a respeito da alma, derivado da filosofia platônica) zelaram cuidadosamente por seu trabalho, de modo que, na medida do possível, o leitor

[E324]
leitor fosse mantido na ignorância desse fato — de que a palavra *"alma"* é comum às criaturas inferiores e tão aplicável a elas quanto ao homem no uso inspirado das Escrituras. De que outra forma poderia acontecer que, em todos esses casos e em muitos outros exemplos ao longo das Escrituras, eles tenham cuidadosamente ocultado o pensamento, usando outra palavra em inglês para traduzir a palavra hebraica que, no caso do homem, é traduzida como "alma"? Eles guardaram esse ponto com tanto cuidado que apenas em um único lugar na Bíblia essa palavra é traduzida como "alma", em relação às criaturas inferiores, a saber, em ***Nm 31,28***; e ali, muito evidentemente, foram obrigados a revelar o assunto, devido à construção peculiar da frase — não sendo razoavelmente possível nenhuma outra tradução. A passagem diz:

"Cobrai um tributo para o Senhor dos homens de guerra que saíram para a batalha: uma alma a cada quinhentos, tanto das pessoas quanto dos bois, dos jumentos e das ovelhas." Aqui, nota-se que a palavra "alma" é usada tanto em relação aos animais inferiores quanto em referência ao homem; e assim apareceria em outras partes das Escrituras, se os tradutores estivessem livres das distorções e deturpações de suas falsas teorias sobre esse assunto.

Observemos agora os nove textos em Gênesis nos quais o original hebraico da palavra *alma* (*neh-phesh*) ocorre em conexão com os animais inferiores:

"Deus disse: 'Que as águas produzam em abundância os seres que se movem [rastejam] *e que têm vida* [hebr., *neh-phesh* —alma]." (***Gênesis 1:20***) Observe que a leitura marginal é *"alma"*; e que isso ocorreu no quinto dia ou período da criação, muito antes da criação do homem.

"Deus criou as grandes baleias e todos *os seres* vivos [hebraico: *neh-phesh — alma* viva] que se movem, que as águas produziram em abundância." (***Gênesis 1:21***) Isso também ocorreu no quinto "dia", antes da criação do homem. Esses eram *peixes* — almas. "Deus disse: 'Que a terra produza *seres* vivos [hebraico: *neh-phesh — alma* viva] segundo a sua espécie — gado, répteis e bestas'." (***Gênesis 1:24***) Essas eram almas da terra firme

[E325]
, superiores aos peixes — mas o homem, a alma humana ou o ser humano, ainda não havia sido criado.

"E Deus disse: 'A todas as bestas da terra e a todas as ave do céu e a tudo o que rasteja sobre a terra, em que há *vida* [*alma* viva — *neh-phesh*], dei toda erva verde para alimento." (***Gênesis 1:30***) Aqui os animais inferiores são especificados, e é declarado distintamente que todos eles são almas vivas — exatamente nos mesmos termos que se referem ao homem.

"Da terra, o Senhor Deus formou todas as bestas do campo e todas as aves do céu;... e tudo o que Adão chamou de *criatura* viva [hebraico: *a alma* viva — *neh-phesh*], esse foi o nome dela." (***Gênesis 2:19***) Não há necessidade de comentário aqui: não há dúvida de que *a alma* não é exclusivamente uma parte ou qualidade *humana*, mas, quando corretamente entendida, é aplicável a todas *as criaturas sensíveis,* desde as mais inferiores até as mais elevadas — todas as criaturas dotadas de sensibilidade.

"Todo ser vivente que se move servirá de alimento para vocês, mas a carne *com a sua vida* [hebraico: carne, *alma* — *neh-phesh*], que é o seu sangue, não comereis." (***Gênesis 9:3,4***) Aqui, não só se declara que os animais que o homem pode comer possuem alma ou *ser*, mas diz-se que *o sangue* deles representa sua *existência*, *seu ser* ou *sua alma*; e, portanto, proíbe-se ao homem usar sangue como alimento — proíbe-se que ele cultive a sede de sangue.

"Eis que estabeleço minha aliança contigo [Noé] e com a tua descendência depois de ti; e com toda *criatura* viva [hebraico: *a alma* viva — *neh-phesh*] que está contigo, das aves, do gado e de todas as bestas da terra." (***Gênesis 9:9,10***) Uma afirmação muito clara de que todas as criaturas vivas são almas, assim como o homem — embora inferiores a ele em natureza, organismo etc.

"Este é o sinal da aliança que faço entre mim e vocês e todos *os seres* vivos [hebraico: *a alma* viva — *neh-phesh*]." (***Gênesis 9:12***) O que poderia ser mais explícito do que isso?

"Lembrarei da minha aliança que existe entre mim e vocês e toda *criatura* viva [hebraico: toda *alma* viva — *neh-phesh*] de toda a carne." ***Gênesis 9:15***

[E326]

A mesma expressão é repetida exatamente no ***versículo 16***. E não há margem para questionamentos quanto ao significado quando o véu da tradução incorreta é levantado e captamos o pensamento que Deus desejava que recebêssemos de sua Palavra.

Poderíamos proceder de maneira semelhante com outros livros da Bíblia, mas já citamos o suficiente para estabelecer nossa tese diante de qualquer mente razoável — que, no uso bíblico, o termo "alma" se aplica tão propriamente aos animais inferiores quanto ao homem; e, portanto, que todas as alegações ou teorias baseadas na ideia de que as esperanças do homem em uma vida futura e sua superioridade atual sobre os animais inferiores resultam do fato de ele ser uma *alma* e eles não, são uma teoria falsa e precisam de uma reconstrução radical se quisermos ver as coisas do verdadeiro ponto de vista da revelação divina.

Mas que ninguém nos interprete erroneamente como se ensinássemos que, pelo fato de todas as criaturas vivas e em movimento — desde um ácaro até um elefante e desde um girino até uma baleia — serem *almas vivas*, todas elas devem, portanto, ter uma vida futura, seja por meio de uma transferência para condições do espírito, seja por meio da ressurreição futura. Tal pensamento seria um absurdo total — loucura — sem a menor sombra de razão. Bilhões de *almas* vivas nesses planos mais baixos da natureza animal nascem a cada minuto, enquanto outros bilhões morrem a cada minuto.

Nosso argumento é que o homem é uma *alma* ou *ser* da ordem mais elevada — o rei e senhor sobre as ordens inferiores de almas ou seres sencientes, mas ainda assim um deles — uma alma animal humana e terrena; e, no entanto, tão grandiosamente constituído originalmente (Adão) que foi corretamente descrito como à *semelhança* de Deus — a imagem daquele que o criou.

O homem, enquanto alma, se diferencia dos animais inferiores ou das almas inferiores em virtude de seu *organismo* superior: sua superioridade não se manifesta apenas por sua postura ereta; ela é atestada por suas dotes mentais superiores, que são divinas e se refletem em seu rosto. Foi em suas faculdades mentais e morais, e não em sua forma física, que o homem foi criado à semelhança divina. Embora muitas das ordens inferiores de almas ou seres animais possuam *faculdades de raciocínio* e as demonstrem de milhares de maneiras, cada uma delas tem um nível

[E327]
além do qual não é possível progredir; já os poderes de raciocínio do homem são quase ilimitados, pois ele foi criado à "*imagem* de Deus", "à semelhança daquele que o criou". E, apesar da queda do homem no pecado e de seus milhares de anos de trevas densas e degradação, ainda podemos ver a semelhança com Deus — especialmente naqueles que aceitaram o ministério de reconciliação de Cristo com Deus, tornaram-se novamente "filhos de Deus" e buscam ser transformados à imagem do amado Filho de Deus.

Para ilustrar: cavalos, cães e pássaros podem ser ensinados o significado de muitas palavras, de modo a serem capazes de compreender muitas coisas relativas aos assuntos da vida. Frequentemente demonstram suas capacidades de raciocínio, e alguns são capazes de contar — até vinte; mas quem tentaria ensinar a um cavalo, a um cão ou a um pássaro álgebra, geometria ou astronomia? Aos animais inferiores mais evoluídos pode-se ensinar um certo grau de honestidade moral e de obrigação para com o mestre — não matar ovelhas, não morder, não chutar etc. —, mas quem tentaria ensinar a esses animais mudos o Decálogo? Pode-se ensinar-lhes um certo tipo de amor pelo mestre e seus amigos, mas quem pensaria em ensiná-los a amar ou adorar a Deus, ou a ir além da mera tolerância para com inimigos que os tivessem tratado com desprezo?

O ponto a ser observado é que todas essas diferenças não se devem ao fato de os animais inferiores possuírem um tipo diferente de *sopro* ou espírito de vida, pois, como vimos, "todos têm *um mesmo* sopro" (***Ecl. 3:19***); nem porque o homem é uma alma e a besta não é, pois, como vimos, todos são almas. Mas, como constatamos, e como todos os homens testemunham, cada um possui um organismo corporal *diferente*, que confere a cada um suas características distintas e que, por si só, faz com que um seja superior e o outro inferior na escala da inteligência. Observe-se, também, que não são o tamanho e o peso que conferem excelência e superioridade; caso contrário, o elefante e a baleia seriam os senhores da Terra; a excelência está na *"qualidade* orgânica", representada principalmente na estrutura e nas funções cerebrais.

O homem, portanto, é o tipo mais elevado de criatura terrena — "da terra, terreno" — e sua excelência consiste na

[E328]
superioridade de sua dotação mental — não um desenvolvimento, mas um dom de seu Criador.

"A Alma que Pecar, Essa Morrerá"

Está em total harmonia com o exposto acima, mas em total desacordo com o pensamento comum sobre o assunto, que encontremos nas Escrituras declarações repetidas sobre a morte da alma, que a filosofia humana e a teologia dos hinários afirmam enfaticamente ser indestrutível. Lemos, por exemplo, que nosso Senhor, quando se tornou nosso preço de resgate, "derramou sua *alma* [seu ser] até a morte". "Ele fez de sua *alma* uma oferta pelo pecado." (***Isaías 53:10, 12***) Isso foi necessário, pois foi *a alma* de Adão que foi condenada à morte, e a promessa à humanidade é a redenção da *alma* ou do ser do poder da morte. "Deus redimirá minha *alma* da sepultura [*sheol* — a condição de morte]." (***Salmos 49:15***) E, como vimos, é porque todas as almas são assim redimidas na única redenção que se diz que todos os nossos amigos — toda a humanidade — "dormem em Jesus". ***1 Tessalonicenses 4:14***

Observamos aqui que o Apóstolo não poderia, nessa expressão, referir-se meramente aos santos, como quando fala daqueles que estão "em Cristo"; pois aqueles a quem se refere como "novas criaturas" são apenas aqueles que são gerados por Deus por meio do espírito, para serem co-herdeiros com Cristo, como sua Igreja, os membros de seu corpo. Mas "aqueles que dormem em Jesus" incluem toda a raça humana, pois nosso Senhor Jesus foi uma propiciação pelos nossos pecados, e não apenas pelos nossos, mas também pelos pecados do mundo inteiro; e, em virtude desse sacrifício, ele é nosso Doador de Vida, e não apenas o nosso, mas também o Doador de Vida para o mundo inteiro — sendo que o testemunho e a oportunidade de aceitação, para a maioria, ainda estão por vir. ***1º João 2:2***; ***1 Tim. 2:4-6***

Que o apóstolo tem esse pensamento em mente fica evidente neste contexto: ele está aqui exortando os crentes a não se entristecerem como os que não têm esperança; e apresenta como razão para

[E329]
esperança o fato de que Jesus morreu pelo pecado do homem e ressuscitou para ser o seu justificador; e, portanto, que todos "dormem em Jesus", ou seja, estão legalmente livres da sentença de morte e sujeitos a Jesus, para serem ressuscitados dentre os mortos pelo poder divino. Se o apóstolo tivesse dito, ou se tivesse sido entendido como querendo dizer, que apenas os santos seriam assim abençoados por meio de Jesus, podemos ver facilmente que os crentes daquela época e desde então teriam muito pouco consolo em suas palavras, pois a grande maioria dos entes queridos dos crentes, naquela época e desde então, não pode ser considerada santa: e se o despertar do sono da morte fosse uma bênção destinada apenas aos santos, esse pensamento, em vez de ser um consolo, seria o contrário: uma angústia, uma aflição. Mas o Apóstolo se refere ao mundo inteiro como estando assim *adormecido* em Jesus, embora ninguém saiba disso desse ponto de vista, exceto o Pai celestial e seu povo consagrado, a quem ele instruiu a respeito de seus futuros planos de graça, por meio da Palavra da verdade, para que se regozijem nas longitudes, larguras, alturas e profundezas da bondade divina, e "não se entristeçam, como os outros que não têm [tal esperança substancial]".

Assim como o sono natural, se profundo, implica inconsciência total, o mesmo ocorre com a morte, o sono figurativo — é um período de inconsciência absoluta — mais do que isso, é um período de inexistência absoluta, exceto na medida em que é preservado no propósito e no poder do Pai. Portanto, o despertar da morte, para aqueles que forem restaurados, significará um renascimento da consciência a partir do momento exato e do ponto de vista em que a consciência foi perdida na morte. Não haverá percepção do tempo no que diz respeito ao intervalo. O momento do despertar será o momento imediatamente seguinte ao da morte, no que se refere à percepção consciente.

Essa mesma condição já foi observada em relação a pessoas que sofreram lesões que causaram pressão sobre o cérebro e, assim, suspenderam temporariamente a consciência, sem extinguir a vida. Em casos desse tipo, quando a pressão sobre o cérebro foi removida por meio de trepanação, o paciente, ao recuperar repentinamente a consciência,

[E330]
, em inúmeros casos, completou uma frase que havia sido interrompida pela concussão que interrompeu o pensamento: pois o poder divino reproduzirá minuciosamente cada convoluto de cada cérebro e os vivificará. Assim, no momento do despertar, o mundo da humanidade em geral reviverá com as mesmas palavras e pensamentos com os quais expirou. Mas não se esqueça de que aqui nos referimos ao mundo em geral, não aos escolhidos e à classe especial selecionada do mundo, a saber, a Igreja, o corpo de Cristo, que terá parte na primeira ressurreição e, em muitos aspectos, viverá uma experiência diferente.

Mas, embora a morte adâmica tenha sido transformada — em virtude do plano divino e do resgate — de uma *destruição* para uma *suspensão* da existência, chamada sono, constatamos, no entanto, que as Escrituras afirmam muito claramente que, após o renascimento ou despertar do sono da morte, dependerá de cada indivíduo se ele seguirá em direção à perfeição e à vida, sob a orientação, governo e tutela do glorioso Cristo, ou se escolherá, de forma voluntária, deliberada e obstinada, o caminho do pecado. Se escolher a segunda opção, receberá a punição originalmente destinada ao pai Adão, a saber, a morte, mas não mais a morte adâmica, a pena pelo pecado de Adão: esta é denominada Segunda Morte. Essa Segunda Morte não é mencionada em lugar algum como um *sono*, nem há a menor indicação de que haverá algum despertar dela. Pelo contrário, ela é designada como "destruição eterna, longe da presença do Senhor". ***2 Tess. 1:9***

Sobre essa classe redimida e despertada, que, em geral, passará por seu julgamento durante a Era Milenar, as Escrituras declaram: "A alma que pecar, essa morrerá." (***Ez. 18:20***) É evidente, com base em três considerações, que essa passagem bíblica não se aplica de maneira geral no momento atual:

(1) Ela não faria sentido, no momento atual, em que todos morrem — os santos e os pecadores.

(2) Ela está expressa na forma de uma segunda oração e

[E331]
baseia-se na ação individual, e isso não poderia ser aplicável no tempo presente, porque agora todos morremos por causa da "desobediência de um único homem" e da sentença de morte que recaiu sobre *ele*, afetando indiretamente toda a sua raça. ***Rom. 5:12***

(3) O contexto mostra que essa passagem se refere particularmente àqueles que se libertaram do pecado adâmico, que prevalece em geral hoje. Sua aplicabilidade especial, portanto, deve pertencer à próxima era, a era milenar. Observe as conexões, sem esquecer que a aliança da lei da era judaica era análoga à aliança da era milenar, exceto que esta última terá um mediador melhor, capaz e disposto a socorrer e ajudar todos os que buscarem andar em retidão, sem imputar falhas não intencionais.

O contexto declara: "Isso não será mais um provérbio em Israel: 'Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos ficaram sensíveis'. Mas, pelo contrário, cada alma será responsável perante Deus por si mesma, e 'a *alma que pecar*, essa morrerá'. O filho não arcará com a iniquidade do pai, nem o pai arcará com a iniquidade do filho: a justiça do justo recairá sobre ele, e a maldade do ímpio recairá sobre ele." (***Ez. 18:2, 4, 20***) É evidente que esse tempo ainda não chegou. As crianças ainda têm os "dentes estrinhados" por causa das uvas verdes do pecado que seus pais comeram; ainda estamos sob a lei da hereditariedade; todos ainda morrem pelo pecado de Adão, e não por pecado individual. Como prova disso, observe-se o fato indiscutível de que quase metade da família humana morre na infância, sem ter alcançado a idade da discrição ou da responsabilidade por conta própria. Quem não consegue ver que a criança agonizante e moribunda, com poucos dias ou meses de vida, não está morrendo por *seus próprios pecados*, mas porque é membro da raça adâmica, que ainda está sob a maldição pronunciada contra nosso pai Adão: "Morrerás, certamente morrerás"? Ela herdou uma parte da maldição e também herdará uma parte da bênção de Deus por meio de Cristo no futuro

[E332]
despertar, garantido pelo mérito da grande expiação consumada no Calvário.

Se nos voltarmos para ***Jeremias 31:29-34***, encontramos outra referência exatamente às mesmas condições mencionadas por Ezequiel, só que em Jeremias nos são fornecidos detalhes mais explícitos, que mostram que essa condição não pertence à era presente, mas a uma era futura. Jeremias declara:

"Naqueles dias não se dirá mais: 'Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos ficaram sensíveis'. Mas cada um [que morrer] morrerá por sua própria iniquidade; todo homem que comer uvas verdes, seus dentes ficarão sensíveis."

As palavras "Naqueles dias" referem-se claramente aos tempos futuros de restauração, sob o reinado de Cristo, e não ao tempo presente do reinado do pecado e da morte. Observe que o Profeta prossegue descrevendo outras características da era milenar, falando sobre a Nova Aliança que será confirmada a Israel e a Judá, a aliança eterna, sob a qual eles receberão sua tão esperada porção das bênçãos e promessas abraâmicas. Compare ***com Romanos 11:26-31***

Esse mesmo pensamento — de que a morte voltará a ser a pena pelo pecado para todos os redimidos da morte adâmica, caso, depois de terem chegado ao conhecimento da graça de Deus, recebam essa graça em vão — é demonstrado pelas próprias palavras de nosso Senhor: "Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma [não temais os que tiram a vida presente, que, de qualquer forma, já está sob sentença de morte; mas lembrem-se de que vocês foram redimidos, de que uma vida futura é uma possibilidade para vocês e de que nenhum homem pode roubar-lhes aquilo que Deus lhes proporcionou por meio da redenção em Cristo Jesus], mas temam aquele que pode destruir tanto a alma quanto o corpo na Geena." (***Mt 10,28***) Aqui, o poder de Deus para destruir a alma é afirmada de forma categórica, e isso por uma autoridade inquestionável. Estamos cientes de que uma teologia distorcida tem procurado deturpar as Escrituras e, por isso, afirma que isso significa que Deus é capaz de *destruir a felicidade* da alma na Geena, mas que é incapaz de destruir a própria alma

[E333]
em si. Respondemos que isso é uma deturpação das Escrituras e sua perversão de uma maneira que não pode deixar de trazer consequências malignas sobre aqueles que "manipulam a palavra de Deus com engano". Em outro lugar, mostramos* que a palavra "Geena" aqui usada significa "a Segunda Morte" — destruição total
— para todas as almas que não ouvirem o grande Profeta de Deus, quando, no tempo devido, ele falar claramente a todo o povo, assim como agora fala por meio de parábolas e palavras obscuras, explicadas apenas à Igreja. ***Atos 3:23***; ***Mateus 13:11***

Afirmamos, portanto, que as Escrituras declaram inquestionavelmente que *o homem* é uma alma ou um ser; que seu direito à existência, sob o ordenamento divino, foi perdido pelo pecado, e que ele está agora sob a maldição ou a pena da sentença divina, *morte*; que os privilégios e direitos do homem foram todos adquiridos pelo homem Cristo Jesus, que se entregou como o resgate por todos; que, como consequência, a morte não deve ser considerada como morte, destruição total, mas meramente como um "sono" temporário, do qual a humanidade será despertada por seu redentor na manhã da ressurreição da era milenar.

Confusão causada por traduções incorretas

Não devemos nos surpreender ao constatar que, por terem visões grosseiramente errôneas sobre o que é a alma, o que é o espírito e o que é o homem real, os tradutores da nossa Bíblia em inglês, a Versão Comum, ficaram profundamente perplexos; e, em seu esforço para forçar a tradução a se harmonizar com suas ideias preconcebidas sobre esse assunto, confundiram dez vezes mais o leitor comum de inglês. Eles ocultaram e distorceram tanto o significado das palavras que tornaram extremamente difícil para o leitor inglês perceber a dupla dificuldade existente: (1) o falso ensinamento sobre o assunto e (2) os erros de tradução que sustentam esse falso ensinamento.

---

*"*O que dizem as Escrituras sobre o inferno?*" Entre em contato com os editores.

[E334]

No entanto, pela providência divina, vivemos hoje em uma época dotada de recursos de todos os tipos, de modo que qualquer homem ou mulher, mesmo com formação comum, com esses recursos à sua disposição, pode obter uma visão mais clara de todo o assunto do que os próprios tradutores tinham. Existem atualmente três obras que proporcionam ao leitor de inglês uma compreensão razoavelmente clara da Bíblia em inglês na Versão Comum e mostram exatamente como ela traduziu os originais hebraicos e gregos. (1) *A Concordância Hebraica e Grega das Sagradas Escrituras para o Inglês* [não sectária]. (2) *A Concordância Analítica da Bíblia* do Professor Young [Presbiteriana]. (3) *A Concordância Exaustiva* do Dr. Strong [Metodista]. Todas as três apresentam cada palavra das Escrituras e mostram o original do qual ela deriva. E embora tenhamos mencionado as denominações representadas nessas diferentes concordâncias, é justo dizer que, até onde observamos até agora, não se permitiu que preconceitos denominacionais interferissem na precisão de nenhuma delas. Embora tenham sido elaboradas seguindo linhas um tanto diferentes, seu testemunho é harmonioso e preciso, sendo as diferenças entre elas apenas de conveniência e utilidade.

Ao examinar essas obras de referência, o que encontramos? O seguinte: que a palavra hebraica *nephesh*, que geralmente é traduzida como "a alma" (436 vezes) em todo o Antigo Testamento e que tem o significado de "ser sensível", é traduzida de trinta e seis maneiras diferentes, como segue: "qualquer", 4 vezes; "apetite", 2; "besta", 1; "corpo", 4; "sopro", 1; "criatura",
9 [ver ***Gên. 1:21,24; 2:19; 9:10,12,15,16***; ***Lev. 11:46***,
duas vezes]; "morto", 5; "mortal", 1; "desejo", 3; "insatisfeito", 1; "peixe", 1 (***Isaías 19:10***); "o fantasma", 2; "ganancioso", 1; "tem", 1;
"ele", 1; (***Salmos 105:18***); "coração", 15; "sincero", 1; "ela mesma",
1; "ela", 1; "ele mesmo", 4; "vida", 100; "desejo", 2; "homem", 2;
"mim", 3 (***Nm 23,10***; ***Juízes 16,30***; ***1º Reis 20,32***);
"mente", 15; "mortal", 1; "eu mesmo", 1 (***Salmos 131:2***); "um", 1 (***Lev. 4:27***); "próprio", 1 (***Prov. 14:10***); "pessoa", 24 (***Gên. 14:21; 36:6***; ***Núm. 31:19; 35:11, 15, 30***; ***Dt. 10:22; 27:25***; ***Josué 20:3,9***); "prazer", 3; "eu mesmo", 21; "matar", 1;

[E335]
"coisa", 2 (***Lev. 11:10***; ***Ez. 47:9***); "vontade", 3; "seu", 3.

A palavra grega *psuche* [ser sensível], do Novo Testamento, correspondente a *neh-phesh*, é traduzida como "alma" cinquenta e seis vezes; também é traduzida como "mente", três vezes (***Atos 14:2***; ***Filipenses 1:27***; ***Hebreus 12:3***); "coração", uma vez (***Efésios 6:6***); "vida", quarenta e uma vezes.

Entre essas variações na tradução, nenhuma serviu para obscurecer a verdade mais do que a última. Ela tendeu a dar a impressão de que a *vida* é uma coisa, e *a alma* ou o ser, outra; e fomentou a ideia de que um homem poderia perder a vida sem perder a alma, o seu ser. A seguir estão os casos em que a palavra *psuche* é traduzida *como "vida*", mas teria evitado melhor a confusão se traduzida *como "ser"* ou *"alma*":

"Que buscava a *vida* [*psuche* — alma, ser] da criança." ***Mateus 2:20***

"Não vos preocupeis com *a* vossa *vida* [*psuche* — alma, ser], com o que haveis de comer." ***Mateus 6:25***

"Não é a *vida* [*psuche* — alma, ser] mais do que o pão?" ***Mateus 6:25***

"Quem encontrar *a* sua *vida* [*psuche* — alma, ser] a perderá, e quem perder *a* sua *vida* [*psuche* — alma, ser] por minha causa a encontrará." ***Mateus 10:39***

"Quem quiser salvar *a* sua *vida* [*psuche* — alma, ser] a perderá, e quem perder *a* sua *vida* [*psuche* — alma, ser] por minha causa, a encontrará." ***Mateus 16:25***

"O Filho do homem veio... para dar *a* sua *vida* [*psuche* — alma, ser] como o resgate por muitos." ***Mateus 20:28***

"É lícito salvar *a vida* [*psuche* — alma, ser] ou matar?" ***Marcos 3:4***

"Quem quiser salvar *a* sua *vida* [*psuche* — alma, ser] a perderá, mas quem perder *a* sua *vida* [*psuche* — alma, ser] por minha causa e pela do evangelho, esse a salvará. Pois de que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a própria *alma* [*psuche* — vida, ser], ou o que o homem dará em troca da sua *alma* [*psuche* — vida, ser]?" [Quão poucos leitores em inglês sabem que "vida" e "alma", ambas usadas

[E336]
duas vezes nesta passagem, derivam da mesma palavra grega *psuche*.] ***Marcos 8:35-37***

"O Filho do Homem veio para dar a sua *vida* [*psuche* — a alma, ser] como o resgate por muitos." ***Marcos 10:45***

"É lícito salvar *a vida* [*psuche* — alma, ser] ou destruí-la?" ***Lucas 6:9***

"Quem quiser salvar *a* sua *vida* [*psuche* — alma, ser] a perderá, mas quem perder *a* sua *vida* [*psuche* — alma, ser] por minha causa, esse a salvará. Pois de que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a si mesmo, ou ser rejeitado?" ***Lucas 9:24***

"O Filho do Homem não veio para destruir *a vida* das pessoas [*psuche* — almas, seres], mas para salvá-las." ***Lucas 9:56***

"Não vos preocupeis com *a* vossa *vida* [*psuche* — a alma, ser], com o que haveis de comer, nem com o corpo, com o que haveis de vestir. A vida é mais do que o alimento, e o corpo é mais do que o vestuário." ***Lucas 12:22,23***

"Se alguém vem a mim e não odeia [não ama menos] seu pai, sua mãe, sua esposa, seus filhos, seus irmãos e irmãs, sim, e até mesmo *a* sua própria *alma* [*psuche* — alma, ser], não pode ser meu discípulo." ***Lucas 14:26***

"Quem quiser salvar *a* sua *vida* [*psuche* — alma, ser] a perderá, e quem perder *a* sua *vida* [*psuche* — alma, ser] a preservará." ***Lucas 17:33***

A ideia contida neste último texto, e em vários que o precedem, é que o povo do Senhor deve lembrar-se de que sua existência ou ser atual está, de qualquer forma, sob sentença de morte; mas que a graça divina providenciou a redenção — não uma continuidade do ser, mas a ressurreição, o renascimento, a nova vida. O chamado da era evangélica é entregar nossas vidas a serviço do Senhor, como sacrifícios vivos, seguindo o exemplo de nosso Redentor — sendo a promessa de que a todos os crentes em Cristo que assim o fizerem, fielmente, será concedida uma participação com ele na natureza divina, por meio da operação da primeira ressurreição. Assim, eles recuperarão sua alma, seu ser, sua existência — com "*vida* [*zooe*] mais abundante". ***João 10:10***

"O Bom Pastor dá a sua *vida* [*psuche* — alma, ser]

[E337]
pelas ovelhas [nosso Senhor "derramou sua *alma* até a morte; fez de sua *alma* uma oferta pelo pecado". ***Isaías 53:10, 12***]". ***João 10:11***

"Eu dou a minha *vida* [*psuche* — alma, ser] pelas ovelhas." ***João 10:15***

"Eu dou a minha *vida* [*psuche* — alma, ser] para que eu a receba de novo [de acordo com a promessa e o poder divinos, por meio da ressurreição]." ***João 10:17***

"Quem ama *a* sua *vida* [*psuche* — alma, ser] a perderá; e quem odeia *a* sua *vida* [*psuche* — alma, ser] neste mundo a preservará para a vida eterna." ***João 12:25***

A ideia aqui é que a fidelidade a Deus em meio às condições adversas atuais significa, necessariamente, insatisfação com as condições presentes e uma disposição de sacrificar tudo isso a serviço de Deus, da justiça e de nossos semelhantes — e, assim, de acordo com a provisão divina, ser considerado digno de *existir* [a alma, o ser] nas condições mais favoráveis da dispensação que está por vir. Aquele que ama as condições atuais das coisas e que valoriza os prazeres e desfrutes do tempo presente mais do que valoriza a justiça e a obediência a Deus estará, assim, provando-se indigno da existência futura que Deus nos ofereceu, indigno de ter sua alma, seu ser, restaurado na primeira ressurreição.

"Darás a tua *vida* [*psuche* — alma, ser] por minha causa?" ***João 13:38***

"Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua *vida* [*psuche* — alma, ser] pelos seus amigos." ***João 15:13***

"Homens que arriscaram suas *vidas* [*psuche* — almas, seres]." ***Atos 15:26***

"Não se preocupem, pois *a vida* dele [*psuche* — alma, ser] está nele [ele não expirou, nem exalou a existência]." ***Atos 20:10***

"Nem considero *a* minha *vida* [*psuche* — alma, ser, existência] preciosa para mim, a fim de que eu possa completar a minha corrida com alegria." ***Atos 20:24***

O apóstolo havia aprendido a considerar corretamente a existência presente

[E338]
como de pouco valor em comparação com a futura, prometida na ressurreição. Ele não a considerava "preciosa", no sentido de valorizá-la mais do que o Senhor e o favor do Senhor, e as oportunidades de servir à causa do Senhor. Ele estava disposto a se dedicar e se desgastar a serviço do mestre, na esperança de alcançar a primeira ressurreição, como nos diz explicitamente em ***Filipenses 3:8-11***.

"Senhores, percebo que esta viagem trará perigo e muitos danos, não apenas à carga e ao navio, mas também às nossas *vidas* [*psuche* — almas, seres]." ***Atos 27:10***

"Ninguém perderá a *vida* [*psuche* — alma, ser]." ***Atos 27:22***

"Fiquei sozinho, e eles buscam tirar *a* minha *vida* [*psuche* — alma, ser]." ***Romanos 11:3***

"Que arriscaram a própria vida [*psuche* — alma, ser] por minha *vida*." ***Romanos 16:4***

"Porque, pela obra de Cristo, ele esteve à beira da morte, sem se importar com *a* própria *vida* [*psuche* — alma, ser], suprindo a falta do serviço de vocês para comigo." ***Filipenses 2:30***

"Porque ele entregou a sua *vida* [*psuche* — alma, ser
— 'derramou sua alma até a morte; fez de sua alma uma oferta pelo pecado'] por nós; e devemos entregar nossas *vidas* [*psuche* — almas, seres] pelos irmãos." ***1º João 3:16***

"Morreu a terceira parte das criaturas que estavam no mar e tinham *vida* [*psuche* — a alma, ser]." ***Apocalipse 8:9***

"Eles não amaram suas *vidas* [*psuche* — almas, seres] a ponto de morrer." ***Apocalipse 12:11***

Assim que esclarecermos nossas mentes sobre esse assunto da alma e obtivermos uma compreensão clara de como exatamente as palavras *neh-phesh* e *psuche* são usadas ao longo das Escrituras pelos escritores inspirados, isso dissipa todo o mistério que até então estava envolto nas palavras obscuras *"alma"* e "fantas*ma*", que, não apenas para os ignorantes, mas também para muitos dos instruídos, têm significado algo indefinido, indescritível e incompreensível.

Mas que ninguém pense que o corpo *é* a alma: isso

[E339]
é um erro, como as palavras de nosso Senhor mostram claramente: "Deus é capaz de destruir *tanto* a alma quanto o corpo". Por outro lado, porém, não pode haver alma, nem ser sensível, sem um corpo — seja ele celestial ou terreno, espiritual ou animal.

Ao nos voltarmos para o relato da criação do homem no Gênesis, vemos que o corpo foi formado primeiro, mas não era um homem, uma alma ou *um ser* até que fosse animado. Tinha olhos, mas não via nada; orelhas, mas não ouvia nada; uma boca, mas não falava nada; uma língua, mas não tinha paladar; narinas, mas não tinha olfato; um coração, mas não pulsava; sangue, mas estava frio, sem vida; pulmões, mas não se moviam. Não era um homem, mas um cadáver, um corpo inanimado.

O segundo passo no processo da criação do homem foi dar vitalidade ao corpo devidamente "formado" e preparado em todos os aspectos; e isso é descrito pelas palavras "soprou em suas narinas o fôlego da vida". Quando uma pessoa saudável se afoga e a atividade vital está totalmente suspensa, diz-se que a reanimação é efetuada movimentando-se os braços e, assim, fazendo com que os pulmões funcionem como um fole, restabelecendo gradualmente a respiração pelas narinas. No caso de Adão, é claro que não foi necessário nenhum esforço árduo por parte do Criador para fazer com que o organismo perfeito que Ele havia criado respirasse o oxigênio vivificante da atmosfera.

À medida que o sopro vital entrava, os pulmões se expandiam, os glóbulos sanguíneos eram oxigenados e seguiam para o coração, que, por sua vez, os impulsionava para todas as partes do corpo, despertando todos os nervos preparados, mas até então adormecidos, para a sensação e a energia. Em um instante, a energia alcançou o cérebro, e começaram a percepção, o raciocínio, a visão, o tato, o olfato, a sensação e o paladar. Aquilo que era um *organismo* humano sem vida havia se tornado um *homem*, um ser sensível: a condição de *"alma* viva" mencionada no texto havia sido alcançada. Em outras palavras, o termo "alma viva" significa nem mais nem menos do que o termo "ser sensível"; ou seja, um ser capaz de sensação, percepção e pensamento.

Além disso, embora Adão fosse perfeito em seu organismo, era necessário que ele *mantivesse* a vida, *a alma* ou o ser sensível

[E340]
, ao se alimentar dos frutos das árvores da vida. E quando ele pecou, Deus o expulsou do jardim, *"para* que não estendesse a mão, tomasse também da árvore [*árvores* no plural ou *bosque*] da vida, comesse e *vivesse para sempre* [ou seja, comendo continuamente]". (***Gênesis 3:22***) Como as névoas e os mistérios se dissipam diante da luz da verdade que brilha da Palavra de Deus!

Embora, devido à sua queda no pecado e na morte, a condição do homem esteja longe daquilo que era em sua perfeição original, quando declarada "muito boa" pelo Juiz supremo, de modo que alguns, pelo cultivo dos órgãos inferiores do pensamento e pela falta de uso das faculdades intelectuais superiores, tenham atrofiado os órgãos do cérebro que representam essas faculdades superiores, ainda assim os *órgãos* continuam lá e são capazes de desenvolvimento, o que não é o caso dos espécimes mais próximos da perfeição entre a criação animal. Portanto, é por ter o Criador dotado o homem de um *organismo* superior e mais refinado que Ele o fez diferir dos animais. Ambos têm carne e ossos semelhantes, respiram o mesmo ar, bebem a mesma água e comem alimentos semelhantes, e todos são almas ou criaturas dotadas de inteligência; mas o homem, em seu *corpo superior*, possui capacidade para uma inteligência mais elevada e é tratado pelo Criador como se estivesse em um plano inteiramente diferente. É na medida em que o pecado degrada o homem de sua semelhança original com o Criador que se diz que ele é "brutal" — assemelhando-se mais aos animais, desprovido das sensibilidades mais elevadas e refinadas.

Aqueles cujos olhos do entendimento começam a se abrir para esse assunto, de modo que percebem que a palavra "alma" significa inteligência e existência, e que a palavra "sopro" ou "espírito de vida" significa o poder divino de viver, podem facilmente perceber, a partir do exposto, que toda criatura que possui consciência de vida tem, em primeiro lugar, um corpo ou organismo; em segundo lugar, o espírito da vida que a anima e, em terceiro lugar, a existência, o ser, a alma, como resultado. Uma ilustração que ajuda alguns a compreender a proposição é a semelhança entre calor e alma. Se um pedaço de carvão for colocado em condições favoráveis, com acesso ao oxigênio do ar, e então inflamado, algo novo será produzido — *calor*. O carvão não é calor, embora

[E341]
possui algumas das qualidades que, em condições favoráveis, produziriam calor; nem o oxigênio é calor, mas também ele, em condições favoráveis, pode ser um elemento na produção de calor. Assim, para dar continuidade à analogia, o corpo não é a alma, embora o corpo possua as qualidades necessárias para a alma; nem o sopro ou o espírito de vida é a alma
— é o poder que veio de Deus e que é necessário para a formação da criatura sensível. O corpo, quando devidamente unido ao sopro ou ao espírito de vida, produz algo novo — um ser, a alma, uma criatura sensível.

E o processo de dissolução, a morte, está em harmonia com esses fatos. Se o sopro ou o espírito de vida for retirado, ocorre a morte. Agora, a questão é: o que morre? O sopro ou o espírito de vida morre? Certamente que não; ele nunca teve um ser sensível, é um princípio ou poder, como a eletricidade; não tem pensamento, nem sentimento; não poderia morrer. O corpo morre? Respondemos: Não. O corpo pode perder a vida com a qual o Pai o anima, mas o corpo em si, separado do sopro ou do espírito da vida, não possuía consciência, nem sentimento, nem sensação e, portanto, não se poderia dizer que morre; ele era *inanimado* antes que o sopro ou o espírito da vida entrasse nele; era *animado* enquanto o sopro ou o espírito da vida estava nele; torna-se *inanimado* novamente, ou morto, quando o espírito da vida é retirado.

O que, então, morre? Respondemos que é a alma que morre
— o ser sensível cessa de existir. Lembremos que o ser sensível foi produzido pela união do sopro ou o espírito da vida com um organismo, e que a separação ou dissolução desses dois causa a cessação do ser, a alma
— a morte. Que isso seja verdade para os animais inferiores, ninguém questionaria nem por um momento; mas não será igualmente verdade para o homem, o animal mais elevado, criado à imagem intelectual e à semelhança moral de Deus? Não é menos verdade, e deve ser igualmente evidente para toda mente racional. Estamos cientes de que algumas poucas passagens das Escrituras podem ser distorcidas e mal interpretadas de modo a contradizer essa proposição, mas, no devido tempo, elas serão analisadas e se mostrará que estão em total concordância com essas exposições.

[E342]

Tomemos outra ilustração da relação entre o corpo humano ou animal, o espírito e a alma: uma vela apagada corresponderia a um corpo humano inanimado ou a um cadáver; o acender da vela corresponderia à centelha de vida originalmente conferida pelo Criador; a chama ou luz corresponde ao ser sensível, à inteligência ou à qualidade da alma; a atmosfera oxigenada que se une ao carbono da vela para sustentar a chama corresponde ao *sopro* da vida ou ao espírito da vida que se une ao organismo físico para produzir a alma ou a existência inteligente. Se ocorresse um acidente que destruísse a vela, a chama, naturalmente, se extinguiria; assim, se um corpo humano ou animal fosse destruído, seja por doença ou acidente, a *alma*, o *ser*, a inteligência, a personalidade, *cessariam*. Ou, se o suprimento de ar fosse interrompido para a chama da vela, seja por um apagador, seja submergindo a vela na água, a luz se extinguiria, mesmo que a vela permanecesse intacta. Assim, a *alma*, a vida e a existência do homem ou do animal cessariam se o sopro da vida fosse interrompido por afogamento ou asfixia, enquanto o corpo poderia permanecer relativamente intacto.

Assim como a vela acesa pode ser usada, em condições favoráveis, para acender outras velas, mas, uma vez extinta a chama, a vela não pode reacender nem a si mesma nem outras velas, da mesma forma o corpo humano ou animal, enquanto vivo — na qualidade de alma ou ser vivo —, pode, por disposição divina, dar origem ou *propagar* outras almas ou seres — a prole: mas, assim que a centelha da vida se extingue, a alma ou o ser deixa de existir, e todo o poder de pensar, sentir e se propagar cessa. Em consonância com isso, lemos nas Escrituras sobre os filhos de Jacó: “Todas as *almas* que saíram dos lombos de Jacó eram setenta *almas*.” (***Êxodo 1:5***) Jacó recebeu sua centelha de vida, bem como seu organismo físico, e, portanto, o produto da união desses dois — sua alma ou *ser inteligente* — de Isaque e, consequentemente, de Adão, a quem somente Deus concedeu vida diretamente. E Jacó transmitiu a vida, o organismo e a alma à sua posteridade, e assim aconteceu com toda a humanidade.

[E343]

Uma vela pode ser reacendida por qualquer pessoa que tenha essa capacidade; mas, por disposição divina, o corpo humano privado da centelha da vida "se consome", retorna ao pó de onde foi tirado, e a centelha da vida não pode ser reacendida a não ser pelo poder divino, um milagre. A promessa da *ressurreição* é, portanto, uma promessa de reacendimento, de reavivamento da existência animal ou da alma; e, visto que não pode haver ser ou alma sem um corpo e sem o poder de vida ou o espírito restaurado, segue-se que uma ressurreição prometida ou restauração da alma ou do ser *implica* novos corpos, novos organismos. Assim, como as Escrituras nos asseguram, os corpos humanos, que retornam ao pó, não serão *restaurados*, mas na ressurreição Deus concederá novos corpos conforme lhe aprouver. ***1 Coríntios 15:37-40***

O apóstolo declara aqui que, na ressurreição, haverá uma classe especial considerada digna de uma nova natureza, espiritual em vez de humana ou carnal; e, como seria de se esperar, ele mostra que essa grande mudança de natureza será efetuada mediante a concessão a esses indivíduos de um *tipo diferente de corpo*. A vela pode servir novamente aqui para ilustrar: suponhamos que a natureza carnal ou humana seja representada por uma vela de sebo; o novo corpo poderia ser representado por uma vela de cera com uma chama mais brilhante, ou mesmo por um aparelho de luz de arco elétrico.

Se a ressurreição fosse garantida por qualquer poder e sabedoria inferiores aos de nosso Criador, poderíamos temer, com razão, alguma falha ou deslize pelo qual a *identidade* se perderia, especialmente no caso daqueles a quem foi concedida a grande mudança de *natureza* por meio da participação na primeira (principal) ressurreição para *o espírito*. Mas podemos confiar com segurança nisso e em todas as coisas àquele com quem temos de lidar nesta questão. Aquele que conhece nossos próprios pensamentos pode reproduzi-los nos novos cérebros, de modo que nenhuma lição valiosa ou experiência preciosa se perca. Ele é sábio demais para errar e bom demais para ser cruel; e tudo o que prometeu, Ele cumprirá de uma maneira extremamente mais abundante do que podemos pedir ou imaginar.

Muitos supõem que os corpos enterrados serão restaurados átomo por átomo, mas, ao contrário, o Apóstolo declara:

[E344]
"Tu não semeias [na morte] aquele corpo que será." É a *alma*, o ser sensível, que Deus se propõe a *restaurar* pelo poder da ressurreição; e na ressurreição Ele dará a cada pessoa (a cada alma ou ser sensível) o corpo que Sua infinita sabedoria tiver a bem de proporcionar; à Igreja, a "noiva" selecionada nesta era, corpos *de espírito*; à classe da restauração, corpos humanos, mas não aqueles perdidos na morte. ***1 Cor. 15:37,38***

Assim como na criação de Adão, a união de um *organismo* com o *sopro de vida* produziu um *ser sensível* ou *a alma*, da mesma forma a dissolução desses elementos, por qualquer causa, põe fim ao ser sensível — interrompendo pensamentos e sentimentos de todo tipo. A alma (ou seja, o ser sensível) cessa; o corpo retorna ao pó, como era; enquanto o espírito ou sopro de vida retorna a Deus, que o conferiu a Adão e à sua raça por meio dele. (***Ecl. 12:7***) Ele retorna a Deus no sentido de que não está mais sujeito ao controle humano, como na procriação, e nunca poderá ser recuperado, a não ser pelo poder divino. Reconhecendo esse fato, os instruídos do Senhor depositam sua esperança na vida futura por meio da ressurreição em Deus e em Cristo, seu representante agora exaltado. (***Lucas 23:46***; ***Atos 7:59***) Assim, se Deus não tivesse providenciado a vida futura do homem por meio do resgate e da ressurreição prometida, a morte teria sido o fim de toda esperança para a humanidade. ***1 Coríntios 15:14-18***

Mas Deus, assim, providenciou para que voltemos a viver; e, desde que revelou seu plano misericordioso, aqueles que falam e escrevem com sabedoria sobre o assunto (por exemplo, os escritores inspirados das Escrituras), como que por consenso comum, se referem ao intervalo de inconsciência entre a morte e a manhã da ressurreição — durante o qual a sensibilidade (o ser sensível) fica suspensa — como um *"sono*". De fato, a ilustração é excelente; pois o momento do despertar lhes parecerá como o momento imediatamente após o momento de sua dissolução. Por exemplo, lemos que, ao falar da morte de Lázaro, nosso Senhor disse: "Nosso amigo Lázaro *dorme*; vou para *despertá-lo do sono*". Posteriormente, como os discípulos demoravam a compreender, ele disse: "Lázaro está morto". (***João 11:11-14***)

[E345]
Se a teoria da consciência na morte estivesse correta, não seria notável que Lázaro não tivesse dado nenhum relato de sua experiência durante aqueles quatro dias? Ninguém alegará que ele estava em um "inferno" de tormento, pois nosso Senhor o chamou de seu "amigo"; e se ele estivesse em bem-aventurança celestial, nosso Senhor não o teria chamado de lá, pois isso teria sido um ato hostil. Mas, como nosso Senhor expressou, Lázaro *dormia*, e Ele o despertou para a vida, para a consciência, para *o* seu *ser sensível*, ou seja, para *a alma* que retornou ou foi revivida; e tudo isso foi, evidentemente, um favor muito apreciado por Lázaro e seus amigos.

A ideia de que estamos agora na noite da morte e do sono, em comparação com a manhã do despertar e da ressurreição, permeia as Escrituras. "O choro pode durar uma *noite*, mas a alegria vem pela *manhã*" (***Salmo 30:5***) — a manhã da ressurreição, quando os que dormem sairão do túmulo, conforme expresso pelo Profeta: "Despertem e cantem, vós que habitais no pó [da terra]." ***Isaías 26:19***

Os apóstolos também usavam com frequência essa figura de linguagem apropriada, cheia de esperança e pacífica. Por exemplo: Lucas diz a respeito de Estêvão, o primeiro mártir, *que* "*adormeceu*"; e, ao relatar o discurso de Paulo em Antioquia, usou a mesma expressão: "Davi *adormeceu*". (***Atos 7:60; 13:36***) Pedro usa a mesma expressão, dizendo: "Os pais *adormeceram*". (***2 Pedro 3:4***) E Paulo a utilizou muitas vezes, como mostram as seguintes citações:

> "Se o marido dela morrer [em grego, *adormecer*]." ***1 Coríntios 7:39***

> "A maior parte permanece até o presente, mas alguns já *adormeceram*." ***1 Coríntios 15:6***

> "Se não houver ressurreição, [...] então também aqueles que *adormeceram* em Cristo pereceram." ***1 Coríntios 15:13-18***

> "Cristo ressuscitou dentre os mortos e tornou-se as primícias dos que *adormeceram*." ***1 Coríntios 15:20***

> "Eis que vos revelo um mistério: nem todos *adormeceremos*." ***1 Coríntios 15:51***

[E346]

"Não quero, irmãos, que vocês fiquem na ignorância a respeito daqueles que *dormem*." ***1 Tess. 4:13***

"Aos que *dormem* em Jesus, Deus os trará [dos mortos] com [por meio de] ele." ***1 Tess. 4:14***

Quando chegar o Reino, o tempo da ressurreição, "nós, os que estivermos vivos e permanecermos até a *vinda* do Senhor, não *precederemos* os que *dormem*." ***1 Tess. 4:15***

O mesmo pensamento é apresentado pelo profeta Daniel: ao descrever a ressurreição, ele diz — "Muitos dos que *dormem* no pó despertarão" — e a descrição mostra que esses que dormem incluem tanto os bons quanto os maus. (***Dn 12:2***) Eles "adormeceram" em paz, para aguardar o dia do Senhor — o dia de Cristo, o Dia Milenar — plenamente convencidos de que ele (Cristo) é capaz de guardar aquilo que lhes confiaram para aquele dia. (***2 Tim. 1:12***) Esse mesmo pensamento permeia também o Antigo Testamento — desde o momento em que Deus pregou pela primeira vez a Abraão o evangelho da ressurreição: a expressão "Ele adormeceu com seus pais" é muito comum no Antigo Testamento. Mas Jó expressa a questão em linguagem muito contundente, dizendo: "Oh, se tu me escondesses na sepultura, se me mantivesses em segredo até que a tua ira [passasse]!" O tempo presente da morte é o tempo da ira de Deus — a maldição da morte recai sobre todos, por causa da transgressão original. No entanto, nos foi prometido que, no tempo devido, a maldição será removida e uma bênção virá por meio do redentor a todas as famílias da terra; e assim Jó continua: "Todos os dias do meu tempo determinado esperarei, até que chegue a minha transformação; [então] tu me chamarás (***João 5:25***) e eu te responderei; terás desejo pela obra das tuas mãos." (***Jó 14:14,15***) E nós, da era do Novo Testamento, lemos a resposta de nosso Senhor: "Todos os que estão nos sepulcros ouvirão a voz do Filho de Deus [chamando-os para despertar e chegar ao pleno conhecimento de Deus e à plena oportunidade da vida eterna]". ***João 5:25,28,29***

Esse "sono" da morte é tão absolutamente um período de inconsciência

[E347]
que os que forem despertados não terão consciência do tempo decorrido. De fato, "sono" é meramente um termo adaptado, pois, na verdade, os mortos estão mortos, totalmente destruídos, exceto na medida em que a sabedoria de Deus preserva sua identidade e decretou, por meio de Cristo, seu despertar — sua reorganização e ressurreição. E isso, de fato, será uma *recriação* — uma manifestação ainda maior do poder divino do que foi a criação original de Adão e Eva. Será a recriação de cinquenta bilhões, em vez de duas pessoas. Será a reprodução de infinitas variedades, em vez de uma. Somente nosso Deus possui tal sabedoria e poder onipotentes; ele é capaz e está disposto a realizá-lo. Um dos benefícios decorrentes da permissão do mal é que sua erradicação manifestará todas as características do caráter divino, que de outra forma não poderiam ser manifestadas nem conhecidas. Diante dos anjos e dos homens, *a justiça* divina resplandecerá, assim como *o amor* divino, *o poder* divino e, finalmente, a *sabedoria* divina ao preparar e permitir tal manifestação do caráter de Deus será vista e reconhecida por todas as suas criaturas também.

O testemunho bíblico a respeito da necessidade da ressurreição dos mortos é muito claro e explícito — e como poderia haver uma ressurreição dos *mortos* se ninguém estivesse *morto*, mas, como alguns afirmam, "todos os que parecem morrer estão mais vivos do que jamais estiveram"; contradizendo, assim, os cinco sentidos de todo ser inteligente, bem como a declaração categórica das Escrituras de que "Para todos os vivos há esperança: pois melhor é um cão vivo do que um leão morto". Pois os vivos [mesmo os menos inteligentes] sabem que morrerão, mas os mortos *nada sabem*, nem têm mais recompensa; pois a memória deles é [em geral] esquecida. Também seu amor, seu ódio e sua inveja já pereceram; nem têm mais parte [interesse] para sempre [em hebraico, *olam* — por um longo período indefinido] em nada do que se faz debaixo do sol. . . .Tudo o que a tua mão encontrar para fazer, faze-o com toda a tua força; pois não há obra, nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria, na sepultura*, para onde tu [a *alma*, o

---

* *Sheol* — o estado ou condição da morte no que diz respeito à *alma*, como

[E348]
ser senciente] vais." ***Ecl. 9:4-10***; ***Is. 26:14***

"Tu destruís a esperança do homem [em si mesmo]. Tu prevaleces para sempre contra ele, e ele passa; tu transformas o seu rosto e o mandas embora. Seus filhos alcançam honra e ele não o sabe; e eles são humilhados, mas ele não percebe isso neles." ***Jó 14:19-21***; ***Isaías 63:16***

Observe o significado das palavras do apóstolo em seu célebre tratado sobre a ressurreição em ***1 Coríntios 15:12-54***. Ele diz:

"Se se prega que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como é que alguns dentre vós dizem que não há ressurreição dos mortos?"

Se os mortos não estão mortos, mas mais vivos do que nunca, então ninguém está morto, e certamente não poderia haver a ressurreição dos mortos. O apóstolo não defendia tal teoria, mas exatamente o contrário: que os mortos *pereceram* como bestas irracionais, a menos que Deus os ressuscite; e que nossas esperanças por eles são vãs, a menos que sejam esperanças de ressurreição. Preste muita atenção a cada palavra desse argumento contundente de um dos maiores lógicos da Terra. Ele diz:

"Se não houver a ressurreição dos mortos, então Cristo não ressuscitou [mas ainda está morto]: e se Cristo não ressuscitou [mas ainda está morto], então nossa pregação é vã, e vossa fé também é vã [porque um Cristo morto não poderia saber nada nem ajudar ninguém]. Sim, e somos considerados falsas testemunhas de Deus [somos enganadores perversos em vez de embaixadores divinamente designados]; porque testemunhamos a respeito de Deus que ele ressuscitou a Cristo: a quem ele não ressuscitou — se for verdade que os mortos não ressuscitam. Pois, se os mortos não ressuscitam, então Cristo não ressuscitou."

Compare com "sepultura", um túmulo para um *corpo* morto, que em hebraico é *"qeber*". Veja ***Salmos 30:3; 49:15; 89:48***; onde *"sheol"* é traduzido como "sepultura". Veja ***2 Crôn. 34:28***; ***Jó 10:19***; ***Salmo 88:5***; onde *qeber* significa "sepultura". *A alma* de nosso Senhor foi para *o sheol,* o estado de morte (***Salmo 16:10***; ***Atos 2:27***), mas "Ele fez sua sepultura [*qeber*, túmulo] com os ímpios e os ricos". ***Isaías 53:9***

[E349]

Deve-se observar que o apóstolo não está enfatizando seu argumento no que diz respeito a uma ressurreição do *corpo*, mas no que diz respeito a uma ressurreição do ser, ou *da alma*; "que sua *alma* não foi deixada no *sheol*, *hades*". (***Atos 2:31, 32***) Se Paulo tivesse a teoria popular de nossos dias a respeito da ressurreição, ele teria dito algo assim: Alguns de vocês falam de uma ressurreição do *corpo* como se fosse uma questão de importância; mas, na verdade, o corpo é um "empecilho", um obstáculo, uma "prisão" para a alma, que fica muito melhor quando "libertada". A ressurreição do corpo, quando quer que ocorra, será uma calamidade e implicará o "reacorrentamento" da alma e uma limitação de seus poderes.

O Apóstolo não disse nada disso, pois teria sido o contrário da verdade. Ele ensinou a ressurreição da alma ou do ser sensível da inconsciência, da morte; mas negou a ressurreição do corpo que morreu, dizendo: *"Não* semeias o corpo que há de ser:...[na ressurreição da alma ou do ser] Deus lhe dá um [novo] corpo, como lhe apraz, e a cada [tipo de] semente o seu próprio [tipo apropriado de] corpo." (***1 Cor. 15:37,38***) A maioria da humanidade, de semente ou espécie humana, receberá corpos humanos; mas não os mesmos corpos que se transformaram em pó e cujos fragmentos ou átomos passaram para organismos vegetais e animais infinitesimais. A Igreja receberá corpos espirituais semelhantes ao de seu Senhor ressuscitado e totalmente diferentes de seus corpos terrenos — a tal ponto que o Apóstolo declara: "Ainda não se manifestou o que seremos, mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; pois o veremos como ele é" — não como ele era. ***1º João 3:2***

Mas sigamos o raciocínio do apóstolo mais adiante. Ele declara:

"Se Cristo não ressuscitou, vossa fé é vã; ainda estais em vossos pecados. Então também aqueles que adormeceram em Cristo *pereceram*." ***Versículos 17, 18***

Aqueles que afirmam que a alma não pode morrer e, portanto, não morre, e que, por isso, negam a ressurreição da

[E350]
alma ou do ser sensível e que, por consequência, são forçados por seu próprio argumento a afirmar que as referências bíblicas à ressurreição se referem meramente ao corpo, encontram-se em um dilema quanto ao que fazer com essas palavras do apóstolo inspirado. Se afirmam que nosso Senhor estava vivo, "mais vivo do que nunca", durante os três dias em que as Escrituras declaram que ele estava morto, e consideram seu corpo da ressurreição como aquele que jazia no túmulo de José, ferido e marcado por cicatrizes, como poderiam afirmar que a fé em um Cristo que não morreu (mas que simplesmente se desfez de seu corpo por três dias) é uma fé "vã"? Como podem eles reconhecer que tal fé não liberta da condenação? Como poderiam afirmar que o Cristo "mais vivo do que nunca", "libertado" de seu corpo de carne, não poderia salvar pecadores e, portanto, que todos os que adormeceram em Cristo "*pereceram*"?

Toda *a teoria* deles está em conflito com a apresentação dos *fatos* nas Escrituras. Eles negam que qualquer alma possa *perecer* [grego *apolloomee* — ser destruída], enquanto o apóstolo afirma que isso é possível; e o mesmo diz nosso Senhor: "Deus é capaz de destruir tanto a alma quanto o corpo". Eles negam também que haja quem "tenha *adormecido* em Cristo", negando que a morte seja um sono, à espera do despertar na manhã da ressurreição, enquanto os apóstolos, nosso Senhor e todos os santos profetas declaram unanimemente que se trata de um "sono" do qual somente o poder de Deus pode despertar para a consciência, a alma, o ser sensível, em qualquer plano de existência. Pois note-se que aqueles que experimentarem a "transformação" da primeira ressurreição para a natureza divina serão *almas* tão verdadeiramente quanto o eram em sua natureza terrena. Deus é declarado como sendo uma *alma*, sendo usada a mesma palavra *psuche* — "Se alguém recuar, minha *alma* [*psuche* — ser sensível] não terá prazer nele." ***Hb 10,38***

A filosofia platônica (de que o homem não morre nem pode morrer, mas apenas parece morrer) prevalecia em toda a Grécia na época do primeiro advento e constituía o grande obstáculo ao progresso do evangelho entre os gentios. Por exemplo, lemos que, quando Paulo pregou em Atenas, foi ouvido como um grande mestre pelos filósofos

[E351]
até que ele tocou no assunto da ressurreição dos mortos — isso bastou; eles perderam todo o interesse; consideravam-se muito à frente da ideia judaica de que os mortos não podem ter existência futura, a não ser por meio da ressurreição. "E, quando ouviram falar da ressurreição dos *mortos* [e, assim, perceberam que Paulo discordava de sua teoria de que os mortos estão mais vivos do que nunca], alguns zombaram" e outros disseram: "Por enquanto, já basta." ***Atos 17:32***

A ideia pagã de que a morte não é morte, mas um passo para condições mais amplas de vida, não havia, de forma alguma, permeado o pensamento judaico até a época da primeira vinda. Os fariseus eram a principal seita dos judeus, e nosso Senhor os declara sucessores e representantes da lei mosaica, dizendo: "Os escribas [escritores] e os fariseus ocupam a cátedra de Moisés." (***Mateus 23:2***) Os saduceus, muito menos numerosos que os fariseus, eram a segunda seita em termos de influência: eram, na verdade, incrédulos, infiéis. Negavam totalmente a vida futura, sustentando que o homem morre exatamente como o animal e que não haverá a ressurreição dos mortos. Eles não acreditavam em nenhuma das promessas messiânicas e também negavam a existência de inteligências sobrenaturais, como anjos, etc. É verdade que Josefo chama a atenção para uma seita chamada dos essênios, que, segundo ele, defendia a teoria platônica predominante entre os gentios, segundo a qual o homem nunca morre de fato, mas apenas dá um passo progressivo no desenvolvimento da vida, naquele momento crítico denominado morte. Mas devemos lembrar que Josefo escreveu sua história dos judeus enquanto estava na corte romana, e que a escreveu com o objetivo de influenciar as mentes do imperador e de sua corte a favor dos judeus. Os Romanos passaram a considerar os judeus, como as Escrituras declaram que eles eram, "um povo obstinado e rebelde" e, naturalmente, concluíram que a causa dessa disposição rebelde residia, de uma forma ou de outra, em sua religião. Essa era uma suposição correta; é, sem dúvida, um fato que as verdades da revelação divina tendem a produzir o espírito de liberdade onde quer que sejam aplicadas — derrubando as amplas distinções entre sacerdotes e povo, reis e

[E352]
súditos, ensinando que todos estão sujeitos a um único grande Juiz e Rei. Mas Josefo desejava contrariar essa avaliação correta do povo judeu e da religião judaica; e, por isso, distorceu a verdade em seu esforço para construir um argumento e mostrar à corte romana que a religião dos judeus era praticamente a mesma que as diversas religiões pagãs,
(1) no que diz respeito à consciência dos mortos e (2) à crença no tormento eterno.* Para sustentar seu argumento, ele cita a seita dos essênios, como se eles fossem a principal seita religiosa entre os judeus. Pelo contrário, eles eram tão insignificantes que nem sequer são mencionados no Novo Testamento e, evidentemente, nunca entraram em conflito com o Senhor ou com os apóstolos, ao passo que os fariseus e os saduceus são referidos de forma contínua e frequente.

"Todos vivem para Ele" — *Lucas 20:37, 38*

Foi depois que nosso Senhor respondeu aos doutores da lei, aos escribas e aos fariseus, e os desarmou, que os saduceus entraram em cena, pensando que poderiam demonstrar a superioridade de sua posição infiel ao refutar as doutrinas de nosso Senhor. A esses saduceus, que afirmavam que os mortos estavam mortos para sempre, nosso Senhor disse: "E agora que os mortos [serão] ressuscitados, até mesmo Moisés mostrou isso na sarça, quando chamou o Senhor de Deus de Abraão, Deus de Isaque e Deus de Jacó. Pois Ele não é Deus dos mortos, mas dos vivos; pois todos vivem para Ele." ***Lucas 20:37,38***

Nosso Senhor sugere que isso, por si só, é uma prova de "que os mortos serão ressuscitados", pois Deus certamente não se referiria dessa forma a seres totalmente e para sempre apagados da existência. Ele então mostra que o plano de Deus para a ressurreição é imutável,

---

*O tormento eterno nunca foi a crença judaica, exceto para muito poucos; mas os imperadores Romanos favoreciam essa teoria, pois ela aumentava a influência imperial sobre o povo comum. Mais tarde, os imperadores adotaram o título de "Pontifex Maximus", governante religioso supremo — título esse adotado posteriormente pelo papado para os papas.

[E353]
e que aqueles a quem os homens chamam de "mortos" "todos vivem para Ele" — do ponto de vista de Deus, eles apenas "dormem". A Palavra de Deus, portanto, fala deles como "adormecidos" e não como destruídos. Embora a sentença original fosse de destruição, ela agora é compensada pelo resgate. Assim, Moisés diz: "Tu levas o homem à destruição e dizes [na ressurreição]: Voltai, ó filhos dos homens." (***Sal. 90:3; 103:4***) Ao dizer: "Eu sou o Deus de Abraão", Deus fala não apenas das coisas passadas como se ainda estivessem presentes, mas também das coisas futuras como se já tivessem acontecido. ***Rom. 4:17***

O Corpo, o Espírito e a Alma da Igreja
*—1 Tess. 5:*23—

Os termos corpo, alma e espírito são usados figurativamente para se referir à Igreja coletivamente. Por exemplo, o apóstolo diz: "Peço a Deus que todo o vosso espírito, alma e corpo sejam preservados irrepreensíveis até a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo." Essa oração deve ser entendida como se aplicando à Igreja como um todo — a Igreja escolhida, cujos nomes estão escritos no céu. O verdadeiro *espírito* tem sido preservado no pequeno rebanho. Seu corpo também é discernível hoje, apesar da multidão de joio que tentaria tanto escondê-lo quanto sufocá-lo. E sua *alma*, sua atividade, sua inteligência, seu ser sensível, estão evidentes em toda parte, erguendo o estandarte para o povo — a cruz, o resgate.

De nenhuma outra forma poderíamos aplicar as palavras do Apóstolo; pois, por mais que as pessoas possam divergir a respeito da preservação dos espíritos e almas individuais das pessoas a quem se dirige, todos concordarão que seus *corpos não foram preservados*, mas voltaram ao pó, como os de outros. Além disso, as palavras corpo, alma e espírito estão no singular, não no plural.

O que significa "Sheol" ou "Hades", para onde todas as almas vão?

Considera-se que, uma vez que se diz que as almas *vão* para *o Sheol*, *o Hades*,

[E354]
portanto, a alma do homem deve ser algo tangível e consciente após a dissolução — após a separação do espírito de vida do organismo ou corpo. É, portanto, apropriado que examinemos a Palavra do Senhor a esse respeito e vejamos: o que é *o Sheol*, *o Hades*?

A palavra hebraica *"sheol"* aparece sessenta e cinco vezes nas Escrituras do Antigo Testamento. Ela é traduzida três vezes *como "abismo"*, trinta e uma vezes como *"sepultura*" e trinta e uma vezes como *"inferno*". Todas essas são traduções incorretas, se avaliadas com base no uso geral atual das palavras "inferno", "sepultura" e "abismo".

O significado da palavra hebraica *"sheol*" (cujo equivalente grego é *"hades*") dificilmente pode ser expresso por uma única palavra em inglês: significa *"oculto*", *"extinto*" ou *"obscuro"* — a condição ou o estado da morte; não é um lugar, mas uma condição, e talvez a palavra *"oblivion" (esquecimento)* corresponda, mais do que qualquer outra em nossa língua, à palavra *"sheol"* do hebraico e *ao "hades"* do grego. Nada na palavra *"sheol"* significa alegria ou miséria, nem qualquer sentimento; o contexto deve nos orientar nesse sentido. Examinemos, portanto, os usos das palavras *"sheol"* e *"hades"* e determinemos, a partir do contexto, tudo o que pudermos a respeito do "inferno". Veremos claramente nas Escrituras que *o sheol*, *o hades*, *o esquecimento*, acolhe toda a humanidade, tanto os bons quanto os maus; que não há ali luz, nem conhecimento, nem sabedoria, nem intenção; que nenhuma língua ali louva ao Senhor, nem blasfema contra o seu nome; que é uma condição de silêncio absoluto e, em todos os aspectos, uma condição indesejável, exceto pelo fato de que a ela está ligada a esperança da ressurreição.

Notar-se-á também que são as "almas", tanto boas quanto más, que vão para essa condição — *o sheol*, *o esquecimento* — para aguardar a convocação do Doador da Vida na manhã da Era Milenar. Não se pode negar que os tradutores da nossa Bíblia em inglês, a Versão Comum, tenham sido, por vezes, inconsistentes, mas insistimos que isso não seja atribuído inteiramente à desonestidade, mesmo que, em muitos casos, possa parecer pouco menos do que isso: acreditemos, antes, que foi o resultado de uma confusão mental sobre esse assunto, induzida por longos séculos de falsos ensinamentos, transmitidos desde as "eras obscuras

[E355]
". Outro argumento que pode ser apresentado em defesa do trabalho dos tradutores é que, no "inglês antigo", a palavra *"hell"* não tinha o mesmo significado que possui na língua inglesa moderna. Ela, em nenhum sentido da palavra, significava ou implicava um lugar de chamas, tortura, aflição ou dor, mas sim a ideia de uma condição grave — oculta, *de esquecimento*. Os tradutores, ao usarem a palavra *"inferno"*, provavelmente se justificaram em parte com base em seu significado antigo, seu sentido primário, conforme consta nos dicionários ingleses completos.

Ao examinar as seguintes ocorrências da palavra *"sheol*", recomenda-se ao leitor que observe qual seria o sentido da passagem se a palavra *"sheol"* fosse traduzida, em cada caso, como "fogo do inferno" ou "lugar de tormento", e que observe também como, em todas as instâncias, a tradução seria totalmente fluida e consistente com o contexto se fosse traduzida como *"esquecimento*". Isso prova de forma conclusiva que as "almas" vão para *o sheol*, *o esquecimento*, e que lá não sofrem tormentos, nem possuem qualquer conhecimento, sabedoria, obra, alegria, dor ou sentimento de qualquer tipo, mas simplesmente aguardam no *esquecimento* pela "voz do arcanjo e pela trombeta de Deus".

"Descer-me-ei *à sepultura* [ao *sheol*, ao *esquecimento*] para junto de meu filho, em luto." ***Gênesis 37:35***

Assim Jacó lamentou a morte de seu filho José, que ele supunha ter morrido de morte violenta.

"Se algum mal lhe acontecer [a Benjamim] no caminho por onde vocês vão, então vocês levarão meus cabelos grisalhos com tristeza para *a sepultura* [para *o sheol*, para *o esquecimento*]." ***Gênesis 42:38***

Essas foram as palavras de Jacó ao se despedir de Benjamim, temendo que ele fosse morto, como supunha que José tivesse sido.

As mesmas palavras são repetidas de forma idêntica em circunstâncias semelhantes, no ***capítulo 44:29***, quando os irmãos de José lhe relatam a recomendação de despedida de seu pai a respeito de Benjamim. E no ***versículo 31***, os

[E356]
irmãos voltam a abordar o assunto em relação a si mesmos, dizendo: “Teus servos levarão os cabelos grisalhos de teu servo, nosso pai, para *a sepultura* [para *o sheol*, para *o esquecimento*].”

Aqui estão quatro casos em que a palavra *“sheol”* foi traduzida como “sepultura”, e convidamos a todos a refletir sobre o quão inadequado teria sido usar a palavra *“inferno*”, associando-a ao pensamento comum e habitual de fogo, tormento e angústia. Os tradutores estavam evidentemente bastante certos de que a palavra *“inferno*”, tal como é comumente entendida, transmitiria ideias muito equivocadas sobre as expectativas de Jacó em relação a si mesmo e de seus filhos em relação a ele; por isso, traduziram aqui a palavra como “sepultura”. No entanto, eles não acreditavam — nem a maioria das pessoas acredita — que Jacó fosse para a sepultura, ou tivesse qualquer intenção de ir para a sepultura. O patriarca também não estava pensando no enterro de seu corpo em um túmulo, pois, nesse caso, sem dúvida teria usado a mesma palavra hebraica para “sepultura” que usou ao se referir ao túmulo de Raquel, a saber, *qeburah* (***Gênesis 35:20***), ou então teria usado a mesma palavra que seu filho José usou (*qeber*) ao falar do túmulo de Jacó, que o próprio Jacó já havia mandado preparar antes de morrer. (***Gênesis 50:5***) Pelo contrário, vemos que Jacó estava falando sobre *si mesmo*, como a alma ou ser — que a decepção pela perda de Benjamim *o* levaria ao *esquecimento*, ao estado de morte, em sua velhice e saúde já debilitada.

“Se o Senhor fizer algo novo, e a terra abrir a boca e os engolir... e eles descerem vivos *para a cova* [para *o sheol*, para *o esquecimento*].” ***Nm 16,30***

“Eles... desceram vivos *para a cova* [*sheol, o esquecimento*], e a terra se fechou sobre eles, e pereceram do meio da congregação.” ***Nm 16,33***

Esses dois textos, que se referem a Corá, Datã e Abirão, mostrando como foram destruídos, não poderiam ter sido traduzidos de forma consistente como “para *o* inferno”, por medo de comprovar que o suposto local de tortura se encontra sob a superfície desta terra. Mas quão simples é a afirmação quando corretamente compreendida: a

[E357]
terra abriu a boca e os engoliu, e eles desceram, no meio das atividades da vida, para o esquecimento, para a inconsciência.

"Um fogo se acendeu da minha ira e arderá até *o inferno* mais profundo [*sheol, esquecimento*], consumirá a terra com seus frutos e incendiará os alicerces das montanhas." ***Dt 32,22***

Aqui certamente há uma menção ao fogo, mas não a um fogo literal. Todo o contexto mostra que se trata do fogo do ciúme de Deus, e a afirmação continua: "Serão queimados pela fome e devorados pelo calor abrasador e pela destruição amarga... a espada por fora e o terror por dentro os destruirão." Não nos resta conjecturar sobre como essa profecia se cumpriu; pois o apóstolo Paulo, falando sob a inspiração do espírito santo, refere-se a essa passagem e a aplica ao Israel carnal e à aflição que se abateu sobre eles como nação, quando rejeitaram o Senhor Jesus e, por sua vez, foram rejeitados pelo Senhor. O apóstolo declara que a ira se abateu sobre eles até o extremo (***1 Tess. 2:16***): a ira divina ardeu contra eles e continuou a arder até que, como povo, tivessem sofrido por seus pecados nacionais. Depois que a ira divina tiver consumido sua transgressão nacional, levando-os até o mais profundo esquecimento (*seol*), Ele então falará pacificamente a eles, dizendo à Igreja: "Consolai, consolai o meu povo; falai com palavras de conforto a Jerusalém e clamai a ela que sua batalha está consumada, que sua iniquidade foi perdoada; pois ela recebeu das mãos do Senhor o dobro por todos os seus pecados." (***Is. 40:1,2***) Então também virá a libertação de Jacó, predita pelo apóstolo Paulo, com base na declaração divina: "Pois esta é a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados." (***Rom. 11:26,27***) A mesma ideia de que essa ira divina contra Israel, que a levará ao mais profundo esquecimento, será seguida pela bênção divina, é demonstrada no contexto. Veja ***Dt. 32:26-43***.

"O Senhor mata e dá vida; ele desce ao

[E358]
sepultura [ao *sheol*, ao *esquecimento*] e faz subir [por meio de uma ressurreição do *esquecimento*, do *sheol*].” ***1 Samuel 2:6***

“As dores do *inferno* [*sheol, o esquecimento*] me cercaram.” ***2 Samuel 22:6***

O profeta Davi expressou aqui o fato de que sua vida estava em perigo, mas que Deus o livrou das mãos de Saul. O contexto, no entanto, mostra claramente que o salmista fala profeticamente do Cristo e do tempo da plena libertação do corpo de Cristo — que é a Igreja — deste mundo maligno, para as glórias do mundo vindouro, revelando (***versículos 8-18***) que a libertação do corpo de Cristo ocorreria imediatamente antes de um grande tempo de angústia e da manifestação do poder divino e da indignação contra a maldade.

“Que sua cabeça grisalha não desça à *sepultura* [*sheol, esquecimento*] em paz... mas que tu faças descer sua cabeça grisalha à *sepultura* [*sheol, esquecimento*] com sangue.” ***1º Reis 2:6,9***

Davi foi quem falou, alertando a seu filho Salomão de que Joabe era um homem perigoso, um homem sanguinário, que merecia, com toda a justiça, algum castigo antes de morrer. Os tradutores evidentemente consideraram que, embora Joabe fosse um homem mau, não seria adequado traduzir aqui a palavra *“sheol”* pela palavra *“inferno*”, pois o contexto fala de cabelos grisalhos, enquanto sua teoria afirma que os cabelos e todo o restante do corpo físico são enterrados, e que a alma ou o espírito, em estado puro, vai para o inferno. Por isso, preferiram aqui traduzir *“sheol”* pela palavra *“sepultura*”. Mas, tendo em mente o pensamento correto, não há dificuldade em que os cabelos grisalhos de Joabe e também os de Jacó desçam juntos ao *sheol*, ao esquecimento, ao estado de morte. As expressões “cabelos grisalhos” e “cabeça grisalha” são simplesmente figuras de linguagem que significam “idoso”.

“Assim como a nuvem se dissipa e desaparece, assim também aquele que desce ao *túmulo* [*sheol, o esquecimento*] não voltará mais.” ***Jó 7:9***

Jó aqui aponta para a destruição total da alma do homem, ou

[E359]
seu ser, na morte. No entanto, no ***versículo 21***, ele conclui o argumento com a declaração: "Dormirei, e tu me buscarás pela manhã, mas eu não estarei mais aqui". Aqui, o intervalo da morte é referido como um sono, assim como a Era Milenar é referida como a manhã, e a era atual como a noite de choro e angústia, de morte e lamento. O Senhor buscará Jó pela manhã, no poder da ressurreição, e embora ele não exista mais, embora a morte tenha causado destruição total, ainda assim o caso não está além do poder divino; e, portanto, quando chegar o tempo do Senhor, "ele terá desejo pela obra de suas mãos", quando o dia da vingança do Senhor tiver passado e os tempos de refrigério tiverem chegado — então ele chamará, e Jó e todos os outros lhe responderão. Veja ***o cap. 14:14,15***.

"É tão alto quanto o céu; o que podes fazer? Mais profundo que *o inferno* [*sheol, esquecimento*]; o que podes saber?" ***Jó 11:8***

Essas palavras são de Zofar, um dos consoladores equivocados de Jó, a quem o Senhor repreendeu. Com essa afirmação, ele tenta mostrar a Jó que os princípios divinos do governo são insondáveis para a humanidade: como ilustração da total falta de conhecimento do homem a respeito de Deus, ele se refere ao *sheol* e compara os dois; assim como não há conhecimento no *sheol*, da mesma forma, afirma ele, não pode haver conhecimento da sabedoria e do plano divinos.

"Oh, se tu me escondesses na *sepultura* [*sheol, o esquecimento*], se me mantivesses em segredo até que tua ira passasse, se me designasses um tempo determinado e te lembrasses de mim." ***Jó 14:13***

Aqui está a declaração mais simples e mais explícita da esperança de Jó. Ele não ansiava pela perpetuação das condições atuais de pecado, tristeza, angústia e dor; estava perfeitamente disposto a ficar escondido no esquecimento até o momento em que a maldição, a "ira", fosse removida da terra e, em seu lugar, viessem os tempos de renovação. Mas ele não deseja ser apagado para sempre. Oh, não! Tendo confiança na provisão divina para uma vida futura, por meio da ressurreição,

[E360]
ele ora para que Deus, no tempo devido, depois que a maldição do pecado tiver sido removida, se lembre dele e o chame do esquecimento de volta à existência, pelos poderes de restauração que então serão exercidos por meio de Cristo. Veja ***Atos 3:19-21***.

"Se eu esperar, *a sepultura* [*sheol, esquecimento*] é a minha casa; farei minha cama nas trevas. Clamei à corrupção: 'Tu és meu pai'; ao verme: 'Tu és minha mãe e minha irmã'." ***Jó 17:13,14***

Quão expressiva é essa linguagem! O esquecimento é a casa ou é o leito, e está cheio de trevas — a alma de Jó, seu ser, dorme, está inanimada, aguardando a manhã da ressur-reção, enquanto seu corpo se transforma em corrupção.

"Onde está agora a minha esperança? Quanto à minha esperança, quem a verá? Descerão às *grades da cova* [ao *sheol, ao esquecimento*, separadamente]. Na verdade, somente no pó há descanso para todos." ***Jó 17:15,16***

O servo de Deus expressa sua própria esperança ou confiança, mas questiona quantos podem ter tal confiança. Ele já expressou a esperança de que sua morte seja meramente um sono, do qual despertará pela manhã. Mas, embora cada um, separadamente, desça ao *sheol*, ao esquecimento, quer tenham essa esperança ou não, todos encontram descanso no pó.

"Eles passam seus dias na riqueza e, em um instante, descem para *a sepultura* [*seol, o esquecimento*]." ***Jó 21:13***

Jó está aqui descrevendo a trajetória próspera de alguns que não são do povo do Senhor — contrastando-a com as tribulações vividas por alguns que são do povo do Senhor e que passam pela vara da correção divina, a fim de prepará-los para coisas melhores no futuro.

"A seca e o calor consomem as águas da neve; assim faz *a sepultura* [*sheol, esquecimento*] com aqueles que pecaram." ***Jó 24:19***

Toda a humanidade pecou e, portanto, toda a humanidade está sujeita à morte e desce ao esquecimento. A única esperança está naquele que nos redimiu da morte e que, "na

[E361]
manhã", nos tirará do esquecimento, de acordo com sua própria promessa graciosa. Jó, no entanto, neste caso, está se referindo especialmente aos malfeitores, que apressam sua morte por meio de uma conduta perversa.

"*O inferno* [*sheol, esquecimento*] está nu diante dele, e a destruição não tem cobertura." ***Jó 26:6***

Aqui Jó destaca a onisciência do Criador, que não apenas conhece o fim desde o princípio, mas todas as coisas secretas do esquecimento estão expostas ao seu olhar insondável.

"Pois na morte não há lembrança de ti; na *sepultura* [*sheol, esquecimento*], quem te dará graças?" ***Salmos 6:5***

Que afirmação clara e positiva temos aqui, comprovando a inconsciência do homem na morte! Deve-se observar também que a afirmação não se refere aos ímpios, mas aos servos de Deus que desejam agradecer-Lhe e louvá-Lo por Suas misericórdias. Observe-se ainda que a referência não é à *carne* morta que é sepultada no *qeber*, mas à *alma* que vai para *o sheol*, o esquecimento.

"Os ímpios serão [re]enviados ao *inferno* [*sheol, o esquecimento*] e todas as nações que se esquecem de Deus." ***Salmos 9:17***

A palavra hebraica *shub* neste texto é traduzida corretamente como "retornarão". Isso transmite a ideia de alguém resgatado do *sheol*, o esquecimento, e de que alguns, assim resgatados, serão devolvidos ao esquecimento por causa da impiedade e do esquecimento de Deus. A libertação da humanidade em geral do *sheol* ocorrerá durante a Era Milenar, como resultado do preço do resgate consumado no Calvário. No entanto, aqueles que, uma vez despertados e levados ao conhecimento da verdade, se tornarem deliberadamente perversos, serão devolvidos novamente ao esquecimento — "a Segunda Morte", da qual não haverá resgate nem restauração. É muito evidente que essa passagem não se aplica às massas da humanidade (os pagãos) que nunca conheceram a Deus — a partir de sua própria declaração, ela se refere àqueles que *se esquecem* de Deus depois de terem sido levados a um conhecimento claro Dele e à responsabilidade correspondente.

[E362]

"Não deixarás a minha alma no *inferno* [*sheol, esquecimento*]; nem permitirás que o teu Santo veja corrupção." ***Salmo 16:10***

O apóstolo Pedro, falando no dia do Pentecostes, sob a influência plena do espírito santo, nos expõe o verdadeiro significado dessa afirmação, apontando que ela não poderia, de forma alguma, ser verdadeira em relação ao próprio Davi; pois a alma de Davi foi deixada no *sheol*, e sua carne realmente sofreu corrupção. Ele declara a respeito de Davi: "Ele está *morto* e sepultado, e seu sepulcro está entre nós até hoje." "Davi não subiu aos céus." ***Atos 2:27-34***

As palavras do apóstolo são enfáticas e totalmente convincentes em dois pontos: (1) que a alma de Davi foi para *o Sheol*, o esquecimento, e ainda permanecia lá; e, até o momento do discurso de Pedro, não havia ido para o céu; (2) que a alma de Cristo Jesus também foi para *o Sheol*, o esquecimento, mas não permaneceu lá, pois teve a ressurreição ao terceiro dia — e, posteriormente, ascendeu ao céu.

Essas afirmações claras, provenientes de uma fonte inspirada, devem esclarecer esse assunto para todos os verdadeiros buscadores da verdade. Elas nos apresentam os seguintes fatos: (1) A alma (o ser) de nosso Senhor Jesus foi para o esquecimento, para *o sheol*, ao morrer. (2) Ele permaneceu morto por quase três dias. (3) Ele ressuscitou, foi vivificado, tirado do esquecimento, para a natureza divina, no terceiro dia, pelo poder do espírito santo de Deus, e tornou-se "a primícia dos que *dormiam*". O ser ou a alma de nosso Senhor estava inexistente durante o período da morte: "Ele derramou sua alma até a morte; fez de sua alma uma oferta pelo pecado". Mas sua alma foi revivida na ressurreição, recebendo um novo corpo espiritual.*

"Os laços do *inferno* [*sheol, esquecimento*] me cercaram; as armadilhas da morte se apoderaram de mim." — ***Salmo 18:5*** — *Leeser*.

Uma expressão figurativa de profunda angústia e medo da morte.

"Ó Senhor, tu fizeste subir a minha alma da *sepultura*

---

*Vol. II, p. 109.

[E363]
[*sheol, esquecimento*]; tu me mantiveste vivo.” ***Salmo 30:3***

Trata-se de uma ação de graças pela recuperação de uma doença grave, que ameaçava a morte.

“Que os ímpios se envergonhem, que se calem na *sepultura* [*sheol, esquecimento*]; que os lábios mentirosos sejam silenciados.” ***Salmo 31:17,18***

Aqui, como em outros lugares, o salmista anseia pela purificação da terra daqueles que amam e praticam a maldade. Isso não tem qualquer referência a uma vida futura, nem implica uma esperança de ressurreição. Quando o Reino for do Senhor e ele for o governante entre as nações, e as leis da justiça e da verdade forem estabelecidas, e quando a misericórdia e o amor trouxerem a todas as criaturas a mais plena oportunidade de conhecimento e recuperação do pecado, pode ser que alguns que agora são ímpios busquem a justiça, busquem a equidade e sejam cobertos pela misericórdia da justiça de Cristo, alcançando, por fim, a vida eterna por meio dele. Nem o profeta Davi nem qualquer outra pessoa poderia levantar objeções a tal reforma, nem à concessão da vida eterna àqueles que se reformaram completamente e foram trazidos de volta à harmonia com Deus.

“Como ovelhas, são colocadas na *sepultura* [*sheol, esquecimento*]; a morte se alimentará delas, e os justos terão domínio sobre elas pela manhã; e sua força se esgotará, sendo *a sepultura* [*sheol, esquecimento*] morada para cada uma delas. Mas Deus redimirá minha alma do poder *da sepultura* [*sheol, esquecimento*].” ***Salmo 49:14,15***

Que *o sheol* não significa sepultura no sentido comum, mas, conforme traduzimos, esquecimento, fica claramente manifesto neste texto; pois as ovelhas não são enterradas em sepulturas, embora todas elas caiam no esquecimento, sejam esquecidas, sejam como se nunca tivessem existido. O profeta está aqui demonstrando sua própria confiança na ressurreição, de que Deus redimiria sua alma do *sheol*, do esquecimento. Isso está em plena harmonia com a afirmação do apóstolo Pedro de que “Davi não subiu aos céus”. A alma de Davi foi para *o sheol*, para o esquecimento, e

[E364]
A única esperança de Davi está na redenção de sua alma do *Sheol*, do esquecimento, para a vida, pelo redentor na ressurreição. Além disso, mesmo aqueles que entram no esquecimento como as ovelhas sairão novamente do esquecimento, pois esta passagem declara claramente que "pela manhã" da ressurreição, a manhã milenar, os justos "terão domínio" sobre esses, os governarão, os controlarão e os julgarão com justiça. Assim também diz o Apóstolo: "Os santos julgarão o mundo." ***1 Coríntios 6:2***

"Que a morte os alcance, e que desçam vivos ao *inferno* [*sheol, esquecimento*]: pois a maldade está em suas moradas." ***Salmos 55:15***

Essa passagem bíblica, como geralmente é mal interpretada, tem sido uma grande pedra de tropeço para muitos do povo de Deus. Eles têm perguntado: como é possível que um homem bom como Davi orasse para que seus inimigos descessem ao *inferno* — à tortura eterna? Um homem bom não oraria assim, nem esse era o sentido da oração de Davi. Como vimos e continuamos vendo, a palavra *sheol* não contém qualquer referência a fogo, chamas, tormento ou qualquer coisa do gênero, mas significa simplesmente esquecimento, a extinção da vida. Segue-se, então, que a oração ou o desejo de Davi em relação aos seus inimigos, os oponentes da justiça, era um desejo perfeitamente adequado, em plena harmonia com as leis dos povos mais civilizados nesta era de maior esclarecimento. Hoje, as leis das nações civilizadas declaram que todos os assassinos devem ser executados e, em geral, estipulam os métodos de execução supostamente mais fáceis e menos dolorosos. A lei está, assim, dizendo, tal como Davi: "Que esses culpados vão para *o Sheol*, para o esquecimento — que morram". No entanto, Deus, em sua misericórdia, redimiu, pelo precioso sangue de Cristo, tanto o pecador mais vil quanto o menos vil, pois "Jesus Cristo, pela graça de Deus, provou a morte por todos os homens". "Ele se entregou como o resgate por todos, para ser testemunhado no tempo devido". Se alguns de nossos semelhantes são mais perversos do que nós mesmos, pode ser, a menos que saibamos o contrário, por causa das influências especialmente cegantes do adversário sobre eles (***2 Cor. 4:4***); ou por causa de uma hereditariedade mais maligna.

[E365]
De qualquer forma, a provisão de Deus é que cada indivíduo da raça humana tenha uma oportunidade plena, justa e imparcial de decidir sua *escolha* pela retidão e pela vida, ou pela injustiça e pela Segunda Morte — para ser devolvido ao *sheol*. Tudo isso nos é plenamente garantido na Nova Aliança, assegurada e selada para nós por meio do mérito do precioso sangue de Cristo.

"Grande é a tua misericórdia para comigo; livraste a minha alma do *inferno* mais profundo [*sheol, esquecimento*]." ***Salmos 86:13***

As palavras "abismo mais profundo" aqui significariam a profundidade do esquecimento. Não seria incorreto considerarmos que o Profeta está aqui personificando o Senhor Jesus, como faz em muitos de seus Salmos. Se assim for, as palavras "profundidade do esquecimento" teriam uma aplicabilidade peculiar. No caso da humanidade, a morte não passa de um sono, e seu esquecimento é apenas temporário, do qual virá um despertar na ressurreição, como resultado da redenção. Mas, no caso de nosso Senhor Jesus, foi diferente: na medida em que Ele tomou o lugar do pecador (Adão), a morte para Ele deve ter significado a pena extrema do pecado, a saber, um esquecimento perpétuo, a menos que, pela graça e pelo poder do Pai, Ele fosse ressuscitado dentre os mortos e se tornasse o Libertador daqueles que Ele redimiu.

"Minha alma está cheia de angústias, e minha vida se aproxima da *sepultura* [*sheol, esquecimento*]." ***Salmo 88:3***

Aqui, mais uma vez, a dor próxima da morte é descrita de forma sucinta e poética.

"Que homem é aquele que vive e não verá a morte? Poderá ele livrar a sua alma da mão [poder] da *sepultura* [*sheol, esquecimento*]?" ***Salmo 89:48***

Quão coerentes são essa indagação e sua resposta implícita com todos os fatos do caso, tal como os vimos até agora, e quão dísonantes são essas palavras com o pensamento comum sobre o assunto em discussão! O pensamento comum é que nenhum homem, nenhuma *alma*, experimenta a morte; que o momento da morte é o momento de um aumento da vida; portanto, que a alma é totalmente superior aos poderes do *sheol*, do esquecimento — que

[E366]
a alma não pode morrer: longe de ser uma questão se ela poderia se libertar do poder do *sheol*, considera-se inquestionável que *o sheol* não tem poder algum para tocar a alma. Quão consistentes são as Escrituras e a verdade! Quão inconsistente é a filosofia platônica comumente aceita!

"As dores da morte me cercaram, e as dores do *inferno* [*sheol, esquecimento*] se apoderaram de mim; encontrei angústia e tristeza." ***Salmo 116:3***

Aqui, mais uma vez, o medo da morte é retratado de forma vívida. "Para onde irei para fugir do teu espírito [poder — para escapar ou
me esconder do poder divino], ou para onde fugirei da
tua presença? Se eu subir ao céu, lá estás; se eu fizer minha cama no *inferno* [*sheol, esquecimento*], eis que lá estás." ***Salmo 139:7,8***

De acordo com a ideia predominante, isso significaria que Deus é um residente permanente da terrível câmara de tortura que *o sheol* é retratado como sendo. Pelo contrário, o Profeta está adotando uma visão ampla do poder divino e nos revelando o resultado de suas investigações: que não há lugar em todo o universo que não seja acessível ao poder divino. Até mesmo o esquecimento da morte está sujeito ao nosso Senhor, que declara: "Tenho as chaves da morte e do *hades* [esquecimento]". É nossa confiança em Deus — em sua onipotência — que constitui a base de nossa fé na ressurreição dos mortos.

"Nossos ossos estão espalhados à boca *da sepultura* [*sheol, esquecimento*], como quando alguém corta e fende a terra." ***Salmo 141:7***

O significado dessa passagem é muito obscuro, mas, de qualquer forma, não há nela nada que favoreça a ideia comum de um inferno de tormento. A tradução de Young traduz esse versículo
— "Como quem lavra e revolve a terra, nossos ossos foram espalhados por ordem de Saul."

"Vamos engoli-los vivos, como *a sepultura* [*sheol, o esquecimento*]." ***Provérbios 1:12***

Essa parece ser a linguagem de assassinos, que destruiriam suas vítimas rapidamente, fazendo com que elas desaparecessem de vista e da memória — no esquecimento.

[E367]

"Seus pés descem para a morte; seus passos se firmam no *inferno* [*sheol, esquecimento*]." ***Provérbios 5:5***

Aqui, as tentações de uma mulher perversa e seus resultados desastrosos são apresentados poeticamente: seus caminhos levam à destruição, à morte, ao esquecimento.

"Sua casa é o caminho para *o inferno* [*sheol, esquecimento*], descendo às câmaras da morte." ***Provérbios 7:27***

Uma expressão semelhante à anterior, mas que evidencia que o inferno a que se refere não está em chamas; não é um lugar de tormento, mas as câmaras escuras da morte, da inexistência, do esquecimento.

"Seus convidados estão nas profundezas do *inferno* [*sheol, esquecimento*]." ***Provérbios 9:18***

Aqui, em linguagem hiperbólica, os convidados da prostituta são retratados como mortos, como tendo perdido o respeito próprio e toda a dignidade da humanidade — sem dúvida, eles estão no caminho da morte, pois o caminho da libertinagem acelera a doença e a morte. Eles estão no caminho do esquecimento, não apenas no sentido físico, mas também no sentido de perderem seu respeito e influência entre os homens.

"*O inferno* [*sheol, esquecimento*] e a destruição estão diante do Senhor; quanto mais, então, os corações dos filhos dos homens?" ***Provérbios 15:11***

Deve-se observar que não há aqui qualquer indício de tortura, mas muito pelo contrário: *o sheol*, o esquecimento, está associado à destruição.

"O caminho da vida está acima para o sábio, para que ele se afaste do *inferno* [*sheol, esquecimento*] que está abaixo." ***Provérbios 15:24***

Nossos tradutores quase fizeram com que esse texto favorecesse sua teoria de que os justos *sobem* ao céu e os injustos *descem* ao inferno. Observe uma tradução da Versão Revisada: "Para o sábio, o caminho da vida vai para cima, para que ele se afaste do sheol [margem: a sepultura] que está abaixo." O pensamento correto poderia ser traduzido adequadamente assim: O caminho da vida para o sábio é um caminho ascendente em direção à justiça, para que ele seja libertado do esquecimento pela força da ressurreição.

"Tu o castigarás com a vara e livrarás a sua alma do *inferno* [*sheol, esquecimento*]." ***Prov. 23:14***

[E368]

Talvez seja desnecessário explicar que essa passagem não ensina que, após a morte, o cadáver deva ser espancado para que a alma seja tirada de um inferno de tormento. O significado é claramente indicado pelo contexto. A recomendação é que a criança não seja poupada da vara, se precisar dela, pois, ao fazê-lo, anos de utilidade poderão ser acrescentados à sua vida — sua alma (ser) será preservada de um esquecimento prematuro e, possivelmente, salva da Segunda Morte
— de ser devolvida ao esquecimento.

"*O inferno* [*sheol, esquecimento*] e a destruição nunca se enchem; assim também os olhos do homem nunca se saciam." ***Prov. 27:20***

Longe de significar um inferno em chamas, de proporções tão imensas que nunca possa ser preenchido, isso significa apenas que não há limite para a capacidade da morte — o esquecimento e a destruição não podem ficar superlotados.

"Há três coisas que nunca se satisfazem; sim, quatro coisas que não dizem: 'Já basta': *o sepulcro* [*sheol, esquecimento*]; o ventre estéril; a terra que não se enche de água; e o fogo que não diz: 'Já basta'." ***Provérbios 30:15,16***

Nesse texto, assim como no anterior, diz-se que a morte, o esquecimento, não tem fim de capacidade e não pode ser superlotada.

"Tudo o que a tua mão encontrar para fazer, faze-o com toda a tua força; pois não há obra, nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria no *túmulo* [*sheol, esquecimento*], para onde vais." ***Ecl. 9:10***

Eis aqui uma afirmação das mais categóricas a respeito do inferno, *do sheol*, do esquecimento. Ela se aplica não apenas aos ímpios, mas também aos justos — a todos os que entram na morte. Não há obra boa nem obra má, nem louvar a Deus nem amaldiçoar a Deus, nem pensar o bem nem pensar o mal, nem conhecimento santo nem conhecimento profano, nem sabedoria celestial nem outra sabedoria, no *sheol*, no esquecimento da morte. Como a questão poderia ser expressa de forma mais clara ou mais enfática?

"A inveja é cruel como *a sepultura* [*sheol, o esquecimento*]."
Cânt.
Cântico, 8:6

[E369]

Aqui, o estado de morte, o esquecimento, é representado como a própria personificação da implacabilidade. Ele engolfa toda a família humana, sem fazer exceções, seja de caráter ou de condição.

"Por isso *o inferno* [*sheol, esquecimento*] se alargou e abriu sua boca sem medida." ***Isaías 5:14***

O Profeta usa aqui a palavra *sheol*, o esquecimento, para descrever a perda de prestígio, a ignomínia e a desonra que recaíram sobre Israel. Eles haviam se tornado como se estivessem mortos; haviam caído no esquecimento em grande número. A passagem não faz referência a um túmulo literal, nem a um lago de fogo.

"*O inferno* [*sheol, esquecimento*], lá de baixo, se agita para te receber quando vieres." ***Isaías 14:9***

Essa é uma linguagem altamente simbólica. Ela se aplica à Babilônia. Acreditamos que seu cumprimento ainda está por vir e já está próximo. A Grande Babilônia será engolida; como uma pedra lançada ao mar, desaparecerá completamente de vista e será esquecida — irá para o esquecimento, *o sheol*. (***Apocalipse 18:21***) Isso é demonstrado pelo contexto, que declara: "Como cessou o opressor, cessou a cidade dourada!" Veja ***os versículos 4-8***.

"Tua pompa foi levada para *a sepultura* [*sheol, esquecimento*]." ***Isaías 14:11***

Esta é uma continuação da mesma imagem simbólica da *destruição* da Babilônia mística, cuja grandeza logo será coisa do passado — enterrada no esquecimento, não em um inferno em chamas.

"Vocês disseram: 'Fizemos uma aliança com a morte, e com *o inferno* [*sheol, esquecimento*] temos um acordo'." ***Isaías 28:15***

Aqui, o Senhor prediz tribulações terríveis, tropeços e quedas entre aqueles que, por meio de falsas doutrinas, passaram a desconsiderar o ensinamento bíblico de que a morte é o salário do pecado. Está próximo o tempo da retribuição sobre aqueles que têm tratado a Palavra de Deus com engano e que, em vez de serem santificados pela verdade, estão preferindo o erro. Nosso grande adversário, Satanás, está se aproveitando da crença errônea predominante sobre esse assunto para enredar o

[E370]
mundo com várias doutrinas falsas apresentadas com base nessa premissa equivocada. Ele já induziu os papistas e todo o mundo pagão a fazer orações e missas pelos mortos, que se acredita não estarem mortos, mas bem vivos nos tormentos do purgatório. E agora, por meio do Espiritismo, da Teosofia e da Ciência Cristã, o mesmo adversário está lançando ataques especiais contra os protestantes, que, por acreditarem que os mortos não estão mortos, são muito suscetíveis a essas influências enganosas.

Cristãos de várias denominações "fizeram uma aliança com a morte" e declaram que ela é uma amiga, enquanto as Escrituras afirmam que ela é o maior inimigo do homem e o salário do seu pecado. Os cristãos nominais concordam com a visão da morte; consideram-na nada mais do que um depósito para o corpo terreno, do qual afirmam ter se livrado de bom grado. Incapazes de perceber que a morte (o esquecimento) é o salário do pecado, estão dispostos a acreditar na falsidade de Satanás, de que o tormento eterno é o salário do pecado. Por não acreditarem que a morte é o salário do pecado, estão dispostos a negar que a morte de Cristo tenha sido o remédio, o preço correspondente, para a libertação do homem; e, assim, todos os aspectos graciosos do plano divino de resgate e de restauração ficam, *em maior ou menor grau*, *obscurecidos* à sua visão e tornam-se difíceis de compreender.

"Vossa aliança com a morte será anulada, e vosso pacto com *o inferno* [*sheol, esquecimento*] não prevalecerá." ***Isaías 28:18***

Assim, o Senhor declara que, no fim das contas, convencerá o mundo da verdade das afirmações das Escrituras a respeito da morte e da condição de esquecimento; mas isso ocorrerá por meio de um grande período de angústia e confusão para aqueles que estão sob esse engano e que se recusam a dar ouvidos à voz da Palavra do Senhor sobre esse assunto.

"Eu disse: 'Ao fim dos meus dias, irei às portas da *sepultura* [*sheol, esquecimento*]. Estou privado do restante dos meus anos'." ***Isaías 38:10***

Estas são as palavras de Ezequias, o bom rei de Judá,

[E371]
em cujo favor um milagre foi realizado, prolongando seus dias. Com essas palavras, ele expressa quais eram seus pensamentos na época de sua doença. Certamente ele não quis dizer que esperava ter descido a um inferno de tormento eterno, e os tradutores foram sábios o suficiente para perceber que, se, nesse caso, tivessem traduzido *"sheol"* pela palavra *"inferno*", isso teria suscitado questionamentos e investigações por parte dos leitores, o que teria levado mais rapidamente a verdade sobre esse assunto à atenção geral. O rei simplesmente declara que se sentia próximo da morte, do esquecimento, e que estava prestes a ser privado do restante de seus dias, dos quais poderia razoavelmente esperar desfrutar.

"A sepultura [*sheol, esquecimento*] não pode louvar-te; a morte não pode celebrar-te." ***Isaías 38:18***

Essas são as palavras de Ezequias, parte da mesma descrição de sua doença, de seu medo da morte, de seu testemunho da bondade e misericórdia do Senhor ao prolongar sua vida e de sua ação de graças ao Senhor. Ele declara: "Tu, por amor à minha alma, a livraste da cova da corrupção." Os tradutores não traduziram isso como "O inferno não pode louvar-te", caso contrário, aqueles de mente questionadora teriam perguntado a que tipo de inferno se referia. Ezequias associa o pensamento da morte ao esquecimento, ao *sheol*, e usa esses termos como sinônimos; em seguida, declara: "O vivo, o vivo, ele te louvará, como eu faço hoje." Em outras palavras, um homem vivo pode louvar ao Senhor, mas se um homem estiver morto, se sua *alma* tiver ido para *o sheol*, para o esquecimento, ele não pode louvar ao Senhor, nem, de forma alguma, relatar Suas misericórdias — até que, na manhã da ressurreição, como declara Jó, o Senhor chame, e todos Lhe respondam.

"Tu foste ao rei com ungüento... e te rebaixaste até *o inferno* [*sheol, o esquecimento*]." ***Isaías 57:9***

Essa é uma expressão figurativa. Não se refere a um inferno de tormento, nem a um túmulo literal. Representa Israel como uma mulher, negligente para com seu marido, o Senhor, buscando aliança

[E372]
com os reis da terra, rumo ao esquecimento — a ponto de se tornar figurativamente morta, alheia ao Senhor e aos princípios de sua verdade e da justiça que provém da fé.

"No dia em que ele desceu à *sepultura* [*sheol, esquecimento*], provoquei um luto. Fiz com que as nações tremessem

"Ao som de sua queda, quando eu o lancei ao *inferno* [*sheol, esquecimento*]... eles também desceram ao *inferno* [*sheol, esquecimento*], para junto daqueles que foram mortos à espada." ***Ez. 31:15-17***

Aqui, o Senhor, por meio do Profeta, está descrevendo, em linguagem figurativa, a queda da Babilônia. Como visto anteriormente, a queda da Babilônia e as descrições extravagantes a respeito dela eram, em parte, aplicáveis à Babilônia literal e, em maior parte, ainda estão por ser aplicadas à queda e ao colapso completos da Babilônia mística. A antiga nação da Babilônia foi derrubada pelos medos e persas e caiu no esquecimento, no estado de morte como nação; a Babilônia mística moderna está prestes a cair no esquecimento de maneira semelhante, para nunca mais ressurgir.

"Os fortes dentre os poderosos falarão a ele e àqueles que o ajudam, do meio do *inferno* [*sheol, esquecimento*]." ***Ez. 32:21***

Aqui, o desaparecimento da nação do Egito no esquecimento, e das outras nações poderosas que caíram no esquecimento antes da queda do Egito, são representados como falando ao Egito a respeito de sua queda. Assim, dizemos que a história *nos revela* certas coisas — que a história repete suas lições.

"Eles não repousarão com os poderosos que caíram, os incircuncisos que desceram ao *inferno* [*sheol, esquecimento*] com suas armas de guerra." ***Ez. 32:27***

O Profeta está aqui predizendo a destruição de Meshech e Tubal, como eles também cairão no esquecimento com suas armas de guerra. As armas de guerra podem, de fato, cair no esquecimento, e agradecemos ao Senhor por não ter sido prevista nenhuma disposição para sua restauração, na era gloriosa que está por vir, quando Emanuel tiver estabelecido

[E373]
seu Reino, pois a promessa firme é: "Ele fará cessar as guerras até os confins da terra." ***Salmos 46:9***

"Eu os resgatarei do poder da *sepultura* [*sheol, esquecimento*]; eu os redimirei da morte: Ó morte, serei a tua praga; ó *sepultura* [*sheol, esquecimento*], serei a tua destruição; o arrependimento será oculto aos meus olhos." ***Oséias 13:14***

Quem ainda não se convenceu de que *o sheol* não significa um lugar de tortura pode, pelo menos, encontrar consolo neste texto, no qual o Senhor declara categoricamente que *o sheol será destruído*. Se, portanto, alguém ainda acredita e defende que se trata de um lugar de tortura, que admita, pelo menos, que ele não perdurará por toda a eternidade, pois o próprio Senhor decretou sua destruição.

Mas quão belamente clara e harmoniosa é toda essa declaração do ponto de vista verdadeiro! O preço do resgate já foi pago por nosso querido Redentor, e a obra de libertar a humanidade do *sheol*, do esquecimento da morte, aguarda apenas até que a Igreja, o Corpo de Cristo, tenha sido selecionada dentre a humanidade e glorificada com seu Senhor e Cabeça, Cristo Jesus. Assim que a ressurreição da Igreja estiver completa (a ressurreição principal ou primeira), *então*, declara o Apóstolo, "se cumprirá a palavra que está escrita: 'A morte foi engolida pela vitória. Ó morte, onde está o teu aguilhão? Ó sepultura, onde está a tua vitória?'" ***1 Coríntios 15:54,55***

A aniquilação da morte pela vitória será a obra da Era Milenar, e será gradual, assim como a aniquilação da humanidade pela morte tem sido gradual. Por fim, a sentença de morte que agora recai sobre a humanidade e *o sheol* — o esquecimento que ela impõe à humanidade — desaparecerão completamente, porque todos terão sido redimidos de seu poder. Sob as novas condições, sob a Nova Aliança, com sua provisão abundante, ninguém entrará na morte (esquecimento) novamente, exceto aqueles que forem pecadores intencionais por conta própria. Essa será a Segunda Morte, da qual não haverá esperança de recuperação.

[E374]

"Ainda que cavem no *inferno* [*sheol, esquecimento*], de lá a minha mão [poder] os tirará." ***Amós 9:2***

Nessa linguagem fortemente figurativa, o Senhor declara a plenitude de seu poder e controle sobre a humanidade, referindo-se em particular a Israel. Como nação, assim como individualmente, eles não poderiam escapar dos julgamentos divinos; e, embora devessem descer à morte, individualmente e nacionalmente, ainda assim todas as promessas de Deus — e também suas ameaças — serão cumpridas. No entanto, após declarar sua derrocada total e dispersão entre todas as nações da terra — como vemos cumprido hoje —, a promessa do Senhor é (***versículos 11-15***): "Naquele dia [no alvorecer do dia milenar], levantarei o tabernáculo de Davi que está caído...e trarei de volta os cativos do meu povo, Israel... e eles não serão mais arrancados da terra que lhes dei, diz o Senhor, teu Deus." Ninguém pensaria em cavar seu caminho para um lugar de tormento eterno; mas Israel, como nação, cavou seu caminho rumo ao esquecimento nacional. No entanto, Deus impedirá isso.

"Do ventre do *inferno* [*sheol, esquecimento*] clamei, e tu ouviste a minha voz." ***Jonas 2:2***

O ventre do inferno, no qual Jonas se encontrava, e de onde clamou ao Senhor, e de onde foi libertado, era o ventre do grande peixe que o havia engolido. Era o ventre do esquecimento, da destruição, da morte para ele, caso não tivesse sido libertado de lá.

"Sim, também porque ele transgride com o vinho, é um homem orgulhoso, que não fica em casa, que amplia seu desejo como *o inferno* [*sheol, esquecimento*], e é como a morte, e não pode ser satisfeito, mas reúne para si todas as nações e amontoa para si todos os povos." ***Hab. 2:5***

Aqui, aparentemente, refere-se a uma nação ambiciosa, uma nação agressiva. Isso poderia ser aplicado de maneira muito adequada às nações da atualidade, que estão vasculhando o mundo para colocar nações menores e menos civilizadas sob seu controle

[E375]
e patrocínio. Ou pode se referir ao Homem do Pecado e à sua influência mundial, por meio da qual ele obtém suas receitas de todas as nações sob o sol. De qualquer forma, a ideia é que a cobiça é como a morte (esquecimento), na medida em que nunca se satisfaz; sua capacidade não pode ser saciada.

"Hades" no Novo Testamento

No Novo Testamento, a palavra grega *"hades"* é o equivalente exato da palavra hebraica *"sheol*". Temos a prova mais absoluta disso no fato de que os apóstolos, nas citações do Antigo Testamento, traduzem *"sheol"* pela palavra *"hades*". A seguir estão todas as ocorrências no Novo Testamento em que a palavra *"hades"* aparece:

"Tu, Cafarnaum, que foste elevada até o céu, serás abatida até *o inferno* [*hades, esquecimento*]." ***Mateus 11:23***

Certamente não era verdade que a cidade de Cafarnaum fosse para o tormento eterno, nem era verdade que fosse para uma sepultura, no sentido comum da palavra, mas era absolutamente verdade que Cafarnaum foi para o esquecimento, para a destruição.

"Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do *inferno* [*hades, esquecimento*] não prevalecerão contra ela." ***Mateus 16:18***

Pedro acabara de confessar que o Senhor Jesus era o Ungido, o Filho do Deus vivo, o Messias. Essa verdade é a rocha poderosa sobre a qual toda a Igreja de Cristo, como pedras vivas, deve ser edificada, pois não há outro nome dado pelo qual possamos ser salvos. Nosso Senhor declara que Pedro é uma dessas *pedras vivas*, e Pedro declara (***1º Pedro 2:5***) que todos os crentes consagrados são, da mesma forma, *pedras vivas*, edificadas sobre essa grande rocha fundamental, Cristo, o Ungido. Essas pedras vivas estão sendo edificadas para servirem de morada a Deus, por meio do espírito, a fim de serem um templo glorioso para a sua habitação, e por meio do qual ele abençoará todas as famílias

[E376]
da terra. Apesar desse fato — de que Deus aceitou os crentes em Cristo e os considera membros desse futuro templo —, Ele está permitindo que a morte prevaleça contra o seu povo agora: eles descem à morte (ao esquecimento), aparentemente como os demais; portanto, precisam da garantia encorajadora do Senhor de que a morte não prevalecerá contra eles, de que as portas do esquecimento não permanecerão fechadas para sempre; de que, assim como ele simbolicamente quebrou as barreiras da morte e ressuscitou pelo poder do Pai, assim também sua Igreja será libertada do poder da morte — do esquecimento — e terá parte em sua ressurreição, "a primeira ressurreição". Certamente isso está em harmonia com todo o testemunho das Escrituras, e certamente nenhuma outra interpretação das palavras de nosso Senhor faria o menor sentido.

"Tu, Cafarnaum, que foste exaltada até o céu, serás precipitada até *o inferno* [*hades, esquecimento*]." ***Lucas 10:15***

Capernaum era altamente exaltada, altamente privilegiada, na medida em que teve nosso Senhor como residente por algum tempo, desfrutou dos privilégios de seus ensinamentos e testemunhou muitas de suas obras poderosas; e isso é hiperbolicamente denominado *exaltação ao céu*. Mas, em consequência da falha em usar corretamente esses altos privilégios e oportunidades, nosso Senhor declara que a cidade sofreria a correspondente depressão, derrubada, morte, como cidade — seria lançada ao esquecimento. E isso se cumpriu.

"No *inferno* [*hades, esquecimento*], ele ergueu os olhos, estando em tormentos." ***Lucas 16:23***

Esta é a única passagem das Escrituras em que há a menor sugestão da possibilidade de pensamento, sentimento, tortura ou felicidade no *hades* ou *no sheol*. À primeira vista, parece contradizer a declaração de que não há obra, nem conhecimento, nem intenção no *sheol*, e só pode ser compreendida a partir de um único ponto de vista, a saber, que se trata de uma parábola. Em outra parte, discutimos isso em detalhes* e mostramos que o homem rico que foi para o esquecimento e, ainda assim, era torturado

---

*Veja "*O que dizem as Escrituras sobre o inferno*?". Entre em contato com os editores.

[E377]
enquanto no esquecimento, é a nação judaica. Israel certamente caiu no esquecimento; como nação, está morta; contudo, como povo disperso entre todas as nações, Israel vive e tem sofrido tormentos desde a rejeição do Messias, e assim continuará até que, tendo preenchido sua medida de tribulação, seja restaurada ao favor divino, de acordo com as condições da aliança divina. ***Rm 11,26-29***

"Não deixarás a minha alma no *inferno* [*hades, esquecimento*]." ***Atos 2:27***

Esta é a citação dos Salmos com a qual iniciamos nossa análise atual — para determinar se é a alma, ou meramente o corpo, que vai para *o hades*, para *o sheol*, para o esquecimento. Este texto ensina de forma enfática que a alma de nosso Senhor foi para *o hades*, o esquecimento, e que foi libertada de lá por meio da ressurreição. O contexto prova que a alma de Davi também foi para *o sheol*, mas que ainda não foi libertada do *sheol* — nem poderá ser libertada, de acordo com o desígnio divino, até que toda a Igreja, que é o corpo de Cristo, tenha sido libertada primeiro, e até que a primeira ressurreição esteja completa**.** Veja ***os versículos 29, 34***; ***Hb 11:32, 39, 40***.

"Davi, prevendo isso, falou da ressurreição de Cristo, de que sua alma não foi deixada no *inferno* [*hades, esquecimento*]." ***Atos 2:31***

Essa afirmação categórica é mais uma confirmação do que acabamos de ver.

"Ó morte, onde está o teu aguilhão? Ó *sepultura* [*hades, esquecimento*], onde está a tua vitória?" ***1 Coríntios 15:55***

O Apóstolo apresenta isso como uma citação do Antigo Testamento, para corroborar seu argumento de que a única esperança para os mortos é a ressurreição — não uma ressurreição do corpo, pois ele afirma claramente que o corpo sepultado não será o mesmo que ressuscitará — (ver ***versículos 37 e 38***): a esperança da ressurreição é para a *alma*, o *ser*, independentemente do tipo de corpo que Deus se agrade em conceder a ela. Não é: "Se *o* seu *corpo* não ressuscitar... sua fé é vã", mas "Se os *mortos* não ressuscitarem... sua fé é vã... então também aqueles que adormeceram em Cristo pereceram." (***Versículos 16-18***) É aquilo que adormece,

[E378]
não aquilo que se corrompe, que será despertado e submetido à ressurreição.

"Eu sou aquele que vive e que esteve morto; e eis que estou vivo para sempre, amém; e tenho as chaves do *inferno* [*hades, esquecimento*] e da morte." ***Apocalipse 1:18***

Essa passagem é apresentada como um encorajamento ao povo de Deus; portanto, certamente *o inferno*, *o hades*, aqui não pode significar um lugar de tormento: caso contrário, qual seria o sentido dessa expressão? Essas palavras implicam que o povo do Senhor vai para *o hades* (esquecimento), independentemente de quem mais possa ir para lá, e que a esperança do povo do Senhor, ao descer ao *hades*, ao esquecimento, é que, no tempo devido, nosso grande redentor abrirá essa prisão figurativa da morte e trará os cativos para fora do túmulo, do *sheol*, *do hades*, do esquecimento. Esse é o significado da afirmação de que ele tem as chaves, ou seja, o poder, a autoridade — ele pode abrir e pode fechar; todo o poder foi entregue em suas mãos.

Ao pregar em sua primeira vinda, ele citou a profecia de Isaías a respeito de si mesmo, que declara que ele abrirá a prisão e libertará os cativos, e declarou que isso era o evangelho. (***Isaías 61:1***; ***Lucas 4:18***) É o evangelho da ressurreição, a mensagem, as boas novas da libertação de todos os cativos do esquecimento da morte, do poder do adversário, "aquele que tem o poder da morte, isto é, o diabo". Quão cheias de significado são essas escrituras, quando vistas do ponto de vista correto; quão confusas e absurdas quando vistas de qualquer outro ponto de vista, exceto quando a ignorância é tão densa a ponto de encobrir e ocultar as inconsistências!

"E o nome daquele que estava sentado sobre ele era Morte, e *o inferno* [*hades*, *esquecimento*] o seguia; e foi-lhes dado poder sobre a quarta parte da terra, para matar com a espada, com a fome, com a morte e com as bestas da terra." ***Apocalipse 6:8***

Seria necessária uma imaginação muito fértil para harmonizar essa afirmação com a visão comumente aceita de que *o hades*

[E379]
é um lugar de tormento de tamanho tão imenso a ponto de ser capaz de receber e torturar os cinquenta bilhões de habitantes da Terra. Nem se poderia ver a menor coerência em usar um símbolo representando tal lugar de tormento montado a cavalo. Mas a razoabilidade dos símbolos — a morte e o estado de morte, a destruição, *o esquecimento*, *a inconsciência* — vagando pela terra e varrendo grande parte da família humana, é inteiramente coerente. Contentamo-nos aqui em meramente mostrar essa razoabilidade, sem oferecer qualquer explicação sobre os símbolos.

"A morte e *o inferno* [*hades, esquecimento*] entregaram os mortos que neles estavam; e foram julgados, cada um de acordo com suas obras." ***Apocalipse 20:13***

Como resultado do primeiro julgamento no Éden, a sentença de morte recaiu sobre todos os homens. Provavelmente cinquenta bilhões já foram para *o sheol*, *o hades*, *o esquecimento*; e centenas de milhões que ainda chamamos de vivos não estão, no verdadeiro sentido da palavra, vivos, mas estão nove décimos mortos, sob a ação da sentença de morte. Como resultado do preço do resgate pago no Calvário, uma oportunidade para um novo julgamento será concedida a cada membro da família humana; e apenas uma minoria privilegiada terá essa oportunidade e esse julgamento durante esta era designada para a seleção da Igreja. Isso significa a revogação da sentença de morte original e a condução de toda a humanidade a uma condição de julgamento ou prova para a vida eterna, com base em suas próprias obras de obediência ou desobediência. Essa passagem bíblica nos mostra que, no tempo oportuno, não apenas aos mortos (aqueles sob sentença de morte, que ainda não entraram no túmulo) será concedido um julgamento completo, para determinar sua dignidade ou indignidade para a vida eterna, mas também todos aqueles que entraram no *Sheol*, no *Hades*, *no esquecimento*, também sairão da inconsciência, do sono da morte, para serem julgados. Essa cena de julgamento ocorre na Era Milenar, que é o "dia do julgamento" para o mundo, assim como a era evangélica é o dia do julgamento para a Igreja.

[E380]

"E a morte e *o inferno* [*hades, o esquecimento*] foram lançados no lago de fogo — esta é a Segunda Morte." ***Apocalipse 20:14***

Uma grande confusão certamente surgirá para todos aqueles que tentarem interpretar *o hades* como um lugar de tormento eterno ao considerarem esta passagem das Escrituras; mas quão razoável e harmoniosa ela é quando vista do ponto de vista correto! O lago de fogo (*gehenna*) representa a destruição total, a Segunda Morte, que destruirá completamente todas as coisas más. A "morte e *o* hades" aqui retratados como destruídos na Segunda Morte são os mesmos que acabamos de descrever em relação ao ***versículo 13*** anterior. O estado atual de condenação, resultado da transgressão de Adão, é denominado "morte e hades" — a condição de agonia daqueles agora chamados de vivos e o sono do esquecimento dos que estão totalmente mortos.

Assim como o ***versículo 13*** declara que todos os homens serão retirados dessas condições no devido tempo para o julgamento, este versículo declara que a morte adâmica e o sono no esquecimento, consequente a ela, não existirão mais após a Era Milenar; e explica o motivo, a saber, porque elas serão incorporadas ou absorvidas pela condição da Segunda Morte. No futuro, ninguém morrerá pelo pecado de Adão: ele deixará de ser considerado como um fator no julgamento do futuro. A única morte a partir de então será a Segunda Morte, que afetará apenas o pecador que cometer o pecado, não os pais, nem os filhos. Naquele dia, aquele que morrer, morrerá por seu próprio pecado. "A alma que pecar, essa morrerá." Embora tais pessoas tenham fraquezas da natureza adâmica das quais nunca se recuperarão, devido à recusa em usar os meios e oportunidades colocados ao seu alcance durante o Milênio pelo mediador da Nova Aliança, ainda assim, sob essa Nova Aliança, essas fraquezas herdadas não serão levadas em conta contra elas, sendo totalmente compensadas pelo sacrifício de seu Redentor. Portanto, a partir do momento em que essa oportunidade plena da era milenar for oferecida a cada indivíduo, embora as fraquezas e imperfeições adâmicas ainda estejam sobre eles, sua morte não será considerada como parte da morte adâmica, mas como parte da Segunda

[E381]
Morte — porque sua incapacidade de progredir será resultado de *sua própria* teimosia, e não da transgressão de Adão, nem de sua própria hereditariedade e suas fraquezas.

Examinamos agora todos os textos das Escrituras que contêm as palavras *"sheol"* e *"hades*" e constatamos que são as almas dos homens que, ao morrer, passam para essa condição, e que se trata de um estado ou condição, e não de um lugar, embora às vezes seja referida figurativamente como um lugar, uma prisão, da qual todos os prisioneiros sairão na manhã da ressurreição. Constatamos que é descrito figurativamente como escuro e silencioso, e que se afirma abertamente que não há conhecimento, nem intenção, nem sabedoria, nem obra, nem maldição, nem louvor a Deus por parte de quem quer que entre nesse estado ou condição de esquecimento. Sua única esperança está no Senhor — de que, tendo redimido suas almas (seres) da destruição pelo sacrifício de sua própria alma, ele, no tempo devido, os liberte, os chame para fora do esquecimento, em corpos que lhe agradem, e para condições mais favoráveis do que as atuais, quando sua ira, a maldição, tiver passado e a era milenar de bênçãos tiver sido inaugurada.

Não é surpreendente que os tradutores da nossa Bíblia em inglês, a Versão Comum, e a maioria dos comentaristas, influenciados por visões errôneas a respeito da natureza do homem, bem como do tempo e do lugar de sua recompensa e punição, e interpretando erroneamente sua condição no intervalo após a morte, tenham traduzido e interpretado certas passagens das Escrituras em harmonia com seus equívocos, os quais, em certa medida, constituem pedras de tropeço para aqueles que buscam a verdade. É apropriado, portanto, que consideremos alguns desses obstáculos e os removamos de nosso caminho; mas, como não devemos interromper nosso assunto propriamente dito, estes serão deixados para análise, juntamente com outros equívocos populares sobre as Escrituras, em nosso próximo volume da série ESTUDOS DAS ESCRITURAS.

[E382]

UMA PEQUENA LUZ

Era apenas uma pequena luz que
ela carregava, Enquanto
permanecia na porta aberta; Uma
pequena luz, uma faísca fraca,
E, ainda assim, brilhava na escuridão
Com um raio alegre e resplandecia ao
longe Tão intensamente quanto a
estrela polar.

Uma pequena luz, um leve indício,
Que incide sobre a página impressa,
Pode clarear a visão e revelar
Os preciosos tesouros que as dúvidas
escondem. E guie os homens até uma
porta aberta, Onde possam explorar
novas regiões.

Uma pequena luz dissipa a escuridão
Que se acumula no quarto sombrio, Onde
a carência e a doença encontram suas
vítimas, E a noite parece mais longa que o
dia, E os corações enfrentam muitas
angústias E mais fraca brilha a centelha
da esperança.

Ó, quão grande é a necessidade que alguns
devem sentir Ao percorrerem este vale de
aflições! Desanimados, desolados, perdidos,
Presos nos matagais ao longo do caminho,
Por falta de apenas um pouco de luz
Para guiar corretamente seus passos errantes.

Pode ser que pouco
possamos fazer Para
ajudar o próximo, é
verdade; Mas melhor é
uma pequena centelha
De bondade, quando o caminho está escuro,
Do que alguém tenha de trilhar caminhos
proibidos, Por falta da luz que poderíamos
ter dado.

ESTUDO XIII
ESPERANÇAS DE VIDA ETERNA E A IMORTALIDADE ASEGURADAS PELA EXPIÇÃO

As sinceras expectativas ou esperanças da criação que geme — não são provas — As promessas e a realização da expiação, como provas —Uma distinção e uma diferença—A alma humana é imortal, ou tem a esperança de se tornar imortal?—Os anjos são imortais?—Satanás é imortal?—A vida e a imortalidade reveladas pelo evangelho—As palavras gregas traduzidas como "imortal" e "imortalidade" nas Escrituras—Em que diferem a esperança da Igreja e a esperança para o mundo salvo.

"Se um homem morrer, voltará a viver? Todos os dias do meu tempo determinado esperarei até que chegue a minha transformação." ***Jó 14:14***

"Nosso Salvador Jesus Cristo... aboliu a morte e trouxe à luz a vida [eterna] e a imortalidade por meio do evangelho." ***2 Tim. 1:10***

EXISTE uma esperança anseiosa no coração dos homens de que a morte não ponha fim a toda a existência. Há uma esperança indefinida de que, de alguma forma e em algum lugar, a vida agora iniciada terá uma continuação. Em alguns, essa esperança se transforma em medo. Percebendo que não são dignos de um futuro de prazer, muitos temem um futuro de sofrimento; e quanto mais temem isso para si mesmos e para os outros, mais acreditam nisso.

Essa esperança indefinida de uma vida futura e seu contraponto, o medo, sem dúvida tiveram sua origem na condenação da serpente pelo Senhor após a queda de Adão no pecado e na morte, de que, eventualmente, a semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente. Isso foi, sem dúvida, interpretado como significando que,

[E384]
pelo menos uma parte da família adâmica acabaria por triunfar sobre Satanás, e sobre o pecado e a morte, para os quais ele os havia seduzido. Sem dúvida, Deus encorajou tal esperança, ainda que vagamente, falando a Noé e por meio dele, e por meio de Enoque, que profetizou: "Eis que o Senhor vem com dez mil dos seus santos". Mas o *evangelho* (as boas novas) de uma salvação da morte, a ser oferecida a toda a humanidade no tempo determinado por Deus, parece ter sido claramente declarado pela primeira vez a Abraão. O apóstolo declara: "O *evangelho* foi pregado anteriormente a Abraão — dizendo: 'Em tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra'". Essa, pelo menos, era a base da esperança judaica na ressurreição; pois, como muitas das famílias da terra estavam mortas ou morrendo, a bênção prometida a todas *implicava* uma vida futura. E quando, séculos depois, Israel foi disperso entre as nações na época do cativeiro babilônico, sem dúvida levou fragmentos das promessas de Deus e de suas esperanças para onde quer que fosse.

É certo que, quer tenha surgido como resultado de uma mistura de pensamento judaico, quer porque a esperança é um elemento da natureza humana, ou ambos, o mundo inteiro acredita em uma vida futura, e quase todos acreditam que ela será eterna. Isso o Apóstolo designa como "a ansiosa expectativa da criatura" — a criação que geme. Mas tais *esperanças* não são *provas* da doutrina; e as promessas do Antigo Testamento, feitas aos judeus, são vagas demais para constituir uma base para uma fé clara, muito menos para uma "teologia dogmática" sobre esse assunto.

Somente quando encontramos, no Novo Testamento, as declarações claras e positivas de nosso Senhor e, posteriormente, as declarações igualmente claras dos apóstolos sobre esse tema tão importante da *Vida Eterna*, é que começamos a trocar esperanças vagas por convicções positivas. Em suas palavras, não só temos declarações positivas de que as possibilidades de uma vida futura foram providenciadas para todos, mas a filosofia desse fato e como ele deve ser alcançado e mantido são expostas ali como em nenhum outro lugar.

Muitos não perceberam esses pontos e, por isso, são

[E385]
"fracos na fé". Vejamos qual é essa filosofia e tenhamos mais certeza do que nunca de que a vida futura, a vida eterna, foi tornada possível para cada membro da família humana por meio da provisão de nosso grande e sábio Criador.

A partir dos fundamentos dessa garantia do Novo Testamento da Vida Eterna, descobrimos, para nosso espanto, que ela, antes de tudo, nos adverte de que, por nós mesmos, não temos nada que nos dê qualquer esperança de vida eterna — que a vida de nossa raça foi perdida pela desobediência de nosso pai Adão; que, embora ele tenha sido criado perfeito e estivesse preparado para viver para sempre, seu pecado não apenas lhe trouxe o salário do pecado — a morte —, mas que seus filhos nasceram em uma condição mortal, herdeiros dessas influências mortais. A lei de Deus, assim como Ele mesmo, é perfeita, e assim também era sua criatura (Adão) antes de pecar; pois a respeito de Deus está escrito: "Sua obra é perfeita". E Deus, por meio de sua lei, aprova apenas o que é perfeito e condena à destruição tudo o que é imperfeito. Portanto, a raça de Adão, "nascida no pecado e formada na iniquidade", não tem esperança de vida eterna, a não ser nas condições apresentadas no Novo Testamento e chamadas *de evangelho* — as boas novas de que um caminho de volta da queda, para a perfeição, para o favor divino e para a vida eterna, foi aberto por meio de Cristo e para toda a família de Adão que quiser valer-se dele.

A nota-chave dessa esperança de reconciliação com Deus — e, portanto, de uma nova esperança de vida eterna — encontra-se nas afirmações (1) de que "Cristo morreu pelos nossos pecados" e (2) de que ele "ressuscitou para a nossa justificação"; pois "o homem Cristo Jesus se entregou *como o resgate* [um preço correspondente] por todos". Adão e sua raça, que, quando ele pecou, ainda estavam nele e compartilhavam naturalmente de sua sentença, foram *"redimidos* [comprados] pelo precioso sangue [morte] de Cristo". ***1 Pedro 1:19***

Mas, embora a provisão do Senhor seja abundante *para todos*, ela não se aplica *a ninguém*, a não ser sob certas condições; a saber,
(1) que aceitem Cristo como seu redentor; e (2) que se esforcem para evitar o pecado e, a partir de então, vivam em harmonia com Deus e na justiça. Por isso, nos é dito que "a vida eterna

[E386]
Vida é dom de Deus *por meio de* Jesus Cristo, nosso Senhor." (***Rom. 6:23***) As seguintes declarações bíblicas são muito claras sobre esse assunto:

"Quem tem o Filho tem a vida [um direito, privilégio ou concessão de vida como dom de Deus]; mas quem não tem o Filho não verá a vida [perfeita]." ***João 3:36***; ***1º João 5:12***

Ninguém pode obter a vida eterna, a não ser por meio de Cristo, o redentor e *o Doador de Vida* designado; e a verdade que nos traz o privilégio de manifestar fé e obediência, e assim "*alcançar* a vida eterna", é chamada de "água da vida" e "pão da vida". ***João 4:14; 6:40,54***

Essa vida eterna será concedida somente àqueles que, ao tomarem conhecimento dela e das condições sob as quais será concedida como um dom, a buscarem, vivendo de acordo com o espírito de santidade. Eles a *colherão* como um dom-recompensa***. Romanos 6:23***; ***Gálatas 6:8***

Para alcançar essa vida eterna, devemos nos tornar as "ovelhas" do Senhor e seguir a voz e as instruções do Pastor. ***João 10:26-28; 17:2,3***

O dom da vida eterna não será imposto a ninguém. Pelo contrário, deve ser desejado, buscado e alcançado por todos aqueles que desejam obtê-lo. ***1 Tim. 6:12,19***

É, portanto, uma *esperança*, e não a vida real, que Deus nos dá agora: a esperança de que possamos, no fim das contas, alcançá-la, pois Deus providenciou um caminho pelo qual Ele pode ser justo e, ao mesmo tempo, o justificador de todos os que verdadeiramente crêem em Cristo e O aceitam.

Pela graça de Deus, nosso Senhor Jesus não apenas nos resgatou pelo sacrifício de sua vida em nosso lugar, mas tornou-se nosso grande Sumo Sacerdote e, como tal, é agora o "autor [fonte] da salvação eterna para todos os que *lhe obedecem*" (***Hb 5,9***). "E esta é a promessa que ele *nos* fez: a vida eterna." ***1º João 2,25***

"E este é o testemunho: que Deus nos deu a vida eterna [agora pela fé e pela esperança, e mais tarde de fato, 'quando aquele que é a nossa vida se manifestar'], e essa vida está em seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida; e quem não tem o Filho de Deus não tem a vida." ***1º João 5:11,12***

[E387]

Essa vida eterna, tornada possível para Adão e toda a sua descendência pelo nosso Criador por meio do nosso redentor, mas destinada e prometida apenas aos fiéis e obedientes — e que, no momento, é concedida a eles apenas como uma *esperança* —, será *efetivamente* concedida aos fiéis na "ressurreição".

Notar-se-á que as promessas explícitas da Palavra de Deus diferem amplamente das filosofias mundanas sobre esse assunto. Elas afirmam que o homem deve ter uma vida eterna futura *porque nela espera*, ou, na maioria dos casos, porque a teme. Mas esperanças e medos não são fundamentos razoáveis para a crença em qualquer assunto. Tampouco há fundamento para a alegação de que existe *algo* no homem que deva viver para sempre — nenhuma parte do organismo humano com essas características é conhecida, nem pode ser comprovada ou localizada.

Mas a visão bíblica do assunto não está sujeita a tais objeções: é totalmente razoável considerar nossa existência, a alma e o ser, conforme ali apresentados — como um "dom de Deus" e não como uma posse inalienável nossa. Além disso, ela evita uma grande e séria dificuldade à qual a ideia das filosofias pagãs está sujeita; pois quando o filósofo pagão afirma que o homem não pode perecer, que ele *deve* viver para sempre, que a vida eterna não é um *dom* de Deus, como declara a Bíblia, mas uma qualidade natural possuída por todo homem, ele está exagerando. Tal filosofia não apenas concede existência eterna àqueles que a usariam bem e para quem ela seria uma bênção, mas também a outros que não a usariam bem e para quem ela seria uma maldição. O ensinamento bíblico, ao contrário, como já demonstramos, declara que esse grande e inestimavelmente precioso *dom* (a Vida Eterna) será concedido somente àqueles que crêem e obedecem ao redentor e Doador da Vida. Os demais, para quem isso seria um dano, não só não a possuem agora, como também nunca poderão obtê-la. "O salário do pecado é a morte; mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna, por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor." (***Rm 6,23***) Os ímpios (todos aqueles que, após terem chegado a um conhecimento claro da verdade, ainda assim a desobedecem deliberadamente) serão excluídos do meio do povo de Deus na Segunda Morte. Eles "serão como

[E388]
embora não tivessem sido." "Eles perecerão completamente." "A destruição eterna" será o seu destino — uma destruição que durará para sempre, da qual não haverá recuperação, nem a ressurreição. Eles sofrerão a perda da vida eterna e de todos os seus privilégios, alegrias e bênçãos — a *perda* de tudo o que os fiéis *ganharão*. ***Atos 3:23***; ***Salmos 37:9, 20***; ***Jó 10:19***; ***2 Tessalonicenses 1:9***

O dom de Deus da vida eterna é precioso para todo o seu povo, e segurá-lo firmemente pela mão da fé é absolutamente essencial para uma vida equilibrada e coerente. Somente aqueles que, dessa forma, "se apegaram à vida eterna", por meio da aceitação de Cristo e da consagração ao seu serviço, são capazes de combater de maneira adequada e proveitosa as tempestades da vida que agora se abatem.

Uma distinção e uma diferença

Mas agora, tendo examinado a esperança da imortalidade a partir do entendimento comum dessa palavra (vida eterna) e tendo constatado que a vida eterna é a provisão de Deus para todos os da raça de Adão que a aceitarem no "tempo devido", nos termos da Nova Aliança, estamos preparados para dar um passo adiante e observar que vida eterna e a imortalidade *não* são termos sinônimos, como as pessoas em geral supõem. A palavra "Imortal" significa mais do que o poder de viver eternamente; e, de acordo com as Escrituras, milhões poderão, no fim das contas, desfrutar *da vida eterna*, mas apenas um "pequeno rebanho" muito limitado se tornará *imortal*.

A imortalidade é um elemento ou qualidade da natureza divina, mas não da natureza humana, angelical ou de qualquer outra natureza que não seja a divina. E é porque Cristo e seu "pequeno rebanho", sua "noiva", serão *"participantes da natureza* divina" que eles serão exceções em relação a todas as outras criaturas, tanto no céu quanto na terra. ***2 Pedro 1:4***

A alma humana é imortal, ou tem esperança de se tornar imortal?

Vimos que uma alma humana (ser senciente) resulta

[E389]
da união do sopro de vida (*ruach — pneuma*) com um organismo ou corpo humano; exatamente da mesma forma que nos casos das almas dos animais inferiores (seres sencientes), exceto pelo fato de que o homem é dotado de um organismo mais elevado, um corpo superior dotado de poderes e qualidades superiores. Nossa indagação atual, então, é: todos os animais são imortais? E, se a resposta for negativa, devemos perguntar: o que o homem possui a mais em relação aos animais inferiores que lhe dá esperança de imortalidade?

A declaração de Salomão, assim como nossas próprias observações, atestam que o homem, assim como os animais inferiores, está sujeito à morte
— "Assim como um morre, assim morre o outro. Sim, todos têm um único [tipo de] *sopro* [o espírito de vida — *ruach*]." (***Ecl. 3:19***) Por todos os lados, o luto, o caixão, o carro funerário, o cemitério — tudo testemunha que o homem morre e, portanto, que ele não é *imortal*, pois a palavra "imortal" significa à prova da morte, aquilo que *não pode morrer*. Seja qual for *a esperança* do homem na imortalidade, ela não é uma posse atual e pode, no máximo, ser uma *esperança* em alguma provisão divina futura.

Antes de aprofundarmos essa questão, será proveitoso considerarmos o significado das palavras "mortal" e "imortal", pois um grave equívoco quanto ao significado dessas palavras é muito comum e frequentemente leva à confusão de pensamentos.

A palavra *"Imortal"* significa *"não mortal"* — à prova da morte, incorruptível, indestrutível, imperecível. Qualquer ser cuja existência dependa, de alguma forma, de outro, ou de condições como alimento, luz, ar etc., não é imortal. Essa qualidade era originalmente inerente somente a Jeová Deus, conforme está escrito: "O Pai tem vida *em si* mesmo" (***João 5:26***); ou seja, sua existência não é derivada, nem sustentada. Ele é o Rei eterno, imortal, invisível. (***1 Tim. 1:17***) Sendo essas escrituras autoridade decisiva sobre o assunto, podemos saber, sem sombra de dúvida, que os homens, os anjos, os arcanjos ou mesmo o Filho de Deus, antes e durante o tempo em que "se fez carne e habitou entre nós", não eram imortais — todos eram mortais.

[E390]

Mas a palavra "mortal" não significa *"morrer*", e sim meramente *"passível de morrer*" — possuindo uma vida cuja continuidade depende de Deus. Por exemplo, os anjos, por não serem imortais, são mortais e poderiam morrer; poderiam ser destruídos por Deus caso se tornassem rebeldes contra seu governo sábio, justo e amoroso. Nele (em sua providência) eles vivem, se movem e têm seu ser. De fato, a respeito de Satanás, que era um anjo de luz e que se tornou rebelde, está claramente declarado que, no tempo devido, ele será destruído. (***Hb 2:14***) Isso não apenas prova que Satanás é *mortal*, mas prova que a natureza angelical é uma natureza *mortal* — uma natureza que poderia ser destruída por seu Criador. Quanto ao homem, ele é "um pouco menor do que os anjos" (***Salmos 8:5***) e, consequentemente, também *mortal*, como é amplamente atestado pelo fato de que nossa raça vem morrendo há seis mil anos e de que até mesmo os santos em Cristo são exortados a *buscar* a imortalidade. ***Romanos 2:7***

A definição comum de mortal é *"que morre"*, e de imortal, *"eterno"* — ambas erradas. Para demonstrar a falsidade dessas definições gerais, vamos propor uma pergunta simples:

Adão foi criado mortal ou imortal?

Se a resposta for — "Adão foi criado imortal", respondemos: Como, então, ele foi ameaçado e, posteriormente, condenado à morte? E como ele poderia morrer se fosse à prova de morte? E por que Deus, ao puni-lo, o expulsou do Jardim do Éden, afastando-o do bosque que sustentava a vida ou das árvores da vida, para que ele não vivesse para sempre *ao comer delas*? ***Gênesis 3:22***

Se a resposta for que o homem foi criado *mortal* (de acordo com a definição comum e errônea, *"destinado a morrer*"), perguntamos: como Deus poderia condenar o homem à morte após sua desobediência, se ele já era uma criatura *destinada a morrer* e nunca tivesse sido de outra forma? E se Adão foi criado *destinado a morrer,* como Deus poderia declarar que sua morte veio por causa de seu pecado?

[E391]

A confusão é inevitável, a menos que as verdadeiras definições de mortal e de imortalidade sejam claramente reconhecidas da seguinte forma:

Imortal — o estado ou condição em que a morte é impossível — uma condição à prova de morte.

Mortal — um estado ou condição em que a morte é possível — uma condição de sujeição à morte, mas não necessariamente uma condição de morrer, a menos que uma sentença de morte tenha sido proferida.

Desse ponto de vista, podemos perceber imediatamente que Adão foi criado *mortal* — em uma condição na qual a morte era uma possibilidade, assim como a vida eterna; dependendo de se agradar ou desagradar ao seu Criador sábio, justo e amoroso. Se tivesse permanecido obediente, teria continuado vivendo até hoje — e para sempre — e, ainda assim, durante todo esse tempo, teria sido *mortal*, sujeito à morte caso desobedecesse. Tampouco tal condição seria de incerteza; pois Deus, com quem ele tinha de lidar, é imutável: portanto, Adão teria tido *plena certeza* da vida eterna, desde que continuasse leal e obediente ao seu Criador. E mais do que isso não se poderia razoavelmente exigir.

A condição de vida de Adão antes de sua desobediência era semelhante àquela de que agora desfrutam os anjos santos: ele tinha vida em plena medida — vida eterna —, a qual poderia ter mantido para sempre se permanecesse obediente a Deus. Mas, como ele não era *imune à morte*, como não possuía "vida em si mesmo", mas dependia, para sua continuidade, de condições sujeitas ao prazer de seu Criador, a ameaça de Deus de que, se desobedecesse, ele morreria, tinha significado. Significava a perda da centelha da vida, "o sopro da vida", sem o qual o corpo se transformaria em pó e a *alma* viva, ou *ser* sensível, deixaria de existir. Se Adão fosse *imortal*, indestrutível, à prova de morte, a sentença de Deus teria sido uma ameaça vazia. Mas, como Adão era *mortal*, *passível de morrer*, sujeito à morte, a menos que fosse sustentado pelas provisões de seu Criador, portanto, conforme declarado, ele morreu "no dia" de sua desobediência. Veja ***2 Pedro 3:8***.

[E392]

Para aqueles que pensam que a Bíblia está repleta de expressões como *alma imortal, alma indestrutível, alma que nunca morre*, etc., não podemos oferecer melhor conselho do que o de que peguem uma concordância bíblica e procurem por essas palavras e outras de significado semelhante. Eles não encontrarão nenhuma; e assim, os sinceros buscadores da verdade se convencerão rapidamente de que os cristãos em geral, há séculos, pelo menos em seus pensamentos, vêm *acrescentando à* Palavra de Deus, para sua própria confusão.

De acordo com as Escrituras, os anjos desfrutam da vida eterna, mas são *mortais*: ou seja, a eternidade de sua existência angelical não se deve ao fato de serem imortais ou à prova de morte — e, portanto, não poderem ser destruídos por seu Criador —, mas porque Ele deseja que vivam enquanto usarem suas vidas de acordo com Seu arranjo justo e amoroso. Isso é fácil de demonstrar; afinal, Satanás não era um dos anjos santos antes de pecar por orgulho e ambição? E não se tornou ele, assim, um dos ímpios (opondo-se a Deus voluntária e intencionalmente), sobre os quais está escrito: "Todos os ímpios Deus *destruirá*" — "que serão punidos com destruição eterna"? (***Sal. 145:20***; ***2 Tess. 1:9***) Observe a declaração explícita a respeito da destruição de Satanás, aplicável, em princípio, a todos os que seguem seu caminho maligno e rejeitam os arranjos divinos de forma consciente e intencional. ***Hb 2:14***

Embora as Escrituras falem da mortalidade do homem e, de fato, em quase todos os aspectos se limitem ao relacionamento do homem com Deus, elas não deixam de ensinar de maneira igualmente positiva, por outro caminho, a mortalidade dos anjos, ao declarar que Cristo "é o único que possui a imortalidade" (***1 Tim. 6:16***) — com a exceção, como sempre, do Pai. (***1 Cor. 15:27***) E, como já vimos, nosso Senhor Jesus recebeu *a imortalidade* (que é um elemento ou qualidade da "natureza divina", apenas) em sua ressurreição, e como recompensa por sua fiel obediência à vontade do Pai, a ponto de se sacrificar — "até a morte, sim, a morte na cruz — por isso Deus o *exaltou*

[E393]
exaltou". Embora sempre superior a todos os outros como "o Unigênito", essa *exaltação* o elevou, como declara o apóstolo, *muito acima* dos anjos, dos principados, dos poderes e de todo nome que se nomeia no céu e na terra. ***Ef. 1:21***

Assim, parece claro, a partir da própria revelação de Deus sobre o assunto, que somente Ele mesmo e seu Filho Unigênito possuíam essa qualidade de imortalidade na época em que os apóstolos escreveram suas epístolas. De fato, se o Unigênito tivesse sido *imortal* antes do momento de sua exaltação, ele não poderia ter sido o Salvador do mundo — porque *não poderia ter morrido*; e, segundo o desígnio divino para ser nosso Redentor, ele precisava morrer: o registro diz: "Cristo morreu por nossos pecados" e foi exaltado à imortalidade posteriormente.

A esperança de uma vida eterna futura é vagamente sugerida no Antigo Testamento; mas a imortalidade nem sequer é mencionada. De fato, o apóstolo inspirado declara a respeito de nosso Senhor Jesus que ele "aboliu a morte [quebrou seu domínio sobre o homem] e trouxe à luz *a vida* e *a imortalidade* por meio do evangelho". (***2 Tim. 1:10***) Isso mostra duas coisas: (1) Que *a vida* na perfeição, a vida eterna, é separada e distinta da *imortalidade* e da indestrutibilidade. (2) Mostra que nenhuma dessas grandes bênçãos havia sido revelada ou tornada acessível antes do evangelho — a "grande salvação que *começou* a ser pregada por nosso Senhor". ***Hb. 2:3***

E o que o evangelho de nosso Senhor trouxe à "luz" a respeito dessas duas grandes bênçãos — vida e a imortalidade?

(a) Isso mostra que, pela graça divina, nosso Senhor resgatou toda a posteridade de Adão e, assim, garantiu a cada membro da raça humana a oportunidade de *retornar* da *morte* à *vida* — em outras palavras, declara a chegada dos "tempos da *restauração* de todas as coisas que Deus anunciou pela boca de todos os santos profetas desde o início do mundo". A restauração, em seu sentido mais elevado e definitivo, consistirá em trazer os restaurados não apenas para fora do túmulo, mas também para fora dos vários graus da morte (representados pela doença e pela imperfeição)

[E394]
até *a vida* — a vida eterna, tal como Adão a desfrutava antes de sua desobediência. O evangelho de Cristo nos assegura que uma oportunidade plena de alcançar essa bênção *da vida* será concedida a todos sob os termos razoáveis da Nova Aliança — "no tempo devido". ***1 Tim. 2:6***

(b) A "luz" do evangelho de Cristo revela uma provisão especial no plano divino para um chamado, um teste e uma preparação especiais de um pequeno número de suas criaturas, a fim de alcançarem mais do que uma semelhança moral e racional com ele mesmo — um convite para que se conformem à vontade do Pai e provem sua leal obediência a ele, de modo que ele possa fazer delas "*novas* criaturas", "a imagem expressa de sua pessoa" e "participantes da natureza divina" — cujo elemento constituinte proeminente é *a imortalidade*. Isso nosso Senhor Jesus abordou, trouxe à luz, em seu evangelho da graça de Deus.

Com admiração nos perguntamos: a quem dentre os santos de Deus — anjos, querubins ou serafins — é estendido um chamado tão elevado? A resposta do evangelho de Cristo é que ele não é estendido de forma alguma aos anjos, mas ao Filho do Homem e à sua "noiva", a ser escolhida dentre aqueles que ele redimiu com seu próprio sangue precioso.

Considerai aquele que, pela alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e agora, em consequência disso, está sentado à direita (lugar de favor) do trono de Deus. Ele era rico, mas, por nossa causa, tornou-se pobre. Na medida em que o homem e a raça a serem redimidos eram humanos, era necessário que ele se tornasse humano para poder pagar o resgate ou o preço correspondente. Ele, portanto, humilhou-se e assumiu a forma de servo; e, depois de se encontrar na forma de homem, humilhou-se até à morte — até à forma mais ignominiosa de morte — a morte na cruz. "Por isso, Deus o exaltou soberanamente [à natureza divina prometida, na sua ressurreição] e lhe deu um nome que está acima de todo nome [exceto o nome de Jeová — ***1 Cor. 15:27***]." ***Hb 12:3,2***; ***2 Cor. 8:9***; ***Fp 2:8,9***

[E395]

"Digno é o Cordeiro que foi imolado *de receber* poder, riquezas, sabedoria, força, honra, glória e bênção." ***Ap. 5:9-12***

A opulência do favor divino poderia muito bem ter se limitado à exaltação desse Ser grandioso e digno; mas não; Deus, o Pai, dispôs que Cristo Jesus, como Capitão, conduza um grupo de Filhos de Deus à "glória, honra e imortalidade" (***Hb 2:10***; ***Rom. 2:7***), cada um dos quais, no entanto, deve ser uma "cópia" espiritual ou semelhança do "Primogênito". Como uma grande lição da soberania divina e como uma sublime contradição a todas as teorias da evolução, Deus foi escolhido para chamar para este lugar de honra (como "a noiva, a esposa do Cordeiro e o co-herdeiro" — ***Ap. 21:2,9***; ***Rm 8:17***), não anjos e querubins, mas alguns dentre os pecadores redimidos pelo precioso sangue do Cordeiro. Deus *escolheu o número* dos que seriam assim exaltados (***Ap. 7:4***) e *predestinou* quais deveriam ser *suas características* para que garantissem seu chamado e eleição a um lugar naquela companhia tão altamente honrada; e todo o restante é deixado a cargo de Cristo, que agora opera como o Pai operou até agora. ***João 5:17***

A era evangélica, desde o Pentecostes até o estabelecimento do Reino na segunda vinda, é o tempo para a seleção dessa classe escolhida da Noiva de Cristo, variousmente denominada "a Igreja", "o corpo de Cristo", o "sacerdócio real", a "semente de Abraão" (***Gálatas 3:29***), etc.; e a permissão contínua do mal tem o propósito de desenvolver esses "membros do corpo de Cristo" e de lhes proporcionar a oportunidade de sacrificar *tudo o que têm* — por menor que seja e já redimido — a serviço daquele que os comprou com seu precioso sangue; e, assim, desenvolver em seus corações sua semelhança espiritual, para que, quando, no fim da era, forem apresentados por seu Senhor e redentor perante o Pai, Deus possa ver neles "a imagem de seu Filho". ***Col. 1:22***; ***Rom. 8:29***

Assim como a recompensa de "glória, honra e imortalidade", e todas as características da natureza divina, não foram conferidas ao "Primogênito" até que ele tivesse concluído sua trajetória,

[E396]
completar seu sacrifício e obediência na morte, assim também acontece com a Igreja, sua "noiva" — considerada como um todo e tratada coletivamente. Nosso Senhor, o Primogênito e Capitão, "entrou em sua glória" na ressurreição: ali tornou-se participante da natureza divina plenamente, ao "nascer dentre os mortos", "nascido do espírito": ali foi altamente exaltado ao trono e ao favor supremo ("direita" de Deus); e assim prometeu que sua Igreja, sua "noiva", será transformada na ressurreição, pelo poder divino, da natureza humana para a glória, honra e imortalidade da natureza divina. ***Hb 13,20***; ***2 Pe 1,4***

E assim está escrito a respeito *da* "ressurreição" da Igreja: "É semeada na corrupção; é ressuscitada na incorrupção [a imortalidade]: é semeada na desonra; é ressuscitada na glória: é semeada na fraqueza; é ressuscitada no poder: é semeada como corpo natural [animal]; é ressuscitada como corpo espiritual." ***1 Coríntios 15:42-44,49***

As condições impostas a todos aqueles que desejam assegurar seu chamado e escolha para essa posição privilegiada são *exigentes*, embora, no entanto, constituam "um serviço razoável"; e, em contrapartida, aos fiéis é prometida a "glória, honra e imortalidade" — da "natureza divina" — de modo que assim compartilhem da alta exaltação do redentor "muito acima dos anjos", se compartilharem de sua ignomínia ao trilharem seus passos, seguindo seu exemplo neste tempo presente, enquanto o mal tem permissão para triunfar.

Observe bem o fato de que toda promessa ou sugestão de esperança de imortalidade na Palavra do Senhor é dirigida a esta Igreja escolhida especial. Essa é a vida inerente à qual nosso Senhor se refere ao dizer: "Assim como o Pai tem *vida em si mesmo* [uma vida que não requer sustento — *a imortalidade*], assim também concedeu ao Filho que tivesse *vida em si mesmo* [a imortalidade]" e que a concedesse a quem quisesse — sua noiva, sua Igreja — "membros do seu corpo". ***João 5:26***; ***Efésios 3:6***

Duas palavras gregas são traduzidas como *"a imortalidade*":

(1) *Athanasia*, que Strong define como *"ausência de morte*".

[E397]
Essa palavra é encontrada apenas nas seguintes passagens das Escrituras:

"Este mortal deve revestir-se *da imortalidade* [*athanasia* — ausência de morte]" — referindo-se à primeira ressurreição da qual apenas a Igreja participa. ***1 Cor. 15:53***

"Quando este corpo mortal se revestir *da imortalidade* [*athanasia* — ausência de morte]" — referindo-se à mesma primeira ressurreição da Igreja. ***1 Cor. 15:54***

"Que é o único que possui *a imortalidade* [*athanasia* — ausência de morte]" — referindo-se a nosso Senhor Jesus e excluindo o Pai da comparação, como sempre. ***1 Tim. 6:16***

(2) *Aphtharsia* e *aphthartos* (da mesma raiz) são traduzidos como *"a imortalidade"* duas vezes e *"imortal"* uma vez, mas seriam mais corretamente traduzidos como *"incorrupção"* e *"incorrupto"*, e geralmente são assim traduzidos pelos lexicógrafos. Seguem-se todas as ocorrências dessas palavras na Bíblia:

"Para aqueles que buscam glória, honra e *a imortalidade* [*aphtharsia* — incorrupção]." ***Rm 2,7***

"É semeado na corrupção, é ressuscitado na *incorrupção* [*aphtharsia*]." ***1 Coríntios 15:42***

"A carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus; nem a corrupção herda *a incorrupção* [*aphtharsia*]." ***1 Coríntios 15:50***

"Este corpo corruptível deve revestir-se de *incorruptibilidade* [*aph-tharsia*]." ***1 Coríntios 15:53***

"Quando este corpo corruptível se revestir de *incorrupção* [*aphtharsia*]." ***1 Coríntios 15:54***

"A graça esteja com todos os que amam nosso Senhor Jesus Cristo com *sinceridade* [*aphtharsia* — incorruptamente]." ***Efésios 6:24***

"Jesus Cristo, que trouxe à luz a vida e *a imortalidade* [*aphtharsia* — incorruptibilidade] por meio do evangelho." ***2 Tim. 1:10***

"Na doutrina, demonstrando incorruptibilidade, seriedade, *sinceridade* [*aphtharsia* — incorruptibilidade]." ***Tito 2:7***

"A glória do Deus *incorruptível* [*aphthartos* — incorruptível]." ***Rm 1,23***

"Eles fazem isso para obter uma coroa corruptível; nós, porém, uma *incorruptível* [*aphthartos*]." ***1 Coríntios 9:25***

[E398]

"Os mortos [a Igreja] serão ressuscitados *incorruptíveis* [*aphthartos*]." ***1 Coríntios 15:52***

"O Rei eterno, *imortal* [*aphthartos* — incorruptível], o único Deus sábio." ***1 Tim. 1:17***

"Uma herança *incorruptível* [*aphthartos*], imaculada e que não se desvanece, reservada nos céus para vocês." ***1 Pedro 1:4***

"Tendo nascido de novo, não de semente corruptível, mas de *incorruptível* [*aphthartos*]." ***1 Pedro 1:23***

"Aquilo que não é *corruptível* [*aphthartos*], a saber, o ornamento de um espírito manso e tranquilo." ***1 Pedro 3:4***

O significado dessa palavra é: aquilo que não pode se corromper, não pode se deteriorar, não pode perder valor; *aphtharsia* é, portanto, em muitos aspectos, equivalente a *athanasia,* ou *imortalidade,* quando aplicada a seres sencientes; pois aquilo que possui vida e é à prova da morte pode ser verdadeiramente chamado de incorruptível.

A esperança da humanidade na vida eterna

Os cientistas e evolucionistas mais ousados e competentes tentaram demonstrar que a vida do homem não foi um presente do Criador. Teoricamente, eles fizeram o homem e todos os animais inferiores surgirem, por meio do processo evolutivo, a partir de um germe microscópico; sim, a partir do protoplasma, que o Prof. Huxley chamou de "a base física da vida"; e gostariam, de alguma forma, de ignorar totalmente o Criador e o Doador da Vida: mas, na verdade, não conseguiram sugerir nenhuma maneira pela qual nem mesmo o protoplasma pudesse obter vida a partir da matéria inerte. Nesse sentido, portanto, eles são obrigados a reconhecer uma primeira grande causa da vida. Mas o estudante reverente da Bíblia não deve ter a menor dificuldade em aceitar a afirmação das Escrituras de que somente o próprio Deus é a Primeira Grande Causa, a fonte da vida, de quem procedeu toda a vida em todos os planos; como diz o Apóstolo: "Todas as coisas são *do* Pai, e todas as coisas são *pelo* Filho, e nós por meio dele." (***1 Cor. 8:6***) O cristão não apenas encontra as evidências de um Criador

[E399]
no livro da Natureza, mas encontra na Bíblia a revelação expressa e específica desse Criador e dessa criação. Ele aceita como fato a afirmação de que Deus criou nossos primeiros pais, concedeu-lhes vida e providenciou para que propagassem uma raça de seres sensíveis, almas, de sua própria espécie, assim como providenciou para um processo semelhante na criação animal.

Olhando para o Éden, vemos Adão e Eva em sua perfeição, dotados de poderes morais e intelectuais, à semelhança de seu Criador e, portanto, muito superiores aos seres que lhes estavam sujeitos, a criação animal — almas de uma ordem superior, resultado de um organismo mais elevado e refinado; e nos perguntamos: Qual foi o propósito de Deus em relação ao homem em sua criação? Vemos que, no que diz respeito à criação bruta, o desígnio evidente do Senhor era que elas vivessem alguns anos e depois morressem, dando lugar a outras da mesma espécie; e que, assim, servissem para o prazer e a conveniência do homem, seu mestre, que, em sua perfeição, era um mestre misericordioso. Mas e quanto ao homem? O homem nasceu para morrer como as bestas? Acabamos de ver que não lhe foi conferida nenhuma qualidade de imortalidade, mas encontramos testemunho abundante da provisão de Deus para a *vida eterna* de todos os que alcançarem as condições exigidas: essa provisão não consistia na concessão de poderes e qualidades imortais, mas na boa vontade e no propósito de seu Criador, sob os quais, e somente sob os quais, ele "vive, se move e tem seu ser".

Ocasionalmente, um pensador superficial argumentará que o homem é imortal, indestrutível, porque a ciência determinou que *"a matéria é* indestrutível". Mas, como já foi apontado, *a matéria* não é *o homem*, nem a alma, ou o ser, é matéria. O corpo é matéria, mas, para ser o corpo de um homem, a matéria deve ter uma organização especial e peculiar; e, então, o espírito de vida deve ser adicionado antes que se torne homem ou alma. Ninguém argumentará que um *organismo* é indestrutível e, portanto, qualquer pessoa com capacidade de raciocínio pode perceber que o *ser* ou *a alma,* que se baseia e depende do organismo, pode ser destruída. Além disso, esse raciocínio absurdo — ou melhor, essa falha de raciocínio — seria forçado por

[E400]
uma analogia a afirmar que todos os insetos e répteis possuem imortalidade e são indestrutíveis. Há uma imensa diferença entre destruir matéria inerte e destruir um ser.

Deus declarou ao nosso pai Adão, segundo o relato, que sua vida estava segura e seria contínua enquanto ele continuasse sendo um filho obediente de Deus; que somente a desobediência *o* exporia (o ser, a alma) à morte. As mesmas Escrituras nos falam da desobediência de nossos primeiros pais e do pronunciamento divino da sentença de morte, como pena pelo pecado. E devemos observar cuidadosamente a linguagem de nosso Senhor, no que diz respeito a essa sentença. Deus não dirigiu Suas palavras ao corpo inanimado, antes de ele ter sido vitalizado; nem se dirigiu ao sopro ou ao espírito de vida, que é meramente um poder vitalizante sem inteligência. Ele se dirigiu a Adão, a *alma*, o *ser* inteligente ou sensível, depois que ele havia sido plenamente criado. E todos concordamos que esse foi o curso razoável e o único adequado — que apenas a alma ou o ser fosse interpelado. Agora, observe as palavras do Senhor: "No dia em que dele comeres, certamente morrerás".

Quando Adão transgrediu a lei divina e ficou sujeito à sentença da mesma, de que sua alma morreria, o Senhor poderia ter executado sua pena por meio de uma morte instantânea; mas, em vez disso, limitou-se a retirar sua provisão especial para a continuidade da vida de Adão, deixando-o assim morrer gradualmente. As condições da vida nos são explicadas como tendo sido um bosque especial de árvores vivificantes, cujo consumo teria mantido a vida do homem, repondo diariamente o que se perdia e sem sofrer decadência. Assim que o homem se tornou transgressor, foi impedido de ter acesso a essas árvores da vida, ou pomar da vida, e, assim, como os animais inferiores sob seu domínio, tornou-se sujeito à morte. No caso do homem, porém, diz-se que a morte é uma "*maldição*", porque surgiu como resultado da violação das normas divinas e, incidentalmente, por meio da maldição sobre o rei da Terra, uma maldição recai sobre seu domínio e sobre todos os seus súditos, os animais inferiores; pois

[E401]
o rei, tendo perdido sua perfeição, todo o domínio caiu em desordem.

Além disso, os filhos de Adão não podiam obter dele, como seu progenitor, direitos, privilégios ou perfeições físicas, que ele havia perdido e continuava perdendo; por isso, como mostram as Escrituras, toda a raça de Adão caiu com ele sob a maldição — na morte — e, portanto, como criaturas à imagem de Deus, dotadas de poderes de inteligência capazes de apreciar a vida eterna, olhamos para Deus para ver se a sabedoria infinita, o amor infinito, a justiça infinita e o poder infinito podem, em conjunto, produzir um plano de salvação para o homem, sob o qual Deus possa ser justo e, ainda assim, ser o justificador daquele que crê em Jesus. ***Rom. 3:26***

Nem é essa esperança vã. A provisão de Deus, por meio de Cristo, conforme revelada nas Escrituras, é para a ressurreição dos mortos, a restauração do homem ao seu estado anterior. É verdade que há limitações e condições, e nem todos retornarão ao favor divino, mas a todos será concedida a oportunidade de retornar, com a forte probabilidade, acreditamos, de que a maioria da posteridade de Adão, quando conhecer a verdade, aceitará com gratidão a graça de Deus por meio de Cristo e conformará sua vida à lei da Nova Aliança, por meio da fé no redentor.

Não cabe, porém, a nós nem a ninguém responder à pergunta que nosso Senhor se recusou a responder, a saber: "São poucos os que serão salvos?" (***Lucas 13:23***) O máximo que temos o privilégio de fazer é salientar que "o resgate para todos" foi dado por nosso Senhor e a promessa de que, no "tempo devido", todos chegarão ao conhecimento dessa grande verdade e à oportunidade de alcançar a vida eterna por meio dele, a grande Luz que ainda "iluminará todo homem que vier ao mundo". (***1 Tim. 2:4-6***; ***João 1:9***) Devemos repetir — e repetimos, de fato, durante esta era evangélica — a todos os que têm "ouvidos para ouvir" as palavras do mestre: "Esforçai-vos por entrar pela porta estreita; pois muitos procurarão entrar e não poderão, quando o Senhor da casa se levantar e fechar a porta." (***Lucas 13:24, 25***) Em outras palavras, o chamado — o único chamado desta era evangélica — é para o caminho estreito

[E402]
caminho do auto-sacrifício: e nenhuma distração de interesse deve abrandar nossa corrida pelo grande prêmio da imortalidade agora oferecido. Quando o número dos "escolhidos" estiver completo e a grande tribulação do fim desta era sinalizar que a Igreja está completa e glorificada, muitos passarão a ter uma visão diferente das ninharias mundanas que agora os impedem de cumprir suas promessas de consagração.

O plano de salvação de Deus para a raça humana em geral consiste em estender a cada membro dela, durante o milênio, a *oferta* da *vida eterna* nos termos da Nova Aliança selada para todos com o precioso sangue do Cordeiro. Mas não há qualquer indicação de que a imortalidade, a Natureza Divina, venha a ser oferecida ou concedida a qualquer outro, exceto à Igreja "escolhida" da era evangélica — o "pequeno rebanho", "a Noiva, a esposa do Cordeiro". Para os demais da raça de Adão, a oferta será a "restauração" (***Atos 3:19-21***) à vida, à saúde e à perfeição da natureza *humana* — a mesma que Adão possuía como imagem terrena de Deus antes de sua queda da graça para o pecado e a morte. E quando, no final da Era Milenar, todos os obedientes da humanidade tiverem alcançado tudo o que foi *perdido em Adão e redimido por Cristo* — então todos, munidos de conhecimento e experiência completos e, portanto, plenamente capazes de resistir à prova, serão severamente testados (como o foi Adão), mas individualmente (***Apocalipse 20:7-10***), e somente aqueles que forem encontrados em plena sintonia de coração, bem como em harmonia exterior, com Deus e seus arranjos justos, terão permissão para ir além do milênio, rumo ao futuro eterno ou "mundo [era] sem fim". Todos os demais serão destruídos na Segunda Morte — "destruídos dentre o povo". ***Atos 3:23***

Mas, embora não haja mais morte, nem suspiros nem choro, isso não será porque os vencedores da era milenar serão coroados com a imortalidade, mas porque, tendo aprendido a distinguir entre o certo e o errado e seus efeitos, terão formado caracteres em plena concordância com Deus e com a justiça; e porque terão resistido a provações que demonstrarão que não desejariam pecar, mesmo que o caminho lhes fosse aberto e não houvesse penalidades associadas.

[E403]
Eles não terão vida em si mesmos, mas continuarão dependentes da provisão de Deus de alimento, etc., para a sustentação da vida. Compare ***Apocalipse 21:4, 6, 8; 7:16***; ***Mateus 5:6***.

Assim como a maldição trouxe a morte à humanidade, a remoção da maldição significa a remoção de todas as objeções legais ao retorno do homem a todas as bênçãos originais que lhe foram concedidas no Éden. Mas o homem, agora degradado e imperfeito mental, moral e fisicamente, não está apto, como Adão estava, a desfrutar das perfeições de uma condição edênica ou paradisíaca; por isso, o propósito divino é que, nos "tempos de restauração", durante a Era Milenar, a humanidade — cujos pecados foram expiados pela morte do Senhor Jesus — seja trazida de volta por Ele, o Doador da Vida e Libertador, da escravidão do pecado e da morte, à plena perfeição da semelhança original com Deus. Não apenas isso, mas o plano divino que encontramos é que a experiência do homem com o pecado constituirá uma lição que terá influência eterna sobre alguns, levando-os a conhecer, por experiência pessoal, algo da "extrema pecaminosidade do pecado" e de sua recompensa ou pena certa, a morte: de modo que, quando, durante a Era Milenar, esses forem levados ao conhecimento da justiça, da verdade, da bondade, do amor e de todas as graças e qualidades do caráter divino, os dispostos e obedientes conhecerão e apreciarão o privilégio da vida eterna de uma forma que o Pai Adão jamais teria conhecido e jamais poderia ter apreciado.

Para esse fim, a morte tem sido um processo *gradual* para a raça humana em geral, e, com o mesmo objetivo, a ressurreição será um processo gradual: pouco a pouco, por assim dizer, a humanidade será elevada, elevada, elevada para fora do lodo do pecado, para fora do terrível abismo da degradação e da morte, até a grandiosa altura da perfeição e da vida da qual ela caiu na pessoa do pai Adão. A única exceção a esse programa geral para o mundo, conforme nos é apresentado nas Escrituras, são os poucos que foram antecipadamente trazidos à harmonia com Deus: a semente de Abraão, tanto natural quanto espiritual. ***Gálatas 3:29***; ***Hebreus 11:39,40***

Visto sob essa luz bíblica, o tema da imortalidade resplandece. Isso abre caminho para que a

[E404]
"dom de Deus", a vida eterna, ser estendido a todos aqueles que o redentor encontrar dispostos a aceitá-lo nos únicos termos em que ele poderia ser uma bênção; e deixa os indignos sujeitos à justa pena sempre enunciada pelo grande juiz de todos, a saber:

"O salário do pecado é *a morte*." ***Rom. 6:23***

"A *alma* que pecar, essa *morrerá*." ***Ez. 18:4,20***

"Quem não crê no Filho não verá a vida; mas a ira de Deus [a maldição, *a morte*] permanece sobre ele." ***João 3:36*** Assim, constatamos, neste assunto como em outros, que a filosofia da Palavra de Deus é mais profunda, bem como mais clara e, de longe, mais racional do que os sistemas e teorias pagãos. Louvado seja Deus por sua Palavra de Verdade e pelos corações dispostos a aceitá-la como a revelação da sabedoria e poder de Deus!

Mas a dúvida clama: "Como poderia Deus, na ressurreição, reproduzir completamente os milhões de seres humanos de modo que cada um se reconheça e se beneficie da memória das experiências da vida presente?" Respondemos que, no cilindro do fonógrafo, até mesmo o homem é capaz de preservar suas próprias palavras e reproduzi-las; muito mais ainda nosso Criador é capaz de reproduzir para toda a raça organismos cerebrais que reproduzam perfeitamente cada sentimento, pensamento e experiência. Davi parece referir-se ao poder de Deus de uma maneira que poderia ser aplicável profeticamente à ressurreição ou, de forma reflexiva, ao primeiro nascimento. Ele diz:

"Eu te louvarei, pois fui formado de maneira admirável e maravilhosa. Minha substância [organismo] não te foi oculta quando fui formado em segredo, curiosamente trabalhado nas profundezas da terra. Teus olhos viram minha substância ainda imperfeita; e em teu livro estavam escritos todos os meus membros, que foram formados gradualmente quando ainda nenhum deles existia." ***Salmos 139:14-16***

[E405]

ESTUDO XIV
A NECESSIDADE DA EXPIÇÃO — A MALDIÇÃO

A "maldição" é um mal presente e não futuro — Onde e por que a desgraça se abateu sobre todos — Quando cessará essa "ira" de Deus contra o pecado — "Escapada" agora e no futuro — A expiação é necessária devido ao plano adotado por Deus — O homem como exemplo para os anjos e para as futuras criações.

"E não haverá mais maldição." ***Apocalipse 22:3***

NOSSO texto está em total concordância com o teor geral das Escrituras, de que está chegando o tempo em que a obra da expiação será plenamente realizada e, como resultado, a maldição será completamente removida do homem e da terra, seu domínio. Mas isso implica que a maldição ainda não foi removida, que ela ainda repousa sobre a Terra e sobre a humanidade. Além disso, implica que houve um certo momento em que essa maldição recaiu sobre todos, quando foi infligida pela primeira vez à humanidade e à Terra. Quem se der ao trabalho de investigar o assunto encontrará nas Escrituras uma harmonia tão maravilhosa em relação a esses três pontos que provavelmente ficará surpreso e se convencerá de que as Escrituras não são de origem humana, mas que, embora tenham sido escritas por várias pessoas e em vários períodos, ao longo de dois mil anos, elas formam uma unidade em seu testemunho; e em nenhum assunto seu testemunho é mais positivo, consistente e conclusivo do que neste tema da maldição, seus efeitos sobre o homem, a redenção dela e sua remoção definitiva.

A maldição sobre a humanidade, tal como é geralmente entendida e pregada, é uma maldição futura de tormento eterno — não uma

[E406]
maldição presente. Mas, de acordo com as Escrituras, trata-se de uma maldição presente, a saber, a morte, que será removida no futuro. Tampouco devemos pensar nessa maldição da morte da maneira limitada usual
— como algo que afeta o momento da morte ou algumas horas, dias ou instantes finais, no momento em que expiramos, exalamos ou perdemos o fôlego da vida. Pelo contrário, para compreender o que é essa maldição da morte, precisaríamos ter diante dos olhos da mente o primeiro homem perfeito, com todas as suas faculdades mentais e físicas — a imagem de seu Criador em suas qualidades mentais e, tanto fisicamente quanto mental e moralmente, "muito bom"; assim declarado pela mais alta autoridade sobre o assunto***. Gênesis 1:31***

O breve trecho histórico que nos é fornecido no Gênesis, juntamente com o fato de que o dilúvio apagou completamente todas as evidências da genialidade e da obra do pai de nossa raça e de seus primeiros descendentes, não nos dá nenhuma base para cálculos a respeito de suas habilidades mentais e físicas. Para obtermos informações, dependemos do fato de que toda a obra de Deus é "perfeita", conforme Sua própria declaração (***Dt 32,4***); e de Sua declaração adicional de que o homem "buscou muitas invenções" e se contaminou (***Ecl 7,29***); e o fato de que, mesmo sob a maldição e nas condições desfavoráveis em que o homem viveu após ser expulso do Jardim do Éden — apesar de todas essas condições desfavoráveis, tão grandiosamente perfeito era esse organismo humano que o pai da humanidade foi sustentado pelo longo período de novecentos e trinta anos. ***Gênesis 5:5***

É quando comparamos essa vitalidade física — sem o auxílio de uma vasta experiência no desenvolvimento de medicamentos e medidas sanitárias — com as condições atuais, e percebemos que, apesar de todo o nosso avanço na ciência, à luz e com a experiência de séculos, ainda assim hoje metade da população morre antes dos dez anos, e, como um todo, a expectativa de vida média é de cerca de trinta e três anos, que podemos avaliar quanta vitalidade física perdemos desde a queda — o quanto a "maldição" nos afetou fisicamente. E, como sabemos que as faculdades mentais e físicas estão amplamente coordenadas

[E407]
no homem, de modo que, quanto mais saudável for o organismo físico — mantendo-se todas as outras coisas iguais —, tanto mais fortes e autênticas devem ser o poder e as faculdades mentais, podemos, a partir disso, formar uma visão bastante respeitosa do calibre mental do pai Adão, a quem o grande Criador declarou ser muito bom e considerou digno de ser reconhecido como seu filho, sua semelhança mental e moral. ***Lucas 3:38***

E a perfeição mental e física, sob as condições apresentadas no relato divino da criação, implica clara e positivamente *a perfeição* moral; pois devemos lembrar que, de acordo com as Escrituras, a desviação moral e a consequente degradação ainda não haviam se instalado. Tampouco é concebível que o homem, sem elementos morais em seu desenvolvimento mental, fosse descrito nas Escrituras como um homem "muito bom" ou como uma imagem de seu Criador. Ter criado Adão perfeito fisicamente e mentalmente, exceto nas qualidades morais, teria sido torná-lo um homem muito mau, com base no princípio de que quanto maiores as habilidades, maior o vilão, a menos que essas habilidades estejam sob controle moral.

A sentença de morte, ou "maldição", pronunciada contra Adão, a saber: "Certamente morrerás" (***Gênesis 2:17***, nota de rodapé), não se referia meramente aos seus músculos e constituição física — ela abrangia o homem como um todo, tanto o mental quanto o físico; e isso também incluía as qualidades morais, pois elas fazem parte do mental. É em plena confirmação disso que vemos hoje que o homem é um ser caído em todos os sentidos da palavra; fisicamente, ele está degenerado, e sua expectativa de vida caiu, nas condições mais favoráveis, para trinta e três anos; mental e moralmente, também vemos que ele é muito deficiente, embora possua órgãos capazes de um desenvolvimento muito superior ao que sua curta vida permite. Falando das habilidades morais do homem, o Apóstolo declara: "Não há ninguém justo, nem mesmo um; [...] todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus"; todos são participantes do pecado original e de suas consequências. ***Rm 3,10.23***

Além disso, o apóstolo ressalta que o pai Adão, quando

[E408]
julgado perante o tribunal de Deus, foi um transgressor deliberado, e não alguém que foi enganado. (***1 Tim. 2:14***) Ele nos mostra, assim, que, em termos de qualidade moral, Adão era capaz de obedecer às exigências divinas, pois teria sido injusto da parte de Deus julgar e condenar por falha um ser que, devido a uma criação imperfeita, era incapaz de passar no teste com sucesso, prestando obediência aos seus mandamentos. O fato de Adão ter passado por uma provação em que estavam em jogo a vida e a morte eternas, e o fato de que seu fracasso nessa provação foi deliberado, atraindo-lhe justamente a sentença do grande Juiz com a pena máxima prevista pela lei, deve provar a toda mente imparcial e lógica que Adão era, em todos os sentidos da palavra, perfeito e devidamente suscetível à provação.

E o fato de que Deus, mesmo após o preço do resgate ter sido pago, se recusa a julgar a humanidade novamente perante o mesmo Tribunal supremo e irrepreensível, e declara que a razão para isso é que, em uma condição decaída, somos incapazes de ser julgados perante seu tribunal de justiça absoluta, e que, por nossas melhores obras, ninguém poderia ser justificado diante dele — tudo isso prova de forma conclusiva, não apenas que a raça humana caiu gravemente, mas também que Deus não teria julgado Adão de forma alguma se ele não fosse muito melhor do que nós e totalmente apto para o julgamento — um homem perfeito. É em plena concordância com esse pensamento que Deus propõe o julgamento da Igreja durante a era evangélica, pelo prêmio da existência do espírito eterno; e o julgamento do mundo durante a era milenar, pelo prêmio da perfeição humana eterna. “Porque o Pai a ninguém julga, mas confiou todo o julgamento ao Filho.” ***João 5:22***

Ao considerarmos o homem como um todo (mental, moral e fisicamente uno), tal como as Escrituras o fazem, podemos ver que a maldição, a sentença de morte, funciona contra cada parte e elemento de seu ser; e, olhando ao nosso redor pelo mundo, encontramos confirmação disso por toda parte. Assim como, na decadência das forças físicas, o ponto mais fraco em alguns é

[E409]
o estômago; para outros, os músculos; para outros ainda, os ossos; assim, ao considerarmos o homem como um todo, constatamos que, em alguns, a maior perda, decadência e depravação tem sido mental; em outros, moral; em outros, física; contudo, todos estão manchados em todos os aspectos; todos estavam irremediavelmente "perdidos" sob essa maldição. Não pode haver esperança para ninguém de que algum dia consiga se libertar desses laços de corrupção nos quais nascemos, como está escrito: "Fui formado na iniquidade, e em pecado minha mãe me concebeu." (***Salmo 51:5***) Essa maldição de morte recai sobre nós desde o momento do nascimento e, portanto, demonstra o fato de que não é resultado de nossos pecados individuais, mas de pecados herdados — uma maldição ou praga que nos chegou do pai Adão por hereditariedade.

Tem-se dito que "nascemos morrendo"; e todos podem atestar quão verdadeiro isso é; doenças, decadência, dores e sofrimentos, fraqueza e enfermidades não passam de processos elementares da morte atuando em nós. Assim, se não fosse pela cegueira induzida pelas deturpações enganosas de Satanás sobre o plano divino, os homens veriam por toda parte manifestações claras do fato da maldição, e o Apóstolo declara: "A ira de Deus *se revela* contra toda injustiça", pois a menor injustiça é pecado. (***Rom. 1:18***) O apóstolo não diz que, em uma vida futura e nas chamas do tormento, a ira de Deus será revelada, mas afirma corretamente que isso se refere à vida presente e ao tempo presente, e que pode ser visto por todos cujos olhos estejam abertos para enxergar os fatos reais do caso. A ira de Deus se revela em cada placa de médico, que indica a doença e a morte atuando na humanidade. A ira de Deus se revela em cada placa de funerária, que chama nossa atenção para o fato de que a humanidade está morrendo, de que a ira, a maldição de Deus, repousa sobre a humanidade. A ira de Deus se revela em cada cortejo fúnebre, em cada carro funerário, em cada cemitério, em cada lápide e em cada pedaço de fita preta e cada símbolo de luto. A ira de Deus não se revela apenas contra os pecadores mais graves, mas contra toda injustiça, mesmo a mais leve. Portanto

[E410]
não há como escapar, pois não há ninguém justo, nem mesmo um; e, portanto, tanto as crianças quanto os idosos estão sujeitos a essa "ira", a essa "maldição".

O profeta Jó, em sua angústia sob a maldição e a ira, clamou: "Ó, se tu me escondesses no *Sheol* [esquecimento] até que tua *ira* passasse [passasse; então] tu me chamarias e eu te responderia, pois tu terias consideração pelas obras das tuas mãos." (***Jó 14:13, 15***) Este tempo de ira, que já dura seis mil anos, chegará ao fim com o grande Dia da Vingança, no qual a Justiça determina que haja mais aflições sobre a humanidade, devido à rejeição de maiores oportunidades e privilégios e à desobediência às leis da retidão, na medida em que essas leis foram compreendidas pela cristandade. Portanto, esse Dia da Vingança e da ira especial, além daquela que prevaleceu anteriormente, é declarado que será "um tempo de angústia como nunca houve desde que existe uma nação". Os santos de Deus têm a certeza de que serão considerados dignos de escapar de todas essas coisas que virão sobre o mundo e de permanecer diante do Filho do Homem. Eles escaparão dessa ira especial, mas não escaparão da ira geral que é revelada do céu contra toda injustiça. Eles compartilham isso com o mundo, em muitos aspectos, e, no entanto, há essa distinção bem definida, que as Escrituras apontam claramente, a saber:

Aqueles que aceitam Cristo durante a era evangélica e que se consagram totalmente a ele são considerados como tendo passado da morte para a vida; como tendo escapado da ira, da maldição, "escapado da corrupção que há no mundo". (***2 Pe. 1:4; 2:18, 20***) É verdade que eles ainda estão no mundo, ainda estão sujeitos à morte e ainda podem compartilhar com o mundo as doenças, dores, tristezas e aflições inerentes à maldição; e, do ponto de vista mundano, não há diferença; mas, do ponto de vista divino — que deve ser o ponto de vista do crente —, há uma grande diferença. Esses não são mais considerados como morrendo por causa da "maldição" ou da "ira" divina, mas, em vista da sua justificação e

[E411]
posterior apresentação como sacrifícios vivos, sua morte é considerada parte do sacrifício de Cristo. Como o apóstolo expressa, tais pessoas são consideradas, na morte, como mortas com Cristo, participantes de seu sacrifício, e não como morrendo com Adão, como o restante da raça humana. "Se morremos com Cristo, cremos que também viveremos com ele." ***Rom. 6:8***

Da mesma forma, nossa parcela de dificuldades e dores físicas é resultado de fraquezas físicas, hereditariedade etc. O Senhor nos assegura que tudo o que for permitido nesse sentido não deve ser considerado como manifestação de sua ira; mas que todos os males permitidos contra essas pessoas serão, pela sabedoria, amor e poder divinos, revertidos para o seu bem, como disciplinas para desenvolver nelas mais abundantemente o Seu espírito e, assim, em última instância, como Seus filhos, capacitá-las e prepará-las para a glória, a honra e a imortalidade — ao produzir nelas os frutos pacíficos da justiça e, assim, prepará-las para um peso de glória muito mais excelente e eterno. (***Fil. 2:13***; ***Rom. 2:7***; ***Hb. 12:11***; ***2 Cor. 4:17***; ***2 Pe. 1:4-11***) No entanto, em todos esses aspectos, eles caminham pela fé, não pela visão. No que diz respeito à visão exterior, eles não têm nada a mais do que o mundo; na verdade, o povo de Deus pode, às vezes, parecer ter mais dificuldades, mais provações, mais aflições, mais dores do que o homem natural, com quem Deus ainda não está lidando, porque ainda não foi levado a uma condição de reconciliação e expiação com Ele. Mesmo essa exigência maior de fé é, por si só, uma bênção, uma disciplina, um desenvolvimento de caráter, um bom fruto do espírito.

Mas estamos analisando nosso tema — a necessidade da expiação — do ponto de vista do mundo em geral, de toda a humanidade. A maldição, a sentença ou o veredicto da lei divina contra toda imperfeição é a destruição. Deus criou todas as coisas muito boas, e essa é a única condição em que qualquer coisa jamais será totalmente satisfatória para Ele. O fato de que, por enquanto, Ele permita coisas imperfeitas — seres imperfeitos e condições imperfeitas — não é prova de uma mudança de plano por parte divina: esse período de imperfeição

[E412]
é permitido porque a sabedoria divina previu a possibilidade de um desfecho glorioso e, para esse fim, Deus está "operando todas as coisas segundo o conselho da sua própria vontade" (***Ef 1:11***). Ele poderia, por exemplo, ter destruído Satanás no momento em que este se tornou transgressor — da mesma forma os anjos que caíram e o homem; e, assim, a geração de uma raça imperfeita teria sido evitada. Mas o plano divino, ao contrário, tem sido permitir que o imperfeito e o pecaminoso sigam, por um tempo, seu próprio curso em assuntos que não interfiram no grande desfecho do arranjo divino, para que, assim, pudesse ser apresentada uma ilustração das tendências descendentes e degradantes do pecado, em Satanás, nos anjos caídos e na humanidade.

A queda da humanidade sob a justa pena de morte, a destruição, foi indiretamente o resultado da falta de conhecimento de Eva e de seu consequente engano, e envolve, por meio da hereditariedade, muitos que não violaram deliberada e conscientemente a lei divina. Esse fato abriu a oportunidade para o exercício do amor e da clemência divinos e, incidentalmente, serviu de ilustração da operação e da coordenação dos atributos divinos, que não poderiam ter sido tão completamente manifestados e exemplificados de nenhuma outra maneira que possamos conceber. Fazia parte, portanto, do desígnio original do Criador revelar a si mesmo e os atributos de seu caráter às suas criaturas — não apenas à humanidade, mas também às hostes angélicas. Inquestionavelmente, quando o grande plano de salvação for plenamente consumado, tanto os anjos celestiais quanto os reconciliados do mundo conhecerão o caráter divino — sabedoria, justiça, amor e poder — em um grau muito maior do que jamais foi apreciado antes, ou do que poderia ter sido apreciado, sem as grandes lições agora ensinadas por meio da permissão do pecado e da redenção prometida sob o plano divino, por meio de Cristo. Isso é sugerido pelo apóstolo Pedro, que nos assegura que "os anjos desejaram investigar" essas coisas — estão profundamente interessados nelas. ***1º Pedro 1:12***

Como vimos, a sentença sobre a humanidade é absolutamente

[E413]
justa, e não haveria espaço algum para recurso contra essa sentença do ponto de vista da justiça (admitindo-se que Adão possuía conhecimento suficiente de seu Criador para exigir sua obediência implícita, e admitindo-se também que era apenas um arranjo justo da parte de Deus que a vida que não fosse usada em harmonia com seus arranjos justos e benevolentes fosse perdida, tirada). No entanto, podemos ver facilmente que Deus poderia ter estabelecido uma pena diferente no caso do homem, e isso sem violar nenhum princípio de justiça. Temos prova disso em Sua maneira de lidar com os anjos caídos. Eles não foram condenados à morte; a pena imposta a eles, pelo contrário, foi que fossem *restringidos*, e ainda estão restringidos, aguardando um julgamento final. ***Judas 6***

Da mesma forma, Deus poderia ter permitido que o homem vivesse esses seis mil anos, desde seu pecado no Éden, sem que seu sistema físico fosse prejudicado, sem submetê-lo à sentença e ao poder da morte. Assim, o homem, assim como os anjos que não mantiveram sua posição original, poderia ter sido preservado vivo até o julgamento do grande dia, para que seus casos fossem finalmente decididos. Mas Deus não está limitado em suas operações, e da mesma variedade que observamos na natureza — em que uma flor difere de outra em glória e beleza, e uma criatura difere de outra —, assim, sob o que o apóstolo designa como "a sabedoria de Deus, tão diversificada" (***Ef 3:10***, *Diaglott*), Deus escolhe um método para lidar com os anjos que pecaram e outro método para lidar com os homens que se tornaram pecadores. A ira divina se manifesta contra ambos: uma ira de amor e justiça, que odeia todo pecado, todo mal, e o destruirá; mas que fará tudo o que for possível pelos malfeitores que se tornarem servos leais da justiça, após terem uma ampla experiência com o pecado e com a justiça, e com seus respectivos resultados.

Ao lidar com o homem, Deus escolheu exemplificar o fim definitivo do pecado e dos pecadores — a destruição. Isso é atestado nas

[E414]
várias declarações feitas ao homem: “A alma que pecar, essa morrerá”; “O salário do pecado é a morte”. Ou seja, nessas declarações feitas ao homem, Deus está simplesmente enunciando uma lei geral, que em breve será a regra absoluta de todo o seu domínio — toda a criação, a saber, que tudo o que não for perfeito será destruído, e que somente o que for perfeito, absolutamente perfeito, absolutamente em harmonia com a vontade e o propósito divinos, continuará a existir para sempre, uma bênção para si mesmo, uma honra para o Criador e um benefício para todas as suas criaturas.

Mas, embora o homem tenha servido de ilustração para a aplicação desse princípio, de modo que cada membro da família humana tenha sido ceifado pela morte — “A morte passou sobre todos” —, não é, contudo, o propósito divino, ao fazer uso da humanidade como ilustração da severidade da justiça divina na extirpação do mal, permitir que a humanidade sofra por ter sido usada dessa forma como ilustração. Pelo contrário, é o desígnio divino que a humanidade experimente a misericórdia, o favor e o amor divinos em medida não menor do que qualquer outra das criaturas de Deus. Por isso, no tempo devido, Deus providenciou a redenção para todos, plenamente adequada às necessidades do caso, para que, assim como pela desobediência de um homem (Adão) muitos se tornaram pecadores, assim também pela obediência de um (Jesus) muitos pudessem tornar-se justos. ***Rom. 5:19***

Isso não diz, nem significa, que muitos devem tornar-se justos durante a era evangélica ou de forma alguma: pelo contrário, a declaração bíblica é de que será apenas um “pequeno rebanho” que se tornará justo durante o presente tempo de maldade — apenas aqueles que são especialmente atraídos pelo Pai e chamados para o alto chamado de co-herança com seu Filho. O restante da humanidade nem mesmo será chamado ou atraído, até que o Cristo (cabeça e corpo) tenha sido exaltado tanto nos sofrimentos quanto na glória, de acordo com a própria declaração de nosso Senhor: “Eu, se for exaltado, atrairei todos a mim.” (***João 6:44; 12:32***) Essa atração universal pertence à era milenar que está por vir, não à era atual nem às eras passadas. Não será a atração de poucos, nem de uma classe, nem de uma nação,

[E415]
como no passado, mas a atração de toda a humanidade, redimida com o precioso sangue.

No entanto, essa atração não significará coação; pois, assim como é possível resistir à atração do Pai na era atual — de modo que muitos são chamados, mas poucos serão escolhidos —, assim também será possível que a atração de Cristo seja resistida pelo mundo da humanidade na próxima era. No entanto, as Escrituras nos asseguram que o caminho será tornado tão claro, e as condições tão razoáveis, que somente aqueles que amam o pecado e o escolhem deliberadamente, depois de terem chegado ao conhecimento da justiça e da verdade, estarão entre os que resistem a esse grande Profeta e serão destruídos por ele na Segunda Morte. ***Atos 3:23***

Ao considerarmos o trato divino com a humanidade do ponto de vista do fim da Era Milenar, vemos que, longe de o curso divino exercer qualquer crueldade para com a humanidade, a aplicação da pena máxima da lei divina contra nós, acompanhada como tem sido pela ação da misericórdia divina, por meio de Cristo, no resgate e na restituição, tem sido, na verdade, uma grande bênção. Mas isso só pode ser percebido a partir desse único ponto de vista. Desse ponto de vista, vemos não apenas a tristeza, a angústia e a dor, a morte e o choro do tempo presente — a pena justa pela transgressão, seu resultado natural, de fato —, mas vemos também a redenção do homem do pecado e de sua maldição, adquirida pelo Redentor no Calvário e a ser realizada pelo mesmo Redentor posteriormente — sendo a Igreja selecionada durante a era evangélica, de acordo com o programa divino, para ser sua Noiva e o co-herdeiro no Reino.

Por mais severa que tenha sido a morte, a punição pelo pecado de Adão (incluindo toda a dor, tristeza e sofrimento deste estado de morte nos últimos seis mil anos), acreditamos que a sorte do homem tem sido mais favorável do que a dos anjos que não mantiveram sua condição original, e que não foram condenados à morte, e que, portanto, não perderam suas energias vitais com a morte, nem experimentaram doença ou dor, mas que simplesmente tiveram suas liberdades restringidas e foram privados da comunhão

[E416]
do sagrado. Se o homem tivesse sido tratado de forma semelhante a esses anjos caídos e tivesse mantido suas liberdades no que diz respeito à Terra, etc., podemos imaginar que situação terrível teria prevalecido até os dias de hoje — como o mal teria se multiplicado sem restrições, como a astúcia e a malícia nas transgressões teriam aumentado as aflições da Terra. Mesmo assim, podemos ver que até mesmo as curtas vidas dos homens são suficientes para desenvolver um gênio notável para o egoísmo, uma sabedoria notável para o autoengrandecimento e a opressão dos semelhantes. Quando consideramos que muitos dos milionários de nossos dias foram meninos pobres e que suas fortunas de cem ou duzentos milhões de dólares foram acumuladas em menos de cinquenta anos, o que poderíamos esperar de tal gênio, se ele tivesse séculos para atuar? Levado ao seu resultado legítimo, sem dúvida teria resultado na escravização e na degradação total, até a bestialidade, de uma grande parte da família humana, em benefício de poucos gênios da astúcia e da avareza.

Ao considerar a questão sob esse ponto de vista, nossos corações se elevam em gratidão a Deus pelo fato de que a forma da "maldição" ou sentença que recaiu sobre nós foi aquela que o Senhor permitiu — "morrerás, pois morrerás". E se, entretanto, nossas experiências, como raça, têm servido de lição prática, não apenas para nós mesmos, mas também para os anjos santos e para os anjos caídos, podemos nos alegrar ainda mais; e, pelo que sabemos, pode ser intenção de Deus usar essa grande lição sobre a extrema pecaminosidade do pecado e seus resultados inevitáveis em outros mundos de seres sencientes ainda não criados. E quem sabe se, em um futuro muito distante, os instrutores em retidão para bilhões ainda não criados não serão escolhidos dentre os dignos da raça redimida e restaurada da Terra, que tiveram uma experiência real com o pecado e que serão capazes de falar com base na experiência, a fim de proteger os outros contra o menor desvio da obediência absoluta à vontade divina.

[E417]

Vemos em Israel uma ilustração desse princípio de transformar uma desvantagem em bênção para aqueles que são usados como exemplo. Como nação, Israel foi separado das outras nações e utilizado como um povo típico. Sua Aliança da Lei, embora aparentemente fosse uma vantagem, constituía, estritamente falando, para eles uma segunda provação, cujo fracasso os levou a uma segunda condenação — aparentemente deixando-os, como povo, mais profundamente condenados do que o restante do mundo, a quem Deus já havia proposto (em sua aliança com Abraão) que fosse *justificado pela fé*, uma vez que ninguém poderia ser justificado pelas obras da Lei. A Aliança de Israel exigia obras perfeitas e, sendo incapaz, devido à fraqueza herdada da carne, de realizar obras perfeitas, Israel caiu sob a "maldição" ou sentença de morte de sua própria Aliança. Assim, aquela Aliança que foi ordenada para a vida (que pretendia dar *vida* eterna) revelou-se para *a morte*. (***Rm 7,9-14***) Mas, embora Deus tenha usado Israel dessa forma como um povo típico e como ilustração do fato de que nenhum homem imperfeito pode cumprir a lei *perfeita* de Deus, Ele não permitiu que esse uso, que implicava em sua condenação, levasse à ruína eterna deles; e, consequentemente, ao redimir o restante da humanidade, seu plano foi organizado de tal forma que o mesmo sacrifício pelo qual toda a raça de Adão foi redimida por Cristo afetou também a única nação especialmente favorecida, que, sob a aliança da Lei, era também a única nação especialmente condenada. (***Rom. 2:11-13; 3:19-23***) Foi com esse propósito que nosso Senhor nasceu sob a Aliança da Lei, a fim de que pudesse redimir aqueles que estavam condenados sob essa lei, com o mesmo sacrifício pelo qual redimiu toda a humanidade, originalmente condenada em Adão. ***Gál. 4:4,5***

Vemos, então, que a necessidade de reconciliação entre Deus e o homem, a necessidade de sua união, reside no fato de que o próprio Deus é a fonte da vida, e que, para que a vida eterna seja desfrutada por qualquer de suas criaturas, ela deve ser concedida como seu *dom*. "O dom de Deus é a vida eterna, por meio de Jesus Cristo

[E418]
nosso Senhor." (***Rom. 6:23***) De acordo com os princípios do governo e da lei divinos, Deus não pode encarar o pecado com qualquer grau de tolerância (***Hab. 1:13***); Ele não pode perdoar o pecado, nem admitir sua necessidade em qualquer grau. Sendo Ele mesmo perfeito, Seu decreto é que nenhum imperfeito seja reconhecido como Seu filho, para quem a existência eterna é providenciada. E, portanto, visto que o homem, por meio da queda, não apenas ficou sujeito a uma sentença de morte, mas, além disso, se contaminou, degradou, depravou e, em grande parte, apagou a semelhança divina de sua mente e consciência, a única esperança de vida eterna reside em algum poder, meio ou agente por meio do qual duas coisas possam ser realizadas: (1) A libertação da humanidade da *sentença de morte* infligida pela Justiça; (2) a elevação da humanidade da degradação do pecado e da depravação às condições de santidade e perfeição absolutas das quais ela caiu. Se essas duas coisas puderem ser realizadas, então há esperança. Se ambas não puderem ser realizadas, o homem não tem a menor esperança de vida eterna. Em vão buscamos ajuda na família humana caída, pois, embora alguns estejam menos caídos do que outros, menos depravados, todos pecaram, todos ficaram aquém da glória de Deus. Se houvesse um justo, ele poderia, de fato, dar o resgate por seu irmão (por Adão e todos os condenados na transgressão de Adão) e, assim, sob o arranjo divino, tornar-se o salvador (libertador) de sua raça da sentença; mas ninguém assim pôde ser encontrado. "Não há ninguém justo; nem mesmo um." ***Salmo 49:7***; ***Romanos 3:10, 23***

Deus, em sua sabedoria, havia previsto tudo isso e providenciado tudo antes de iniciar a criação da humanidade; e, no tempo devido, manifestou seu plano para a recuperação do homem da praga da condenação e da depravação. Quando não havia olho para ter piedade, nem braço para salvar, então o braço de Deus trouxe a salvação. O braço (poder) do Senhor revelado, estendido do céu para ajudar o homem a sair do terrível abismo da morte e do lodo do pecado e da depravação, foi nosso Senhor Jesus. (***Salmos 40:2***; ***Isaías 53:1***) Por meio dele, o propósito declarado de Deus é —

[E419]

(1) O resgate da humanidade do poder da sepultura, da sentença de morte, da "maldição", da "ira" que agora recai sobre o mundo. Esse resgate foi realizado na morte de nosso Senhor Jesus Cristo: a Justiça Divina foi plenamente satisfeita, e toda a humanidade é considerada transferida para o Senhor Jesus Cristo, como sua aquisição, comprada com o precioso sangue.

(2) Ele está agora escolhendo, dentre a raça redimida, o "pequeno rebanho" de co-herdeiros, que, por causa de sua devoção abnegada a ele, serão considerados participantes de seus sofrimentos e sacrifício, e receberão também uma parte de suas glórias celestiais e da futura obra de abençoar o mundo — o fruto de seu sacrifício.

(3) A obra de restauração será realizada por este grande redentor e por seu co-herdeiro, sua Noiva, a Igreja, durante "os tempos da restauração de todas as coisas que Deus anunciou pela boca de todos os seus santos profetas desde o início do mundo". (***Atos 3:19-21***) E quando os ímpios obstinados, que rejeitam a graça e a misericórdia divinas, nos termos da Nova Aliança, tiverem sido destruídos por este grande mediador, Cristo, e o restante da raça redimida for entregue ao Pai Celestial, perfeito e completo, plenamente restaurado à sua própria semelhança, e com maior conhecimento Dele, da justiça e do pecado — adquirido por meio das experiências do atual reinado do pecado, bem como sob o reinado da justiça durante os tempos de restauração — então a grande obra da expiação estará completa. Todos os que enxergam essa questão com clareza podem discernir prontamente a necessidade da expiação: que não pode haver bênção para a humanidade a não ser levando-a à harmonia absoluta com seu Criador; e que tal reconciliação requer, antes de tudo, a redenção do pecador — o pagamento de sua pena. Pois Deus deve ser justo ao justificar os pecadores; caso contrário, nunca os justificará. ***Rom. 3:26***

Em vista do exposto, vemos claramente que o número de pessoas que foram expiadas pelo sacrifício de nosso Senhor pelos pecados — a remoção geral da "maldição" do ponto de vista legal — não fornece nenhum critério pelo qual possamos

[E420]
possamos julgar o número daqueles que, pela obediência da fé, se libertarão efetivamente do pecado e de sua maldição e retornarão à reconciliação com o Pai, valendo-se das oportunidades abertas a todos pelo nosso querido redentor. Não há nenhuma proposição da parte de Deus, nem qualquer fundamento razoável para suposição da parte do homem, de que o favor divino e a vida eterna por meio de Cristo sejam alcançados por qualquer pessoa, exceto aqueles que alcançarem a mais plena harmonia de coração com Deus e com todas as suas leis de justiça. Regozijamo-nos, no entanto, pelo fato de que o conhecimento da graça de Deus e outras oportunidades muito melhores do que as que o mundo desfruta atualmente serão, no "tempo devido" de Deus, estendidas a todas as criaturas. ***1 Tim. 2:6***

[E421]

ESTUDO XV
"UM RESGATE PARA TODOS"
A ÚNICA BASE PARA A RECONCILIAÇÃO

A reconciliação é impossível sem um resgate — Assegurada, mas não imposta — Tornar-se o Resgatador tornou-se uma graça — O significado de "resgate" e "o redentor" — Que resgate foi pago pelo homem? — A justificação pela fé, assim assegurada — "Vocês foram comprados por um preço" — Por quem? — De quem? — Com que finalidade?—Como o amor cooperou com a justiça — O "resgate para todos" não foi retirado — Os direitos paternos do primeiro Adão adquiridos pelo segundo Adão — O resgate não é perdão — A morte do homem não é um resgate — Raciocínio falho das teorias universalistas — A justiça não é obrigada pelo resgate — O único nome — O método do mediador tipificado em Moisés — O resgate, Substituição — Seria possível um plano diferente?

"Há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, o Homem Cristo Jesus, que se entregou a si mesmo como o resgate por todos, para ser testemunhado no tempo devido." ***1 Tim. 2:5,6***

A RECONCILIAÇÃO entre Deus e o homem dependia inteiramente da apresentação de um sacrifício aceitável pelos pecados do homem. A menos que a sentença divina ou "maldição" pudesse ser retirada da humanidade, ela permaneceria como um impedimento perpétuo, impedindo a recuperação ou a restauração do homem ao favor divino, à comunhão e à vida eterna. Sob a lei divina, a única palavra de Deus ao homem seria: "Você é um pecador; por meio de sua própria transgressão deliberada no Éden, você trouxe sua desgraça sobre si mesmo: eu pronunciei a sentença de morte contra você com justiça, e não posso revogar essa sentença sem violar minha própria justiça,

[E422]
o próprio fundamento do meu trono, do meu Reino. (***Salmo 89:14***) Portanto, tua sentença deve permanecer para sempre. Ela deve ser cumprida por ti, a menos que um substituto aceitável assuma teu lugar sob ela.

Vimos claramente que a pena ou sentença contra a humanidade não era a tortura eterna, mas, como declarado de forma clara e distinta pelo Criador a Adão, era a morte. Supor que fosse qualquer outra pena que não a morte seria supor que Deus tivesse agido de forma desonesta com Adão e Eva no Éden — que Ele os tivesse desinformado e enganado. Vimos que uma sentença de morte é uma sentença justa contra o pecado — sendo a vida uma concessão condicional, o Criador tinha pleno direito de revogá-la; mas não é preciso grande capacidade intelectual para discernir que uma eternidade de tortura para o pai Adão não teria sido uma pena *justa* por ele ter comido do fruto proibido — mesmo atribuindo a esse ato de desobediência toda a culpabilidade de obstinação e inteligência que se possa imaginar; muito mais ainda, não teria sido justo permitir que tal sentença de tortura eterna recai-se sobre os incontáveis milhões da posteridade de Adão. Mas a sentença de morte, com todos os seus terríveis acompanhantes de doença, dor e sofrimento, que recaiu sobre o Pai Adão e que desceu naturalmente por meio dele para sua descendência (na medida em que uma fonte impura não pode jorrar um riacho puro), todos podem ver que é tanto razoável quanto justa — uma sentença diante da qual todas as bocas devem calar-se; todos devem admitir sua justiça — a bondade e a severidade de Deus.

Sabendo com certeza a pena pronunciada contra o pecado, podemos facilmente ver o que a Justiça deve exigir como pagamento dessa pena, antes que a "maldição" pudesse ser levantada e o culpado fosse libertado da grande prisão da morte. (***Isaías 61:1***) Assim como a sentença não veio porque toda a raça pecou, mas porque um único homem pecou, de modo que a sentença de morte recaiu diretamente apenas sobre Adão e, apenas indiretamente, por meio dele, sobre sua raça, por hereditariedade — e em total conformidade com esses fatos, a Justiça pode exigir apenas um preço correspondente — a Justiça deve, portanto, exigir a vida de outro em

[E423]
em vez da vida de Adão, antes de libertar Adão e sua raça. E se essa pena fosse paga, toda a pena estaria paga — *um* sacrifício por todos, assim como *um único* pecado envolveu a todos. Já vimos que o Adão perfeito, o transgressor, que foi condenado, não era um anjo, nem um arcanjo, nem um deus, mas um homem — em natureza um pouco inferior à dos anjos. A Justiça mais rigorosa, portanto, poderia exigir como seu substituto nem mais nem menos do que alguém da própria espécie de Adão, em condições semelhantes às dele, ou seja, perfeito e livre de condenação divina. Vimos que ninguém assim poderia ser encontrado entre os homens, pois todos eram da raça de Adão e, portanto, compartilhavam, por hereditariedade, de sua pena e degradação. Por isso surgiu a necessidade de que alguém das cortes celestiais, de natureza espiritual, assumisse a natureza humana e, então, oferecesse a si mesmo como substituto, o *resgate* por Adão e por todos os que perderam a vida por causa dele.

Entre os anjos que haviam mantido seu estado original e sua lealdade a Deus, sem dúvida poderiam ter sido encontrados muitos que de bom grado teriam assumido a tarefa de cumprir a vontade do Pai e de se tornar o preço do resgate da humanidade: mas fazê-lo significaria a maior provação, o teste mais severo a que a lealdade a Deus poderia ser submetida; e, portanto, aquele que assim manifestasse sua devoção, sua lealdade e sua fé seria digno de ocupar a posição mais elevada entre todos os filhos angélicos de Deus, muito acima dos anjos, dos principados e dos poderes, e de todo nome que se nomeia. Além disso, fazia parte do propósito divino aproveitar essa oportunidade para ilustrar o fato de que quem quer que busque exercer suas próprias ambições egoístas (como fez Satanás) será degradado e humilhado, enquanto, ao contrário, quem se humilhar mais profundamente, em obediência à vontade e ao plano do Pai Celestial, será correspondentemente exaltado. Deus organizou seu plano de modo a tornar essa característica uma necessidade; com a intenção de que, nessa manifestação de compaixão e amor divinos pelo mundo, também fosse proporcionada uma oportunidade para a manifestação do

[E424]
amor, humildade e obediência do Unigênito do Pai — seu Filho muito amado, a quem ele se deleitou em honrar. Como vimos, nosso Senhor Jesus (que, em sua condição pré-humana, reconhecemos como o arcanjo, o mensageiro supremo ou principal, o Logos, o Unigênito do Pai, cheio de graça e verdade) havia sido, até aquele momento, o agente de Jeová em toda a obra da criação e, como o primogênito, estivera com o Pai desde antes da criação de todos os demais, conhecendo-o intimamente, contemplando sua glória e sendo o canal de seu poder. E, na medida em que ele já era o primeiro, o principal no Reino celestial, logo após o Pai, o Apóstolo nos informa que essa obra de redenção, esse privilégio de executar a vontade divina em relação ao homem, lhe foi concedido como sinal de confiança especial e como um favor, em virtude das honras que, de acordo com a lei divina, devem acompanhar tão grande obediência, humildade e abnegação. (***Mt 23,12***; ***Tiago 4,10***; ***1 Pe 5,6***) Com confiança no Filho e desejando que ele alcançasse a alta exaltação que resultaria dessa fidelidade, o Pai concedeu a primeira oportunidade àquele que, em todo o passado, desfrutara de preeminência no plano divino, para que assim continuasse a ser o preeminente — "para que em todas as coisas ele tivesse a preeminência; pois agradou ao Pai que nele habitasse toda a plenitude. E, tendo feito a paz pelo sangue de sua cruz, por meio dele reconciliar todas as coisas consigo mesmo; por meio dele, digo, sejam coisas na terra ou coisas no céu [homens caídos e anjos caídos, recuperando e reconciliando tantos de cada um quantos, sob a mais plena oportunidade,
retornem ao favor divino]." ***Col. 1:18-20***

A escolha de um espírito para se tornar o Redentor do homem não implica que o sacrifício da existência do espírito fosse necessário como preço de redenção da existência de um ser terreno: muito pelo contrário. A Justiça Divina não poderia aceitar o sacrifício do espírito pelo homem, assim como não aceitaria o sacrifício de touros e bodes como preço do resgate. Assim como o sangue de touros e bodes nunca poderia tirar

[E425]
o pecado, por serem de natureza inferior, assim também a morte de anjos ou arcanjos jamais poderia ter tirado o pecado de Adão, nem se tornado uma forma adequada de expiação para ele, pois estes não eram de sua natureza. Foi a vida *do homem* que foi perdida por causa do pecado, e somente a vida *de um homem* poderia ser aceita como preço de redenção, o preço do resgate. Foi por essa razão que foi necessário que nosso Senhor abandonasse a glória de sua condição pré-humana, se humilhasse e se tornasse homem, pois somente ao se tornar homem ele poderia pagar o preço do resgate.

Embora as Escrituras indiquem que nosso Senhor se humilhou ao abandonar a natureza espiritual superior e assumir a natureza humana inferior, em nenhum lugar elas afirmam que isso tenha sido nossa oferta pelo pecado. Pelo contrário, ele se humilhou dessa forma para que pudesse se tornar a oferta pelo pecado e pagar o preço do nosso resgate. O apóstolo destaca isso claramente, dizendo: "Na verdade, ele não se apegou à natureza dos anjos [como se se referisse aos anjos que pecaram], mas se apegou à descendência de Abraão". Visto que os filhos que Deus havia previsto e se proposto a redimir, e a libertar da escravidão do pecado e da corrupção, eram participantes da carne e do sangue, "ele próprio também se tornou participante da mesma [carne e sangue, natureza humana]; para que, por meio da morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, isto é, o diabo", e os libertasse. (***Hb 2,14.16***) Ele expõe a questão de forma muito explícita, dizendo: "Assim como por um *homem* veio a morte, também por um *homem* veio a ressurreição dos mortos." (***1 Cor 15,21***) O apóstolo João presta testemunho semelhante, dizendo: "O Verbo se fez carne." (***João 1:14***) A isso concordam também as palavras de nosso Senhor Jesus, depois que Ele veio ao mundo e atingiu a maturidade; Ele disse: "Deus não enviou seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por meio dele." (***João 3:17***) Ele não dá a entender que o mundo já tivesse sido salvo, nem que algo já tivesse sido feito para a salvação do mundo, exceto o *envio* daquele que seria o redentor do mundo pelo sacrifício de si mesmo. O primeiro passo

[E426]
no cumprimento de sua missão foi, como nosso Senhor declarou — "O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir [aos outros] e *para dar a sua vida como o resgate por muitos*." (***Marcos 10:45***) Aqui temos prova cabal de que, ao renunciar à glória que possuía com o Pai antes da criação do mundo e ao trocar a natureza superior pela natureza humana, nosso Senhor não havia dado a sua vida como resgate, mas havia meramente feito a preparação para a obra que estava imediatamente diante dele. Isso é ainda mais confirmado pelo fato de que, assim que atingiu a idade adulta, sob a lei — ao completar trinta anos —, Ele imediatamente se apresentou como um sacrifício vivo, realizando a consagração de sua vida e entregando-a, conforme representado em sua imersão simbólica por João no Jordão.

Cumpriu-se, como o Apóstolo aponta, a antiga profecia: "Eis que venho (no rolo do livro está escrito a meu respeito) para fazer a tua vontade, ó Deus". Ele havia vindo para fazer a vontade de Deus, para oferecer o sacrifício pelos pecados; e, portanto, não o havia oferecido anteriormente. Naquele ato de sua consagração, ele se ofereceu como sacrifício vivo a serviço de Deus, até a morte. Observe que, neste ponto específico, o apóstolo diz que ele deixou de lado os sacrifícios típicos da Aliança da Lei para que pudesse estabelecer o segundo, o antitípico, o verdadeiro sacrifício pelos pecados: sua própria morte (e seus membros) para selar a Nova Aliança entre Deus e os homens, por meio dele mesmo, o mediador da Nova Aliança. E nosso texto nos diz a mesma coisa: que foi o *"homem* Cristo Jesus quem *se* entregou como o resgate por todos" — não o *Logos* pré-humano.

O Primeiro Passo do Plano

O apóstolo (***Hb 2,5-9***) repassa todo o plano de Deus e, ao destacar as promessas divinas de restauração humana, cita o profeta Davi (***Sl 8,4-8***), afirmando que o plano divino, em última instância, é que a humanidade se torne perfeita, como senhora da terra, governando a terra e suas criaturas, em harmonia com as leis do Criador divino, dizendo: "Ainda não vemos todas as

[E427]
coisas submetidas a ele [ao homem — conforme indicado na profecia]". Ainda não vemos o homem à imagem de Deus e senhor da Terra; mas já vemos os propósitos divinos para esse fim já iniciados. Vemos o primeiro passo nesse programa, a saber: "Vemos Jesus, feito um pouco inferior aos anjos por causa do sofrimento da morte, coroado de glória e honra [a perfeição da natureza humana], para que, pela graça de Deus, *provasse a morte por todos os homens* [e, assim, tornasse possível a restauração humana]". Vemos a obra da salvação do homem assim iniciada por Jeová, ao providenciar um preço de resgate adequado para nossa redenção, alguém igual em glória, honra e perfeição humana absoluta ao primeiro homem, Adão; alguém que, para esse fim e com esse propósito, havia deixado as glórias de uma natureza superior e se tornara inferior aos anjos, embora anteriormente possuísse uma natureza superior à deles. Vemos que esse ser foi providenciado com o propósito específico de "provar a morte por todos os homens". Vemos que ele assumiu a natureza humana *"para sofrer a* morte" — a própria pena que pesava sobre nossa raça. Vendo isso, podemos nos alegrar de que os bons propósitos de nosso Pai Celestial para o nosso resgate e a restauração, e para a plena reconciliação conosco, tenham sido amplamente providenciados, e em um plano de justiça absoluta, pelo qual Deus pode ser justo e, ainda assim, ser o justificador daqueles que crêem em Jesus. Assim, o sacrifício que nosso Senhor Jesus ofereceu pelo pecado do homem não foi um sacrifício espiritual, o que não teria sido um sacrifício adequado e aceitável, pois não teria sido "um preço correspondente" — em todos os detalhes, o preço exato do resgate por Adão.

O Significado de "Resgate" e "Redimir"

Isso nos leva a considerar a palavra *resgate*, que no Novo Testamento tem um significado muito limitado e muito definido. Ela ocorre apenas duas vezes. Uma vez na própria descrição de nosso Senhor sobre a obra que Ele estava realizando, e outra vez na descrição do apóstolo sobre essa obra concluída — nosso texto. A palavra grega usada por nosso Senhor é *lutron-anti*, que

[E428]
significa "um preço em compensação, ou um preço correspondente". Assim, nosso Senhor disse: "O Filho do Homem veio... para dar a sua vida no resgate [*lutron-anti* — um preço correspondente] por muitos". (***Marcos 10:45***) O apóstolo Paulo usa as mesmas palavras, mas as combina de maneira diferente, *anti-lutron*, significando "um preço correspondente", dizendo: "O homem, Cristo Jesus, entregou-se a si mesmo como *o resgate* [*anti-lutron* — preço correspondente] por todos, para ser testemunhado no tempo devido." ***1 Tim. 2:6***

Não há espaço para sutilezas ou controvérsias quanto ao significado desses textos. Somente ao lidar com a Palavra de Deus de forma enganosa é que alguém pode ficar cego para a força e o verdadeiro significado disso, o testemunho do Senhor sobre a obra que foi realizada pelo nosso grande mediador. E quanto mais esse pensamento de um resgate — um *"preço* correspondente" — é considerado, mais força ele parece conter e mais luz lança sobre toda a obra da expiação. A ideia, e a única ideia, contida nela é que, assim como Adão, por meio da desobediência, perdeu seu *ser*, sua *alma*, todos os seus direitos à vida e à terra, assim também Cristo Jesus, nosso Senhor, por meio de sua morte, como *preço correspondente*, pagou uma compensação plena e exata pela alma ou pelo ser do pai Adão e, consequentemente, por toda a sua posteridade — cada alma humana — que compartilha de sua queda e de sua perda. ***Rom. 5:12***

Esse mesmo conceito é amplamente expresso em muitas outras passagens das Escrituras, que se referem à obra de nosso Senhor como sendo de redenção, aquisição, etc. Demos atenção especial à palavra "resgate", *anti-lutron*, pois ela apresenta o conceito na forma mais pura e inequívoca. As palavras "redimir", "redimido", "o redentor" e "redenção", embora contenham a ideia de um preço sendo pago, também contêm a ideia adicional de libertar aqueles por quem o preço foi pago. Por isso, essas palavras, tanto em inglês quanto no original, são às vezes usadas em conexão com o sacrifício, ou com o pagamento do preço do resgate, e outras vezes usadas com referência à libertação dos redimidos, à sua libertação. E os muitos inimigos da doutrina do *resgate*, dos quais o

[E429]
principal é Satanás, às vezes, com grande astúcia, tentam desviar a atenção do preço pago pela libertação do homem da maldição da morte, apontando aqueles textos das Escrituras nos quais as palavras "redimir" e "redenção" são aplicadas meramente no sentido da libertação completa da humanidade da morte. Ao chamar a atenção para a libertação e "manipular a Palavra de Deus enganosamente", eles tentam obscurecer o fato de que a libertação futura e todas as bênçãos que, agora ou no futuro, chegarão à humanidade pela graça divina, provêm do Filho e são por meio do *sacrifício* de resgate que ele mesmo ofereceu em nosso favor, e que foi "consumado" no Calvário. ***João 19:30***

Os tradutores da nossa Bíblia em inglês, a Versão Comum, sem querer, ajudaram esses oponentes do resgate ao usar a palavra "redimir" para traduzir palavras gregas que têm significados consideravelmente diferentes. Para que o leitor em inglês tenha essa questão claramente em mente, citaremos aqui todas as diversas palavras gregas traduzidas como "redimir", "redimido" e "redenção", e, a seguir a cada uma, apresentaremos a definição fornecida pelo erudito lexicógrafo, Prof. Young, em sua *Concordância Analítica*, da seguinte forma:

A palavra "redimir" é, por vezes, usada como tradução da palavra grega *agorazo*. Essa palavra é definida pelo Prof. Young como significando "adquirir no fórum". De forma ainda mais literal, significaria comprar no mercado aberto; pois a raiz da palavra, *agora*, significa *praça do mercado* e é usada repetidamente ao longo das Escrituras: ***Mt 20,3***; ***Marcos 12,38***; ***Lucas 7,32***; ***Atos 16,19***. A seguir estão todos os casos em que a palavra *agorazo* é traduzida como "redimido" no Novo Testamento:

"Tu foste morto e, com o teu sangue, nos *redimiste* para Deus." ***Apocalipse 5:9***

"E ninguém podia aprender aquele cântico, a não ser os cento e quarenta e quatro mil que foram *redimidos* da terra." ***Apocalipse 14:3***

[E430]

"Estes foram *redimidos* dentre os homens, sendo a primícia para Deus e para o Cordeiro." ***Apocalipse 14:4***

A ideia em cada um desses casos é a de uma compra pública; e todos os outros usos da palavra *"agorazo*", ao longo do Novo Testamento, reforçam enfaticamente um significado eminentemente comercial. A palavra ocorre no Novo Testamento trinta e uma vezes. Nos três exemplos acima, ela é traduzida como *"redimido*"; em treze casos, *como "comprado*"; e em quinze casos, *como "comprar*". Chamamos atenção especial para o significado dessa palavra, pois a tendência de negar que houve uma compra de nossa raça efetuada por meio de um *preço* pago pela libertação do homem da "maldição" é predominante e crescente — o que subverte profundamente a verdadeira "fé, uma vez por todas entregue aos santos".

Outra palavra traduzida como "redimir", "redimido" e "redenção" está relacionada à anterior e é formada a partir dela pela adição do prefixo *ex*, que significa *"fora de" — exagorazo*. O Prof. Young dá a essa palavra a definição de "adquirir fora do fórum". De forma ainda mais literal, *significa comprar publicamente e tomar posse*. Os únicos usos dessa palavra no Novo Testamento são os seguintes:

"Cristo nos *redimiu* da maldição da Lei, tendo-se tornado maldição por nós." (***Gálatas 3:13***) O apóstolo está aqui indicando que os cristãos que haviam sido judeus e, portanto, estavam sob a aliança judaica ou da Lei, não apenas foram redimidos de sua sentença, mas também foram libertados de seu domínio. A palavra *agorazo* significa a compra, e o prefixo *ex* significa a libertação por meio dessa compra, de modo que eles não estavam mais sob o domínio da Lei.

"Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, sob a Lei, para *redimir* os que estavam sob a aliança [Lei], a fim de que recebêssemos a adoção de filhos." (***Gálatas 4:4,5***) Esta é uma afirmação semelhante à anterior e significa a compra do povo judeu do domínio da Lei e a libertação dos crentes dela, para que se tornassem filhos de Deus. Compare com ***João 1:12***.

[E431]

"Vede que andeis com prudência, não como insensatos, mas como sábios, *aproveitando bem* o tempo, pois os dias são maus." (***Ef 5:15,16***; ***Cl 4:5***) Trata-se de um uso semelhante da palavra *exago-razo*: o povo do Senhor percebe que está no meio do mal, cuja tendência é absorver sua energia, influência e tempo em coisas pecaminosas ou tolas, ou pelo menos inúteis, quando comparadas aos interesses mais importantes que estão mais próximos de seus corações, como filhos de Deus. Devemos, portanto, *conquistar* e *garantir*, em meio a estes tempos maus e afastados dessas influências desfavoráveis, a maior proporção de tempo possível para nos dedicarmos a interesses mais elevados — nosso próprio sustento e fortalecimento espiritual, e para ajudar os outros nas coisas espirituais. Tal conquista nos custará um pouco de abnegação, de satisfação de nossos próprios apetites e tendências naturais, e também um pouco da boa opinião e da comunhão dos outros, que "acharão estranho" que não nos deixemos levar com eles aos mesmos excessos de antes. ***1 Pedro 4:4***

Outra palavra grega também é traduzida como "redimido" — a saber, *lutroo*. O Prof. Young define *lutroo* como significando "libertar mediante um preço" — ou seja, *libertar mediante o pagamento de um preço*. A base ou raiz dessa palavra é *lutron*, que, conforme observado acima com *anti*, usada tanto como prefixo quanto como sufixo, significa um *preço correspondente*.

Essa palavra, *lutroo*, aparece três vezes no Novo Testamento, da seguinte forma:

"Nós esperávamos que fosse ele quem *redimisse* Israel." (***Lucas 24:21***) Os apóstolos ficaram desapontados com a morte de nosso Senhor e expressaram esse desapontamento dizendo que esperavam que o Senhor libertasse Israel do jugo romano mediante o pagamento de um preço. Eles ainda não haviam sido dotados do espírito santo e não compreendiam a extensão e a largura, a altura e a profundidade do plano divino, pelo qual não apenas Israel, mas o mundo inteiro foi *redimido*, não apenas do jugo romano, mas do jugo de Satanás e da grande

[E432]
prisão da morte, por meio do preço do resgate que nosso Senhor pagou e que foi consumado na morte.

"Nosso Salvador, Jesus Cristo, que se entregou a si mesmo para nos *redimir* de toda a iniquidade." (***Tito 2:14***) O preço que nosso Senhor pagou em favor da humanidade não se destina apenas a garantir-lhes um despertar do túmulo, no tempo determinado por Deus, durante o milênio, e uma oportunidade de então entrar em harmonia com Deus nos termos da Nova Aliança; mas, mais do que isso, significa para aqueles que ouvem as boas novas agora uma mensagem de alívio imediato da escravidão da iniquidade — para que não sejamos mais servos do pecado, mas nos tornemos servos daquele que morreu por nós, que nos comprou com seu próprio sangue precioso.

"Vós sabeis que fostes *redimidos*, não com coisas corruptíveis, como prata e ouro, da vossa vida vã, recebida por tradição de vossos pais; mas com o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem mácula e sem mancha." (***1 Pe. 1:18,19***) O pensamento neste texto é o mesmo do anterior. Ele se refere não tanto à nossa libertação definitiva da morte, na ressurreição, quanto à nossa *libertação* atual de uma conduta maligna, de uma vida vã, de conversas tolas e da iniquidade em geral. Essa liberdade foi *comprada* para nós pelo sangue de Cristo, assim como a liberdade mais grandiosa da ressurreição, que ainda está por vir. Sem o pagamento do preço do resgate, sem a satisfação da Justiça, Deus não poderia nos aceitar como filhos, não poderia, portanto, tratar-nos como filhos, não poderia selar-nos como seus filhos com o espírito de adoção em sua família; e, por isso, esses diversos meios de sua graça — que agora estão abertos aos crentes e que são para nós *o poder de Deus* para a salvação, quebrando em nossos corações o poder do pecado e estabelecendo, em seu lugar, a mente ou o espírito do Senhor como o poder dominante — não teriam chegado até nós.

Outra palavra grega, traduzida como "redenção", é *lutrosis*. O Prof. Young dá como definição "uma libertação" — literalmente, *libertar*, libertação. Essa palavra não contém a ideia de um preço sendo pago e, portanto, não deveria ter

[E433]
ter sido traduzida pela nossa palavra em inglês, "redemption", mas sim pela palavra "deliverance". Ela ocorre duas vezes:

"Ela, chegando naquele instante, deu graças igualmente ao Senhor e falou dele [o menino Jesus] a todos os que esperavam *a redenção* [*liberação*] em Jerusalém." (***Lucas 2:38***) Ana falou àqueles que esperavam a libertação em Jerusalém — esperando a liberdade do jugo romano, mas não necessariamente compreendendo que a libertação maior viria mediante o pagamento de um preço de resgate.

"Tendo Cristo vindo como sumo sacerdote... não pelo sangue de bodes e bezerros, mas pelo seu próprio sangue, entrou uma vez para sempre no lugar santo; tendo obtido para nós *a redenção* [*liberação*] eterna." (***Hb 9:11,12***) O apóstolo não está se referindo à *forma como* nosso Senhor obteve a redenção eterna da libertação e, portanto, não faz aqui nenhuma menção ao preço pago: ele se refere meramente à libertação presente e futura do povo de Deus, e não ao método pelo qual essa libertação foi assegurada, antes da entrada de nosso Senhor no lugar santo — o sacrifício de si mesmo como preço do resgate pelo homem.

Outra palavra grega, traduzida como "redimido" no Novo Testamento, é *poieolutrosin*. O Prof. Young define seu significado como "*fazer uma* libertação", ou seja, *pôr em liberdade*, libertar. Ela ocorre apenas uma vez.

"Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, pois visitou e *redimiu* o seu povo [literalmente, operou a redenção para o seu povo]." (***Lucas 1:68***) O versículo anterior mostra que essa expressão era uma profecia: coisas ainda não concluídas são aqui mencionadas como se já tivessem sido realizadas: o primeiro passo para a libertação de Israel havia sido dado, e falava-se disso com alegria, como se todo o assunto já estivesse consumado. Essa palavra não contém a ideia de *como* a libertação será garantida: outras passagens das Escrituras nos mostram que ela é garantida pelo pagamento de um preço correspondente, o resgate, e que virá por meio do estabelecimento do Reino de Deus. Essa palavra não deveria ter

[E434]
ter sido traduzida como "redimido", mas sim *como "libertado*", para evitar confusão de pensamento por parte do leitor em inglês.

Outra palavra grega, traduzida incorretamente como "redenção", é *apolutrosis*. Ela não contém nenhuma ideia relativa a um preço de compra, mas significa simplesmente *libertação*, libertar. O Prof. Young define seu significado como *"uma libertação*". A palavra ocorre dez vezes e é traduzida corretamente como "libertação" apenas uma vez. Observe o seguinte:

(1) "Então, olhem para cima e levantem a cabeça, pois *a* vossa *redenção* [*libertação*] está próxima." (***Lucas 21:28***) Não há aqui nenhuma referência ao resgate ou às condições prévias à libertação da Igreja, mas apenas à própria libertação.

(2) "Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, por meio da *redenção* [*liberação*] que há em Cristo Jesus." (***Rom. 3:24***) O apóstolo, nessas palavras, não se refere ao resgate, mas simplesmente à libertação que o povo do Senhor possui pela fé agora e, no futuro, efetivamente na Primeira Ressurreição. Ele está tratando do assunto do ponto de vista de Deus: os consagrados são justificados incondicionalmente, independentemente de quaisquer obras de mérito de sua parte. Isso é realizado por meio da *libertação* que Deus providenciou em Cristo Jesus, nosso Senhor. No versículo seguinte, o apóstolo prossegue mostrando como essa libertação foi efetuada, dizendo: "A quem Deus apresentou como propiciação [literalmente, um propiciatório ou canal de misericórdia] *por meio da fé no seu sangue* [o sacrifício, o preço do resgate dado pelos pecados do mundo inteiro]".

(3) "Até nós mesmos [a Igreja fiel] gememos interiormente, aguardando a adoção, a saber, a *redenção* [*libertação*] do nosso corpo [a Igreja, o corpo de Cristo, que será glorificado com a cabeça no tempo devido]". (***Rom. 8:23***) Nada nesta declaração faz a menor referência à redenção realizada no Calvário, o preço de resgate: refere-se pura e exclusivamente à *libertação* da Igreja, que será parte do resultado da redenção consumada no Calvário — o resgate.

[E435]

(4) "Cristo Jesus, que por Deus nos foi feito sabedoria, justiça, santificação e *redenção* [*liberação*]." (***1 Cor. 1:30***) Nada aqui faz qualquer referência ao preço da redenção pago no Calvário. O apóstolo está falando, não do que nosso Senhor fez por nós, mas do que ele ainda está para fazer por nós. Ele é nossa sabedoria, na medida em que devemos deixar de lado nossa própria vontade e aceitar a vontade dele, e assim ter o espírito de uma mente sã e "andar em sabedoria". Ele é nossa justiça, na medida em que, como nosso representante, entregou-se a si mesmo *como resgate por todos* e agora, em sua justiça, representa todos aqueles que vêm ao Pai por meio dele. Ele é a nossa santificação, na medida em que, por meio de seus méritos, somos aceitos pelo Pai como sacrifícios vivos (considerados perfeitos), embora, na verdade, seja o poder de Cristo em nós que nos capacita a nos apresentarmos como sacrifícios vivos, a seguir seus passos e a cumprir nossa aliança. Ele é a nossa libertação (traduzida erroneamente como "redenção"), na medida em que o fato de Ele viver — aquele que, pela graça de Deus, nos comprou com seu precioso sangue — é a garantia de que também viveremos; de que Ele, no tempo devido, libertará da escravidão da corrupção e da morte a sua Igreja, que Ele comprou com seu próprio sangue. É à libertação, e não à compra, que se refere aqui. Mas é por ter comprado que ele tem o direito de ser, para qualquer um, sabedoria, a justificação, a santificação e a libertação.

(5) "Ele nos tornou aceitos no Amado, em quem temos *a redenção* [*libertação*] pelo seu sangue, o perdão dos pecados, segundo as riquezas da sua graça." (***Ef 1:7***) O apóstolo não se refere aqui à redenção-compra no Calvário. Pelo contrário, ele está falando de nossa aceitação junto ao Pai e declara que essa aceitação junto a Jeová se baseia em algo que ele fez por nós no Amado, nosso Senhor Jesus, e por meio do sangue do qual (o sacrifício, o resgate) temos *a libertação*. A construção da frase mostra que o apóstolo quer dizer que nossa *libertação* é da condenação do pecado e da morte, pois ele explica essa *libertação* como sendo "o perdão dos pecados". O sentido da passagem, então, é este: O Pai Celestial,

[E436]
que já havia predestinado em sua mente a adoção de um "pequeno rebanho" para que fossem filhos no plano da natureza divina e co-herdeiros com seu Filho primogênito e muito amado, nosso Senhor, tomou as medidas de graça necessárias para a realização desse seu propósito para conosco. Ele nos tornou aceitos no Amado; pois no Amado, por meio de seu sangue, por meio de seu sacrifício, temos a libertação da maldição e da ira divinas — o perdão de nossos pecados, dos quais somos libertos ou justificados.

(6) "A garantia da nossa herança para a *redenção* [*libertação*] da posse adquirida." (***Ef 1:14***) A posse que Cristo *adquiriu* pelo sacrifício pelos pecados como substituto do homem inclui a humanidade em geral, ou seja, todos aqueles que aceitarem o favor nas condições do evangelho, bem como a Igreja, a Noiva. O tempo da libertação é no Reino milenar, e a Igreja será libertada primeiro — "de manhã cedo". Mas a terra fazia parte do estado original do homem e foi resgatada pelo mesmo sacrifício de uma vez por todas: por isso, ela também será libertada de sua parte da maldição e se tornará como o jardim do Senhor — o Paraíso. A *aquisição* está consumada, mas a *libertação* aguarda o "tempo determinado" de Deus.

(7) "Nele temos *a redenção* [*libertação*] pelo seu sangue, a saber, o perdão dos pecados." (***Col. 1:14***) Essa afirmação é semelhante à anterior. Nós, a Igreja, já temos *a libertação*, ou seja, o perdão dos nossos pecados e, portanto, a harmonia com o Pai. A palavra "redenção" aqui não se refere ao sacrifício pelos pecados, mas meramente ao seu efeito sobre nós, *libertando-nos* de nossos pecados. O apóstolo, no entanto, não ignora o sacrifício, mas declara que nossa libertação da escravidão e do domínio do pecado se dá por meio da eficácia do sangue de nosso Senhor — sua morte, seu sacrifício pelos pecados, o resgate pago.

(8) "Não entristeçais o espírito santo de Deus, pelo qual fostes selados para o dia da *redenção* [*libertação*]." (***Ef 4,30***) Não há aqui nenhuma referência ao sacrifício de redenção

[E437]
concluído no Calvário. No entanto, somente depois que esse sacrifício foi consumado, e seus méritos apresentados no Santo dos Santos e aceitos pelo Pai, é que o espírito santo desceu sobre alguns para selá-los como filhos de Deus. Mas agora, aqueles que foram selados devem manter esse selo de filiação, essa geração da natureza divina, para não perdê-lo. O selamento do espírito é a primícia do espírito e é tudo o que é comunicado durante esta vida presente; pois, para a medida plena da bênção da natureza divina, devemos esperar até o tempo determinado pelo Pai, "o dia da *libertação*", o Dia milenar, no qual as Escrituras declaram, a respeito da Igreja, a Noiva de Cristo: "Deus a ajudará logo pela manhã". (***Sal. 46:5***) Quem perder o espírito santo e seu selo não terá parte nem sorte na primeira ressurreição, na manhã do "dia da [completa] libertação" do poder do pecado e da morte.

(9) "Por essa razão, ele é o mediador da Nova Aliança, para que, por meio da morte para a *redenção* [*libertação*] das transgressões cometidas sob a primeira [anterior] aliança, aqueles que são chamados possam receber a promessa da herança eterna." (***Hb 9,15***) Mais uma vez, uma tradução incorreta obscurece parcialmente o significado; mas, quando se percebe que o conceito é *o de libertação*, tudo fica claro. Para Israel, a morte de nosso Senhor significou mais do que para os gentios. Significou não apenas a redenção da transgressão adâmica e de sua pena, a morte, mas significou adicionalmente, para os judeus, *a libertação* da "maldição" ou pena da aliança da Lei, que recaía sobre aquela nação por causa do descumprimento de seus termos. Os israelitas estavam sob a "maldição" que recaiu sobre Adão, assim como o restante da humanidade; mas, além disso, estavam sob a "maldição" de sua Aliança da Lei, instituída por meio de Moisés, o mediador, no Sinai. É a essa dupla "maldição" sobre aquele povo que se faz referência no hino que diz:

> "Amaldiçoados pela Lei e feridos pela queda,
> Cristo nos redimiu, de uma vez por todas."

[E438]

(10) "Outros foram torturados, não aceitando *a libertação*." (***Hb 11,35***) Este é o único caso em que os tradutores traduziram corretamente essa palavra: provavelmente tentaram traduzi-la como "redenção", mas perceberam que soaria um tanto estranho dizer "não aceitando a redenção" e, então, traduziram-na corretamente — "libertação".

No Antigo Testamento, as palavras "redimir", "redimido", "o redentor" e "redenção" são, em geral, boas traduções das palavras hebraicas originais; por exemplo: *Gaal* significa libertar — por meio de vingança ou retribuição. *Young*

"Sei que meu *redentor* vive." ***Jó 19:25***

"Eles se lembraram... do Deus Altíssimo, seu *redentor*." ***Salmo 78:35***

"O redentor *resgata* a tua vida da destruição." ***Salmos 103:4***

"Um de seus irmãos poderá *ser* o redentor; seja seu tio ou o filho de seu tio poderão *ser* os *redentores*... ou, se tiver condições, ele mesmo poderá *ser o redentor*." ***Levítico 25:48,49***

"Vocês se venderam por nada e serão *resgatados* sem dinheiro." (***Isaías 52:3***) Compare com ***1 Pedro 1:18***.

"O *redentor* virá a Sião." ***Isaías 59:20***

Nosso objetivo ao citar os casos em que *a palavra "redenção"* aparece em nosso Novo Testamento em inglês, sem que a palavra grega original contenha a ideia de um *preço de resgate*, é proteger o leitor contra os métodos enganosos de certos escritores e professores sofistas. Ao negarem o *resgate*, ao negarem que o mundo foi *comprado* pela morte de nosso Senhor, esses escritores tendem a citar passagens em que a palavra *"redimir"* é usada indevidamente no sentido de *"libertar*" e, então, inferem que *"libertar"* é o único significado de *"redimir*" em todos os casos. Diante do descuido de nossos tradutores, o único método seguro e adequado a ser seguido em um caso como este — em que muito depende do significado exato de uma palavra — é recorrer à palavra original e ao seu significado.

[E439]

Demonstramos que, em muitos casos, o espírito santo expressou, por meio dos escritores do Novo Testamento, a ideia da *aquisição* de nossa raça e do *preço correspondente* pago, nos termos mais enfáticos, interpretáveis apenas nos moldes de *uma transação comercial* ou da *substituição* do preço de compra pela coisa comprada. Mostramos também que, em outros casos em que a palavra usada significa meramente *"libertação",* nada entra em conflito com a ideia de que tal libertação será garantida como resultado do *resgate* [*anti-lutron*, preço correspondente], mas que, geralmente, o contexto se refere explicitamente à libertação como sendo assim garantida.

Mas, embora as Escrituras sejam assim explícitas em sua garantia de que nosso Redentor *redimiu* o mundo com sua própria vida, "seu próprio sangue precioso", isso se dá apenas para dar ao povo de Deus "plena certeza da fé", fazendo-lhes saber que a remissão da pena de morte não é uma violação da justiça de Deus, mas sim sua satisfação por meio de seu amor. Isso também nos assegura da *imutabilidade* da lei divina, que não poderia ser quebrada, mas, em vez disso, proporcionou a redenção a um custo tão alto. Essa garantia de que o amor e a justiça de Deus funcionam em plena harmonia nos dá confiança de que os mesmos princípios continuarão a governar o universo para sempre — nos convence de que a "ira", a "maldição", será removida de todos os que entrarem em harmonia com Deus por meio de Jesus, o mediador, e que todos os que não se valerem dessa graça serão engolidos pela Segunda Morte — pois "a ira de Deus permanece sobre eles". ***Atos 3:23***; ***João 3:36***; ***Apocalipse 22:3***

Mas, no que diz respeito aos redimidos, não importa como o amor e a justiça de Deus resolveram a questão do nosso perdão, pois, para eles, trata-se de um dom gratuito, a ser recebido apenas ao aceitá-lo como tal. Não podemos comprá-lo, nem podemos compensar a Deus por essa "dádiva". Surge então a pergunta: se é uma "dádiva" para nós, por que nos daríamos ao trabalho de investigar, ou por que o Senhor se preocuparia em revelar o fato de que essa dádiva nos foi garantida a um *custo*, a um *preço*, pela morte de Cristo? E por que as Escrituras nos indicam tão especificamente que a morte dele foi o preço *exato*, *o*

[E440]
preço devido por nossos pecados? Respondemos que Deus nos explica assim os detalhes de suas ações em nosso favor, com o intuito de que possamos compreendê-lo melhor, bem como suas leis, e a coordenação e o funcionamento delas. Ele explica isso para que compreendamos que não está revogando nem deixando de lado sua própria sentença contra o pecado — que não está declarando o pecado admissível, permissível ou desculpável. Ele deseja que percebamos que sua justiça é absoluta e que não pode haver conflito pelo qual seu amor possa dominar, superar ou derrubar a sentença da justiça; que a única maneira de sua justa sentença contra o pecado e os pecadores ser anulada era atendendo aos requisitos da justiça com um *preço correspondente* — "o resgate". O homem havia pecado, o homem havia sido condenado à morte, o homem havia entrado na morte. Não poderia haver, portanto, esperança para o homem, a não ser que o amor e a misericórdia providenciassem um substituto para o pai Adão. E um substituto, como vimos, deve ser da mesma natureza que Adão, a natureza humana; o substituto deve estar igualmente livre do pecado, livre da maldição, livre da ira; igualmente santo, igualmente inocente, igualmente separado do pecado e dos pecadores, igualmente aprovado por Deus, como era Adão antes de sua transgressão.

Vimos que nosso Senhor Jesus se fez carne — (não carne pecaminosa), mas santa, inocente, separada dos pecadores.* Vimos que o homem Cristo Jesus era, portanto, *um homem perfeito*, a contraparte do primeiro homem, Adão, e assim vemos que ele estava totalmente preparado para ser nosso Redentor, nosso resgate, para dar sua vida e todos os direitos humanos em troca da aquisição, da redenção, de Adão e da raça de Adão, que perderam a vida e todos os direitos humanos nele. Vimos que nosso Senhor, "o homem Cristo Jesus", foi consagrado, sacrificado e entregado em favor do homem *tudo o que possuía*. Isso ele expôs claramente em seus ensinamentos sobre esse assunto. Ele se apresentou como o homem que encontrou um tesouro escondido num campo e que foi, *vendeu tudo o que tinha* e comprou aquele campo. (***Mateus 13:44***)

---

*Página 103.

[E441]
O campo representa o mundo da humanidade, bem como a própria Terra. (***Efésios 1:14***) Neste mundo da humanidade, nosso Senhor viu um tesouro — profeticamente, Ele viu o resultado da obra redentora, a libertação de muitos da escravidão da corrupção para a plena liberdade dos filhos de Deus (a Igreja nesta era e os dignos do mundo na era vindoura). Foi tendo em vista esse tesouro que o campo foi comprado. Falando do resultado do resgate e da obra de redenção, tal como será finalmente consumada ao final da Era Milenar, o Profeta, referindo-se ao nosso Senhor, diz: "Ele verá o fruto do sofrimento de sua alma e ficará satisfeito." (***Isaías 53:11***) Nosso Senhor ficou plenamente satisfeito ao dar a sua vida e tudo o que então possuía para resgatar o mundo.

Que resgate foi pago pelo homem?

O que nosso Senhor fez por nós, que preço Ele pagou em nosso nome, o que Ele entregou ou sacrificou na morte — visto que foi um *preço correspondente*, "o resgate para todos" — deve corresponder exatamente à pena que cabia ao homem. Nosso Senhor não foi para o tormento eterno; portanto, temos este testemunho incontestável de que o tormento eterno não é o salário do pecado prescrito pelo grande Juiz, mas meramente uma ilusão, imposta à humanidade pelo grande adversário e por aqueles que ele iludiu. Tão certo quanto o fato de que o que nosso Senhor sofreu no lugar e em nome do homem, como seu substituto, foi a pena completa que os homens, de outra forma, teriam sido obrigados a sofrer, tão certo é que isso constitui prova positiva de que nenhum castigo como o tormento eterno jamais foi ameaçado, infligido ou pretendido. Aqueles que conhecem o testemunho da Palavra de Deus reconhecem que ela afirma que "Cristo *morreu* por nossos pecados"; que ele *"morreu*, sendo justo pelos injustos, para nos levar a Deus"; que "ele é a propiciação* [*hilasmos* — satisfação]

---

*Duas palavras gregas são traduzidas como "propiciação". *Hilasmos* é corretamente

[E442]
pelos nossos pecados [os pecados da Igreja], e não somente pelos nossos, mas também pelos pecados do mundo inteiro"; que "o Senhor fez recair sobre ele a iniquidade de todos nós, e pelas suas chagas [as coisas que ele sofreu em nosso lugar — abnegação até *a morte*] fomos curados". Que harmonia e consistência se vê nessa visão bíblica das coisas; e quão totalmente inconsistentes são as ilusões antibíblicas de Satanás, que nos foram transmitidas pela tradição e amplamente aceitas! ***1 Cor. 15:3***; ***1 Ped. 3:18***; ***1º João 2:2***; ***Is. 53:5,6***

"O salário do pecado é *a* morte", "A alma que pecar, essa morrerá", dizem as Escrituras. (***Rm 6:23***; ***Ez 18:4***) E, em seguida, elas nos mostram como esse salário foi totalmente pago por nós, na declaração: "Cristo *morreu* pelos nossos pecados, conforme as Escrituras", e ressuscitou para a nossa justificação. (***1 Cor. 15:3***; ***Rom. 4:25***) Sua *morte* foi o *preço* do resgate, mas o fato de Ele ter providenciado esse preço não conferiu a justificação. Primeiro, nosso Senhor precisava apresentar esse preço do resgate perante o Pai em nosso favor; e isso Ele fez quando "subiu às alturas", para ali comparecer na presença de Deus por nós. Naquele momento e naquele lugar, Ele imputou à Igreja o mérito de Seu sacrifício redentor. Então vem *a justificação* como resultado, (1) do sacrifício de resgate e (2) de sua aplicação a todos os homens que crerem e lhe obedecerem. Assim, a ressurreição e a ascensão de nosso querido redentor foram complementos necessários para tornar disponível seu sacrifício de morte.

"Sem derramamento de sangue não há remissão de pecados." (***Hb 9,22***) Ao longo da dispensação da Lei, Deus enfatizou essa característica de seu plano ao exigir

---

traduzido como "propiciação" em dois textos (***1º João 2:2; 4:10***), mas *hilasterion* é traduzido incorretamente como "propiciação" em ***Romanos 3:25***: significa *propiciatório*, ou seja, lugar de satisfação ou propiciação. O "Propiciatório" ou cobertura da arca da aliança ou da arca do testemunho era o *local* onde se realizava a satisfação — o *propiciatório ou hilasterion*; mas o sacerdote, ao aspergir o sangue da expiação, o sangue da oferta pelo pecado, sobre o *hilasterion*, realizava *o hilasmos*, ou seja, ele fazia satisfação ou propiciação pelos pecados do povo.

[E443]
o sangue de touros e de bodes; não que estes pudessem jamais tirar os pecados, mas para que, no tempo devido, fossem reconhecidos como tipos ou ilustrações de sacrifícios melhores, por meio dos quais os pecados são apagados e cancelados. A expressão "derramamento de sangue" significa simplesmente a morte, a vida derramada, mas aponta para uma morte sacrificial, e não para o que às vezes é chamado de morte natural — embora, estritamente falando, nenhuma morte seja natural. De acordo com a natureza, o homem deveria viver: a morte é a violação da lei do ser humano, resultante da transgressão e da "maldição" ou sentença que a acompanha.

No que diz respeito à Justiça, os judeus poderiam ter dado morte a nosso Senhor de qualquer outra forma, e os requisitos da Justiça teriam sido igualmente bem atendidos. O necessário era a entrega de sua alma (ser) inocente como compensação ou em troca de uma alma (ser) culpada, cuja existência foi perdida por causa da transgressão. Tampouco era necessário, no que diz respeito ao aspecto do resgate, que a pessoa de nosso Senhor fosse ferida e que seu sangue fosse literalmente derramado ou espalhado no chão. A pena pelo pecado era *a morte*, a cessação do ser, e, quando isso se cumpriu, a pena foi cumprida. A exigência da crucificação e do lado perfurado se devia a outras considerações.

O sangue que caía sobre a terra, aos pés do altar do sacrifício, representava que não apenas a humanidade havia sido resgatada, mas que a própria terra estava incluída, e o sangue foi aspergido sobre ela. A vergonha e a ignomínia da crucificação pública, como um malfeitor, eram necessárias, porque nosso Pai Celestial havia decidido que o teste da obediência de nosso Senhor Jesus deveria ser levado ao extremo; não apenas foi testado para ver se estaria disposto a *tornar-se homem*, mas também se estaria disposto a *morrer como preço de resgate* ou substituto *do homem* e, além disso, se estaria ou não disposto a sofrer o extremo da ignomínia e, assim, provar até o último grau sua dignidade para a maior exaltação nas mãos de seu Pai.

[E444]

O apóstolo apresenta a questão sob essa perspectiva; pois, depois de nos contar como ele deixou a glória celestial por nossa causa e se tornou homem, ele acrescenta: "E, sendo encontrado em forma de homem, humilhou-se a si mesmo e tornou-se obediente até a morte
—*até a morte* na cruz. Por isso, Deus o exaltou soberanamente e lhe deu um nome [título, honra, dignidade] que está acima de todo nome" — com exceção do nome ou título do Pai. (***Fp 2:8,9***) Compare ***com 1 Co 15:27***.

Toda referência das Escrituras à *justificação pela fé* — de que somos justificados pelo sangue de Cristo, etc. — é um testemunho que corrobora o exposto acima — de que "Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo, não lhes imputando as suas transgressões", mas imputando-as àquele "que morreu por nós e ressuscitou". (***2 Cor. 5:19,21***; ***1 Tess. 4:14; 5:10***) A culpa do pecador foi suportada pelo Redentor, que pagou o preço total correspondente por nossos pecados, para que todos os que buscam a justiça possam ser aceitos como justos, por meio dos méritos de seu sacrifício. (***Rom. 5:17-19***) O fato de precisarmos ser *justificados*, ou seja, tornados justos, prova que estávamos errados, sem justiça e injustos aos olhos de Deus. O fato de que os homens não podiam justificar-se a si mesmos pelas obras foi demonstrado por Israel sob sua Aliança da Lei, e prova que esse erro ou pecado estava na própria natureza dos homens; e isso tornou necessário que fôssemos redimidos e justificados por meio do mérito e do sacrifício de outro — um redentor imaculado.

Justificado significa ser *tornado justo*; mas não somos, *de fato*, tornados justos ou perfeitos: somos meramente *considerados* justos ou perfeitos por causa de nossa fé e aceitação da justiça de Cristo e de seu sacrifício em nosso favor. Em toda a Escritura, esse poder de *justificação* por parte de nosso redentor é atribuído ao seu sacrifício em nosso favor. Para ver que nossas próprias obras não poderiam nos justificar, nem nos tornar aceitáveis diante de Deus, veja ***Gálatas 2:16***; ***Romanos 3:27,28***. Que a Lei não poderia justificar aqueles que estavam sob ela, veja ***Gálatas 5:4***; ***Romanos 3:20***. Que a fé na obra consumada de Cristo, demonstrada pela consagração total a Deus, justifica, veja ***Gálatas 3:14***; ***Romanos 4:24,25***.

[E445]

Várias passagens bíblicas falam, de forma mais ou menos distinta, de sermos lavados, purificados ou limpos do pecado. Todas essas passagens apoiam a doutrina do resgate, pois é claramente afirmado, no mesmo contexto, que o poder purificador é "o sangue de Cristo" — o mérito do sacrifício de nosso Senhor. Veja ***1º João 1:7***; ***Apocalipse 1:5***; ***1 Coríntios 6:11***; ***2***
Pedro 2:22; ***Tito 3:5***; ***Hebreus 9:14***; ***1 Pedro 1:19***.

A justificação é simbolicamente representada como uma veste de justiça, de linho puro, limpa e branca, com a qual o Senhor cobre as manchas e imperfeições de todos aqueles que Ele aceita por meio da fé em seu precioso sangue. Todos os esforços em direção à justiça por nossa própria parte, à parte do mérito de Cristo, são igualmente representados simbolicamente como "trapos imundos" de nossa própria justiça. (***Isaías 64:6***) É verdade que certas passagens bíblicas se referem aos nossos esforços em busca da justiça, por meio da obediência aos mandamentos divinos, como uma obra de purificação, que progride ao longo de toda a nossa caminhada cristã, conforme expressa o apóstolo: "Tendo nossos corpos lavados com água pura" e a purificação da Igreja pela "lavagem com água pela Palavra"; e essas são representações muito adequadas da purificação de nossos corações, do "afastamento da imundície da carne"; e essas passagens bíblicas são corretamente entendidas como se referindo a uma obra diária e ao longo da vida. Mas todas essas purificações de pensamentos, palavras e atos — todos esses esforços para levar nossos corpos mortais a uma conformidade mais íntima com a vontade de Deus em Cristo — baseiam-se em nossa aceitação prévia de Cristo e em nossa justificação pela fé em seu sangue. O pensamento bíblico é que, a partir do momento em que nos consagramos a Deus, todas as nossas imperfeições são encobertas aos olhos do Senhor por meio do mérito do sacrifício do resgate, providenciado pela graça de Jeová e alcançado e apropriado pela fé. Visto que somente o que é *perfeito* poderia ser aceitável a Deus, e visto que nós, com todos os nossos esforços e purificações, ainda seríamos imperfeitos, é evidente que nossa aceitação pelo Pai está sob a cobertura do manto da justiça de Cristo, cuja perfeição nos é atribuída, aplicada ou imputada. Assim, somos primeiro "aceitos no

[E446]
Amado" (***Ef 1,6***); e, em seguida, manifestamos diariamente nossa devoção à justiça e nosso desejo de agradar ao Senhor por meio de esforços em direção à santidade.

Com que frequência as Escrituras se referem ao nosso Senhor como nossa oferta pelo pecado, "o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo"! (***João 1:29***) Todos os sacrifícios da Lei, todo o sangue derramado nos altares judaicos, apontavam para este grande sacrifício pelo pecado, oferecido em nosso favor; pois, como nos assegura o apóstolo, o sangue de touros e de bodes jamais poderia tirar o pecado — somente o sacrifício antitípico poderia fazer isso, "o precioso sangue". Sobre esse assunto do sacrifício pelos pecados, conforme apresentado no Novo Testamento, veja ***Hb 9,12; 10,10***; ***Ef 5,2***; ***1 Co 5,7***; ***1 Pe 2,22-24***; ***2 Co 5,21*** — *Diaglott*.

Que esse sacrifício foi por nós, a Igreja, e por toda a humanidade, também está muito claramente exposto nas Escrituras: "Ele, pela graça de Deus, provou a morte por todos os homens", o justo pelos injustos, para nos levar a Deus — para abrir para nós e para toda a humanidade um caminho de retorno ou reconciliação à harmonia com o Pai Celestial e, assim, indiretamente, abrir para nós o caminho de volta à vida eterna, o favor, a bênção ou o dom do Pai para todos aqueles que são verdadeiramente seus filhos. Sobre esse ponto, veja o seguinte: ***1 Tess. 5:10***; ***Rom. 5:8***; ***1 Cor. 15:3***; ***2 Cor. 5:14,15***; ***João 10:15; 11:50-52***; ***1 Ped. 2:24; 3:18***.

O fato de que foi a morte do homem Cristo Jesus, seu "sangue", que garantiu nossa libertação do pecado e da morte, é afirmado de forma inequívoca em muitas passagens das Escrituras e só pode ser rejeitado negando-se a inspiração das Escrituras, ou "distorcendo as Escrituras", ou "manipulando a Palavra de Deus de forma enganosa". Veja ***1 Pedro 1:2***; ***Atos 4:12; 20:28***; ***Apocalipse 5:9; 1:5***; ***Rm 5:9***; ***Hb 13:12***.

"Vocês foram comprados por um preço." Por quem? De quem? Por que? E com que propósito?

"Vocês foram *comprados* por um preço; não sejam servos dos homens." ***1 Coríntios 7:23***

[E447]

"Tu nos redimiste [*compraste*] para Deus com o teu sangue." ***Apocalipse 5:9***

"Haverá entre vós falsos mestres, que introduzirão secretamente heresias condenáveis, chegando até a negar o Senhor que os *resgatou*." ***2 Pedro 2:1***

Os testemunhos das Escrituras, no sentido de que o homem foi "comprado", são muito inequívocos; e, como já demonstramos, a palavra grega da qual são traduzidos é *agorazo*, que significa uma *compra pública*. Surgem naturalmente as seguintes perguntas: (1) Por quem o homem foi comprado? (2) De quem o homem foi comprado? (3) Por que o homem foi comprado? Consideraremos essas perguntas em sua ordem.

(1) As escrituras já citadas afirmam de forma clara e inequívoca não apenas que a humanidade foi comprada, mas que o próprio Senhor Jesus Cristo foi o comprador; além disso, essas e outras escrituras nos asseguram de maneira muito distinta que o preço de compra foi o precioso sangue de Cristo — o sacrifício de sua própria vida, a morte do homem Cristo Jesus, que se entregou como o resgate [*anti-lutron* — um preço correspondente] por todos. Considerando essa questão já indiscutivelmente comprovada, passamos à seguinte.

(2) De quem o homem foi resgatado? Os oponentes da verdade perguntam com sarcasmo se o Senhor nos resgatou ou não do diabo; e afirmam que não havia mais ninguém a quem o preço pudesse ser pago: pois, de acordo com o falso raciocínio daqueles que negam o *resgate*, Deus não seria parte de tal transação. A alegação deles é que Deus sempre ansiou pela comunhão com o homem e, desde o início, fez tudo ao seu alcance para promover a reconciliação e a recuperação do homem do pecado e da morte. Por isso, argumentam que Deus não exigiria o resgate antes de permitir a libertação do homem. Respondemos que tais pontos de vista são totalmente contrários ao ensinamento bíblico, o qual, embora afirme que Deus é amor e que tem compaixão pelo pecador, declara também que Deus é justo e que o homem, tendo sido justamente condenado,

[E448]
não pode ser justamente libertado dessa sentença de nenhuma outra maneira a não ser pelo pagamento de um preço de resgate por ele.

Embora as Escrituras declarem que Satanás é identificado com a imposição da pena, a morte, dizendo: "Visto que os filhos são participantes da carne e do sangue [natureza humana], ele também participou das mesmas coisas, para que, por meio da morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, isto é, o diabo", e em outros trechos se referem a Satanás como o "príncipe deste mundo", no entanto, em nenhum lugar indicam que ele tenha o direito de governar com autoridade no mundo. (***Hb 2:14***; ***João 14:30***) Pelo contrário, as Escrituras declaram que Satanás é o usurpador, que, aproveitando-se da condição decaída do homem, cegou sua mente em relação a Deus e, ao enganá-lo, o escravizou por meio da ignorância, da superstição e de suas próprias fraquezas. A identidade de Satanás com o pecado constitui seu poder de morte. Se não fosse pelo pecado, Satanás não teria tido domínio sobre a humanidade. Foi por causa do pecado deliberado que o homem foi afastado do favor divino; mas foi posteriormente, quando ele não desejou manter Deus em seus pensamentos, que Deus o entregou a uma mente depravada, etc. (***Romanos 1:28***). A maior autoridade, portanto, que Satanás poderia reivindicar em relação à raça humana seria o poder de um usurpador e a fraqueza de seus escravos.

Além disso, uma vez que a sentença divina foi proferida: "Certamente morrerás", Satanás e qualquer outra força do mal têm *permissão* para cooperar na execução desse decreto divino. Assim, Deus às vezes faz com que a ira do homem, e às vezes a ira de seres espirituais malignos, realize seus planos maravilhosos e, sem intenção, o louve. (***Sal. 76:10***) Mas Deus nunca reconheceu Satanás como o dono da raça humana. A raça humana foi criação de Deus e devia tudo a Ele; porém, por não tê-Lo reconhecido e não ter prestado obediência, ficou sujeita à sentença, à maldição da lei divina, como indigna da vida, e assim permanece.

Foi a Justiça divina que feriu nossos primeiros pais com a maldição da morte, e é sob a sentença da Justiça divina que a raça humana ainda permanece morta. Nem pode haver esperança

[E449]
de vida para ninguém, a não ser por meio da redenção que está em Cristo Jesus. Visto que a Justiça Divina foi o Juiz cuja sentença privou o homem da vida, portanto, à Justiça Divina o preço do resgate deve necessariamente ser pago, a fim de garantir a libertação do culpado Adão e de sua raça condenada nele.

O poder de Satanás, embora exercido por ele de boa vontade, não poderia ser exercido se não fosse permitido pelo grande Juiz supremo, Jeová, e Jeová não teria permitido que a grande calamidade da *morte* fosse infligida à humanidade por intermédio de Satanás ou de qualquer outra forma, a não ser como uma pena justa pelo pecado — a pena pela violação da lei de Jeová. O poder de Sa-tan, assim como o de um carrasco, é um "poder de morte" delegado. O carrasco é meramente o servo da lei, encarregado de executar suas penas; e Satanás, como servo da lei estabelecida pelo Juiz supremo de toda a criação, é permitido e utilizado por um tempo como executor da sentença proferida: "O salário do pecado é a morte", "morrerás, pois".

Se fosse necessário pagar o resgate ou a multa de um prisioneiro, isso não seria oferecido ao carcereiro ou ao carrasco, mas ao Tribunal cuja sentença o exigia. Da mesma forma, o resgate pelo pecado não poderia ser pago a Satanás (embora, em certa medida, ele atue como carrasco da pena), mas deve ser pago ao poder que condenou o pecado, que decretou a pena e ordenou a execução do culpado.

Assim, a razão nos diria que o *preço* do resgate pelo pecado do homem deveria ser pago a "Deus, o Juiz de todos". Agora, perguntemos: o que dizem as Escrituras a respeito do sacrifício de Cristo, da oferta que ele fez? Elas dizem que foi feita a Satanás ou a Jeová Deus? Respondemos que, em todos os tipos da dispensação judaica — que prenunciavam esse sacrifício superior, que de fato tira o pecado do mundo —, as ofertas eram apresentadas a Deus pelas mãos do sacerdote, que simbolizava nosso Senhor Jesus. Veja ***Lev. 4:3, 4, 24, 27, 31, 34, 35; 5:11, 12; 9:2, 6, 7***; ***Êxodo 30:10***; ***2 Crônicas 29:7-11, 20-24***.

Isso responde à nossa pergunta de forma enfática, e não precisamos de

[E450]
outro testemunho sobre o assunto. Mas, se for desejado um testemunho adicional e direto, ele se encontra nas palavras do Apóstolo, a saber: "Se o sangue de touros e de bodes... santifica para a purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que, pelo espírito eterno, *se ofereceu sem mancha a Deus*... e por essa razão é o mediador da Nova Aliança." ***Hb 9:13-15,26; 7:27; 10:4-10,12,20***;
Ef 5,2; ***Tito 2,14***; ***Gl 1,4; 2,20***; ***1º João 3,16***; ***João 1:29***; ***1 Pedro 1:19***; ***1 Coríntios 10:20***; ***Romanos 12:1***

Assim, estabelecemos em nossa mente a base bíblica desta proposição: que Deus exigiu e aceitou a morte de Cristo como sacrifício de resgate pelo homem.

(3) Por que o homem foi resgatado?

Porque, em nós, como criaturas caídas e imperfeitas, as qualidades divinas de justiça, sabedoria, amor e poder são muito imperfeitas: alguns têm mais dificuldade do que outros em compreender a razoabilidade do método divino de exigir o resgate e de aceitá-lo. Aqueles que não conseguem raciocinar sobre o assunto de maneira satisfatória podem, com toda a razão — e devem —, reconhecer e aceitar o testemunho da Palavra divina, independentemente de sua capacidade de compreender plenamente o porquê e o como disso. Esse é o caminho seguro e correto. No entanto, vamos oferecer algumas sugestões que possam ajudar alguns a compreender o assunto. Como criaturas imperfeitas e caídas, em nós essas várias qualidades — sabedoria, amor, justiça e poder — estão continuamente em maior ou menor antagonismo entre si; mas não é assim com nosso Pai Celestial: nele cada uma dessas qualidades é perfeita e está em perfeita harmonia com as outras. Não há conflito. A sabedoria, em primeiro lugar, avaliou a situação e traçou o melhor plano para a salvação do homem, com o pleno consentimento da justiça, do amor e do poder divinos. Sob a direção da sabedoria, o homem foi imediatamente submetido a uma lei cuja pena era a perda de sua existência e toda a série de desgraças que acompanham a morte. A sabedoria previu a queda do homem, devido à inexperiência, mas sentiu-se justificada, tendo em vista as lições benéficas, etc., ao traçar o curso da providência divina e de seus desígnios, conforme revelado nas Escrituras.

[E451]

Assim que o homem violou a lei divina, a Justiça interveio, declarando-o um rebelde, que havia sido condenado à morte, e expulsou-o do Éden, da fonte de subsistência previamente providenciada para ele, e entregou-o a Satanás, para ser atormentado por circunstâncias adversas, com o intuito de que a pena completa da lei violada fosse infligida — "Morrerás, certamente morrerás". Enquanto esse elemento do caráter divino (a Justiça) lidava com o homem, o elemento do Amor não era indiferente, mas estava impotente, por duas razões: Primeiro, ele não podia *se opor* à Justiça, não podia impedir a execução da sentença, não podia libertar o homem do poder da Justiça, pois esta é o próprio fundamento do governo divino; em segundo lugar, o Amor não podia, naquele momento, interferir para socorrer o homem, pagando o sacrifício de resgate pelo pecado, pois isso teria sido contrário ao plano já traçado pela Sabedoria infinita. Assim, o Amor divino e o Poder divino ficaram, por enquanto, impedidos de socorrer a humanidade e foram obrigados a aceitar a Justiça de sua execução e a Sabedoria que permitiu que ela prosseguisse por seis mil anos de gemidos, tribulações e morte. Em harmonia com isso, o Amor não agiu para libertar o homem, a não ser para encorajá-lo e instruí-lo por meio de promessas e sacrifícios simbólicos, prenunciando o método pelo qual o Amor, eventualmente, no tempo devido da Sabedoria, realizaria o resgate do homem. Assim, o Amor esperou pacientemente pelo momento propício em que, sob a direção da Sabedoria, pudesse agir e, posteriormente, pudesse chamar em seu auxílio o Poder divino.

Esse momento para o Amor agir finalmente chegou, no que as Escrituras chamam de "a plenitude dos tempos" (***Gálatas 4:4***), "no tempo determinado" (***Romanos 5:6***), quando Deus enviou seu Filho como "o homem Cristo Jesus", para que "ele, pela graça [favor, generosidade, misericórdia] de Deus, provasse a morte por todos os homens". (***1 Tim. 2:5***; ***Hb 2:9***) Somente então o Amor divino se manifestou à humanidade, embora já existisse desde sempre; como lemos: "*Nisto se* MANIFESTOU *o Amor de Deus*", "na medida em que, enquanto ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós". ***1º João 4:9***; ***Rom. 5:8***

[E452]

Ao agir em harmonia com a lei de Deus e ao cumprir os requisitos dessa lei, o Amor divino não entrou em conflito com a Justiça divina. O método do Amor não foi uma tentativa de anular ou se opor à sentença, nem de interferir em sua plena execução, mas de providenciar um substituto, o resgate, para o homem. Ao arcar, em nome do homem, com a pena de morte imposta pela Justiça, o Amor trouxe a libertação à humanidade da maldição adâmica (a morte) que a Justiça divina havia infligido. Esse foi o triunfo do Amor divino, não menos do que o triunfo da Justiça divina. O Amor triunfou ao oferecer à Justiça — o elemento do caráter de Deus que faz cumprir seus decretos justos e suas penalidades — o sacrifício de resgate, Jesus.

O triunfo do Amor também ainda não está completo. Ele realizou o resgate, mas seu desígnio é realizar mais, a saber, efetuar a *restauração* para toda a humanidade, disposta, após a experiência, a retornar à lealdade a Deus e à sua lei justa. Mas, assim como o Amor esperou mais de quatro mil anos, sob a direção da Sabedoria divina, antes de apresentar o sacrifício de resgate, assim também deverá esperar por quase mais dois mil anos, após o pagamento do preço do resgate, antes que a grande obra da restauração sequer comece. (***Atos 3:19-21***) Mas a Sabedoria permite que, nesse ínterim, o Amor funcione sobre uma classe especial, o "pequeno rebanho", os escolhidos da era evangélica — para separar, dentre os redimidos, "um povo para o seu nome" — a Noiva de Cristo e o co-herdeiro, a Igreja.

A necessidade da redenção da raça humana por Cristo residia, portanto, no fato de que o Pai Adão havia *vendido* a si mesmo e à sua raça ao pecado (e ao seu salário ou pena, a morte), pelo preço da desobediência. (***Rom. 7:14; 5:12***) Era preciso resgatá-la da escravidão do pecado; e o pagamento do preço do resgate era necessário antes que alguém pudesse ser libertado da sentença ou recomeçar para provar-se digno da vida eterna.

Mas agora vamos adotar uma visão ainda mais ampla dessa aquisição e observar que nosso Senhor Jesus tornou-se, não apenas teoricamente, mas de fato, o proprietário, o controlador e o pai da raça humana, por

[E453]
ter pago o preço do resgate: nessa *aquisição*, ele tomou o lugar do pai Adão, que havia *vendido* a raça humana. Assim como a raça foi *vendida* por Adão por meio do pecado, em busca de satisfação pessoal e em desobediência a Deus, assim também foi *comprada* pelo homem Cristo Jesus, por meio do sacrifício de si mesmo em obediência à vontade do Pai — um preço ou resgate correspondente por Adão. As Escrituras apresentam esse pensamento, dizendo: "Cristo morreu, ressuscitou e reviveu — *para que fosse Senhor* tanto dos mortos quanto dos vivos." (***Rom. 14:9***) Foi em virtude da morte de nosso Senhor que ele se tornou o mestre, governante e pai da raça humana, e obteve poder para lidar com a raça como se fossem seus próprios filhos, libertos da maldição da sentença divina por meio de seu próprio sacrifício.

É nesse sentido da palavra que nosso Senhor se tornou o segundo Adão — porque assumiu a posição do primeiro Adão, como cabeça da raça humana, ao comprá-la e redimi-la com sua própria vida. Mas, como foi o *homem* Cristo Jesus quem se entregou como preço de resgate, não poderia ser o homem Cristo Jesus quem seria o pai da raça humana. O *homem* Cristo Jesus entregou tudo o que possuía para a redenção do *homem* Adão e de sua raça, um preço totalmente correspondente, um homem por um homem. A raça de Adão, não tendo nascido na época de sua transgressão, não foi condenada diretamente, mas indiretamente, e, consequentemente, não precisava ser resgatada diretamente, mas indiretamente. Uma semente ainda por nascer nos lombos do homem Cristo Jesus tornou-se a compensação ou o preço correspondente pela semente de Adão, ainda por nascer na época de sua transgressão.

O Preço Não Retirado

Como já vimos, as Escrituras ensinam claramente que nosso Senhor foi morto na *carne*, mas foi vivificado *no espírito*; ele foi morto *como homem*, mas ressuscitou dentre os mortos *como um ser espiritual* da mais alta ordem da natureza divina: tendo concluído a obra para a qual se tornara homem e tendo prestado o serviço de maneira aceitável ao Pai,

[E454]
ele foi ressuscitado dos mortos para uma honra e dignidade extraordinárias, muito acima dos anjos, dos principados e das potestades, e de todo nome que se nomeia.

Nosso Senhor também não poderia ter ressuscitado dos mortos *como homem* e, ainda assim, ter deixado com a Justiça *o* nosso *preço de resgate*: para que Adão (e sua raça condenada) fosse libertado da sentença e da prisão da morte, era necessário, não apenas que o *homem* Cristo Jesus morresse, mas era igualmente necessário que o *homem* Cristo Jesus nunca mais voltasse a viver, que permanecesse morto, que permanecesse como nosso preço de resgate por toda a eternidade.

Se nosso Senhor Jesus tivesse ressuscitado como homem, isso teria implicado dois males: (1) Teria implicado a retirada de nosso resgate, o que nos teria deixado tão sujeitos à sentença de morte quanto antes. (2) Teria implicado para ele uma perda eterna da natureza superior que ele havia deixado para se tornar um homem e ser nosso Redentor; e, assim, teria implicado que a fidelidade a Deus da parte dele tivesse resultado em sua degradação eterna a uma natureza inferior. Mas tais absurdos e inconsistências não estão presentes no arranjo divino. Nosso Senhor se humilhou e tornou-se homem; e, como homem, entregou sua vida como *o resgate* pelo homem caído; e, como recompensa por essa fidelidade, o Pai Celestial não apenas o restaurou à existência consciente, mas concedeu-lhe uma natureza não apenas superior à humana, mas também superior à sua própria natureza anterior, tornando-o participante da natureza divina, com suas qualidades e honras superlativas. Em sua condição exaltada atual, a morte seria *impossível* — ele agora é imortal.

Visto que o homem Jesus foi o preço do resgate, dado para a redenção de Adão e de sua raça, não poderia ser que o homem Jesus fosse o Segundo Adão, o *novo* pai da raça em lugar de Adão; pois o *homem* Jesus está morto, morto para sempre, e não poderia ser pai nem doador de vida para o mundo.

Aquele que agora detém, por aquisição, o título de pai da família humana, é o Jesus ressuscitado e glorificado, participante da

[E455]
da natureza divina — este é o Segundo Adão. Como já vimos*, nosso Senhor Jesus na carne não era o Segundo Adão; ele não era pai de uma raça, mas simplesmente veio para resgatar Adão e sua raça e, assim, tornar-se o pai; e foi necessário *tudo o que ele possuía* para efetuar o resgate, e nada restou. Este é o pensamento bíblico, conforme apresentado pelo apóstolo: "O primeiro homem é da terra, terreno; o segundo homem [o Segundo Adão] é o Senhor do céu [em sua segunda presença, durante o milênio]... Assim como temos levado a imagem do terreno [Adão], nós [a Igreja, co-herdeiros com Cristo e participantes das promessas grandiosas e preciosas da natureza divina — ***Rm 8:17***; ***2 Pe. 1:4***] também levaremos a imagem do celestial [—o Segundo Adão]." "E assim está escrito: o primeiro homem, Adão, tornou-se a alma vivente; o último [segundo] Adão tornou-se o *espírito vivificante*; contudo, o que veio primeiro não foi o espiritual, mas o animal, e depois o espiritual." ***1 Cor. 15:45-48***

Aprofundando nossa questão sobre por que a raça humana foi resgatada, temos o testemunho do apóstolo de que, por meio desse resgate, nosso Senhor Jesus tornou-se (ou seja, adquiriu o direito de se tornar) o mediador da Nova Aliança. (***Hb 8:6; 9:14-16***) A Nova Aliança é um arranjo que Deus providencia, pelo qual e por meio do qual Ele pode ter misericórdia da raça humana caída. A Nova Aliança não poderia entrar em vigor sem um mediador. O mediador deve garantir a Deus certas coisas em nome da humanidade. Em primeiro lugar, ele deve redimir o homem, pagando o preço total do resgate, e esse sacrifício, que nosso Senhor Jesus fez, é, portanto, denominado "o sangue da aliança", pelo qual a aliança se torna efetiva e operativa. Tendo resgatado a humanidade da condenação que recaía sobre ela por causa do pecado, a fim de selar a Nova Aliança e torná-la operativa, o mediador está plenamente preparado e autorizado a fazer pela raça resgatada tudo o que puder fazer

---

*Página 137.

[E456]
a fim de levá-los de volta à plena perfeição humana e à harmonia absoluta com Deus — para que então Ele possa apresentá-los irrepreensíveis e sem culpa diante do Pai, em amor, sem mais necessidade da intervenção de uma aliança especial de reconciliação, nem de uma mediação. Mas essa obra, longe de já ter sido realizada, está apenas começando; por isso, o mundo ainda não foi aceito pelo Pai, e será necessária toda a obra de restauração da Era Milenar para capacitar e preparar os dispostos e obedientes para a plena harmonia da reconciliação completa com o Pai.

Enquanto isso, durante a era evangélica, um pequeno punhado da raça redimida é chamado, e aqueles que ouvem o chamado divino e se aproximam do Pai por meio da fé no mediador e em sua obra são *considerados* aceitos como perfeitos, a fim de permitir que se apresentem, com seu redentor, como sacrifícios vivos a serviço do Pai e de seu plano, e assim desenvolver neles a semelhança do amado Filho de Deus
—com o propósito de que, se de boa vontade e com alegria sofrerem com ele, também possam ser glorificados com ele no futuro, e tornados associados e co-herdeiros com ele na obra milenar de abençoar o mundo nos termos da Nova Aliança. Esses, convém lembrar, são exceções em relação ao restante da humanidade: esses, os "escolhidos" da era evangélica, são considerados os "irmãos" de Cristo, a "Noiva" de Cristo, a "Igreja que é *o* seu Corpo", mas nunca são chamados de "filhos" de Cristo. Estes são aceitos pelo Pai Celestial como filhos e gerados pela Palavra da verdade e pelo espírito dessa Palavra para a natureza celestial. Estes, como vimos, podem reconhecer Jeová como seu Pai, pois foram gerados diretamente por ele; e, assim, são "irmãos" de Cristo Jesus. ***1 Pedro 1:3***

Para o mundo em geral, no entanto, o plano divino é um pouco diferente: em vez de justificá-los pela fé e, em seguida, fazê-los nascer para a natureza divina, etc., eles aguardam até a Era Milenar e, então, em vez de serem gerados por Jeová para uma nova natureza, recuperam sua antiga natureza, a natureza humana, livre de suas imperfeições e corrupção causadas pelo pecado. A esperança do mundo é *a restauração*

[E457]
ao "que se perdeu" no Éden. (***Mateus 18:11***; ***Atos 3:19-21***) A provisão de Deus para o mundo é exatamente o que vimos no resgate: o homem Cristo Jesus renunciou à sua perfeição humana e a todos os direitos e privilégios que isso implicava, a fim de redimir para a humanidade "aquilo que se perdeu" — a perfeição humana perdida no Éden, o domínio humano e todos os direitos e privilégios do homem, incluindo seu privilégio de comunhão com Deus e a vida eterna. Essas coisas que foram adquiridas para a humanidade são as que, no tempo devido, serão oferecidas a toda a humanidade sob a Nova Aliança.

O fato de que a era evangélica tenha sido utilizada pelo Senhor na seleção do "corpo de Cristo" significa, para o mundo, que, em vez de nosso Senhor Jesus, a grande Cabeça da Igreja, reservar para si mesmo exclusivamente o ofício de *pai* ou doador de vida ao mundo, ele associou a si um "pequeno rebanho", que tem sua própria semelhança, que participou dos sofrimentos do tempo presente e que será partícipe da glória vindoura, constituindo com ele o grande Profeta, o grande Sacerdote, o grande Rei, o grande Doador de Vida ou Pai para o mundo da humanidade — para dar vida a quem quer que a receba, nos termos da Nova Aliança. É em harmonia com esse pensamento que as Escrituras declaram que um dos títulos de nosso Senhor é "o Pai Eterno". Ele ainda não cumpriu esse ofício em nenhum sentido ou grau. Mas aquele que resgatou o mundo ao custo de sua própria vida tem em seu próprio poder, por disposição divina, o pleno direito, título e autoridade para comunicar a todos quantos a receberem, em seus termos, tudo o que foi *perdido* e tudo o que foi resgatado em termos de vida, direitos humanos e perfeições, com um aumento de conhecimento.

Além disso, por ser o pai legítimo da raça humana e por lhes ter dado uma vida que Lhe custou a Sua própria, constatamos que as Escrituras sugerem que a raça humana está totalmente nas mãos do Senhor Jesus, para que Ele lide com ela de forma absoluta; e para julgar sua dignidade ou indignidade para a vida eterna. Isso, que Ele fará pelo mundo como seu Pai, durante a próxima era, nosso Senhor Jesus já faz por

[E458]
sua Igreja, sua esposa, sua Noiva, durante esta era; e aqui se ilustra a proposição apostólica de que, assim como o Pai Celestial é a cabeça de Cristo, assim também Cristo é a cabeça da Igreja; como marido, ele é a cabeça da esposa e da família. Assim, lemos: "O Pai não julga a ninguém, mas confiou todo o julgamento ao Filho." (***João 5:22***) A Noiva prometida de Cristo não tem posição diante do Pai, a não ser em e por meio de seu amado Noivo. Seus pedidos são feitos em seu nome, por meio de seus méritos, e devem continuar a ser feitos assim, até que venha o que é perfeito, quando ela será recebida na glória — a plena liberdade dos filhos de Deus, por meio da primeira ressurreição.

Da mesma forma, o mundo da humanidade, os filhos de Cristo, devem todos prestar contas a ele, como sua Cabeça, seu Pai; nem terão qualquer relação com o Pai celestial, nem serão reconhecidos por ele de forma alguma, até que, após a Era milenar, tenham sido restaurados e trazidos de volta à perfeição aqueles que se valerem desses privilégios. Mas, no fim da Era Milenar, quando nosso Senhor Jesus entregar o Reino a Deus, o próprio Pai, então também eles serão apresentados e passarão a estar sob o controle direto do grande e glorioso Pai de todos, Jeová Todo-Poderoso. ***1 Cor. 15:24***

Desse ponto de vista, pode-se compreender por que nosso Senhor Jesus é chamado de Pai da raça redimida e restaurada, mas não foi reconhecido anteriormente como o Pai de Adão ou de seus filhos, embora fosse o criador direto de Adão — conforme está escrito: "Sem ele nada do que foi feito foi feito". A diferença reside no fato de que, na criação original, o *Logos* era o agente de Jeová e realizou uma obra sem qualquer custo para si mesmo; enquanto que, como o Segundo Adão, ele estará concedendo aos homens direitos à vida às suas próprias custas, comprados com seu próprio sangue precioso.

O resgate, não o perdão

A incapacidade de discernir a distinção entre o resgate e o perdão levou a uma considerável confusão de pensamento sobre

[E459]
assunto. Cristãos de inteligência comum citam textos relativos ao fato de termos sido resgatados do túmulo, redimidos da morte, comprados por um preço — o precioso sangue de Cristo, etc. — e, na mesma frase, falam do perdão gracioso do Pai por todas as ofensas. Aparentemente, poucos pensam, embora muitos devem saber, que perdão e resgate expressam conceitos exatamente opostos.

As seguintes definições básicas são do *Dicionário Padrão*:

Redeimir — Adquirir a posse mediante o pagamento do preço.

O resgate — O valor ou contraprestação paga pela libertação de uma pessoa mantida em cativeiro, como prisioneira ou escrava.

Agora, compare com isso o significado de: *Perdão* — Remitir a pena de; deixar passar. *Webster* — "Abster-se de exigir a pena. No Direito
— Libertar de uma punição que foi imposta por sentença."

Observe aqui também a definição de outra palavra que, embora intimamente relacionada ao *perdão,* não é exatamente a mesma, a saber:

Perdoar — Isentar de punição — deixar de nutrir ressentimento em relação a alguém.

"A lei não conhece perdão."

A mente mais comum deve perceber que o conceito expresso por "redentor" e "resgate" é oposto e irreconciliável com o conceito expresso pela palavra *perdão*. Mas, como todas essas palavras são usadas nas Escrituras em referência ao modo como Deus lida com o homem caído, muitos estudiosos da Bíblia consideram que elas são empregadas de forma descuidada e como sinônimos na Sagrada Escritura: e, então, concluem que podem escolher livremente e atribuir a definição de "perdão" às palavras "resgate" e "redimir" ou, *vice-versa*, as definições de "resgate" e "redimir" às palavras "perdão" e "perdoar". Esse procedimento está longe de "dividir corretamente a palavra

[E460]
da verdade"; trata-se de confundir duas questões separadas e distintas, e o resultado é a confusão. Para muitos, a dificuldade parece residir no fato de que não querem e, portanto, não buscam a verdade sobre o assunto — temendo que suas teorias *que negam o resgate* sejam, assim, condenadas.

Nada pode ser mais claro do que o fato de que Deus não *perdoou* a transgressão de Adão nem remitiu sua pena: os fatos ao nosso redor, na criação que geme e morre, assim como o testemunho da Palavra de Deus a respeito da "ira de Deus revelada" — a "maldição" da morte como salário do pecado original —, tudo isso testemunha em voz alta que Deus não perdoou o mundo — não remitiu a pena pelo pecado sob a qual ele vem sofrendo há mais de seis mil anos. Aquele que confunde a *justificação* dos pecadores por meio do mérito do *sacrifício* expiatório de Cristo — o substituto ou o resgate do pecador — com *o perdão* sem pagamento, não exerceu adequadamente seu discernimento. Se Deus *tivesse perdoado* Adão, Ele o teria restaurado aos privilégios do Éden e de seu pomar sustentador de vida, e ele ainda estaria vivo, e sua numerosa família não teria morrido por causa da "desobediência de um único homem".

Se, em algum momento, Deus viesse em socorro do homem e o *perdoasse*, isso implicaria em sua libertação total de toda a praga, doença, dor e morte: significaria a restituição completa de tudo o que foi perdido. Evidentemente, então, Deus não perdoou o pecado original, mas ainda mantém o ressentimento de sua santa lei e a sentença contra o pecador. Não há sequer nenhuma evidência externa para o mundo de que eles tenham sido redimidos, resgatados. Apenas os crentes sabem disso e o aceitam, não pela visão, mas pela fé na Palavra do Senhor; já citamos suas muitas declarações nesse sentido. As evidências visíveis que comprovam o *resgate* serão perceptíveis durante o milênio, quando a obra de restauração estiver em andamento — quando o redentor começar a exercer seus direitos adquiridos como Restaurador.

As palavras *"perdoar"* e *"indultar"* são usadas não em relação ao mundo e ao seu *pecado original*, mas em relação àqueles que

[E461]
por meio da fé no redentor e em sua obra, são considerados como tendo passado da morte para a vida — da condenação para a justificação. O grande mediador, que *os redimiu* e que pagou pelas acusações que pesavam contra eles, perdoa-os generosamente e lhes dá um novo começo na prova da vida — sob o espírito da Lei divina e não sob sua letra. E, além desse perdão pelo passado, Ele continua a perdoá-los e a perdoar todas as suas ofensas (que não serão intencionais enquanto tiverem o Seu novo espírito ou mente — ***1º João 3:9; 5:18***) — considerando todas essas falhas não intencionais de pensamentos, palavras e ações como parte do pecado original e de sua depravação, que ainda atuam em sua carne por meio da hereditariedade. Da mesma forma, diz-se que o Pai Celestial tem *misericórdia* de nós, *perdoa* nossas transgressões e nos concede sua *graça* (favor); mas a explicação é que toda a sua graça nos é concedida por meio do sacrifício de nosso Senhor Jesus: somos "justificados gratuitamente pela sua graça, *por meio da redenção* que há em Cristo Jesus, a quem Deus apresentou como propiciação [satisfação] pela fé no seu sangue — para manifestar a sua justiça, por causa da remissão [*perdão*] dos pecados." (***Rom. 3:24,25***) Mais uma vez, é declarado: "Temos a redenção pelo seu sangue, o perdão dos pecados, segundo as riquezas da sua graça."
Ef 1,7; ***Cl 1,14***

"Fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho", ou seja, Deus *deixou de guardar rancor por nossos pecados*, porque o preço do nosso resgate havia sido pago, conforme providenciado por ele mesmo, que tanto nos amou que deu seu Filho para nos redimir. Assim também, "Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo, *não lhes imputando* as suas transgressões" (mas ao seu Filho amado, que se entregou livremente como nosso substituto). Os pecados foram imputados à humanidade até que Jesus morresse; então Deus *perdoou*, ou seja, deixou de *nos* imputar o que havia sido pago pelo nosso redentor ou substituto. Deus não PERDOOU, ou seja, "*absteve-se de exigir a pena*", mas "colocou sobre ele [o nosso redentor] a iniquidade de todos nós". (***Is. 53:6***) "Ele levou [a pena de] nossos pecados em seu próprio corpo na cruz." (***1 Pe. 2:24***) E assim vemos como Deus nos perdoou livremente *"por causa de* Cristo" — porque ele pagou a pena que

[E462]
constituía a plena satisfação da justiça. ***1º João 1:7; 2:12***; ***Efésios 4:32***; ***Atos 4:12; 10:43; 13:38***; ***Lucas 24:47***

Que não se interprete erroneamente que Deus *obrigou* o justo a morrer pelos injustos. A justiça não poderia infligir a punição dos culpados ao inocente, a menos que o inocente *se entregasse livremente* como substituto dos culpados. Foi isso que nosso Senhor Jesus fez. As Escrituras declaram que ele entregou a própria vida por sua própria vontade; não por medo da ira divina; não porque foi compelido; mas "pela alegria que lhe estava proposta [a alegria da obediência ao Pai, a alegria de ser o redentor e de restaurar a humanidade, e de levar muitos filhos à glória], ele suportou a cruz". ***Hb 12:2***

As palavras gregas (*apoluo*, *aphiemi* e *aphesis*), traduzidas como "perdão", "perdoado" e "perdoar" no Novo Testamento, têm o mesmo significado que as palavras correspondentes em português: "Liberar da punição, deixar de nutrir ressentimento contra". Mas observemos bem que o significado não é o que alguns parecem inferir — deixar ir *sem uma contrapartida*, como a palavra inglesa *"pardon" (perdão)* implicaria. Não é que Deus deixe o pecador ir incondicionalmente, mas, conforme declarado nas Escrituras, Deus libertará os prisioneiros da cova (da morte), porque encontrou o *resgate*. (***Jó 33:24***) O homem Cristo Jesus *entregou-se a si mesmo* como o resgate (um preço correspondente) por todos. (***1 Tim. 2:6***) Portanto, todos os que estão em seus túmulos (prisioneiros na cova) ouvirão sua voz e sairão, no tempo devido — quando o redentor "assumir seu grande poder e reinar".

Embora a palavra *"perdão"* não ocorra no Novo Testamento, uma palavra grega de significado quase idêntico aparece — *karazomai*. Ela significa *"perdoar livremente*". Apresentaremos alguns exemplos do uso dessa palavra, a partir dos quais ficará claro que ela não se opõe, mas confirma a afirmação de que nosso Pai não perdoa, nem liberta *incondicionalmente* os pecadores da pena do pecado. A palavra *karazomai* ocorre no total apenas doze vezes, da seguinte forma: *"Perdoando-vos* uns aos outros... assim como Cristo vos perdoou" (***Colossenses 3:13***); "Como eles não tinham com que pagar, ele *perdoou* generosamente a ambos"; "Aquele a quem ele mais *perdoou*." ***Lucas 7:42,43***

[E463]

Aqui estão quatro casos em que se trata de *perdão* gratuito. Mas observe que não é Jeová, mas sim Cristo Jesus e os discípulos que concedem o *perdão gratuito*. Nosso Senhor Jesus estava exatamente no ato de pagar o preço do resgate de Simão, Maria e outros, e, ao perceber que a Justiça seria satisfeita por seu ato, ele, como o *comprador*, pôde perdoá-los livremente. O próprio objetivo de sua redenção dos pecadores era que ele pudesse libertá-los *livremente* da condenação do pecado. Se nosso Senhor Jesus não estivesse disposto a *perdoar* aqueles que havia resgatado com seu próprio sangue, se ainda lhes imputasse o salário do pecado de Adão, seu sacrifício teria sido *inútil* para eles; teria deixado todos como estavam —"amaldiçoados" — condenados. Por outro lado, se o Pai nos *tivesse perdoado*, a morte de Cristo teria sido inútil, sem valor, pois não teria realizado nada.

Todos admitirão que Deus é justo; e, se assim for, Ele não infligiu uma pena excessivamente severa ao homem ao privá-lo da vida. Ora, se essa punição foi justa há seis mil anos, continua sendo justa e será justa por todo o tempo que vier. Se a punição foi severa demais e Deus *perdoa* o pecador (libera-o da continuação da punição), isso prova que Deus foi injusto no início ou que o é agora. Se foi correto, há seis mil anos, privar a humanidade da vida por causa do pecado, seria sempre errado restaurar a vida, a menos que a pena pronunciada fosse justamente anulada pelo pagamento de um preço equivalente. E isso só poderia ser realizado pelo sacrifício voluntário de outro ser *da mesma espécie*, cujo direito à vida não tivesse sido perdido, oferecendo-se como substituto ou o resgate.

> "Para sempre firme permanece a justiça
> de Deus, assim como as montanhas
> mantêm seus alicerces."

Esse mesmo princípio de justiça, que está na base de todas as ações de nosso Pai, é o fundamento de nossa forte confiança em todas as suas promessas. As Escrituras declaram que ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre, que nele não há variabilidade, nem sombra de mudança. (***Tiago 1:17***) Se ele fosse tão

[E464]
mutável a ponto de condenar a humanidade à morte nos dias de Adão e, seis mil anos depois, revogar sua própria decisão, que garantia teríamos de que, em seis mil anos, mais ou menos, ele não mudaria novamente e nos remeteria de volta à prisão da morte, revogando o perdão de alguns ou de todos? Como raça de pecadores, não temos qualquer fundamento para a esperança de uma vida eterna futura, a não ser no fato de que, pela graça de Deus, Cristo morreu por nós e, assim, satisfez as exigências da Justiça contra nós.

Portanto, no que diz respeito a Jeová, somos *perdoados* por meio de sua própria provisão — por meio de Cristo. E no que diz respeito ao nosso relacionamento com o Senhor Jesus, que nos *resgatou*, ele *perdoa* livremente todos os que se aproximarem do Pai por meio dele. E, no que nos diz respeito, os resultados alcançados pelo plano de Deus são extremamente favoráveis — para nós, isso equivale a que o Pai nos tivesse *perdoado* incondicionalmente e sem o resgate, exceto que o conhecimento desse *fato* nos permite raciocinar com Deus e ver como, embora nossos pecados fossem como escarlate, somos tornados mais brancos que a neve, e como Deus é justo ao nos justificar e libertar. Assim, Deus nos proporcionou um fundamento *seguro* para a fé e a confiança.

A morte não cancela a dívida do homem?

Uma vez reconhecido que "o salário do pecado é a morte" — e não o tormento eterno —, há, entre muitos, uma tendência ao raciocínio falho sobre esse assunto, o que evidentemente é incentivado pelo grande adversário. Esse raciocínio falho prossegue dizendo: Se o salário do pecado é a morte, todo homem que morre paga a pena de seu pecado; consequentemente, argumenta-se, não haveria necessidade de um redentor e de um preço de resgate
— cada um resgatando a si mesmo, redimindo-se ao pagar sua própria pena. O argumento é que a Justiça não tem mais nenhuma reivindicação sobre o homem após a morte — tendo esgotado sua força — tendo satisfeito suas próprias reivindicações em sua destruição; por isso, alega-se que a ressurreição dos mortos seria

[E465]
o próximo passo na sequência e a coisa correta. Essa visão tornaria a exigência divina de um sacrifício de resgate pelo pecado do homem uma injustiça, um pagamento duplo da pena.

Seja esse raciocínio verdadeiro ou falso, ele está evidentemente em violento conflito com as Escrituras, que declaram, ao contrário, nossa necessidade de um Salvador, e que era essencial que ele pagasse um preço de resgate por nós, antes que pudéssemos ser libertados da pena do pecado de Adão e tivéssemos qualquer direito a uma vida futura. Já nos referimos a essas passagens bíblicas, e elas são numerosas demais para serem repetidas agora; portanto, limitar-nos-emos a expor a falácia da alegação acima, procurando mostrar que o raciocínio correto sobre os fatos está em absoluta concordância com o testemunho bíblico: que a morte de nosso Senhor Jesus, como nosso preço de resgate, foi essencial para que Deus pudesse ser justo e, ao mesmo tempo, o justificador daquele que crê em Jesus, aceitando-o como seu redentor.

Se a pena pelo pecado fosse meramente *o ato de morrer* — se o Senhor tivesse dito a Adão: "Por causa do seu pecado, você deve passar pela provação de *morrer*!", então, de fato, a pena seria cumprida por Adão e outros *morrendo*. Mas essa não é a pena: a pena é *a morte*, não *o ato de morrer*; e a morte é a ausência de vida, a destruição. Portanto, para o homem pagar sua pena, significaria que ele deveria permanecer *morto*, desprovido de vida para sempre. "A alma [o ser] que pecar, essa morrerá." Como já foi apontado, essa destruição da *alma* (do ser), de acordo com a sentença, teria sido eterna, não fosse pela redenção realizada por nosso Senhor. É em vista dessa redenção que a morte se transforma no que é figurativamente denominado um "sono" — em vista dessa redenção, haverá um despertar desse sono da morte no tempo devido, realizado pelo redentor, com o pleno consentimento da Justiça divina, cujas exigências ele cumpriu. Assim, como vimos, se não fosse pela redenção, a morte adâmica teria sido o que a Segunda Morte será, a saber, *"destruição eterna* da presença do Senhor e da glória do seu poder". Uma vez obtida a visão correta do assunto,

[E466]
não pode haver mais nenhuma dúvida na mente de qualquer pessoa sensata de que pagar a pena do pecado leva tudo o que o homem possui e não deixa nada para sofrer nem para desfrutar. Por outro lado, quanto mais investigamos a partir desse ponto de vista, mais claramente podemos ver a gravidade da dificuldade em que nossa raça se viu envolvida sob a sentença divina; e mais apreciaremos a necessidade do resgate. E ver claramente esse aspecto do assunto nos mostrará também, com clareza, que, quando nosso Senhor Jesus se tornou nosso redentor, quando se entregou como nosso preço de resgate, isso significou para ele o que a pena original teria significado para nós, a saber, que "o homem Cristo Jesus" sofreu por nós a morte, no sentido mais absoluto da palavra, "destruição eterna". Por isso, não conhecemos mais a Cristo segundo a carne. A carne, a natureza humana, foi entregue como nosso preço de resgate, e o fato de ela não ter sido retomada é nossa garantia de que todas as provisões abençoadas desse resgate estão disponíveis para toda a família humana nos termos da Nova Aliança — de que todas as perfeições e direitos que pertenciam ao nosso querido redentor como homem foram dados em *troca* dos direitos semelhantes de Adão, que haviam sido perdidos por causa da desobediência; e que estes, portanto, devem ser concedidos a todos os que os aceitarem nos termos divinos, durante os "tempos da *restauração* de todas as coisas, das quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas desde o início do mundo". ***Atos 3:19-21***

"Que deseja que todos os homens sejam salvos"

"Que deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade." ***1 Tim. 2:4***

Outro perigo de raciocínio equivocado sobre o tema do resgate atormenta o caminho de alguns. Muitos que, em certa época, acreditavam prontamente no testemunho de homens — sem evidência bíblica — de que o salário do pecado é o tormento eterno e que todos certamente sofreriam esse tormento eterno, exceto "os puros de coração", o "pequeno rebanho", os "escolhidos"

[E467]
Igreja, tendo-se libertado dessa terrível ilusão, tendem a cair no extremo oposto e a aceitar, de alguma forma, a doutrina da salvação universal e eterna.

A grande maioria dos que se apegam a esse erro "universalista" nega o resgate *por completo*; mas alguns poucos o aceitam por causa *da fé no resgate* — cuja operação, no entanto, não conseguem compreender claramente. Esse grupo tem grande tendência a se apegar à passagem bíblica citada acima e a se satisfazer com o seguinte raciocínio: Se Deus deseja que todos os homens sejam salvos, isso resolve a questão; pois está chegando o tempo em que a vontade de Deus será feita na terra como no céu. Portanto, dizem eles, percebemos que o resgate dado *por todos* pelo homem Cristo Jesus tem como objetivo garantir a vontade de Deus, assegurando a salvação de todos. Eles passam a se entrincheirar em seu erro, dizendo: "Quando analisamos a questão, visto que Deus aceitou o sacrifício de resgate de Jesus, Ele está obrigado, *por justiça*, a salvar todos os pecadores e a devolver-lhes a vida eterna perdida no Éden". Apresentamos a posição deles da forma mais enfática possível, com o intuito de que ela seja respondida de maneira satisfatória para eles e sem margem para questionamentos.

A dificuldade com esse raciocínio é que ele não é suficientemente abrangente. Ele se apega a alguns pontos das Escrituras e negligencia muitos outros que deveriam ser levados em consideração e cujo testemunho deveria ter peso na formulação de uma conclusão. Além disso, ele cita apenas parcialmente e interpreta erroneamente as passagens das Escrituras que supostamente o sustentam.

Nosso Pai Celestial declara: "Não tenho prazer na morte daquele que morre, diz o Senhor Deus; portanto, convertei-vos e vivei." (***Ez. 18:32***) Essa grande graça de oferecer a vida por meio do resgate ao mundo condenado não é algo novo da parte de nosso Pai Celestial. Ele não muda; sempre teve essa boa vontade para com suas criaturas. Ele poderia tê-las feito meras máquinas, intelectual e moralmente, sem liberdade para querer ou agir contrariamente ao seu bom prazer; mas escolheu não criar máquinas humanas

[E468]
, mas sim seres à sua própria imagem e semelhança — com liberdade de escolha, liberdade de vontade, para escolher o bem ou o mal. Ele não busca que O adorem aqueles que não poderiam fazer o contrário, nem aqueles que O adorariam sob coação, mas, como Ele declara: "Ele busca que O adorem aqueles que O adoram no espírito e em verdade" — voluntariamente, por amor e apreço aos Seus princípios de retidão e a Ele mesmo, que esses princípios representam. ***João 4:23***

No entanto, foi enquanto Deus nutria essa mesma boa vontade para com os homens que permitiu que Adão fizesse sua própria escolha entre a obediência e a desobediência; e quando ele escolheu a desobediência, esse mesmo Deus, que não tem prazer na morte daquele que morre, pronunciou a pena e, por seis mil anos, tem feito valer sua execução. E agora que Ele providenciou uma redenção em Cristo Jesus e uma oportunidade para que cada membro da família humana retorne à harmonia com Ele e obtenha, por meio de Cristo, a vida eterna, Ele, ao mesmo tempo, estabelece de forma inquestionável *as condições* necessárias para a obtenção dessa vida eterna. Os termos da Nova Aliança são um coração renovado, um espírito reto para com Deus e total obediência a Ele. E o cumprimento dos requisitos dessa Nova Aliança só é possível por meio da ajuda do mediador dessa aliança; por isso, a declaração é a seguinte: "Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele." ***João 3:36***

Isso está em perfeito acordo com a afirmação de que Deus não tem prazer na morte daquele que morre, e também está de acordo com a afirmação no Novo Testamento de que "Deus deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade". No entanto, as Escrituras apontam que aqueles que rejeitam as ofertas da misericórdia divina em Cristo estão, com isso, desprezando o favor divino e certamente morrerão a Segunda Morte, o salário ou a pena por terem escolhido o pecado em vez da justiça.

Observe ainda: este texto em análise indica

[E469]
apenas que é a vontade de Deus que toda a humanidade seja salva da ignorância, da cegueira e da degradação que se abateram sobre a raça humana como resultado do pecado de Adão. Não há aqui nenhuma referência a uma salvação *eterna*, mas apenas a uma recuperação da perda sofrida por causa de Adão; e não se deve esquecer que o Pai Adão não perdeu a vida *eterna*, pois, embora tivesse uma vida perfeita e estivesse livre de todos os elementos da morte, ele foi, no entanto, colocado no Éden *em período de prova*, para ver se, pela obediência a Deus, desenvolveria um caráter em harmonia com Deus e, assim, fosse considerado digno da vida eterna. Consequentemente, quando Adão e sua raça forem redimidos da maldição da morte, essa redenção ou salvação da sentença de morte não lhes dará direito à vida eterna, mas apenas lhes dará direito às condições favoráveis do Pai Adão e a uma nova prova quanto à dignidade para a vida eterna.

Essa nova prova garantida a Adão e a toda a sua raça será, de fato, mais favorável em alguns aspectos do que foi a prova original de Adão, devido ao grande aumento de conhecimento. O homem teve a oportunidade de aprender a extrema pecaminosidade do pecado e terá a oportunidade de aprender a bem-aventurança da justiça e da graça de Deus em Cristo. Esse conhecimento será útil a todos os que o utilizarem, durante a nova prova para a vida eterna na Era milenar — quando, por mil anos, toda a humanidade estará em julgamento ou prova para a vida eterna, perante o grande trono branco. ***Apocalipse 20:4***

É essa salvação da "maldição", essa recuperação *de* oportunidades favoráveis de conhecimento, que Deus deseja; e por causa disso Ele designou o mediador entre Deus e o homem, o homem Cristo Jesus, que se entregou como o resgate por todos, para ser testemunhado no tempo devido.

Essa afirmação, de que é a vontade de Deus que "todos os homens sejam salvos" da sentença adâmica, encontra um paralelo na declaração do mesmo apóstolo, em ***Romanos 11:26***: "E assim todo o Israel será salvo." O pensamento nessa última passagem não é que todo o Israel será *salvo eternamente*, mas meramente que todo o Israel será *salvo de sua cegueira* — no sentido de ser

[E470]
recuperados da cegueira que se abateu sobre eles como povo, em consequência de sua rejeição nacional ao Messias. Portanto, o pensamento do texto também é limitado e se aplica apenas à catástrofe adâmica: Deus deseja que todos os homens sejam salvos, não apenas da justa sentença que Ele pronunciou e que interrompeu a provação de Adão (isso Ele já realizou na morte de Seu Filho), mas Ele também deseja que todos os homens sejam recuperados da ignorância e da cegueira com as quais Satanás, desde a queda, obscureceu suas mentes: "O deus deste mundo cegou as mentes dos que não crêem, para que a luz do glorioso evangelho de Cristo, que é a imagem de Deus, não brilhe para eles." (***2 Cor. 4:4***) Deus deseja que todos sejam assim salvos de toda a série de males decorrentes do pecado e da maldição de Adão, para que possam chegar ao conhecimento da verdade. Por que Ele deseja isso? Para que, tendo um conhecimento claro da verdade, possam fazer o melhor uso possível da nova oportunidade de vida garantida a eles pelo resgate de seu redentor. É para a realização dessa vontade de Deus que o redentor inaugurará seu Reino Milenar, o qual primeiro amarrará Satanás (restringirá todas as influências malignas externas) e, em seguida, libertará o homem de sua cegueira — como está escrito: "os olhos dos cegos serão abertos". (***Isaías 35:5***) Pela mesma razão, a saber, que a nova oportunidade será extremamente favorável ao homem, é disposição divina que essa obra seja realizada gradualmente e leve mil anos.

A Justiça Não Está Obrigada pelo Resgate

A alegação de que Deus está agora obrigado, por sua própria justiça, a restaurar todo homem, é outro equívoco. Pelo contrário, constatamos que Deus não assumiu nenhuma obrigação: Ele simplesmente *entregou* a raça humana ao Senhor Jesus Cristo, que, como vimos anteriormente, "nos *comprou* com seu próprio sangue precioso". O Pai Celestial não assumiu nenhuma responsabilidade pela raça humana; Ele não está lidando com a raça humana; Ele nem mesmo propõe que

[E471]
Ele é quem os julgará, para determinar se alcançarão ou não a dignidade da vida eterna: pelo contrário, temos a certeza de que Ele confiou toda a questão ao Filho, que *resgatou* a humanidade e, portanto, é o Senhor da humanidade, seu mestre, governante, proprietário, Juiz, Profeta, Sacerdote, Rei, e que, em harmonia com o plano do Pai, está providenciando para identificar consigo a Igreja escolhida da era evangélica, para a grande obra de iluminação do mundo e da restauração dos obedientes.

O fato de o Pai Celestial ter confiado toda a raça humana ao nosso Senhor Jesus não implica qualquer falta de interesse da parte dele, mas foi assim disposto a fim de atender aos requisitos de sua lei. As leis divinas são inflexíveis e não admitem nenhum grau de imperfeição ou pecado; pois essas leis foram estabelecidas para seres perfeitos: pois nosso Pai Celestial nunca criou nada imperfeito. Tudo o que há de imperfeição e pecado decorre da depravação subsequente à sua operação criativa. Se Ele admitisse o pecado na humanidade e lidasse diretamente com o homem imperfeito, isso significaria (1) que todos seriam rapidamente condenados como imperfeitos e indignos, ou (2) que Deus ignoraria e deixaria de condenar nossas faltas e toleraria nossas imperfeições, o que constituiria uma violação das leis de seu império. Portanto, é para o benefício do homem, bem como para a preservação inviolável de Suas próprias leis, que o Pai entregou toda a raça nas mãos de Jesus, seu redentor. Jesus pode lidar com a raça de modo a ser *misericordioso* (e não apenas justo) para com os imperfeitos que buscam a perfeição, até que Ele os tenha levado, passo a passo, cada vez mais para cima, até *a perfeição* no final do milênio — quando aqueles que tiverem obedecido ao grande Profeta estarão prontos para serem transferidos de Suas mãos mediadoras para as mãos do Pai; tendo alcançado, por meio de Cristo, a perfeição aprovada pelo padrão divino; enquanto todos os demais serão exterminados na Segunda Morte. (***Atos 3:23***) É tendo em vista o fato de que, mesmo com os pecados passados apagados, nossas *imperfeições atuais* trariam uma nova sentença de morte se fossemos julgados perante o tribunal de justiça absoluta do Pai

[E472]
, o Apóstolo, advertindo-nos contra o desperdício das oportunidades que nos são concedidas em Cristo, declara: "É coisa terrível cair nas mãos do Deus vivo." (***Hb 10:31***) O arranjo divino para os pecadores não conhece misericórdia, exceto em e por meio de Cristo e de sua obra de expiação e de restauração, como o mediador: fora dessa provisão, a lei de Deus é justiça severa, sem concessões, pronta para consumir como fogo tudo o que estiver manchado.

Quem não consegue ver que, se Deus pudesse lidar com os pecadores e, perdoando seus pecados, aceitar seus melhores esforços, ainda que imperfeitos, não haveria necessidade de um redentor nem de uma Nova Aliança em seu sangue? Além disso, cada um dos anjos santos poderia, se assim o desejassem, argumentar de forma coerente: "Deus perdoou um pecado na família humana; Ele não seria menos misericordioso conosco; portanto, se desejarmos fazê-lo, teremos a liberdade de cometer um pecado e poderemos confiar no perdão da misericórdia divina, e que Deus não nos rejeitará de sua comunhão". E assim, por toda a eternidade, poderia haver o perigo do pecado por parte daqueles que ainda não tivessem se envolvido nele. Cada um que assim se aventurasse a invocar a misericórdia divina, ignorando a justiça divina e a lei divina, para justificar um pecado e ser perdoado, constituiria mais um argumento para que cada um dos anjos santos experimentasse o pecado e experimentasse o perdão divino. Vendo isso, não nos surpreende que Deus, no interesse de todas as suas criaturas santas, bem como para seu próprio prazer, decida que não reconhecerá nada menos que a perfeição em qualquer criatura e faça da *Justiça* o fundamento de seu trono. ***Salmo 89:14***

"Nenhum Outro Nome — Pelo Qual Devemos Ser Salvos"

Desse ponto de vista, vemos mais claramente do que nunca que todas as misericórdias divinas para com a raça caída são concedidas em Cristo e por meio dele — que o Pai Celestial não concede misericórdias pessoalmente, nem independentemente do Filho, e que "não há outro nome dado debaixo do céu

[E473]
entre os homens pelo qual devamos ser salvos." (***Atos 4:12***) Vemos também que a obra do Salvador não se cumpre meramente ao resgatar a raça humana, mas que, após resgatá-la, é necessário que Ele seja o Grande Médico, para curá-la da doença do pecado e restaurá-la à vida e a todas as perfeições de sua natureza e, assim, eventualmente, por meio dos processos de restauração durante os mil anos de seu reinado, preparar todos aqueles que lhe obedecerem para serem apresentados ao Pai no fim do milênio, em perfeição absoluta.

Olhando, então, para o mediador, em cujas mãos foi colocado "todo o poder" para salvar, perguntamos se ele propõe ou não que todos aqueles que ele redimiu sejam eternamente salvos, ou se ele impôs ou não limitações a essa questão. Constatamos que as Escrituras afirmam claramente que há limitações: por exemplo, ao descrever a era milenar como o tempo em que a maldição adâmica será removida e não mais funcionará sobre os homens, e quando não mais será válido o Provérbio: "Os pais comeram uvas verdes e os dentes dos filhos ficaram sensíveis"; a declaração é de que todo homem que então morrer morrerá por seu próprio pecado, e não pelo pecado de outro. (***Jer. 31:29,30***) Encontramos também a declaração de que, quando o Senhor for o governante entre as nações, "o malfeitor será exterminado". (***Salmos 37:9***) Vemos que o apóstolo Pedro, após falar sobre esses "tempos de restauração", a Era Milenar, declara que então "acontecerá que todo aquele que não ouvir [obedecer] aquele Profeta [o Cristo glorificado — cabeça e corpo] será *exterminado* do meio do seu povo" — a Segunda Morte. (***Atos 3:19-23***) Referindo-se a esse mesmo tipo, outro dos apóstolos declara: "Quem desprezou a lei de Moisés morreu sem misericórdia...Quão mais severo castigo, supõem vocês, será considerado digno aquele que pisou nos pés o Filho de Deus e considerou profano [lit. comum, ordinário] o sangue da aliança com o qual foi santificado [tornado aceitável a Deus, *justificado*], e blasfemou contra o espírito da [divina]

[E474]
graça?... É coisa terrível cair nas mãos do Deus vivo." "Pois, se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o *conhecimento da verdade* [o conhecimento da graça de Deus em Cristo, à qual Deus deseja que todos cheguem algum dia] não resta mais sacrifício pelos pecados [a expiação pelo pecado adâmico não cobrirá pecados cometidos deliberadamente contra a luz e o conhecimento], mas uma certa espera terrível do julgamento [retribuição] e da ira ardente que *devorará* os adversários." ***Hb 10,26-31***

Aqui nos é claramente mostrado que os adversários do Moisés antitípico (o Cristo glorificado) serão devorados ou destruídos de maneira ainda mais severa do que aqueles que se opuseram a Moisés. Mas se aqueles que se opuseram a Moisés foram punidos com a morte, como aqueles que se opõem a Cristo poderão ser tratados com maior severidade? Respondemos que a morte infligida por Moisés afetou meramente o resquício da vida adâmica que ainda restava, mas não pôde afetar o ser real ou a alma que Deus se propôs a *redimir* e de fato redimiu por meio do sacrifício de resgate de Cristo. Aquele, porém, que, após ter conhecimento de sua redenção, se recusar a obedecer ao Moisés antitípico, será punido mais severamente, pois não apenas perderá alguns anos de sua vida condenada, mas perderá sua alma, seu ser, sua existência para sempre, e isso sem esperança de recuperação — pois tais pessoas, e todos os adversários, serão devorados como palha, como espinhos e cardos, que obstruem a terra.

Da mesma forma, em todo o Novo Testamento, o testemunho é conclusivo de que a lei de Deus contra o pecado será radicalmente aplicada pelo mediador, e que os únicos desvios de seu domínio absoluto serão concessões às fraquezas e à ignorância do povo; que, à medida que essas fraquezas e ignorância forem vencidas durante a Era Milenar, por meio do processo de restauração, as exigências da lei da Justiça se tornarão cada vez mais rigorosas, até que, finalmente, o julgamento pelo qual nosso Senhor Jesus, no fim da Era Milenar, testará todos os que ainda permanecerem, não será menos severo, nem menos decisivo do que o do Pai Celestial; e, sob essa provação, todos cairão na Segunda Morte, quer pratiquem o pecado, quer simpatizem com ele de qualquer forma ou

[E475]
grau. Tendo a perfeição sido então alcançada pelos dignos da raça, por meio dos processos de restauração, as exigências da Justiça estarão em plena conformidade com todos os ditames da retidão, em palavra, em ação e em pensamento.

Podemos ver, assim, que a vontade de Deus será cumprida na terra como no céu — lembrando-nos (1) de que é vontade de Deus que todos sejam recuperados da maldição adâmica e levados ao conhecimento da verdade; (2) de que é vontade de Deus que a vida eterna seja concedida a todos os obedientes; (3) que é igualmente a vontade de Deus que todos os desobedientes "sejam *destruídos* dentre o povo". Esse aspecto da vontade de Deus também será cumprido na Terra, e ninguém poderá impedi-lo.

Alguns têm suposto que, uma vez que o resgate foi providenciado com a intenção de que toda a humanidade fosse recuperada da transgressão de Adão, seria de se esperar, portanto, uma restauração *instantânea* da natureza humana à perfeição plena para toda a humanidade. Mas tal expectativa não é nem bíblica nem razoável. Nada nas Escrituras sugere que a obra de restauração será instantânea, mas, pelo contrário, que será gradual. A tendência de buscar a restauração instantânea à perfeição absoluta da natureza humana é resultado de um raciocínio falho. Ela pressupõe que a raça humana não poderia estar sendo devidamente submetida a um teste para a vida eterna, em circunstâncias igualmente favoráveis às do Pai Adão, a não ser que fosse tornada perfeita, como ele era; mas demonstraremos que isso é incorreto — que ela pode passar por um teste muito mais favorável mesmo enquanto imperfeita. Isso pressupõe que as fraquezas e imperfeições comuns a toda a humanidade em virtude da queda seriam barreiras insuperáveis, que impediriam os redimidos de prestar obediência à lei divina; mas veremos que a provisão de Deus atende abundantemente às necessidades do caso. Respondemos que, pelo contrário, se a humanidade em geral fosse devolvida, por meio de uma restauração instantânea, à perfeição da natureza humana desfrutada por Adão, isso significaria:

(1) Que, como *seres perfeitos,* lhes seria exigido que obedecessem

[E476]
perfeitamente à *lei perfeita* de Deus; e que nenhuma desculpa lhes seria concedida, assim como nenhuma foi concedida ao pai Adão. Embora alguns membros da raça pudessem passar por tal provação com sucesso, devido à experiência atual com o pecado e às lições aprendidas com ele, devemos lembrar que a maioria da raça seria tão deficiente no *conhecimento* do pecado e de sua pena quanto o pai Adão, pois a maioria da raça morreu na infância e, dos restantes, uma grande proporção faleceu em relativa ignorância das distinções entre o certo e o errado.

(2) Tal procedimento anularia, pelo menos em grande medida, a grande lição que Deus vem ensinando ao mundo há seis mil anos, a respeito da pecaminosidade do pecado e de sua indesejabilidade; pois a maioria, até agora, tem tido relativamente pouco conhecimento da justiça. Seu curso de instrução só se completará para a humanidade por meio das lições do lado oposto da questão — a sabedoria e o benefício da justiça, a serem inculcados durante a Era Milenar.

(3) A raça, se restaurada instantaneamente, seria praticamente uma nova raça, para a qual todas as experiências estariam comparativamente perdidas; pois nenhum de seus membros seria capaz de se identificar plenamente — como um ser perfeito, com faculdades e poderes perfeitos — com o ser que agora possui tais faculdades e poderes imperfeitos; e, no caso de crianças, que nunca chegaram a ter conhecimento nem mesmo de si mesmas, não poderia haver a menor identificação. Assim, se esse fosse o plano de Deus, Ele poderia muito bem ter criado milhões de seres humanos desde o início, no Éden, e ter os posto à prova a todos, em vez de adotar um plano que colocaria milhões em uma posição semelhante, por meio da restauração, sem qualquer benefício das experiências atuais com o pecado.

(4) Se cada indivíduo fosse assim instantaneamente tornado perfeito, não haveria oportunidade para a atuação da Igreja, com seu Senhor, como semente de Abraão, para abençoar o mundo, para cumprir perante ele o ofício do "Sacerdócio Real" (***Gálatas 3:16, 29***). A provisão divina para um "Sacerdócio Real" implica fraqueza e imperfeição por parte

[E477]
parte de alguns a quem os sacerdotes devem ajudar e instruir, e de quem devem aceitar sacrifícios e ofertas pelo pecado, e a quem devem estender misericórdia e perdão dos pecados. Não haveria espaço para tal sacerdócio se o plano de Deus fosse de restauração instantânea na segunda vinda.

(5) Se a restauração fosse uma obra instantânea, por que seriam designados mil anos como "tempos de restauração", quando um ano seria tempo mais do que suficiente para uma restauração instantânea à perfeição humana e para uma provação como a que Adão passou?

(6) Se a humanidade fosse levada instantaneamente à perfeição absoluta, isso implicaria que não haveria espaço para misericórdia em seu favor. Não haveria como implorar por misericórdia por transgressões deliberadas, intencionais e cometidas com pleno conhecimento de causa. Além disso, cada indivíduo que transgredisse se colocaria individualmente sob a sentença de morte, como pecador deliberado, e nenhuma redenção seria possível para esses: ao contrário do caso de Adão, em que "pela desobediência de um *único* homem" toda uma raça foi envolvida, e outro homem perfeito tornou-se o redentor dessa raça. Nesse caso, cada indivíduo seria um transgressor pessoal e estaria *pessoalmente* sujeito à sentença de morte. Para livrar novamente da pena de até mesmo uma única transgressão, seria necessário uma vida por uma vida para cada transgressor individual: um milhão de transgressores exigiria um milhão de mortes sacrificiais de seres perfeitos e santos para que seus pecados fossem expiados; mas Deus, tendo feito uma provisão *completa* para todos em Cristo, não fez provisão para nenhum outro sacrifício pelos pecados. Nem poderiam esses, depois de terem sido restaurados à perfeição por Cristo, reivindicar mais nada com base no mérito de seu sacrifício, pois teriam recebido todos os efeitos da graça pretendidos e garantidos por seu resgate. Não lhes restaria mais nenhuma participação no sacrifício pelos pecados, caso tivessem experimentado a restauração plena.

Mas agora consideremos a razoabilidade do plano divino da restauração gradual, progredindo proporcionalmente

[E478]
com a crescente reconciliação do homem com o Criador e sua lei — e os benefícios desse plano para a humanidade.

(1) Todos serão despertados da morte adâmica, como que de um sono, em virtude do resgate oferecido: este será o primeiro passo nas bênçãos da restauração. Eles estarão então sob o cuidado, a responsabilidade e a supervisão do Sacerdócio Real, cuja experiência com o pecado e com a vitória sobre ele, na era evangélica, os capacitará e preparará adequadamente para serem pacientes e prestativos para com aqueles sobre os quais reinarão, tanto como reis quanto como sacerdotes. ***Apocalipse 5:10***

A identidade do indivíduo será preservada, por ter sido despertado exatamente nas mesmas condições que perdeu com a morte; e as várias etapas de seu progresso para sair do pecado e das fraquezas do tempo presente serão lições muito proveitosas para ele, tanto no que diz respeito ao pecado quanto aos benefícios da justiça. Assim, passo a passo, o grande redentor elevará à perfeição a humanidade, que progredirá em direção à perfeição na medida em que *desejar* fazê-lo; e aqueles que não progredirem, apesar de todo o conhecimento e das oportunidades que lhes forem concedidas, serão, aos cem anos de idade, separados da terra dos vivos, na Segunda Morte, sem esperança de qualquer recuperação ou oportunidade futura; pois, tendo tido a oportunidade em suas mãos e tendo alcançado um conhecimento considerável do certo e do errado, desprezaram a graça de Deus em Cristo, na medida em que negligenciaram as instruções do grande Profeta e se recusaram a progredir pela estrada da santidade. (***Isaías 65:20; 35:8***) No entanto, como o Profeta ressalta, ao morrerem aos cem anos de idade, eles poderão ser considerados meramente como crianças, pois todos aqueles que desejassem progredir poderiam ter continuado a viver pelo menos até o fim da Era Milenar.

(2) Ao dar esses passos ascendentes ao longo da estrada da santidade, durante a Era Milenar, o mundo, embora ainda imperfeito, continuará, nessa medida, *coberto pelo mérito do*

[E479]
o resgate redentor, ao mesmo tempo em que aprende gradualmente lições valiosas e cultiva vários frutos do espírito; e, nesse ínterim, deslizes ou falhas, decorrentes de indiscrição ou de tentativas de experimentar outros métodos, ainda ocorreriam como parte de sua fraqueza adâmica e, nessa medida, seriam perdoáveis pelas mãos do grande Sacerdote.

Afirmar que a perfeição física ou a perfeição do conhecimento são necessárias para um julgamento que determinará a vida ou a morte eterna é negar que a Igreja esteja agora sob tal julgamento; ao passo que todos devem admitir as declarações bíblicas em sentido contrário. Tais perfeições também não serão essenciais para o julgamento do mundo. O mundo, de fato, assim como nós, será levado primeiro ao conhecimento da graça de Deus em Cristo antes que qualquer julgamento possa começar, e Deus prometeu que eles terão isso. Como cobertura para suas fraquezas herdadas, eles terão *o mérito de Cristo, o mediador da Nova Aliança, enquanto alcançam a perfeição*. Somente no fim do reinado do Messias os obedientes alcançarão a perfeição completa.

(3) As Escrituras apresentam o milênio como o Dia do Juízo para o mundo, dizendo: "Deus designou um dia em que julgará o mundo com justiça, por meio daquele homem [o Cristo, cabeça e corpo] que Ele ordenou". (***Atos 17:31***) Se fosse plano de Deus coagir todo o mundo ou salvar eternamente cada membro da raça de Adão, por que chamar a era vindoura de Dia do Juízo? Juízo significa *julgamento*, *provação*, e isso implica tanto a rejeição dos indignos quanto a aceitação e a bênção daqueles que se mostraram dignos. E o juízo é para a vida ou a morte eterna.

Observe uma parábola de nosso Senhor sobre as ovelhas e os bodes, aplicável não à era evangélica, mas ao mundo no Milênio. Ela começa com "Quando o Filho do Homem vier em toda a sua glória" — e se assentar em seu trono glorioso — um tempo em que, de acordo com sua promessa, sua noiva, a Igreja "escolhida", compartilhará seu trono e sua glória — "então *todas as nações* serão reunidas diante dele", e ele as julgará, separando as ovelhas à direita, em sinal de favor, e as

[E480]
cabras à esquerda, do desagrado. Essa separação e julgamento ocuparão toda a era milenar e, ao seu término, todas as "ovelhas" serão acolhidas no favor do Pai — a vida eterna —, enquanto os "bodes" desobedientes, com Satanás como seu líder, e todos os malfeitores serão punidos com *a* "*destruição* eterna", o afastamento *eterno* da vida — simbolizado por um lago de fogo e enxofre —, a Segunda Morte.

As Escrituras representam o julgamento daquele grande Dia do Juízo Milenar como ocorrendo diante de um grande trono branco de pureza e justiça, e retratam a decisão do Juiz no sentido de que aqueles que, durante esse tempo, cultivaram e desenvolveram o espírito do Pai Celestial, o espírito de amor, até a perfeição, serão considerados como o povo do Senhor e receberão "o Reino preparado para eles [o Reino terrestre] desde a fundação do mundo"." Outros, que durante essa oportunidade favorável não conseguirem desenvolver ao máximo o espírito de amor como seu caráter, à semelhança do Senhor, serão considerados oponentes do Senhor e, juntamente com Satanás, serão destruídos. Compare ***Apocalipse 20:9-13***.

O resgate — Substituição

A doutrina da substituição, claramente ensinada nas Escrituras e firmemente defendida por séculos pelo povo cristão, está hoje cedendo lugar, porque, com um raciocínio mais claro do que no passado, está se percebendo de maneira geral que, se o tormento eterno for o salário do pecado e se nosso Senhor Jesus fosse nosso substituto no pagamento de nossa pena, isso implicaria que, como nosso substituto, ele deveria ser eternamente atormentado; caso contrário, não poderíamos ser libertos do pecado. Esse raciocínio é bastante sólido: a dificuldade é que a premissa é falsa. O tormento eterno não é o salário do pecado — não é a pena imposta ao homem. No entanto, na mente de muitos, permanece um preconceito geral contra a ideia da *substituição*, mesmo depois de se perceber que o salário do pecado é a morte, e que nosso Senhor Jesus poderia ser e foi o substituto do homem na morte, tendo sofrido

[E481]
exatamente o que o homem deveria sofrer, no sentido mais positivo e absoluto. Muitos têm preconceito contra essa palavra, "*substituição*", e perguntam: "A palavra 'substituição' é usada nas Escrituras? Se não, por que usá-la?"

Respondemos que a palavra "substituição" é uma palavra em inglês e que nenhuma palavra em inglês é usada nas Escrituras, que foram escritas em grego e hebraico. Se, no entanto, os tradutores de nossa versão em inglês tivessem optado por fazê-lo, poderiam, com perfeita adequação, ter usado a palavra "substituição", pois o grego contém, inquestionavelmente, o conceito de substituição e substituto em muitos trechos. O fato de a palavra não ocorrer deve-se meramente a que os tradutores simplesmente não a utilizaram; e, na medida em que buscamos gravar em nossas mentes o pensamento das Escrituras originais, é, portanto, apropriado que essa palavra "sub-stituto" seja gravada, pois tudo o que se opõe ao pensamento contido na palavra *"substituto"* se opõe igualmente ao pensamento contido na palavra *"o resgate*". Como já vimos, as Escrituras estão repletas de declarações de que fomos comprados com o precioso sangue de Cristo; que ele nos libertou ao entregar sua própria alma à morte para realizar o resgate das nossas vidas. O que é isso senão substituição?

Quando algo é *comprado*, aquilo que é pago pela coisa adquirida substitui-a. Por exemplo, se compramos um pão por uma moeda, trocamos a moeda pelo pão, ou seja, substituímos a moeda pelo pão. Se um agricultor leva um saco de trigo ao moinho e recebe, em troca, um valor equivalente em farinha, o trigo tornou-se um substituto da farinha, e a farinha, um substituto do trigo. Um é o *preço correspondente*, um resgate, um substituto do outro. Foi assim que, no sentido mais absoluto da palavra, nosso Senhor, o homem Cristo Jesus, entregou-se à morte como resgate, como substituto, na morte, pelo pai Adão (e pela raça que havia perdido a vida nele) — um resgate para todos, um substituto, um preço correspondente. De fato, os fatos desse caso são mais exatos do que em quase qualquer outro caso que pudéssemos supor, exceto talvez em uma troca de

[E482]
prisioneiros durante a guerra, quando geralmente há uma grande exigência de trocar soldado por soldado, coronel por coronel, general por general, sendo exigido um preço correspondente de cada lado, homem por homem. A compra do pão com dinheiro não é uma ilustração tão perfeita; porque o pão e a prata, embora tenham o mesmo *valor*, não são da mesma *espécie*. No caso da redenção do homem, Deus exigiu que houvesse correspondência absoluta em natureza, em perfeição, em tudo — um substituto perfeito, um preço totalmente correspondente precisava ser pago, antes que a humanidade pudesse ser libertada da sentença divina.

Um uso da palavra "substituto", comum entre os homens, serviu para confundir o pensamento a esse respeito. Em tempos de guerra, quando o alistamento se torna necessário e um homem é convocado para o serviço militar, às vezes lhe é permitido encontrar um substituto, que toma seu lugar e serve em seu lugar no exército — ficando o homem que providencia o substituto, a partir de então, livre de todas as obrigações relativas ao serviço militar. Esse uso específico da palavra "substituto" em relação a questões militares é bastante coerente, no sentido de que o homem aceito pelo oficial do governo como substituto daquele que foi dispensado deve atender aos padrões físicos exigidos na ocasião; em segundo lugar, ele deve ser alguém que não tenha sido convocado e que, portanto, esteja livre para se oferecer como substituto. Essas características correspondem ao caso que estamos considerando. Nosso Senhor propôs-se para ser o substituto no lugar do pai Adão: ele atendeu a todos os requisitos do governo divino, na medida em que estava, em todos os aspectos, qualificado para ser o substituto de Adão. Ele também atendeu ao requisito de não estar já sob a sentença de morte quando tomou nosso lugar, ofereceu-se e foi aceito. Ele tinha uma vida livre para dar em troca da vida perdida por Adão.

Mas aqui termina a correspondência entre as duas substituições, porque, no caso do soldado, o alistamento ou sentença consistia em participar da guerra e de suas dificuldades, provações etc., enquanto que, no caso de Adão, o alistamento, a sentença,

[E483]
era a morte. A harmonia entre esses dois usos da palavra "substituto" termina quando o soldado é aceito e entra no serviço militar — o que corresponde à aceitação por parte de Deus da oferta de nosso Senhor Jesus e ao seu início do caminho rumo à morte. Como o soldado substituto foi aceito no exército, o nome do convocado foi riscado das listas dos convocados, como isento; e quando Cristo entrou na morte por Adão, o nome de Adão foi riscado das listas, no que diz respeito à condenação divina. O paralelo não vai além disso.

Sem dúvida, agimos sabiamente ao não impor desnecessariamente a palavra "substituição" àqueles que já têm preconceitos, devido a um mal-entendido sobre o assunto, e que, por causa desse preconceito, poderiam ser impedidos de considerar o tema de maneira adequada, completa e imparcial. No entanto, devemos zelar especialmente em nossos próprios corações para que sejamos totalmente leais ao conceito de substituição, que é *o* conceito do resgate. Quem, após uma compreensão adequada do assunto, não acreditar que Cristo foi nosso substituto, não está exercitando fé no resgate e, portanto, carece da fé que o justifica perante Deus.

Não Havia Outro Plano de Salvação Possível?

Muitos, que veem o assunto do resgate apenas de forma imperfeita, tendem a contestar a questão e a dizer que não conseguem entender por que Deus não poderia ter salvado o mundo de alguma outra maneira que não fosse pela morte de seu Filho, como substituto do homem ou preço do resgate. Respondemos a eles que estão adotando uma visão inadequada do assunto. A pergunta que deveriam se fazer não é se Deus poderia ter adotado alguma outra forma, mas: ele adotou alguma outra forma, ou adotou o plano do resgate?

Inquestionavelmente, a sabedoria divina poderia ter adotado outro plano de salvação para a humanidade, mas podemos afirmar com igual certeza que nenhum outro plano poderia ter sido

[E484]
concebido que fosse melhor; e, tanto quanto nosso julgamento e conhecimento permitem, nenhum outro plano poderia ter sido concebido, nem mesmo pelo Todo-Poderoso, que fosse tão bom quanto o plano que Ele adotou, levando-se em consideração todas as circunstâncias, condições e resultados desejados. O fato de Deus ter adotado um plano diferente ao lidar com os anjos caídos prova, podemos dizer, que ele poderia ter adotado um plano diferente ao lidar com o homem caído. Ele poderia ter feito com o homem o que fez com os anjos, mas,* como vimos, isso não teria sido mais favorável, talvez menos desejável, no julgamento de muitos.

Mesmo que supormos que um número semelhante de membros da família humana fosse abençoado e, por fim, restaurado por tal forma de agir da parte de Deus, veríamos outras desvantagens nesse método, a saber: (1) quão mais terrível teria sido a degradação moral de nossa raça, se ela tivesse sido deixada na posse de suas faculdades mentais e físicas completas e simplesmente autorizada a se corromper moralmente! Quanto do pecado pode ser aprendido a fundo no curto período de dez, vinte, cinquenta ou cem anos, e quais profundezas da maldade poderiam ter sido exploradas e aproveitadas se a humanidade tivesse continuado a viver com poderes intactos por seis mil anos, separada de Deus, mas não condenada à morte!

(2) Tal plano de salvação, mesmo que, eventualmente, abrangesse um número tão grande quanto o do plano adotado por Deus, nunca nos teria revelado, na mesma medida, as qualidades do caráter divino. (a) Vemos a justiça de Deus na imposição da pena de morte, mesmo sobre aqueles que "não pecaram à semelhança da transgressão de Adão", mas que simplesmente nasceram em pecado, formados na iniquidade, gerados pecadores por hereditariedade. (***Rm 5:14, 12***; ***Sl 51:5***) Ele nos revelou, assim, uma *justiça* que de modo algum absolverá o culpado e não reconhecerá nada que não seja a perfeição absoluta. (b) Ele nos revelou, assim, um *amor*, muito

---

*Veja *O que dizem as Escrituras sobre o Espiritismo*? — 10 centavos.

[E485]
maior do que poderíamos ter concebido de outra forma — que nos seguiu e que se apoderou de nós "enquanto ainda éramos pecadores", ao custo do grande preço do resgate para nossa recuperação. (c) A adoção desse plano de condenar o homem à morte, redimi-lo da morte e, posteriormente, no devido tempo, restaurá-lo da morte por meio de uma ressurreição, proporciona uma oportunidade para a manifestação do *poder* divino muito além de tudo o que está relacionado à obra da criação, por mais grandiosa e maravilhosa que tenha sido; pois, inquestionavelmente, é necessário um poder maior para cumprir a promessa divina da ressurreição dos milhões de seres que viveram e morreram — para trazê-los de volta, exatamente como eram antes, até mesmo em sua própria consciência — do que o necessário para a criação de um único homem. (d) Esse plano divino, quando plenamente consumado, revelará *a sabedoria* divina de uma maneira que nenhum outro plano poderia ter revelado, na medida em que somos capazes de considerar outros planos. Ele mostrará como Deus conhecia o fim desde o princípio e como tem conduzido todas as coisas de acordo com o conselho de sua própria vontade, mesmo enquanto os homens e os anjos não percebiam o propósito e a intenção de suas operações, e mesmo enquanto os anjos caídos e Satanás supunham que estavam frustrando a vontade divina. Ficará demonstrado, sem sombra de dúvida, que Deus é capaz de fazer com que todas as coisas contribuam para o bem, para a realização do propósito divino. No final, ficará demonstrado que a Palavra que sai de sua boca não retorna a ele vazia, mas cumpre o que lhe agrada e prospera naquilo para o qual ele a enviou. ***Isaías 55:11***

Além disso, ao adotar com o homem o plano seguido com os anjos que pecaram — ou, na verdade, em qualquer outro plano que possamos conceber —, não poderia ter havido uma oportunidade tão grandiosa para a escolha da igreja do evangelho como corpo de Cristo; pois não teria havido a mesma grandiosa oportunidade para testar a lealdade e a obediência do Logos ao Pai Celestial e, consequentemente, sua exaltação para ser um participante da natureza divina

[E486]
— nem uma oportunidade para que um pequeno rebanho de redimidos seguisse seus passos. E, finalmente, vemos que essas lições não se destinam meramente à humanidade, mas também a todas as criaturas inteligentes de Deus, em todos os planos do ser; e não apenas por alguns séculos, mas por toda a eternidade.

"Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria quanto do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus desígnios, e os seus caminhos, inexploráveis! Pois quem conheceu a mente do Senhor, ou quem foi seu conselheiro?... Pois dele, por meio dele e para ele são todas as coisas; a ele seja a glória para sempre. Amém." ***Rom. 11:33-36***

[E487]

ESTUDO XVI
O MINISTÉRIO DA RECONCILIAÇÃO OU DA UNIÃO

Este ministério confiado ao sacerdócio real — ungidos para pregar a expiação — por que a boa nova não é apreciada — os resultados deste ministério — perseguição e glória — como ele põe à prova a fidelidade — somente os fiéis poderão participar da obra futura da expiação.

"Ninguém se atribui a si mesmo essa honra, a não ser aquele que é chamado por Deus, como foi Arão. Assim também Cristo não se glorificou a si mesmo para se tornar sumo sacerdote." ***Hb 5:4,5***

O MINISTÉRIO da reconciliação ou expiação conta com a participação de todo o "Sacerdócio Real", do qual nosso Senhor Jesus é o Sumo Sacerdote. Todos os sacerdotes participam dos "sacrifícios melhores" que têm progredido ao longo da era evangélica e que serão concluídos com o seu fim (***Rom. 12:1***); e todos os que assim compartilham os sofrimentos de Cristo compartilharão igualmente de sua glória futura, como participantes com ele no grande e glorioso ministério de reconciliação do Reino Milenar.

Quanto a esses sub-sacerdotes, eles "eram, por natureza, filhos da ira, assim como os demais", e precisavam primeiro ser reconciliados ou expiados perante Deus antes que pudessem ser chamados por Deus para esse sacerdócio — "pois ninguém se atribui essa honra a si mesmo, mas [somente] aquele que é chamado por Deus". Somente depois de termos recebido a expiação, pelas mãos de nosso Redentor, o Sumo Sacerdote, é que temos o privilégio de sermos considerados co-sacrificadores, co-mediadores, co-reconciliadores e co-expiatores.

Quem quer que tenha recebido o "espírito de adoção", que o constitui filho de Deus e sacerdote, é imediatamente impelido

[E488]
por esse espírito a iniciar o ministério da reconciliação ou da união, cada um de acordo com suas respectivas habilidades e oportunidades. Cada um percebe, assim como o Sumo Sacerdote, a orientação daquele espírito santo, dizendo: "O espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque Ele me ungiu para pregar as boas-novas aos mansos [não agora aos orgulhosos, arrogantes, de coração endurecido e profanos], para curar os quebrantados de coração e para proclamar o ano aceitável do Senhor" — o período durante o qual Deus se agrada em aceitar um pequeno rebanho como sacrifícios vivos, por meio do mérito do redentor.

O apóstolo Paulo, como um dos sub-sacerdotes, sentiu a influência desse espírito, que o impelia a se dedicar à obra de anunciar a todos com quem entrava em contato — aqueles que tinham "ouvidos para ouvir" — sobre o "resgate para todos", realizado por meio do sacrifício de nosso querido redentor; e a exortar todos a se reconciliarem e serem expiados perante Deus, e a começarem imediatamente a andar nos caminhos da justiça.

Observe a declaração do apóstolo sobre esses assuntos em ***2 Cor. 5:17-20***.

"Se alguém está em Cristo, é uma nova criatura: as coisas antigas já passaram [antigos pecados, ambições, esperanças, etc.]; eis que todas as coisas se tornaram novas. E todas [essas novas] coisas são de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Jesus Cristo e nos deu o ministério [serviço] da reconciliação [*katallage* — a mesma palavra traduzida como 'expiação' em ***Romanos 5:11***]; a saber [ou seja], que Deus estava em Cristo reconciliando [unindo] o mundo consigo mesmo, não lhes imputando as suas transgressões [porque a pena delas foi suportada por Cristo]. E [Deus] nos confiou [ao sacerdócio real] a palavra [mensagem, boas-novas] da reconciliação [união]."

"Agora, então [porque Deus nos chamou e nos deu, como sacerdócio, este ministério ou serviço em seu nome, e esta mensagem de graça, para proclamar], somos embaixadores de Cristo [nosso chefe oficial ou Sumo Sacerdote, e representante do Pai], como se Deus estivesse convidando por nosso intermédio; nós, em nome de Cristo, vos imploramos: reconciliai-vos [unificai-vos] com Deus."

[E489]

Essa mensagem alegre, que, quando devidamente apreciada, deveria suscitar respostas prontas em todos os lugares e em todas as classes sociais, é geralmente rejeitada; e o Profeta, falando em nome do Sacerdócio Real, clama: "Quem creu na nossa pregação, e a quem foi revelado o Braço de Jeová [Cristo, o poder de Deus para a salvação]?" (***Isaías 53:1***; ***João 12:38***) Ela é eficaz agora apenas para um número relativamente pequeno — a saber, tantos quantos o Senhor nosso Deus chama para fazer parte do Sacerdócio Real; pois ninguém se atribui essa honra por si mesmo, a não ser aquele que é chamado por Deus.

A razão para a rejeição geral dessa mensagem é evidente: a reconciliação, a união com Deus, significa oposição ao pecado; a paz com Deus significa uma batalha contra todas as fraquezas arraigadas e os desejos depravados de nossa natureza humana caída; significa uma *mudança* completa, ou *conversão,* do serviço ao pecado para o serviço à justiça. Muitos que desprezam o pecado (pelo menos em suas formas mais grosseiras e vis) e que anseiam por uma reconciliação com Deus e têm interesse nas bênçãos que Ele concede apenas aos "filhos de Deus", dão os primeiros passos rumo à justiça por meio da auto-reforma, apenas para descobrir que suas próprias fraquezas são grandes demais para serem vencidas e que, além disso, o mundo inteiro está alinhado ao lado do pecado. Os únicos que podem, de fato, libertar-se dessa escravidão, na qual todos nasceram, são aqueles que, buscando a libertação, dão ouvidos ao testemunho do mestre: "Ninguém vem ao Pai, senão por mim" — o único mediador — "o Caminho, a Verdade e a Vida". Além disso, o Apóstolo nos informa que o grande adversário, "o deus deste mundo, cegou as mentes" da grande maioria com falsidades, de modo que não conseguem apreciar a vantagem contida na oferta de *reconciliação* por meio do redentor.

Nessas circunstâncias, com o pecado abundando, é de se admirar que, para serem verdadeiros e fiéis embaixadores de Deus, e em nome e em lugar de Cristo (como membros de seu corpo), os sub-sacerdotes devam seguir os passos do Sumo Sacerdote — devem sofrer com ele por causa *da justiça*? O grande Sumo Sacerdote que proclamou "a Palavra da

[E490]
reconciliação" com a maior clareza, foi desprezado, rejeitado e crucificado por aqueles que professavam amar e seguir a justiça. Os apóstolos foram tratados de maneira igualmente cruel por causa de sua fidelidade — sua recusa em comprometer a mensagem, "a palavra da reconciliação".

"Sereis odiados por todos por minha causa", "dirão falsamente todo tipo de mal contra vós por minha causa". Não vos espanteis se o mundo vos odiar: sabeis que ele me odiou antes de vos odiar. Essas palavras do grande Mestre se cumpririam "até o fim deste mundo": e são tão verdadeiras hoje quanto sempre foram. Quem quer que *exerça* fielmente seu ministério de embaixador e não se recuse a declarar todo o conselho de Deus, logo conhecerá algo dos sofrimentos de Cristo e poderá dizer com sinceridade: "As injúrias daqueles que te injuriaram recaíram sobre mim". ***Mt 5,10-12; 10,22***; ***Sl 69,9***; ***Rm 15,3***

E aqui, mais uma vez, contemplamos a maravilhosa sabedoria do plano divino; pois é ao exercer seu ministério sacerdotal da "palavra da reconciliação", para o qual o espírito de unção o impele, que cada sacerdote percebe a necessidade de se oferecer a si mesmo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, e seu serviço razoável. ***Rom. 12:1***

Portanto, a medida do auto-sacrifício e dos sofrimentos por Cristo, suportados por cada um dos consagrados, torna-se uma *medida* (do ponto de vista de Deus — pois o homem nem sempre consegue discerni-la) da fidelidade de cada um como embaixador. Todo sacerdote que deixar de sofrer por causa de Cristo, por causa da Verdade, deve, portanto, ter sido um embaixador e ministro infiel da Nova Aliança. E somente àqueles que agora são fiéis como bons soldados da cruz será concedido o privilégio inestimável de serem participantes com o grande Sumo Sacerdote na gloriosa obra de reconciliação, sob as condições favoráveis da Era Milenar. Se sofrermos com ele, também reinaremos com ele. Se o negarmos, ele também [então] nos negará. ***Rm 8,17***; ***2 Tm 2,12-13***; ***Tito 1,16***

Cuida para que ninguém te tire a coroa. ***Ap. 3:11***

"Sê fiel até a morte, e eu te darei a coroa da vida." ***Ap. 2:10***